

COLOSSENSES

INTRODUÇÃO:

- I. AUTORIA
- II. DATA E PROVENIÊNCIA
- III. MOTIVO E PROPÓSITOS
- IV. INTEGRIDADE DA EPÍSTOLA
- V. TEMAS PRINCIPAIS
- VI. CONFIRMAÇÃO ANTIGA E ACEITAÇÃO DA EPÍSTOLA
- VII. ESTADO DO TEXTO GREGO
- VIII. CONTEÚDO
- IX. BIBLIOGRAFIA

Com base em estilo gramatical e literário e o uso de palavras e de temas, as epístolas aos Romanos, I e II aos Coríntios e Gálatas são universalmente aceitas como clássicos paulinos. A aceitação de uma delas como paulina requer a aceitação de todas, e vice-versa, a rejeição de uma delas requer a rejeição de todas, tão convincente é a evidência interna de que procedem da mesma pena. Por isso mesmo é que pouquíssimos têm sido os críticos que se têm aventurado a negar a origem e a natureza autenticamente paulinas dessas quatro epístolas. Outras cinco epístolas têm sido acrescentadas a essa lista, com pouca hesitação, por estudiosos liberais e conservadores, antigos e modernos. São elas Filipenses, Colossenses, I e II aos Tessalonicenses e Filemom. Sobre o *corpus paulino*, ver a introdução a Romanos, primeiros parágrafos, e secção II.

Dentre as treze epístolas comumente atribuídas a Paulo, sete são reputadas «epístolas da prisão», ou seja, aquelas que, supostamente, o apóstolo dos gentios teria escrito quando era prisioneiro. Desde os tempos antigos, tornou-se costume supor que todas essas epístolas foram escritas em Roma, lugar onde Paulo passou seu mais prolongado e famoso período de encarceramento. Os eruditos modernos, entretanto, têm pensado ser possível, ou até mesmo provável, que algumas das chamadas «epístolas da prisão» foram escritas em outros lugares onde Paulo esteve aprisionado, como Cesaréia ou Efeso. As *epístolas da prisão* são Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemom, I e II a Timóteo e Tito. Quando se investiga de perto o conteúdo das mesmas, especialmente observando-se os companheiros de Paulo, além de algumas circunstâncias prevalentes, parece quase certo que nem todas essas epístolas foram escritas na mesma cidade, sob as mesmas circunstâncias, e nem na mesma época em geral.

Uma coisa, porém, é certa—as epístolas aos Colossenses, Efésios e Filemom formam uma unidade distinta, tendo sido escritas na mesma época, sob as mesmas circunstâncias, ou seja, foram compostas na mesma localidade. Essa questão é discutida na introdução a cada uma dessas epístolas, mas, especialmente, na secção II da presente introdução, sob o título *Proveniência*. Dentre essas três epístolas, Colossenses é ordinariamente considerada como a de maior importância e autoridade, a despeito do fato que a epístola aos Efésios, na realidade, é mais sublime. As dúvidas, entretanto, que alguns têm lançado sobre sua autoria paulina, de acordo com o parecer de alguns eruditos, têm-na feito perder o lugar de primeira importância entre as três e, de fato, entre a coletânea paulina inteira, o que, de outra maneira, certamente teria desfrutado. Este comentário defende a autoria paulina da epístola aos Efésios, por razões declaradas na introdução àquele livro, sob o título «Autoria». Com ou sem essa afirmação, a epístola aos Efésios é um livro sem comparação. Contudo, a epístola aos Colossenses compartilha de alguns de seus mais profundos raciocínios no tocante à redenção humana. Pelo menos no tocante a certas questões, ela apresenta uma visão mais elevada da pessoa de Cristo do que o faz a epístola aos Efésios ou qualquer outro livro do N.T. Melhor é a epístola que mais exalta a Cristo; por essa razão, pois, os capítulos primeiro e segundo da epístola aos Colossenses e o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, são

os «melhores».

Colossos era uma cidade pertencente à província romana da Ásia, na parte ocidental do que agora é a Turquia Asiática, situada acerca de dezesseis quilômetros do vale do Lico, partindo-se de Laodiceia, às margens da estrada principal de Efeso para o oriente. Originalmente, ocupava o ponto onde se dividiam as estradas para Sardes e Pérgamo. Nos tempos antigos foi uma importante cidade do reino Lídio e, posteriormente, do reino de Pérgamo. Quando Roma construiu uma estrada até Pérgamo, que ficava um pouco mais a leste, deixando de lado Colossos, esta perdeu muito de sua anterior importância. Foi nessa época que Laodiceia tornou-se cidade maior e mais próspera. O local da antiga cidade de Colossos é, atualmente, desabitado. Essa cidade ficava situada a dezesseis quilômetros a leste da moderna aldeia de Denizli.

Evidentemente Paulo não foi o fundador da igreja de Colossos, segundo se depreende de Col. 1:4 e 2:1, passagens que subentendem que ele não conhecia pessoalmente a maior parte de seus leitores. É provável que o evangelho tenha chegado até eles quando Paulo vivia em Efeso (ver Atos 19:10); e isso talvez mediante os serviços de Epafra, que era colossense (ver Col. 1:7 e 4:12,13). É patente que o desejo que Paulo tinha de visitar esse lugar se cumpriu (ver File. 12), em algum tempo posterior. Filemom e seu escravo, Onésimo, também eram membros dessa igreja (ver File. 1,10 e Col. 4:9).

A grande cidade de Efeso ficava acerca de cento e setenta quilômetros para oeste; Laodiceia ficava a dezesseis quilômetros para oeste e ambas essas cidades vizinhas vieram a eclipsar Colossos antes dos tempos de Paulo, embora todas elas ainda estivessem intimamente associadas entre si pelos laços do comércio, especialmente vinhos, fazendas tingidas e lã, que eram seus principais produtos de exportação. Colossos, mui provavelmente, era a cidade de menor importância para onde Paulo escreveu uma de suas epístolas.

A maior parte dos crentes de Colossos se compunha de gentios (ver Col. 1:27 e 2:13); porém, desde os tempos de Antíoco, o Grande, havia uma numerosa e influente população judaica ali. Contudo, os problemas que vieram a afligir a comunidade cristã ali existente não eram de origem judaica. Esta epístola foi escrita para combater o gnosticismo (ver as notas expositivas em Col. 2:18 e a secção III desta introdução), ensinamento esse que tinha base nas religiões orientais misteriosas, de invenção gtilícia. Oito livros do N.T. foram escritos como defesa da fé cristã, diante dos assédios do *gnosticismo*. São eles: esta epístola, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e a epístola de Judas. O evangelho de João, o livro de Apocalipse e a epístola aos Efésios também aludem a essa antiga heresia, embora não tivessem sido primariamente escritos a fim de combatê-la.

I. AUTORIA

(Quanto a comentários gerais sobre a autoria da *coletânea paulina*, ver as notas preliminares anteriores). A epístola aos Colossenses cabe dentro do «segundo grupo» de cinco epístolas, após os quatro «clássicos» (Romanos, Gálatas e I e II aos Coríntios). Essas cinco epístolas do «segundo grupo» são Filipenses, Colossenses, I e II aos Tessalonicenses e

Filemom, as quais são normalmente aceitas como de autoria paulina, sem qualquer disputa séria. Entretanto, no caso desta epístola aos Colossenses, tem-se duvidado de sua autoria paulina, pelos seguintes motivos:

1. *O tipo de heresia atacada*, certa forma de gnosticismo, conforme pensam alguns, pertenceria a um período posterior; pelo que não seria algo que Paulo pudesse combater, em seus dias. O trecho de Col. 1:15 e ss. e a maior parte do segundo capítulo, mostram que Paulo (ou o autor, que escreveu em nome de Paulo, conforme alguns pensam) atacava alguma forma de heresia gnóstica. As características doutrinais distintas da epístola aos Colossenses foram dadas especificamente como repreensões contra a crença errônea. Essa epístola foi escrita com o propósito de revelar a natureza da verdadeira cristologia e da ética cristã, em contraste com as idéias gnósticas, que tinham impressionado alguns membros da comunidade cristã de Colossos.

2. A exaltada cristologia desta epístola é considerada, por alguns estudiosos, como por demais «avançada» para a teologia paulina normal, o que, uma vez mais, refletiria um período posterior, em que Cristo se tornou tão elevado, acima de todo outro nome, e até mesmo acima de todos os poderes angelicais. (Ver Col. 1:15 e ss. 2:9 quanto aos principais exemplos dessa cristologia).

3. Considerações literárias e de estilo. Ainda uma outra dificuldade para a aceitação da autoria paulina desta epístola (de acordo com o que dizem alguns eruditos) reside em seu caráter literário. Os estudiosos procuram demonstrar que o estilo desta epístola aos Colossenses não é paulina, se tomarmos em consideração os quatro escritos «clássicos» de Paulo, Gálatas, Romanos e I e II aos Coríntios, como modelos da expressão e do vocabulário básico do apóstolo dos gentios. Esses eruditos argumentam que o vocabulário desta epístola é diferente, faltando-lhe as frases curtas e azedas de Paulo. Seu estilo é mais expansivo, mais semelhante ao da epístola aos Efésios. Algumas vezes o original grego é mau e, ocasionalmente, é virtualmente ininteligível, conforme se vê em Col. 2:18,19.

Retornando às objeções levantadas pelos eruditos, procuramos respondê-las uma por uma, *nos pontos seguintes*:

1. O primeiro argumento contra a autoria paulina é o mais fácil de ser rebatido. A maior parte dos estudiosos modernos admite agora que o gnosticismo é anterior ao cristianismo. Em outras palavras, havia idéias gnósticas no mundo helênico, antes mesmo do advento de Cristo. Apesar de ser verdade, naturalmente, que «combinações» de pensamentos religiosos e filosóficos tornaram-se diferentes, devido ao surgimento da teologia cristã—de tal modo que os gnósticos pré-cristãos eram diferentes em seus conceitos daqueles que apareceram dentro da era cristã—o fato é que tudo quanto podemos identificar como essencialmente gnóstico, já existia antes de Cristo. O gnosticismo combinava o misticismo oriental, a filosofia, a mitologia, a astrologia e o neoplatonismo gregos, elementos do judaísmo, além do que, inseria, nessa mistura já confusa, elementos da fé cristã. Cristo, para eles, era apenas um dos «aeons» (emanações angelicais de Deus); mas esses «aeons» já existiam como idéias gnósticas antes de «Cristo» ser considerado como um deles. Em alguns lugares, a ética cristã tornava-se *ascética* pelos gnósticos, embora o ascetismo já fizesse parte do gnosticismo, antes do advento de Cristo. Em outros lugares, a ética cristã se tornava *licenciosa*; mas a licenciosidade já fazia parte do gnosticismo, antes mesmo do aparecimento do cristianismo no mundo. Os gnósticos «cristãos» de tempos posteriores adoravam anjos; mas outro tanto faziam os de tempos anteriores. Os gnósticos «cristãos» não tinham idéia de «expição pelo sangue», mas a mesma coisa ocorria entre os da época anterior ao cristianismo. Os gnósticos «cristãos» falavam sobre a grande hierarquia de poderes angelicais, os «aeons» sombrios, que seriam mediadores entre Deus e os homens; mas os gnósticos pré-cristãos eram «deístas», dependendo desses «aeons» para obter um conhecimento secundário de Deus. Os gnósticos «cristãos» elevavam o «conhecimento», em contraste com a «fé», como meio de «salvação», mas outro tanto faziam os gnósticos mais antigos. O judaísmo helenista já ensinava a existência de muitas ordens de poderes angelicais e o próprio Paulo, evidentemente, aceitava esse ponto de vista sobre os anjos (ver Fil. 2:5-10). O neoplatonismo também defendia essa posição, o que fazia parte da atmosfera do pensamento religioso do primeiro século de nossa era, muito antes de Paulo começar a escrever suas epístolas. Paulo meramente insistiu

que tais ordens angelicais, sem importar sua natureza, estavam todas sujeitas a Cristo, porque, na realidade, fazem parte de sua criação, estando isso longe da idéia que o próprio Cristo era apenas um dentre muitos «aeons», que recebera uma incumbência terrena. Deveria ser claro, portanto, que coisa alguma, nesta epístola aos Colossenses, precisa ser atribuída a tempos pós-paulinos; de fato, a maior parte de seus elementos poderiam ter precedido à época de Paulo. Por essas razões, a maior parte dos eruditos de nossos dias admite que todas as condições religiosas, e todos os «elementos teológicos», refletidos nesta epístola, facilmente poderiam ter existido na época de Paulo, pelo que também poderiam ter sido combatidos em uma epístola como esta de Paulo aos Colossenses.

2. É verdade que a epístola aos Colossenses contém a mais exaltada cristologia que aparece em qualquer livro do N.T. Todavia, seus conceitos sob hipótese alguma se limitam a esta epístola. Não nos devemos esquecer que, para Paulo, o Cristo sempre foi o Cristo exaltado à mão direita de Deus Pai, e jamais o mero Jesus histórico (embora, de forma alguma, ele o rejeitasse como homem, e nem tivesse jamais lançado qualquer dúvida sobre a sua missão terrena); o Cristo de Paulo é o Senhor da glória, que ele conheceu mediante experiências místicas. Apesar de que, em suas outras epístolas, sua ênfase sobre a exaltada posição de Cristo seja menor, de fato, isso é básico em sua teologia inteira. (Ver Rom. 1:4; observar o uso que ele faz do termo *Senhor*, apontando para Cristo, bem como citações suas em que o nome de Cristo substitui a Yahweh, nas passagens do A.T.). Notemos, por igual modo, quão freqüentemente, por todos os escritos de Paulo (sobretudo nas introduções, doxologias e conclusões de suas epístolas), o Filho (Cristo) é posto em justaposição a Deus Pai. Certamente nenhuma mera criatura poderia ocupar tal posição. Graça e paz são sempre derivadas de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo; e quase todas as introduções e conclusões incluem esse elemento. Notemos como o Espírito de Deus é igualmente chamado «Espírito de Cristo» (ver Rom. 8:9; ver também os versículos chamados «trinitários», onde os três nomes divinos aparecem juntos, em funções variadas, I Cor. 12:3 e 15:24,27). De alguma maneira especial e elevada, Deus é o Pai de Cristo (ver II Cor. 1:3). Então, em Fil. 2:6, fica claro que o Filho possui igualdade inerente ao Pai, ainda que, devido à sua encarnação, ele tenha posto de lado essa igualdade. O nono versículo daquele mesmo capítulo declara que ele é exaltado acima de todo nome. E esse é o tema central da epístola aos Colossenses, que alguns estudiosos supõem seja reflexo da teologia cristã posterior, e não conceitos genuinamente pertencentes a Paulo. Porém, a mera leitura da coletânea paulina mostra que transparece ali um único Cristo. A ênfase maior acerca da exaltada posição de Cristo, nesta epístola aos Colossenses, tornou-se necessária porque o apóstolo dos gentios se opunha a uma heresia que degradava tanto a pessoa como a missão do Filho de Deus. Mas essa ênfase está em perfeita consonância com a teologia paulina básica, conforme é refletido em todas as suas demais epístolas, em nada contrária ao que ali se aprende. «Assim sendo, é perfeitamente natural que vejamos Paulo a frisar tão elaboradamente, e até com extravagância, a completa supremacia e natureza adequada de Cristo. Não há qualquer necessidade de adoração aos anjos ou a quaisquer outros espíritos. Tal ato não somente seria absurdo, mas também seria ultrajante: pois Cristo é o Senhor de todos». (Morton Enslin, «The Literature of the Christian Movement», pág. 291).

3. Admite-se que o estilo desta epístola aos Colossenses seja muito semelhante ao da epístola aos Efésios, isto é, mais expansivo, com sentenças mais longas que noutras epístolas, faltando-lhe aquelas frases mais curtas e caústicas, e sem os parênteses abruptos e interrupções na sequência de pensamentos. Mas isso poderia ser explicado com base no «desenvolvimento» do estilo, e não supondo-se que isso seja *contraditório* às expressões tipicamente paulinas. Outrossim, a eloquência paulina aparece em Colossenses e Efésios, sendo base das expressões fluentes e poderosas, e não contraditória a essas coisas. O oitavo capítulo da epístola aos Romanos é similar, em estilo, ao primeiro capítulo das epístolas aos Efésios e aos Colossenses. Esse capítulo é um dos «clássicos» paulinos, o qual mostra que Paulo, quando impelido pela inspiração e por ondas de pensamento poderoso, produzia sentenças elevadas e expansivas, ao invés das sentenças curtas, desligadas e azedas das suas passagens «polêmicas», que se vêem nas epístolas aos Romanos e aos Gálatas. Poderíamos dizer que as epístolas

aos Colossenses e aos Efésios mostram como Paulo escrevia quando se mostrava eloquente, quando atingia os mais elevados cumes de sua expressão verbal.

É verdade que, algumas vezes, a gramática da epístola aos Colossenses é deficiente; mas até mesmo um bom autor, quando escreve apressadamente, e se não revisa o seu material, mostrará má gramática, com construções estranhas, que ocasionalmente chegam a ser ininteligíveis, segundo se vê em Col. 2:18,19. Outrossim, a qualidade da gramática e das expressões pode variar de uma época para outra, dependendo das circunstâncias, do cansaço físico e do espírito, de estado de ânimo, etc. Contudo, o grego desta epístola não é essencialmente inferior ao grego literário «koiné» que é normalmente bom nas epístolas paulinas.

Há uma certa ausência de expressões paulinas, havendo muitas palavras, na epístola aos Colossenses, que não figuram em outros escritos paulinos. Pode-se pensar em «dikaios» e seus derivados; «apokalupsis»; «dokimadzein»; «upakoe»; «soteria»; «koinonia»; «nomos»; «pisteuo» e conexões adverbiais, como «ara», «dio», «diote» e «gar», que são freqüentes nos escritos paulinos «clássicos», mas que são menos freqüente ou mesmo totalmente ausentes nesta epístola aos Colossenses. Tais considerações (a menos que sejam muito pronunciadas), porém, não são necessariamente convincentes em favor de um autor «diferente». Deve-se notar que listas similares podem ser compiladas se fizermos o confronto até mesmo dos escritos paulinos «clássicos» entre si. O termo «dikaiosune» (um dos grandes vocábulos da epístola aos Romanos) aparece apenas por uma vez na primeira epístola aos Coríntios; e *dikaio*s não figura ali nem uma vez sequer. O vocábulo «soteria» não é usado nessa referida epístola e nem em Gálatas. E «sodzo» figura apenas por uma vez na segunda epístola aos Coríntios. Já «pisteuo» ocorre apenas por uma vez nesta última (ver II Cor. 4:13). A palavra «ara» não ocorre em Filipenses; e «ara oun», tão freqüente em Romanos, não faz parte de I e II aos Coríntios. Além disso, as sentenças muito longas, comuns nesta epístola aos Colossenses, têm paralelo literário em outras epístolas paulinas, como em Rom. 1:1-7; 2:5-10,14-16; 3:23-26; Gál. 2:3-5; 6:9 e Fil. 3:8-11. É perfeitamente possível que Paulo, tendo resolvido defender a cristologia, tenha naturalmente produzido uma composição literária mais formal e polida, do que é evidente em algumas seções de suas epístolas anteriores, que possuem natureza mais espontânea. As diferenças quanto ao vocabulário (novos termos, nesta epístola, que não se acham em outras epístolas paulinas) podem ser explicadas pela simples observação que a «matéria» abordada exige um vocabulário diferente daquele que Paulo empregara. Ao opor-se ao gnosticismo, mui naturalmente Paulo teve de usar certa variedade de vocabulário que não figura em outras epístolas. Devemo-nos lembrar que a totalidade dos escritos de Paulo que chegaram às nossas mãos utiliza-se apenas de uma pequena parte de seu vocabulário total. Se ele houvesse escrito outras epístolas, teriam palavras que não se achariam em epístolas anteriormente escritas; e sem dúvida um grande número de novos vocábulos surgiria se ele houvesse abordado novos assuntos.

Nenhuma dúvida acerca da autenticidade da natureza paulina desta epístola aos Colossenses apareceu, até à escola de Tubingen, no século XIX. E a objeção levantada por essa escola visava, essencialmente, o conteúdo «gnóstico» deste livro. A maioria dos eruditos, porém, não mais leva a sério essa objeção. A objeção à elevada cristologia desta epístola também tem sido facilmente derrubada. Aquelas objeções com base no estilo e no vocabulário são mais sérias; mas podem ser respondidas daquela maneira sugerida acima. Filemom é livro que virtualmente não tem sido criticado quanto à sua autoria paulina, pelo que empresta sua genuinidade a esta epístola aos Colossenses, ajudando a estabelecer a autenticidade desta última (se tal for considerado necessário), já que essas epístolas são companheiras literárias e históricas. A presente epístola foi escrita à igreja de Colossos, e Filemom foi escrita a um de seus membros; e ambas foram escritas sob as mesmas circunstâncias, ao mesmo tempo, na mesma prisão, sem falar-se sobre a questão que Paulo era ajudado pelos mesmos companheiros de trabalho. Não é provável que um forjador tivesse tido tanto cuidado em fazer esta epístola concordar tão de perto com a epístola a Filemom, quanto aos próprios detalhes. Pois que necessidade teria um forjador de fazer uma falsa epístola paulina concordar sobre tantos detalhes intrincados, e especialmente com uma epístola tão insignificante como é a de Filemom? (Ver a secção II, intitulada *Data e*

Proveniência, quanto a provas sobre como essas duas epístolas, Colossenses e Filemom, são companheiras).

De boa fé, portanto, podemos considerar esta epístola aos Colossenses como genuinamente paulina; e muitos eruditos modernos concordam com isso.

II. DATA E PROVENIÊNCIA

As epístolas aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom devem ser todas vinculadas juntamente, escritas na mesma época em geral, na mesma prisão. Talvez foram escritas em um período de encarceramento anterior ao de Roma, quicá em Éfeso. A comparação entre Col. 4:7,8 e Efé. 6:21,22 com File. 23,24 mostra que todas elas foram escritas sob circunstâncias comuns. Paulo era ajudado pelos mesmos companheiros; Tíquico (acompanhado pelo escravo fugido de Filemom, Onésimo) foi o portador dessas epístolas (ver Col. 4:9 e File. 10-12). Todas essas três foram escritas na prisão (ver Efé. 4:1; Col. 4:18 e File. 22,23). Mas nem todos os eruditos concordam que Roma tenha sido o lugar de aprisionamento. De fato, o trecho de File. 22, ao mencionar que Paulo logo esperava ser solto, e por tencionar fazer uma viagem a Colossos, o lugar onde morava Filemom (conforme sabemos em Col. 4:9); indica, em primeiro lugar, que esse encarceramento não foi efetuado em Roma, durante o qual ele não sabia se seria morto ou solto (ver Fil. 1:20 e ss). Em segundo lugar, o lugar onde Paulo foi aprisionado provavelmente não ficava muito longe. Roma ficava a mais de mil e trezentos quilômetros de distância, ao passo que Éfeso ficava, quando muito, a cento e cinquenta quilômetros. Sabemos que a intenção de Paulo, quando ele foi a Jerusalém, e dali para Roma, era prosseguir para o ocidente (para a Espanha), não retornando ao oriente; e não é provável que ele tivesse feito uma viagem redonda de quase três mil e duzentos quilômetros antes de cumprir sua intenção. (Ver Rom. 15:24,25). Parece mais natural, pois, supormos que a «visita» de Paulo para breve—tão breve que Paulo pediu que lhe fosse reservado um lugar de hospedagem, da parte de Filemom (ver File. 22)—significa que ele não estivesse distante, como também que ele tinha quase certeza de que seria solto em breve, nenhuma das quais condições se adapta a seu aprisionamento posterior em Roma. Por isso é que vários eruditos têm conjecturado o local próximo de Éfeso como o lugar onde ele estava encarcerado. Apesar de não contarmos com qualquer menção direta de tal aprisionamento, nas páginas do N. T., é possível que a passagem de I Cor. 15:32, que menciona o fato que ele «combateu contra as feras em Éfeso», favoreça a conjectura que Paulo ali fora aprisionado. Se escritas em Éfeso, as cartas Colossenses e Filemom, devem ser datadas em cerca do verão de 54 D.C. Quando Paulo deixou a área ao redor de Éfeso, foi para a Macedônia e Corinto, e talvez tenha querido visitar novamente alguns lugares da proximidade, ou então quisesse visitar, pela primeira vez, algumas das cidades menores e menos importantes da área (como Colossos), antes de dar início a uma nova missão. Essa conjectura, pelo menos, adapta-se bem às notas que encontramos nas três epístolas sobre as quais discutimos. (Segue-se um sumário dos argumentos sobre o *aprisionamento em Éfeso*).

Alguns estudiosos identificam o lugar de encarceramento como Cesaréia (ver Atos 24:27). Porém, contrária a essa posição pode-se frisar que o trecho de File. 22 indica que Paulo planejava visitar Colossos em breve; mas o livro de Atos mostra-nos que quando Paulo estava em Cesaréia, encaminhava-se para Roma (portanto, para o ocidente, e não para o oriente), não havendo nenhuma indicação que, naquele tempo, Paulo pudesse esperar ser solto em breve. Conforme já se mencionou, naquele estágio da carreira de Paulo, planejava ele uma missão ao ocidente (Espanha, ver Rom. 15:23,24), não sendo provável que ele tivesse adiado seu desígnio ao fazer, antes disso, tão longa e cansativa viagem pelo oriente. Além disso, não é fácil explicar por que razão Onésimo, o escravo fugido, fora para Cesaréia. Muito mais provável é que se tivesse refugiado em uma cidade grande e não muito distante, a fim de encontrar esconderijo seguro. Ou então, se porventura tivesse querido arriscar-se a uma viagem longa, mais provavelmente teria ido para a cidade de Roma, que era uma autêntica «meca» de escravos fugidos. Éfeso, a capital da província, deve ter-lhe parecido um lugar convidativo, onde poderia ocultar-se com facilidade, sem arriscar-se a ser apanhado, se tentasse executar alguma longa viagem.

Não fora posto em dúvida o aprisionamento de Paulo em Roma senão já em data recente, porque isso era aceito com

unanimidade nos primeiros séculos. Tal aceitação, porém, estava alicerçada principalmente sobre a idéia que todas as epístolas da prisão foram escritas no mesmo lugar, ao passo que, examinando-as, vemos que diversos lugares facilmente podem ter estado envolvidos, tão diferentes são as condições que houve, ligadas à sua escrita. Ainda que os trechos de Fil. 1:13 («guarda pretoriana») e Fil. 4:22 (casa de César) indiquem Roma (o que não é necessidade imperiosa; ver as notas *in loc.*), isso significaria apenas que a epístola aos Filipenses, e nenhuma outra, foi escrita ali. O argumento mais vigoroso em favor de Roma é a natureza *avançada* da cristologia da presente epístola, bem como a avançada natureza da doutrina da igreja, na epístola aos Efésios, o que talvez reflita um «período posterior» da vida de Paulo; e isso se coadunaria bem à idéia do encarceramento em Roma, e não antes, em algum outro lugar. Esse argumento, todavia, é inteiramente alicerçado sobre a conjectura que tais idéias não tiveram pleno desenvolvimento senão quando Paulo atingiu idade avançada, apesar de não haver provas quanto a isso. Todos os elementos distintivos das epístolas aos Efésios e aos Colossenses, como a hierarquia de anjos, os «*aeons*» e as idéias éticas, existiam no mundo antigo, muito antes da época de Paulo; e teria sido apenas natural que Cristo fosse colocado como cabeça de todas essas gradações de poder e autoridade, uma vez que ele fosse aceito como Senhor e Messias. Não teria havido necessidade da passagem de muitos anos, já no fim de sua vida, para que ele chegasse a tal conclusão. É mais seguro dizer-se que Paulo, pouco depois de sua conversão, por causa de suas muitas visões e de sua iluminação espiritual, tivesse visto Cristo como o Senhor da glória; e tal ponto de vista não teria exigido qualquer grande extensão de tempo, até que se desenvolvesse. Em todos os escritos de Paulo, e não somente nas epístolas aos Efésios e aos Colossenses, Cristo figura como o Senhor de tudo; e isso nos faz saber que sua elevada cristologia não foi um desenvolvimento posterior de sua teologia. Seja como for, é tão fácil supor que a epístola aos Colossenses representa o desenvolvimento de suas idéias, ao ponto em que elas tinham chegado em cerca de 54 D.C., como é fácil dizer que isso representa um desenvolvimento de data pouco posterior, isto é, depois de 58 D.C. E ainda que datemos o aprisionamento em Roma tão tarde quanto o ano de 62 D.C., conforme fazem alguns estudiosos, contudo, haveria uma diferença de apenas oito anos entre um proposto encarceramento em Éfeso e o aprisionamento na cidade de Roma, o que não é, na realidade, tempo por demais dilatado para consubstanciar um caso em favor do «desenvolvimento posterior» da teologia paulina, o que teria dado supostamente, a Paulo, o tempo de chegar às idéias cristológicas que transparecem evidentemente na presente epístola.

O caso em favor de Éfeso pode ser expresso através dos seguintes pontos:

1. Teria sido apenas natural que Onésimo, o escravo fugido, tivesse buscado imediato refúgio em uma cidade grande e próxima, ao invés de arriscar-se a uma longa viagem até a cidade de Roma.

2. Epafra, o principal pastor da igreja cristã de Colossos, por estar enfrentando uma heresia e a confusão na comunidade cristã de Colossos, poderia ir rapidamente à cidade próxima de Éfeso, a fim de buscar o conselho de Paulo, ao passo que a longa viagem até Roma não faria tal viagem ser viável. (Ver Col. 4:12,13, que indica que esse foi o propósito da visita de Epafra a Paulo).

3. No período do aprisionamento em Roma, parece que a Paulo faltaram amigos e apoiadores autênticos, excetuando Timóteo e Epafrodito (ver Fil. 2:20 e o seu contexto). Isso dificilmente poderia ser reconciliado com a longa lista de fiéis companheiros, conforme se vê em Col. 4:7-15, na qual estão incluídos tanto Marcos como Lucas.

4. O pedido de hospedagem, por parte de Paulo, preparada por Filemom, bem como a certeza que tinha o apóstolo de que logo seria solto, indicam um aprisionamento anterior e menos perigoso que aquele que mais tarde, teve lugar em Roma, além de apontar para um local não muito distante. (ver File. 22).

5. Finalmente, sabemos que Paulo, quando estava em Roma, queria ir à Espanha (o ocidente), e não voltar ao oriente (ver Rom. 15:23,24). Não é provável que, uma vez solto da prisão, tivesse o apóstolo feito uma viagem redonda de três mil e duzentos quilômetros, saindo da rota certa, o que era viagem que consumia extremamente muito tempo naqueles dias, antes de cumprir seu longamente cultivado desejo de anunciar o evangelho no ocidente. Somente algum motivo extremamente

compelidor poderia tê-lo inspirado a tanto.

Contra a teoria do aprisionamento de Paulo em Éfeso:

1. Tudo não passa de uma conjectura, porque não há qualquer informação neotestamentária certa sobre isso, excetuando, talvez, o trecho de I Cor. 15:52.

2. Não há quaisquer citações, dos primeiros pais da igreja ou da tradição cristã, em apoio a essa teoria.

3. Muitos bons eruditos modernos, considerando todos os ângulos do problema, continuam afirmando que o aprisionamento em Roma é o mais provável.

4. Uma viagem confirmatória pelas igrejas do oriente poderia ter sido efetuada antes de Paulo dirigir-se ao ocidente, pois parece ter sido costumeiro, entre os grandes pregadores do evangelho, efetuarem viagens confirmatórias a áreas mais antigas, antes de se lhes abrirem novas frentes de trabalho.

A questão inteira do *local de encarceramento* de Paulo é de importância relativamente pequena, exceto no que tange ao nosso desejo de obter mais exato conhecimento da vida de Paulo e de questões da cronologia do N.T., em relação à produção de seus documentos formadores. Seria interessante se pudessemos determinar, com acurácia, sob quais circunstâncias, no tocante à história do livro de Atos, é que foi escrita cada uma das epístolas paulinas. Infelizmente, não contamos com informações suficientes, dentro ou fora do N.T., acerca da vida e da correspondência do apóstolo dos gentios, para fazermos isso; portanto, toda a «reconstituição» dessas questões não passa de uma conjectura, pelo menos em parte. Se tais reconstituições pudessem ser compostas com exatidão, certamente obteríamos maior discernimento quanto àquilo que Paulo escreveu, porque então poderíamos interpretar seus escritos à luz das circunstâncias históricas. A propensão por aceitar o que os antigos pais da igreja disseram sobre essas coisas, sem que se faça qualquer investigação, não tem caracterizado a muitos dos eruditos de nossa época, pois se tem raciocinado, com razão, que grande parte do que disseram os pais da igreja, com relação a essas coisas, compunha-se de meras conjecturas, pois suas fontes de informação, em muitos casos, eram inferiores às de nossos dias. A arqueologia tem iluminado grande parte do N.T., tendo podido acrescentar diversos esclarecimentos de natureza histórica, que cercam os documentos neotestamentários.

III. MOTIVO E PROPÓSITOS:

Epafra fora falar com Paulo, a fim de narrar-lhe as dificuldades da igreja de Colossos, além de descrever seu estado geral, o que incluía certos pontos encorajadores (ver Col. 1:4-8). Sem dúvida, foi ele quem informou o apóstolo sobre a penetração da heresia gnóstica nas fileiras cristãs daquela localidade. E foi principalmente para responder a esse problema que esta epístola foi escrita. Naturalmente, a epístola teve o intuito de servir de instrução positiva quanto às crenças e à ética cristãs, não servindo de mera polêmica contra o gnosticismo. Paulo combinou, habilidosamente, esses dois propósitos, neste seu escrito. A seção da epístola, composta por seus capítulos terceiro e quarto, que é de natureza essencialmente ética, está inteiramente livre de assuntos polêmicos.

Paulo conhecera Onésimo, o escravo fugido de Filemom, no cárcere; ou então alguém o trouxe à presença do apóstolo. Tendo-o conduzido a Cristo, e em seguida tendo-o conduzido à compreensão que era seu dever retornar a Filemom, Paulo enviou por seu intermédio uma missiva a Filemom, a fim de garantir a aceitação favorável do portador por parte de Filemom. Também aproveitou o ensejo para enviar uma epístola geral à igreja de Colossos (que é a nossa epístola aos Colossenses).

O erro que havia na comunidade cristã de Colossos.

A natureza de tudo quanto estava envolvido nesse erro é deixado em dúvida porque o combate a esse erro está envolvido em linguagem própria dos hereges, o que, para nós, é ininteligível pelo menos em parte. Não obstante, é claro que alguma forma antiga de gnosticismo está em foco; e vários de seus elementos não são distinguidos com dificuldade. Há notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18. Cada área geográfica, sem dúvida alguma, tinha certa mistura de idéias, embora tudo continuasse sendo, de modo geral, conceitos representativos do pensamento gnóstico. A heresia gnóstica assediou a igreja cristã por cerca de cento e cinquenta anos, e oito dos livros do N.T. foram escritos contra a mesma, a saber, esta epístola aos Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e a epístola de

Judas.

Quanto à situação em Colossos e o tipo de gnosticismo que prevalecia ali, podemos distinguir os elementos seguintes:

1. Grande importância era conferida aos «aeons» ou ordens de seres angelicais (emanações de Deus), com detrimento para a posição de Cristo. Os gnósticos não viam o Cristo como a «encarnação» do Logos, mas somente como um dentre muitos «aeons», dotados de alguma missão terrena. Para eles, Cristo era apenas um dos mediadores e salvadores, um pequeno deus, e não, necessariamente, o mais elevado dos «aeons». Rejeitavam qualquer «encarnação» real para os «aeons», como se isso lhes fosse impossível. Muito menos isso poderia suceder no caso do poderoso «Logos». Assim pensavam eles porque tinham a matéria como o princípio mesmo da maldade; e o corpo físico, como é óbvio, participa da matéria. Portanto, nenhum «aeon» santo poderia, na realidade, tomar carne humana, sem contaminar-se a si mesmo.

2. Os *aeons* (poderes angelicais) eram objetos de adoração entre os gnósticos. Cristo, na qualidade de «aeon», era adorado, mas somente em pé de igualdade com muitos outros «aeons». E assim era tremendamente diminuída a estatura de Cristo, com a conseqüente degradação de sua pessoa. Certamente os gnósticos não reconheciam a existência do Deus triúno, o único que, com razão, pode ser adorado pela criatura humana; e nem reconheciam Cristo como o cabeça de toda a criação. (Ver Col. 2:18-19). O universo não era «Cristo-cêntrico», na opinião deles, conforme normalmente se aprende no cristianismo normal. (Ver Col. 1:15-19). Deus trataria indiretamente com sua criação, através de muitos mediadores e salvadores, e não apenas através de um só. O trecho de I Tim. 2:5 foi escrito em favor do caráter medianeiro e único de Cristo, em contraposição à heresia gnóstica, que propunha grande quantidade de mediadores.

3. Os gnósticos propunham a idéia de muitos criadores, pois os «aeons», segundo sua doutrina, tinham o poder de criar. Paulo insiste que só há um poder capaz de criar (ver Col. 1:16). Outrossim, o criador é o alvo de sua criação—esta deverá encontrar nele toda a razão de sua existência, não dirigindo sua atenção para alguma quase interminável sucessão de sombrias emanações angelicais. Paulo não nega (e nem afirma) que os anjos possuem poderes de criação. É provável que os tenham. Porém, qualquer poder que porventura possuam, segundo afirma o apóstolo, vem a eles por delegação de Cristo, que é o cabeça de todos os principados, poderes e domínios; de fato, é o criador deles. Ora, se Cristo é o criador desses poderes, é impossível que seja nomeado entre eles, como um de seus iguais.

4. Os gnósticos, em Colossos, evidentemente tinham incorporado em seu sistema alguns elementos das *leis cerimoniais judaicas*, assim encorajando as suas tendências para o ascetismo. (Ver Col. 2:16 e ss.). Os gnósticos criam que o desígnio do sistema cósmico é destruir toda a matéria, incluindo o corpo físico, visto que a matéria seria o princípio mesmo do mal. Poderíamos cooperar com esse desígnio se abusássemos do corpo, o que poderia ser feito através do ascetismo ou da licenciosidade extremados. Os gnósticos de Colossos tinham escolhido o ascetismo como esse meio de abuso, ao passo que, em outras áreas, esse meio era a licenciosidade. E isso se tornou parte oficial do sistema de ética esposado por eles. Os demais sete livros do N.T. que foram escritos contra o gnosticismo, refletem a variedade licenciosa do gnosticismo. (Ver II Tim. 3:6 acerca disso). Os gnósticos tinham a idéia equivocada de que não importa o que fazemos com nossos corpos, pois estes, conforme pensavam, seriam veículos incuráveis do princípio do pecado; outrossim, pensavam que deveriam abusar do corpo, sem que isso em nada prejudicasse à alma, como o ouro que é mergulhado na lama não tem sua natureza modificada.

5. Os gnósticos se jactavam de uma *filosofia superior*, que incorporava certa forma de *misticismo*. O gnosticismo era um misticismo basicamente oriental, apresentado como filosofia. Se por acaso tivesse vencido a luta com o cristianismo, este último teria sido transformado em outra mera religião misteriosa greco-romana. O misticismo deles era falso, porquanto não contava com Cristo como seu objeto (ver Col. 2:4,8,18). Outrossim, o misticismo deles não os transformava moralmente, o que sucede, sem dúvida, aos místicos verdadeiros. O misticismo deles, portanto, era falso. É seguro dizermos que toda a experiência mística, quando é autêntica, transforma moralmente ao homem. Os gnósticos supunham-se «fora» das questões morais, devido às suas visões e êxtases.

6. Os gnósticos eram falsamente humildes, pois guiavam-se por uma forma de verdadeira auto-exaltação, já que o *ascetismo* deles somente promovia o orgulho espiritual. Precisavam fazer de Jesus Cristo o seu grande exemplo, sem apelar para seus costumes extremados (ver Col. 2:20-23).

7. Os gnósticos tinham uma sabedoria e um conhecimento falsos, pelo que negligenciavam a Sabedoria de Deus, o seu *mistério*, a saber, Cristo (ver Col. 2:8; 1:27 e 2:2). Para eles, a salvação deveria ser obtida através do «conhecimento», e não através da «fé». Julgavam que a fé pertenceria a espíritos menos desenvolvidos, a qual poderia levar somente a uma forma inferior de redenção, ao passo que o tipo de conhecimento que possuíam (mediado através de ritos sagrados, das artes mágicas e de misticismo) os conduziria à completa redenção, a saber, a reabsorção pelo Espírito divino, com perda da identidade pessoal, em que o *ego* seria transformado no «superego».

8. Os gnósticos *rejeitavam* a expiação pelo sangue, pelo que também não viam qualquer valor na morte de Cristo. Criam eles que o «Espírito-Cristo», um dos «aeons», na realidade não se encarnara, porquanto não poderia sofrer e nem morrer. Tomara conta do corpo de Jesus, o homem, quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua crucificação. Para eles, a morte de Jesus, quando muito, foi somente a morte de um mártir por uma boa causa. Não poderia ter qualquer valor expiatório. Em contraste com essa opinião, Paulo declara que a expiação de Cristo tem valor cósmico, e não meramente significação terrena (ver Col. 1:20 e ss.).

9. Os gnósticos pensavam que os «aeons» angelicais, considerados em seu conjunto, seriam a *plenitude* de Deus, isto é, a emanação de sua natureza e dos seus atributos. Cristo, nesse caso, seria apenas um dentre muitos «aeons», podendo participar da natureza e dos atributos de Deus apenas em parte, de modo fragmentário. O pensamento de Paulo, em contraste com isso, é que Cristo encerra a «plenitude» (*pleroma*) de Deus (ver Col. 2:9).

10. Os gnósticos supunham que a redenção humana, em seu nível mais elevado, indicava a *reabsorção* pelo Espírito de Deus, com a perda da identidade pessoal. Bem ao contrário disso, a redenção do homem, em seus estágios mais elevados, indica a participação em toda a plenitude de Deus (a «*pleroma*» total—ver Efê. 3:19 e Col. 2:10), tal como Cristo dela participa, sem qualquer perda de identidade pessoal, do mesmo modo que Jesus Cristo não perdeu sua identidade pessoal ao participar da plenitude de Deus. Isso ensina, portanto, que os homens remidos chegarão a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4); mas isso é declarado contra o pano de fundo da polêmica contra o gnosticismo.

11. Os gnósticos classificavam os homens em três grupos: a. Os «*hílicos*», ou «*terrenos*», que só se importariam com a matéria. Esses homens, que seriam a vasta maioria da humanidade, visto estarem totalmente imersos na matéria, não poderiam mesmo escapar dela, o que significa que teriam de perecer com ela, quando da grande conflagração que haverá. b. Os «*psíquicos*», ou «*animae*». Esse grupo, que incluiria os profetas do A.T., se comporia de homens que «através da fé» (não do «conhecimento») haverão de atingir uma redenção inferior. c. Os «*pneumáticos*» ou verdadeiramente «*espirituais*» (que seriam os gnósticos), os quais, mediante o «conhecimento», haveriam de atingir à mais elevada redenção, a saber, a reabsorção pelo Espírito divino. Para os gnósticos, pois, somente alguns poucos seriam passíveis de redenção. O trecho de Col. 1:20 e ss. certamente combate essa noção; e as enfáticas declarações do segundo capítulo da primeira epístola de Timóteo, no sentido de que Deus quer que «todos sejam salvos e venham ao pleno conhecimento da verdade» são ataques diretos contra o exclusivismo dos mestres gnósticos.

De modo geral, pois, pode-se dizer que o gnosticismo de Colossos pertencia à variedade ordinária, talvez com um pouco mais de mistura de judaísmo do que era normal. Também pedira por empréstimo idéias comuns às religiões misteriosas orientais e ao neoplatonismo e o resultado disso era uma horrorosa conglomeração. Foi contra essas crenças sincretistas que Paulo escreveu esta epístola aos Colossenses, pois, como é claro, os gnósticos começavam a fazer adeptos seus na Ásia Menor.

A ausência de qualquer análise direta nesta epístola, acerca das doutrinas combatidas, não nos permite maior exatidão em nossas definições do gnosticismo, se contarmos exclusivamente com o N.T. Há muitas informações sobre as crenças

gnósticas em vários livros apocalípticos do N.T., como o evangelho de Tomé e o evangelho de Pedro. Na introdução ao comentário há um artigo dedicado à descrição dos livros apócrifos do N.T. alguns dos primeiros pais da igreja também descreveram as doutrinas gnósticas; e ainda que algumas de suas descrições estivessem equivocadas, devido ao calor da controvérsia, ou devido à falta de maior compreensão, há ali muitas informações válidas. Os primeiros pais da igreja, bem como os apóstolos antes deles, reconheciam com razão a ameaça que o gnosticismo representava para a igreja. Diz-se que o apóstolo João negava-se a ir aos banhos públicos de Éfeso quando sabia que Cerinto (um dos primeiros mestres gnósticos), seu oponente, também estava naqueles banhos.

Os mestres gnósticos, evidentemente, aludiam a seu sistema como uma «filosofia», ao passo que o apóstolo Paulo preferia chamá-lo de «vãs sutilezas» (ver Col. 2:8). Evidentemente afirmavam possuir certo apoio nas «tradições», dizendo-se representantes de antigas verdades. Platão alude a certas pessoas que vendiam livros de Orfeu ou Museu, em Atenas, na sua época, as quais, por igual modo, davam continuidade a certas tradições transmitidas da parte dos deuses. (Ver *República* II.364E). No hino homérico a Demétrio, vê-se que muitos pensavam que os ritos eleusianos (originalmente celebrados em Eleusis, uma cidade que ficava a noroeste de Atenas) tinham sido ordenados pelo próprio Demétrio, preservados por tradições entregues e transmitidas pela família de Eumolpides desde tempos pré-históricos. Por igual modo, as seitas mais recentes gostam de traçar suas origens a algum tempo remoto, sendo possível que os hereges combatidos por Paulo, em Colossos, não agissem de maneira diferente. Suas «tradições» eram meramente de «homens», para o apóstolo dos gentios; não tinham qualquer autoridade divina. (Ver Col. 2:8).

Conforme já se disse, os gnósticos de Colossos não pertenciam à variedade comum de religiosos licenciosos. Parecia antes que pregavam uma doutrina de «desprendimento», o ideal estoico, embora tivessem pervertido tal ideal, levando-o a assumir o caráter negativo do ascetismo extremado. Isso fazia o sistema deles favorecer o cerimonialismo mosaico, as restrições dietéticas, os jejuns e as provisões ritualistas intermináveis. Evidentemente eram vegetarianos e celibatas. Pregavam uma doutrina que ordenava: «Não manusear», «Não provar». A primeira dessas proibições parece ter tido subentendidos sexuais. É quase certo que eles praticavam a circuncisão. Observando essas coisas, percebemos que eles se assemelhavam aos essênios quanto a certos particulares. (Ver Luc. 1:80 e Mat. 2:31 acerca de notas expositivas sobre os *essênios*). Alguns estudiosos têm pensado que a heresia combatida em Colossos era apenas uma forma um tanto modificada de crenças essênias; mas essa posição não tem atraído atenções sérias em tempos recentes, por ser um substituto pobre da idéia que Paulo combatia ao gnosticismo. As evidências históricas, que são abundantes, favorecem a suposição que o gnosticismo foi a heresia combatida nesta epístola. O gnosticismo, e não o essenianismo, sem dúvida nenhuma, foi a doutrina que ameaçou o cristianismo por tantas décadas. (Quanto às práticas «vegetarianas e celibatárias do gnosticismo», com seu ascetismo em geral, ver as notas expositivas sobre Col. 2:16,20,21). O trecho de Col. 2:11-13 subentende que eles davam grande valor à circuncisão. Parece que tinham tomado por empréstimo—exagerando-as então—várias provisões das leis cerimoniais mosaicas.

Os gnósticos defendiam a doutrina dos «espíritos elementares» (ver Col. 2:8), as «stoicheia», os «elementos animados da natureza»; pois, para eles concordando com outros povos antigos) a matéria não era reputada «inanimada». Essa idéia pode ser confrontada com o que diziam os hilozoístas jônicos, que pensavam que a matéria é cheia de força vital, provocando todas as mudanças e desenvolvimentos na natureza, resultando no que chamamos de «vida». O termo «stoicheia» (e o que nele fica implícito) foi transferido pelos gnósticos para indicar as «essências espirituais», que seriam as «ordens angelicais». Foi assim que as «stoicheia» dos pagãos se transformaram nos anjos do conceito hebraico. Na astrologia, o termo «stoicheia» era usado para indicar os «corpos celestes», que eram então considerados os «corpos» de espíritos celestiais, ou, em alguns sistemas, os lugares onde habitavam esses espíritos. Não sabemos quanto da astrologia antiga os gnósticos incorporaram no seu sistema; mas é certo que sua observância de festividades, luas novas, sábados,

ciclos anuais, etc., eram mais que empréstimos do cerimonialismo judaico. Seja como for, o judaísmo helenista estava muito envolvido na astrologia, segundo nos mostra o livro de Jubileus e outros documentos do período. Visto que as «stoicheia» teriam influência sobre os homens, era natural supor que mereciam atenção e até adoração da parte dos homens. Os gnósticos, pois, veneravam esses espíritos elementares do universo (ver Col. 2:18), que eles arranjavam em muitos grupos e ordens, nos quais haveria poderes gradualmente decrescentes, segundo se distanciavam cada vez mais do Sol central, que é Deus. Nesse particular, eles tomaram por empréstimo idéias neoplatônicas, como a das *emanaciones*, através das quais esses espíritos vieram a ser reputados como «partículas» do Espírito divino; e todos eles, em seu conjunto, seriam a «plenitude» de Deus, incluindo sua natureza e seus atributos. Os termos «principados», «domínios», «poderes», etc., descrevem as ordens descendentes dos «aeons» (ver Col. 1:16). Cada um desses termos representa classes existentes entre as «stoicheia».

O erro combatido nesta epístola seria o judaísmo? Alguns comentadores mais antigos, não percebendo a importância do ataque gnóstico contra a igreja primitiva, e influenciados pelo ponto de vista simplista do trecho de Col. 2:11-17, têm pensado que o erro aqui combatido é o legalismo do judaísmo. Mas a epístola aos Colossenses de modo algum é apenas uma versão diferente da epístola aos Gálatas (onde é combatido o «legalismo»). Apesar do gnosticismo incorporar certos aspectos do cerimonialismo comum ao judaísmo, era muito pior que o judaísmo normal. A moderação acerca das bebidas alcoólicas, transformou-se em abstinência absoluta; a vida sexual regulamentada foi transformada no celibato; a restrição de certas carnes transformou-se no vegetarianismo; a observância de luas novas e dias santificados, com base nos ciclos anuais, transformou-se em meios de adoração das «stoicheia». Na presente epístola, não há qualquer indício que Paulo se opunha ao simples «legalismo», o que teria sido importante elemento, se o judaísmo fosse o objetivo de sua polêmica. A necessidade de salientar as ordens angelicais (ver Col. 1:16), em que se assevera que Cristo é seu criador e Senhor, exigindo ele a nossa adoração, que não pode ser conferida aos anjos (ver Col. 2:18), o fato que há alusão aos «mistérios» (ver Col. 1:26 e 2:2), o ataque contra o ascetismo exagerado (ver Col. 2:20 e ss.), a definição de «sabedoria» e de *conhecimento* (ver Col. 2:2,3), como algo pertencente originalmente a Cristo, e o fato que a «plenitude» («pleroma», no grego) é dele (ver Col. 2:8,9), a necessidade de salientar que toda a criação deverá encontrar em Cristo o Alfa e o Omega (ver Col. 1:16 e ss.), a negação do «deísmo», em razão do fato que Cristo é visto como a imagem (e, portanto, a manifestação) do Deus invisível (ver Col. 1:15), a ênfase sobre o seu senhorio universal (ver Col. 2:19), e a descrição da salvação para todos (ver Col. 1:20), além do valor da morte de Cristo como expiação (ver Col. 1:20 e ss.), tudo aponta para o gnosticismo como a heresia aqui atacada, e não o legalismo, ou qualquer forma de essenianismo.

IV. INTEGRIDADE DA EPÍSTOLA

A palavra *integridade*, aplicada à natureza de livros e epístolas, fala de questões concernentes à sua forma atual, em contraste com sua forma original. A presente epístola, conforme a conhecemos, representa a epístola original ou foi modificada com adições ou subtrações? Foram levantadas dúvidas quanto à sua autenticidade (seria de Paulo ou não?) nos meados do século passado, o que também atingiu sua integridade. A primeira dessas questões é amplamente estudada na primeira seção desta introdução. Quanto à questão da «integridade», H.J. Holtzmann propôs a complicada teoria que uma breve e autêntica epístola de Paulo aos Colossenses foi usada por um paulinista posterior como base da composição da epístola aos Efésios, cujo resultado foi então interpolado dentro da epístola aos Colossenses. Hermann von Soden («Die Briefe und die Kolosser, Epheser, Filemon», 1891), sujeitou essa teoria a exame cuidadoso, mas sua conclusão é que a mesma é altamente exagerada, pois haveria apenas algumas poucas interpolações por parte do autor posterior. Em seu comentário, impresso alguns anos mais tarde, a única interpolação por ele identificada foi a de Col. 1:16,17: William Sanday (em artigo no «Dictionary of the Bible», editores W. Smith e J.M. Fuller) apresenta uma revisão do problema, oferecendo fortes provas em favor da integridade e da autenticidade da presente epístola. A mais completa dissertação sobre essa questão (que também inclui a

epístola aos Efésios), é a de Ernst Percy, intitulada «Die Probleme der Kolosser und Epheser-briefe». Ele apresentou poderosos argumentos em favor da autenticidade e da integridade de ambas essas epístolas, com base em considerações lingüísticas e teológicas. No caso da epístola aos Colossenses, pelo menos, a maioria dos eruditos concorda que ela é autenticamente paulina, tendo-se conservado praticamente segundo a forma como foi originalmente produzida. O antigo ataque contra a epístola aos Colossenses, no sentido que a mesma representa um «milieu» religioso posterior (isto é, do segundo século de nossa era), ou seja, não poderia ter sido escrita pelo apóstolo Paulo, tem sido abandonado, conforme tem aumentado nosso conhecimento sobre as condições religiosas do primeiro século de nossa era.

V. TEMAS PRINCIPAIS

A leitura da secção terceira, intitulada «Motivo e Propósitos», exporá ao leitor muito do que pode ser dito nesta secção. Consideremos os pontos seguintes:

O seu grande tema central é a pessoa de Cristo, o Cabeça do cosmos, o Mistério de Deus; ele é divino, mas é humano, pois efetuou autêntica expiação, mediante sua morte genuína. A grandeza de Cristo é retratada de forma gráfica na presente epístola, mais do que em qualquer outro livro do N.T. Isso é assim porque Cristo, em sua pessoa e estatura espiritual, estava sendo atacado pelos gnósticos nas igrejas da Ásia Menor, interna e externamente; e, assim sendo, fazia-se mister forte defesa a fim de preservar a fé dos crentes. Quanto à específica cristologia assim defendida, convém que pensemos nos elementos abaixo:

- a. Cristo é o doador da graça, não sendo ela conferida por alguma linhagem sombria de mediadores angelicais;
- b. Cristo aparece associado ao próprio Pai, pelo que é superior aos chamados «aeons»; 1:2;
- c. Cristo é o verdadeiro objeto da fé (ver Col. 1:2,4);
- d. Cristo é o doador da glória celestial, o Cabeça do reino celeste;
- e. Cristo é o objeto da inquirição ética, do andar diário (ver Col. 1:10 e seus capítulos terceiro e quarto); 1:5,13;
- f. Cristo é o doador da herança (ver Col. 1:12);
- g. Cristo fez expiação: sua encarnação foi real, como reais foram a sua morte e a sua importância cósmica (ver Col. 1:14,20,21);
- h. Cristo é o Reconciliador, e isso em escala cósmica (ver Col. 1:21);
- i. Cristo é a Imagem do Deus invisível, seu revelador (ver Col. 1:15); e tal ofício não pode ser atribuído aos «aeons»;
- j. Cristo é o criador (até mesmo dos «aeons») e o sustentador da criação (ver Col. 1:17), o alvo mesmo da criação e de todos os seres inteligentes (ver Col. 1:16), isto é, ele é o Alfa e o Omega;
- k. Cristo é o Cabeça da Igreja, o primogênito, que ocupa o lugar de maior proeminência;
- l. Em Cristo habita toda a «plenitude» («pleroma») de Deus (ver Col. 1:18,19 e 2:9);
- m. Cristo, em sua missão terrena, sofreu e morreu; ele não é algum «aeon» que tornou-se possuidor do corpo humano e que agiu como se fosse tal. Podemos participar dos seus sofrimentos (ver Col. 1:24);
- n. A grande realidade mística do cristianismo é a presença de Cristo em nós, mediante seu Espírito. Isso traz o divino ao humano, pelo que é declarada falsa a posição do *deísmo* que «haveria um ser supremo, mas que nada tem a ver com o seu universo, pois seria sempre transcendental (ver Col. 1:27);
- o. Cristo é o alvo de toda a busca pela perfeição (ver Col. 1:28);
- p. Cristo é o inspirador dos labores apostólicos (ver Col. 1:25,29), pelo que devemos lealdade ao evangelho apostólico;
- q. Cristo é o mistério de Deus, em quem residem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (em contraste com o pretensão conhecimento dos gnósticos) (ver Col. 2:2);
- r. Cristo compartilha conosco da plenitude de Deus, pelo que chegamos a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10); e assim a plenitude divina é por nós compartilhada sem a perda da identidade pessoal, conforme ensinavam erroneamente os mestres gnósticos;
- s. Temos comunhão mística com Cristo, em sua morte e ressurreição; e isso é a base de toda a moralidade, pois ele é o padrão da moralidade (ver Col. 2:11-12 e seus capítulos

terceiro e quarto);

t. Cristo é o vencedor de todo o mal, o qual dá liberdade à alma e aos homens, em suas observâncias religiosas (ver Col. 2:14-18);

u. Cristo é o Cabeça cósmico de tudo, devendo ser reconhecido como tal pelos homens (ver Col. 2:19);

v. Cristo não nos confere o espírito de ascetismo, mas de liberdade (ver Col. 2:20-23);

w. A vida ressurrecta de Cristo nos é transmitida misticamente, de tal modo que obtemos vitória sobre o pecado (ver Col. 3:1 e ss.);

x. A morte de Cristo, além de ter servido como expiação pelo pecado, igualmente nos é misticamente transmitida, pois o seu Santo Espírito leva-nos a morrer para o mundo e viver para Deus (ver Col. 3:1-5);

y. Cristo vence todos os vícios pagãos que antes nos cativavam (ver Col. 3:5-10);

z. Cristo regulamenta toda a conduta cristã, pois ele é o Homem ideal (ver Col. 3:11 e ss.).

Assim sendo, pode-se ver que todas as grandes doutrinas da presente epístola são apoiadas sobre a natureza de Cristo como Cabeça e como Deus; mas sob hipótese alguma sua humanidade autêntica ou sua missão terrena são apagadas ou ignoradas dentro desse elevadíssimo acontecimento. A secção prática desta epístola também se alicerça sobre a pessoa de Cristo (ver os capítulos terceiro e quarto deste livro), pois a vida piedosa, na realidade, consiste de participarmos de sua vida eterna e ressurrecta, uma vez que tenhamos morrido para o mundo (ver Col. 3:1-5). E todas as questões práticas e morais, bem como todas as questões de lealdade, têm solução em Cristo.

VI. CONFIRMAÇÃO ANTIGA E ACEITAÇÃO DA EPÍSTOLA:

Já que o *cânon* do N.T. na realidade não teve começo, de modo formal, senão ao tempo de Márcion (150 D.C.), que se situa bem dentro do tempo em que a epístola aos Colossenses começou a ser universalmente conhecida e usada, todos os *cânones* antigos a incluem. (Ver a completa discussão sobre o «cânon», no artigo devotado a esse tema, na introdução ao comentário, que acompanha todo o seu desenvolvimento e mostra os princípios pelos quais foi o mesmo formado). O *cânon* mais antigo consistia dos quatro evangelhos e de dez epístolas paulinas, e a presente epístola fazia parte dessa lista. Todas as coletâneas das epístolas paulinas, desde os tempos mais remotos, incluíam a epístola aos Colossenses. Ela é alistada no «cânon» marcionita, no fragmento *Muratoriano* (o que reflete o uso da comunidade cristã de Roma, por volta do ano 200 D.C.). Também foi incluído nos mais antigos manuscritos que possuímos acerca das epístolas paulinas, inclusive o antiquíssimo ms P(46), que talvez data dos começos do fim do século II D.C., embora a maioria dos estudiosos o situem dentro do século III D.C.

O que é surpreendente é que a confirmação e uso desta epístola, pelos pais pré-canônicos e nos escritos cristãos, é inferior ao do caso da epístola aos Efésios. Nossas fontes informativas não falam de qualquer confirmação no primeiro século; mas, nos primórdios do segundo século, a epístola já era largamente conhecida e usada. Contudo, não há qualquer evidência que esta epístola foi lançada na suspeita, por parte da igreja antiga; e nem houve jamais qualquer sugestão que ela não pertencesse ao primeiro século, ou que Paulo não a escreveu. Não há qualquer traço desta epístola nos escritos de Clemente de Roma (primeiro século de nossa era) ou no Pastor de Hermas (140 D.C.). Nos escritos de Barnabé (começo do segundo século) parece haver uma alusão a Col. 1:16 (em xii.7); e Policarpo (155 D.C.) parece ter-se baseado nesta epístola (ver *Pol.* x.1, citando Col. 1:23). Essa mesma passagem, evidentemente, foi a base de Inácio, Efésios x.3, em 110 D.C. Inácio (*Esmirna* vi.1) parece fazer alusão ao trecho de Col. 1:16; e *Pol.* xi.2 parece ter sido passagem sugerida por Col. 1:23,24 e 3:5, no tocante à idolatria e à cobiça. Irineu e Tertuliano (segunda metade do segundo século de nossa era) citaram de quase cada capítulo da presente epístola; e Clemente de Alexandria, bem como Orígenes, o seu grande sucesso, citam-no como epístola de Paulo.

VII. ESTADO DO TEXTO GREGO:

Possuímos os mesmos manuscritos gregos antigos de Colossenses que possuímos acerca da coletânea paulina inteira. Esses são os mss P(46) (século III D.C.), Aleph e B

(século IV D.C.), AC (século V D.C.), e então os unciais posteriores, do século VI em diante, HLIPS, e um grande número de manuscritos minúsculos pertencentes a depois do século IX. (Quanto a informações completas sobre os manuscritos antigos do N.T., ver o artigo existente sobre esse assunto, na introdução ao comentário).

Devido à grande similaridade entre as epístolas aos Colossenses e aos Efésios (ver a lista desses pontos similares em Col. 1:1), podem ser encontradas algumas adições e assimilações harmonísticas. (Ver Col. 1:14 quanto às questões mais famosas dessa categoria). Tal como se dá no caso de todos os livros do N.T., esta epístola tem suas dificuldades textuais, algumas das quais não podem ser satisfatoriamente solucionadas. Nesses casos, o problema não consiste de textos «perdidos», mas antes, os textos existentes são confirmados com tal equilíbrio, a favor desta ou daquela variante, que é difícil dizer quais variantes representam o original. Os principais problemas são encontrados em Col. 1:2,7,12; 2:2 e 3:16, onde há notas textuais no corpo do comentário, que discutem os problemas. A restauração do texto sagrado, naturalmente, tem sido efetuada com alto grau de exatidão, o que também se dá no caso do N.T. inteiro. Conforme se sabe bem, o N.T. é o mais bem confirmado documento da antiguidade, pois conta com o maior número de manuscritos verdadeiramente antigos que o confirmam quanto a seu texto.

Apesar de que as variantes textuais realmente importantes são poucas, conforme é comum quanto aos livros do N.T., há muitas variantes secundárias. Este comentário nos oferece a análise das mais importantes variantes, nas referências seguintes: Col. 1:2,3,7,10,12,12,20,22,22,23,27; 2:2,7,10,12,13,14,18,23; 3:4,5,6,7,13,14,15,16,17,20,21,22; 4:8,12,13,15,18,18. A repetição dessas referências indica que, naqueles versículos, há mais de uma variante textual.

VIII. CONTEÚDO

As discussões anteriores, sobre os propósitos e temas desta epístola (em suas seções III e V), fornecem o caráter geral do conteúdo da mesma. Abaixo oferecemos o esboço detalhado do conteúdo, seguido na exposição, quanto à divisão em seções principais e subordinadas:

- I. *Introdução Geral* (Col. 1:1-14)
 1. Saudação (1:1-2)
 2. Ação de graças pela fé e amor dos irmãos, bem como pelo fruto produzido entre eles, mediante a pregação do evangelho (1:3-8)
 3. Oração em favor do crescimento dos crentes na compreensão espiritual e nas boas obras (1:9-14)
- II. *A Grandeza de Cristo*— Polêmica contra os Mediadores Angelicais postulados pelos Gnósticos (1:15-3:4)
 1. As onze superioridades de Cristo (1:15—19)
 - a. Imagem de Deus (vs. 15)
 - b. Primogênito (vs. 15)
 - c. Criador (esfera da criação: Cristo como Alfa, vs. 16)
 - d. Criador (agente da criação: Cristo como Alfa, vs. 16)

- e. Criador (alvo da criação: Cristo como Ômega, vs. 16)
- f. Primeiro quanto ao tempo e à importância (vs. 17)
- g. Sustentador de tudo (Vs. 17)
- h. Cabeça da Igreja (Vs. 18)
- i. Princípio (vs. 18)
- j. Primogênito dentre os mortos (vs. 18)
- k. Em quem habita a plenitude de Deus (vs. 19)
2. Sua grandeza quanto à reconciliação— uma décima segunda superioridade; até os anjos estão sujeitos à sua redenção (1:20-23)
3. Sua grandeza demonstrada no ministério apostólico (1:24-2:1)
 - a. O ministério do sofrimento (1:24)
 - b. Propagação do evangelho, no qual Cristo figura como a grande realidade mística, o divino no humano (1:25-29)
 - c. O interesse pessoal de Paulo por seus leitores (2:1)
4. Sua grandeza como mistério de Deus (2:2,3)
5. Sua grandeza em contraste com os ensinamentos e as práticas falsas (2:4-23)
 - a. O perigo dos ensinamentos ludibriadores, não alicerçados em Cristo (2:4-7)
 - b. Contra a filosofia e o legalismo falsos (2:8-17)
 - i. A filosofia é um vão engano e há tradições mal alicerçadas (2:8)
 - ii. Nada pode ser adicionado à perfeição (2:9-13)
 - iii. A lei foi abolida em Cristo (2:14-17)
 - c. Advertência contra o misticismo falso (2:18-19)
 - d. Advertência contra o ascetismo (2:20-23)
- III. *A Ética: a Inquirição Espiritual*— Alicerçada sobre a Grandeza de Cristo (3:1-4:6)
 1. A união espiritual do crente com Cristo, agora e para sempre (3:1-4)
 2. Fruto da união com Cristo—o andar santo (3:5-17)
 3. Deveres domésticos, submissão mútua no lar cristão (3:18-4:4)
 4. Conduta para com os pagãos (4:5,6)
- IV. *Apresentações e Saudações Pessoais* (4:7-18)
 1. Tíquico e Onésimo (4:7-9)
 2. Os companheiros de Paulo saúdam aos colossenses (4:10-14)
 3. Saudações a Laodicéia, instrução e bênção finais (4:15-18)

IX. BIBLIOGRAFIA

Por toda a exposição desta epístola, catorze comentários em série foram usados como a base da exposição. Além dessas obras, recomendamos as seguintes como dignas de cuidadoso estudo:

- Enslin, Morton Scott, *The Literature of the Christian Movement*, N.Y.: Harper and Bros., 1956.
- Lightfoot, Joseph Barber, *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*, Londres: Macmillan and Co., 1875.
- Titus, Eric lane, *Essentials of New Testament Study*, N.Y.: The Ronald Press, 1958.
- O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, em Colossenses, os autores Francis W. Beare e G. Preston Macleod.

Ver também: J. Baggott, *A New Approach to Colossians*, 1961; C.F.D. Moule, *The Epistles to the Colossians and to Philemon* (Cambridge New Testament), 1957; Simpson and Bruce, *Colossians* (The New London Commentary), 1957.

Capítulo I

No tocante aos problemas e temas centrais desta epístola aos Colossenses ver a introdução. Ali são discutidas questões como autoria, data e proveniência, motivo e propósitos, integridade, temas principais, confirmação e aceitação antigas da epístola, estudo do texto grego e conteúdo. Finalmente, se apresenta uma bibliografia que ajudará o leitor em seus estudos posteriores desta epístola.

Cada uma das epístolas de Paulo tem algum tema dominante, alguma verdade mais saliente. Na epístola aos Romanos destaca-se a justificação pela fé, que conduz à total transformação do crente segundo a imagem de Cristo. Em Gálatas contrasta-se a *liberdade* cristã com as peias do *legalismo*. Em Filipenses é frisada a alegria suprema, produzida pelo bem-estar espiritual, em Cristo, a despeito das circunstâncias adversas. Em Efésios ressalta a nossa união mística com Cristo, com a restauração de tudo, através do cumprimento do mistério da vontade de Deus. E nesta epístola aos Colossenses aparece mais a grandeza de Cristo, por ser ele o Cabeça de toda a criação, o que, para o crente, resolve todos os problemas de lealdade. Sem dúvida essas verdades precisam ser salientadas no mundo e na igreja atuais, já que muitas coisas de importância relativamente secundária têm tomado seu lugar. A igreja em Colossos foi sendo gradativamente afastada de Cristo por causa do ensino que salientava a hierarquia dos poderes angelicais, como se Cristo fosse um desses poderes, e não Senhor e Criador dos mesmos. Os mestres *gnósticos* faziam dos poderes angelicais objetos de adoração, roubando Cristo de sua posição exaltada e sem par. No mundo de hoje, muitas coisas menores se têm tornado objetos de adoração, e também desviam nossas mentes para longe da posição de Cristo como Cabeça; no entanto, a condição básica para que alguém seja discípulo autêntico de Cristo é que aceite o seu senhorio (ver Col. 2:19), o que subentende total dedicação da alma a ele. E essa total dedicação da alma a Cristo chamamos de «fé». Um crente pode ter doutrinas estranhas, práticas dúbias, idéias errôneas; mas, se ele é crente, então tem a Cristo como seu Cabeça. Por outro lado, outro crente, a despeito de suas crenças ortodoxas, pode nem ser discípulo de Cristo, se não o tem como Cabeça, se em sua vida diária nega que Jesus é seu Senhor. A fé cristã não consiste de mera aceitação de algum credo, conforme muitos sermões podem dar a entender. Antes, consiste da outorga da própria alma a Cristo, da consagração do próprio «eu» a ele, na qualidade de Senhor, de tal modo que venha o crente a compartilhar de sua natureza moral e metafísica, que é o destino autêntico da alma humana. (Ver as notas expositivas sobre esses conceitos, em Heb. 11:1; Rom. 8:29; II Ped. 1:4 e II Cor. 3:18). Ora, tudo isso exige que, no presente, vamos crescendo em Cristo, o que só pode tornar-se realidade através da operação do Espírito Santo, que em nós vem habitar, e que infunde em nós a natureza moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23). Essa infusão transforma-nos de maneira tão completa que vamos sendo espiritualizados, e assim chegamos, finalmente, a compartilhar da *modalidade de vida* que Cristo possui, a qual, por sua vez, consiste da participação na forma de vida que tem Deus Pai. (Quanto a esses conceitos ver as notas expositivas em João 5:25,26 e 6:57). Como Cristo, nosso Senhor, pode e deve transformar-nos dessa maneira, é o tema central e dominante da epístola que começamos a estudar.

Colossenses (juntamente com Efésios) é aquela epístola paulina que revela a mais avançada teologia do apóstolo dos gentios.

Nessas duas epístolas vemos Cristo em sua *mais elevada* posição, em sua glória mais exaltada; e também vemos os remidos elevados ao seu nível, a fim de serem o que ele é, de compartilharem do que ele tem. É ele quem preenche a todas as coisas (ele é tudo para todos), e nós somos a sua plenitude. Por sermos a plenitude de Cristo, chegamos a participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10). O jovem apóstolo Paulo entrou em controvérsia com o legalismo, pelo que ele salientava as doutrinas da justificação pela fé, juntamente com questões relativas à conversão inicial. Ele argumentava como se estivesse apresentando um caso em tribunal, conforme nos é indicado pela sua terminologia judicial. Já mais maduro, porém, Paulo, apesar de continuar firmado nas verdades anteriores, expressando-as ocasionalmente, agora (nesta epístola aos Colossenses), expõe uma visão mais alta de Cristo. Aqui Cristo não é apenas o Justificador; é também o Transformador celeste, que implanta nos seus remidos a sua própria natureza, reconduzindo os homens de volta a Deus, na posição de filhos, compartilhando eles de sua própria glória e herança, porquanto são filhos tal e qual ele é o Filho maior e mais glorioso, o governante cósmico de tudo, o Alfa e o Ômega de toda a existência. As epístolas aos Colossenses e aos Efésios são livros incomparáveis, pois neles Cristo é apresentado como alguém prodigiosamente elevado; e os crentes, ali, compartilham de tudo que Cristo é e possui, pois serão elevados muito acima dos mais altos anjos.

Esta epístola aos Colossenses é, essencialmente, uma *polêmica* contra certa forma de gnosticismo, da variedade judaica; pelo que é importante que compreendamos esse sistema falso. (Ver a introdução a esta epístola, em sua seção III e nas notas expositivas em Col. 2:18, sobre o tema *gnosticismo*). Portanto, esta epístola é considerada como parte da «literatura de heresia», isto é, literatura bíblica produzida para combater as heresias que surgiram na igreja cristã primitiva. Muito do que Paulo assevera, a fim de exaltar a pessoa de Cristo, visa contradizer as doutrinas falsas dos gnósticos; mas podemos agradecer a estes últimos por terem provocado Paulo a apresentar-nos a mais exaltada descrição de Cristo, o Senhor.

Termos como «conhecimento», «sabedoria», «mistério», «emanação», «aeon» e «divindade» foram os vocábulos principalmente usados, que tinham significação especial para os mestres gnósticos. Paulo emprega essas palavras de tal modo que refuta as idéias do gnosticismo. Por conseguinte, precisamos conhecer os elementos básicos dessa heresia, a fim de melhor compreendermos o documento que temos à frente.

«A linguagem desta epístola é ousada e energética, os sentimentos são grandiosos, e os seus conceitos são vigorosos e majestáticos». (Adam Clarke, *in loc.*)

«A cidade (de Colossos) ficava na Frigia, no vale do rio Lico, cerca de dezesseis a vinte quilômetros além de Laodiceia e Hierápolis. A região é vulcânica, e os terremotos, comuns em largas regiões da Ásia Menor, são ali peculiarmente severos. A fertilidade da região era... grande. As excelentes ovelhas e as qualidades químicas dos riachos, que faziam suas águas valiosas para propósitos de tinturaria, fomentavam um vívido comércio em artigos de lã tingida. Todas as três cidades da região eram famosas pelo brilho de seus pigmentos.

Colossos ficava na junção do rio Lico com dois outros riachos, em uma estrada entre a Ásia oriental e ocidental, dominando as cercanias de um passo às montanhas do Cadmo. Tanto Heródoto como Xenofonte se referem a ela como uma próspera e grande cidade; porém, nos dias de Paulo, sua glória já havia diminuído. Seu local, finalmente, perdeu-se inteiramente, não tendo sido identificado senão já no nosso século. Suas ruínas são insignificantes. Paulo nunca visitou qualquer dessas três cidades. A igreja de Colossos era a menos importante comunidade de qualquer daquelas para as quais Paulo escreveu» (Vincent, *in loc.*).

As três epístolas aos Efésios, a Filemon e aos Colossenses foram escritas mais ou menos na mesma época, sob as mesmas circunstâncias, no mesmo cárcere. Por tudo isso, formam uma pequena unidade, dentro da coletânea paulina.

«Este primeiro capítulo contém a substância principal da doutrina característica da epístola; à qual, entretanto, o apóstolo Paulo retorna no capítulo seguinte, reforçando-a com aplicações especiais às circunstâncias da comunidade cristã de Colossos, além de advertências especiais contra a forma peculiar de erro semijudaico, semignóstico. Isso deve ser confrontado, desde o começo, com o que se lê nos capítulos primeiro e segundo da epístola aos Efésios. Quando se faz tal comparação, descobre-se, por um lado, forte similaridade geral, em pensamento e em formas de expressão; e, por outro lado, há notória diferença quanto ao tema que recebe a proeminência maior. À primeira vista percebe-se que ambas essas epístolas tratam enfaticamente da pessoa de Cristo, o Cabeça, bem como da unidade de todos os remidos, formando um Corpo nele. Porém, uma consideração mais cuidadosa e pensada demonstrará que, nesta epístola, a ênfase principal recai sobre a posição de Cristo como cabeça; mas, na epístola aos Efésios, a ênfase recai sobre a unidade e a glória da igreja como seu corpo». (Barry, *in loc.*).

O leitor poderá observar que, na exposição que se segue, sobre a epístola aos Colossenses, quando são abordados problemas particularmente difíceis, o autor não hesita em abordar o terreno da teologia especulativa. Isso é justificado ante o próprio fato que nosso conhecimento, quanto a certas porções da realidade espiritual, é extremamente limitado, podendo ser aumentado por um espírito interpretativo mais ousado do que normalmente caracteriza aos intérpretes. Em tais casos, todavia, o autor representa apenas verdades «tentativas», e não dogmáticas. Algumas dessas idéias, naturalmente, são por nós expostas apenas como tentativas, como aquelas referentes à origem da alma, acerca do que não contamos com qualquer revelação direta. Sabemos que Deus é a origem da alma; mas quando isso ocorreu, e como, não sabemos, pois não há qualquer revelação clara a respeito. A especulação, entretanto, pode enriquecer certos aspectos da teologia.

I. Introdução Geral (1:1-14).

1. Saudação (1:1,2).

1 Παῦλος ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ διὰ θελήματος θεοῦ καὶ Τιμόθεος ὁ ἀδελφός

1 Παῦλος...θεοῦ 1 Cor 1:1; Eph 1:1

Inscriptio: πρ. Κολασσ- p⁴⁰AB*IK pm ε

1:1: Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo.

A despeito de sua brevidade, esta epístola aos Colossenses é um documento revolucionário, muito mais do que geralmente tem sido reconhecido pela igreja. A exposição abaixo, em vários lugares, salienta como esse documento ultrapassa em muito à teologia ordinária que se encontra na maioria de suas expressões das modernas denominações. A natureza exaltada do que é dito neste livro, sobre o Filho de Deus, se equipara ao que é dito, de forma extraordinária, sobre as verdades da filiação, que o Filho possui e do que compartilha com os remidos. Talvez estejamos despreparados para aceitar a imensidade do que é dito acerca de nossa própria filiação.

Todas as saudações paulinas são parecidas, e seria inútil repetir aqui as notas expositivas que há noutros lugares, sobre os mesmos particulares. Portanto, o leitor deve examinar as seguintes notas expositivas, que esclarecem vários elementos desta introdução:

1. Quanto às *similaridades* entre Colossenses e Efésios, e uma discussão sobre qual delas teria servido de base para a outra, ver a introdução ao primeiro versículo da epístola aos Efésios, bem como a discussão sobre a «autoridade» na seção I da introdução a ambas essas epístolas.

2. Quanto ao estilo do tratamento e da *saudação*, tão comum nas missivas antigas, o qual, pelo menos em parte, é duplicado nas epístolas

neotestamentárias, ver o primeiro parágrafo da introdução a Rom. 1:1.

3. Quanto a notas expositivas completas sobre *Paulo*, em seu passado formativo, vida e doutrinas, ver o artigo introdutório deste comentário, intitulado «Importância de Paulo».

4. Quanto às epístolas de Paulo, em sua *cronologia*, com detalhes breves acerca da coletânea paulina, ver a introdução à epístola aos Romanos, em sua segunda seção.

5. Quanto à explicação sobre o nome de *Paulo*, ver as notas expositivas sobre Rom. 1:1.

6. Quanto a Paulo como *escravo* de Cristo, ver Rom. 1:1. A questão inteira de nosso relacionamento com Cristo, como «escravos», é desenvolvida no citado ponto.

7. Quanto a um poema sobre Paulo como *ministro de Cristo*, ver Rom. 1:1.

8. Quanto a Paulo como *apóstolo*, além da discussão que há no artigo geral a seu respeito, ver Rom. 1:1.

9. Quanto ao fato que Paulo era apóstolo *pela vontade de Deus*, tendo sido «chamado» por Deus, ver Rom. 1:1; e não «pelos homens ou por mediação humana, mas por Jesus Cristo e Deus Pai», ver Gál. 1:1. Ver também Gál. 1:1-16 quanto a uma descrição sobre o chamamento celestial

de Paulo, como isso ocorreu mediante a vontade de Deus. Ver I Cor. 1:1; II Cor. 1:11; II Tim. 1:1 e Efê. 1:1 quanto ao paralelo exato com a expressão usada no presente versículo, «pela vontade de Deus».

10. Os trechos de Rom. 1:1; I e II Cor. 1:1 e Efê. 1:1 também chamam Paulo, enfaticamente, de *apóstolo de Jesus Cristo*. Quanto a notas expositivas sobre «Jesus», ver Mat. 1:1. Quanto ao termo «Cristo», ver Mat. 1:1. Quanto à identificação, os ensinamentos, a vida e o ministério de Jesus, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema.

Pontos de semelhança entre Colossenses e Efésios: Ver a lista de referências em Efê. 1:1.

Paulo dirige-se aqui a uma igreja local com a qual não tinha contacto direto. (Ver Col. 1:4 e 2:1). É provável que o evangelho tenha chegado a eles quando o apóstolo morava em Efeso (ver o décimo nono capítulo do livro de Atos); e isso, mui provavelmente, teve lugar mediante o serviço de Epafra, que era colossense (ver Col. 1:7; 4:12,13). Também foi ele quem informou a Paulo sobre as condições da comunidade cristã de Colossos, e evidentemente pediu sua ajuda para corrigir o erro doutrinário que ali surgira (ver Col. 1:7 e 4:12). Já que Paulo não conhecia pessoalmente aos membros dessa comunidade, ao iniciar esta epístola, lembra-os de sua autoridade na igreja, porque era apóstolo de Cristo pela vontade de Deus. (Quanto a notas expositivas sobre o «apostolado», ver Mat. 10:1. Quanto a uma lista dos «apóstolos», com notas sobre o que se sabe a respeito deles, ver Luc. 6:12. Quanto ao uso mais amplo desse termo, incluindo líderes importantes das igrejas que não faziam parte dos «doze» originais, ver Atos 14:4. Quanto a Cristo como «o Apóstolo», ver Heb. 3:1). Dessa maneira, pois, Paulo passa a exortar a seus leitores como representante de Cristo, como seu apóstolo, dotado de sua autoridade. (Ver II Cor. 5:20 quanto a uma exortação acerca da «autoridade do apostolado»)

Os Apóstolos. Referências e idéias. 1. Cristo é preeminentemente chamado de «o Apóstolo» (ver Heb. 3:1). 2. Os apóstolos foram nomeados por Cristo (ver Marc. 3:14 e João 15:16). 3. Receberam seu título da parte de Cristo (ver Luc. 6:13). 4. Foram chamados por Deus (ver I Cor. 1:1; 12:28 e Gál. 1:1,15,16). 5. Foram chamados por Cristo (ver Mat. 10:1; Marc. 3:13; Atos 20:24 e Rom. 1:5). 6. Foram chamados pelo Espírito Santo (ver Atos 13:2,4). 7. Eram homens sem grande erudição (ver Atos 4:13). 8. Foram selecionados de posições sociais obscuras (ver Mat. 4:18). 9. Foram enviados, primeiramente, à casa de Israel (ver Mat. 10:5,6; Luc. 24:47 e Atos 13:46). 10. Foram enviados a pregar o evangelho a todas as nações (ver Mat. 28:19,20; Marc. 16:15 e II Tim. 1:11).

«...pela vontade de Deus...» Essas palavras foram escritas por Paulo a fim de impressionar seus leitores com o fato que não falava por si mesmo, e nem procurava exaltar à sua própria causa. Antes, a causa é de Deus e do seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Ver Atos 26:19; II Cor. 5:14; I Cor. 9:1; Atos 22:14 e Gál. 1:11 e ss., quanto a passagens que salientam que Deus estava

pôr detrás do chamamento de Paulo. Tratava-se de algo divino, e não de mera realização humana; e ele, na qualidade de homem de Deus, deveria ser ouvido.

«Alexander Whyte, ao pregar quando da consagração de um jovem ministro, extraiu um quadro verbal do propósito divino, ao modelar o universo do caos pristino, ao amoldar a terra, ao criar o homem, ao pôr em execução sua vontade soberana através dos longos séculos da história humana, ao enviar a Cristo, ao fundar à igreja, ao trazer à existência aquela congregação particular de crentes, ao guiar no desenvolvimento da mesma, ao prepará-la para um homem que a guiasse a um maior cumprimento da vontade divina, ao mesmo tempo que preparava e fazia amadurecer o homem que deveria ser o seu líder. Então, apontando para o ministro que fora «chamado», Whyte declarou dramaticamente: E agora, pontualmente, ele está aqui! Os chamados nem sempre atingem esse tom magnífico de conformidade com a vontade divina. A escolha de qualquer vocação cristã pode ficar muito aquém da mesma, ou falhar inteiramente. Mas a possibilidade sempre se faz presente. O sentido de missão está franqueado a cada crente». (Beare, *in loc.*)

*Tudo é como se eu tivesse graça para usá-lo assim,
Sempre sob o olhar vigilante do meu grande Senhor.*

(Milton)

«Essa foi a grande comissão de Paulo como apóstolo». (MacLeod, *in loc.*)

«...Timóteo...» (Quanto a notas expositivas completas sobre ele, ver Atos 16:1). Timóteo era jovem companheiro de Paulo. Seu pai era grego e sua mãe judia; e sua família era de Listra, na Ásia Menor. Parece que converteu-se durante a primeira viagem missionária de Paulo (ver Atos 14:5 e ss.). Ele é chamado de «irmão», isto é, colega cristão, alguém pertencente à família divina, pertencente à fraternidade da igreja. Timóteo também é incluído nas saudações das epístolas aos Tessalonicenses, da segunda epístola aos Coríntios, de Filipenses e de Filemom. Ele passava grande parte de seu tempo em companhia de Paulo, servindo-lhe de consolo, tendo sido usado em várias missões, a mando de Paulo. Esteve ao lado do apóstolo quando de sua primeira jornada pela Frígia, onde ficava a cidade de Colossos. Porém, não sabemos se Timóteo visitou essa última; mas sabemos que Paulo ali nunca estivera. Caso Timóteo tenha estado ali, mui provavelmente é por esse motivo que ele é mencionado aqui. Pelo menos ele e Paulo tinham conhecido indivíduos colossenses, como Epafra, Filemom, Arquipo e Áfia (ver o segundo versículo de Filemom). E também parece que foi Timóteo o instrumento pelo qual foi iniciada a igreja naquele lugar; pelo que contaria ali com amigos, sendo bem-conhecido na congregação local, ainda que talvez os dois—Paulo e Timóteo—nunca tivessem feito ali qualquer visita.

2 τοῖς ἐν Κολοσσαῖς ἁγίοις καὶ πιστοῖς ἀδελφοῖς ἐν Χριστῷ· χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν¹

¹ 2 {B} ἡμῶν B D K Ψ 33 81 181 330 451 1739 1881 1984 1985 [366] it^{er} d, div. e. mon. x, 211E vg^{ms} syr^h cop^{sa} arm eth^{ro} Origen^{lat} Chrysostom Theodoret^{lat} // ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ N A C G I 88 104 326 436 614 629 630 (1241 2492 ὑμῶν) 1962 2127 2495 Byz Lect it^o t, e vg^{cl} cop^{bo} eth^{pp} Ambrosiaster

2 Κολοσσαῖς] Κολοσσ- ΙΚΡ 69 1739 pm ε |

Theodoret John-Damascus // ἡμῶν καὶ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ 1877 // ἡμῶν καὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν P (it^{dem} Χριστοῦ Ἰησοῦ) syr^h with *

Após ἡμῶν o T.R. adiciona *καὶ κυρίου Ἰησοῦ* juntamente com N A C G I 88 614 ByLal; a mesma adição também se acha em outros testemunhos, com um segundo ἡμῶν adicionado a κυρίου, antes ou depois de Ἰησοῦ Χριστοῦ. As palavras, ausentes em certa variedade de manuscritos, alguns deles antigos (B D K Ψ 33 81 1739 it (d, 61, 86) vg sir (p, h) cop (sa) ara etí (ro)), sem dúvida foram adicionadas por copistas que assimilaram o texto ao uso paulino; certamente nenhuma razão pode ser sugerida para explicar a omissão deliberada.

1:2 aos santos e fiéis irmãos em Cristo que estão em Colossos: Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai.

«...Aos santos...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse termo, que indica todos os crentes, em sua história e em seu uso, ver Rom. 1:7. Ver Efê. 1:1, onde há notas expositivas adicionais interessantes). Esse tratamento salienta a «santa» chamada que convoca todos os crentes; pois a participação na própria santidade de Deus Pai é o alvo moral que eventualmente será atingido por todos os remidos (ver Mat. 5:48 e Rom. 3:21), já que nenhuma outra espécie de santidade é aceitável nos lugares celestiais. Essa santidade é dada através da atividade do Espírito Santo (Ver Gál. 5:22,23); e indica a participação nas virtudes da natureza moral de Deus, como o amor, a justiça, a bondade, e não consiste meramente da ausência de pecados graves. Consiste de «ser» algo, e não meramente de «não ser» certa coisa. Sem a santidade, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14).

*O Senhor não se esquece de seus santos.
São eles preservados para sempre.*

Que segurança temos aqui! Preservados para sempre.

Então, ele nunca me deixará? alguém pergunta.

E eis a resposta à sua pergunta:

‘O Senhor não se esquece de seus santos’.

Por que os santos foram santos? Mostraram sua santidade pelo que praticaram.

Por que se mostraram animados, quando isso era difícil?

Pacientes, quando era difícil sê-lo?

Por que prosseguiram, quando preferiam

estacar, não temendo sacrifício e nem labuta?

E por que se calaram, quando desejavam falar?

E foram agradáveis, quando queriam ser desagradáveis?

*Apegaram-se às suas convicções,
quando outros os abandonaram
Respeitaram a santidade e a pureza,
quando outros, devido a alguma vantagem temporal
ou ao prazer, tornaram-se instrumentos do diabo.*

*Vilipendiados, e com a reputação destruída,
tendo seus motivos ridicularizados e sua obra degradada,
refugiaram-se em Cristo, o único verdadeiro Juiz.
Quando outros encontravam sua santificação no mundo,
no próprio ‘eu’ e nas vantagens terrenas e carnaís,
eles preferiam ser escravos de Cristo.
Os quais foram santos porque Cristo é santo,
tendo entregue a ele as suas almas.*

Tu e eu, crentes que somos, fomos «chamados para ser santos» (ver Rom. 1:7).

Pode-se observar, por todo este comentário, que certas notas são melhor desenvolvidas em outros lugares, onde há melhor exposição sobre o tema em discussão. Essas notas expositivas devem ser lidas, pois representam o desenvolvimento mais cuidadoso e completo desses temas. As epístolas aos Colossenses e aos Efésios, por exemplo, têm muitos paralelos, e muitos temas da presente epístola já foram bem comentadas em Efésios. Além disso, muitos temas paulinos já foram desenvolvidos nas notas expositivas sobre as epístolas aos Romanos, I e II aos Coríntios, Gálatas e Filipenses, pelo que tais assuntos não serão desenvolvidos longamente nesta epístola. Essas notas expositivas paralelas devem ser lidas, pois os estudos breves, quando os temas são reiterados, são muito inferiores aos que se acham nos lugares indicados. Acerca dos «santos», por exemplo, a nota expositiva mais completa se encontra em Rom. 1:7, onde são descritos os usos e a história do termo.

Referências e idéias: O caráter dos santos:

1. São atentos à voz de Cristo (ver João 10:3,4). 2. São inocentes e inofensivos (ver Fil. 2:15). 3. São ousados (ver Pro. 28:1 e Rom. 13:3). 4.

Mostram-se contritos (ver Isa. 57:15 e 66:2). 5. São devotos (ver Atos 8:2 e 22:12). 6. São fiéis (ver Apo. 17:14). 7. Temem a Deus (ver Mat. 3:16 e Atos 10:2). 8. Seguem a Cristo (ver João 10:4,27). 9. São piedosos (ver Sal. 4:3 e II Ped. 2:9). 10. Não têm dolo (ver João 1:47). 11. São santos (ver Deut. 7:6; 14:2 e Col. 3:12).

«...fiéis irmãos...» Dois pontos devem ser considerados: 1. Os «fiéis» são os leais do ministério do evangelho, que obedecem a seus preceitos, que servem de exemplo a outros, sobre o que Cristo pode fazer em uma vida. 2. Ou então «irmãos crentes» pode ser a idéia aqui focalizada, pois o termo grego pode ter tal significado neste ponto. Provavelmente, Paulo queria que entendêssemos ambas as idéias. O adjetivo «pistos» pode significar «crente» ou «digno de confiança»; combina os conceitos de «os que têm fé» e «os que são fiéis ao Senhor», em quem depositaram sua confiança. A palavra «irmãos» nunca é usada de maneira descuidada. Aqueles que se dedicam a Deus e se mostram fiéis em sua lealdade, são membros de uma só família, vinculados uns aos outros pelos fortes laços da fraternidade, em virtude da sua comum relação a Deus como Pai». (Beare, *in loc.*). Unidos à família divina, tornam-se estrangeiros neste mundo.

*Não há desencorajamento
Que o faça desistir
Do seu primeiro intuito firme
De ser um peregrino.*
(João Bunyan, o Peregrino).

«...irmãos...» Os crentes são retratados como membros da família divina, dotados da natureza divina (ver II Ped. 1:4), a mesma do Irmão mais velho (ver Rom. 8:29), herdeiros da mesma herança que ele tem (ver Rom. 8:17) e participantes da plenitude de Deus Pai (ver Efê. 3:19); e isso significa que possuem a plenitude de Cristo (ver Efê. 1:23). Como tal, possuem uma comum fraternidade humana, em que nenhuma raça, sexo ou distinção social têm qualquer importância (ver Gál. 3:28).

«...em Cristo...» (Essa expressão é comentada nas notas expositivas sobre I Cor. 1:4). Essa expressão é usada por cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas paulinas, a qual subentende não mera identificação com Cristo, embora isso também seja verdade, mas também envolve união e comunhão com ele, a comunhão mística através do poder do Espírito Santo, o qual une a todos e identifica a todos os remidos com a morte e a vida ressurrecta de Cristo. Muito mais é indicado, pois, do que o fato que eles pertencem à comunidade cristã visível. Fala-se aqui do «misticismo cristão», de um real contacto com o ser divino, através do Espírito Santo.

Referências e idéias: 1. Permanência em Cristo (ver João 15:4,5). 2. Participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4). 3. Acesso a Deus por meio de Cristo (ver Efê. 3:12). 4. Participação da família de Deus (ver Efê. 2:19). 5. Membros da igreja dos primogênitos (ver Heb. 12:23). 6. Cristo é o pastor deles (ver Isa. 40:11 com João 10:14,16). 7. Cristo é seu intercessor (ver Rom. 8:34; Heb. 7:25 e I João 2:1). 8. As promessas de Deus (ver II Cor. 7:1 e II Ped. 1:4). 9. Possessão de todas as coisas (ver I Cor. 3:21,22). 10. Tudo coopera juntamente para o seu bem (ver Rom. 8:22 e II Cor. 4:15-17). 11. Seus nomes estão escritos no livro da vida (ver Apo. 13:8 e 20:15).

I. Introdução Geral (Col. 1:1-14).

2. Ação de graças pela fé e amor dos irmãos, e pelo fruto produzido entre eles pela pregação do evangelho (1:3-8).

3 Εὐχαριστοῦμεν τῷ θεῷ πατρὶ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ πάντοτε· περὶ ὑμῶν προσευχόμενοι,

3 {D} θεῷ πατρὶ B C* 1739 Augustine // θεῷ τῷ πατρὶ D* G Chrysostom // θεῷ (or θεῷ τῷ) πατρὶ it^{a,d,g,m} syr^{p,h} cop^{a,b} eth Pelagius Theodore^{lat} Augustine Cassiodorus¹² // θεῷ καὶ πατρὶ N A C* D^o I K P Ψ

33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630. 1877 1881 1962 1984 2127 2492
2495 Byz Lect it^a dem. div. e. f. x. z vg arm Ambrosiaster Euthalius Theodoret
Cassiodorus¹² John-Damascus

“ 3 a none, a none: WH Bov Nes BF² // a none, a minor: RSV (NEB) TT (Zür) Luth Jer // a minor, a none: TR AV RV ASV (Seg)

3 Eph 1:16; 1 Th 1:2

[Χριστῶν] om B 1739

A forma adotada como texto, embora escassamente apoiada (B C* 1739 Agostinho), parece explicar melhor a origem das demais. A fim de evitar a muito incomum colocação das palavras, alguns copistas inseriram τῷ (D* G 2005 Crisóstomo) e outros inseriram καὶ (N A C (2) D (c) I K P Ψ 33 81 614 Byz Lect). (Ver também os comentários sobre o vs. 12 e 3:17).

1:3. Graças damos a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós,

(No tocante à intensa vida de oração de Paulo, em favor dos crentes, comparar com Fil. 1:4,9 e Efê. 1:16). Notemos que nessa última passagem a expressão é virtualmente igual à do presente texto, ele *ouvira* falar da fé deles (segundo se vê em Col. 1:4) e «*agradece*» pelo que o evangelho fizera entre eles. O sentimento é o mesmo, exceto que aqui a menção da «ação de graças» aparece em primeiro lugar, e então é mencionada a questão de ter ele ouvido da fé deles. Notemos, por semelhante modo, que estão envolvidos tanto a fé como o amor. Trata-se da «fé em Cristo» e do «amor para com os irmãos». (Notas expositivas completas são oferecidas no trecho paralelo de Efê. 1:15,16. Nesse ponto, na epístola aos Efésios, segue-se a grandiosa oração de Paulo em favor da igreja, a primeira de duas orações semelhantes, pois a outra figura em Efê. 3:14 e ss. Neste ponto, o «conteúdo» da oração aparece em Col. 1:4-6 e 9:14). Consideremos a respeito disso, os pontos seguintes:

1. É feita uma oração geral, sem a menção de particularidades, sem dúvida a fim de incluir coisas não especificadas (ver o terceiro versículo).

2. Ação de graças à fé dos leitores em Cristo, porque os mesmos tinham entregue suas almas ao Senhor (ver o quarto versículo), bem como pelo amor que expressavam para com terceiros. Quanto a esses dois particulares ele *agradece* a Deus, porquanto tais eram frutos do ministério do evangelho, pôsto que não devido a seus esforços pessoais.

3. Paulo agradece pela esperança reservada nos céus em favor dos crentes, e devido ao grande destino que eles têm em Cristo (ver o quinto versículo).

*Em Cristo não há oriente ou ocidente,
Nele não há sul e nem norte,
Mas apenas uma grande comunhão de amor,
Por toda a vasta terra.*
(John Oxenham)

«...Colossos...» (Quanto a notas expositivas sobre essa cidade, ver a introdução a esta epístola, em seus comentários gerais, antes da secção I, sobre a «*autoria*»). Algumas poucas notas expositivas adicionais são dadas nas notas anteriores ao primeiro versículo).

«...Graça e paz a vós outros...» (Quanto a essa saudação, comum em todas as epístolas paulinas, reiterada no fim de quase todas elas, ver Rom. 1:7; I Cor. 1:4 e Efê. 1:2 quanto a notas expositivas). Notemos que, em todas elas, Deus é pintado como Pai. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «*paternidade de Deus*», ver Rom. 8:15 e João 8:42). Esse tema é intensamente frísado na epístola paralela aos Efésios, onde se vê que, por causa desse relacionamento, todas as bênçãos espirituais nos são conferidas (ver Col. 1:3). De fato, Deus é Pai de todos os seres inteligentes (ver Efê. 3:15), e a restauração geral de todas as coisas, em torno de Cristo, tendo Cristo como unificador e restaurador, alicerça-se sobre essa verdade (ver Efê. 1:10). Essa expressão fala sobre amor, interesse, liberdade e também abundância, que ele usa para com os homens, já que chegaram à relação filial com ele. Eles são seus filhos, destinados a serem ressuscitados para que habitem em seu mundo celestial, expressando sua própria natureza por toda a eternidade (ver Efê. 3:19), recebendo de sua «*plenitude*» (ver Col. 2:10) e «*natureza*» (ver II Ped. 1:4).

Variante Textual: As palavras «e o Senhor Jesus Cristo», é adição que figura nos mss Aleph, ACFGIP, Vg(S,cl), seguidos pelas traduções AC, F, KJ e BR (assinalada como duvidosa). Todas as outras traduções, usadas para efeito de comparação, neste comentário (dentre um total de catorze), omitem essas palavras, seguindo os mais antigos manuscritos, como BDEKL, Vg(w), o Si e os escritos de Orígenes, pai da igreja. A omissão representa o texto original. A adição era uma glosa escribal para que a saudação se conformasse mais de perto com as outras epístolas paulinas, onde essas palavras são autênticas. (Ver Rom. 1:7; I Cor. 1:3 e II Cor. 1:3 quanto a notas expositivas acerca dessas palavras). Elas podem significar que «*graça e paz*» vêm da parte dele, ou como quem tem Deus como seu Pai, ou simplesmente como «*também*» da parte dele, e igualmente da parte do Pai, sem esse sentido. Mais provavelmente está em foco esta última possibilidade. Entretanto, em Efê. 1:3 e João 20:17, Jesus é pintado como quem tem Deus como Pai, juntamente com todos os remidos. Através de sua encarnação, essa é a relação que o crente tem para com Deus; e a mesma paternidade deve ser considerada como existente entre outros homens, os quais chegam a compartilhar de sua natureza; mas ele é, igualmente, o Filho por «*geração eterna*», isto é, por uma eterna relação de Pai para com o Filho, sem que isso envolva qualquer «*começo*», ainda que esta última idéia sempre envolva o termo «*geração*», quando se refere a nós. Essa idéia é desenvolvida nas notas expositivas sobre Efê. 1:3. O décimo sétimo capítulo do evangelho de João mostra que a relação entre Pai e Filho, dentro da deidade, é algo eterno. Com razão associamos a «*Palavra eterna*» ao «*Filho*». Os dois termos expressam diferentes modos de considerar-se a mesma pessoa divina. (Quanto a informações sobre os antigos manuscritos do N.T., e como devem ser escolhidos os textos corretos, quando surgem variantes, ver o artigo que aborda essa questão, na introdução ao comentário.)

4. Os versículos nono a décimo quarto são praticamente paralelos à grande oração da epístola aos Efésios. E se esta última foi escrita por algum discípulo de Paulo, e não pelo próprio Paulo, então a oração ali encontrada foi edificada em redor das idéias que aqui se acham, embora de forma mais elaborada, pois contém algumas idéias profundas, que a secção presente não deixa transparecer. (Ver também as notas expositivas em Rom. 1:9 acerca da «*vida de oração de Paulo em favor de outros*»). (Ver Efê. 6:18 quanto à «*necessidade da oração mútua*»). A nota geral sobre a «*oração*» figura nessa mesma referência. A passagem de Fil. 1:4 também encerra notas expositivas sobre a «*necessidade de oração mútua*»).

«...a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa expressão, ver Rom. 15:6 e Efê. 1:3). O original grego, em seus melhores manuscritos, difere levemente do que aqui se lê, como também em Col. 3:17. Os mss BCD(1), o Si, o Cop, o Efi e os escritos de Ambrosiastro e Agostinho (entre os pais da igreja) omitem a palavra «e», pelo que dizem «Deus, (o) Pai», ao invés de «Deus e Pai». Os manuscritos que trazem a cópula, «e», são os mss AC(2)D(3)KLP, Aleph e a maioria dos manuscritos posteriores, além de algumas versões. A inserção do vocábulo «e», sem dúvida alguma, é uma glosa, para que a expressão se conformasse ao que se lê em Rom. 15:6; II Cor. 1:3; 11:31; Efê. 1:3; I Ped. 1:3 e Apo. 1:6. Todavia, nenhuma diferença de significado é assim criada.

«...Senhor Jesus Cristo...» (Quanto a notas expositivas sobre esse título completo de Jesus, incluindo comentários sobre seu título de «*Senhor*» e sobre o seu «*senhorio*», ver Rom. 1:7).

«...sempre...» Uma oração constante, uma ação de graças incessante.

Essa idéia pode ser comparada com I Tes. 5:17, que fala em «orar sem cessar». Paulo descreve sua oração na epístola aos Efésios, como o tipo que «não cessa» (ver Efé. 1:16). O trecho de Fil. 1:3,4 fala de sua oração incessante, e o quarto versículo usa a palavra «sempre», tal como neste texto. Tal tipo de oração era um impulso espontâneo da parte de Paulo, e não algo forçado e calculado. Derivava-se de seu anelo por ver todos participarem plenamente das bênçãos celestes que nos pertencem em Cristo (ver Efé. 1:3). O mesmo tipo de espírito intenso caracterizava Dwight L. Moody, o famoso evangelista. Diz-se acerca dele que ele não podia ficar sentado por vinte minutos, na cadeira de um barbeiro, sem falar de seu interesse por sua alma perdida, e que chegara a compreender o que significa ser alguém um filho de Deus. A palavra «sempre», que figura neste versículo, pode ser compreendida em vinculação com o «dar graças» ou com o «orar»; mas, visto que a ação de graças é efetuada mediante uma oração, conforme nos mostra o contexto desta passagem, não há, realmente, grande diferença em seu significado. Ele sempre orava e agradecia, como parte de suas orações.

O ato de *agradecer* em favor das igrejas se encontra em todas as epístolas

4 ἀκούσαντες τὴν πίστιν ὑμῶν ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ καὶ τὴν ἀγάπην ἣν ἔχετε εἰς πάντας τοὺς ἁγίους

4 Eph 1.15

4 Χριστῶ] Κυρίω NA bo | ἣν ἔχετε] (Eph. 1. 15) τὴν KL 1739 al sy^p ε: om B

1:4: desde que ouvimos falar da vossa fé em Cristo Jesus, e do amor que tendes a todos os santos,

Este versículo é virtualmente igual ao de Efé. 1:15, cujas notas expositivas devem ser consultadas.

«...desde que ouvimos...» O participio (aoristo) pode ser reputado «temporal»—«desde que ouvimos» (como nesta versão portuguesa); ou então como «causal»—«porque temos ouvido», o que é escolhido por alguns tradutores, embora outros estudiosos prefiram a outra alternativa. Seja como for, parece bem certo que isso mostra que o próprio Paulo não conhecera pessoalmente essa igreja, e que a mesma não resultara diretamente de seu trabalho, embora, provavelmente, o tenha sido, mediante o trabalho indireto de Epafra, ique pode ter sido um dos convertidos de Paulo em Éfeso ou em alguma localidade próxima. O trecho de Col. 2:1 indica a mesma coisa. Epafra fora o informante de Paulo sobre as condições da igreja em Colossos, segundo se sabe em Col. 1:8. O uso do plural, «nós», que figura no terceiro versículo, e agora no participio plural, pode ser o «nós editorial», em que um autor se utiliza do plural, embora aluda somente a si mesmo (uma prática comum até hoje), ou então Paulo incluía a Timóteo, que provavelmente agiu como seu amanuense.

A expressão *em Cristo* é de uso freqüente nos escritos do apóstolo dos gentios, tendo paralelos como «em Deus» e «no Espírito», «fé em Cristo», etc. A expressão mística «em Cristo» é amplamente comentada em I Cor. 1:4. Tais usos são comuns nos escritos de Paulo, mas não nos evangelhos sinópticos e nas epístolas de Tiago, II Pedro, Judas ou Hebreus. A preposição «em», nesses casos, parece ter, definitivamente, a idéia de incorporação espiritual ou comunhão mística, em contraste com as idéias transmitidas através de preposições como *entre*, *com*, *por*, que denotam a presença física, ou então, metaforicamente, que Cristo e sua doutrina são a «atmosfera» em que alguém crê, adora ou serve. A preposição «em», quando usada com formas do verbo «crer», pode adquirir a idéia do «objeto da fé», como «crer em Cristo», que é o objeto dessa fé; ou então o verbo pode ser usado em sentido absoluto; e, nesse caso, o «em» indica a «esfera» da fé. A fé é exercida no estado da comunhão mística com Cristo.

Temos aqui alusão à «fé evangélica», o exercício da fé, a fé subjetiva, e não a objetiva (um corpo de doutrinas, por exemplo). Consiste ela da «outorga da própria alma aos cuidados de Cristo», quanto ao elevado destino que ele proporciona aos remidos. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas detalhadas sobre a «fé», onde também há poemas ilustrativos).

A Fé pode ser: 1. Subjetiva, isto é, a confiança pessoal em Cristo, através da qual a alma é entregue a ele; é uma transação de alma com Deus, em que o ser essencial diz «Quero ser como Cristo», dedicando-se a essa inquirição.

5 διὰ τὴν ἐλπίδα τὴν ἀποκειμένην ὑμῖν ἐν τοῖς οὐρανοῖς, ἣν προηκούσατε ἐν τῷ λόγῳ τῆς ἀληθείας^b τοῦ εὐαγγελίου^b

^{b b} 5 b none, b none: TR WH Bov Nes BF² NEB TT // b minor, b minor: Zür Jer Seg // b none, b minor: AV RV ASV Luth // b minor,

b none: RSV

5 τὴν ἐλπίδα ...οὐρανοῖς 1 Pe 1.4 τῷ...εὐαγγελίου Eph 1.13

1:5: por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho,

«...esperança...» Esse termo pode ter um significado ativo, o princípio da esperança, o seu exercício. Somos «salvos» por tal esperança (ver Rom. 8:24,25, onde essa «esperança» é comentada). Nossa esperança pode ser «objetiva», isto é, aquilo pelo que esperamos; e, no sentido cristão, isso aponta para a vida eterna, para a salvação, para tudo quanto está incluído nessas expressões. (Ver João 3:15 e as notas expositivas sobre a «vida eterna»; e ver Heb. 2:3 acerca da «salvação»). Essa esperança é a «bênção espiritual prometida» em tudo quanto significa estar «em Cristo»—a participação em sua natureza moral e metafísica. (Ver Rom. 8:29 acerca disso). Também está incluído o ser cheio de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), o ser a plenitude de Cristo (ver Efé. 1:3), a participação na «natureza divina» (ver II Ped. 1:4), e o recebimento das «bênçãos celestes» em geral (ver Efé. 1-3).

«...preservada...» No grego é «apokeimai», que significa «entesourar», «reservar». Isso pode ser comparado ao talento que foi «escondido» em um lenço, na ilustração evangélica (ver Luc. 19:20), onde é usada a mesma palavra aqui empregada. As grandes bênçãos dos lugares celestiais são aqui pintados como preservadas como se fossem um imenso tesouro, que algum dia possuiremos. O valor desse tesouro é inestimavelmente precioso e elevado, e está seguro para sempre.

O tesouro é de Deus, sendo-nos doado como um presente, através de

paulinas, exceto nas epístolas aos Gálatas e II aos Coríntios, pelo que, como é óbvio, isso fazia papel importante em todo o exercício de oração da parte de Paulo.

«Essas expressões não são meros cumprimentos ou palavras, naturalmente. Menos ainda são lisonjas, usadas para finalidades pessoais. Seu fim é ser expressão de afeto, que se deleita em ver trechos brancos nos caracteres mais negros, expressando a sabedoria que sabe que o remédio de gosto ruim da acusação é tomado com maior facilidade se for envolvido na cápsula do louvor honesto...expressando louvor onde for possível, com mão liberal. Isso é alimento nutritivo para muitas virtudes, bem como poderoso antídoto para muitos vícios...Esse louvor é moldado na forma de ação de graças a Deus, como verdadeira fonte que ele é de tudo quanto é bom para os homens. Como tudo quanto poderia ser prejudicial, dentro do louvor direto, é retirado, quando se torna expressão da gratidão a Deus!» (Maclaren, *in loc.*).

Ver a nota geral sobre este assunto em Efé. 6:18.

★★★

O Espírito Santo, em face disso, começa o processo de transformação que nos infunde a natureza de Cristo (ver II Cor. 3:18). 2. A fé também pode ser *objetiva* (aquilo em que se acredita), isto é, o «credo», o «cristianismo». Esse uso é limitado às epístolas pastorais, o que é comentado em I Tim. 1:2. 3. A fé também é uma *virtude* espiritual, que resulta da fé subjetiva na vida diária. (Ver as notas expositivas acerca desse conceito em Gál. 5:22).

«...em Cristo Jesus...», isto é, «na esfera da comunhão com Cristo», o exercício da fé; mas também deve ter a Cristo como «objeto», o que é necessário para que a fé evangélica tenha qualquer virtude. (Ver Rom. 3:24,28 quanto à «justificação pela fé». Vivemos «de fé em fé» (ver Rom. 1:17), desde a conversão inicial; mas também em toda a experiência cristã, pois tudo envolve, de uma maneira ou de outra a outorga de alma a ele. A fé é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo» (ver Gál. 5:22), e não um produto humano, embora requeira o acolhimento por parte da vontade humana. Cristo, em seu Espírito Santo, desperta e sustenta a fé; e, na esfera da comunhão com ele, a fé é continuamente nutrida, e aumentada. Alguns crentes possuem o «dom da fé» (ver al Cor. 12:9), a fim de que possam realizar missões particulares, que requeiram grande grau de confiança em Cristo, de outorga de alma a seus cuidados. Essas pessoas são gigantes na fé; e, por causa disso, são também gigantes espirituais.

«...amor... para com todos os santos...» (Quanto ao amor como princípio normativo da família de Deus, ver as notas expositivas em João 14:21 e 15:10. Ver acerca do «amor de Deus», que é a fonte originária de todo o amor humano, em João 3:16; e ver o amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo», em Gál. 5:22). Essa é uma virtude obtida e aperfeiçoada através da comunhão no Espírito, um produto do desenvolvimento espiritual. As notas expositivas mencionadas acima apresentam poemas ilustrativos; e o paralelo de Efé. 1:15 apresenta o desenvolvimento mais amplo das idéias deste versículo. Notemos que o versículo seguinte acrescenta a «esperança»; portanto, temos aqui a grande triada espiritual: a fé, o amor e a esperança.

Algumas vezes a fé aparece como algo «dirigido a Cristo», como algo que tem a ele como objeto; ou então como baseado «sobre Cristo», o que significa que é sobre ele que nossa fé repousa. Mas aqui temos «em Cristo», o que enfatiza que é na «esfera» da comunhão com ele que a fé é alimentada. Nessa esfera, a fé aprende a desenvolver-se e tomar asas, elevando-se a desenvolvimentos e bens espirituais cada vez maiores. Nessa esfera é que se torna real e vital a outorga da alma, o impulso mesmo da vida. A fé é a fonte de todas as virtudes cristãs, e é progenitora do amor. Paulo agradeceu a Deus quando percebeu esse poder na vida dos crentes de Colossos, juntamente com todas as virtudes pelo mesmo produzidas.

Cristo, e não é produto do esforço humano, porquanto trata-se de algo elevado demais para ser obtido e conseguido pelo homem. Não pode ser obtido pelo espírito resoluto e pelas obras dos homens. Está encerrado em Deus, sendo conferido àqueles que triunfaram em Cristo, os quais chegam a participar de sua herança (ver Rom. 8:17), quando, em triunfo, os reinos deste e de outros mundos se tornarem reinos de nosso Senhor e do seu Cristo, o qual reinará para todo o sempre. (Ver Apo. 11:15 e Efé. 1:19 e ss.). Esse tesouro é tão grande que o indivíduo venderá tudo quanto tem a fim de obtê-lo (ver Mat. 13:44-46), tal como um homem fará quando quer ter dinheiro suficiente para comprar um campo onde, segundo ele sabe, acha-se escondido um vastíssimo tesouro, ou como quando um comerciante de pérolas sacrificará tudo quanto possui a fim de adquirir uma pérola inigualável e de inestimável preço.

«O evangelho não é para uma única era, mas para todo o tempo: contudo, é precisamente para esta era, a hora histórica em que vivemos, e não outra—que fomos comissionados por Deus, a fim de o anunciarmos. É contra o pano de fundo da situação contemporânea que temos de reinterpretar o evangelho, que de uma vez por todas foi entregue aos santos; é dentro do arcabouço das esperanças e dos temores presentes que temos de mostrar a tremenda relevância de Jesus». (Diário de Katherine Mansfield).

Essa imensa esperança pode ser contrastada com aquela atitude de desânimo de um ateu como Bertrand Russell, que viveu, quando muito, em um «desespero confiante», de tal modo que foi compelido a «sustentar

sozinho, um cansado mas teimoso Atlas, ao mundo que suas próprias idéias tinham moldado...» (*A Free Man's Worship*, T.B. Mosher, pág. 28).

Essa esperança também pode ser contrastada com o eloquente desespero das palavras do antiquíssimo poema:

As estrelas vão desaparecendo, e a caravana

Parte para a aurora do nada

(Omar Khayyam xxviii).

Pelo contrário, para Paulo, a vida era uma marcha triunfante, em que, a cada dia, ele armava sua tenda um pouco mais perto do lar, a esfera da inigualável esperança aqui mencionada.

«...da qual antes ouvistes...» As palavras «da qual» apontam para a «esperança». Sobre ela ouviram, assim que lhes chegou ao conhecimento a mensagem cristã. «Antes» indica «antes que ouvistes a mensagem de minha parte», e não «antes que esta epístola fosse escrita» e nem «antes do cumprimento de sua esperança», e nem mesmo «antes da entrada do erro». Naturalmente, fica implícita uma advertência contra o erro que desde então surgira. A palavra «verdade» refere-se ao que é digno de confiança e de veraz, a mensagem divina acerca de Cristo, que é definida como o «evangelho». Essa é a «verdade», em contraste com a mensagem legalista-mística-ascética dos mestres gnósticos, na qual a posição de Cristo era reduzida ao lugar de um mero «aeon» ou poder angelical. Paulo queria demonstrar a proeminência de Cristo; e isso salientaria a «verdade» sobre a qual ele fala aqui. A verdade foi transmitida mediante uma «palavra» específica, uma mensagem falada, que é o evangelho. Isso pode ser comparado com «a palavra de Cristo» (ver Rom. 10:17), onde é demonstrado que a «fé» vem por essa palavra, porque nela os homens chegam a perceber quanto necessário é outorgar a alma ao Senhor Jesus. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «evangelho», ver Mat. 1:1 e Rom. 1:16, onde tanto a palavra como seus significados são comentados. Ver João 14:6 e as notas expositivas ali existentes, quanto a Cristo como «personificação da verdade». Notemos também, no trecho de Efê. 1:13, que a «palavra da verdade» é o «evangelho da vossa salvação»).

«...fé... amor... esperança...» Quanto a outros trechos bíblicos onde Paulo usou essa tríada de virtudes celestiais, ver I Tes. 1:3; I Cor. 13:13; Rom. 5:1-5 e 12:6-12.

Este versículo, embora seja simples expressão de ação de graças, que

6 τοῦ παρόντος εἰς ὑμᾶς, καθὼς καὶ ἐν παντὶ τῷ κόσμῳ ἐστὶν καρποφορούμενον καὶ αὐξανόμενον καθὼς καὶ ἐν ὑμῖν, ἀπ' ἧς ἡμέρας ἠκούσατε καὶ ἐπέγνωτε τὴν χάριν τοῦ θεοῦ ἐν ἀληθείᾳ.

ccc 6 c minor, c none, c minor: WH Bov New BF² (NEB) TT // c major, c minor, c minor: RV ASV // c minor, c major, c none: (Jer) Seg // c minor, c minor, c none: Luth //

c minor, c dash, c minor: RSV // c dash, c none, c dash: Zür // different text: TR AV

6 καθὼς...κόσμῳ 1 Tm 3.16 ἐστὶν...αὐξανόμενον Ro 1.13

6 κόσμῳ] add και G al d ε

A fim de aliviar certo desajeitado na expressão, o Textus Receptus diz καὶ ἐστίν, juntamente com D^{b,c} F G K L Ψ maioria dos minúsculos it (d,g) vg sir (p,h) al. A forma adotada como texto é decisivamente apoiada por antigos e diversificados testemunhos (p⁴⁶ N A B C D* P 33 88 104 326 330 436 464 489 1837 1944 cop (sa,bo) ara etí al).

1:6: que já chegou a vós, como também está em todo o mundo, frutificando e crescendo, assim como entre vós desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade,

«...que chegou até vós...» Não sucedeu isso pelo ministério pessoal do apóstolo dos gentios (ver Col. 1:4 e 2:1), mas, mui provavelmente, através de Epafros, Filemon, Arquipo e Áfia (ver File. 2), que se alinhavam entre os primeiros convertidos a Cristo, naquela região. E converteram-se ou diretamente, mediante o ministério de Paulo na cidade próxima de Éfeso ou da região circunvizinha, ou por intermédio de alguns discípulos de Paulo, que de Éfeso foram até Colossos.

«...como também em todo o mundo...» Consideremos os pontos abaixo:

1. Isso não significa o mundo inteiro, em sentido absoluto. Havia uma vasta porção do mundo, habitado por homens, sobre a qual Paulo nada sabia.

2. Não indicam essas palavras, por igual modo, a totalidade do império romano. A igreja cristã ainda era comparativamente pequena, um punhado de pessoas, naquele vasto império pagão; e muitas cidades e províncias nunca tinham ainda ouvido o evangelho.

3. Essas palavras indicam que uma boa parte do mundo de então já contava com algum representante do evangelho, e que muitas igrejas locais tinham sido fundadas em muitos lugares. Essa expressão é uma hipérbole, desculpável porque a propagação da missão entre os povos gentílicos foi algo prodigioso, especialmente levando-se em conta a maneira agonizantemente lenta como as pessoas viajavam naqueles dias e a falta quase total de comunicação.

L.B. Radford, em *The Epistle to the Colossians and the Epistle to Philemon* (Westminster Commentaries), pág. 153, salienta o fato que o evangelho fora proclamado antes da escrita desta epístola, na maioria das províncias do império romano: na Palestina, na Síria, na Cilícia, na Galácia, na Frígia, na Ásia, no Ponto, na Bitínia, na Macedônia, na Acaia, na Itália, e, mui provavelmente, no Egito e na África, e talvez a própria Gália já contasse com alguma forma de testemunho evangélico. Se averiguarmos a localização desses lugares, em um mapa, receberemos melhor compreensão sobre a tremenda realização que isso exibiu, considerando-se as condições da época, porquanto somente vinte e quatro anos se tinham passado desde a ressurreição de Cristo. Apesar de que o evangelho ainda não entrara em todas as províncias romanas, cada porção principal do mundo romano já fora atingido, e no seio da igreja cristã era comum ensinar-se acerca do senhorio universal de Cristo.

4. É possível que neste versículo, além da universalidade da propagação do evangelho, também se saliente a sua «uniformidade». E isso faz parte,

Paulo sentiu que deveria prestar a Deus, devido ao que o evangelho fizera pelos crentes de Colossos, além de ser uma congratulação com os mesmos, porque haviam atingido um bom estado de desenvolvimento espiritual pelo mesmo, também é uma polêmica velada. É o *evangelho*, a «verdade real», conforme ela se acha em Cristo, e que foi anunciada aos crentes colossenses, que os levava àquele ponto. Portanto, eles deveriam ter cuidado com aquelas idéias estranhas que reduzem a glória de Cristo, corrompendo-lhe o evangelho, tornando-o menos importante que a pregação do apóstolo e a de Epafros indicava que era. «A montanhosa muralha negra que nos envolve a nós, pobres mortais, está aberta em um único lugar. Através dessa estreita abertura chega-nos um raio de luz. Ali, e ali somente, é que a barreira tênue pode ser atravessada. Através daquele horrendo canhão, estreito e negro, onde há espaço somente para a passagem do rio negro, pode viajar a esperança, de olhos rebrilhantes, deixando para trás sua esteira dourada, enquanto avança para guiar-nos. Cristo fez abrir-se a rocha, 'o Despedaçador saiu à nossa frente', e é somente mediante a sua ressurreição que temos o conhecimento exato, a esperança confiante e a herança na luz. Quando o evangelho paulino avança, fá-lo como o neveiro da manhã. Antes que alguém 'rejeite' a palavra da verdade do evangelho, procure compreender, seja como for, que assim estará se desfazendo de toda a certeza da vida futura, juntamente com ela». (Maclaren, *in loc.*)

Referências e idéias. *As doutrinas do evangelho*: 1. Vieram da parte de Deus (ver João 7:16 e Atos 13:12). 2. São ensinadas nas Escrituras (ver II Tim. 3:16). 3. São piedosas (ver I Tim. 6:3 e Tito 1:1). 4. A imoralidade é condenada por elas (ver I Tim. 1:9-11). 5. Conduzem-nos à comunhão com Deus Pai e com Deus Filho (ver I João 1:3 e II João 9). 6. Conduzem-nos à santidade (ver Rom. 6:17-22 e Tito 2:12). 7. Trazem opróbrio (ver I Tim. 6:1 e Tito 2:5). 8. Os ministros deveriam alimentar-se delas (ver I Tim. 4:6). 9. Deveriam dar-lhes atenção (ver I Tim. 4:13, 16). 10. Deveriam firmar-se nelas, com sinceridade (ver II Cor. 2:17 e Tito 2:7).

Referências e idéias. *A verdade*: 1. Deus é o Deus da verdade (ver Deut. 32:4; Sal. 31:5). 2. Cristo é a verdade (ver João 14:6 com 7:18). 3. Cristo estava cheio da verdade (ver João 1:14). 4. Cristo disse a verdade (ver João 8:45). 5. O Espírito Santo é o Espírito da verdade (ver João 14:17). 6. O Espírito Santo guia-nos a toda a verdade (ver João 16:13). 7. A palavra de Deus é a verdade (ver Dan. 10:21; João 17:17). 8. Deus considera a verdade com favor (ver Jer. 5:3). 9. Os juízos divinos são segundo a verdade (ver Sal. 96:13 e Rom. 2:2). 10. Os santos deveriam adorar a Deus em verdade (ver João 4:24 com Sal. 145:18).

uma vez mais, da polêmica paulina nesta epístola. O apóstolo dizia-lhes que pelo mundo inteiro era pregado «um só evangelho», a saber, aquele que Epafros proclamara a seus leitores, em contraste com as novas idéias que eram impingidas pelos mestres gnósticos. Ele queria que soubessem que essa «nova mensagem» não é o evangelho universalmente pregado e aceito nas muitas igrejas cristãs locais espalhadas pelo império romano.

*Quão grandiosamente tem crescido teu império,
O da liberdade, do amor e da verdade!*
(Samuel Johnson, «City of God,
how broad and far»).

*Jesus reinará por onde quer que o sol
Percorra em suas viagens sucessivas;
Seu reino se espalhará de praia a praia,
Até que a lua feneça e não mais brilhe.*

.....
*Povos e reinos de toda a língua
Habitam em seu amor com doces cânticos,
E vozes infantis proclamamão
Suas bênçãos terrenas em seu nome.*
(Isaac Watts).

FRUTO: Ver Gál. 5:22,23. Essa é a prova *pragmática* da verdade do evangelho. Trata-se de prova similar à da declaração de Jesus: «Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis» (Mat. 7:20).

«...produzindo fruto...» Essa é tradução mais literal que aparece em algumas traduções. No grego é «phoreo», vinculado à palavra grega que significa «fruto» («karpos»). Também significa «transportar», «carregar» (como «phero»), ou seja, «possuir fruto».

«...crescendo...» No grego é «auksano», «crescer», «aumentar», talvez expressando a metáfora do desenvolvimento de uma planta, através do que se produz o seu fruto. Essa planta do evangelho não é estagnada. Antes, cresce como a mostarda e é frutífera. Paulo via essas questões como provas da verdade e do poder da mensagem cristã. Isso pode ser comparado com Rom. 1:16, onde o evangelho é visto como o poder de Deus, que é tão potente que opera a salvação dos homens. Paulo, sem dúvida alguma, subentende que o evangelho falso (que reduzia a estatura de Cristo, e que os gnósticos-judaístas pregavam em Colossos—ver as notas expositivas acerca deles em Col. 2:18), não podia ter tal poder e crescimento, como se dá com o evangelho legítimo, pelo que também deveria ser evitado aquele primeiro.

A palavra «fruto» talvez indique a fruição «íntima». O «crescimento» externo, aos olhos do mundo, também está em foco.

«...desde o dia em que ouvistes...» É provável que a palavra «graça», neste

ponto, seja melhor entendida como o objeto de ambos os verbos—ouvistes e entendestes. Eles a ouviram mediante a pré-dica de ministros fiéis. Em seguida, vieram a compreendê-la. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça», o favor de Deus, dado aos homens por intermédio de Cristo, e através da qual somos «salvos», ver Efé. 2:8, onde se apresenta a nota detalhada sobre tal assunto).

«A proclamação inicial do evangelho foi seguida pela sua aceitação; e desde então a vida e o caráter cristãos da igreja se foram desenvolvendo, interna e externamente, em um progresso constante». (Braune, *in loc.*).

«O evangelho não é como aquelas plantas que se exaurem quando produzem fruto, e então se ressecam. O crescimento externo acompanha a energia reprodutiva» (Lightfoot, *in loc.*).

«Desde o alto até aos alicerces da escala social, despertam-se desejos indefinidos e desfocados. Nada poderia satisfazê-los, ao que parece... (Os homens) têm sede de novidade, de deleites desconhecidos, de sensações sem nome que, não obstante, perdem todo o seu sentido aguçado assim que são experimentadas. Então que a menor reversão ocorra e os homens já não podem suportar as mesmas... Descobrem quão fútil é todo o levante e percebem que qualquer número dessas novas experiências, empilhadas indefinidamente, não conseguem acumular uma sólida capital de felicidade sobre o qual possam viver em tempos de tribulação». (*The University Observer, University of Chicago*).

Paulo deixa entendido que seu evangelho remove essas buscas e inovações infrutíferas, quer sejam elas sistemas doutrinários ou o comportamento da vida diária.

«Observemos a ordem; primeiramente vem a preservação do evangelho entre aqueles que o acolhem; e, depois disso, sua extensão para novos círculos. Ambas as coisas, para os crentes colossenses, eram provas de sua veracidade e suficiência». (Abbott, *in loc.*).

«...tal acontece entre vós...» Não meramente entre outros, mas até entre aqueles primeiros leitores de Paulo isso tivera lugar. Eles mesmos vieram a exibir a verdade do evangelho de Paulo, pregado entre eles por Epafros, pois também tinham vindo a conhecer a verdade e a graça, bem como tinham experimentado o crescimento cristão por meio do evangelho; isso não sucedera através da mensagem (falsa) que agora tentavam adotar. Paulo também falou nesse tom aos crentes da Galácia. Estes vinham «correndo bem», por seguirem a mensagem cristã; mais tarde, porém, foram «tolhidos» por uma mensagem estranha. (Ver Gál. 5:4-8). Já conheciam a Deus e tinham sido conhecidos por ele; mas continuavam insistindo em retornar ao legalismo que prometera destruir sua fé na suficiência de Cristo. (Ver Gál. 4:6-11). Tinham recebido ao Espírito e todos os seus benefícios mediante o «ouvir com fé», mas subseqüentemente,

7 καθὼς ἤμαρτε ἀπὸ Ἐπαφρᾶ τοῦ ἀγαπητοῦ συνδούλου ἡμῶν, ὅς ἐστιν πιστὸς ὑπὲρ ὑμῶν³ διάκονος τοῦ Χριστοῦ,

37 ἡμῶν p⁴⁶ N^a A B D⁸⁷ G 326* 436 it^a mon^a Ambrosias^{rom} // {C} ὑμῶν N^c C D^e K P Ψ 33 81 88 104 181 326* 330 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 Byz Lect it^a ar^c e d. dem. div. e, f, x, y, vg syr^p b

7 Ἐπαφρᾶ...Χριστοῦ Col 4.12

Embora, com base em evidência grega superior (P 46) e antigas autoridades alexandrinas e ocidentais) ἡμῶν poderia parecer preferível, a maioria da comissão, impressionada pela utilização generalizada de ὑμῶν em testemunhos patrísticos e das versões, considerou provável que copistas introduziram o pronome da primeira pessoa por influência do ἡμῶν anterior e do ἡμῖν —seguinte.

1:7: segundo aprendestes de Epafros, nosso amado conservo, que por nós é fiel ministro de Cristo.

«...segundo fostes instruídos...» Este último verbo vem do grego «matheteuo», «tornar-se discípulo» (intransitivo), ou «fazer um discípulo», «ensinar». Aqueles crentes eram discípulos de Epafros, e, sob sua instrução, por delegação de Paulo, tornaram-se discípulos de Cristo. E desse vocábulo que se deriva nossa palavra moderna «matemática», um ramo da erudição humana.

«...Epafros...» As referências a esse personagem, no N.T., são Col. 1:7; 4:12 e File. 23. Tal nome é forma abreviada de Epafrodito. Há uma pessoa desse nome mencionada em Fil. 2:25 e 4:18. Ele era crente macedônio, ao passo que Epafros estava associado a Colossos, na Ásia Menor. Mui provavelmente, Epafros foi um dos primeiros convertidos de Paulo, tendo entrado em contacto com Paulo em Éfeso ou em algum outro lugar. Fora enviado por Paulo a fim de evangelizar as cidades do vale do rio Lico, na Frígia. Mui provavelmente fundou igrejas locais em Colossos, Hierápolis e Laodicéia. Visitara a Paulo na prisão de Éfeso (ou de Roma), ou quer que estivesse detido o apóstolo, quando foram escritas as epístolas aos Colossenses e a Filemom. Também foi ele quem informou ao apóstolo sobre a heresia gnóstica-judaica, que ali ia tomando pé. O versículo vinte e três da epístola a Filemom indica que ele passara algum tempo com Paulo, no cativeiro, provavelmente de moto-próprio, a fim de servir de companhia e ajuda a ele, de qualquer modo que pudesse fazê-lo.

«...nosso amado conservo...» No grego temos «sundoulos», «escravo-companheiro», palavra encontrada somente aqui e em Col. 4:7, acerca de Tíquico essa última referência. Eles tinham a Cristo a completa dedicação de escravos, não tendo vontade própria, e nem trabalhando para adquirir alguma vantagem pessoal. (Quanto a notas expositivas sobre o que está implícito na palavra «escravo», no tocante à completa dedicação, ver Rom. 1:1).

«...quanto a vós outros, fiel ministro de Cristo...» Neste ponto é empregada a palavra grega «diakonos», de onde nos vem o termo moderno «diácono». Não está em foco, entretanto, o ministério diaconal, e, sim,

buscavam a perfeição pelas «obras da lei» (ver Gál. 3:2,3). Por igual modo tinham feito os crentes de Corinto, que tinham recebido vida nova através da participação na ressurreição de Cristo, embora, alguns deles agora-ameaçassem destruir tudo isso com seus ensinamentos contrários à ressurreição (ver I Cor. 15:12 e ss.).

«...na verdade...» O próprio evangelho é a «palavra da verdade» (ver o versículo anterior), e a graça de Deus dera àqueles crentes essa verdade, o que subentende que chegariam a ser completos, perfeitos. O evangelho lhes fora dado «na verdade», isto é, isento de erro judaico, gnóstico ou qualquer outro. Por conseguinte, o evangelho é veraz em caráter, não precisando da suplementação de novas doutrinas. Não era preciso qualquer doutrina gnóstica para suplementá-lo; pois o evangelho é suficiente em si mesmo. Nem por isso, porém, Paulo cerra a porta da busca pela verdade.

Mas o apóstolo diz que a suposta nova verdade, na realidade suplantara e corrompia a verdade do evangelho, ao invés de melhor aclará-lo, conforme deve suceder a toda a verdadeira nova verdade. O evangelho não consiste de «parte verdade» e «parte erro»; antes, consiste da mais pura verdade, sem qualquer corrupção, esse é o ponto salientado por Paulo.

Variantes Textuais: Os manuscritos posteriores omitem a expressão «e crescendo», adicionando o termo grego «kai» antes de «estín», cujo intuito é preservar o equilíbrio da sentença. Por isso, esses manuscritos dizem «e produz fruto, como também entre vós». Assim dizem os mss D(3)FKL, e as versões latinas. O Si e os escritos de diversos dos pais da igreja acompanham tal variante. Mas isso foi modificação para melhorar o que parecia uma frase desajeitada: «...que veio até vós, como também em todo o mundo está produzindo fruto e crescendo, tal como acontece entre vós». Essa é a forma que aparece nos mss P(46), Aleph, ABCD(1)P, no Cop, no Etí e no Ara, o que serve de evidência esmagadora quanto à sua genuinidade. A modificação visou melhorar a frase desajeitada; mas, ao conseguir tal feito, roubou-a de algo de seu vigor e força.

Contra a nova mensagem de Colossos, Paulo exorta o uso dos testes da universalidade, da uniformidade e do pragmatismo. Seu falso evangelho não era universal, mas local; não concordava com o evangelho conhecido por outras igrejas, e não produzia os vários aspectos do fruto do Espírito Santo. Portanto, deveria ser rejeitado.

Paulo não ignorava as origens do novo evangelho pregado pelos mestres falsos. Ele sabia que surgira da mescla de filosofias já existentes com a mitologia, com as religiões misteriosas e o judaísmo. Ele sabia que essa horrenda mistura só poderia corromper o verdadeiro evangelho, assim furtando-lhe seu poder. Ele acumulava argumentos em favor do evangelho apostólico; e até mesmo em suas declarações introdutórias deixa clara a sua polêmica. O reconhecimento desse fato lhes daria suficiente discernimento, para poderem resistir com inteligência aos assédios dos ensinamentos falsos.

7 καθὼς ἤμαρτε ἀπὸ Ἐπαφρᾶ τοῦ ἀγαπητοῦ συνδούλου ἡμῶν, ὅς ἐστιν πιστὸς ὑπὲρ ὑμῶν³ διάκονος

cop^{ms} goth arm eth Ambrosiaster^{xi} Ephraem Chrysostom Pelagius Theodore^{ist} Euthalius Theodoret John-Damascus Sedulius-Scotus

deve-se compreender aqui o sentido geral da palavra grega, isto é, alguém que serve, que ministra a outrem. O ministério especificamente salientado é o de «evangelismo», pois o próprio versículo indica que Paulo o enviara a fim de evangelizar às cidades circunvizinhas de Éfeso, ao passo que ele mesmo se ocupava de outras coisas. (Ver as variantes textuais que demonstram o fato).

Notemos o adjetivo vinculado a Epafros, isto é, «amado». Ele era amado no Senhor e pela comunidade cristã, para Paulo e para os crentes de Colossos, pois, quase sem dúvida, era o progenitor espiritual daqueles crentes. Era, além disso, um «fiel ministro», porquanto se desincumbira bem de seu serviço, devendo ser elogiado por isso. E pertencia a «Cristo», pois seu serviço e consagração visavam a causa do Senhor. Tudo isso faz parte dos argumentos polêmicos do apóstolo dos gentios. Epafros era «tudo isso», conforme Paulo deixou entendido, porque ele respeitara a mensagem apostólica e não a tentara substituir por alguma nova e estranha doutrina.

«No coração de todos os movimentos progressivos e de todas as realizações, há sempre um homem ou um grupo de homens. Cercando esses gigantes espirituais, de uma era criadora, há sempre um grupo de associados secundários, cuja contribuição é vital, e, na realidade, indispensável. Um estudo sobre os personagens de menor vulto no N.T., adicionará ao leitor um discernimento novo quanto à vida das primitivas comunidades cristãs. Outrossim, o esforço de reunir, com base em referências dispersas pelos livros do N.T., esboços biográficos dos líderes cristãos de menor proeminência, acerca de quem pouco se sabe diretamente, provará ser um estudo tanto fascinante como recompensador. Muito pode ser aprendido pela busca das histórias prováveis de Barnabé, de Marcos, de Lucas, de Tiago, irmão do Senhor, de Aquila e Priscila, de Timóteo e de outros a eles semelhantes. Entre esse grupo estava Epafros». (Macleod, *in loc.*). (Quanto a notas expositivas que desenvolvem esse tema em geral, ver sobre os «vasos escolhidos», em Atos 9:15. Quanto às «missões menores, mas importantes», ver Atos 9:19; quanto à «ajuda e aos ajudantes, quando isso é mister», ver Atos 9:27; e quanto ao fato que «cada indivíduo é ímpar», ver Apo. 2:17).

Paulo esteve em Éfeso cerca de 53 - 55 D.C., tendo permanecido ali perto de três anos, tendo laborado nas áreas circunvizinhas; e, através de seus mensageiros, acrescentou a seus próprios esforços, levantando a igreja de Cristo na Ásia Menor. (Ver Atos 10:10,26; 20:18,31 e I Cor. 16:19). Outros, além de Epafra, ajudaram a Paulo, ou, pelo menos, logo foram levados às fileiras cristãs, onde se tornaram líderes, como Níffa, Arquipo, Filemom e Áfia, que são mencionados em Col. 4:15,17 e File. 1,2. Porém, acima de

8 ὁ καὶ δηλώσας ἡμῖν τὴν ὑμῶν ἀγάπην ἐν πνεύματι.

1:8: O qual também nos declarou o vosso amor no Espírito.

Foi Epafra quem informara a Paulo sobre o estado da igreja local de Colossos, que tinha aspectos bons e outros maus. Neste ponto Paulo menciona apenas o que era bom, o «amor» que eles tinha, inspirado pelo Espírito Santo. Mas isso é deixado indefinido, podendo significar: 1. O amor a Cristo; 2. o amor mútuo; 3. o amor a Paulo; ou 4. o amor em geral, o «amor fraternal». O mais provável é este último sentido, que também aparece no quarto versículo. No entanto, por ser geral, também incluía ao apóstolo; e alguns estudiosos supõem que Epafra trouxera a Paulo algum sinal do amor deles, alguma doação ou demonstração desse amor, embora disso não possamos ter certeza.

«...relatou...» No grego temos «deloar», «deixar claro», «esclarecer», «manifestar». Essa «manifestação» do amor deles pode ter sido feita de modo puramente verbal, pois a própria palavra usada não subentende qualquer «sinal» externo sobre o que estaria envolvido, como alguma doação para Paulo, na forma de dinheiro ou outra coisa útil. Paulo menciona esse ponto «positivo»; ele não queria demorar-se aqui sobre o que é negativo, porquanto havia coisas dignas de louvor que poderia ser dito acerca deles. Se cumprimentarmos quando pudermos, louvamos os méritos que merecem elogios, então as nossas críticas serão tomadas mais a sério, e serão mais eficazes. Aqueles que meramente criticam usualmente são apenas destrutivos e não construtivos, em seus contactos com outros. Aquela gente nunca vira a Paulo, mas tinham-lhe demonstrado o seu afeto, porquanto reconheciam o que ele fizera por eles, posto que indiretamente. Paulo os elogiou devido a esse reconhecimento. (Quanto a notas expositivas sobre como o «amor» deve ser o guia de toda a conduta e das nossas relações, na comunidade religiosa, ver Col. 14:21 e 15:10. Quanto ao amor como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, ver Gál. 5:22).

O amor é uma qualidade divina, e não mera emoção humana; mas é algo de que os homens compartilham, devido à influência do Espírito Santo sobre eles, transformando-os segundo a imagem moral de Deus. Amar a Deus como a nós mesmos é o nosso grande alvo, porque devemos participar de suas perfeições morais. E, uma vez mais, isso só pode ser feito através do poder do Espírito Santo. Todo o amor que há neste mundo, quando é genuíno, expresso por homens remidos e não-remidos, vem de Deus, porque

I. Introdução Geral (1:1-14).

3. Oração pelo crescimento no entendimento espiritual e nas boas obras (vs. 1:9-15).

Esta oração contém vários elementos similares ao de Efé. 1:15 e ss., onde as notas expositivas deveriam ser consultadas. Em certa maneira, as orações de Paulo são o pináculo de suas epístolas, pois em parte alguma o seu espírito se movimenta com tanta liberdade e a tão grandes alturas, expressando-se em tão exaltado e autêntico altruísmo, de forma totalmente espiritual, deixando de lado toda a polémica. Em suas orações, Paulo estabelece o mais alto ideal para os crentes, o caráter ideal e o comportamento ideal. Em primeiro lugar deveriam ser cheios do conhecimento da vontade de Deus. No trecho de Efé. 1:17 o objeto é o conhecimento do próprio Deus; e essas duas coisas são pragmaticamente iguais, porquanto conhecer a Deus deve ser também conhecimento de sua vontade; e a busca pelo conhecimento de sua vontade deverá incluir o conhecimento místico e espiritual de sua pessoa, aquilo que transcende ao que é meramente espiritual. Desse conhecimento de Deus e da sua vontade fluirá, necessariamente, o verdadeiro e ideal comportamento cristão. O esboço dessa oração é como segue:

1. A fonte ou raiz de todo o caráter cristão, isto é, o conhecimento de Deus e sua vontade (ver o nono versículo).

2. Isso produzirá a conduta que é digna do Senhor, e na qual ele se agrada (ver o décimo versículo).

3. Essa maneira de andar expressar-se-á de quatro maneiras: a. produzindo fruto em toda a boa obra (ver o décimo versículo); b. aumentando o conhecimento de Deus, um maior e crescente conhecimento místico de Deus (ver o décimo versículo); c. a força adquirida em seu poder (ver o décimo primeiro versículo), e isso com o resultado imediato da «resistência» na fé, em que a fé é acompanhada pela «alegria», a despeito dos sofrimentos e tribulações, que são sofridos com paciência; d. finalmente, a graça cristã da gratidão, de todo o coração, inspirada pelo Espírito Santo, que deveria acompanhar a expressão cristã inteira (ver o décimo segundo versículo).

Notemos, nesta oração, a nota chave da «plenitude»: «...que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual...» Essa conduta deve ser para o inteiro agrado de Cristo, exercida em «toda boa obra». E o poder recebido deve fortalecer-nos «com todo o poder» e «em toda a perseverança». Os falsos mestres de Colossos se jactavam de sua «plenitude» de verdade e bênção espiritual, do que poderiam participar os iniciados, segundo eles imaginavam. Porém, há uma verdadeira plenitude de conhecimento, que se expressa na forma de uma conduta ideal e perfeita. Ora, a essas coisas é que Paulo agora nos chama a atenção.

9 Διὰ τοῦτο καὶ ἡμεῖς, ἀφ' ἧς ἡμέρας ἠκούσαμεν, οὐ παυόμεθα ὑπὲρ ὑμῶν προσευχόμενοι καὶ αἰτούμενοι ἵνα πληρωθῇτε τὴν ἐπίγνωσιν τοῦ θελήματος αὐτοῦ ἐν πάσῃ σοφίᾳ καὶ συνέσει πνευματικῇ,

9 προσευχόμενοι...πνευματικῇ Eph 1:15-17; Php 1:9 τὴν...αὐτοῦ Eph 1:9; 5:17

1:9: Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual;

«Por esta razão...» Provavelmente isso é uma referência ao parágrafo inteiro dos versículos terceiro a oitavo, isto é, o que Paulo ouvira sobre os colossenses da parte de Epafra, seus pontos fortes e fracos, o que mostrava a necessidade de oração em favor deles, para que fossem vencedores e neles se cumprisse amplamente a graça de Cristo.

«...nós...» Pode estar aqui em foco o *nós* editorial. Ou então que Timóteo e outros intercediam juntamente com os apóstolos. (Ver o terceiro versículo

todos destacava-se Epafra. Era ele um colossense, o qual levou o evangelho ao seu próprio povo (ver Col. 4:12). Suas realizações tiveram resultados permanentes, embora, de acordo com nosso ponto de vista, ele tivesse tido uma missão inferior à de Paulo. Epafra mostrou-se diligente e fiel no cumprimento da missão que lhe foi dada, e nisso nos deixou um eterno exemplo. (Ver as notas expositivas sobre a «força do exemplo», em I Cor. 11:1).

a atividade do Espírito de Deus é universal.

«...no Espírito...» Consideremos os pontos abaixo:

1. Se o «Espírito Santo» é aqui focalizado, conforme alguns intérpretes entendem, então esse amor mencionado é aqui diretamente atribuído a ele, pois o amor é um dos aspectos de seu fruto (ver Gál. 5:22).

2. Muitos excelentes intérpretes, entretanto, repelem essa idéia, e pensam que o «espírito humano» é que está aqui em foco. Eles o amam no nível da alma.

3. Alguns pensam que isso significa «em espírito», em contraste com «minha presença», tal como se vê em Col. 2:5: «...em espírito estou convosco...», palavras essas que significam o contrário de «em pessoa». Porém, isso seria um sentimento bastante estranho neste ponto, se é que tal sentido pode ser imaginado aqui. Porém, se compreendermos essas palavras como uma «disposição bondosa», embora «estejas ausentes de mim», então tal interpretação pode ser correta. Naturalmente, essa «disposição bondosa» seria uma «atitude da alma», pelo que essa interpretação seria equivalente à segunda das possibilidades, numeradas acima. Essa ambiguidade com frequência pode ser vista no N.T., porquanto a palavra grega que significa «espírito» nunca é escrita com a inicial maiúscula, nem mesmo quando é óbvio que o Espírito Santo está em pauta. Contudo, normalmente, como se vê aqui, a diferença de interpretação não é grande, porque sempre ficará subentendido que o «amor» procede do Espírito Santo, ainda que o espírito humano seja especificamente mencionado como a esfera onde se pensa que esse amor se manifesta, conforme se vê no presente versículo. O amor daqueles crentes era «espiritual», residente no homem essencial, no espírito, inspirado pelo Espírito de Deus.

Nestes versículos, pois, além de elogiar sinceramente a Epafra aos crentes de Colossos, Paulo estabelece a legítima autoridade de Epafra, conferindo-lhe o endosso apostólico. Deveriam dar-lhe ouvidos como ao próprio apóstolo, pois, desde o começo ele agira em lugar de Paulo. Uma vez que sua autoridade fosse devidamente reconhecida, ele poderia suprimir mais prontamente a heresia que ameaçava a igreja de Colossos. Paulo registrara queixa contra eles, mas não o fizera de maneira destrutiva, mas para seu próprio bem; e, juntamente com a queixa, teve o cuidado de relembrar todo o bem que pôde acerca deles.

acerca do fato que o apóstolo orava por eles, onde também há vários outros comentários sobre a «oração»).

«...desde o dia em que o ouvimos...» Ouviram o quê? Provavelmente acerca da fé deles em Cristo, de como palmilhavam pelo caminho cristão, tal como se vê no quarto versículo, o que também é mencionado no sétimo versículo, conforme se verifica pela informação trazida por Epafra. Desse tempo em diante, talvez incluindo informações que chegaram antes a seu conhecimento, antes mesmo da visita de Epafra, ele tivesse começado o ministério de intercessão em favor deles.

«...não cessamos de orar por vós...» Ellicott chama essas palavras de «hipérbole afetuada». Porém, apesar de poder haver nessa descrição alguma verdade, não devemos permitir que isso diminua nossa opinião sobre o poder da vida de orações de Paulo. Isso pode ser comparado ao trecho de Efé. 4:2.

★★★

Isso reitera a idéia do diligente e contínuo ministério de oração de Paulo em favor das igrejas, conforme já foi mencionado no terceiro versículo, onde aparecem referências similares, que ocorrem em outras epístolas paulinas, que ilustram a mesma coisa. (Ver Efé. 6:18 quanto à nota geral sobre a «oração», onde também é frisada a necessidade de apoio mútuo na oração). Notemos que apesar de não serem seus filhos na fé, ainda assim ele lhes dava atenção e ajuda. Paulo tinha o coração de um autêntico pastor, não se considerando em competição com outros obreiros do evangelho; antes, unia-se ao labor de outros, preocupando-se com os frutos desses labores, e não meramente dos seus próprios.

«...de pedir que transborde de pleno conhecimento...» No grego temos o verbo «pleroo», «encher», «levar a bom termo». Isso começa a enfatizar a «plenitude» que caracteriza esta oração, a qual estabelece o contraste entre a verdadeira plenitude de Deus e a suposta plenitude existente em certas formas de gnosticismo, com seus mistérios, que eram desvendados aos iniciados.

«...de pedir...» Temos aqui menção ao ministério geral da intercessão, e seus pedidos «particulares» são focalizados mais especificamente. Ele orava de modo geral em favor daqueles crentes; mas também solicitava do Senhor várias coisas específicas da parte dele.

«...transborde de pleno conhecimento da sua vontade...» Para que alguém receba o pleno conhecimento da vontade divina é mister que cresça na graça e no conhecimento místico de Cristo, através da atuação do Espírito Santo. Por isso, em seus pedidos, sabemos que Paulo falava do fruto que se deriva do desenvolvimento espiritual. Nenhuma das coisas aqui mencionadas pode ser obtida sem isso. Por isso é que precisamos usar de todos os meios à nossa disposição, como a oração, a meditação, o estudo das Escrituras e o busca pelo poder do Espírito; pois assim é que se concretiza o devido crescimento espiritual.

O original grego não tem uma palavra separada para «pleno», no tocante ao conhecimento; mas a forma «epignosis» é a forma intensificada, em contraste com o mero «gnosis» (conhecimento) do gnosticismo. Trata-se do «gnosis cristã», o conhecimento de Deus (ver o décimo versículo) e de sua vontade. Notemos que a idéia é transmitida através dessa palavra intensificada («gnosis» em combinação com a preposição intensiva, «epi»), pois Paulo desejava que recebessem essa elevadíssima forma de conhecimento. A «gnosis cristã» não consiste de mero conhecimento intelectual, mas de conhecimento místico, que inclui a comunhão em amor. Nessa comunhão se obtém a percepção da vontade de Deus, não somente para que «saibamos o que fazer», mas também para «sermos o que é requerido», isto é, «conhecer», «seguir» e «ser».

A «gnosis» cristã é um conhecimento alicerçado sobre o amor. (Ver Efé. 3:17,18). O fato que devemos estar «arraigados e firmados no amor», a fim de que «conheçamos» o amor de Cristo, que ultrapassa a todo o conhecimento intelectual e conceptual, não pode ser diminuído. É assim que chegamos a ser cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), que é um dos mais significativos e profundos de todos os conceitos religiosos, envolvendo a mesma coisa que se lê em II Ped. 1:4, isto é, a participação na própria natureza divina. (Ver também Fil. 1:9). O amor transborda em conhecimento e discernimento. Conhecer a Deus em seu amor é receber elevada visão divina, o que não pode ser dado por meros conceitos e doutrinas; e esse amor só é atingido mediante a comunhão mística com Cristo (o que é comentado em I Cor. 1:4), no Espírito Santo. Conhecer, portanto, é «ter comunhão e experiência espiritual», e não meras proposições intelectuais, embora, naturalmente, isso também deva ser incluído.

«...da sua vontade...» A «gnosis», neste ponto, é a vontade de Deus, ao passo que, no décimo versículo, é o próprio Deus. Consideremos os pontos abaixo:

1. Devemos pensar na vontade universal de Deus, a redenção por meio de Cristo, em contraste com as idéias equivocadas dos gnósticos no tocante a Cristo e a seus poderes remidores. (Ver Efé. 1:10, em suas notas expositivas sobre o «mistério da vontade de Deus», quanto a notas expositivas completas sobre esse conceito). Os versículos doze a catorze salientam a mesma importantíssima vontade de Deus, embora ali também transpareça o sentido mais limitado de unir a questão à «redenção humana», ao invés de descrever a restauração universal, que é o tema do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, o que incluirá todos os seres, e não somente o homem. Paulo queria que aqueles crentes soubessem o que é a vontade de Deus, e como o Senhor Deus a está cumprindo por meio de Cristo. Recebendo esse discernimento, também reconheceriam a verdadeira estatura de Cristo, que estava sob ataque, na comunidade cristã de Colossos. Os gnósticos criam que somente alguns poucos indivíduos podem receber ampla redenção. A esses eles chamavam de «pneumáticos» (espirituais); alguns, os «psíquicos», poderiam atingir uma redenção inferior, mas não a absorção em Deus (que seria o destino mais elevado dos espirituais). E a maioria dos homens, que seriam os «hílicos» ou terrenos, estariam tão absorvidos na matéria, no princípio do mal, que fatalmente pereceriam com ela. Paulo negava esse limitado ponto de vista sobre a redenção, o qual, naturalmente, prejudicava a autêntica compreensão sobre Cristo como redentor. A posse do *pleno conhecimento* da vontade de Deus, quanto a si mesmos e a outros, haveria de ajudá-los a negarem e se oporem à heresia no meio deles. Paulo esperava obter tal resultado.

2. Mas isso também é algo pessoal e prático, relativo ao andar cristão

diário. Inclui a «santidade», a *frutificação*, a «constância», a «longanimidade» e «gratidão», aquelas virtudes que devem caracterizar aos crentes. Fomos libertados das «trevas», e assim devemos andar como aqueles que são iluminados, cidadãos do reino da luz (versículo décimo quarto). Esses elementos devem ser considerados como algo incluído no «conhecimento da vontade de Deus». A «conduta» dos crentes deve amoldar-se a essa vontade, conforme também se vê em Rom. 12:2. Precisamos provar qual seja a boa, aceitável e perfeita vontade de Deus. A «conduta ideal» é aquela de acordo com a vontade de Deus, quando vamos sendo transformados segundo a imagem moral de Cristo (ver Gál. 5:22), e por esse meio chegamos a compartilhar da mesma essência da natureza de Deus (ver Rom. 8:29) e da plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Assim é que a natureza divina se torna nossa (ver Col. 2:10). Assim é que sabemos e cumprimos a vontade de Deus.

3. Além disso, a vontade de Deus também significa cumprir a *missão* que Deus tem atribuído a nós, embora isso não seja especificamente mencionado aqui, embora possa estar subentendido na questão da «produção de fruto», segundo se lê no décimo versículo. (Ver Apo. 2:17 quanto a notas expositivas sobre a «natureza ímpar de cada homem», bem como sobre a missão sem-igual de cada indivíduo).

«...em toda a sabedoria...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «sabedoria», ver Efé. 1:8). O termo «espiritual» qualifica tanto a «sabedoria» como o «entendimento», embora isso não transpareça na nossa versão portuguesa; e ambos estão associados ao «conhecimento da vontade de Deus». Para conhecermos sua vontade, teremos de ter plena sabedoria e compreensão, espiritualmente transmitida, pois trata-se de algo demasiadamente elevado para que alguém o atinja, sobretudo para o gnosticismo (conforme Paulo deixa entendido), embora os mestres gnósticos promettessem tais coisas a seus seguidores, porquanto os gnósticos não tinham comunhão com o Espírito de Cristo, o qual é a fonte de todas as qualidades espirituais.

«...sabedoria...» Essa palavra indica a «excelência» em qualquer arte, ocupação ou ofício: fala, primariamente, daquela capacidade que é necessária para que apreendamos os princípios elementares da doutrina cristã. Neste ponto temos a sabedoria espiritual, que só pode significar alguma forma de participação na própria sabedoria de Deus, mediante a comunhão mística. Notemos, em I Cor. 1:30, que o próprio Cristo é declarado «nossa sabedoria». Entendemos, portanto, que a sabedoria verdadeira inclui o reconhecimento de quem Cristo é, de quais são suas exigências da fé, acerca daquilo em que cremos, daquilo que buscamos, daquilo que somos. Se agirmos corretamente nesses particulares, então seremos «sábios» de acordo com os moldes deixados por Cristo.

Referências e idéias. *A sabedoria de Deus:*

1. A sabedoria de Deus é um de seus atributos (ver I Sam. 2:3 e Jó 9:4). 2. A sabedoria de Deus é descrita como perfeita (ver Jó 36:4 e 37:16). 3. É poderosa (ver Jó 36:5). 4. É universal (ver Jó 28:24; Dan. 2:22 e Atos 15:18). 5. É infinita (ver Sal. 147:5 e Rom. 11:33). 6. É insondável (ver Isa. 40:28 e Rom. 11:33). 7. É maravilhosa (ver Sal. 139:6). 8. Ultrapassa a compreensão humana (ver Sal. 139:6). 9. É incomparável (ver Isa. 44:7 e Jer. 10:7). 10. Não é derivada (ver Jó 21:22 e Isa. 40:44). 11. O evangelho contém os tesouros da sabedoria divina (ver I Cor. 2:7). 12. A sabedoria dos santos é derivada da sabedoria de Deus (ver Ecd. 7:25). 13. Toda a sabedoria humana se deriva da sabedoria divina (ver Dan. 2:21).

«...entendimento...» No grego temos «sunesis», que significa «inteligência», «acuidade», «astúcia», «discernimento», «compreensão», de tal modo que seu possuidor saiba distinguir a diferença entre o certo e o errado, de tal modo que faça a vontade de Deus em tudo, buscando ao mais elevado bem que vem através da redenção de Cristo, em contraste com qualquer discernimento inferior da vontade de Deus, que rejeite a Cristo como cabeça (ver Col. 2:19), exatamente o que os falsos mestres gnósticos estavam fazendo. Paulo queria que aqueles crentes tivessem «discernimento» quanto à verdadeira doutrina e a verdadeira prática, a fim de que saiba e faça a vontade de Deus, sendo transformado segundo a imagem de Cristo, que é o mais elevado aspecto da vontade de Deus no tocante aos homens. A fé consiste da outorga da alma segundo essa transformação.

«...espiritual...», isto é, «dado pelo Espírito», «concretizado pelo Espírito», em contraste com a sabedoria dos gnósticos, que era meramente intelectual, carnal, falsa, pretenciosa e ostentadora, a qual satisfaz à carne, mas não agrada à vontade verdadeira de Deus. Esses termos, «sabedoria», e «discernimento», podem ser comparados com Efé. 1:8, onde se lê sobre «sabedoria e Prudência», que ali se refere ao trato de Deus com os homens, remindo-os em Cristo. O termo ali empregado, «prudência», é sinônimo de «sunesis», aqui usado. Por conseguinte, os homens deveriam aprender a pensar e agir conforme faz o próprio Deus, com base em sua sabedoria e discernimento, o que é espiritualmente transmitido, através do contacto místico com seu Filho e com seu Espírito Santo. A «sabedoria» é geral; o «discernimento» é particular, sendo a aplicação da sabedoria a casos e circunstâncias específicos.

Referências e idéias. *A inspiração dada pelo Espírito Santo:*

1. A inspiração do Espírito Santo foi predita (ver Joel 2:28 com Atos 2:16-18). Toda a Escritura foi dada por ela (ver II Sam. 23:2; II Tim. 3:16 e II Ped. 1:21). 3. O seu designio é revelar os acontecimentos futuros (ver Atos 1:16; Atos 28:25 e I Cor. 1:11). 4. E revelar os mistérios de Deus (ver Amós 3:7 e I Cor. 2:10). 5. E conferir poder aos ministros (ver Miq. 3:8 e Atos 1:8). 6. E dirigir aos ministros (ver Eze. 3:24-27; Atos 11:12 e 13:2). 7. E controlar aos ministros (ver Atos 16:6). 8. E testificar contra o pecado (ver II Reis 17:13; Nee. 9:30; Miq. 3:8 e João 16:8,9). 9. Seus modos de manifestação são diversos (ver Heb. 1:1). 10. Por impulso secreto (ver Jd. 13:25; II Ped. 1:21). 11. Por uma voz (ver Isa. 6:8; Atos 2:29 e Apo. 1:10). 12. Por visões (ver Núm. 12:6 e Eze. 11:24). 13. Por sonhos (ver Núm. 12:6 e Dan. 7:1). 14. É necessária às profecias (ver Núm. 12:6 e Dan. 7:1). 20:14-17. 15. É irresistível (ver Amós 3:8,16 e Zac. 7:12). 16. Os desprezadores da inspiração do Espírito são castigados (ver II Crô. 36:15,16 e Zac. 7:12).

Esta passagem pode ser comparada à de Tia. 3:13-17, onde se lê: «A

sabedoria, porém, lá do alto, é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento». Todas essas qualidades caracterizam a vida do crente. Quem as possui tem uma «sabedoria» espiritual, residente em seu espírito e impulsionada pelo Espírito Santo. Ela nos diz quem é Cristo e o que ele tenciona fazer de nós.

«Assim como o resplendor do sol, no firmamento, enche o mundo inteiro de luz e calor, assim a luz do Sol da justiça deve iluminar nossas almas, enchendo-as de esplendor divino, a fim de que conheçamos a vontade de Deus em toda a sabedoria e entendimento espiritual. Em suma, a fim de que tenhamos um conhecimento tal das realidades divinas como o que o Espírito da verdade ensina à alma humana» (Adam Clarke, *in loc.*).

10 περιπατῆσαι ἀξίως τοῦ κυρίου εἰς πᾶσαν ἀρεσκείαν,^d ἐν παντὶ ἔργῳ ἀγαθῷ^d καρποφοροῦντες καὶ αὐξανόμενοι τῇ ἐπιγνώσει τοῦ θεοῦ,

^d none: TT // ^d none, ^d none: WH // ^d minor, ^d minor: RV^m ASV^m

1:10: para que possais andar de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus,

«...a fim de...» O alvo do conhecimento da vontade de Deus, conforme ela nos é revelada em toda a sabedoria e discernimento, consiste de «andarmos de modo digno de seu chamamento», conforme se aprende em Efê. 1:1.

«...viverdes...» No grego, a palavra literalmente usada é «andar». O imperativo aoristo (subjuntivo) pode expressar: 1. A nova conduta, que faz contraste com a natureza da conduta anterior, o que é seu uso «ingressivo»; 2. pode expressar uma simples ordem, sem que se deva compreender qualquer sentido sutil; 3. pode expressar o imperativo categórico, a lei espiritual universal. No presente versículo, a primeira dessas possibilidades é a mais provável. A metáfora do andar é bastante comum nos autores seculares e religiosos da antiguidade. Indica a conduta geral e o curso da vida. O ato de andar nos conduz a algum alvo, e sua própria natureza é a progressão. Andamos no tocante às exigências do evangelho, o qual se nos torna real no Espírito Santo; e o alvo é a vida eterna, a posse do reino celestial (ver os versículos doze e catorze), a fim de que sejamos o que Cristo é (ver Rom. 8:29) e compartilhemos de tudo quanto ele tem (ver o décimo segundo versículo deste capítulo e Rom. 8:17). (Quanto a notas expositivas sobre o ato de «andar», como uma metáfora acerca da conduta da vida, ver Gál. 5:16,25). Nesta epístola, essa idéia aparece por mais duas vezes, ou seja, em Col. 2:6 e 4:5. A metáfora figura por vinte e nove vezes nos escritos de Paulo. Na epístola aos Efésios ver Efê. 2:10; 4:1,17 e 5:2,8,15. Algumas vezes tem um significado negativo, como o «andar segundo a carne» (ver Rom. 8:4 e I Cor. 3:3).

Pontos de vista sobre o uso da vida: O autor sagrado expõe um desses pontos de vista, não devemos ter qualquer preocupação que não fique sob o governo de Deus. Deveria representar a inquirição espiritual deleitosa à mente divina. Deveria agradar a Cristo, o qual é o nosso Senhor. (Ver Rom. 1:4 quanto ao «senhorio de Cristo»). A resposta dos epicúreus é o prazer. Aristóteles dizia que se deve viver de modo a ser uma função virtuosa». As palavras de Platão foram: «Vive para o mundo eterno, para que passes ao campo do espírito puro, liberto este do corpo». O filósofo chinês, Yang Chu, tomou os pontos de vista epicúreu e *hedonista*, quando afirmou: «Cem anos é o limite de uma vida longa. Difícilmente um em cada mil consegue tal. Todavia, se alguém consegui-lo, a infância inconsciente e a idade adiantada tiram metade desse tempo. O tempo em que ele passa inconsciente, quando dorme à noite, e aquilo que é desperdiçado, embora em estado desperto, durante o dia, também retira metade do que restou. Novamente, a dor e as enfermidades... preenchem cerca da metade disso, de tal modo que lhe restam somente dez anos, mais ou menos para seu aprazimento. Devemo-nos apressar, pois, por ver o que é bom, usando o nariz para cheirar o que é bom, a boca para dizer o que é bom, o corpo para desfrutar os consolos de que gosta, e a mente para que pense o que lhe agrada». (Yulan Fung, *A Comparative Study of Life Ideals*, págs. 82-83).

Vivendo Com Vistas À Eternidade

1. A atitude acima expressa envolveria profunda lógica, talvez, não fora o fato de que a vida e o valor de um homem não podem ser medidos por aquilo que ele possui ou pode vir a possuir, neste mundo físico.

2. Visto que a morte não pode matar, deveríamos estar interessados por aquilo que se segue após a morte. Acerca dos próprios crentes, é ensinado que terão de enfrentar um julgamento por causa do que tiverem feito (ver II Cor. 5:10); que se dirá no tocante aos incrédulos (ver Apo. 14:11)?

3. Uma importante nota chave das Escrituras é a palavra «responsabilidade». O dom da vida requer de nós que gastemos e sejamos gastos com sabedoria.

O ateu diz «Há boas evidências de que Deus não existe, então viverei para mim mesmo; e, se inclinar-me a isso, viverei um pouco para meus semelhantes». O agnóstico diz: «É extremamente difícil determinar se Deus existe ou não, pois há evidências contra e a favor dessa suposição. Portanto, viverei para mim mesmo, até que me seja dada uma razão plausível para não fazê-lo». O positivista lógico diz: «Toda essa conversa e investigação sobre a questão da existência de Deus é pura tolice, pois sabemos que o único 'conhecimento' de qualquer valor que podemos ter vem através da percepção dos sentidos; e é óbvio que não podemos ter qualquer percepção de Deus. Portanto, viverei para meus próprios interesses e não desperdiçarei minha vida preciosa em vãs especulações teológicas». O deísta diz: «Apesar de haver boas razões para crer-se que tudo foi criado por algum poder supremo, de alguma maneira, o vasto universo que podemos ver com os nossos olhos, também há boas razões para acreditarmos que ele não está mais conosco, tendo abandonado sua criação, pois não há tanto

Isso pode ser confrontado com as condições tão prevalentes nas igrejas locais de nossos dias, onde a fé, com freqüência, não passa de uma meia lealdade a algum credo.

*Superficiais meio-crentes, de credos casuais,
Mas que nunca sentiram no íntimo, nem desejaram,
Cujo discernimento nunca produziu fruto nas ações,
Cujas vagas resoluções nunca foram cumpridas;
Para quem, cada ano que passa,
É um novo começo, mas gera novos desapontamentos,
Que hesitam e titubeiam por toda a vida,
E que perdem amanhã o terreno conquistado ontem.
(Matthew Arnold - «The Gipsy Scholar»)*

10 περιπατῆσαι...ἀρεσκείαν Eph 4:1; Php 1:27 ἐν...καρποφοροῦντες Eph 2:10

mal e caos no mundo? Por que ele não faz alguma coisa acerca disso? É evidente, pois, que aquilo que fazemos deve ser feito tomando-se em conta somente os valores terrenos, pois Deus nunca nos recompensará, e nem ao menos nos castigará». Mas o teísta diz: «Deus existe. Sei disso por observação e por experiência espiritual; minha alma o reconhece, e não preciso de argumentos sutis. Minha alma tem comunhão com ele, não havendo boas razões para duvidar-se que tenha contínuo contacto com sua criação. Portanto, creio que ele recompensará aos bons e castigará aos maus; assim sendo, viverei tendo Deus em vista; minha vida física será apenas a extensão da inquirição de minha alma por Deus.

*Oh, se traçarmos um círculo prematuro,
Sem nos importarmos com o lucro a longo prazo,
Cobiçosos de proveito imediato, certamente
Má será a nossa barganha!
(Robert Browning).*

«...de modo digno do Senhor...», isto é, em consonância com suas exigências, a fim de não lançar seu nome no opróbrio. Aquele que anda de maneira digna de Cristo, segue o seu exemplo. (Ver I Cor. 11:1 e as notas expositivas ali existentes, sobre o «exemplo»). Não degradaremos sua pessoa e sua obra, como faziam os hereges de Colossos. Não nos ocuparemos das antigas atividades pagãs, mas andaremos em novidade de vida espiritual. Não deixaremos de dar atenção às questões a que o Senhor Jesus deu atenção, isto é, o que é eterno, e não o que é temporal (ver II Cor. 3:18). Isso pode ser comparado com I Tes. 2:12, que reza: «...exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória». E a passagem de Efê. 4:1, declara: «Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados». É assim que entraremos nas glórias celestes, compartilhando da própria imagem de Cristo. Nossa conduta deve estar de acordo com nossa associação e comunhão com Cristo, ao qual professamos diante dos homens. Nessas três referências é usada a frase distintiva *andar de modo digno*, embora muitos outros casos que falam do andar cristão digam a mesma coisa com palavras diferentes. O «Senhor», neste caso, é o Senhor Jesus Cristo, conforme se dá com a maioria dos usos desse vocábulo no N.T. (Ver o comentário sobre esse título, juntamente com o ensino do «senhorio de Cristo», em Rom. 1:4). O andar digno só pode ser uma realidade na vida do homem que tem a Jesus como seu Senhor, e vive como tal, em sua experiência diária. Alguns elementos da comunidade cristã de Colossos, porém, tinham rejeitado o senhorio de Cristo, imaginando a existência de muitos «aeons» ou poderes angelicais, aos quais adoravam. (Ver Col. 2:18,19).

«Há muitas coisas erradas e difíceis no mundo, de tal modo que dificilmente um homem pode evitar de macular-se com a iniquidade—a menos que desista de pensar muito sobre os prazeres, obtendo forças para tolerar aquilo que é difícil e doloroso. Meu pai possuía a grandeza que pertence à integridade; ele preferiu a pobreza e a obscuridade, ao invés da falsidade. E houve o frei Girolamo (Savanarola) ...este tinha a grandeza que pertence a uma vida gasta na luta contra o erro poderoso, que procura elevar os homens a feitos mais altos do que aqueles de que são capazes. E assim, meu Lilo, se queres agir com nobreza, buscando saber as melhores coisas que Deus tem posto ao alcance dos homens, terás de aprender a fixar a tua mente sobre essa finalidade, e não sobre o que te acontecerá por causa disso. E relembra que se escolheres algo inferior, fazendo disso a regra da tua vida, buscando teu próprio prazer, escapando daquilo que é desagradável, a calamidade te atingirá igualmente; e então a calamidade sobrevirá a u'a mente vil, que é uma forma de tristeza para a qual não há bálsamo». (George Eliott)

«...para o seu inteiro agrado...» O termo grego «areskeia» («agradar»), no termo clássico, com freqüência tinha o mau sentido de indevido aviltamento perante outros, a fim de obter-se algo. Esse sentido negativo aparece em Col. 3:22.No grego helenista, porém, a palavra com freqüência tem o sentido de «favor», «merecimento», da parte de Deus ou dos homens. Paulo exorta àqueles crentes que «desejem agradar» a Cristo, e isso «totalmente». Não poderiam fazer isso dando lealdade aos mestres gnósticos que havia entre eles. Em I Tes. 4:1 é recomendado aos crentes que «agradem» a Deus. Deveríamos estar interessados em «obter favor» (conforme esse vocábulo grego deixa implícito) da parte de Deus, da parte de seu Cristo, mas não da parte dos homens, o que distorceria nossa atitude. Paulo rejeita a tentativa de agradar aos homens, como algo que é indigno dos crentes (ver Gál. 1:10; I Tes. 2:4 e Col. 3:22), o que indica uma atitude desonesta, interesseira, na busca de ganhar alguma vantagem, ao invés de expressar uma atitude boa e benéfica aos outros. A atitude que busca agradar a Cristo é explicada, nas declarações que se seguem, como algo que consiste da vida frutífera, do

aumento no conhecimento de Deus, da constância na fé, na longanimidade, juntamente com a alegria, em que o espírito de gratidão se destaca supremamente em nossa vida; em outras palavras, disso é que consiste o desenvolvimento cristão em geral, no Espírito Santo, em que seu fruto, em seus diversos aspectos, se cumpre em nós (ver Gál. 5:22,23).

«Toda a vida em que se instaura o desejo de buscar o louvor e a boa opinião dos homens se vê maculada. Trata-se de um câncer, de uma lepra galopante, que corrói a sinceridade, a nobreza e a força de caráter. Temos o cuidado de não ajustar nossas velas para apanharmos os ventos mutantes do favor e do elogio humanos, mas olhemos mais para cima e digamos: Ele, o verdadeiro Comandante e Imperador, tem a nossa sorte em suas mãos; precisamos agradar a ele, e a ele somente... Voluntariamente os homens têm trocado suas vidas por um par de linhas de louvor em um despacho, ou pelo sorriso de algum grande comandante. Procuremos viver e morrer de tal modo que obtenhamos 'louvor honroso' da parte de nosso Capitão. O louvor de seus lábios é louvor autêntico. Nunca saberemos quanto isso vale, enquanto o sorriso não lhe iluminar o rosto, e o amor transparecer em seus olhos, quando ele contemplar-nos e disser: 'Muito bem, servo bom e fiel!'» (Maclaren, *in loc.*).

«...frutificando em toda boa obra...» A graça requer obras espirituais, e não pode haver graça divina sem as mesmas. Pois somos «feitura sua» (ver Efê. 2:10), criados «para as boas obras». Nenhum mérito humano terá qualquer valor diante do Senhor Deus; ao mesmo tempo, porém, há aquela atuação do Espírito que é o acompanhante necessário da vida eterna. Tais obras são mais do que «frutos» de fé e graça. São porções integrais das mesmas.

Comparemos Estas Atitudes

A conduta digna:

1. Essa conduta é inspirada pela graça, a qual predetermina as obras. Isso inclui o conceito de destino, pois cada indivíduo tem um plano divino a seguir em sua vida, e isso inclui até a sua conduta. (Ver as notas em Efê. 2:10 sobre esse conceito. Ver acerca da singularidade da missão de cada homem, nas notas sobre Apo. 2:17).

2. O andar digno, ou «conduta de vida», inclui as seguintes considerações:

a. Fruição. Isso envolve a santidade, as virtudes positivas (ver Gál. 5:22,23), mas também nosso viver segundo a lei do amor, mediante a qual servimos a nossos semelhantes (no dizer do presente versículo).

b. Crescimento constante no conhecimento de Deus (também segundo diz este versículo; ver as notas abaixo).

c. A aquisição de poder (vs. 11). Isso alude ao poder espiritual, no que diz respeito ao que deveríamos ser e ao que deveríamos praticar.

d. Gratidão, como uma das expressões da vida (ver Rom. 1:21), pois a falta de gratidão é o primeiro passo para a apostasia.

e. O cuidado de fazermos tudo com vistas a agradar a Deus, o qual é o Pai da família divina (como diz este versículo).

«...frutificando...» Essa palavra já fora usada e comentada no sexto versículo. As provisões do evangelho (ver o quinto versículo) fazem esse fruto ser produzido em nós. Paulo relembra a seus leitores originais que a frutificação lhes fora transmitida através do evangelho pregado por Epafras, o qual os levou ao ponto das realizações espirituais a que tinham chegado; e aqui o apóstolo adverte-os, indiretamente, para que tivessem cuidado com os falsos mestres e suas doutrinas, as quais não produziam essa realização espiritual.

O simbolismo de uma planta ou vinha (tal como no décimo quinto capítulo do evangelho de João) é a metáfora implícita. A união vital com a vida de Cristo produz fruto no crente que goza de tal união; de fato, é impossível a produção de fruto espiritual sem essa união. (Ver a metáfora do «fruto» explicada longamente nas notas expositivas sobre Gál. 5:22, onde o presente texto é ilustrado e melhor esclarecido).

«...crescendo no pleno conhecimento de Deus...» A maior parte dos intérpretes vincula as idéias de «produzir fruto» e de «crescer» com a questão do «aumento» no conhecimento de Deus.

Referências e idéias. O Companheirismo com Deus:

1. A comunhão com Deus é o companheirismo com Deus Pai (ver I João 1:3). 2. É o companheirismo com Deus Filho (ver I Cor. 1:9; I João 1:3 e Apo. 3:20). 3. É o companheirismo com o Espírito Santo (ver I Cor. 12:13; II Cor. 13:14 e Fil. 2:1). 4. É precedida pela reconciliação (ver Amós 3:3). 5. A santidade é essencial à mesma (ver II Cor. 6:14-16). 6. Foi prometida aos obedientes (ver João 14:23). 7. Os santos desejam essa comunhão (ver Sal. 42:1 e Fil. 1:23). 8. Gozam dela, através da meditação (ver Sal. 63:5,6). 9. Gozam dela, através da

oração (ver Fil. 4:6 e Heb. 4:16). 10. Gozam dela, na Ceia do Senhor (ver I Cor. 10:16). 11. Deveriam gozar sempre dela (ver Sal. 16:8 e João 14:16-18). 12. Foi exemplificada em Enoque (ver Gên. 5:24), em Noé (ver Gên. 6:9), em Abraão (ver Gên. 18:33), em Jacó (ver Gên. 32:24-29) e em Moisés (ver Exo. 33:11-23).

Variante Textual: As palavras «para dentro do conhecimento de Deus», que significariam que essa produção de fruto e esse crescimento espiritual são vistos a aumentar o conhecimento que o crente tem de Deus. Isso, naturalmente, é uma verdade, mas essa forma (que aparece nos mss D(3)KL e na maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição «koiné») não é a forma original. O original é o dativo com o artigo, «pelo conhecimento de Deus». Portanto, a produção de fruto e o desenvolvimento espiritual se baseiam no conhecimento que alguém tem de Deus. Esse é o texto dos mss P(46), Aleph, ABC(1)DGP e algumas versões. Nos mss Aleph(3), 47 e nos escritos de Crisóstomo e de alguns poucos outros, a preposição «en» é adicionada antes do artigo, mas isso tem o mesmo significado.

«...conhecimento de Deus...»

Conhecendo Deus

1. Paulo não alude aqui, especifica ou essencialmente, ao conhecimento intelectual. É conveniente que crescamos no nosso conhecimento teológico, conhecendo mais acerca da natureza e das obras de Deus. Essa forma de conhecimento pode servir de meio para chegarmos àquela modalidade de conhecimento que Paulo tinha em mente aqui.

2. Por um ângulo prático, fazer aquilo que é ordenado neste versículo, ou seja, «produzir fruto», «agradar a Deus», «crescer espiritualmente», são coisas que caracterizam aqueles que conhecem a Deus de maneira prática.

3. O temor ao Senhor é o princípio do conhecimento (da sabedoria, que é o conhecimento aplicado; ver Pro. 9:10). Isso fala especificamente de santidade. Aquele que é genuinamente santo, também conhece a Deus em um sentido prático e ético.

4. Conhecemos a Deus por intermédio do Filho, pois é ele quem revela Deus (ver João 1:18). Aquilo que sabemos com respeito ao Filho, as suas excelências, a sua pessoa, o seu amor, os seus propósitos, etc., conhecemos automaticamente com respeito a Deus, pois o Filho e o Pai têm, exatamente, as mesmas características.

5. Conhecemos Deus quando executamos a sua vontade (ver João 7:17). Desejamos comprovar a veracidade da doutrina? Cumpre a vontade divina, recebendo espiritualmente Cristo, como teu Salvador e Senhor. Em segundo lugar, cumpre a sua vontade diariamente. Dessa maneira é que te serão comunicados o conhecimento de Deus, os seus propósitos e o teu destino.

6. Conhecemos Deus através de seu Espírito. Este revela todo o conhecimento espiritual (ver Efê. 1:18 e ss.). Se ele tiver tomado conta de ti, então abundará no conhecimento do Pai.

7. Conhece Deus mediante a «filiação», pois estás destinado a compartilhar de sua própria natureza (ver Efê. 3:19). Quando perceberes o que ele está fazendo em tua pessoa, transformando-te conforme a imagem de Cristo, então aprenderás a respeito de Deus.

8. A polêmica: Os gnósticos tinham um modo falso de conhecer Deus. De fato, pensavam que conhecer a pessoa de Deus, era algo inatingível, preferindo substituir isso pelo conhecimento de supostos seres espirituais inferiores (os «aeons»). Não podemos duvidar que, para eles, Cristo não era a única via de conhecimento de Deus.

«O conhecimento de Deus é que é o instrumento real da 'expansão' na alma e na vida...» (Alford, *in loc.*) O que é verdade agora, será verdade por toda a eternidade.

Paulo dá a entender que o conhecimento que tinham os falsos mestres de Colossos, e que aqueles crentes desejavam, impediria que estes últimos atingissem o grande alvo da vida cristã. Todo o conhecimento de Deus é mediado por meio de Cristo, porquanto ele é a Palavra de Deus; e todos quantos degradam sua pessoa e mensagem, ao mesmo tempo aleijam o conhecimento do Pai, que lhes é oferecido. Aquele que não honra ao Filho também não honra ao Pai.

Variante Textual: As palavras no conhecimento figuram nos mss Aleph(3), D(3)E(2)KL, seguidos pelas traduções ASV, BR, NE, KJ e RSV. Mas as palavras «pelo pleno conhecimento» figuram nos mss P(46), Aleph(1), ABCD(1)D(1)FGP e Psi. Esta última é a forma original, sendo seguida pelas traduções AA, GD, M, WM, WY, dentre as catorze traduções usadas neste comentário para efeito de comparação. Quanto à identificação dessas traduções, ver a lista geral de abreviações, na introdução. A expressão «pleno conhecimento» representa a forma intensificada da forma ordinária da palavra grega que significa «conhecimento», embora o grego helenista com frequência não observasse a diferença. Algumas traduções, por reterem a forma simples, «conhecimento», evidentemente não estabelecem distinção entre as duas palavras.

11 ἐν πάσῃ δυνάμει δυναμούμενοι κατὰ τὸ κράτος τῆς δόξης αὐτοῦ εἰς πᾶσαν ὑπομονὴν καὶ μακροθυμίαν, ἑ μετὰ χαρᾶς

11 ἐν... αὐτοῦ Eph 1:19; 3:16

1:11: corroborados com toda a fortaleza, segundo o poder da sua glória, para toda a perseverança e longanimidade com gozo;

«...fortalecidos...»

O Poder E Seus Objetivos

1. É óbvio que o poder espiritual não é um produto do esforço humano. Paulo toma como ponto pacífico que esse poder nos é dado pelo Espírito. Em nós mesmos nada somos, mas em Jesus Cristo temos forças para fazer todas as coisas, bem como para ser o que é agradável aos olhos de Deus. (Ver Fil. 4:13). Assim é que o presente versículo informa-nos de que esse poder é de acordo com o glorioso poder do próprio Deus. É um poder que opera milagres. Tal poder é necessário para que a vida cristã se cumpra com êxito.

2. Esse poder tem como seu objetivo o cumprimento daquilo que o vs. 10 nos ordena: andar de uma maneira digna do Senhor; agradável em tudo; ser

frutífero em toda a forma de boas obras; aumentar constantemente no conhecimento de Deus.

3. Poderíamos resumir isso afirmando que esse poder tem, como seu objetivo, «contar com Cristo em nossa vida», e não viver nossa própria vida (carnalmente, humanamente); antes, é como Paulo dizia: «Para mim o viver é Cristo» (Fil. 1:21).

4. Este versículo também nos mostra algo dos objetivos desse poder: perseverar debaixo da pressão; exercer paciência no cumprimento de nossa missão, sem importar o custo; e isso em parceria com o espírito de não-retaliação no tocante aos nossos adversários e aqueles que pretendam causar-nos danos ou impedir-nos.

5. O poder que atua em nós, é o mesmo poder que ressuscitou a Jesus Cristo dentre os mortos e lhe conferiu sua exaltada posição nos céus (ver

Efé. 1:19 e ss.). Estamos seguindo os seus passos; e desde agora compartilhamos espiritualmente da sua vida e da sua morte. Compartilhamos espiritualmente da sua vida e da sua morte. Compartilharemos literalmente de sua ressurreição, ascensão e glorificação. Precisamos do poder de Deus para atravessar todas essas experiências com sucesso, a fim de nos tornarmos a própria plenitude de Cristo (ver Efé. 1:23).

6. Podemos obter esse poder através da aplicação dos meios espirituais de desenvolvimento: o estudo dos documentos sagrados (treinamento da mente), a oração, a meditação, a santificação, o viver segundo a lei do amor (as boas obras), e o uso dos dons espirituais no cumprimento de nossa missão. Aquele que assim fizer, será um gigante espiritual.

«...segundo a força da sua glória...» No grego temos «kratos», «poder», «força». Esse é o poder que opera milagres e maravilhas (ver Marc. 6:14). Opera o milagre da redenção humana, bem como tudo quanto nela está envolvido, o crescimento e a constância, bem como a longanimidade. Há um divino suprimimento de poder proporcional a todas as necessidades do crente. O Espírito Santo é a fonte desse poder, pelo que ele deve ser buscado com sinceridade; pois, do contrário, não haverá transmissão do mesmo. O partícipio presente é usado com a palavra «fortalecer», o que dá a entender um «crescente fortalecimento».

Essas palavras, que em algumas versões são traduzidas por «seu poder glorioso», apontam aqui para a onipotência divina. Ambas as traduções são possíveis. Está em foco a força inerente à glória divina, à majestade de Deus. Alguns pensam que o objeto oculto seja Jesus Cristo, por ser ele a glória do Pai. É verdade que esse poder nos é dado por motivo de nossa ligação com Cristo, de nossa união com ele; mas não parece que isso esteja especificamente em foco aqui. Há certa majestade divina, que ele possui em sua onipotência; e disso consiste a sua «glória». É isso que devemos entender no presente contexto, embora muitas outras coisas também façam parte dessa glória, como, por exemplo, sua perfeita natureza moral, seu amor, sua graça, sua santidade, etc. Visto que esse poder faz parte da «onipotência», é capaz de fazer tudo, acima de tudo quanto possamos pedir ou pensar, «...conforme o seu poder que opera em nós» (Efé. 3:20). «A glória de Deus é a sua natureza manifestada; neste ponto ela se manifesta na forma de poder» (Peake, *in loc.*). (Ver Rom. 3:23 quanto a notas expositivas completas sobre a expressão «a glória de Deus»).

«...em toda a perseverança...» No grego temos o vocábulo *upomone*, que raramente significa apenas «paciência», nas páginas do N.T. Está em foco a idéia de «constância», de «fortaleza», de «perseverança». Pode indicar a «resistência forte» sob o sofrimento, ou pode subentender a constância da fé e da profissão cristã, em face da perseguição e da oposição, o que, mui provavelmente, é o significado aqui tencionado. Paulo orava, pois, para que aqueles crentes fossem capazes de enfrentar todos os seus adversários e

12 εὐχαριστοῦντες τῷ πατρὶ τῷ ἰκανώσαντι ὑμᾶς

12 {C} τῷ πατρὶ p⁶¹ A C* D K P Ψ 33 81* 181 630 1241 1739* 1962 1984 1985 Byz 1897 it^{d,e,mon} vg^{m,w} syr^h cop^{sa,bo} goth arm eth Basil^{1/2} Didymus^{2/3} Theodoret^{1st} Augustine Cyril Euthalius Ps-Jerome Cassiodorus John-Damascus // ἡμᾶ τῷ πατρὶ p⁶¹ B // τῷ πατρὶ τοῦ Χριστοῦ 330 451 2492 // τῷ πατρὶ καὶ θεῷ 2495 // τῷ θεῷ πατρὶ N it^{e,i,g,m,x,z} vgⁱ syr^p cop^{sa,bo}

12 {C} ὑμᾶς N B 104 629 1739 1881 1984 1985 2127 2492* syr^{hmg} cop^{sa} goth arm eth Ambrosiaster Ephraem Didymus^{1/3} Pelagius Theodoret^{1st} Ps-Jerome Theophylact // ἡμᾶς A C D G K P Ψ 33 81^{it,d} 88 181 326 330 436 451 614 630 1241 1877 1962 2492* 2495 Byz Lect it^{ar,c,d,em,div,e,f,g,m,mon,x,z}

12 τοῦ κλήρου τῶν ἁγίων Eph 1:18

12 εὐχαριστοῦντες] πραετ και p⁴⁶B eth: add αμα p⁴⁶B | τω Πατρι p⁴⁶ABD pc vg^w ς; R] τ. Θεω

Π. N* 69 it vg^{sl} sy: Θεω τω Π. G^o: τ. Θ. και Π. 104 pt vg^s | ικανώσαντι p⁴⁶KAI pl vg ς; R] καλέσαντι D*G 33 pt it: καλ. και ικαν. B |

4 Este versículo apresenta um ninho curioso de variantes (ver também os comentários seguintes). A forma que melhor explica a origem das outras é τῷ πατρὶ, apoiada por diversificado grupo de testemunhos (P (61) A C* D K P Ψ 33 81* 1739* it (d, 86) vg sir (h) cop (sa,bo) gót ara eti). O estranho da designação de Deus simplesmente como ὁ πατήρ quando Cristo não foi nomeado no contexto imediato, sem dúvida impeliu copistas a adicionarem ou τοῦ Χριστοῦ (330 451 2492) ou (τῷ) θεῷ, ou em aposição (N it (g) sir (p) Espéculo), ou em ligação com καὶ (C (3) 81 (c) 88 104 614 1739 (mg) 2495 al). A concordância de P (46) e B na prefixação de ἡμᾶ é uma coincidência notável de equívoco.

Ao invés de ἰκανώσαντι, que é fortemente apoiada por P (46) N A C D(c) K L P maioria dos minúsculos vg sir (p,h) cop (bo) al, vários testemunhos, principalmente ocidentais (D* F G 33 436 1175 it (d,g) cop (sa) gót ara eti), substitui καλέσαντι. Essa última forma surgiu ou por acidente de cópia (confusão entre τῷ ικανώσαντι e τῷ καλέσαντι seria fácil), ou deliberadamente, como substituição de uma expressão incomum por outra familiar (ἰκανώω ocorre noutros trechos do N.T. somente em II Cor. 3:6). A forma de B é uma antiga mescla de ambas as variantes (καλέσαντι καὶ ἰκανώσαντι).

5 A maioria da comissão preferiu ὑμᾶς (N B 1739 sir (hmg) cop (sa) gót ara eti) considerando ἡμᾶς (A C D G K P Ψ 33 614 Byz Lect vg sir (p,h) cop (bo) al) como assimilação ao vs. 13.

1:12: dando graças ao Pai que vos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz,

«...dando graças...» Todo o dom perfeito e bom procede de Deus, que é o Pai das luzes, cuja habitação é no reino da luz. A esse reino é que ele nos conduz, fazendo-nos participar da natureza e da herança do seu Filho; e é nessa comunhão de filiação que recebemos as suas bênçãos paternas, o que também é confirmado em Efé. 1:3. (Quanto à «paternidade de Deus», ver as notas expositivas em Rom. 8:15 e João 8:42). Esse tema é muito repetido na epístola aos Efésios, em conexão com todas as bênçãos e privilégios celestes, que são ali descritos. (Ver Efé. 1:2,3,5,14,17; 2:18,19; 3:14,15; e 6:23). Notemos que em Efé. 1:14, tal como neste versículo, está envolvida uma «herança»; e isso, só por si, fala de uma «relação familiar».

(Quanto às «ações de graça», comparar com Efé. 5:20, onde se lê:

forças opositoras, mantendo sua fé cristã em qualquer transigência. Já se tornou conhecido pela sua «paciência». Mas sua narrativa deixa claro que ele não teve «paciência», conforme essa palavra geralmente é compreendida por nós. Mas ele «resistiu» ante todos os sofrimentos, conservando a sua fé em Deus, até mesmo contra a oposição de amigos e de familiares seus. (Ver Tia. 5:6). Um homem pode resistir, mantendo-se perseverante, contra todas as oposições, se verdadeiramente goza de comunhão mística, que é aquilo que o sustenta; pois, sem essa união, seria presa fácil de poderes contrários. É a força divina, pela qual Paulo acabara de orar, que mantém firme ao crente; e isso lhe vem através do Espírito Santo.

«...longanimidade...» No grego temos o termo «makrothumia», «constância», «paciência infinda». Essa palavra pode expressar aquela atitude à qual ordinariamente chamamos de «paciência», com muito maior facilidade do que no caso da palavra anterior; normalmente, porém, reveste-se da idéia de constância sob o sofrimento, sem retaliação contra os ofensores. «...tolerar os erros, sem ser impellido à retaliação ou à amargura, tal como Deus é longânimo para conosco, o qual 'não quer que ninguém pereça, mas que todos venham ao arrependimento' (II Ped. 3:9). O uso desse substantivo e de seu verbo cognato, em Tia. 5:7-11, é muito instrutivo». (Beare, *in loc.*).

«...não somente nas tribulações, mas também no conflito contra o erro, o que está mais em foco nesta epístola» (Alford, *in loc.*).

«...lento em irar-se, não sendo facilmente conduzido à cólera; pronto a perdoar às ofensas; e longânimo, resistindo com paciência a todos os opróbrios e perseguições, por causa de Cristo e do evangelho» (John Gill, *in loc.*). Esse vocábulo foi usado para falar de certa qualidade possuída pelo próprio Deus, segundo se vê nos trechos de Rom. 2:4; 9:22; I Ped. 3:20; ou de certa qualidade de Cristo, segundo se lê em I Tim. 1:16 e II Ped. 3:15.

«...com alegria...» O espírito da alegria é uma fortaleza contra a mente atribuída. Ora, a alegria é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22). (Quanto a notas expositivas sobre a «alegria», além daquelas dadas no presente versículo, ver João 15:10 e 17:13, onde também damos poemas ilustrativos). A alegria é uma das notas chaves da epístolas aos Filipenses, sendo comentada em Fil. 1:4 e 4:4. Paulo exorta-nos aqui à alegria sob o sofrimento e debaixo de dificuldades; e isso, se for feito com sucesso, transbordará na forma de gratidão (ver o décimo segundo versículo deste capítulo). Parece que essa é a linha de pensamento de Paulo. No vigésimo quarto versículo do presente capítulo, o apóstolo é visto a regozijar-se em seus sofrimentos, porquanto beneficiavam ao cristianismo, e por serem eles uma espécie de participação nos sofrimentos de Cristo, já que o Senhor igualmente sofreu pela sua igreja. (Quanto à «alegria» de Paulo sob o sofrimento, como em seus encarceramentos, ver as notas expositivas sobre Fil. 1:18,19 e 2:17,18, onde se acha um exemplo vivo do que aqui é dito. Ver também Atos 16:25 e Rom. 5:3,11).

Origen^{1st} Cassiodorus // θεῷ τῷ πατρὶ G^o // τῷ θεῷ καὶ πατρὶ C³ 81* 88 104 326 436 614 629 1739^m 1877 2127 Lect it^{ar,em,div} syr^h with * Ambrosiaster Athanasius Basil^{1/2} Didymus^{1/3} Pelagius Theodoret Vigilus Ps-Jerome Cassiodorus // omit 1881

vg syr^h cop^{bo} Origen^{1st} Ambrosiaster Athanasius Basil Didymus^{2/3} Chrysostom Pelagius Augustine Cyril Euthalius Theodoret Vigilus Ps-Jerome Cassiodorus

«...dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai...»; ou com I Tes. 5:18: «Em tudo dai graças...» Entre outros deveres impostos aos crentes, o fazer «ações de graças» é um deles (ver I Tim. 2:1). O trecho de Rom. 1:21 mostra que a ausência do espírito de agradecimento é começo da apostasia. A ação de graças é o reconhecimento da bondade de Deus, tanto em tempo de abundância e paz como em tempo de tribulação e adversidade. O crente tem a confiança que, finalmente, o bem vencerá ao mal; pelo que tem razões reais para ser grato «em» e «por» tudo, crendo que tudo que lhe sobrevém tem seu propósito benigno e seu resultado benéfico final. As ações de graça, portanto, algumas vezes são o resultado da «crença confiante», e não a expressão de gratidão pelas bênçãos presentes e evidentes.

«...que vos fez idôneos...» No grego, esta última palavra é «ikanos», que significa «suficiente», «adequado», «qualificado». Somos «qualificados» por

Deus, para que nos tornemos «participantes» da herança de Cristo. Essa «qualificação» é, naturalmente, recebida dentro da redenção operada em Cristo, quando um homem recebe a própria «retidão» de Deus, que lhe é infundida, segundo se aprende em Rom. 3:21, vindo a participar da natureza do Filho (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29), ou seja, da «natureza divina» (ver II Ped. 1:4). Nessas coisas é que somos «qualificados», porquanto nos tornamos filhos verdadeiros, possuidores, de maneira bem literal, a mesma natureza que Deus Pai e Deus Filho, sendo elevados muito acima da natureza angelical.

Variante Textual: A palavra «vós» aparece nos mss Aleph, B, 4, 23, 80, 115, Amiat., o Si(p(Mg)), o Eti e os escritos de Didimo, Teofilacto e Ambrosiastro. Provavelmente essa é a forma correta. Porém, os mss ACDGKLP e a maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição «koiné», dizem «nós». O significado é o mesmo, pois os crentes estão em pauta, sem importar se Paulo se inclui ou não na declaração, ou apenas aponta para os crentes colossenses, em referência direta.

A palavra «idôneos», no grego, «*ikhonosanti*», aparece como «*kalesanti*», isto é, «chamou», nos mss D(1)G, 17, 80, no Gót, no Ara, no Eti e nos escritos de alguns poucos dos pais da igreja; não há dúvida, porém, que essa é uma forma claramente secundária, pois «idôneos» figura nos mss P(46), Aleph, ACD(3)KLP, na Vulg, no Bo, no Si e nos escritos de alguns pais da igreja. A substituição foi de uma forma menos familiar para uma forma mais familiar. O ms B combina as duas formas, o que é incomum nesse manuscrito; mas trata-se apenas de uma mistura de formas em conflito. (Acerca de como se deve escolher os textos certos, quando surgem variantes, ver o artigo sobre os manuscritos antigos do N.T., na introdução ao comentário).

«...à parte...» No grego é «*meris*», «parte», «distrito», «partilha», «porção». Na forma verbal significa «dividir», «distribuir». A expressão, evidentemente, foi tomada por empréstimo de Sal. 16:5, onde se lê «...a porção da minha herança...». A herança do Filho e dos filhos de Deus é a mesma, sendo igualmente dividida entre eles, de tal modo que se tornou co-participantes, juntamente com ele, de tudo quanto isso significa e envolve. A palavra aqui é empregada por subentender que cada crente tem uma porção distintiva nessa herança, uma porção impar. (Ver as notas expositivas, em Apo. 2:17, acerca desse conceito).

«...herança...» Tudo quanto Deus nos dá, em Cristo e através dele, como a sua própria natureza, nos aspectos moral e metafísico, e tudo quanto ele possui, é aqui focalizado. A completa salvação é salientada em todas as suas implicações. (Ver Heb. 2:3 quanto à nota geral sobre a «salvação»). Não nos compete materializar essa questão, como se ela olhasse para as «coisas» que possuímos. A herança consiste, principalmente, daquilo que é feito em nós, embora também consista da participação nas glórias e no bem-estar dos lugares celestiais. O vocábulo «herança» dá a entender a «paternidade» de Deus (anteriormente mencionada; ver as referências dadas nas notas expositivas), porque a herança nos será dada na qualidade de membros da família divina. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «herança», ver Rom. 8:17).

Notemos que primeiramente Deus nos torna «idôneos» ou «qualificados», para essa herança, que deverá envolver uma revolucionária modificação de natureza, a saber, da natureza humana para a divina, segundo se mostra mais acima.

*Isso feito: a grande transição estará feita!
Sou de meu Senhor, e ele é meu.*

(Philip Doddridge).

«...santos na luz...» (Quanto a notas expositivas completas sobre os

13 ὅς ἐρρύσατο ἡμᾶς ἐκ τῆς ἐξουσίας τοῦ σκοτοῦ καὶ μετέστησεν εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ υἱοῦ τῆς ἀγάπης αὐτοῦ, 13 τῆς ἐξουσίας τοῦ σκοτοῦ Lk 22:53; Eph 2:2; 6:12 τοῦ υἱοῦ...αὐτοῦ Mt 3:17; Eph 1:6

1:13; e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado:

Paulo dá continuidade, aqui, à metáfora da luz e das trevas, amplamente comentada em Efê. 5:8; mas aqui substitui a expressão «reino da luz», que poderíamos esperar, por «reino do Filho do seu amor» ou, como melhor tradução, «reino do seu Filho querido». As recompensas do crente fazem fora do campo dos méritos individuais, das realizações pessoais, porquanto se centralizam em Cristo, que é o instrumento da graça de Deus, dada aos homens. Essa mensagem graciosa é que tirou os crentes colossenses das trevas do paganismo, preparando-os para serem futuros cidadãos do reino da luz. Paulo conclama aqui a seus leitores a se lembrarem desse fato, não se deixando levar pelas especulações intelectuais e falsamente místicas dos mestres gnósticos, que roubavam de Cristo sua glória e missão, além de negarem os resultados de sua obra entre os homens. Aqueles crentes deveriam repelir as idéias de redenção representadas pelas fórmulas místicas, pelas iniciações secretas e pelos ritos cerimoniais dos gnósticos (ver Col. 2:8), de mistura com o legalismo e o asceticismo, tomados por empréstimo do judaísmo (ver Col. 2:16-18). A redenção envolve a transformação moral e espiritual, e não meras especulações intelectuais e místicas.

«...Ele nos libertou do império das trevas...» O verbo «libertar» é «*ruomai*», que significa «salvar», «resgatar», como que de alguma servidão. A palavra «...império...», é, literalmente, «autoridade» ou «poder». Está em foco o poder das trevas (no grego «*eksousia*»), embora, algumas vezes, isso se refira ao «domínio do poder», ou seja, um «reino», um «governo». E alguns intérpretes preferem aqui este sentido. Seja como for, a vida passada deles, na corrupção, como pagãos, é aqui salientada, e isso moldado dentro da metáfora da cidadania de um reino perverso e negro. Também fica implícito que esse é o reino de Satanás, pois ele é o «deus» deste mundo (ver II Cor. 3:4), o qual cega aos homens, de tal forma que a luz do glorioso evangelho não pode penetrar em suas mentes. Provavelmente também fica implícito que aqueles que agora permanecem sujeitos a esse reino, necessariamente, na vida futura, tornam-se sujeitos do submundo inferior. Alguns pensam que a palavra «...trevas...», neste ponto, tem um

«santos», como título aplicado a todos os crentes, ver Rom. 1:7). Esse título subentende a necessidade de santidade, pois, sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). E isso significa não apenas o sentido «forense», a santidade aceita em Cristo (sem que haja em nós mesmos uma perfeita santidade). O propósito da santificação é fazer o crente possuir a santidade realmente, em sua própria natureza, aquilo que ele possui forensicamente em Cristo. (Ver I Tes. 4:3 quanto a notas expositivas sobre a «santificação»). O indivíduo chegará a compartilhar das próprias santidade e retidão de Deus, sendo, finalmente, não menos santo do que ele, porquanto o alvo é a perfeição absoluta (ver Mat. 5:48 e Rom. 3:21). E isso faz parte de nossa qualificação para o reino celestial. De fato, ninguém entrará ali sem essa qualificação.

Observemos que o trecho de II Tes. 2:13 faz a «santificação» ser um meio da salvação.

«...luz...» A luz é associada à retidão, à presença, à glória e à majestade de Deus, bem como à sua própria pessoa, bem como à pessoa de Cristo (ver João 1:9). Os próprios crentes são «feitos luz», isto é, compartilham da sua mesma natureza, em si mesmos, através do dom divino (ver Efê. 5:8,13). Aquilo que é «iluminado» transforma-se, por sua vez, em luz, conforme nos mostra Efê. 5:13, que também é a mensagem do primeiro capítulo do evangelho de João. A «luz» que é Cristo ilumina aos homens; e, nessa iluminação, eles mesmos chegam a ser luz, e não meramente espelhos refletidores da luz. Essa é apenas uma maneira poética de dizer que eles, os remidos, virão a compartilhar da natureza de Cristo. Irão passando de um estado de glória para outro, nesse processo (ver II Cor. 3:18). Nesse ponto, os lugares celestiais, onde vivem os homens iluminados, são chamados «luz», porquanto são lugares onde não há pecado obscurecedor, mas tão-somente o brilho da santidade e da glória.

No trecho de Efê. 5:8 são amplamente desenvolvidas as metáforas da «luz» e das «trevas», cujas notas expositivas devem ser lidas em conexão com a presente passagem, para maior benefício do leitor. (Comparar isso com João 3:19-21, onde são empregadas as metáforas da «luz» e das «trevas», especificamente no que diz respeito ao testemunho da verdade e da justiça no mundo, em oposição às trevas de sua perversão inerente).

A referência, neste versículo, é futura, embora também seja verdade que desde agora, mediante a conversão e o processo de santificação, os remidos começam a ser participantes da «luz de Deus», aguardando a fruição futura, que é imensamente maior que a presente posseção de que desfrutam.

Tudo isso pode ser comparado com I João 1:5-7, onde se aprende que Deus é luz, não havendo nele treva alguma. Precisamos andar na luz e na verdade, o que faremos se mantivermos com ele a relação de «pai-filhos».

Variante Textual: Os mss P(46) e B dizem «agradecendo ao Pai, ao mesmo tempo» (ver o décimo primeiro versículo). De acordo com essa variante, devemos pensar que o *agradecimento* deve ser compreendido como paralelo ao «pedido» do nono versículo, ou seja: «Não cessamos de pedir por vós... dando graças, ao mesmo tempo...». Isso faria a idéia ser paralela à de Fil. 1:3,4, onde são vinculadas a oração e a comunhão, dentro do evangelho. E aqui, como ali, tal forma faria as ações de graças se referirem ao que o escritor (ou escritores) da epístola expressavam na oração, e não ao que ele esperava dos leitores. A combinação dos mss P(46) e B, em favor dessa forma, talvez mostre que desde bem cedo foi descontinuada a palavra grega «ama», talvez para efeito de simplificação do texto, e, juntamente com isso, o verdadeiro significado do texto. Permanece em dúvida qual seja o texto verdadeiro, neste ponto.

sentido personalizado, como se fosse «Satanás, o príncipe das trevas», cuja natureza é tão perversa e maligna que nenhuma luz habita nele. Dois reinos em oposição são aqui apresentados; e cada qual tem os seus respectivos cidadãos. Paulo talvez dê a entender que os mestres gnósticos eram cidadãos do reino das trevas, que têm a Satanás por seu tirano e rei, embora não saibam disso. Em contraste com isso destaca-se o reino da luz, que é o reino do Filho querido de Deus, no qual habita a retidão e a verdadeira liberdade. A tais idéias é que Paulo aqui se reporta, ante seus leitores.

«...transportou...» No grego é «*metistemi*», isto é, «remover», «transferir». Palavra muito apropriada é essa, pois nos escritos clássicos era usada para indicar o transporte de tropas ou grandes grupos de homens de um lugar para outro. Comparar com Efê. 4:8, onde também é salientado o caráter «maciço» do ato remidor de Deus, em Cristo Jesus.

«...do Filho do seu amor...», ou então, «do seu Filho querido», objeto especial de seu amor, conforme dizem algumas traduções.

Referências e idéias. A preciosidade de Cristo:

1. Cristo é precioso para Deus (ver Mat. 3:17 e I Ped. 2:4). 2. Para os santos (Can. 5:10; Fil. 3:8 e I Ped. 2:7). 3. Por causa de sua bondade e beleza (ver Zac. 9:17). 4. Por causa de sua excelência e graça (ver Sal. 45:2). 5. Por causa de seu nome (ver Can. 1:3 e Heb. 1:4). 6. Por causa de sua expiação (ver I Ped. 1:19 com Heb. 12:24). 7. Por causa de suas palavras (ver João 6:68). 8. Por causa de suas promessas (ver II Ped. 1:4). 9. Por causa de seus cuidados e ternura (ver Isa. 40:11). 10. Por ser ele a pedra de esquina da igreja (ver Isa. 28:16 com I Ped. 2:6). 11. Por ser a fonte de toda a graça (ver João 1:14 e Col. 1:19). 12. Por ser insondável (ver Efê. 3:8). 13. A preciosidade de Cristo é ilustrada (ver Can. 2:3; 5:10-16 e Mat. 13:44-46).

O amor não figura aqui como a essência mesma de Deus Pai (segundo se vê em I João 4:8), e nem como a essência do Filho. Antes, é um atributo básico de Deus, sua manifestação para com o Filho. Notemos como, em João 3:16 e I João 4:19 é definido o amor, no fato que ele nos amou e nos deu seu Filho por nós, e não no fato que nós o tenhamos amado. Assim, pois, é dito que o reino da luz pertence ao Filho amado, o objeto especial do amor do Pai. Assim sendo, não aspiramos a algum reino de qualquer «aeon»

ou poder angelical, conforme pregavam os falsos mestres gnósticos. O reino celeste pertence a Cristo, e é somente através de seu evangelho e de suas provisões que podemos chegar ao mesmo. Essa é a polêmica envolvida neste versículo. Isso pode ser comparado com expressões como «o Filho amado», que se vê em Marc. 1:11 e seus paralelos. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Mat. 3:17). Essas duas expressões são iguais em seu significado. A idéia do presente versículo é paralela às expectativas messiânicas, contidas no segundo Salmo. O Rei mostra-se triunfante, e é a ele que Deus saúda como seu Filho (ver os versículos sexto a nono do referido Salmo).

Os tiranos, por toda a história, como os assírios e babilônios, ou como Hitler, nos tempos modernos, transferiram grande número de pessoas de um lugar para outro, a fim de destruírem sua identidade nacional, assim obtendo uma total vitória, procurando até obliterar raças inteiras. Cristo Jesus também transferirá um povo, mas não a fim de obliterá-lo, e, sim, para elevá-lo a um nível infinitamente alto, livrando-o daquele reino cuja natureza é suficientemente poderosa para obliterar a verdadeira identidade de um homem, transformando-o em uma criatura pior do que um animal, devido à depravação. Assim como o amor supremo de Deus repousa sobre o seu Filho, assim também repousa sobre os filhos de Deus, os quais entrarão no mesmo reino de luz e receberão a mesma herança do Filho.

O Jesus, ilumina os Homens!

*Estrela maravilhosa, estrela de luz,
Estrela de esplendorosa beleza real,
Que conduzes para oeste, e vais avançando,
Guia-nos para a Luz perfeita!*

Jesus, o Cristo, nascido entre os homens; ó Luz de Deus, ilumina aos homens. Jesus, que desceste da presença do Deus que é Luz, transforma também os homens em luz de Deus. Tendo descido do esplendor celeste, tendo deixado há pouco a tua glória, as tuas prerrogativas como Deus, mas que

14 ἐν ᾧ ἔχομεν τὴν ἀπολύτρωσιν, τὴν ἀφεσιν τῶν ἁμαρτιῶν

14 εχομεν] (Eph. 1. 7) εσχ- B | απολυτρωσιν] add (Eph. 1. 7)

1:14: em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados;

«...redenção...» No grego temos a palavra «apolutrosis». Esse termo grego, tal como o vocábulo latino de onde se deriva nossa palavra portuguesa «redenção», significam, primariamente, «comprar de volta». Nas páginas do N.T., porém, é freqüente o uso dessa palavra como «libertação», simplesmente. Do ponto de vista teológico, têm aplicação tanto a idéia de «comprar de volta» como apenas de «comprar». O termo «redenção» subentende um «preço pago». Esse preço é o sangue de Cristo. Os gnósticos, entretanto, negavam a validade da expiação pelo sangue de Cristo. Criam que Cristo tinha autoridade somente em seu «batismo», quando o «aeon» suposto descera sobre Jesus de Nazaré. Na realidade, porém, Cristo veio tanto pelo sangue como pela água (ver I João 5:6). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «expiação», ver Rom. 5:11. Ali são apresentadas as várias teorias a respeito). A redenção consiste da «libertação» dos crentes, da servidão ao pecado; mas também envolve o transporte para o reino celeste de todos os perdoados. Há uma «eterna redenção». (Ver Heb. 8:12 e as notas expositivas ali existentes, sobre essa expressão e seu significado). Redenção é salvação; e salvação é «filiação». (Ver Heb. 2:3 quanto à nota de sumário sobre a «salvação»). A questão da «redenção» é amplamente comentada em Efé. 1:7, que é o paralelo deste versículo, e praticamente idêntico ao mesmo). A referência, neste versículo, ao «sangue», não é genuína, mas foi tomada por empréstimo, a fim de harmonizar-se com o trecho de Efé. 1:7, onde o vocábulo faz parte genuína do texto sagrado. (Ver a nota textual que se segue).

*Assim como os rios buscam um mar que não podem encher,
Mas são eles mesmos tomados pelo abraço do mar,
Absorvidos, em descanso, cada rio e cada riacho:
Concede-nos tal graça.*

(Christina G. Rossetti).

Na redenção, pois, somos absorvidos pelo oceano da graça divina, embora não percamos nossa individualidade. Nas profundezas oceânicas de seu amor, a vida se vai tornando cada vez mais rica e cheia. Os remidos serão cheios para sempre com toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19).

A função do presente versículo é estabelecer a transição para a grande passagem cristológica que se segue. É através de Cristo, o objeto do amor especial de Deus, o qual também fez expiação eterna por nós, que chegamos ao reino da luz. É em Cristo que se unem o criador e a sua criação, e a passagem que se segue é uma descrição exata de sua elevada natureza, de sua exaltada posição, de seu poder sem-igual, que tanto é remidor como é governamental.

Referências e idéias. A expiação.

1. A expiação é explicada (ver Rom. 5:8-11; II Cor. 5:18,19; Gál. 1:4; I João 2:2; I João 4:10). 2. Foi preordenada (ver Rom. 3:25; I Ped. 1:11,20 e Apo. 13:8). 3. Foi predita (ver Isa. 53:4-6,8-12; Dan. 9:24-27; Zac. 13:1,7; João 11:50,51). 5. Foi efetuada exclusivamente por Cristo (ver João 1:29,36; Atos 4:10,12; I Tes. 1:10; I Tim. 2:5,6; Heb. 2:9; I Ped. 2:24). 6. Foi voluntariamente efetuada (ver Sal. 40:6-8 com Heb. 10:5-9 e João 10:11,15,17,18). 7. A expiação exhibe a graça e a misericórdia de Deus (ver Rom. 8:32; Efé. 2:4,5,7; I Tim. 2:4; Heb. 2:9). 8. O amor de Deus (ver Rom. 5:8; I João 4:9,10). 9. O amor de Cristo (ver João 15:13; Gál. 2:20; Efé. 5:2,25 e Apo. 1:5). 10. Reconcilia entre si a justiça e a misericórdia de Deus (ver Isa. 45:21; Rom. 3:25,26).

Referências e idéias. O perdão.

1. O perdão foi prometido (ver Isa. 1:18; Jer. 31:34 com Heb. 8:12; Jer. 50:22). 2. Não vem perdão sem derramamento de sangue (ver Lev. 17:11 com Heb. 9:22). 3. Os sacrifícios da lei são ineficazes para tanto (ver Heb. 10:4). 4. As purificações externas são ineficazes para tanto (ver Jó 9:30,31; Jer. 2:22). 5. O sangue de Cristo é o único meio eficaz de perdão (ver Zac. 13:1 com I João

ocasionalmente permitiste-nos ver fugidamente a tua glória. És o verdadeiro homem, o padrão e o agente da criação, e agora és o nosso alvo. Aprendeste a obediência como homem, sofrendo, crescendo e amadurecendo, comungando com o Pai, imerso no Espírito. Verdadeiro homem, tendo amadurecido como deve amadurecer um homem, mostrando-nos o caminho, és o caminho. Vemos, crescentemente, em tua face e fisionomia, a luz de Deus e somos iluminados e transformados de um grau a outro de esplendor, até que, finalmente, seremos tua perfeita imagem. O Jesus, preenche a tudo em todos, mas somos a tua plenitude. Nunca disseste que esse seria o destino dos anjos. Somos teus irmãos, filhos de Deus que estão sendo transportados à glória, cuja natureza e cujo destino são mais elevados que no caso dos anjos. Glória insondável pertence agora às nossas almas, embora desconhecida; mas que instintivamente apreendemos, mas com uma compreensão tão fugidia e frouxa. Estatura agora desconhecida, inefável, isso é o que seremos. Jesus, este é o teu evangelho. Perdão dos pecados, mas muito mais que isso; iluminação, sim, mas mais ainda; transformação, filhos de Deus conduzidos à glória, participação na natureza divina. O Estrela maravilhosa, estrela de luz, estrela de esplendorosa beleza real, guia-nos para a luz perfeita. (Russell Champlin, ao meditar sobre passagens como João 1:1,4,9,12,14; Heb. 5:8; Efé. 1:11,18-20-23; 3:19; II Cor. 3:18; Rom. 8:18,19,29,30; Col. 2:9,10 e II Ped. 1:4).

Deus não cessou de agir em nosso favor, quando nos «libertou». Esse foi apenas o primeiro passo. Também transferiu os libertos para seu reino de luz. Estes se tornaram cidadãos da pátria celeste (ver Fil. 3:20). E no tempo determinado por Deus entrarão na posse dessa pátria. O «reino», neste ponto, não é o «estado eclesiástico», e nem é o reino «messiânico» sobre a face da terra; antes, é o vasto reino dos lugares celestiais (ver os comentários acerca disso, em Efé. 1:3). Os remidos agora entram no «reino de sua graça». Por ocasião da glorificação, todavia, haverá de entrar nos mundos eternos que constituem o reino celestial de Deus. O conceito do «reino» é muito complexo nas páginas do N.T. (Quanto a notas expositivas completas sobre sua variedade de significados, ver Mat. 3:2).

★ ★ ★

14 Eph 1.7

δια του αιματος αυτου 35 1912 al vg^{cl} sy^h 6

1:7. 6. O perdão é concedido exclusivamente por Deus (ver Dan. 9:9; Marc. 2:7). 7. Por Cristo (ver Marc. 2:5; Luc. 7:48). 8. Através de Cristo (ver Luc. 1:69,77; Atos 5:31; 13:38).

Variante Textual: As palavras «por meio de seu sangue» figuram nos mss 35, 1919 e na maioria dos manuscritos gregos posteriores da tradição bizantina, como também na Vg(d), no Si(h). Isso é seguido pelas traduções KJ (e, marcado como duvidoso, AC e BR), dentre as catorze traduções usadas neste comentário para efeito de comparação. Pode-se notar que a evidência textual em favor da adição dessas palavras é extremamente débil. Tais palavras são omitidas pelos mss P(46), Aleph, ABCDEFGIKLO, Psi, e por quase todas as versões antigas em qualquer idioma. Por isso mesmo é que as traduções AA, ASV, GD, NE, F, M, PH, RSV, WM, WY omitem essas palavras. (Quanto à identificação dessas traduções, ver a lista geral de abreviações na introdução ao comentário). Essas palavras não faziam parte original desta epístola, mas foram tomadas por empréstimo de Efé. 1:7 (onde são autênticas), com propósitos de harmonização. É tolice pensarmos que alguns escribas deixaram-nas de lado na esperança de eliminar do texto a idéia da expiação pelo sangue, porquanto esse conceito aparece no vigésimo versículo deste mesmo capítulo, onde isso não aparece alterado em qualquer manuscrito. Nenhum escriba teria deixado intocado esse versículo, se já modificara o décimo quarto versículo. Além disso, não haveria como explicar como todos os manuscritos gregos e tantas traduções nada modificaram. Porventura tantos escribas, ao redor do mundo, teriam modificado o décimo quarto versículo para, em seguida, unanimemente, deixarem intocado o vigésimo versículo? Raciocar desse modo é um absurdo, mas que procura evitar a verdade fácil e clara de que essas palavras foram acrescentadas ao texto sagrado bastante mais tarde, como uma glosa escrital, para que o versículo concordasse mais de perto com seu paralelo, isto é, o trecho de Efé. 1:7. Se escribas alteraram a passagem de Col. 1:14, porque esses mesmos escribas, que sem dúvida copiaram todas as epístolas de Paulo, também não alteraram o trecho de Efé. 1:7? Por conseguinte, a evidência contra a inclusão dessas palavras no texto é esmagadora, indisputável e irresistível. A omissão tem tanta autoridade como o grande rei tinha na Pérsia. Não obstante, a expiação pelo sangue de Cristo é claríssima doutrina neotestamentária, e podemos encontrá-la no vigésimo versículo deste mesmo capítulo.

«...pecados...» No grego temos o vocábulo «amartia», que se deriva de um vocábulo que originalmente significava «errar o alvo», ou seja, «falhar», «errar». Finalmente, veio a indicar qualquer tipo de «pecado», de «falha moral». O paralelo de Efé. 1:7 encerra um termo diferente, «paraptomaton», que significa «deslizes», «quedas para um lado». Mas a palavra «pecado» é um termo mais geral, indicando as falhas morais. Ofensas contra Deus e contra os homens, entretanto, estão em foco em ambas essas passagens, a despeito do fato que palavras diferentes são empregadas.

«Geralmente pensamos que devemos subir a certo grau de bondade antes que possamos chegar a Deus. Porém, ele não revela que só o encontraremos no fim do caminho. Mas diz: 'Eu sou o Caminho; eu sou a estrada sob os teus pés, a estrada que começa em nível tão baixo quanto porventura te encontres'. Se estiveres em um buraco, o Caminho começa nesse buraco. No momento em que voltares o rosto na mesma direção em que se volta o rosto dele, estarás andando com Deus». (Dorothy Berkeley Philipps, *The Choice is Always Ours*, pág. 44).

Raabe é usada como ilustração de certo ensino espiritual, nas páginas do N.T. (ver Heb. 11:31 e Tia. 2:25), a saber, o que ela fora, em contraste com o que a graça de Deus foi capaz de torná-la. Desse modo aprendemos que Deus tem o poder de anular o passado, transformando pecadores em santos. Assim também é que foi indagado: «De Nazaré pode sair alguma cousa boa?» (João 1:46). Jesus é a resposta a essa pergunta. Também poderíamos indagar: «Pode sair qualquer bem de uma vida naufragada?» Raabe é a resposta à mesma. A lição é que a graça de Deus chega onde quer que nos encontremos. Não precisamos atingir certo nível de aceitabilidade antes de podermos receber a graça divina. Por isso é que Raabe se tornou

uma heroína da fé. O fato que isso foi possível mostra que todos são passíveis de justificação e de transformação.

O perdão de pecados é muito importante, sendo algo verdadeiramente necessário para que a redenção se produza. Mas o contexto de ambas as passagens em questão, em consonância com a mensagem do N.T., mostra que isso é apenas o início da redenção. Os homens não somente não devem ter qualquer pecado, mas também devem participar de todas as qualidades morais positivas de Deus, compartilhando, finalmente, de sua perfeita natureza moral, assim chegando a amar como ele ama, dotados de sua bondade, justiça, misericórdia e perfeições. Isso envolve muito mais do que estar alguém meramente sem pecado. Dentro dessa transformação moral também tem lugar a transformação metafísica, dando ao indivíduo a natureza do próprio Cristo, a natureza divina mesma (ver Rom. 8:29 e II Ped. 1:4). Eventualmente, pois, os crentes possuirão «*toda a plenitude de Deus*» (ver Efé. 3:19). Quão maior, portanto, é a salvação que o mero perdão dos pecados e a mudança de endereço para os céus, ao que a salvação tem sido com frequência reduzida na igreja. Não obstante, o

perdão dos pecados é um começo necessário.

«Podemos subir por uma escada que atinja os céus; mas seu pé deve estar no 'horrible abismo e no lodaçal' de nossos pecados. Por menos que gostemos de ouvi-lo, a primeira necessidade de todos é o perdão. Tudo começa nesse ponto. A 'herança dos santos', com toda a sua riqueza de glória, com sua vida imortal e sua alegria imarcescível, com sua segurança imutável e seu progresso interminável, cada vez mais profundo na luz e na semelhança de Deus, é o alvo; mas a única entrada para isso é através do portão estreito do arrependimento. Cristo perdoa em face de nosso clamor por perdão, pois esse é o primeiro elo da cadeia de ouro que tem início em suas mãos, pela qual podemos subir para a perfeita posseção de nossa herança em Deus. 'Aquele a quem ele justifica', a esse, e somente a esse, é que ele glorificará». (MacLaren, *in loc.*). (No tocante ao «perdão dos pecados», ver Atos 2:38, Rom. 3:25 e 4:7. Para o perdão considerado como um «apagar de transgressões», ver as notas expositivas sobre Atos 3:19).

★ ★ ★

II. A Grandeza de Cristo -Polêmica contra os mediadores angelicais dos gnósticos (1:15-3:4).

1. As onze superioridades de Cristo (1:15-19).

- a. A imagem de Deus (vs. 15)
- b. O primogênito (vs. 15)

Esta passagem pode ser confrontada com Heb. 1:2 e ss., segundo se vê abaixo:

Colossenses

1. Deus nos transportou para o reino de seu Filho (vs. 13)
2. Nele temos redenção e perdão dos pecados (vs. 14)
3. Ele é a imagem do Deus invisível (vs. 15)
4. Ele é o primogênito da criação (vs. 15)
5. Ele é o criador de tudo (vs. 16)
6. Tudo nele subsiste e é conservado em ordem (vs. 16)
7. Cristo é o Cabeça de todos os seres (vs. 18)

Hebreus

1. Deus nos falou em seu Filho e nos fez co-herdeiros (1:2,14)
2. Ele mesmo nos expurgou os pecados (vs. 3)
3. Ele é o resplendor de sua glória, a imagem de Deus (vs. 3)
4. Ele foi feito herdeiro de tudo, o primogênito (vss. 2,4,6)
5. Ele é o criador dos mundos (vs. 2)
6. Ele sustém a tudo pela palavra do seu poder (vs. 3)
7. Ele tem um nome maior que todos os seres (vss. 4-6,9,13)

Estes textos ilustram a significação cósmica de Cristo

Neste lugar, pois, mais do que em qualquer outro, com exceção do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, Paulo fala da significação cósmica de Cristo. Isso pode ser comparado com I Cor. 8:6, onde se lê: «...e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as cousas, e nós também por ele...» E também com Fil. 2:9-11, onde se vê que Cristo recebeu um nome acima de todo nome, e todos os seres se prostram perante ele, nos céus, na terra ou debaixo da terra.

Aqueles que pensam que essa elevada exaltação de Cristo não fazia parte original das idéias paulinas, mas que ela começou nas especulações da igreja do segundo século, ignoram a passagem da epístola aos Filipenses, universalmente reconhecida como pertencente a Paulo, além de inúmeros outros lugares, conforme se vê na maioria das doxologias do N.T., onde o nome de Cristo é posto em justaposição ao nome de Deus Pai, ou seja, acima de qualquer nome que possa ser nomeado. E isso comprova o fato que Cristo é definitivamente divino. (Ver Também Fil. 2:6, que subentende sua igualdade inerente com o Pai). Portanto, é tolice tentar fazer essa grande passagem escatológica de Colossenses ser uma «interpolação». É errado esquecer que o Cristo de Paulo é sempre o Senhor da glória, e não apenas o histórico Jesus de Nazaré, a quem ele raramente menciona ou cita, embora, para ele, o Jesus histórico fosse, na realidade, o Cristo exaltado, como as poucas referências a ele esclarecem.

*Senhor de todos os seres, entronizado no alto,
Tuas gloriosas chamas, vindas do sol e das estrelas,
Centro e alma de todas as esferas,
Mas, quão próximo de cada coração.
(Oliver Wendell Holmes).*

Paulo foi compelido a fazer declaração completa sobre a elevada natureza e o poder de Cristo, neste ponto, porquanto defendia esses pensamentos contra os ataques dos mestres gnósticos, cujos ensinamentos atraíam a muitos crentes de Colossos. Ele menciona os principados, os tronos e os domínios, termos que certamente eram usados pelos gnósticos. E não o faz apenas polemicamente, como se ele mesmo não acreditasse em gradações de anjos, mas antes, como se aceitasse tal crença, ao mesmo tempo que negava, porém, que esses seres ao menos se aproximassem de Cristo, em poder e glória. Outrossim, Cristo é o criador de todos eles, tão afastado está ele de ser apenas uma criatura, um dentre incontáveis *aeons* ou emanações angelicais. Devemo-nos lembrar que o judaísmo helenista já aceitava essas gradações angelicais, e que isso não era uma doutrina distintivamente gnóstica. Já existia antes do judaísmo na teosofia astrológica oriental de origem persa e babilônica; mas isso em nada diminui seu valor e veracidade. Há boas evidências em favor da existência de seres sobrenaturais, não sendo impossível que existam dimensões e mundos dos mesmos. Seria de estranhar se Paulo tivesse mencionado e empregado tais idéias, sem qualquer repreensão, sem qualquer negação, ou se não crese que existem realmente tais poderes. Não há motivo para duvidarmos que a passagem perante nós, por conseguinte, seja expressão genuína da mente de Paulo, e também porção autêntica desta epístola aos Colossenses. O conhecimento aprimorado que possuímos, acerca das condições que havia no primeiro século de nossa era, assegura-nos que as condições e doutrinas, descritas na epístola aos Colossenses, refletem, na realidade, a época do apóstolo dos gentios, e não apenas de um período ligeiramente posterior.

Sendo tão profunda, a vida de Cristo exigia explicação. A resposta dada pelos gnósticos é que haveria muitos «aeons» (poderes angelicais), e que Cristo era um deles; e não necessariamente da ordem mais elevada, quanto menos o Deus Altíssimo, apesar de que talvez demonstrasse vários dos atributos de Deus. Muitos mestres gnósticos negavam a humanidade de Cristo. Outros admitiam ser ele criador, mas limitavam sua criação a esta terra, sobre a qual teria assumido presidência, como um deus. Contra esses erros é que Paulo escreveu a seção à nossa frente. (Quanto a uma completa descrição sobre o que sabe acerca do «gnosticismo de Colossos», ver a introdução a este livro, em sua seção III, além de outras notas expositivas, em Col. 2:18).

Um leitor não poderá compreender plenamente vários conceitos expostos nesta epístola, a menos que tenha bons conhecimentos sobre o gnosticismo,

pela simples razão que essas idéias são aqui apresentadas como repreensão direta contra aquela heresia. Precisamos entender as corretas implicações de termos como «sabedoria», «emanação», «plenitude», «conhecimento» e «mistério», que eram vocábulos favoritos dos gnósticos; e tal compreensão emerge do conhecimento daquilo que Paulo rejeitava.

A passagem diante de nós salienta o caráter ímpar de Cristo e o caráter ímpar da revelação feita por seu intermédio. Nesta seção Paulo se torna o profundo expositor da teologia cristã, a qual é a *rainha das ciências*, pois via em Cristo o valor final do universo, o significado central que toda a criação busca em sua existência. Há um propósito eterno, uma harmonia eterna, um bem-estar eterno. Paulo via essas coisas sumariadas e centralizadas em Cristo. Isso pode ser comparado com o que se lê em Efé. 1:10, acerca do «mistério da vontade de Deus», e com todo o primeiro capítulo daquela epístola. Uma grande esperança nos é descortinada, pois vemos o Cristo cósmico em operação, em todas as coisas, não havendo limite para seu poder remidor, tal como não pode haver limite para sua grandeza. Os pagãos, de todas as regiões do império romano, na época do apóstolo Paulo, estavam familiarizados com os termos *Senhor e Salvador*, aplicado a diversos de seus deuses. Existe um Senhor real, um Salvador universal, conforme Paulo assevera; e esse é o Cristo Cósmico. Ele nos abriu o portão para uma vida nova, dotada de sentido eterno.

«Qualquer que seja o termo usado para indicar a mais elevada revelação da deidade, foi reivindicado para Jesus. Nenhum nome que pudesse ser usado para alguém foi considerado alto demais, se aplicado a ele (como se tal aplicação não fosse correta). Pois os homens esforçavam-se por interpretar sua significação absoluta para a fé...»

Ao considerarmos essas avaliações religiosas sobre Jesus, precisamos reconhecer que expressam a linguagem da devoção, e não de uma reflexão intelectual sistemática. As teorias sobre a pessoa de Cristo ainda não haviam sido formuladas... Esses problemas de cristologia formal estavam reservados para o futuro. Os primitivos cristãos tencionavam somente expressar a significação de Jesus para a sua fé. Em meio a toda a variedade de interpretações seguidas, uma crença era constante: Jesus ocupava uma função ímpar na revelação e atividade remidora de Deus. Ninguém pode postar-se a seu lado, em pé de igualdade. Ele é o «unigênito Filho de Deus». (C.T. Craig, «The Beginning of Christianity», págs. 201 e 210). Essa é uma citação geralmente boa, mas que talvez subestime o caráter «dogmático» de algumas passagens do N.T., que são mais que teorias não-formuladas, mas que são exemplos reais dos primórdios da teologia cristã sistemática.

Importância do dogma: «E-nos constantemente assegurado que as igrejas vivem vazias porque os pregadores insistem demais sobre a doutrina—'dogmas embotados', conforme se diz. O fato é exatamente o contrário. É a negligência do dogma que explica esse embotamento. A fé cristã é o drama mais excitante que já chegou a admirada imaginação do homem—e o dogma é o drama». Após breve revisão sobre a vida e a morte de Jesus, a autora dessa citação comenta:

«Se isso é embotado, então o que, em nome do céu, é digno de ser considerado excitante? As pessoas que crucificaram a Cristo, se lhes queremos fazer justiça, nunca acusaram a Jesus de ser fastidioso—pelo contrário, pensavam que ele era por demais dinâmico para se sentirem seguros diante dele. Foi deixado às gerações posteriores abafarem aquela personalidade dominante, rodeando-o de uma atmosfera de tédio». (Dorothy Sayers).

«Os versículos quinze a dezessete passam de Cristo, como nosso Mediador, para Cristo como ele é realmente, desde toda a eternidade, a saber, 'a imagem do Deus invisível', como ele é desde o começo do tempo, o criador e sustentador de tudo quanto há nos céus e na terra. O que fora subentendido agora é explicitamente dito: o que fora enfaticamente dito, agora é tomado como

subentendido, transformando-se em degrau para verdades mais elevadas e misteriosas ainda». (Barry, *in loc.*).

«Ele (Paulo) descreve a glória e eminência de Cristo, acima dos mais elevados anjos; e espalha esses gêmeos com base nos quais mais adiante refuta aos adoradores de anjos. Essa tão plena compreensão sobre Cristo só pode ser entendida por aqueles que têm experiência no mistério da redenção». (Bengel, *in loc.*).

O interesse de Paulo era mostrar aos crentes de Colossos que Cristo é suficiente para fazer a vinculação entre Deus e o homem. Não é mister qualquer coisa de seres angelicais sombrios, para levá-lo à presença de Deus; pois embora tais seres existam, são instrumentos do labor de Deus, tal como nós, e não mediadores ou salvadores secundários. Não são dignos de nossa adoração, pois somente Cristo pode ser adorado. Desse modo, exaltando a Cristo, Paulo refuta o gnosticismo-judaico dos mestres que assediavam a comunidade cristã de Colossos.

15 ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ θεοῦ τοῦ ἀοράτου, πρωτότοκος πάσης κτίσεως,

15 ὅς...θεοῦ 2 Cor 4.4; He 1.3 τοῦ θεοῦ τοῦ ἀοράτου Jn 1.18; 1 Tm 6.16

1:15: o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;

Primogênito: de acordo com Justino Mártir, aponta para a divindade de Cristo, em contraste com a sua humanidade (ver *Trifo*, cap. 84). Tertuliano (c. Praxeas. 7) refere-se à igualdade entre o Filho e o Pai, por decreto divino, utilizando-se desta passagem. Ele é tanto o «primogênito» como é o «unigênito». Isso pode ser comparado com o que diz Teófilo, bispo de Antioquia (*contra Márcion*, v. 19), do segundo século de nossa era, que usou esta passagem ao defender a tese que, antes de haver qualquer criação, Deus Pai tinha a Palavra como seu conselheiro; e quando a idéia da criação foi concebida, então a Palavra foi «gerada» (por decreto divino), na qualidade de «primogênito».

Novaciano (de *Trin.* cap. 16), do terceiro século de nossa era, ao referir-se à presente passagem, diz que Cristo é o *unigênito* por ser *divino*; porque na qualidade de Palavra divina, em relação ao Pai, era o unigênito, mas que a criação subsequente de outros seres fez dele o «primogênito». Portanto, esse é um título que indica posição, e não começo no tempo, embora essa «relação» com o mundo tenha começado dentro do tempo. Porém, o que é dito acerca da relação, não pode ser aplicado ao seu ser essencial, que não teve princípio. Hilário (de *Trin.* viii. 50) fazia esse termo aplicar-se à «eternidade» de Cristo, como uma afirmação da mesma. Atanásio e alguns outros dos primeiros pais da igreja, aludia à condescendência de Cristo ao usar o vocábulo «primogênito», mediante o que ele se tornara o mais velho entre muitos irmãos (ver Rom. 8:29), como se isso se referisse à criação nova ou espiritual. (Ver *Arota*. ii. c. *Ariar*, pág. 419, §62). Como homem, Cristo é o primeiro que foi elevado para que participasse da divindade; mas muitos outros—os remidos, se seguirão a ele (ver Col. 2:10; Efé. 3:19 e II Ped. 1:4).

Este versículo breve e, aparentemente simples tem provocado muita e diversificada literatura, na qual algumas idéias em conflito são expressas. Pelo menos é evidente que a grandeza e a proeminência de Cristo são aqui salientadas de duas maneiras, conforme se vê nos parágrafos abaixo:

1. *Cristo é a imagem do Deus invisível*: O termo grego aqui traduzido por «imagem» é «eikon», e apesar de que com frequência difere de «omoioma», que sempre fala de mera semelhança, a própria palavra não subentende, necessariamente, a participação na mesma natureza, e nem nega tal coisa. É simplesmente impossível fazer com que a própria palavra signifique, obrigatoriamente, uma coisa ou outra. Assim sendo, todo o tempo e espaço gastos nessa tentativa são inúteis. Os exemplos de seu uso não subentendem em similaridade de natureza. Quanto a esse particular, somente o contexto em que o termo usado é que pode determinar em que devemos crer. O homem é chamado de «imagem de Deus», em I Cor. 11:7, e a mesma idéia se acha em Gên. 1:26, 28. No entanto, em seu estado atual, o homem não é a imagem de Deus, no sentido de participar realmente de sua natureza. A própria passagem ensina a similaridade da natureza de Cristo, tal como em João 1:1 e Heb. 1:3, mas o próprio vocábulo grego não pode ser oferecido como prova disso.

Filo usou a expressão «imagem de Deus» como um dos títulos do «Logos»; e sabemos que na filosofia neoplatônica, da qual isso era um representante, o «Logos» possuiria natureza divina, embora se pensasse que ele ocupa posição e funções inferiores ao do Deus Altíssimo, por ser uma emanção e controlador das demais emanções de Deus. Por conseguinte, em sua filosofia e teologia, o termo «imagem» indica, para Filo, entre outros termos, a participação da natureza divina por parte do «Logos». (Ver *de mundi*, op. 8; op. I., pág. 6; *de monarch*, ii.5,II, pág. 255; *de somniis*, I., pág. 565). O contexto da presente passagem nos dá o direito de acreditar que o uso que Paulo fez desse vocábulo se aproxima do uso de Filo; pelo menos o Cristo descrito, a «imagem» de Deus, certamente é um ser divino. Portanto, apesar de que a própria palavra grega não subentende, necessariamente, em participação na mesma natureza que a coisa «retratada», o contexto lhe empresta esse significado.

As moedas eram impressas com a *effigie* («imagem», a palavra aqui usada) do imperador (ver Josefo, *Guerras dos Judeus* 2:169; 194; Antiq. 19, 185 e Mat. 22:20). Essa imagem, pois, é uma «representação». Todavia, o presente contexto ensina-nos que essa «semelhança» ou «representação» contém a natureza veraz daquilo que é representado. Cristo é Deus, e contém a pessoa de Deus tanto quanto homens e anjos podem conhecer. Essa é a idéia envolvida no vocábulo, porque pode-se observar que o próprio Deus é descrito como «invisível», como impossível de ser conhecido por seres inteligentes. O que podemos saber a seu respeito é visto na «imagem»; e isso desde toda a eternidade passada, como também agora mesmo, diante dos anjos e dos homens. Assim, pois, vê-se que Cristo não pertence à ordem dos «aeons» ou poderes angelicais. Longe disso, ele mesmo é tudo quanto se pode saber acerca de Deus. Nenhum mero anjo é a imagem de Deus; antes, todos eles foram criados, e Cristo é o criador dos mesmos (ver o décimo sexto versículo deste capítulo). Portanto, a própria palavra *imagem*,

De modo geral, pode-se dizer que os versículos quinze a dezessete deste capítulo mostram a relação entre Cristo e toda a criação, ao passo que os versículos dezoito em diante mostram a relação especial entre Cristo e a igreja. Essa mesma dupla relação pode ser vista no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, embora não em seções tão nitidamente divididas, como sucede a esta epístola aos Colossenses. Entretanto, a distinção dos versículos quinze a dezessete, que apresentam Cristo como a «Palavra eterna, preencarnada», e os versículos dezoito e seguintes, como a «Palavra encarnada», não pode ser claramente determinada, porque a segunda dessas seções também fala das relações entre os homens e o Cristo glorificado. No entanto, o Cristo glorificado é mais exaltado que o Cristo preencarnado; em outras palavras, por motivo de seu triunfo na encarnação, ele atingiu um tipo de glória que não possuía quando estava no estado preencarnado. Isso se deve à grandiosa redenção que ele produziu, e que promove sua glória e eleva sua posição.

conforme ela é usada aqui, no dizer de Vincent (*in loc.*), «...subentende um protótipo, envolvendo a veracidade essencial de seu protótipo». Ora, isso não é deduzido do próprio vocábulo grego, mas antes, do contexto onde o mesmo é usado. O décimo sexto versículo, por exemplo, faz de Cristo a «esfera» ou «modelo» no qual e segundo o qual tudo foi criado («nele»), o agente ou poder que criou («por meio dele»), bem como o alvo na direção do qual se movimenta toda a vida («para ele»). E o décimo sétimo versículo faz dele aquela força que conserva todas as coisas em ordem e em funcionamento, apresentando-o como «divino», pois nada disso poderia ser dito acerca de qualquer ser que fosse menos que divino. Além disso, o trecho de Col. 2:9 afirma claramente, sem nenhuma linguagem metafórica, que em Cristo habita toda a plenitude da deidade. Portanto, o ser chamado de «imagem» deve ser considerado como quem tem a mesma natureza como o ser que lhe serve de molde, isto é, Deus Pai.

Isso pode ser comparado ao trecho de Rom. 8:29, onde a palavra grega «eikon» alude à natureza essencial de Cristo que os crentes haverão de possuir mediante a transformação efetuada pelo Espírito Santo. Por possuírem essa «imagem», chegarão a ter a mesma plenitude que ele tem (ver Efé. 1:23); e, eventualmente, possuirão toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19), ficando cheios da natureza divina, tal e qual o próprio Cristo (ver Col. 2:10), isto é, participarão da própria divindade (ver II Ped. 1:4). Por conseguinte, os crentes virão a possuir a essência veraz do protótipo, o qual é Jesus Cristo. Essas são doutrinas elevadíssimas, mas que andam praticamente esquecidas, até mesmo pelas igrejas evangélicas, mas que, na realidade, ocupam o centro do evangelho cristão.

*Jesus! Ó nome de poder divino
Para todos de celestial nascimento!
Jesus! A mina que jamais falha,
Dos valores mais ricos e doces.*
(Frederick Whitefield)

«...do Deus invisível...» Esse é o Deus que não se manifesta diretamente, mas que preferiu manifestar-se através do Logos eterno, que é a sua imagem, o seu representante exato. Nisso se destaca a razão verdadeira do uso desse vocábulo. Deus talvez não possa manifestar-se diretamente a seres inferiores, por ser ele por demais elevado, e nenhum ser criado pode aproximar-se dele, anjo ou homem. «...o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém». (I Tim. 6:16). Isso pode ser comparado à mensagem do primeiro capítulo do evangelho de João.

O Logos eterno é a manifestação de Deus para toda a criação, é a sua mensagem. Nele se revela tudo quanto se pode saber de Deus. Assim sendo, Cristo, na qualidade de sua «imagem» ou representação, encerra aquilo que se pode saber sobre Deus, tomando-se como subentendida a «comunidade» de natureza, embora isso não seja diretamente expresso pelo termo grego. Como é que Cristo «representa» a Deus é o que é diretamente ensinado, pelo uso deste vocábulo. A doutrina gnóstica de uma interminável cadeia de elos, formados por mediadores angelicais não pode ser aceita. Pois aquilo que se pode saber de Deus só pode ser visto em sua «imagem», que é Cristo, o qual é mais elevado que todos os supostos mediadores e salvadores secundários, suplantando-os em qualquer serviço que porventura se pense terem, e que supostamente auxiliassem os homens na sua volta para Deus.

Hodiernamente há aqueles que degradam a glória de Cristo. Para a maioria de nós, o problema refletido na epístola aos Colossenses, sobre os que degradavam a Cristo, equiparando-o a meras emanções angelicais, não tem mais significação. Porém, até mesmo no mundo de hoje há muitas coisas que têm tomado o lugar desse problema de doutrina. O materialismo, o secularismo, o ateísmo, etc., podem ser numerosos, juntamente com o egoísmo e o desinteresse espiritual. Paulo exortou aos crentes de Colossos a que se afastassem dessas especulações, que só degradam a pessoa, a posição e a obra de Cristo. Ele também os ensinou para que vissem em Cristo a «imagem» de Deus, para que, tomados por essa visão, não andassem mais atrás daqueles que degradam ao Senhor Jesus.

Referências e idéias. A excelência e a glória de Cristo:

1. Isso ele possui como Deus (ver João 1:1-5; Fil. 2:6,9,10). 2. Como o Filho de Deus (ver Mat. 3:17 e Heb. 1:6,8). 3. Como alguém unido ao Pai (ver João 10:30,38). 4. Como o primogênito (ver Col. 1:15,18). 5. Como primeiro gerado (ver Heb. 1:6). 6. Como o Senhor dos senhores, etc. (ver Apo. 17:14). 7. Como a imagem de Deus (ver Col. 1:15 e Heb. 1:3). 8. Como o criador (ver João 1:3; Col. 1:16 e Heb. 1:2). 9. Como o Deus bendito (ver Sal. 45:2). 10. Como mediador (ver I Tim. 2:5 e Heb. 8:6). 11. Como o profeta (ver Deut. 18:15,16 com Ato 3:22). 12. Como o sacerdote (ver Sal. 110:4 e Heb. 4:15). 13. Como o Rei (ver Isa. 6:1-5 com João 12:41). 14. Como o Juiz (ver João 16:27 e 25:31,33). 15. Como o Pastor (ver Isa. 40:11,12; João 10:11,14). 16. Como o Cabeça da igreja (ver Efé. 1:22). 17. Como a verdadeira luz (ver Luc. 1:79,79;

João 1:4,9). 18. Como o alicerce da igreja (ver Isa. 28:17). 19. Como o Caminho (ver João 14:6 e Heb. 10:19,20). 20. Como a Verdade (ver I João 5:20 e Apo. 3:7). 21. Como a Vida (ver João 11:25; Col. 3:4 e I João 5:11). 22. Como alguém que se encarnou (ver João 1:14). 23. Devido às suas palavras (ver Luc. 4:22; João 7:46). 24. Devido à sua impecável perfeição (ver Heb. 7:26-28). 25. Devido à plenitude de sua graça e de sua verdade (ver Sal. 45:2 com João 1:14). 26. Devido à sua transfiguração (ver Mat. 17:2 com II Ped. 1:16-18). 27. Devido à sua exaltação (ver Atos 7:55,56 e Efê. 1:21). 28. Devido ao fato de ter chamado aos gentios (ver Sal. 73:17). 29. Devido ao seu triunfo (ver Isa. 63:1-3 com Apo. 19:11,16). 30. Seguiram-se a seus sofrimentos (ver I Ped. 1:10,11). 31. Seguiram-se a sua ressurreição (ver I Ped. 1:21). 32. São imutáveis (ver Heb. 1:10-12). 33. São incomparáveis (ver Can. 5:10 e Fil. 2:9). 34. São conferidas aos santos (ver João 17:22 e II Cor. 3:18). 35. São celebradas pelos remidos (ver Apo. 5:8-14 e 7:9-12). 36. São reveladas no evangelho (Isa. 40:5). 37. Os santos se regozijarão em sua revelação (ver I Ped. 4:13). 38. Os santos as contemplarão nos lugares celestiais (ver João 17:24).

«O Filho é Deus manifesto, o portador da força e da majestade de Deus, o revelador e mediador do poder criador e sustentador da deidade, em relação ao mundo». (Beare, *in loc.*).

John Newton, ao procurar dizer o que o Cristo significava para ele, escreveu:

*Jesus, meu Pastor, Irmão, Amigo,
Meu Profeta, Sacerdote e Rei,
Meu Senhor, minha Vida, meu Caminho, meu Fim,
Aceita o louvor que te presto.*

Deus é o alvo de toda a existência; esse é o padrão do pensamento religioso cristão. O que essa existência pode e deve significar pode ser visto em Cristo, o qual é a «imagem» de Deus. (Ver I Cor. 8:6 quanto a uma ilustração desse pensamento). A verdadeira vida não consiste de mera existência, mas antes, de uma modalidade de vida; e essa vida nos é conferida em Cristo, cuja própria natureza, desde então, vai-se fazendo a nossa. Essa idéia pode ser comparada com o que se lê em João 5:25,26 e 6:57, juntamente com as notas expositivas ali existentes, acerca de como podemos participar da vida «necessária e independente» de Deus.

Cristo é a *visualização* espiritual de Deus. O significado do Deus invisível se torna visível em Jesus Cristo. A invisibilidade física é apenas um elemento incidental a esta passagem. O que está em pauta é o «significado oculto» de Deus. Cristo deixa tudo isso perfeitamente claro, bem como esclarece como os homens podem atingir esse alvo, participando desse significado. É a «incomunicabilidade» de Deus, que de outra maneira não poderia ser vencida, que está em foco. Deus é «comunicado» por meio de Cristo. Portanto, a questão de Cristo ser a imagem «visível» de Deus não se refere apenas à sua encarnação, embora essa faça parte do quadro. Mas significa que, em todos os níveis da criação, na preencarnação, na encarnação e na pós-encarnação, Cristo é quem transmite à criação a significação de Deus, por ser a sua «visualização» em sentido espiritual, e não que ele seja o potentado fisicamente visível, ao passo que Deus Pai, a quem ele representa, permanece invisível para os olhos humanos, embora isso também expresse certa verdade. A iluminação do divino, bem como a iluminação divina são verdades encontradas na pessoa de Cristo. Isso não pode ser encontrado em meros mediadores angelicais, porque estes, quando muito, só poderiam obscurecer essa elevada visão, se lhes fosse dada uma posição que não merecem. Isso é o que Paulo queria dizer. (Quanto à doutrina bíblica da «divindade de Cristo», ver as notas expositivas em Heb. 1:3).

2. O segundo vocábulo que mostra a elevada proeminência de Cristo, bem como a sua grandiosidade, é *primogênito*. Na qualidade de «imagem», Cristo se põe em relação com Deus Pai, naquilo em que ele o transmite aos homens. Por igual modo, a palavra «primogênito» fala de sua relação para com a criação, para com os homens e para com todos os seres inteligentes. Quanto a isso, consideremos os pontos abaixo discriminados:

a. Em primeiro lugar, deve-se dizer que não há aqui qualquer indício que Cristo foi o primeiro ser que Deus criou, o qual então se tornou uma espécie de divindade secundária, que também tinha o poder de criar, conforme alguns têm pensado mui erroneamente. Os antigos pais da igreja acertaram quando insistiram sobre a diferença entre os termos gregos «prototokos» (primogênito) e «protoktistos» (primeiro criado).

b. Em segundo lugar, de acordo com a linguagem divina do N.T., termos como *primeiro gerado* e «unigênito» não implicam em «começo dentro do tempo», e nem envolvem, necessariamente, o elemento de tempo, conforme sucede na linguagem comum. Isso pode ser comparado com a freqüente referência de Homero aos deuses, aos quais chamava de «sempre-gerados». Para Deus, Cristo é o «unigênito», e isso por toda a eternidade; esse termo alude simplesmente ao caráter «impar» de Cristo e à sua «filiação» eterna, como natureza desse caráter impar. Portanto, está em pauta uma «relação» toda especial. A relação «Pai-Filho» é eterna. O próprio termo «filho» dá a entender, para nós, que alguém veio à existência, depois que seu pai já existia por algum tempo. Mas não é assim que o vocábulo é aplicado a Cristo. Pelo que a palavra «primogênito» não envolve o elemento tempo, no sentido que não houve tempo em que Cristo começou a existir.

c. Há um sentido, naturalmente, em que está em foco a idéia de «prioridade no tempo». Isso se dá quando se considera a criação espiritual, dentro da «família divina», onde há somente um Filho de Deus, e onde todos

os outros são apenas «filhos» de Deus. Todos os remidos participarão da filiação, segundo os moldes do «primogênito». A filiação de Cristo antecede à nossa e a nossa é moldada segundo a dele; mas isso não dá a entender que sua filiação teve começo; e, menos ainda, que ele, como ser, tivesse tido começo. Alguns eruditos fazem distinção entre o «Logos eterno» e o «Filho». Explicam esses que ele é eterno como Palavra, mas que sua «filiação» começou na encarnação. As Escrituras, porém, não apoiam essa idéia. A trindade envolve a relação de «pai-filho», que é uma relação eterna. Notemos que, na oração de Jesus, no décimo sétimo capítulo do evangelho de João, que fala da sua glória preencarnada, a relação dessa glória é de Pai para Filho. (Ver Heb. 1:5, que cita Sal. 2:7), que mostra que a *geração* foi anterior à encarnação. Notemos ainda que, no sexto versículo dessa passagem da epístola aos Hebreus, que o «primogênito» foi «introduzido no mundo», o que, conforme pensam alguns intérpretes, fala sobre a encarnação. Notemos também em Efê. 1:5, que a adoção dos filhos se verifica no Filho, e isso desde a eternidade; e, no terceiro versículo daquele mesmo capítulo, o Pai é o Pai do Senhor Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas em Marc. 1:1 sobre a expressão «Filho de Deus»). Essa expressão é usada no A.T. antes mesmo da ocorrência da encarnação, como nome do ser divino. Notemos, finalmente, que neste mesmo versículo Cristo é referido como o «primogênito», e não somente o Cristo da glória posterior à ressurreição, porquanto Paulo contrasta aqui o grande Cristo, a imagem de Deus, que é também o «primogênito», aos meros poderes angelicais. Cristo está acima destes últimos na qualidade de «primogênito»; e isso desde a eternidade passada. Por conseguinte, sua «filiação», no presente versículo, é apresentada como algo eterno, anterior à sua encarnação.

d. *Distinção quanto à natureza*: No tocante à sua filiação, ele é anterior no tempo, por ser o «primogênito» de toda a família divina (embora ele seja, eternamente, o Filho), e isso subentende nele certa distinção quanto ao «tipo», em comparação com a natureza da «criação». De fato, por ser o «primogênito», por natureza ele é também o criador (ver o décimo sexto versículo), ou seja, é distinto de sua criação. Contudo, em sua missão remidora ele tomou essa distinção, dando aos homens a sua natureza real, tornando-os também filhos, da mesma maneira que ele é o Filho de Deus. Portanto, é subentendida nessa doutrina a «nova criação»; e, no décimo oitavo versículo, isso é abertamente dito, porquanto ali Cristo aparece como o «primogênito dentre os mortos», que assumiu uma nova natureza, como filho de Deus (agora na qualidade de Deus-homem), do que ele também compartilhará com outros homens.

e. *A prioridade de Cristo* não se dá apenas quanto ao tempo, mas também ao que respeita à sua *proeminência*. Notemos que é em relação a toda a criação, e não somente em relação aos homens, que ele é o primogênito. Por igual modo, Deus é o Pai de todas as «famílias», e não meramente da espécie humana, conforme nos é dito em Efê. 3:15. A Cristo é dado aquele domínio inteiro sobre a família de Deus que essa preeminência caracterizava um filho mais velho (o primogênito) em uma família judaica. O direito de primogenitura era grandemente apreciado (ver Gên. 25:28-34 e o vigésimo oitavo capítulo desse livro). O filho primogênito herdava o dobro dos demais filhos (ver II Reis 2:9); e também era quem substituíra a seu pai no governo sobre a família (ver I Crô. 21:1-3). Israel era, chamado primogênito de Deus (ver Exo. 4:22 e Jer. 31:9), indicando sua posição diante do favor e das bênçãos divinas. Notemos o trecho de Sal. 89:27, que diz: «Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra». E nisso se faz inerente sua suprema autoridade, distinção e preeminência. Portanto, o título é aplicado a Cristo, salientando sua autoridade tão elevada como a de qualquer outro ser. Portanto, ele é assim o «primogênito» no que concerne a Deus, pois é supremo em seu favor; e também no que concerne a nós e a todos os seres, porque ele brande a autoridade suprema entre os «filhos» de Deus. Contudo, através dele, devido à nossa conexão com a sua pessoa, recebemos a mesma glória; e ele é o primeiro entre muitos irmãos. O trecho de Rom. 8:29 pinta o como o «primogênito entre muitos irmãos». E os próprios crentes, em Heb. 12:23, são chamados «primogênitos», porquanto recebem privilégios acima de outros homens.

Notemos, nesta passagem, que o termo «primogênito» é aplicado não somente ao Cristo «preexistente», mas também ao Cristo pós-encarnado, já em sua glória. Em qualquer desses casos, ele é superior aos anjos. Seu caráter impar e autoridade devem ser preservados; mas isso vinha sendo atacado pela doutrina gnóstica.

A palavra *primogênito*, no dizer de Faucett, *in loc.*, «...assinala, ao mesmo tempo, sua eterna 'prioridade', bem como sua condescendência à 'fraternidade' conosco (ver Rom. 8:29)». Seu senhorio também fica implícito nesse termo.

«...de toda a criação...» No grego temos «ktisis», que significa:

1. um ato de criação (ver Rom. 1:20); 2. criação, as coisas feitas ou criadas (ver Rom. 8:22); 3. ou uma única coisa criada (ver Rom. 8:39). Estão em pauta «todos os seres». Cristo é o primogênito entre eles, conforme é esclarecido acima. Os anjos estão incluídos; a preeminência de Cristo sobre eles é salientada, o que está de conformidade com o desígnio de Paulo, o de contradizer os gnósticos, que pretendiam elevar os anjos, tornando-os alvos de adoração (ver Col. 2:18), o que só serve para diminuir a importância da pessoa de Cristo.

1. As Onze Superioridades de Cristo (vss. 15-19) (continuação)

e. Cristo é o Criador (vs. 16)

a. esfera da criação - «nele» (Cristo é o Alfa)

b. agente da criação - «por ele» (Cristo é o Alfa)

c. alvo da criação - «para ele» (Cristo é o Ômega).

A terceira, a quarta e a quinta superioridades nos são aqui apresentadas.

16 ὅτι ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ ἐπὶ τῆς γῆς, τὰ ὁρατὰ καὶ τὰ ἀόρατα, εἶτε

θρόνοι εἴτε κυριότητες εἴτε ἀρχαὶ εἴτε ἐξουσίαι· τὰ πάντα δι' αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν ἔκτισται,

16 Jn 1,3,10

1:16: porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades;

O significado geral deste versículo torna-se mais claro para nós quando nos lembramos da idéia gnóstica da «criação». De acordo com o sistema deles, a criação seria, realmente, uma «emanação», isto é, um resplendor, o brilho do próprio Deus, tal como o sol emite seus raios, que realmente fazem parte de si mesmo. Os seres mais elevados seriam aqueles que são as emanações mais próximas; e quanto mais nos afastarmos do «fogo central», menor seria o poder e a glória das emanações. Finalmente, chegaríamos à matéria crassa, que seria tão afastada de Deus que seria trevas totais. Então, quanto ao alvo da criação, pensaram eles que tudo, eventualmente retornaria a Deus e seria novamente «absorvido» em seu ser, perdendo a identidade pessoal. Assim também, em Cristo, há aqui uma verdade que deve ser compreendida sem a idéia da «emanação», que naturalmente nos leva a pensar em «panteísmo». Tudo está *nele*, dependente dele; *por ele*, existente por seu poder; e *para ele*, isto é, eventualmente retornará a ele como cabeça, assim aumentando a sua glória; mas nenhuma perda de identidade pessoal está em foco. Por conseguinte, tudo se deriva de Cristo e nele tem o ser, continuando a existir por seu poder e inteligência (ver o versículo seguinte). Eventualmente, tudo retornará a Cristo, aumentando a sua glória e participando da mesma. Essa é uma lindíssima idéia bíblica. Disso é que consiste o evangelho.

A criação «em Cristo» refere-se ao seu caráter como o *Alfa*. E a criação *para ele*, apresenta-o como o *Ômega* (ver Apo. 1:8). A primeira expressão, «nele», indica Cristo como a «esfera da criação», não devendo ser traduzida como «por ele», embora isso seja dito pouco mais adiante, neste mesmo versículo. E isso sugere as seguintes idéias:

1. Todos os universos (todas as coisas), todos os seres, existem como um desdobramento da mente de Deus, acerca de como deveriam ser a natureza e os seres; e esse desdobramento da mente de Deus depende da natureza e das exigências do ser de Cristo.

2. Cristo é o *padrão* ou *arquétipo* da criação. Tudo foi criado sob a consideração a sua ser, expressando-o de alguma maneira, a fim de fomentar a sua glória, a fim de mostrar as excelências de sua pessoa.

3. No caso do homem, Cristo torna-se a própria imagem *segundo a qual* o homem foi criado e haverá de ser transformado, pelo que seu ser é o «arquétipo» de acordo com o qual o homem é transformado. Isso se assemelha ao que se lê em João 1:3,4: «Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens». Isso fala sobre a vida física, que tem sua fruição na vida espiritual (referida aqui sob o símbolo de «luz»). A vida física veio à existência, não por causa de si mesma, mas para que, através dela, a vida espiritual pudesse manifestar-se. No tocante à redenção humana, isso significa que um homem, remido, deixa de ser mero ser mortal, porque torna-se imortal, compartilhando da própria «modalidade de vida» de Deus (segundo também se vê em João 5:25,26 e 6:57), que também é o tipo de vida que Cristo Jesus possui. O homem passa a participar da imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), bem como da divindade (ver II Ped. 1:4). Portanto, em sentido todo especial, o homem foi criado «em Cristo», ou seja, tendo em vista chegar a compartilhar de sua vida e substância.

4. A expressão *nele*, mui provavelmente, também dá a entender que a criação reside e se ergue dentro a esfera dessa vontade e energia criadora; pelo que todos os atos e realizações da criação dependem de Cristo. Notemos que sobre a igreja é constantemente dito que ela está «em Cristo» (o trecho de I Cor. 1:4 tem as notas expositivas acerca disso). A igreja depende totalmente de Cristo quanto à sua vida e sustentação. E assim também, a criação inteira, em certo sentido, mantém esse relacionamento com Cristo. A causa de toda a vida está em Cristo, toda a existência depende dele, ao mesmo tempo que é uma expressão de seu ser, de uma maneira ou de outra. Por isso é que, no trecho de Atos 17:28, lê-se que toda a vida e a existência se acham «nele», porquanto «...nele vivemos, e nos movemos e existimos...» O que é dito acerca de Deus Pai, naquele lugar, é dito acerca de Cristo neste versículo.

Cristo, na qualidade de «arquétipo» da criação, equivale mais ou menos à idéia platônica das «idéias», que age como padrão para a criação das coisas terrenas. Tudo é criado com base na natureza e exigência de seu ser. A expressão «nele» mostra que a vida depende dele. Ele é tanto o padrão como a fonte de toda a vida. Ele é a «causa» todo-inclusiva da criação, em quem repousa toda a criação. Assim como a criação está «nele», para que tenhamos a «redenção», assim também está «nele», tendo vida e propósito da parte dele. Cristo é a «causa primária» da criação de quem se deriva a vida e a existência inteiras.

«...todas as coisas...» No grego temos «*ta panta*», que inclui a tudo, todos os seres e todos os universos. Dentro do sistema gnóstico, o «Tudo» indicava o «agregado completo» de tudo, que era considerado como emanação de Deus. Há nisso certa verdade, embora mal compreendida. O «tudo» se deriva da divindade, mas não faz parte de Cristo e nem compartilha de sua natureza, ou seja, não é uma «emanação». Esse «tudo» se deriva da dependência e do retorno ao Cristo divino. Paulo negava também aqui a idéia gnóstica de que existiriam muitos «aeons», elevadas forças espirituais, que teriam poderes criadores, pelo que governariam sobre certas esferas da criação. Antes, existe apenas uma grande força criadora, sendo ele o responsável por toda a existência, sendo ele «o Deus» de todos os universos, e não apenas um «deus» da terra.

Alguns dos mestres gnósticos reconheciam a autoridade de Cristo como se ele fosse o «deus» desta terra, porquanto esta seria a sua esfera, por ele criada; mas haveria muitos deuses, em muitas esferas da criação. Paulo,

16 τα πάντα 2º) οτι π. 46

tudo foi criado por ele e para ele.

entretanto, nega aqui tal noção, que também é enfaticamente negada no trecho de João 1:3, onde se lê: «Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez». Isso não visa negar que os anjos possam ter força criadora, porque essa é uma possibilidade séria. Mas quer dizer que qualquer ato de criação, efetuado pelos anjos, é realizado por delegação de Cristo, e isso «nele», «por ele» e «para ele». Não há tal coisa como uma criação independente de sua vontade e poder. Notemos o artigo definido, neste mundo, «todas as coisas», um termo coletivo que envolve tudo quanto existe, conhecidas ou desconhecidas por nós.

«...nos céus e sobre a terra...» As palavras «nos céus» apontam para os próprios «aeons» sobre os quais os gnósticos tanto se jactavam e aos quais adoravam (ver Col. 2:18). Mas até eles foram criados por Cristo, longe de terem qualquer poder superior a ele ou independente dele. Em seguida temos designações específicas desses seres, isto é, «tronos», «soberanias», «principados» e «potestades». Além disso, todos os homens foram criados em Cristo, por Cristo e para Cristo. Portanto, devem-lhe lealdade, e não a qualquer «aeon».

Notemos, outrossim, que Paulo ataca aqui, posto que indiretamente, o pernicioso dualismo do gnosticismo. Os mestres gnósticos pensavam que a «matéria» fosse totalmente má, sem possibilidade de redenção, a sede mesma do mal. Ora, já que o nosso corpo físico participa da matéria, não importaria o que fazemos com nossos corpos, pois são a sede do mal e não podem mesmo ser remidos. Mas o espírito seria o princípio do bem, podendo ser cultivado inteiramente à parte do corpo. Paulo ensina, bem ao contrário disso, que tudo tem sua origem em Cristo, pelo que a matéria não pode ser inerentemente má, embora seja inferior ao espírito; e embora o corpo, por ser material, torne-se vítima fácil do pecado. Não obstante, há certo tipo de união no universo, e tudo tem uma origem comum. Os gnósticos pensavam que as forças do mal teriam sido criadoras da matéria, ou, pelo menos, que tais criadores estariam muito distantes da luz divina, vastamente inferiores a ele quanto ao poderes espirituais.

A expressão «céus e terra» é expressão judaica comum para sumariar a totalidade da criação, sem entrar em qualquer detalhe; e é provável que é assim que o apóstolo a usa aqui. (Ver o primeiro capítulo do livro de Gênesis, onde isso se faz evidente). Nada existe que não seja incluído nessa expressão.

«...as visíveis e as invisíveis...» Mui provavelmente, essas palavras significam seres e coisas «espirituais», por um lado, e seres e coisas «físicas», por outro lado. Trata-se apenas de outra maneira de dizer que *nada* existe fora do poder de Cristo. O termo não deve ser visto como algo que procura estabelecer distinções exatas. Existem coisas invisíveis sobre a terra, como, por exemplo, a alma humana; mas esta reside dentro da esfera «visível». Paulo simplesmente indica as «coisas e seres celestes» e «coisas e seres terrestres», sob a suposição que as regiões espirituais sejam os lugares de habitação da realidade «invisível», ao passo que esta terra é o lugar da realidade «visível», conforme os homens percebem as coisas, do seu ponto de vista terreno. Dentro do terreno «invisível», aqueles que já estão adaptados ao mesmo, sem dúvida vêem as coisas invisíveis, pois estas seriam «invisíveis» somente para nós. No presente versículo a idéia de «oculto» e «revelado» não parece ser indicada, dentro das palavras «visíveis» e «invisíveis», tal como no décimo quinto versículo diz-se que Cristo é a «imagem do Deus invisível».

«...tronos...» No grego é «*thronoi*», literalmente, «tronos», indicando qualquer espécie de trono físico ou simbólico, qualquer forma de reino ou governo; aqui, porém, temos a idéia de tronos, governos ou governadores. Certa classe de seres espirituais está em foco, alguns dos «aeons», distintos dos outros. Esse termo era usado nos antigos escritos astrológicos para indicar esses seres. Não sabemos que patente seria a deles, em comparação com os outros termos. O mais provável é que Paulo não estivesse procurando arranjá-los em patentes hierárquicas, conforme faziam os gnósticos. Ao mesmo tempo, não há razão para supormos que Paulo não concordasse com os gnósticos, pelo menos quanto à existência de muitas dimensões de poderes celestiais. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios e o trecho de Fil. 2:10 reconhecem muitas dimensões de existência espiritual, muitos níveis de poder espiritual. A lista de seres espirituais, em Efé. 1:21, diz «principados», «potestades», «poderes» e «domínios», embora não na mesma ordem. Falta aqui a categoria dos «poderes», da epístola aos Efésios, ao passo que na epístola aos Efésios não temos os «tronos». A epístola aos Efésios também acrescenta «todo nome que se possa referir», e que a presente epístola não contém. Essas observações mostram que, de modo geral, as designações são as mesmas, embora haja algumas diferenças tanto quanto à designação como quanto à ordem em que os «aeons» são situados. Assim sendo, apesar de concordar que tais poderes existem, Paulo não procura alistá-los na ordem de sua suposta autoridade. Essa expressão, «tronos», se acha também no *Testamento dos Doze Patriarcas* (Levi 3), os quais se achariam nos mais altos céus, o sétimo, parecendo falar daqueles elevados espíritos que ocupam tronos que circundam o trono de Deus. Clemente de Alexandria (*Proph.* Ecl. 57) parece pensar que eles receberiam essa designação porque apóiam ou talvez formem o trono de Deus. Mas não sabemos se os mestres gnósticos ou Paulo emprestava tão específico significado a esse termo.

«...soberanias...» No grego é «*kuriotes*», isto é, «senhorios», «domínios», uma classe dentro os «aeons», poderes angelicais dotados de grande poder, que possuem vastas esferas sobre as quais governam. (Ver as notas expositivas sobre esse termo em Efé. 1:21).

«...*principados*...» No grego temos «archai», supostamente os mais elevados dentre os «aeons», que teriam autoridade sobre vastas áreas dos lugares celestiais, como se fossem reis de muitas províncias ou governantes sobre nações, que se comporiam de muitos estados. Esse termo é comentado no trecho de Efé. 1:21. Os vocábulos «principados» e «potestades» são empregados para indicar seres bons e seres espirituais malignos (ver Efé. 3:10; 6:12 e Col. 2:15). Paulo não entrava aqui em questão de qualidade moral, mas afirma somente que onde quer e o que quer que sejam, Cristo é o Cabeça de todos eles; de fato, é seu criador. E isso demonstra que, obviamente, ele lhes é superior, exigindo adoração da parte deles. Nenhum homem, portanto, deveria adorá-los, transformando-os em deuses ou fazendo deles objeto da inquirição espiritual.

«...*potestades*...» No grego temos «eksousiai», isto é, aqueles que possuem «autoridade» para governar, sendo essa uma classe de poderes angelicais, uma das categorias de «aeons». Esse termo também é comentado em Efé. 1:21. Essa palavra indica, além disso, «autoridade», «portador de autoridade», ou seja, «oficial», «governante». No Testamento de Levi 3:8 e no Test. Solom. 20:15, são mencionados como poderes angelicais. No trecho de Efé. 3:10 eles são «anjos santos» que aprendem algo da vontade de Deus, ao contemplarem o que ele está realizando no seio da igreja; e na passagem de Efé. 6:12, são alistados juntamente com as forças angelicais malignas. De qualquer tipo que seja, Cristo é o seu criador, estando sujeitos à sua autoridade. O universo, pois, de acordo com a teologia paulina, é «Cristo-cêntrico».

«...*Tudo foi criado por meio dele*...» Isso refere-se ao fato que a criação veio à existência através do poder e da agência de Cristo. O vocábulo grego «*día*» é usado do mesmo modo como em João 1:3. (Ali são dadas notas expositivas completas sobre esse aspecto de sua criação). Observemos que a idéia de «através dele» não denota qualquer inferioridade, como se Deus tão-somente tivesse se utilizado de Cristo para criar as coisas, como se ele mesmo não fosse o criador real. Pode-se verificar que, em Heb. 2:10, a mesma coisa é dita a respeito de Deus Pai; é «através dele» que tudo existe.

Notemos que a expressão *ta panta* é reiterada. Até os elevados poderes angelicais, juntamente com todas as outras coisas e seres, fazem parte da criação realizada por Cristo. E isso mostra que sob hipótese alguma Cristo pode ser considerado parte da criação. Ele pertence a uma espécie distinta da criação. Os gnósticos afirmavam que a criação procedera de Deus como emanção, descendo de um poder angelical para outro, como emanções de vários graus da glória de Deus, a força criadora; as emanções, pois, continuaram até se manifestarem na forma de espíritos, incluindo as almas humanas; e daí passaram à matéria, cuja forma mais inferior de emanções estaria tão afastada da luz de Deus que habitaria em trevas totais. Antes, Cristo é a causa primária e original; a causa mediadora também. Tudo veio à existência por meio dele, por seu ato de criação. Cristo, pois, não foi apenas mais um estágio de interminável sucessão de emanções, ao que os gnósticos o tinham reduzido; antes, ele foi a causa de todos os estágios da criação, que não é visto como uma emanção da parte de Deus, pois Deus é distinto de sua criação não compartilhando com ela de sua natureza, como o termo «*emanção*» geralmente indica. Assim é que evitamos a noção «panteísta», que sempre se faz inerente em qualquer teoria de «*emanção*».

«...*criado*...» Notemos aqui o tempo perfeito, ao invés do aoristo. Este último apontaria para o ato de criação, mas o perfeito salienta o «estado resultante». Tudo quanto existe, conforme o conhecemos hoje em dia, «existe» devido à energia criadora de Cristo. Isso dá a entender, naturalmente, um ato criador original. Eles «foram criados» (aoristo) «nele», conforme nos mostra a primeira porção deste versículo; o ato criador original residia em Cristo, dependendo dele; e então todas as coisas «permanecem criadas», no estado em que as encontramos, através do seu poder criador. Isso pode ser comparado ao trecho de Heb. 1:10, que diz: «No princípio, Senhor, lançastes os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos». Essas palavras se referem ao ato criador realizado por Cristo.

«...*para ele*...» No grego temos as palavras «eis auton». Assim como a palavra «nele» refere-se a Cristo em seu caráter como o «Alfa», assim também «para ele» refere-se a Cristo como o «Ômega» (ver Apo. 1:8). Isso significa que a criação visava a seu benefício, à sua glória, aumentando a estatura de seu governo; pois ele é o «alvo» de toda a criação. Essa é a idéia do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde o vemos como o ponto central em redor de quem tudo se reunirá harmoniosamente. Dentro da teoria gnóstica das «*emanções*», tudo retornaria a Deus e seria absorvido por ele, por ser Deus a sua fonte originária. Deus é visto como o poder que sustenta a tudo, enquanto tudo existiria como emanções de seu ser. Isso expressa uma verdade, embora mal formulada. «Todas as coisas», por assim dizer, são emanções de Cristo, mas distintas dele. Contudo, todas essas coisas retornam a Cristo, sendo absorvidas por ele; e os remidos chegarão a participar de sua própria natureza, sem jamais perderem sua individualidade. Tudo foi criado a fim de que, eventualmente, encontrasse nele a razão da existência. Interveio a queda, mas a redenção que há em Cristo restaurou o designio original, chegando mesmo a aumentá-lo. Por isso é que Cristo é aquele que *preenche a tudo em todos* (conforme se aprende em Efé. 1:23).

De Que Modo Cristo É O Alvo?

1. Não podemos compreender esse fato plenamente, a menos que observemos cuidadosamente que ele é o *alvo* de «todas as coisas», tal como foi a causa de tudo. Se reduzirmos esse conceito em qualquer grau, perderemos de vista o conhecimento apropriado do que significa ser Cristo o alvo de toda a criação. Se fizermos dele o Alfa, mas não o Ômega, não o estaremos honrando com a nossa doutrina.

2. Este versículo ensina-nos a mesma coisa que se aprende em Efé. 1:10: a «restauração geral» de tudo, em Cristo, o «reajuntamento de toda a

criação», e isso «em redor» de Cristo, para que ele se torne o cabeça de todos. Essa restauração é intitulada, na epístola aos Efésios, de «o mistério da vontade de Deus», ou seja, aquilo que Deus está fazendo em suas muitas realizações, e através de muitas eras.

3. No que diz respeito aos eleitos, isso redundará para eles em «redenção», isto é, na participação na própria imagem e natureza de Cristo (ver Rom. 8:29), na sua plenitude (ver Col. 2:10), no sermos a sua plenitude (ver Efé. 1:23), na participação na natureza e nos atributos divinos (ver Efé. 3:19), e, por consequência, em sermos o principal agente da glória de Cristo, nos mundos eternos (ver Efé. 1:23). Isso tudo significa que a igreja estará ocupada na eternidade com a tarefa de tornar Cristo «tudo para todos» (ou seja, a restauração), conforme alguns intérpretes parafraseiam aquele versículo. Essa «natureza» e «atividade» da igreja, conferirão a Cristo a sua glória mais exaltada, porquanto somos o seu corpo, os membros através dos quais ele atua; e a glorificação do corpo será necessariamente, a glorificação do Cabeça.

4. No que concerne aos perdidos, antecipamos que haverá uma «restauração», em contraste com a redenção dos eleitos. Aquela será uma glória secundária, uma existência digna de ser vivida, que redundará em glória positiva para Cristo, embora não queira dizer, que os não-eleitos venham a compartilhar da natureza divina. Pelo contrário, tais seres serão uma espécie distinta, de natureza muito inferior. Não obstante, Cristo será tudo para eles, a motivação, a alegria e o propósito da sua existência. Todavia, essa restauração será uma perda infinita (e também um estado constante de julgamento), em comparação com a redenção dos eleitos. Que nada afirmemos capaz de diminuir a magnitude da realização de Cristo, universalmente considerada. Tal estado, entretanto, não sairá do âmbito do julgamento. Pelo contrário, o próprio julgamento (que é restaurador, e não meramente retributivo; ver as notas em I Ped. 4:6), será um dos meios que porá isso em execução. De fato, a restauração, por não ser ainda a redenção (pois todos os homens potencialmente poderiam ter sido remidos), será julgamento. Sem embargo, repetimos, que nada digamos capaz de diminuir a grandeza da realização universal de Cristo.

5. E que dizer sobre os demais seres espirituais? Cristo também será o cabeça deles, e o propósito de sua existência. Presumimos que os anjos caídos poderão ser restaurados, embora pouquíssima seja a nossa informação bíblica a esse respeito. Nada sabemos, especificamente, do tipo de destino que foi determinado para os seres angelicais. Mas, sem importar exatamente qual seja, estará centralizado em torno de Cristo.

6. A criação física: a ordem será restaurada, a maldição divina será suspensa. Eventualmente, surgirá uma nova criação, e isso fará parte da restauração geral.

7. Cristo criou todas as coisas; e tudo retornará a ele novamente. O mesmo conceito é declarado no que tange a Deus Pai. (Ver I Cor. 8:6 e Rom. 11:36).

Cristo Jesus é o Senhor dos senhores,

Ele é o Rei dos reis;

Ele é também o Sol da justiça,

E a cura ele a traz em suas asas.

(John Mason).

«Ele é a finalidade da criação, contendo a razão, em si mesmo, de por que a criação existe, e por que é como é». (Alford, *in loc.*)

«Ele mesmo é o fim. Assim, enquanto entre os homens se debatia acerca do fim, se seria o prazer, a especulação, a virtude, a indiferença ou o que as escolas filosóficas pudessem dizer, para nós basta dizer que a finalidade é Cristo». (Cramer, «Catenae in N.T.», sobre I Ped. 4:7). Isso empresta ao presente versículo um excelente tom «moral». Agora mesmo, em tudo, em toda a inquirição espiritual, Cristo é o alvo e o padrão, tal como, eventualmente, em todas as coisas e de todos os modos, ele será o centro.

Cristo é o fim, pois Cristo foi o começo,

Cristo é o começo, pois o fim é Cristo.

(F.W.H. Meyers, St. Paul, pág. 53).

Em tudo isso vemos claramente como devemos confiar plenamente em Deus, através da fé, e da lealdade a Cristo. Assim se define a vida eterna.

«Estou começando a perceber que posso e devo crer em Deus, e estou simplesmente assustado. Tenho ficado acostumado a viver sem ele, até certo ponto. Se admitir a mim mesmo que Deus é real, sei que terei de fazer algo a respeito, e sinto que minha vida inteira será transtornada. E procuro evitar essas modificações desconhecidas mas possíveis». (*Finding God* - Ray Long & Richard R. Smith).

Se usarmos a terminologia aristotélica, então Cristo será:

1. A causa *material*. Pois ele é a substância na qual tudo tem seu potencial, do que tudo o mais se desenvolve. (Isso é semelhante à idéia do «nele», que figura neste versículo).

2. A causa *formal*. Em outras palavras, nele se acha o plano de desenvolvimento e seu potencial. (Essa idéia também faz parte inerente da palavra «nele», que há neste versículo).

3. A causa *eficiente*. Pois ele é o agente da criação, a força criadora. (Essa idéia é expressa pelas palavras «por ele», neste versículo).

4. A causa *final*. Porquanto nele se cumprem todos os desenvolvimentos ou fruições da vida; ele é o alvo na direção do qual se move a criação. (Isso é expresso dentro do conceito sugerido pelas palavras «para ele», neste versículo).

Cristo, por conseguinte, é o *Alfa*, o *Mu* e o *Ômega* da vida: o começo, o meio e o fim. Ele é o padrão, a razão, o agente, o sustentador e o alvo da vida.

Como suplemento às notas expositivas sobre este décimo sexto versículo, oferecemos abaixo as *várias teorias que há sobre a origem da criação* e de sua

vida:

1. O elemento ou *substância original*, do que tudo veio a ser, é indefinido e desconhecido. Desse elemento desconhecido é que surgiram os quatro elementos básicos, a terra, o ar, o fogo e a água. Toda a vida ter-se-ia originado de um ou outro desses elementos, ou de todos eles, coletivamente. E todas as demais coisas teriam sido criadas por um processo de condensação ou rarefação. O filósofo grego, Anaximandro, ao empregar essa teoria geral, tornou-se o pai da teoria evolucionária. Ele escolheu a água como elemento básico, tendo postulado que a vida se originou no mar, através de um processo de desenvolvimentos que se teria originado na água. Somente há pouco é que os cientistas que aceitam a teoria evolucionária, decidiram que a água não pode oferecer o meio ambiente necessário para tal desenvolvimento. Anaximandro viveu em cerca de 550 A.C.

2. *A eternidade da matéria*: Aqueles que explicam a origem da vida, conforme é esboçado no parágrafo acima, tiveram a necessidade de postular a eternidade da matéria. A maioria dos filósofos que empregavam a teoria do «hiloísmo», ou seja, que a vida faz parte inerente da matéria, a qual emerge por meio de algum processo natural, e que é o nome aplicado ao conceito que acabamos de apresentar, criam que a própria matéria é eterna. Alguns postulavam um elemento «indefinido», desconhecido, que existiria por detrás e anterior a tudo quanto se conhece atualmente. Porém, até mesmo nesse caso, tal elemento era considerado material. Ainda outros acreditavam que a vida inteira se originou de elementos conhecidos por nós, como o fogo, a água, a terra e o ar. Podemos observar muitas «causas». Em outras palavras, uma coisa seria causada por outra, essa ainda por outra, «ad infinitum». Imaginar uma retrogressão infinita de «causas dependentes» não é mais difícil, filosoficamente falando, do que supor que há uma única causa «primária» e «independente», ou seja, uma causa que não foi ela mesma causada.

3. Alguns filósofos antigos, como Platão, não aceitavam a matéria como a substância primária, mas antes, postulavam uma *substância espiritual*, do que a própria matéria ter-se-ia desenvolvido. Platão chamava isso de «o universal». Uma força cósmica, o «demiurgo», teria criado o mundo material, utilizando-se dos universais como padrões. Os próprios universais seriam eternos. Basicamente, embora pluralístico, o conceito não é diferente do conceito cristão. Dá ao «espírito» a posição primária, ao passo que a matéria seria mera «imitação» da espiritualidade, ou seja, tanto temporária como secundária.

4. *A criação como um ato eterno de Deus*: É difícil contemplar qualquer tempo em que a criação não existia, pois então poderíamos indagar: «O que, fazia Deus, quando somente ele existia?» Poderíamos imaginar um Deus inativo? Por essa razão é que Orígenes, pai da igreja de cerca de 225 D.C., supunha que a criação, bem como a vida toda, fazem parte de um eterno e contínuo ato criador de Deus, o qual seria a fonte originária de toda a vida.

17 καὶ αὐτὸς ἐστὶν πρὸ πάντων καὶ τὰ πάντα ἐν αὐτῷ συνέστηκεν. 17 αὐτὸς...πάντων Jn 1.1; 8:58 17 (αὐτὸς ἐστὶν) αὐτὸς ἐστὶν

f. Primeiro quanto ao tempo e à importância (vs. 17)

1:17: Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas;

Neste ponto temos a sexta e a sétima superioridades de Cristo (em adição a outras), a fim de mostrar que ele é o verdadeiro objeto de adoração, o alvo de toda a existência, incluindo a existência angelical. Os «aeons», longe de serem objetos autênticos de adoração, são criaturas de Deus, continuando a existir devido à sua dispensação graciosa. Naturalmente, pois, estão sujeitos à sua autoridade. Em sentido algum ele é companheiro deles, como se fora apenas mais um «aion» entre muitos, conforme os gnósticos ensinavam erroneamente.

Cristo é o primeiro quanto ao tempo e à importância: «Ele é antes de todas as cousas...» Notemos quão enfático é aqui o original grego: «...Ele mesmo é...» Isso implica em absoluta preexistência e preeminência. Diz o que o «Eu sou» de João 8:58 deixa entendido. (Ver Êxo. 3:14 e Isa. 43:13, onde o «Eu sou» é usado para caracterizar a grandeza e a dignidade de Deus). Este versículo afirma que Jesus Cristo é antes de tudo, no tocante aos pontos seguintes:

1. *Tempo*: Está em pauta a preexistência de Cristo. Mas não há qualquer indicio que ele mesmo tenha tido começo. Cristo está acima do tempo e é auto-existente. Assim sendo, ele é distinguido de todos os seres criados. Segundo a teologia judaica e cristã normal, aquilo que é «eterno» é divino. Pelo que qualquer declaração acerca da eternidade de Cristo é, ao mesmo tempo, afirmação de sua divindade.

2. Mas Cristo é «antes» de tudo no tocante à *importância*, ao poder e à autoridade. No trecho de I Ped. 4:8, as palavras gregas «pro panton» também são adverbiais, podendo ser traduzidas como «acima de tudo». Ali, o amor aparece «acima de tudo», devendo essa qualidade caracterizar aos crentes. Assim também aqui Cristo é visto como «quem possui» toda a

g. Cristo é um sustentador de tudo; e nisso vemos uma outra de suas superioridades, a sétima da presente passagem. Poder-se-ia pensar que um «aion» tem essa função no gnosticismo, no que diz respeito a alguma esfera limitada; mas declara-se acerca de Cristo que ele é quem sustenta a «tudo», ou seja, tudo quanto existe.

«...Nele tudo subsiste...» O termo grego «sunesteken» (de «sunistemi») significa «reunir», «constituir», «compor». A idéia que temos aqui é que o universo é mantido como um «sistema ordeiro» (a palavra *sistema* deriva-se do vocabulário grego aqui empregado), por seu poder. A unidade e a ordem, no universo, são vistas como algo que não se alicerça sobre forças mecânicas impessoais, mas sobre a inteligência do Logos eterno. Portanto, apesar de que as leis naturais governam o sistema dos universos, contudo, tais leis são apenas expressões de sua inteligência e poder, como realizações de seu próprio ser sustentador e organizador. Por conseguinte, todas as coisas têm uma relação vital com ele, sobretudo os homens, os quais, por isso mesmo, não podem adorar a meros anjos (Ver Col. 2:18). Cristo, portanto, deve ser reputado o Cabeça (ver Col. 2:19), pois somente ele pode ser tal coisa. Nele «vivemos, nos movemos e temos o nosso ser», esse é o pensamento deste versículo, aplicado aos homens. Podemos nos aproximar do «Deus invisível», mas não através das incontáveis esferas de «aeons», e, sim, através do próprio Cristo, o qual se conserva próximo de nós, sendo o poder dador de vida que sustenta a existência de nossos próprios seres. No dizer de Robertson (*in loc.*), «Cristo é a força controladora e unificadora da natureza. A filosofia gnóstica, que diz que a matéria é má e foi criada por algum 'aion' remoto, fica assim eliminada. O Filho do amor de Deus é o

Apesar de que as formas de vida podem modificar-se, a vida criada seria co-existente com Deus, ou, pelo menos, os elementos básicos dos quais se soergueu a vida. Deus, portanto, reveste-se de posição primária, quanto à importância e grandeza, embora não de posição primária, quanto ao tempo. Formas e tipos de criação vieram à existência, isto é, têm um começo; mas a própria criação, de alguma maneira, é um eterno ato de Deus.

5. *A criação como um pensamento eterno de Deus*: Clemente, pai da igreja que viveu nos começos do terceiro século de nossa era, acreditava que nem sempre a criação existiu como uma realidade, mas sempre fez parte do pensamento de Deus. Já dentro do tempo, Deus concretizou o seu pensamento. E assim as coisas vieram à existência.

6. *A criação ex-nihilo*: Deus teria criado a tudo, «do nada», mediante o poder de sua palavra. Houve tempo em que somente Deus existia. A vida humana foi criada por um ato especial, da matéria já existente, para em seguida receber a infusão do princípio espiritual. Usualmente, na teologia moderna, essa teoria é descrita como Deus a transformar sua própria energia em matéria e outras formas de vida; pelo que essa teoria não é realmente uma idéia que fala da criação «derivada do nada». O trecho de Heb. 11:3, segundo pensam alguns estudiosos, dá apoio a essa teoria, e ali aparecem notas expositivas que esclarecem a questão.

7. *O panteísmo*. De acordo com essa teoria, Deus não «cria» e, sim, «emana». Ele emana a si mesmo, pelo que tudo faz parte de Deus, sendo alguma forma de sua essência. Deus é o Cabeça do universo, e o universo é o corpo de Deus. Deus seria como o grande Sol central; e o mundo e toda a vida humana que nele existe, seriam os seus «raios». Deus pode ser pessoal ou impessoal em tais sistemas. O panteísmo moderno com frequência é evolucionário em seu caráter. As «emanações» teriam um «modus operandi», evolucionário.

8. *A eternidade da matéria*, tendo Deus como organizador. O mormonismo aceita a idéia da matéria eterna, mas crê que ela existia na forma de caos. Assim sendo, Deus a teria organizado; nesse caso, o ato de Deus não teria sido criador, e, sim, organizador.

9. *O ponto de vista do ceticismo*: A ciência moderna acredita que é impossível solucionar o problema da origem. A única coisa que podemos saber é aquilo que podemos investigar com os nossos sentidos de percepção (empirismo). É óbvio que questões como «causa primária», «causa independente», «origem», «destino», «Deus», «alma», etc., são temas fora da investigação científica. O cientista que emite pareceres sobre tais temas, transforma-se em um filósofo ou em um teólogo.

10. *O ponto de vista neotestamentário*: Essa é a explicação que aparece na exposição do presente versículo. Deus cria por meio do seu Filho, um agente pessoal; e, nessa energia, traz tudo à existência, material ou espiritual. Ele criou a tudo «em Cristo» e «para Cristo».

prioridade quanto ao tempo e à importância. Tanto o Cristo preencarnado, como agora, o Cristo exaltado, estão em foco. Antes da sua encarnação ele já possuía essa estatura; mas desde que teve lugar sua missão na encarnação, que foi bem-sucedida, ele assumiu a mesma posição, e até superior. (Ver Fil. 2:9-11 e as notas expositivas ali existentes, quanto a esse ensino).

Notemos a repetição das palavras «todas as cousas», referindo-se a «tudo» quanto Cristo criou. Trata-se de um termo todo-inclusivo. (Ver as notas expositivas a respeito no versículo anterior). Trata-se de palavras no gênero «neutro», de acordo com o uso do versículo anterior, e não no gênero masculino. A preeminência de Cristo não envolve meramente posição, porquanto ele é o criador, em contraste com os seres criados, segundo exige o décimo sexto versículo. Isso pode ser comparado com a própria declaração de existência fora do tempo, feita por Cristo, em João 8:58 e 17:5. Na eternidade passada e sem data, Cristo já «existia» ou «era». Mesmo que as almas humanas sejam preexistentes, como o são os anjos, no tocante ao tempo da criação da terra física, contudo, houve tempo em que elas começaram; houve a «individualização» da substância espiritual, que fez do homem uma espécie distinta. Cristo, porém, nunca foi «individualizado», com base em alguma substância espiritual. Ele sempre foi eterno em seu próprio ser, por ser divino. Há boas evidências que toda a existência «espiritual» antecede à existência material, e nisso fica implícita a preexistência da alma humana. Isso era uma doutrina comum no judaísmo, no tocante à alma, pois, de fato, essa suposição era extremamente comum em todo o pensamento judaico sobre a questão, sendo também aceita pelos pais alexandrinos da igreja, como Justino Mártir, Clemente e Orígenes. Mas ainda que isso seja uma verdade, a preexistência de Cristo é eterna; mas a do homem teve começo, em algum tempo remoto do passado.

criador e o sustentador do universo, que não é mau».

Em Cristo todas as coisas mantêm a sua coerência, e, através disso, chegam à fruição, na realização de seus propósitos na existência, sejam elas animadas ou inanimadas.

Nos versículos seguintes, vemos o relacionamento entre o Filho de Deus e a sua igreja, pondo em foco o plano remidor. Nos versículos quinze a dezessete é especialmente salientado o poder do «Cristo preexistente», bem como sua relação para com todos os seres e universos; mas até mesmo nessa ênfase também precisamos perceber que esse relacionamento é visto como algo que continua e é elevado no *Cristo glorificado*, porque o presente relacionamento de Cristo com tudo é incluído no tema do discurso. Já que a «presente» relação de Cristo com tudo está sob discussão, o Cristo glorificado também deve estar em foco. E já que sua glorificação depende do término bem-sucedido de sua missão remidora (ver Fil. 2:9,10), então o Cristo encarnado também deve estar em foco nesta passagem. Torna-se evidente, portanto, que as distinções minuciosas de certos intérpretes, que pretendem limitar os versículos quinze a dezessete ao Cristo «preencarnado», além de outras interpretações que tais, não pode ser sustentada sob exame cuidadoso. Cristo, em sua glória, desde a eternidade passada à eternidade futura, é a idéia dominante. Nenhum mero «aion» pode

postar-se ao lado de Cristo, e nem deve ser colocado artificialmente nessa posição, na adoração por parte da igreja cristã.

O fato que Cristo é o poder sustentador e organizador de tudo nos é dito de modo um pouco diferente, em Heb. 1:3, onde se lê: «...sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder...» No dizer de Bengel (*in loc.*): «Nele (em Cristo) todas as coisas estão unidas e prosseguem, formando um só 'sistema': o universo encontrou e retém nele o seu bom termo».

«Ele, o todo-poderoso, o Logos todo-santo do Pai, espalha seu poder sobre todas as coisas em todos os lugares, iluminando coisas visíveis e invisíveis, mantendo e unificando a tudo, em torno de si mesmo. Nada é deixado vazio de sua presença, mas para todas as coisas e através de tudo, individual e coletivamente, ele é o doador e o sustentador da vida... Ele, a sabedoria de Deus, mantém o universo em sintonia. Ele é aquele que, ligando todas as coisas umas com as outras, e pondo em ordem a tudo, segundo sua vontade e beneplácito, produz a unidade perfeita de natureza e o reino harmonioso da lei. Enquanto ele permanece inabalável para sempre, junto ao Pai, ao mesmo tempo move as coisas por sua própria determinação, de acordo com a vontade do Pai». (*Atanásio*, referindo-se a esta passagem).

*Está feito, a grande transação foi consumada!
Eu sou do Senhor, e ele é meu;
Ele me atraiu, e eu o segui,
Encantado, confessando a voz divina.
(Philip Doddridge)*

«Ele vincula todas as criaturas e forças formando um todo cooperante, reconciliando seus antagonismos, arrastando todas as suas correntes para formarem uma única grande onda de maré, mesclando todas as suas notas em uma música que Deus pode ouvir, por mais discordantes que, às vezes, elas nos soem. Ele é o 'vínculo da perfeição', a pedra principal do arco, o centro da roda... Que doçura e que respeito reverente tais pensamentos lançam em redor do mundo exterior e das eficiências da vida! Quão perto isso nos deveria levar de Jesus Cristo! Que poderoso pensamento é aquele que o curso inteiro dos negócios humanos e dos processos naturais é dirigido por aquele que morreu sobre a cruz! O leme do universo é seguro pelas mãos que foram transpassadas por nós. O Senhor da natureza, movimentador de

todas as coisas, é o Salvador sobre cujo amor podemos apoiar nossas cabeças dolorosas... por toda parte podemos contemplar nosso Salvador, e de cada temporal e de cada solidão podemos ouvir sua voz, através das trevas, dizendo: 'Sou eu; não temas'. (*Maclaren, in loc.*)

Significados da criação:

1. Exibe a magnificência de Deus e o seu poder infinito, mostrando que essas qualidades também residem no Filho. Fica implícito que a bondade infinita de Deus está em foco; pois confiamos que o mais elevado poder do universo é também o poder mais benéfico e altruísta. Um Deus dotado de tal poder não pode usá-lo arbitrariamente. O mesmo poder que criou se volta para a redenção, pelo que deverá haver um vasto recolhimento dos perdidos.

2. A criação exige a existência de Deus (argumentos cosmológico e etiológico). Deve haver alguma *causa* da criação. Um retrocesso infinito de causas dependentes é uma idéia contrária à razão e repugnante à esperança. Aquele que é a causa da criação física também é a «causa» e a «origem» de todo o bem-estar humano; e assim como Deus é eficaz em uma dessas dimensões, assim também o é na outra.

3. Assim como existe uma *vida física*, também deve haver uma «vida espiritual». A criação original (física) foi feita em ordem que dela emergisse a criação «espiritual». (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em João 1:4). O propósito de Deus, ao criar o homem, foi o de exaltá-lo infinitamente. A queda não alterou esse plano. A exaltação completa se acha em Cristo (ver Rom. 8:29,30).

4. A vida espiritual é extraída da criação física, mediante a «iluminação». (Ver Efê. 1:18,19 sobre esse conceito). A transição que há em João 1:4; da «vida» para a «luz», subentende a mesma coisa.

5. Deus é a única fonte originária de todo o bem-estar, e Cristo é o seu mediador (ver Col. 1:16).

6. A vida inteira, portanto, deve ser dirigida na direção de Deus (ver I Cor. 8:6).

7. A doutrina da criação não foi revelada para satisfazer à nossa curiosidade, e, sim, visa nossa instrução espiritual. Fala-nos do mundo eterno e do Deus eterno do qual se originou essa criação (ver Heb. 11:1). Nossa fé deve ser dirigida na direção desse mundo, que é o nosso verdadeiro lar.

h. Cabeça da igreja. Neste ponto vemos a oitava superioridade de Cristo. Cristo é o cabeça da igreja, e isso com exclusividade, pois não pode haver outro cabeça. Aqueles que adoravam aos mediadores angelicais, roubavam de Cristo sua posição de cabeça, conforme se vê em Col. 2:18,19. A definição básica de um crente é alguém que tem a Cristo como *Cabeça*, isto é, que aceita o senhorio de Cristo. (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em Rom. 1:4). Um crente pode ter pensamentos e doutrinas errôneos; mas acerca de uma coisa ele terá plena certeza, a saber, que Cristo é seu Senhor. Outrossim, não há tal coisa como um crente que tenha a Cristo como Salvador, mas não como Senhor. Isso fica perfeitamente claro em Rom. 10:9,10, onde a fé evangélica e a invocação do nome do «Senhor» aparece como confissão daquele que é tanto o Salvador e o Senhor. A alma deve ser-lhe «entregue», pois a essência mesma da fé é a outorga da alma aos cuidados do Senhor. (Ver notas expositivas completas sobre a fé, em Heb. 11:1). Tendo mostrado como o universo inteiro está relacionado com o Cristo exaltado, tanto o preexistente, como o eterno e como o atual glorificado, Paulo mostra agora, particularmente, como a igreja está relacionada com Cristo (ver os versículos dezoito a vinte e três). Essa mesma grandeza de Cristo, que precisa ser reconhecida pela igreja, sem o que ninguém pode ser crente autêntico, também foi demonstrada pelo ministério apostólico (ver Col. 1:24-2:5).

A cabeça está vitalmente ligada ao corpo, embora seja superior a este último, sendo seu comandante e guia. Renegar à cabeça é condenar o corpo À MORTE; e nenhum corpo pode viver sem sua cabeça. Atualmente não temos problema com qualquer movimento herético, como o que assediava a igreja de Colossos; mas ainda há muitos cristãos que supõem que podem viver espiritualmente sem o Cabeça, que não aceitam o senhorio de Cristo. Esses não são cristãos verdadeiros, mas são ramos cortados e lançados no refúgio, estando mortos e ressecados.

18 καὶ αὐτός ἐστιν ἡ κεφαλὴ τοῦ σώματος, τῆς ἐκκλησίας· ὃς ἐστὶν ἀρχή, πρωτότοκος ἐκ τῶν νεκρῶν, ἵνα γένηται ἐν πάσιν αὐτὸς πρωτεύων, 18 αὐτός...ἐκκλησίας Eph 1.22-23; 4.15; 5.23 ὅς...νεκρῶν Aô 4.2; 26.23; Re 1.5

18 αρχῇ] η α. p⁴⁶B 1739 pc | εκ] om p⁴⁶X* Ir

1:18; também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,

A METÁFORA DA CABEÇA E DO CORPO

1. A união vital entre Cristo e seu «corpo» é referida sob o simbolismo do cabeça e do corpo: uma união mística é assim salientada (ver as notas expositivas a respeito, em I Cor. 1:4).

2. Estão em foco a autoridade absoluta de Cristo e seu governo ativo sobre a igreja, na qualidade de Senhor.

3. Nutrição e poder transmissor da vida são atribuídos ao Cabeça, o qual sustenta ao corpo.

4. A vida sem o Cabeça é simplesmente impossível.

5. Há união, harmonia e amor entre o Cabeça e o corpo, em que cada qual cuida do outro, tão vital é essa união. Essas são as idéias aqui incluídas. Na epístola aos Efésios, a união da igreja é vista como prefiguração da unidade universal que será produzida, tendo a Cristo como Cabeça de tudo, e não apenas da igreja. (Ver Col. 1:10, acerca do «mistério da vontade de Deus»). A igreja atualmente está vinculada a Cristo, em harmonia com ele, tal como um corpo está vinculado à sua cabeça.

6. Cristo pertence a nós, e nós a ele. Assim sendo, nossos destinos estão ligados para sempre, tal como se dá no caso de um corpo e sua respectiva cabeça.

7. A exaltação do corpo também faz parte da metáfora, pois os grandes poderes angelicais, por mais elevados que sejam, não são o corpo de Cristo, o qual é o Cabeça de todos.

8. A participação na «mesma natureza» é outro fator envolvido nessa metáfora, tal como um corpo deve ter a mesma natureza que sua cabeça. Assim também nós—compartilhamos da própria essência de Cristo (ver Rôm. 8:29 e II Cor. 3:18).

*Cabeça da Igreja triunfante!
Alegremente te adoramos;
Até que tu apareças,
Teus membros, aqui,
Cantar-te-ão na glória!
(Charles Wesley).*

(Quanto a outros trechos onde o conceito de Cristo como «Cabeça da igreja» também pode ser visto, ver Efê. 1:22,23; 4:15; 5:23 e Col. 2:19. Quanto a outras passagens onde a igreja é retratada como o «corpo de Cristo», ver Efê. 1:23; Rom. 1:4 e I Cor. 12:12-27. Notas expositivas completas sobre a igreja como «corpo» e sobre Cristo como o «Cabeça», são oferecidas em Efê. 1:22,23).

Devemos ter cautela com aquelas denominações evangélicas, organizações religiosas ou indivíduos que exaltam de tal modo a si mesmos, à sua autoridade ou às suas doutrinas, que chegam a diminuir o conceito de Cristo como Cabeça de tudo, tanto no tocante à igreja como no que toca a Cristo no que concerne ao universo.

«...uma figura de amor, que desce do alto para baixo, que se agarra e que movimenta o que é corpóreo, elevando-o anelantemente de baixo para cima, e cuja obra consiste de transformar constantemente a natureza inferior àquela por que anseia, de tal modo que, finalmente, compartilha da natureza mais elevada que é desejada». (*Schubert*, referindo-se a Efê. 1:22).

A significação cósmica de Cristo se estende aos homens, sendo aplicada a eles. Os mestres gnósticos reconheciam essa significação em pequena medida, mas tinham perdido Cristo entre os «aeons». Paulo mostra aqui que, na realidade, só há um Senhor, até onde nos diz respeito. (Ver Rom. 1:4,7 sobre o «senhorio de Cristo»). Em relação à posição de Cristo como cabeça, devemos pensar também na «nova criação». Portanto, ele é o criador tanto do mundo físico como do mundo espiritual, sendo ele o

Senhor de ambos. Os gnósticos tinham compreendido erroneamente a relação de Cristo para com a criação em geral e para com a igreja, reduzindo-lhe a estatura em ambos os casos. Eles adoravam aos «aeons» ou poderes angelicais. Somente Jesus Cristo é digno disso, devendo ser reconhecido como Cabeça de todos (ver Col. 2:18,19).

Cada hora da história de Jesus pertencia à ordem eterna. Cada palavra que ele proferiu, cada ação... que ele realizou, foi a externalização da vida eterna. A natureza divina se achava em tudo. E em tudo em que ela se faz presente, a possessão dessa natureza que produz pensamentos, motivos, desejos, palavras e ações semelhantes aos dele, é a vida eterna.

«...igreja...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «igreja», ver Efê. 3:10). A igreja, neste ponto, é a igreja visível sobre a terra; mas nesse pensamento também está inclusa a idéia de todos os remidos, que podem estar sobre a terra ou nos céus, todos os quais participam da relação com Cristo, que é uma relação de «cabeça» e «corpo». Portanto, é a igreja universal e mística que está aqui em pauta.

i. *Cristo é o princípio*. Essa é a nona superioridade de Cristo, referida nesta epístola. Consideremos, sobre isso, os pontos abaixo:

1. Não há aqui qualquer pensamento de ser Cristo o primeiro dos seres criados, o que é contrário ao presente contexto, onde Cristo aparece claramente como o criador. Nem pode ser que Cristo é o primeiro ser criado por Deus, ao qual, ato contínuo, foram dados poderes de criação; porquanto isso também degradaria fatalmente sua posição, dizendo exatamente o que os mestres gnósticos diziam, os quais rebaixavam-no em sua importância, no tocante à criação e aos homens.

2. É possível que a palavra «*arche*» tenha aqui a idéia de «originador», tal como Satanás, no evangelho de Nicodemos, seria o «começo do pecado», o que, como é óbvio, significa seu «originador». Cristo, pois, seria visto como o «originador da nova criação»; e isso concorda com o contexto que temos à nossa frente.

3. Dentro da filosofia grega, comum nos escritos de Platão, o termo grego «*arche*» é usado para indicar a *causa primária*, ou seja, que «começa outras coisas», a origem delas, o poder criador. Nos escritos de Josefo, C. Ap. 2, 190, Deus é chamado de «*arche*», em que tal vocábulo tem o sentido de «causa primária». No décimo sexto versículo já se viu que Cristo é a causa total da criação, a causa material, formal, eficiente e final. Não seria de estranhar, portanto, que Cristo seja pintado aqui como «causa primária» da criação espiritual, isto é, da redenção humana, em que os homens chegarão a participar da natureza celestial.

4. Os «*archai*» (forma plural de «*arche*») eram considerados os mais elevados dentre os «aeons». Contudo, Cristo é o «Arche», o poder real que devemos reconhecer e adorar, o verdadeiro ser supremo, digno de nossa adoração.

5. O significado que Cristo é o «primeiro a possuir a nova vida que foi dada aos homens, na redenção», mui provavelmente deve ser incluído aqui. Em outras palavras, em Cristo, antes de todos, Deus mostrou o que é a vida celestial, transformando o mortal Jesus de Nazaré no Cristo imortal, dando-lhe a vida celestial, para que, por sua vez, ele a pudesse conferi-la a outros (segundo se aprende nos trechos de João 5:25,26 e 6:57). Na qualidade de homem, pois, ele primeiramente compartilhou da própria «modalidade de vida» que Deus tem, sua vida necessária e independente; e então transmitiu-a a outros, por intermédio da ressurreição. Além disso, Cristo é o «começo», por ter sido o primeiro em quem se manifestou essa vida, através da qual ele se tornou o Deus-homem, sua manifestação eterna. Isso faria esse vocábulo significar mais ou menos a mesma coisa que «primícias», idéia apresentada em I Cor. 15:20, onde as notas expositivas deveriam ser consultadas. Esse pensamento está em harmonia com a expressão que se segue, que poderia ter o intuito de fazer uma exposição. Cristo foi o primeiro a sair dentre os mortos, dotado da «vida imortal». Por conseguinte, Cristo é, ao mesmo tempo, a «causa primária» da nova criação, sendo ele mesmo o primeiro em quem essa vida se concretizou. Nenhuma mera «prioridade» dentro do tempo de participação, nessa «modalidade de

19 ὅτι ἐν αὐτῷ εὐδόκησεν πᾶν τὸ πλήρωμα κατοικῆσαι

1:19: porque aprovou a Deus que nele habitasse toda a plenitude,

k. *Em Cristo habita toda a plenitude de Deus*. Essa é a décima primeira superioridade de Cristo, que aparece nos versículos décimo quinto a décimo nono do presente capítulo.

Aqui e em Col. 2:8, no contexto das denúncias de Paulo contra a adoração aos anjos, não nos devemos olvidar que se por um lado os anjos não podem ser adorados, por outro lado ocupam um ofício importante, no que tange aos crentes. (Ver Heb. 1:14). Alguns dons espirituais mui provavelmente são mediados pelos anjos. O protestantismo tem obscurecido o ministério dos anjos, em sua ansiedade de combater os abusos que envolvem essa questão.

«...aprova...» No grego é «*eudokeo*», «considerar bom», «consentir com», «resolver», «deleitar-se em», etc. Podemos compreender esse vocábulo como algo que se coaduna com a ordem natural das coisas, ou seja, de modo impessoal. Nesse caso, foi «próprio» que toda a plenitude residisse em Cristo. Mas é melhor pensarmos que o sujeito é Deus (sujeito subentendido). «Deus» considerou próprio, agradável, e resolveu que sua própria plenitude residisse em Cristo, na qualidade de Deus-homem. Portanto, foi de sua vontade e beneplácito que assim sucedesse, e ambas essas idéias estão contidas neste verbo. Alguns creem que o sujeito desse verbo é «toda a plenitude»; mas se é assim que a questão deve ser entendida, então a vontade de Deus naturalmente é o fator determinante, pelo que a expressão continua a transmitir-nos a mesma mensagem. (Quanto a passagens que sugerem que o sujeito «Deus» deve ser aplicado, ver Mat. 3:17; Luc. 13:32; I Cor. 1:21 e Tia. 1:12, onde o que é agradável a Deus se destaca). «Deus é o sujeito auto-evidente» (Braune, *in loc.*). Já que a

vida» está em foco aqui, embora isso também expresse uma verdade.

j. As palavras «...o *primogênito* de entre os mortos...» expressam a décima das onze superioridades de Cristo, alistadas no contexto. Isso pode ser comparado ao décimo quinto versículo, onde Cristo também aparece como o «primogênito». Ali, entretanto, nenhuma ressurreição está em foco. Ele, em sua natureza preencarnada e glorificada, naturalmente é o Filho favorecido de Deus, o seu «supergerado»; e, como tal, ele é o «arquetipo» ou modelo dos demais filhos de Deus. Contudo, ocupar sempre o primeiro lugar entre iguais, conforme também nos dá a entender o simbolismo da cabeça e seu corpo. A idéia do «primado natural», pertencente à sua natureza inerente, também é expressa ali. (Ver as notas expositivas, ali existentes, onde se faz a exposição completa dessa idéia). Neste ponto, a «nova» criação está especificamente em foco. Cristo morreu como homem, mas a ressurreição lhe restaurou uma vida nova, superior, imortal, a própria espécie de vida que Deus tem. Mediante a ressurreição, pois, tornou-se o primeiro homem imortal de Deus, o Deus-homem. Assim sendo, ele é as «primícias» da grande colheita, em que muitos outros receberão a mesma natureza. Cristo é o «primogênito» de todos quantos nasceram dentro dessa vida eterna, dessa natureza celestial. A ressurreição, por assim dizer, foi sua mãe, o poder que lhe deu essa vida. E a nossa ressurreição também será nossa mãe, outorgando-nos a mesma vida e destino que ele tem. (Ver I Cor. 15:20 quanto a notas expositivas completas sobre a «ressurreição» e sobre o «corpo ressurrecto»). Os versículos trinta e cinco e quarenta desse mesmo capítulo expõem a idéia do «corpo ressurrecto»). O fato que Cristo é o «primogênito» subentende que se seguirão mais nascimentos dessa mesma sorte, e disso é que consiste a mensagem de redenção. Paulo mostra que a vida só pode ser antecipada em Cristo, e não em algum poder angelical, no que se vê que Cristo é superior aos «aeons». No dizer de Beare (*in loc.*), «...a sua ressurreição inaugura uma nova vida para o homem, uma vida que passou pela morte mas emergiu vitoriosa, a vida eterna».

«...para em todas as cousas ter a primazia...» Em outras palavras, Cristo «tornou-se» preeminente, não meramente por ser ele preeminente em sua natureza inerente, mas porque adquiriu essa posição em sua ressurreição, tendo sido aprovado por Deus, em reconhecimento de sua missão, tudo o que se percebe no fato que Deus o ressuscitou dentre os mortos. O trecho de Rom. 1:4 encerra idéia similar: «...e foi designado Filho de Deus, com poder... pela ressurreição dos mortos...» Cristo, em sua ressurreição, uma vez que a compartilha com os homens, lhes confere a sua própria modalidade de vida. Por conseguinte, não há qualquer necessidade de alguma interminável sucessão de seres angelicais, que seriam considerados outros tantos salvadores e senhores, a fim de que o homem seja beneficiado. Cristo «era» supremo em relação ao universo, mas «teve de tornar-se» supremo em relação à igreja, mediante o término bem-sucedido de sua obra; e a ressurreição assinalou esse êxito. Foi o seu triunfo. E agora, na igreja, ele ocupa o primeiro lugar em tudo; e isso não permite qualquer espaço vazio para que os «aeons» atraiam a atenção da igreja.

No grego temos o vocábulo «*proteuo*», isto é, «ter a primeira patente», «ocupar o primeiro lugar», «ter a preeminência», sendo palavra usada exclusivamente aqui, em todo o N.T.

«Bem-aventurados seremos se dermos a Cristo e preeminência, e se os nossos corações lhe derem o primeiro lugar, o último lugar, o lugar do meio, e todos os espaços vazios». (Maclaren, *in loc.*).

★ ★ ★

Notemos o uso enfático deste versículo, «ele mesmo». Cristo é aquele que ocupa esse lugar, não o compartilhando com qualquer outro.

«Em suma, ele morreu, reviveu e tornou a erguer-se, a fim de que fosse o Senhor tanto dos mortos como dos vivos; e ele deve ter a preeminência e o primeiro lugar nos afetos de nossos corações, na contemplação de nossas mentes, nos desejos de nossas almas e nos mais exaltados louvores de nossos lábios». (John Gill, *in loc.*).

19 Jn 1:16; Eph 1:23; Col 2:9

vontade de Deus é que toda a plenitude habite nele, e que isso lhe é agradável, então os «aeons» não devem ter lugar em nossa teologia, naquilo que diz respeito à redenção humana, como se esta pudesse ser fomentada pelos mesmos em qualquer sentido.

«...nele residisse toda a plenitude...» No grego temos o verbo «*katoikeo*», que é posto em contraste com «*paroikeo*». Aquela primeira significa «tomar residência permanente», «firmar-se em», com a intenção de ficar. A mesma palavra é usada acerca da habitação de Cristo nos remidos, por meio do seu Espírito, em Efê. 3:17. Alguns dos falsos mestres referiam-se ao Verbo eterno como quem descera sobre Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, embora o tenha abandonado por ocasião da sua crucificação; e outros pensavam que esse poder era devido a uma possessão temporária do homem Jesus, por parte de um dos «aeons». Paulo nega tal coisa. Essa plenitude e estatura pertencem realmente a Cristo, e isso de forma permanente.

*Não o encontrei no mundo ou no sol,
Nas asas da água ou no olho do inseto;
Nem através das perguntas tentadas pelos homens,
As teias tolas que eles têm tecido.
Se, quando a fé caísse adormecida,
Eu ouvisse uma voz: 'Não creias mais',
E ouvisse uma praia onde as ondas batessem,
Que tombassem sobre o abismo sem Deus,
Um calor dentro do peito faria dissolver-se
A parte mais fria da razão enregeladora,
E tal como um homem, com ira no coração,
Eu me levantaria e diria: 'Eu senti'.
(Alfred Lord Tennyson)*

«...plenitude...» Essa palavra não é definida como «de Deus», embora possamos perceber que é assim que devemos entendê-la, necessariamente. Provavelmente Paulo tomou por empréstimo um termo do vocabulário gnóstico, a «pleroma». Sobre esse vocábulo devemos dizer o seguinte:

1. Nos escritos herméticos, essa palavra é usada acerca da divindade, em contextos *panteístas*. A «plenitude» é o próprio Deus, que se faz imanente em tudo, através de suas «emanações». «O Senhor e Criador de tudo, sendo tanto o Tudo como o Único... pois a pleroma de todas as coisas é uma e em um». (Corpus Hermeticum xvi. 3).

2. Dentro do pensamento gnóstico do segundo século de nossa era, a «pleroma» é o corpo inteiro das *emanações*, coletivamente consideradas. Também usavam essa palavra a fim de indicar o arraial inteiro das «stoicheia», os «espíritos elementares do cosmos», conferindo-lhes vários atributos divinos. Ou então esses atributos podem ser reputados como as próprias «stoicheia», hipostaticamente existentes. (Ver o uso do termo «stoicheia», em Col. 2:8,20). Tal palavra pode ter sido usada pelos gnósticos a fim de indicar «seres espirituais», «elementos espirituais». Não dispomos de meios para saber exatamente o que esse termo pode ter significado para o tipo particular de gnósticos que eram os opositores de Paulo em Colossos; mas podemos supor estar em foco algo concernente à emanação da natureza e dos atributos de Deus no cosmos, em níveis variegados de excelência, em que os «aeons» seriam expressões especiais e elevadas de Deus, onde quer que a «plenitude de Deus» se manifestasse. A súpula total dos poderes e atributos divinos constituiria «pleroma»; porém, nenhum único «aion» poderia ser tido como quem possui toda a plenitude, porque cada «aion» era considerado participante, em um grau ou outro, dependendo do tipo de emanação ao qual pertencia.

Podemos entender melhor o que está em foco aqui se nos valermos da comum metáfora da emanação. O sol envia os seus raios, suas emanações ou «resplendor»; e quanto mais se afastam do sol, mais raros serão esses raios, até que, finalmente, tendo ido longe demais, chegaríamos às trevas totais. Deus é o grande Sol central; toda a criação seria seu «resplendor». Toda a criação, coletivamente considerada, seria a sua «plenitude». Os *aeons* (seres angelicais) teriam glórias variegadas, expressando a Deus em vários níveis, pelo que alguns seriam mais santos e poderosos do que outros; mas cada qual, de alguma maneira, participaria de alguma partícula da plenitude de Deus. A matéria também faria parte dessa plenitude; mas estaria tão distante de Deus que habitaria em trevas completas. O apóstolo Paulo, entretanto, afirma que Cristo possui a inteira «plenitude» de Deus, sendo o seu «resplendor», o possuidor de todos os seus atributos e perfeições, com base na natureza divina.

Quão elevadas verdades, portanto, são ditas aqui a respeito de Cristo. Ele não é um mero «aion», com algumas manifestações dos atributos e da natureza divinos. Não é apenas uma dentre muitas emanações de Deus. Pelo contrário, é a grande e toda-inclusiva manifestação de Deus, em quem habita eternamente tudo quanto Deus é em sua natureza e em seus atributos divinos.

O agregado inteiro das virtudes, energias e atributos de Deus, incluído a sua natureza, habita em Cristo; e isso elimina a necessidade de darmos qualquer atenção aos «aeons», os quais, quando muito, participam dessas qualidades de maneira mui limitada. Não há limite pelo qual Cristo participa de Deus e de sua plenitude. O trecho de Col. 2:9 define essa questão como segue: «...porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade», onde também é usado o vocábulo grego «pleroma»—essa é a «plenitude» de que Cristo está cheio, aquela que pertence ao conceito da própria divindade. Adicionemos a isso a tremenda declaração do versículo que vem depois (ver Col. 2:10), a saber, que devido à nossa união com Cristo também ficaremos cheios da plenitude de Deus, e teremos uma maneira mais elaborada de dizer aquilo que é ensinado mais diretamente em II Ped. 1:4, a saber, «...para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina...»

Portanto, quanto à natureza, temos a mesma natureza de Deus; mas, quanto à extensão, Cristo é infinitamente ímpar acima de todos. Não obstante, toda a eternidade envolverá a diminuição da extensão dessa diferença. Pode-se dizer corretamente, pois, que somos «filhos de Deus», pois um filho participa da natureza de seu progenitor. Por isso é que com verdade se lê: «Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra...» (Fil. 2:9,10). E é dito de modo igualmente veraz que, em Cristo, recebemos a mesma plenitude de Deus, segundo se aprende em Efé. 3:19, que fala de modo direto. Disso consiste o evangelho.

Notemos que, em Efé. 1:23, a igreja aparece como a «pleroma» de Cristo, e Cristo é a *pleroma* do universo inteiro. Deus habita em Cristo, como se fosse seu templo; Cristo habita no crente, como se este fosse um templo; e Cristo habita no cosmos como seu templo, enchendo-o de bem-estar espiritual, sendo tudo para todos. Os falsos mestres gnósticos, entretanto,

tinham reduzido Cristo à posição de um mero «aion», em quem, de conformidade com a doutrina deles, habitaria apenas uma partícula da «pleroma» ou plenitude de Deus. Mas Paulo refuta esse erro.

Se Não Compreendemos, Sintamos

*A grandeza extraordinária do que isso é,
A graça irresistível que o torna real,
O Senhor, permite que meu coração aberto agora,
Se não compreende, que sinta.
O Verbo eterno, oculto em humilde manto humano,
Tem operado pelo homem esse lucro ilimitado,
Homens transformados devem participar de sua imagem,
Devem obter a sua imensa natureza.
O milagre incomensurável que isso é,
A graça irresistível que o torna real,
O Senhor, permite que meu coração aberto agora,
Se não compreende, que sinta.*

(Russell Champlin,
Ao meditar sobre Col. 1:19).

A «plenitude», neste ponto, não é a «igreja», conforme se vê em Efé. 1:23, e nem é a «terra» ou «todas as coisas» que Cristo possui. E nem é ele mesmo, a «preencher a tudo». Todos esses são pontos de vista errôneos, assumidos por alguns intérpretes. Essas são verdades, mas não é a verdade ensinada neste versículo.

*Coroas de glória sempre resplendentes,
Descansai sobre a cabeça do Vitorioso;
Coroas de glória são o seu direito,
São dele—de quem esteve morto e está vivo.
Jesus lutou e ganhou a batalha,
Dá como aquele jamais houve:
Bem pode o seu povo agora dizer:
Vede o que fez Deus, o nosso Deus!*
(Thomas Kelly).

Referências e idéias. O poder de Deus:

1. Na qualidade de Filho de Deus, Cristo é o poder de Deus (ver João 5:17-19 e 10:28-30). 2. Como homem, ele é o poder do Pai (ver Atos 10:38). 3. O poder de Cristo é descrito como supremo (ver Efé. 1:20,21; I Ped. 3:22). 4. Ilimitado (ver Mat. 28:18). 5. Sobre toda a carne (ver João 17:2). 6. Sobre tudo (ver João 3:35 e Efé. 1:22). 7. Glorioso (ver II Tes. 1:9). 8. Eterno (ver I Tim. 6:16). 9. É capaz de subjugar a tudo (ver Fil. 3:21). 10. Exibe-se na criação (ver João 1:3,10 e Col. 1:16).

A discussão acima, acerca da grandeza de Cristo, de suas superioridades, é o maior elogio isolado de Cristo que jamais foi escrito. Seria para benefício de todos, se Cristo, na realidade, assumisse essa posição na igreja. Com demasiada freqüência, porém, Cristo se tem tornado uma figura distante, sobre quem falamos em termos vagos, usando de truísmos e não-truísmos, por breve tempo, para então nos desviarmos para discussões sobre problemas correntes, como o comunismo ou o liberalismo. Com demasiada freqüência, igualmente, os sermões comuns não dizem uma única palavra significativa acerca de Cristo. Geralmente não passam esses de pequenos ensaios morais, sensaborões. Apesar de que para nós Cristo não anda perdido no meio dos «aeons», conforme sucedia em Colossos, contudo, ele está quase oculto em meio ao nosso superficial conhecimento.

Referências e idéias. A união com Cristo:

1. Como cabeça da igreja (ver Efé. 1:22,23; 4:15,16 e Col. 1:18). 2. Jesus orou para que todos os santos gozassem de união com ele (ver João 17:21,23). 3. Essa união é descrita como Cristo em nós (ver Efé. 3:17; Col. 1:27). 4. Como a presença de Cristo em nós (ver II Cor. 12:2 e I João 5:20). 5. Inclui a união com o Pai (ver João 17:21 e I João 2:24). 6. Vem de Deus (ver I Cor. 1:30). 7. É mantida pela fé (ver Gál. 2:20 e Efé. 3:17). 8. Pela permanência em Cristo (ver João 15:4,7). 9. Pela permanência de sua Palavra em nós (ver João 15:7; I João 2:24 e I João 9). 10. Pelo alimentarmos-nos dele (ver João 6:56). 11. Pela obediência a ele (ver I João 3:24). 12. Pelo testemunho do Espírito Santo (ver I João 3:24).

Não nos devemos olvidar que ninguém pode reconhecer a Cristo como Salvador, se também não o reconhece como Senhor.

Oh, meu Deus, Leio Hoje

*Oh, meu Deus, leio hoje,
De um Cristo sublime em seus trajes,
Imagem de Deus, exibição divina.
Nos céus, acima de todos os seres,
Na terra, soberano sobre todas as coisas;
Sentido da vida para todos, em todos, ele dá.
Cristo imenso, Primogênito dentre os mortos,
De todos os céus e da terra o Cabeça;
Para trazer bem eterno, andou em vereda humilde.
Grande Deus! Aquele que sustenta toda a vida,
Aquele que subjuga as contendas universais,
Não é ele meu Senhor, se busco só meus interesses?*
(Russell Champlin,
ao meditar sobre Col. 1:15-19)

2. Sua Grandeza no tocante à Reconciliação (1:20-23). Uma décimo segunda superioridade. Até os anjos estão sujeitos à sua redenção.

Nos versículos décimo quinto a décimo nono encontramos uma exaltadíssima descrição do Cristo cósmico, por ser ele soberano em todos os céus, Senhor sobre toda a terra, grande em sua preexistência, sublime em sua missão terrena, imenso em sua glorificação post-ressurrecional, elevado infinitamente acima de todos os «aeons», Cabeça de todos os universos e Cabeça da igreja. Esse mesmo imenso Cristo é agora exibido como ser poderoso para produzir a reconciliação entre os homens e Deus, através de sua cruz. Subitamente, pois, somos levados desde as alturas a que fomos guindados em nossa contemplação, até à humilde cruz, o meio de reconciliação. Aprendemos aqui, tal como no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, que o seu ministério de reconciliação não envolve apenas os homens, pois ele é antes o restaurador e unificador de toda a criação e de todos os seres, porquanto o caos e o conflito têm penetrado em todas as dimensões. O mistério da vontade de Deus é que, por meio de Cristo, haverá restauração e harmonia universais. Aprendemos, mediante este versículo, que o término bem sucedido de sua missão terrena, incluindo sua morte na cruz, fez parte necessária dessa reconciliação. Na passagem de Heb. 9:23 aprende-se que

sua expiação teve alcance universal, e não meros efeitos terrenos — um tema sobre o qual não sabemos dizer muita coisa. (Ver ali as notas expositivas, onde essa questão é melhor esclarecida. Notas expositivas completas sobre a «expiação» aparecem em Rom. 5:11, onde também são apresentadas as diversas teorias acerca do ponto. O «Significado da cruz e os seus efeitos» é uma questão comentada nas notas expositivas sobre Gál. 3:13, onde aparece uma lista desses efeitos, nos céus e na terra. Essas duas notas expositivas darão ao leitor uma visão panorâmica acerca do sentido da *expiação*. Notas expositivas sobre a «reconciliação» são oferecidas no trecho de Rom. 5:10).

Notemos que, nesta passagem, é evidente que, apesar de ordinariamente Paulo referir-se ao Cristo glorificado, exaltando-o em suas epístolas, dizendo extremamente pouco sobre o Jesus histórico, quase sem nunca tê-lo citado, contudo, o Jesus histórico, aquele que morreu na cruz, para o apóstolo dos gentios é a mesma pessoa que o Cristo cósmico. Sua morte na cruz ilustra isso; e certamente Paulo não via nenhum problema intransponível no fato que o Cristo divino, na sua encarnação, a fim de cumprir seu propósito remidor, tenha podido morrer de maneira vergonhosa. No entanto, isso era uma barreira intransponível para a fé dos judeus, que simplesmente não podiam encarar o Messias sob essa luz. Todavia, a cruz fez parte necessária de sua missão terrena remidora, a fim de que o problema do pecado fosse solucionado, e a fim de que a reconciliação universal pudesse estender-se até nós, como se fora uma corrente de ouro, desde os céus até à terra.

20 καὶ δι' αὐτοῦ ἀποκαταλλάξαι τὰ πάντα εἰς αὐτόν, εἰρηνοποιήσας διὰ τοῦ αἵματος τοῦ σταυροῦ αὐτοῦ, [δι' αὐτοῦ]⁶ εἶτε τὰ ἐπὶ τῆς γῆς εἶτε τὰ ἐν τοῖς οὐρανοῖς.

⁶ 20 {D} δι' αὐτοῦ p⁶ N A C D^c K P Ψ 048 33 88 181 326 330 451 614 629 630 2492 2495 Byz¹ Lect syr^h cop^{bo} goth Chrysostom Theodoret John-Damascus // omit B D* G I 81 104 436 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985

2127 Byz¹ 1809 it^{ar} c.d.dem.div.e.f.g.mon.x.z vg cop^{sa} arm eth Origen^{er} lat^a Ambrosiaster Ephraem Cyril Euthalius Theophylact

20 δι' αὐτοῦ... αὐτόν Eph 1:7; 2:16; 1 Jn 2:2 εἰρηνοποιήσας... αὐτοῦ Ro 5:1; Eph 2:13 δι' αὐτοῦ... οὐρανοῖς Eph 1:10

arm Or

Alguns editores (e.g., J.J. Griesbach e J.M.A. Scholtz) e gramáticos (e.g. C.F.D. Moule (1)) preferem dizer αὐτόν. (Ver o comentário final sobre Fil. 3:21).

Segundo a opinião da maioria da comissão, a frase δι' αὐτοῦ, que é apoiada por ————— p⁴⁶ N A C D^c 614 sir (p,h) cop (bo) gót al, foi omitida de B D* G 81 1739 it vg cop (sa) ara eti, ou acidentalmente (por causa de homoeoteleuton) ou deliberadamente (por ser supérflua e obscura). Conforme a opinião da minoria, a expressão - é tão perturbadora ao sentido que é difícil atribuí-la ao autor sagrado. A fim de representar os dois pontos de vista, ficou resolvido reter as palavras no texto, entre colchetes.

1. «Em Col. 1:20, δι' αὐτοῦ . . . αὐτόν é surpreendente que pareça não haver εἰρηνόποιον variante, e que editores (Moule indica editores modernos) não imprimam αὐτόν, que parece ser exigido pelo sentido, a fim de distinguir Cristo, referido em δι' αὐτοῦ, de Deus, a quem (provavelmente) a reconciliação é feita» (An Idiom Book of New Testament Greek (Cambridge, 1953), pág. 119). Em sua moderna tradução grega do N.T., P.N. Trempele (Trebela) (2ª ed., Athens, 1955), imprime δι' αὐτοῦ . . . πρὸς τὸν εἰρηνόποιον.

1:20 e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue de sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.

«...havendo feito a paz...» A expiação produz paz e reconciliação. Isso supõe ter-se instaurado a desarmonia no universo, como também entre Deus e o homem. Esse caos e conflito foi causado pela entrada do pecado, tendo sido fomentada a rebelião nos céus e na terra. Paulo não explica aqui por que o conflito teve começo. Supõe que seus leitores conhecem o seu ensino sobre os efeitos do pecado e da rebelião, a qual Epafraes havia ensinado com cuidado. Supõe que, sem a santificação, nenhuma pessoa jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14), e que todos os homens participam do pecado, que provoca o desprazer e a ira de Deus. (Quanto a uma passagem que ensina isso de modo incisivo, ver Rom. 1:18-32). A ira de Deus se revela contra toda impiedade e injustiça, contra os homens que se deixam cativar pelos vícios, mediante a perversão de sua própria escolha e vontade, os quais são dignos do julgamento divino, que têm prazer em suas depravações, bem como naqueles que praticam depravações como eles. (Quanto a notas expositivas sobre a «paz com Deus», por meio daquilo que Cristo fez, e mediante a fé nele, ver Rom. 5:1. Quanto a notas gerais sobre a «paz», com poemas ilustrativos, ver João 14:27 e 16:33. Quanto à «paz» como um dos aspectos do «fruto do Espírito», ver Gál. 5:22).

«...pelo sangue da sua cruz...»

A Polêmica

1. Uma boa parte desta epístola foi escrita como uma polêmica contra os gnósticos. (Ver notas sobre esse fato, em Col. 2:18). Portanto, aqui, Paulo afirma que a verdadeira paz com Deus (ver Rom. 5:1), e a harmonia dentro do universo (através da restauração, ver Col. 1:16), tornar-se-ão realidade através de Cristo, e nunca por meio dos supostos «aeons».

2. Essa restauração e essa paz dependem da expiação de Cristo (ver as notas em Rom. 5:11). Os gnósticos negavam a validade de qualquer forma de expiação cruenta. (Ver notas completas sobre a «expiação pelo sangue», em Rom. 3:25). O trecho de I João 5:6, mostra-nos que os gnósticos viam valor no batismo de Jesus, pois, para eles, naquela ocasião é que o espírito do Cristo teria descido sobre Jesus. Ele veio «por meio da água», asseveravam. Mas também veio «por meio do sangue», porquanto sua missão requeria que fizesse expiação. Os gnósticos ensinavam que nenhum «aion» (ou ser espiritual) poderia agir dessa maneira em uma missão terrena, e, por isso mesmo, procuravam descartar inteiramente o conceito da expiação pelo sangue, em seu sistema espúrio.

(Ver as notas expositivas sobre Efé. 1:7, que é trecho paralelo a este, embora ali o escopo se limite à reconciliação terrena, ao passo que a reconciliação universal é o tema desta passagem).

O sangue de Cristo, neste ponto, além de ser declarado como aquilo que faz expiação, parece ser visto como o selo do pacto de paz, dotado de poder místico, um poder que gera a vida, liberada através do seu sacrifício. O que foi realizado em sua morte é o que é salientado aqui, do que seu sangue é o símbolo, porquanto o apóstolo não falava de qualquer virtude literal do líquido sanguíneo, conforme os pagãos pensavam, no tocante às suas vítimas animais. A doutrina paulina nunca é sacramental, mas sempre é mística.

«...reconciliasse...» No grego temos o termo «apokatallasso», «reconciliar», com o sentido básico de «transferir de um estado para outro», ou seja,

«restaurar ao favor». Trata-se do mesmo vocábulo usado em Rom. 5:10, onde aparece a nota de sumário sobre a «natureza da reconciliação», conforme o ponto de vista de Paulo. Notemos que Deus é o tema: ele reconciliou os homens consigo mesmo; e Cristo é o instrumento dessa reconciliação; foi através de sua expiação pelo pecado, pela morte na cruz, que isso se concretizou.

«Entendo agora que se o amor de Deus atinge a cada estrela no alto, e a cada pobre alma na terra, deve tratar-se de algo vastamente simples, tão simples que todos os habitantes da terra possam ter certeza disso, como todos quantos têm olhos podem ter certeza da existência de algum planeta distante; e tão vasto que toda e qualquer barganha lhe é indigna, podendo eles herdá-lo sem levarem em consideração seu anterior afastamento». (Arthur Quiller Couch).

«...todas as coisas...» No presente contexto, isso só pode indicar todas as coisas, universalmente falando, e não meramente todos os homens. (Ver as notas expositivas no décimo sexto versículo sobre isso, o que ocorre novamente nos versículos dezoito e dezoito). Está em pauta o âmbito inteiro da criação, o universo todo, celestial e terreno, material e espiritual, angelical e humano. A reconciliação se aplica a diferentes elementos de diferentes maneiras; mas a restauração será universal. Essa é a mensagem do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde vemos que o «mistério da vontade de Deus» é que, finalmente, haja uma reconciliação universal, com a total restauração de Cristo como o Cabeça, em que tudo achará nele o seu centro. (Ver as notas expositivas sobre Col. 1:10, onde esse tema está envolvido).

A Restauração Universal

1. Esse tema já foi comentado no vs. 16; sob o título «De que modo Cristo é o alvo?» (Ver também notas completas sobre essa «restauração», em Efé. 1:10).

2. Não honramos a Deus quando reduzimos a importância da missão de Cristo a menor do que ela realmente foi, ou diminuimos a sua glória, com nossas idéias teológicas. É intolerável fazer com que essas «todas as coisas» sejam menos que «todas as coisas» que ele criou. O que ele criou, será por ele restaurado, conforme diz Col. 1:16: a criação foi feita «por ele» (ele é o Alfa), e também foi feita «para ele» (ele é o Ômega).

3. A polêmica: Os gnósticos imaginavam que apenas uns pouquíssimos indivíduos podiam ao menos ser alvo da redenção, e a vasta maioria de toda a criação era por eles vista como algo que estava destinado à simples aniquilação, numa grande conflagração final. As coisas não sucederão assim, assegura-nos Paulo, entretanto.

4. Este versículo descreve para nós a grande superioridade de Cristo: Cristo, e ele somente, é o redentor. A sua restauração de todas as coisas será evento vastíssimo, e realizará muitíssimo mais do que os gnósticos imaginavam que muitos poderes angelicais (ou «aeons», como os chamavam), poderiam fazer. De fato, eles tinham um ponto de vista bem lamentável e ridículo sobre o que, finalmente, aconteceria. Paulo nos oferece aqui uma perspectiva otimista sobre o que Cristo pode fazer e realmente fará, como restaurador, reconciliador e redentor.

«É o alcance universal desta passagem que a torna, ao mesmo tempo, tão fascinante quão misteriosa. Numerosos expedientes têm sido traçados pelos exegetas a fim de evitarem o sentido claro dessas palavras. O sentido

natural é que essa reconciliação envolve o universo inteiro, afetando tanto o que há nos céus como o que existe na terra; e essa paz é estabelecida entre eles e Deus (ou Cristo). (Peake, *in loc.*).

Sobre a terra: Essas palavras podem ser confrontadas com Efé. 1:10 (que fala sobre o «mistério da vontade de Deus»). A obra de reconciliação se verifica: 1. entre Deus e os homens; 2. entre os anjos e os homens; 3. entre os judeus e os gentios; 4. entre os homens e a criação; 5. entre Cristo e toda a criação, de tal modo que ele se torne Cabeça de tudo, o centro em redor do que tudo se reúne, a razão da existência de todos os seres inteligentes, a origem e o alvo de toda a vida. A passagem de Fil. 2:10 acrescenta tudo isso às palavras «debaixo da terra», de tal modo que até mesmo o submundo, o hades, faz parte desse plano imenso, o que também é afirmado em IPed. 3:18-20 e 4:6. Os falsos mestres gnósticos procuravam solapar a obra universal de redenção, efetuada por Cristo, levando os homens à servidão a uma filosofia não-cristã. Também negavam que a maioria dos homens seja capaz da redenção. Eles dividiam os homens em três categorias: 1. A maioria dos homens se comporia dos «hílicos», isto é, «terrenos», totalmente incapazes de acolher a iluminação espiritual, pelo que deveriam perecer juntamente com a destruição da matéria. 2. Alguns poucos homens seriam «psíquicos», isto é, dirigidos pela alma, os quais poderiam receber certa forma de redenção secundária (como seria o caso, por exemplo, dos profetas do A.T.). 3. Mas os próprios gnósticos e seus iniciados imaginavam-se, tolaemente, os «pneumáticos», isto é, «espirituais», os quais receberiam a redenção superior, que consistiria da reabsorção por parte de Deus. Este terceiro grupo incluiria alguns pouquíssimos.

«...*outros céus...*» Essas palavras podem incluir a idéia de habitantes de outras regiões, ou celestiais ou não grandemente diferentes da nossa esfera terrestre, cujos habitantes seriam seres moralmente responsáveis, apesar de decaídos, não grandemente diferentes de nós. Mas certamente estão incluídos os «seres» angelicais. A desarmonia penetrou nas regiões celestes. Até mesmo os santos anjos, de alguma maneira, estão incluídos na reconciliação, pois haverão de reconhecer, de uma «nova» maneira, o senhorio de Cristo, conforme deixa claro o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Além disso, não há razão para supormos que os anjos caídos não estejam sujeitos à redenção. O grande escopo da restauração, referida no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, exige a explicação que até mesmo eles estão envolvidos na mesma. É inconcebível que qualquer coisa, em qualquer lugar, esteja fora do alcance do poder redimidor de Cristo. Apesar

da expiação pelo sangue de Cristo ter sua aplicação aos homens, de alguma maneira, não bem entendida, ela também se aplica a outros seres inteligentes, que são moralmente responsáveis, embora não sejam possuidores da natureza humana, conforme a conhecemos. Cristo é o Salvador de todos os seres inteligentes e decaídos; isso fica claramente implícito aqui.

Foi grandioso criar o mundo do nada,

Foi maior ainda redimir;

Foi grande revelar Deus a seres angelicais,

Foi maior ainda valorizar o humilde homem.

Foi grande habitar no exaltado favor divino,

Foi maior ainda ser Salvador do homem quebrantado.

(Russell Champlin,

ao meditar sobre Col. 1:20).

Quão vasto, portanto, é o poder redimidor de Cristo, o qual transcende a seres terrenos, bem como às barreiras do tempo e do espaço, não estando limitado ao Cristo histórico, mas também parte da missão do Cristo celestial, o Verbo eterno.

«...nossa interpretação pode ser assim *sumariada*: toda a criação subsiste em Cristo; pelo que toda a criação é afetada por seu ato propiciatório. A criação pecaminosa, no sentido mais estrito, foi «reconciliada», não estando mais em inimidade. A criação não-pecaminosa, sempre distante de sua pureza inabordable, é elevada a uma mais próxima participação e a uma mais alta glorificação em Cristo; desse modo, portanto, *tudo é reconciliado* através de Cristo, não no sentido mais estrito, mas no sentido mais inteligível e permissível possível». (Alford, *in loc.*).

«Provavelmente aqueles mesmos falsos mestres sonhavam sobre agentes reconciliadores entre a multidão de fantasmas (aeons) com que populavam o vazio. Paulo eleva a posição de todos eles, o único Mediador soberano, cuja cruz é o vínculo da paz para todo o universo». (Maclaren, *in loc.*).

Os mestres gnósticos supunham que apenas alguns poucos homens são passíveis de redenção, pois a maioria, segundo eles, deveria perecer juntamente com a matéria crassa, a qual seria o «princípio» do pecado. (Ver as notas expositivas acerca dessa questão, em I Tim. 2:1-7). Paulo responde a isso com um «não» peremptório. Não há como calcular a vastidão do propósito e do poder redimidor de Cristo, e ninguém pode medir seu amor que a tudo ultrapassa. Seu nome, «Redentor», ressoa nos céus e na terra; é a corda que acalma o conflito universal.

21 Καὶ ὑμᾶς ποτε ὄντας ἀπηλλοτριωμένους καὶ ἐχθροὺς τῇ διανοίᾳ ἐν τοῖς ἔργοις τοῖς πονηροῖς,

// 21-22 // no dashes: TR Bov Nes B²F AV RV ASV RSV NEB TT Zür Luth Jer Seg // f dash; 'dash: WH

o o o 21-22 g number 22, g no number, g no number: TR^{ed}

WH Bov Nes B²F ASV RSV NEB TT Zür Luth Jer Seg^{ed} // g no number, g number 22, g no number: TR^{ed} AV RV Seg^{ed} // g no number, g no number, g number

22: Seg^{ed}

21 ὑμᾶς...διανοία Ro 5:10; Eph 2:12; 4:18

1:21: A vós também, que outrora éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más,

Temos aqui um paralelo das condições dos pagãos, descritas em Efé. 2:1-3,5, exceto que ali a descrição é mais envolvida. O décimo segundo versículo daquele capítulo acrescenta os pensamentos de que são «estranhos» a qual promessa de bem-estar espiritual, de que estão «distantes», mas de que agora foram «aproximados» mediante o sangue de Cristo (ver o décimo terceiro versículo). Assim, pois, foi estabelecida a «paz», mediante a «reconciliação» (versículos quinze e dezesseis, respectivamente), porquanto a «inimidade» foi abolida «na sua carne» (em sua cruz, em sua expiação terrena). Tudo isso resultou no fato que agora temos acesso ao próprio Deus Pai.

«...*estranhos...*» No grego temos «apollotrio», «estranho», «excluído», termo derivado da palavra básica «allotrio», «pertencente a outro», ou seja, «estrangeiro», «alienígena», «hostil». Essa palavra também é usada em Efé. 2:12, em alusão ao estado alienado dos pagãos em relação aos pactos de Israel; ou então de esposas privadas de seus esposos (ver I Clemente 6:3); ou mesmo da alienação de alguém da vida de Deus, em Efé. 4:18. Neste caso, os pagãos é que estão alienados de Deus, por não possuírem sua vida, por se mostrarem hostis à sua influência, afastados do seu evangelho, segundo o mesmo se acha em Cristo. Pertenciam à província do inimigo, e não eram cidadãos da pátria celeste (ver Fil. 3:20). Antes, eram cidadãos do reino das trevas, e não do reino da luz (ver Col. 1:13). Por assim dizer, estavam «banidos» das realidades espirituais. Estavam em «hostilidade» contra o reino da luz, necessitados do poder reconciliador de Cristo, para que fossem levados à harmonia com ele e seu reino.

«...*inimigos...*» Sendo inimigos no entendimento, eram também inimigos de Deus, e isso de modo ativo. A palavra pode ser «ativa», ou seja, «inimigo»; ou então «passiva», ou seja, «odioso», conforme se vê em Rom. 11:28. Aqueles eram «hostis» em sua mente, como também eram «inimigos ativos». Provavelmente, isso é o que está em foco aqui. Comparar essa idéia com o que se lê em Rom. 5:10, que mostra que a reconciliação foi feita com quem estava em inimizade com Deus, através da expiação. O ensinamento gnóstico supunha que a mera matéria crassa e a participação do homem na mesma fosse a totalidade de nossos problemas; pois, segundo eles, a matéria seria totalmente incapaz de redenção, ao passo que a morte física libertaria à alma que busca o bem. Paulo nega tal pensamento, pois até mesmo a matéria, bem como todas as coisas, estão sujeitas à reconciliação com Deus, ao mesmo tempo que o espírito pode mostrar-se inimigo de Deus, pervertido; e isso não sucede apenas ao corpo. Por isso é que Paulo diz «inimigos no entendimento», tradução mais exata que a de certas versões, pois o termo grego «dianoia» significa «entendimento», «inteligência», «mente», o órgão de pensamento e racionalização. Esse vocábulo também pode significar «disposição» ou «pensamento». Seja como for, assinala àqueles que se acham alienados de Deus, sendo inimigos do Senhor

em todo o seu intelecto ou processo mental. E isso, como bases neotestamentárias, também aponta para a alma, pois a função intelectual faz parte da alma, e não meramente do cérebro físico. A maldade daquela gente, portanto, maculava-lhes a própria alma, e não apenas o corpo material; e nesta mesma passagem eles são chamados de inimigos de Deus, como característica essencial de seu comportamento espiritual. Isso pode ser confrontado com o trecho de Rom. 1:19 e ss., onde a apostasia pagã se alicerça sobre bases mentais e do conhecimento. Dessa maneira, alienados de Deus, eram levados à perversão, de corpo e alma. Deixavam-se arrastar por «tolas imaginações», julgando-se «sábios» quando, na realidade, não passavam de «tolos». Tinham «concupiscência», a qual partia do «coração», e não queriam reter a Deus em seu «conhecimento». Por isso é que seguiam a terrível apostasia, na qual Deus os «entregara» a todas as formas de perversão. Conforme diz Robertson (*in loc.*): «É sempre uma tragédia ver os homens usarem ativamente suas mentes contra Deus».

O morcego e a coruja habitam ali:

A serpente se aninha no altar de pedra:

Os vasos sagrados mofam perto:

A imagem de Deus desapareceu!

Naqule duro mundo pagão caltram

O desgosto e o nojo secreto;

Profundo cansaço e concupiscência concentrada

Fizeram da vida humana um inferno.

(Matthew Arnold).

«...*pelas vossas obras malignas...*» O original grego tem o substantivo «ergon», que normalmente significa «trabalho», «feitos», «ação», «realização», e o adjetivo «poneros», que significa «mal-intencionado», «ímpio». Algumas vezes, esse adjetivo é usado em sentido personificado, apontando para Satanás—ele é a personificação do mal, em quem não se pode achar bem nenhum, isto é, nenhum bem que não seja maculado por alguma perversão. Assim também os pagãos eram inteiramente dominados pela maldade, sendo seus praticantes, e se regozijavam na maldade praticada (ver Rom. 1:32). Gloriavam-se em seus atos vergonhosos (ver Fil. 3:19); sua depravação era tão grande que era vergonhoso até mesmo o uso das palavras para descrever à mesma (ver Efé. 5:12). O trecho de Rom. 1:29 tem a grande lista de vícios dos pagãos. (Quanto ao uso de listas de vícios, nos ensinamentos morais, o que era uma prática comum na antiguidade, ver as notas sobre I Cor. 5:13). O Senhor julga os homens segundo as obras dos mesmos, sejam elas boas ou más. (Ver as notas expositivas sobre Rom. 2:6 e Apo. 20:12, acerca desse tema). Paulo ensinava que é mister um poder imenso para libertar os homens de suas práticas ímpias; e que esse poder se acha em Cristo, e não em supostos *aeons* remidores ou salvadores.

Referências e idéias. As promessas de Deus:

1. As promessas de Deus estão contidas nas Escrituras (ver Rom. 1:2). 2. Foram feitas em Cristo (ver Efé. 3:6 e II Tim. 1:1). 3. Foram feitas a Cristo (ver

Gál. 3:16,19). 4. A Abraão (ver Gên. 12:3,7 com Gál. 3:16). 5. A Isaque (ver Gên. 26:3,4). 6. A Jacó (ver Gên. 28:14). 7. A Davi (ver II Sam. 7:12 e Sal. 89:3,4,35,36). 8. Aos israelitas (ver Rom. 9:4). 9. Aos antepassados (ver Atos 13:32 e 26:6,7). 10. A todos quantos são chamados por Deus (ver Atos 2:39). 11. Aqueles que o amam (ver Tia. 1:12 e 2:5). 12. Confirmadas por juramento (ver Sal. 89:3,4 e Heb. 6:17). 13. O pacto se firma sobre as promessas de Deus (ver Heb. 8:6). 14. Deus é fiel às suas promessas (ver Tito 1:2 e Heb. 10:23). 15. Deus lembra-se das suas promessas (ver Sal. 105:42 e Luc. 1:54,55).

Alguns crentes colossenses confiavam em «aeons», como se fosse

mediadores ou salvadores secundários. Na igreja atual a situação prossegue de certo modo, porque há muitos que adoram ou veneram santos e anjos, como se isso tivesse valor no retorno a Deus. E assim a glória de Cristo é maculada e diminuída. Além disso, algumas pessoas confiam em si mesmas, em sua própria retidão, na sua bondade pessoal ou na eficácia dos esforços morais, como se isso merecesse o favor divino. Também não entendem a significação de Cristo, de sua suficiência. (Ver Efê. 4:17, que tem algumas idéias paralelas a este versículo).

22^a νυνὶ δὲ ἀποκατηλλάγητε⁷ ἐν τῷ σώματι τῆς σαρκὸς αὐτοῦ διὰ τοῦ θανάτου,⁷ παραστήσαι ὑμᾶς ἁγίους καὶ ἀμώμους καὶ ἀνεγκλήτους κατενώπιον αὐτοῦ,

⁷ 22 {D} ἀποκατηλλάγητε (p⁴⁶ ἀποκαταλλάγητε) B Hilary Ephraem // ἀποκατηλλάγηται 33 // ἀποκατήλλαξεν N A C D^e K 048 88 (104 ἀπήλλαξεν) 181 326 436 614 629 630 1241 1739 1881 1962 1984 1985 2495 Byz Lect it^{tr}, c, dem.

div. t, mon. x, s. vg syr^h cop^{ss}, bo arm⁷ Chrysostom Cyril Euthalius Theodoret John-Damascus // ἀπεκατήλλαξεν P Ψ 81 330 451 1877 2127 2492 arm⁷ // ἀποκαταλλαγέτες D* G it^{d, e, g, m} goth Irenaeus^{lat} Ambrosiaster

22 ἀποκατηλλάγητε...θανάτου Eph 2:14, 16 παραστήσαι...αὐτοῦ Eph 5:27

| θανατου p⁴⁶B D G I al c; R] add αυτου NA 2412 pm sy Ir

Os fenômenos textuais conflitantes deste versículo são de difícil solução. Por um lado, a forma ἀποκατήλλαξεν é bem apoiada (N A C D (c) K quase todos os minúsculos it (61,86) vg sir (p,h) cop (sa,bo) al), e provê sentido aceitável. Por outro lado, porém, se este versículo fosse a forma original, seria extremamente difícil explicar por que as outras variantes surgiram. Diante desse dilema, e considerando um verbo passivo como totalmente impróprio no contexto, a maioria da comissão preferiu seguir o peso preponderante do testemunho externo, pelo que adotou ἀποκατήλλαξεν.

(Apesar do duro anacoluto que um verbo passivo cria após ὑμᾶς no vs. 21, somente ἀποκατηλλάγητε, que é confirmado por testemunho antigo e diversificado (B Hilário Efraem, bem como, em efeito, por P (46) e 33, ambos os quais trazem soletrações equivocadas que pressupõem -ηλλάγητε), pode explicar o surgimento das outras formas como tentativas mais ou menos bem sucedidas para corrigir a sintaxe da sentença. B.M.M.)

1:22: agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, a fim de perante ele vos apresentar santos, sem defeito e irrepreensíveis,

Paulo dá continuação, aqui, à sua aplicação pessoal da sublime mensagem da reconciliação. A reconciliação nos arrebanhou, transformando-nos a vida, arrancando-nos do erro pagão para as autênticas manifestações espirituais, tornando-nos santos, sem mancha, inculpáveis.

«De que nos adiantaria que o imenso poder da cruz de Cristo lançasse suas forças magnéticas até aos limiares mesmo dos céus, unindo o universo inteiro com as cordas sedosas de Deus, tintas de sangue, se não unir-me a ele, em amor e anelo? De que valeria que Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo, se eu não tenho consciência da inimizade e me mostro descurado do companheirismo? Cada indivíduo precisa perguntar de si mesmo: «Estou reconciliado com Deus? A visão do seu grande amor, demonstrado na cruz, me conquistou de corpo e alma, para o seu amor e serviço? Tenho posto de lado minha atitude voluntariosa, meu orgulho e minha inimizade, tendo-me entregue completamente a um alegre cativo ao Cristo amoroso, que por mim morreu? Sua cruz nos atrai e seu amor nos chama como acenos» (Maclaren, in loc.).

Embora Cristo por mil vezes
Nascesse em Belém,
Se ele não nasceu ainda em ti,
Tua alma ainda está desamparada.

A cruz sobre o Gólgota
Jamais salvará a tua alma;
Somente a cruz em teu coração
É que te poderá curar.

Cristo não ressuscitou dos mortos,
Cristo continua no sepulcro,
Se tu, por quem ele morreu,
Ainda és escravo do pecado.

(Johann Scheffler, místico
do século XVII)

«...no corpo da sua carne...» Essas palavras mostram que a morte de Jesus Cristo foi real, que os seus sofrimentos foram reais, que seu corpo era real—realidades essas que os gnósticos negavam, como se o corpo de Cristo fosse apenas um fantasma, ou como se seus sofrimentos fossem apenas teatrais. Assim é que o evangelho de Tomé, um documento gnóstico, pinta a Jesus, o Jesus real, cujo espírito ter-se-ia separado de seu «corpo», a conversar com os discípulos, enquanto ele, supostamente, sofria na cruz; e isso é pintado como algo ocorrido em uma caverna distante do Gólgota. E Jesus ter-lhes-ia explicado o que esses acontecimentos significavam. A menção do corpo de Cristo mostra-nos, uma vez mais, que foi a expiação pelo seu sangue, feito através de sua humanidade, durante sua missão terrena, que bastou para a reconciliação. Por conseguinte, nenhum mero «aeon», que não possui corpo e nem nunca recebeu qualquer missão terrena, poderia ter produzido isso.

Não há aqui qualquer indício que Paulo tenha usado o termo *carne*, relativamente ao corpo, a fim de distingui-lo do «corpo espiritual», que é a igreja. Lê-se simplesmente que o corpo de Cristo é de carne, a fim de combater aos falsos mestres, a fim de enfatizar a natureza verdadeira da missão e da expiação de Cristo, a qual foi realizada em seu corpo mortal. Isso pode ser comparado ao vigésimo versículo, onde se lê sobre o «sangue da sua cruz», que tem a mesma função polêmica que o «corpo de sua carne», deste versículo. Várias notas expositivas, ali referidas, desenvolvem esse tema.

«...para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis...» Essa declaração pode ser comparada com Efê. 5:27: «...para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito...»

A Vereda Da Santificação

1. Não há como separarmos a santificação da salvação, como se aquela

fosse opcional, podendo ser dispensada. Pelo contrário, a santificação faz parte integral da salvação. A santificação é a conversão em sua fruição, e sem ela não terá havido conversão.

2. A eleição é a fonte originária da santificação, e a santificação é o meio de cumprir a eleição. (Ver I Ped. 1:2 e II Tes. 2:13). Na primeira dessas referências, aprendemos que o Espírito Santo é o agente da santificação, porquanto ela está acima do poder da vontade humana. Na segunda referência, aprendemos que a própria salvação, se concretiza em nós através da santificação.

3. Buscamos a retidão do próprio Deus (ver Rom. 3:21) e as suas perfeições (ver Mat. 5:48), bem como as virtudes morais positivas do Espírito (ver Gál. 5:22,23). Aqueles que se tornam possuidores dessas realidades, verão Deus (ver Heb. 12:14). Essa transformação beatífica, entretanto, também será transformadora. Por conseguinte, serão transformados em seres possuidores da natureza do Transformador, a saber, Cristo Jesus (ver as notas a respeito em João 1:4; ver também II Cor. 3:18).

A idéia da «apresentação» dá a entender aquilo que será feito quando da instauração do tribunal de Cristo (ver II Cor. 5:10); mas também se deve compreender aqui o atual reconhecimento da pureza e da santidade dos crentes, por parte de Deus.

Referências e idéias. A Salvação: Ver Heb. 2:3, nota geral.

1. A salvação vem de Deus (ver Sal. 3:8, 37-39 e Jer. 3:23). 2. Faz parte do propósito de Deus (ver II Tim. 1:9). 3. É dada por determinação divina (ver I Tes. 5:9). 4. É dada voluntariamente por Deus (ver I Tim. 2:4). 5. Vem por meio de Cristo (ver Isa. 63:9 e Efê. 5:23). 6. Vem da parte exclusiva de Jesus Cristo (ver Isa. 45:21,22; 59:16 e Atos 4:12). 7. Foi anunciada após a queda do homem no pecado (ver Gên. 3:15). 8. A salvação de Israel foi predita (ver Isa. 35:4; 45:17; Zac. 9:16 e Rom. 11:26). 9. A salvação dos gentios também foi predita (ver Isa. 45:22; 49:6 e 52:10). 10. É revelada no evangelho (ver Efê. 1:13; II Tim. 1:10). 11. Foi oferecida aos gentios através da queda dos judeus (ver Rom. 11:11).

«...perante ele...» Essas palavras podem ser compreendidas da seguinte maneira: 1. Sob as vistas de Deus, sob sua inspeção, segundo seus padrões de juízo, que são os mais altos padrões que há, pois ele exige do homem a sua própria justiça divina (ver Rom. 3:21). 2. Isso é contrastado com os padrões dos homens e dos «aeons». Deus é o único com quem teremos de tratar, o padrão e o juiz final. 3. A presença dos remidos, dotados dessa natureza santa, diante de Deus, pode ser considerada como resultado de sua aprovação. Isso é verdade de qualquer modo, ainda que a expressão que temos aqui não requeira esse pensamento. 4. O comparecimento diante dele, quando do juízo, quando o caráter de cada indivíduo será examinado, mui provavelmente também está em foco. Devemos pensar aqui sobre o tribunal de Cristo (ver II Cor. 5:10, quanto a notas expositivas completas sobre a questão).

«...santos...» Esse é um título dado a todos os crentes (ver Rom. 1:7). E deles é exigido que sejam verdadeiramente santos, tal como Deus é santo, através da santificação (ver as notas expositivas a respeito, em I Tes. 4:3). Essa santidade deve ser absoluta, e não parcial; deve ser divina, dada pelo Espírito Santo, duplicando a santidade do Pai, não sendo santidade meramente humana. A raiz dessa palavra grega é «agos», isto é, «respeito». Estão em pauta todas as questões religiosas, embora viessem a ser focalizados os «sacrifícios» consagrados aos deuses; e daí se desenvolveu a idéia de «separação». Portanto, ser «santo» é separar-se do mundo e dedicar-se a Deus.

«...inculpáveis...» No grego é «amomos», «sem mancha». Era palavra usada para adjetivar os animais a serem sacrificados, os quais deveriam ser «sem defeito». Também foi aplicada a Cristo, na qualidade de cordeiro do sacrifício (ver I Ped. 1:19; ver também Heb. 9:14, que encerra a mesma idéia). Essa palavra é usada em sentido moral para significar «inculpável», aquilo que não pode ser criticado, por estar livre de qualquer motivo de

crítica, por não ter defeito moral, nem vício nas práticas, mas antes, por ter obtido a vitória sobre pecados contaminadores.

«...irrepreensíveis...» No grego é «*anegkultos*», «inculpável», «irrepreensível». Deriva-se da raiz «*egkaleo*», que significa «convocar com o propósito de acusar», «acusar», *censurar*. O crente, pois, deve ser livre de qualquer condição, em sua vida e caráter, que possa ser censurada com justiça, que seja motivo de crítica justa. Trata-se de um alvo extremamente elevado, mui além da capacidade de um homem atingir sozinho. Por essa razão é que o Espírito Santo é o agente santificador; e a perfeição é tanto o alvo como é o caráter final que o crente deve ter. É errado reduzir este texto a mero reconhecimento forense, de que possuímos tal caráter por termos sido

aceitos em Cristo. Antes, apesar disso ser uma verdade, também é o grande designio do evangelho que realmente tenhamos um caráter dotado de santidade e inculpabilidade; e é disso que consiste a vida e a experiência cristãs—esse é o seu elevadíssimo alvo.

«Pensamos que devemos subir a certo nível de bondade, antes de chegarmos a Deus. Mas ele não diz: 'No fim do caminho me encontrarás'. Antes, diz: 'Eu sou o caminho; eu sou a estrada debaixo de teus pés, o caminho que começa tão baixo como o lugar onde te encontres'. Se alguém se acha em um buraco, o caminho começa nesse buraco. No momento em que voltamos o rosto na mesma direção que o dele, estaremos andando com Deus. (Helen Woodhouse).

23 εἰ γε ἐπιμένετε τῇ πίστει τεθεμελιωμένοι καὶ ἑδραῖοι καὶ μὴ μετακινούμενοι ἀπὸ τῆς ἐλπίδος τοῦ εὐαγγελίου οὐ ἠκούσατε, τοῦ κηρυχθέντος ἐν πάσῃ κτίσει τῇ ὑπὸ τὸν οὐρανόν, οὐ ἐγενόμην ἐγὼ Παῦλος διάκονος.

23 εἰ...πίστει He 3.14 τῇ...ἑδραῖοι Eph 3.17 τοῦ κηρυχθέντος...οὐρανόν Mk 16.15; 1 Tm 3.16

23 και 2º) om 1º 33 eth [διακονος] κηρυξ και αποστολος N*P: κηρ. κ. απ. και διακ. A sy^{hmg}: διακ. κ. απ. 81

1:23: se é que permaneceis na fé, fundados e firmes, não vos deixando apartar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, fui constituído ministro.

O intérprete honesto, que examina o N.T. versículo por versículo, logo descobre que as teologias sistemáticas, de orientação calvinista ou armimiana em geral, em suas diversas nuances, não podem manusear honestamente todas as passagens bíblicas, porque todas devem concordar sobre algum ponto, aceite de antemão, como todo-inclusivo e compreensivo. Mas a verdade é vasta por demais para ser manuseada desse modo, dotada de sutilezas demais para ser confinada dentro de um único sistema de pensamento. Antes, os próprios vários sistemas de pensamento reconhecem certas facetas da verdade, sem nunca descreverem, realmente, a todas elas. Aristóteles oferece-nos como ilustração da verdade a idéia de um homem a lançar uma pedra contra a porta de um celeiro. Ao lançar a pedra, ele acerta a porta em algum ponto. Automaticamente pensa que acertou na verdade inteira, quando, realmente, acertou apenas em um pequeno ponto da mesma.

Na aplicação dessas idéias, devemos notar que a passagem diante de nós é uma advertência real, aos crentes de Colossos, que corriam o perigo de serem enganados pelos falsos mestres, com o resultado que diminuía a importância da pessoa e da obra de Cristo, substituindo-o pelos «aéons», mas para detrimento pessoal deles mesmos. Por isso é que Paulo os avisou com seriedade. Corriam perigo real de apostasia, de perderem aquilo que tinham obtido em Cristo. Essa é a única interpretação honesta e que faz sentido, ante esta passagem. A interpretação calvinista aberta faz essa advertência tornar-se inútil, pois não haveria perigo real, mas apenas uma hipótese. Mas, há trechos bíblicos como Heb. 6:4-6; 10:36-39; II Ped. 2:20-22 e I Cor. 9:27 que mostram que há perigos reais de apostasia moral e espiritual «douttrinária», com que os crentes se defrontam. Um homem pode ter um credo ortodoxo, mas isso não o salvará; ele precisa de uma «vida ortodoxa», prova de que Cristo vive nele. Essa é a experiência que deve permanecer, para que o cristianismo de uma pessoa seja válido. Alguém pode dizer que «Jesus é o Senhor». Mas, a menos que Jesus seja e continue sendo seu Senhor, sua confissão é vã. O que dizemos aqui é que nenhum «ateu prático» pertence a Cristo, sem importar sua profissão doutrinária. Credos e confissões de certas doutrinas não podem salvar; o credo deve ser a vida diária, uma confissão viva. Na igreja da atualidade, dominada pela «crença fácil», não é difícil impressionar as pessoas com essas idéias; mas esse é o ensinamento neotestamentário. Quem viver dominado por algum vício, por exemplo, não poderá herdar o reino de Deus, segundo se lê claramente em Ef. 5:3-5. E o sexto versículo dessa mesma passagem exorta-nos a não permitir que alguém nos engane com as suas «vãs palavras» sobre essa questão, pois é devido aos vícios pecaminosos que a «ira de Deus» sobrevém aos homens. E quem é praticante de vícios não pode estar em Cristo, porque ter a Cristo como Salvador, é tê-lo também como Senhor; e isso envolve a transformação moral, mediante o poder do Espírito Santo. Essa é a doutrina básica do N.T.

Mas a *segurança do crente*, conforme os moldes da doutrina calvinista, é também uma verdade. Ao examinarmos outras passagens bíblicas, logo descobrimos que apesar de não podermos interpretar tudo com olhos calvinistas, também não podemos interpretar todas as passagens bíblicas com olhos arminianos. Há passagens como o oitavo capítulo da epístola aos Romanos e o décimo capítulo do evangelho de João que são extremamente calvinistas, não dando margem a qualquer possibilidade de perdição. Isso, pois, também deve ser uma verdade. E como pode ser que tanto a possibilidade de queda como a segurança absoluta sejam verdades? Alguns estudiosos simplesmente desistem da tentativa de explicar como isso pode ser, afirmando que tudo não passa de um *paradoxo*. Não sabemos dizer como ambas as coisas podem ser verdade, ao mesmo tempo, tal como não sabemos como Jesus pode ser Deus e homem, ao mesmo tempo. Mas não rejeitamos essa doutrina porque ela nos apresenta um paradoxo. Além disso, o livre-arbítrio humano e o determinismo divino são verdades solidamente expostas nas páginas do N.T. Mas, como elas podem ser verdades, não sabemos dizê-lo. O fato é que Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo; mas ignoramos como isso pode ser. Esse ponto de vista da existência de um «paradoxo» é melhor que a aceitação apenas de um lado da verdade, ao menos tempo que se ignora ou ataca ou ignora o outro lado, que é atividade que tem assinalado grande parte da teologia cristã. Esse ponto de vista parece-nos melhor do que torcer e perverter as Escrituras, a fim de fazê-las se adaptarem às nossas noções sobre «como devem ser as coisas», ao invés de aceitarmos como as coisas realmente são ensinadas no N.T.

A Queda É Relativa; A Segurança É Absoluta

1. Através do raciocínio abaixo, procuramos reconciliar o problema da possibilidade de queda e da segurança dos crentes.

a. A queda de uma pessoa remida, apesar de ser possível, só a caracterizará enquanto ela não puder ser restaurada. Essa restauração poderá ter lugar enquanto ela ainda vive na carne, ou, talvez, no além-túmulo, em alguma dimensão do mundo espiritual. Essa queda pode ser real; é possível alguém reverter completamente, e não apenas desviar-se, mas também apostatar. Temos visto casos genuínos de ambas as coisas. Porém, antes da «parousia» de Cristo (sua segunda vinda), que será o evento que fixará os destinos finais, essa pessoa, porquanto em algum tempo foi contada entre os remidos (as ovelhas, os salvos, os convertidos), será reconduzida de volta ao redil. As Escrituras situam o julgamento não quando da morte de cada indivíduo, mas quando da «parousia». (Ver as notas sobre isso em I Ped. 4:6). Portanto, a queda é relativa à experiência do indivíduo, antes dos destinos finais terem sido estabelecidos. Não se trata de uma condição absoluta. Poderá ser e necessariamente será revertida, no caso daqueles que antes se converteram verdadeiramente.

b. A restauração de quem caíra terá necessariamente de ocorrer, pois essa é a promessa de Cristo. Ele não pode perder qualquer de suas ovelhas. Por conseguinte, a segurança do crente é *absoluta*. Em outras palavras, terá de acontecer. É inevitável. Isso nos serve de profundo consolo! Sofrimento, punição, frustração, etc., são os meios usados por Deus para a restauração dos tais. Todos os homens que realmente se converteram, necessariamente cederão ante a pressão divina. Talvez algum castigo severo se faça mister para produzir tal efeito.

2. Quanto a notas completas sobre o problema da «segurança do crente», ver Rom. 8:39. Ali são oferecidas notas minuciosas, ao passo que aqui tentamos apenas expor um sumário das idéias envolvidas.

Essa interpretação, aqui apresentada, é *racional* e *especulativa*. Não discorda dos princípios neotestamentários, levando em conta tanto as passagens que favorecem o ponto de vista calvinista como as que favorecem o ponto de vista arminiano, ambas as quais posições, sem dúvida alguma, existem no N.T.

Referências e idéias. O desvio:

1. O desvio consiste de nos afastarmos de Deus (ver I Reis 11:9). 2. De abandonarmos o primeiro amor (ver Apo. 2:4). 3. De nos afastarmos da simplicidade do evangelho (ver II Cor. 11:3; Gál. 3:1-3 e 5:4-7). 4. Deus se desagrada ante o nosso desvio (ver Sal. 78:57-59). 5. Há advertências contra o desvio (ver Sal. 85:8 e I Cor. 10:12). 6. A culpa e as consequências da queda (ver Núm. 14:43; Sal. 125:5; Isa. 59:2-9-11; Jer. 5:6; 8:5,13; 15:6 e Luc. 9:62). 7. A queda envolve o seu próprio castigo (ver Pro. 14:14 e Jer. 2:19). 8. O espírito altivo conduz à queda (ver Pro. 16:18). 9. Há tendências humanas para o desvio (ver Pro. 24:16 e Osé. 11:7). 10. Continua e aumenta (ver Jer. 8:5 e 14:7). 11. Exortações para que os homens voltem de seu desvio (ver II Crô. 30:6 Isa. 31:6; Jer. 3:12,14,22 e Osé. 6:1). 12. Devemos orar para que haja restauração dos desviados (ver Sal. 80:3; 85:4 e Lam. 5:21).

*Descobrimo, seguindo, continuando a lutar,
Certamente o Senhor abençoará?
Santos, apóstolos, profetas e mártires
Respondem com um 'sim'.*

(John M. Neale,
«Art thou weary, art thou troubled?»).

Os crentes serão apresentados diante de Deus, sendo aceitos em Cristo, estando santificados, sem culpa e sem mancha, mas somente se continuarem na «fé». É mister que «fiquem», «continuem», «permaneçam», «persistam», «perseverem» em sua fé em Cristo, conforme fica subentendido pela palavra grega «epimeno», aqui usada.

«O exame dos grandes 'se' condicionais da Bíblia é um estudo proveitoso. Algumas dessas condições apontam para as condições necessárias que devem ser cumpridas para que atinjamos e retenhamos o resultado desejado... Em outros casos, a ênfase recai sobre as outras consequências que fluem de uma condição desejada que já foi aceita, como '...se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as cousas lá do alto...' (Col. 3:1). Ver também a seguinte passagem: 'Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me' (Mat. 16:24)... As promessas do evangelho sempre impõem essa dupla responsabilidade sobre aqueles para quem elas são proclamadas:

- a. cumprir as condições de obtenção, e
- b. exibir as consequências dessa obtenção.

Ambos esses sentidos podem ser percebidos no presente caso... A dádiva da graça é uma operação divina; mas a responsabilidade do crente nunca é violada e nem diminuída. (Ver a declaração paradoxal dessa verdade, em Fil. 2:12,13: «...desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque

Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade'. (Macleod, *in loc.*).

O livre-arbítrio, a escolha moral genuína, é uma capacidade extremamente séria que Deus deu ao homem; mas não há que duvidar que o livre-arbítrio foi dado para ser exercido.

Deus tem paciência, e suas pressões gradualmente mostram aos homens que o caminho da retidão é o mais vantajoso. Os homens aprendem quão destrutivo é o pecado, em sua própria experiência; e aprendem a higidez da retidão, da mesma maneira. Esse é um elemento necessário de como Deus trata com os homens, a fim de formar neles a própria natureza de Cristo, as suas perfeições os seus poderes e as suas glórias. Trata-se de elevadíssima doutrina. A própria vida diária é a escola onde se aprende o que isso significa.

«...na fé...» Como é comum, nas páginas do N.T., essa palavra não aponta para nenhum conjunto de doutrinas, nem para o «sistema cristão», e, sim, para a fé subjetiva, ou seja, para a «outorga da própria alma» aos cuidados de Cristo, para a «confiança em Cristo». Se alguém permanecer nessa atitude, será salvaguardado de todo o perigo de queda. O crente vive «de fé em fé» (ver Rom. 1:17). Terá de conservar viva a sua fé, saudável e ativa. Isso o protegerá de toda a perda. (Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1). Está aqui em foco a «fé que eles tinham em Cristo Jesus», tal como se vê em Col. 1:4.

Nossa fé é um farol, e não um portal em uma tempestade apenas, Mas um raio constante de vida a ser vivida, em qualquer forma. Guia, e conduz; quando o mundo se obscurece, permanece firme, Iluminando a todos os recantos, enquanto queima brilhantemente. (Marcella I. Silberstorf)

«...alicerçados e firmes...» A primeira dessas palavras se refere ao alicerce seguro (ver Efê. 3:17), e a última alude à firmeza da estrutura» (Abbott, *in loc.*). A última dessas palavras também aparece em I Cor. 7:37, onde se lê sobre a firmeza de propósito no coração; e em I Cor. 15:58, onde se lê: «...sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão».

«...toda criatura...» Alguns estudiosos preferem aqui «...em toda a criação...», que é tradução possível; isso suavizaria a hipérbole, mas não a eliminaria.

«...debaixo do céu...» Temos aqui uma expressão poética, cujo significado é «sobre a terra» ou «entre os homens».

«...e do qual eu, Paulo, me tornei ministro...» A autoridade apostólica de Paulo favorecia o evangelho que Epafra pregara entre os crentes colossenses, ao mesmo tempo que era contrária ao falso evangelho gnóstico. Essa expressão também pavimentava o caminho para a seção seguinte, a qual mostra como a grandeza de Cristo era demonstrada no ministério dos apóstolos. A aceitação do gnosticismo negava tanto a autoridade apostólica como a grandeza de Cristo, exibida nesse ministério.

«...ministro...» No grego temos «diakonos», aquele que serve, um «ajudante», um «servo», palavra usada de forma bem geral, embora, algumas vezes, aponte para o ofício diaconal na igreja. Neste ponto o uso é geral, não aludindo ao ofício diaconal, embora esteja em foco o «apostolado», o qual é um elevado ofício eclesiástico. (Ver as notas expositivas em Atos 6:2,6 acerca do ofício de «diácono»; e ver Mat. 10:1 acerca do «apostolado»). Na qualidade de apóstolo, Paulo era «servo» deles, mas isso é dito aqui de maneira informal.

Variante Textual: A palavra *ministro* aparece nos manuscritos verdadeiramente antigos, como P(46), BCD, e também por manuscritos posteriores, como EFKL, ou versões como a Vg, o Si(SCH), o Cop, o Ara, bem como os escritos dos pais da igreja, Crisóstomo, Teodoro, Damasceno e Ambrosiastro. Alguns escribas, porém, não podiam resistir à tentação de exaltar o nome do apóstolo, talvez pensando que «diácono» («ministro») era humilde demais como título a ser-lhe aplicado. Assim é que os mss Aleph(1) e P, ao invés de «ministro», dizem «arauto e apóstolo». E os mss A, Si(h mg) dizem «arauto, apóstolo e

ministro». A forma simples «ministro», naturalmente, é o original.

«Se não tivermos cautela, aquela pressão imperceptível do mundanismo, que nos cerca por todos os lados e não cessa de agir, nos empurrará para fora dos alicerces, sem que percebamos que fomos deslocados. Se não cuidarmos bem de nossas amarras, seremos levados ao sabor da corrente, sem perceber que estamos sendo arrastados, tão suave é tal movimento, até que tudo ao nosso redor se modifique. Muitos não fazem a menor idéia de quão completamente sua fé cristã tem esmaecido, até necessitar dela em alguma crise; e então, quando abre a jarra, não há mais nada. Evaporou-se».

«Quando os cupins comem todo o interior de um móvel de madeira, deixam a casca externa aparentemente sólida, a qual continua de pé até que algum peso é posto sobre o móvel, o qual se espatifa fragorosamente. Muitas pessoas perdem seu cristianismo desse modo, sendo-lhes ele lambido em pequeníssimas porções, como uma multidão de pequeninos maxilares que trabalham em segredo, sem nunca perceberem que o cerne já foi corroído, até que querem apoiar-se sobre o mesmo; mas então o mesmo cede debaixo deles». (Maclaren, *in loc.*).

«...alicerçados...» No grego é «themelíoo», «alicerçar», «lançar o fundamento de», o que dá a figura simbólica de «estabelecer», «firmar», «fixar». A fé, que consiste da outorga da própria alma a Cristo, nos faz ficar firmes sobre esse alicerce.

«...firmes...» No grego é «edraíoo», «firme», «constantê», «fixo». Aqui está em foco a firmeza no exercício e no propósito espirituais, pois o crente conta, em seu interior, com o fortalecimento do Espírito, além da fixidez de propósito, sem jamais abandonar a Cristo, na doutrina ou na prática.

«...não vos deixando afastar...» No grego temos o vocábulo «metakíneo», «mudar», como quem «remove» algo de uma situação para outra. Os crentes não deveriam permitir ser mudados para longe da esperança que têm no evangelho. A «...esperança...» pode ser «subjetiva», isto é, o aguardo paciente pela fruição daquilo que nos foi prometido em Cristo; ou pode ser «objetivo», a saber, «aquilo pelo que esperamos», o fato aguardado. Ambas as possibilidades podem estar em foco aqui, como também em Rom. 8:24,24, onde há notas expositivas mais completas sobre o assunto. A esperança forma um dos lados da «triada divina», juntamente com a fé e o amor. (Ver I Cor. 13:13, quanto a notas expositivas sobre isso). A esperança do crente se fixa no evangelho, pois é na significação e na obra de Jesus Cristo (o evangelho) que toda a esperança nos é dada. A esperança cristã é definida pelo termo «filiação». Ver as notas sobre Rom. 8:29.

«...que ouvistes...» São apresentados aqui três argumentos, os quais são usados como razões por que os crentes devem ser constantes, não modificando sua profissão e prática cristã, porquanto isso os levaria a perder a esperança do evangelho, a saber: 1. Eles já tinham ouvido o evangelho, pelo que estavam sem desculpa; já conheciam ao evangelho verdadeiro; deveriam ser capazes, pois, de refutar o gnosticismo, que tendia por afastá-los de Cristo. (Há notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18). 2. A mesma mensagem tem sido universalmente pregada, com êxito, não apenas para os crentes de Colossos, tendo produzido fruto por onde quer que vinha sendo anunciada. Portanto, eles não tinham de resistir sozinhos, pois eram apoiados por muitos cuja esperança era idêntica. 3. O apóstolo dos gentios, Paulo, era ministro dessa «esperança», e não de algum evangelho falso, gnóstico, que lhes seria detrimento, porque era totalmente destituído de esperança, já que, essencialmente, faltava-lhe o Cristo.

«...e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu...» Essas palavras podem ser confrontadas com o sexto versículo, onde se declara quão vasto era o progresso, dentro do mundo romano, do evangelho, que vinha sendo pregado durante os próprios dias de Paulo. As notas expositivas ali existentes expõem claramente este tema.

II. A Grandeza de Cristo: polêmica contra os mediadores angelicais postulados pelos gnósticos (1:15- 3:4).

3. A grandeza de Cristo demonstrada pelo ministério apostólico (1:24- 2:5)

a. o ministério de sofrimento (1:24)

Paulo fazia intervenção nos negócios da igreja de Colossos. Não fora ele o seu fundador (pois provavelmente isso fora obra de Epafra), pelo que alguns poderiam fazer objeção às suas ousadas exortações e tentativas para corrigir os erros daquela comunidade cristã. Por isso, tal como em outros lugares, ele defende aqui a sua autoridade. E mostra-lhes a abundância de seus labores apostólicos, e como isso o levava a participar dos sofrimentos de Cristo, em favor da igreja a que pertenciam. O fato de ter-se tornado ministro procedera da chamada divina, não sendo algo que ele assumira por si mesmo, por sua própria vontade. Antes, tudo visava o benefício deles, bem como o de todas as igrejas, compostas principalmente de gentios. Nessa chamada, foi-lhe dada autoridade e privilégio para tornar conhecido o grande mistério de Cristo em nós residente, e como a natureza divina vem habitar na alma humana; e isso como uma realidade e não como mera suposição, conforme se dava no gnosticismo, que admitia alguns poucos iniciados em seus sagrados mistérios! Antes o apóstolo já lhes mostrara que Epafra lhes anunciara o evangelho sob sua direção e autoridade apostólicas (ver Col. 1:7), e agora ele fortalece as mãos de Epafra, bem como que não queria que prestassem uma nova lealdade, mas antes, relembra-lhes a sua antiga lealdade, à qual faziam bem em aderir; isso exigia deles que fizessem oposição à doutrina gnóstica, que assediava a comunidade cristã de Colossos.

A grandeza do ministério apostólico inicial, seu sucesso universal, parte do que era a existência mesma da igreja de Colossos, tudo servia de autenticação da parte do Cristo apresentado pelo evangelho pregado por aquele ministério. Paulo mostra aos crentes de Colossos que fariam bem em ser leais a esse Cristo.

24 *Νῦν χαίρω ἐν τοῖς παθήμασιν ὑπὲρ ὑμῶν, καὶ ἀναπαληρῶ τὰ ὑστερήματα τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ ἐν τῇ σαρκί μου ὑπὲρ τοῦ σώματος αὐτοῦ, ὃ ἐστὶν ἡ ἐκκλησία,* 24 *χαίρω...ὑμῶν Eph 3:13*

1:24: Agora me regozijo no meio dos meus sofrimentos por vós, e cumprio na minha carne o que resta das aflições de Cristo, por amor do seu corpo, que é a igreja;

Paulo dá a entender que o verdadeiro evangelho é o seu, em contraste com a falsa mensagem dos mestres gnósticos, pois, de outro modo, todos os

seus labores e sofrimentos seriam em vão. Mas seus sofrimentos tanto beneficiavam aqueles crentes como eram uma participação nos próprios sofrimentos de Cristo, já que tanto o Senhor Jesus como seu apóstolo sofreram pela mesma igreja universal, a fim de promover seu benefício.

«...me regozijo...» Está em pauta a alegria no Espírito Santo (ver as notas expositivas quanto à «alegria» como um dos aspectos do fruto do Espírito, em Gál. 5:22). Ele se regozijava até mesmo nos seus sofrimentos, porque isso conseguia bons resultados. (Ver Fil. 1:4 quanto a notas expositivas sobre a «alegria sob o sofrimento»). A nota chave da epístola aos Filipenses é a alegria, embora ela tenha sido escrita estando Paulo encarcerado, e sob a ameaça de possível execução. A epístola aos Colossenses também é uma das chamadas «epístolas da prisão». No entanto, Paulo pôde salientar a alegria como sentimento inerente ao serviço de Cristo. (Ver João 15:11 e 17:13 sobre notas expositivas completas acerca da «alegria», e onde também damos poemas ilustrativos).

«...nos meus sofrimentos por vós...» De que maneira Paulo sofrera por aqueles crentes, e de que modo ele participava dos sofrimentos de Cristo? O maquinismo eclesiástico tem pervertido este texto, como também a outros, levando-o a consubstanciar um suposto «tesouro de méritos», que pela primeira vez foi definido na bula Unigenitus, de Clemente VI, no ano de 1343, e que se tornou a base autorizada para a teoria e a venda das indulgências. Não há qualquer sugestão, nas páginas do N.T., de que as obras e os sofrimentos de homens santos, podem transformar-se em um «tesouro» do qual outras pessoas se podem valer, se porventura estas últimas forem deficientes das mesmas, mediante certos ritos e exercícios religiosos. Isso destrói o elemento moral necessário da doutrina neotestamentária, a qual assevera que cada indivíduo é diretamente responsável a Deus. Essa responsabilidade por toda a parte é ensinada no N.T. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Gál. 6:7,8). É impossível que alguém derive mérito dos santos, dos apóstolos, etc., como se houvesse um excesso dos mesmos. Isso lança a totalidade da salvação dentro de uma espécie de sistema de «méritos humanos», pois isso é diametralmente oposto ao evangelho dos apóstolos, à mensagem do N.T. (Ver Efê. 2:8, onde se vê que isso é uma verdade. Essas notas expositivas abordam amplamente o problema).

No presente texto, não estão em foco as questões do pecado e sua expiação; antes, os sofrimentos são aqueles que um ministro fiel e corajoso de Cristo tem de passar, em favor dos eleitos, por estabelecer igrejas como aquela de Colossos. Paulo enviara Epafras para ministrar àquela gente; e sua própria presença em Efeso, na região geral de Colossos, foi motivo de grandes sofrimentos para o apóstolo dos gentios, segundo se vê claramente no décimo nono capítulo do livro de Atos. Esses sofrimentos foram *por vós*, isto é, pelos crentes colossenses, porque, se não tivesse querido pregar o evangelho naquela área, não teria tido de passar por certos sofrimentos; mas, se ele não tivesse querido passar por tais sofrimentos, nenhuma igreja local ter-se-ia estabelecido em Colossos. Os sofrimentos de Paulo, porém, não tinham tido qualquer efeito «expiatório» pelos pecados daquela gente, e nem as suas boas obras tinham acumulado quaisquer méritos dos quais eles pudessem participar. Tais noções mostram o quanto as tradições nos podem afastar da mensagem simples mas verdadeira do evangelho de Cristo.

Todavia, Paulo não via seus próprios sofrimentos como algo desastroso, já que tinham conseguido bons resultados. Por isso é que ele se regozijava nos mesmos, ao invés de queixar-se. O trecho de Atos 14:22 apresenta-nos uma nota expositiva completa sobre os resultados benéficos dos sofrimentos, das tribulações e das perseguições sofridos, o que ilustra bem este texto, mostrando como podemos alegrar-nos ante tais adversidades.

Referências e idéias. Benefícios derivados das aflições:

1. As nossas aflições promovem a glória de Deus (ver João 9:1-3; 11:3,4 e 21:18,19). 2. Nossas aflições exibem o poder e a fidelidade de Deus (ver Sal. 34:18,20 e II Cor. 4:8-11). 3. Nossas aflições ensinam-nos qual é a vontade do Senhor (ver Sal. 119:71; Isa. 26:9 e Miqué. 6:9). 4. Nessas aflições fazem-nos voltar para Deus (ver Deut. 4:30,31; Nêe. 1:8,9; Sal. 78:34; Isa. 10:20,21 e Osé. 2:6,7). 5. Nossas aflições impedem-nos de nos afastarmos de Deus (ver Jó. 34:31,32; Isa. 10:20 e Eze. 14:10,11). 6. Nossas aflições impelem-nos a orar a Deus (ver Jer. 4:3; Jer. 31:18; Lam. 2:17-19; Osé. 5:14,15 e Jon. 2:1). 7. Nossas aflições convencem-nos de pecado (ver Jó 36:8,9; Sal. 119:67 e Luc. 15:16-18). 8. Nossas aflições levam-nos a confessar nossos pecados (Núm. 21:7; Sal. 32:5 e 51:3,5). 9. Nossas aflições testam e exibem a nossa sinceridade (ver Jó. 23:10; Sal. 66:10 e Pro. 17:3). 10. Nossas aflições testam nossa fé e obediência (ver Gên. 22:1,2 com Heb. 11:17; Exo. 15:23-25; Deut. 8:2,16; I Ped. 1:7 e Apo. 2:10).

«...preencho o que resta das aflições de Cristo...»

Como Pode Ser Isso?

1. Rejeitamos, enfática e categoricamente, a doutrina do excesso de méritos, mediante o que os sofrimentos dos «santos» ou suas boas obras, produzem méritos «supérfluos», de cujo acúmulo podemos encontrar aceitação pessoal diante de Deus. Isso é teologia pútrida, contrária a toda a teologia paulina (ver Rom. 3:21).

2. Portanto, nenhum sofrimento humano pode revestir-se de qualquer valor como «expição». Isso significaria que a expiação de Cristo está debilitada por algum defeito, que algum sofrimento humano é capaz de corrigir! O só pronunciar essas palavras já basta para refutá-las.

b. A propagação do evangelho (1:25-29).

Nisso Cristo aparece como um mistério espiritual --a natureza divina que veio habitar na natureza humana. Isso demonstra a grandeza de Cristo, comprovada no ministério apostólico. Cristo é o grande «mistério» religioso. Os mistérios gnósticos não eram necessários, além de serem falsos.

É definida aqui a natureza do ministério de Paulo. Trata-se de uma incumbência divina, um elevado ofício, e não algo sem importância. Já que Paulo recebeu esse ministério em favor dos gentios, tinha recebido autoridade, embora nunca tivesse trabalhado ou residido na cidade de Colossos, a fim de exortar qualquer igreja local a ter cuidado com suas doutrinas, práticas e lealdade. Em seu ministério, pois, Cristo era magnificado. E notemos que era o *seu ministério* e não os dos falsos mestres gnósticos, que produzia essa exaltação do Senhor. Isso deveria deixar claro qual deveria ser a lealdade daqueles crentes.

25 ἡς ἐγενόμην ἐγὼ διάκονος κατὰ τὴν οἰκονομίαν τοῦ θεοῦ τὴν δοθεῖσάν μοι εἰς ὑμᾶς πληρῶσαι τὸν λόγον τοῦ θεοῦ,

3. Tais sofrimentos, entretanto, podem «promover a causa do evangelho», de tal maneira que, por intermédio deles, os homens cheguem a conhecer algo sobre Cristo, de suas mãos recebendo a expiação. Assim sendo, em um sentido secundário, os sofrimentos humanos podem ajudar a produzir aquele alvo pelo qual Cristo sofreu, isto é, a redenção humana. Mas isso é apenas ministerial, e jamais causal.

4. Do ponto de vista da *edificação*, os sofrimentos dos homens podem ser «adicionados» aos sofrimentos de Cristo, porquanto tais sofrimentos são benéficos para aumentar o número dos membros da igreja, além de servirem como lições e motivo de edificação para os mesmos. Isso não significa, entretanto, que esses sofrimentos tenham qualquer coisa a ver com a salvação do homem, nem mesmo como *causa* parcial.

5. Esses sofrimentos são impotentes para apresentar *satisfação* pelo pecado, embora possam ser instrumentais, conduzindo homens aos pés do Salvador, onde podem obter autêntica satisfação por seus delitos.

6. Há um modo em que a nossa *união* com Cristo, na causa do evangelho, requer que compartilhemos dos seus sofrimentos. Para que pudessem salvar, ele sofreu. Essa foi a sua missão; e a fim de virtuosos homens salvos (por ele), por estarmos em união espiritual com Cristo, sofremos. Por conseguinte, dentre um grande *fundo mútuo de sofrimentos*, a redenção se torna uma realidade. Os sofrimentos de Cristo são a causa da redenção; nossos sofrimentos servem de instrumentos na aplicação da causa. *Compartilhamos* desse fundo comum, mas nossa parte não tem natureza remidora.

7. Cristo predisse que teríamos de sofrer pela mesma causa pela qual ele sofreu (ver João 15:18 e ss.).

8. Assim, pois, Paulo passou por sofrimentos «vicários» em favor de outros, a fim de que pudessem obter para eles certos benefícios espirituais. Isso servia de adição aos sofrimentos do próprio Cristo. Ninguém, porém, derivou qualquer «mérito» dos sofrimentos de Paulo.

«É um fato simples que as aflições de cada santo e mártir suplementam as aflições de Cristo. A igreja é edificada pelos repetidos atos de abnegação, em sucessivos indivíduos e em sucessivas gerações. Esses continuam a obra que Cristo iniciou... Mas o apóstolo Paulo seria o último a dizer que isso faz parte do sacrifício expiatório de Cristo... Essas «coisas que faltam» (os sofrimentos) nunca serão amplamente suplementadas enquanto a luta da igreja contra o pecado e a incredulidade não terminar». (Lightfoot, *in loc.*).

«Não temos dó de um pai que se sacrifica por seu filho, ou de um patriota que se sacrifica por sua pátria, contanto que o faça de olhos abertos, cômico do risco por que passa. Antes, invejamo-lo secretamente, desejando ter a mesma coragem. Portanto, por que haveríamos de lamentar aqueles que se lançam na maior ventura da fé, os quais vivem e morrem pela Beleza invisível, arraigada no coração mesmo do universo, mas que ainda não se manifestou? Esses são os que passam pelo risco maior, mas também a eles pertence a recompensa maior».

«Confesso que quando medito sobre a vida daquele supremo Amante e Sofredor, o qual, pela alegria que lhe foi proposta suportou a cruz, desprezando o opróbrio, nunca, por um momento sequer, fui tentado a ter dó dele, devido à confiança em Deus que o levou à sua morte. Antes, fico perturbado, com um senso de intranquilidade, ante a gente moderna e sofisticada, ante nossa dolorosa timidez e nossos persistentes auto-interesses, que nos levam a viver nas trevas e na miséria, quando poderíamos segui-lo, através dos sofrimentos à luz e à glória». (W.M. Horton, *Theism and the Modern Mind*).

Pela luz de hereses em chamas siga as pisadas dos pés sangrentos de Cristo,

Repetindo novos Calvários, com aquela cruz que não sabe jamais retroceder.

(James Russell Lowell).

«...a favor do seu corpo, que é a igreja...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «igreja como corpo de Cristo», ver Efê. 1:23. Quanto à nota geral sobre a «igreja», ver Efê. 3:10).

Referências e idéias. Excelências e glórias da igreja:

1. A igreja se deriva de Deus (ver Isa. 28:5). 2. Deriva-se de Cristo (ver Isa. 60:1 e Luc. 2:34). 3. Resulta do favor de Deus (ver Isa. 43:4). 4. Deus se deleita na igreja (ver Sal. 45:11 e Isa. 62:3-5). 5. Os santos se deleitam na igreja (ver Isa. 66:11). 6. Essas excelências consistem de ser ela a sede da adoração a Deus (ver Sal. 96:6). 7. De ser ela o templo de Deus (ver I Cor. 3:16,17 e Efê. 2:21,22). 8. De ser ela o corpo de Cristo (ver Efê. 1:22,23). 9. De ser ela a noiva de Cristo (ver Sal. 45:13,14; Apo. 21:23). 10. De ter sido ela firmada (ver Sal. 48:8 e Isa. 33:20). 11. De ter ela posição eminente (ver Sal. 48:2 e Isa. 2:2). 12. De possuir ela graças de caráter (ver Can. 2:14). 13. De ter ela a perfeição da beleza (ver Sal. 50:2). 14. De possuir ela membros retos (ver Isa. 60:21 e Apo. 19:8). 15. De servir ela de força e defesa (ver Sal. 48:12,13). 16. De estar ela se santificando (ver Efê. 5:26,27). 17. De ser ela aumentada pela multiplicação de seus membros (ver Isa. 49:18 e 60:4-14). 18. Essas excelências e glórias são abundantes (ver Isa. 66:11). 19. O pecado obscurece essas excelências e glórias (ver Lam. 2:14,15).

1:25: da qual eu fui constituído ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, a fim de cumprir a palavra de Deus,

A palavra aqui traduzida por *dispensação* é o termo grego *oikonomia*, que pode ter boa variedade de significados, como «orientação», «ofício», «gerência», «governo», «ordem social» e «período de tempo», o que é caracterizado por algum aspecto distinto de governo ou ordem social. Paulo aludia aqui à sua «mordomia», que lhe fora dada pelo Senhor; e isso queria dizer que recebera uma «comissão» divina. Tal palavra, porém, também era usada como «administrador» de uma casa. Paulo recebera uma missão, uma mordomia em favor do Senhor da casa. Disso consistia seu ofício e função apostólicos. (Ver também I Cor. 4:1, onde Paulo chama a si mesmo de «mordomo», juntamente com os seus companheiros, os quais também são assim chamados. Sua mordomia era exercida em favor de outros, sob as ordens de Deus, conforme nos mostra este versículo. Ele não nomeara a si mesmo, como também não fora ele quem estabelecera os limites de sua mordomia. Tudo fora feito por determinação divina; e, visto que a sua base era essa, exigia atenção e obediência da parte dos crentes colossenses, no tocante aos requerimentos impostos sobre eles pelo evangelho, quanto à crença e à prática em todas as questões relativas ao desenvolvimento espiritual. (Quanto a outros usos da palavra aqui empregada, ver Efê. 3:2, que falara sobre o «arranjo divino» ou «economia», que foi confiado a Paulo; mas até mesmo ali pode estar em pauta a sua «mordomia», que consistia de fazer conhecido o plano de Deus acerca da igreja e do universo. Na passagem de Efê. 1:10 isso fala do «governo divino» ou «ordem social» que caracterizará a eternidade. A raiz dessa palavra significa «casa», pelo que, sob outra forma, ela significa «mordomo», «gerente de uma casa». Disso se desenvolveram as outras idéias que, finalmente, a palavra veio a ter. (Ver as notas expositivas adicionais em Efê. 1:10. Essa palavra é usada por sete vezes nas páginas do N.T., a saber, Luc. 16:2-4; I Cor. 9:17; Efê. 1:10; 3:2 e Col. 1:25).

«...para dar pleno cumprimento à palavra de Deus...» No dizer de Abbott (*in loc.*): «O sentido é levar ao fim a pregação do evangelho». Normalmente, a expressão «palavra de Cristo» indica o evangelho; mas aqui essa idéia é dada a entender pela expressão «palavra de Deus». Trata-se da mensagem

divina concernente a Jesus Cristo. (Quanto à expressão «palavra de Cristo», ver Rom. 10:17; quanto à expressão «palavra da verdade», ver Efê. 1:13, que também se refere ao evangelho; e quanto à expressão «palavra da vida», ver Fil. 2:16, que também é outra maneira de aludir à mensagem sobre Cristo e sua salvação—o evangelho). Dificilmente a expressão «palavra de Deus», usada no N.T., indica as Sagradas Escrituras; e a expressão «palavra de Cristo» significa isso, embora seja verdade que a mensagem cristã é um dos temas principais das Escrituras.

«...pleno cumprimento...» No grego é «pleroo», «completar», «levar a bom termo», «levar à fruição», «cumprir as obrigações de uma missão». Paulo pregava de modo a desincumbir-se de seu dever como mordomo, de acordo com o intuito divino de tornar Cristo bem conhecido entre os povos gentílicos. Isso pode ser comparado com o trecho de Rom. 15:19, que diz: «...desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo». (Ver notas expositivas completas acerca do «evangelho», em Rom. 1:16).

Outros sentidos, como «cumprir as promessas de Deus», «pregar totalmente», etc., a fim de suplementar os ensinamentos ministrados por Epafra, podem estar em foco aqui; mas não são significados especificamente tencionados. O cumprimento total de seus deveres como mordomo é que está em pauta aqui. Paulo fizera o evangelho tornar-se universal. A falsa mensagem gnóstica, em Colossos, contradizia o seu evangelho universal, e essa é a polêmica envolvida na presente declaração.

«Uma das grandes lições a ser aprendida dessas palavras é que a mordomia indica serviço; e podemos adicionar que, em nove casos em cada dez, o serviço envolve sofrimento... Cada dom da parte do grande dono da casa envolve a obrigação de transmiti-lo... Temos para que possamos dar». (Maclaren, *in loc.*). Ai daqueles que têm dons mas não os usam, os quais, no interesse próprio, dissipam o serviço que poderiam prestar a outros, em favor de Cristo. Paulo tomava a sério a sua mordomia, e assim também devemos nós fazê-lo, já que cada indivíduo é ímpar, dotado de missão sem igual. (Ver as notas expositivas em Apo. 2:17 sobre esse ponto. Ver Atos 9:15 acerca dos «vasos escolhidos», e 9:19 acerca das «lições secundárias, mas igualmente importantes»).

26 τὸ μυστήριον τὸ ἀποκεκρυμμένον ἀπὸ τῶν αἰώνων καὶ ἀπὸ τῶν γενεῶν — νῦν δὲ ἐφανερώθη τοῖς ἁγίοις αὐτοῦ,

26 Ro 16:25-26; Eph 3:3, 5, 9-10

1:26: o mistério que esteve oculto dos séculos, e das gerações; mas agora foi manifesto aos seus santos,

«...mistério...» Há diversos mistérios nas páginas do N.T., que são alistados e comentados de modo abreviado em Mat. 13:13 e Rom. 11:25, onde o vocábulo é também explicado. O significado básico vem de «iniciar», a saber, em algum conhecimento secreto. Daí, a idéia de «segredo» veio a ser um dos sentidos da palavra. Era termo usado nas religiões místicas e pelos mestres gnósticos. O trecho de Efê. 3:4,5 nos apresenta sua definição neotestamentária natural, a saber, algo dentro do plano ou da mente divina, que antes estivera oculto, mas que agora foi revelado. E isso lhe empresta o significado de «segredo aberto», em contraste com os «segredos fechados» dos gnósticos, que eram revelados a apenas alguns poucos iniciados. Todo o verdadeiro mistério só pode ser conhecido mediante revelação divina, por tratar-se de algo divino, além do alcance da investigação humana. Por isso é que de cada vez que Paulo alude a um mistério, automaticamente fala de alguma revelação por ele recebida, o que trouxera alguma verdade importante à luz. (Para pleno benefício, o leitor deveria examinar as notas expositivas referidas, já que aqui damos apenas uma breve descrição sobre essas questões).

Do que consiste o *mistério* aqui aludido? Se ligarmos a palavra ao que é dito antes, veremos que esse mistério é o «evangelho», que acabara de ser chamado de «palavra de Deus» (no versículo anterior). Mas, se a vincularmos ao vigésimo sétimo versículo, veremos que se trata de um aspecto particular das «boas-novas», ou seja, a realidade do «Cristo que em nós habita», o que nos dá boas razões para esperarmos participar de sua glória. O Cristo em nós residente, através do seu Espírito Santo, forma um dos principais temas do N.T., o que é retratado como uma das grandes consequências benéficas para quem aceita o evangelho. (Ver os trechos de Efê. 2:22; Rom. 8:9-11; I Cor. 6:19 e II Cor. 3:18, todos os quais falam dessa residência e do que isso significa para nós). Essa residência de Cristo em nós confere-nos acesso ao Pai, e nos tornamos a localidade mesma de sua manifestação; e é assim que obtemos vitória sobre o pecado, participação nos novos lugares celestiais e vida imortal, juntamente com a promessa da ressurreição. Também é assim que recebemos a adoção, a plena filiação. Por causa disso é que não somos de nós mesmos, é que não pertencemos a nós mesmos, mas somente a Cristo, o qual exige santidade e a glorificação em Deus, no corpo e através do espírito imortal. E é assim, que estamos sendo transformados de um estágio da glória para outro, até que, finalmente, participemos da imagem de Cristo, de sua natureza e de sua santidade. E é assim que, agora mesmo, a natureza moral de Cristo está sendo formada em nós, por que se trata de um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23). Também é assim que temos uma esperança digna de confiança, na qual esperamos a participação na glória mesma de Cristo. Portanto, esta passagem nos ensina, em seu vigésimo sétimo versículo, aquilo que nos é ensinado em Rom. 8:24,25,30.

O próprio Cristo é chamado de *mistério de Deus* (ver Col. 2:2); mas aqui o mistério é o que Cristo faz por nós e o que sua «residência» em nós significa para nós. Essa permanência é um poder transformador, que vai formando Cristo em nós. Todos os «mistérios» aludidos por Paulo são subcategorias do grande mistério da vontade de Deus, no qual vemos que o desígnio de sua vontade é restaurar tudo em Cristo, o que fará tudo ter significado em Cristo e por causa dele (ver Efê. 1:10). A igreja, naquilo em

que participa de sua redenção, é um mistério, segundo se aprende em Efê. 3:3; e o modo como Deus faz a piedade surgir nos homens, através da encarnação de Cristo, é um mistério, conforme se vê em I Tim. 3:16. O evangelho, e como o mesmo opera nos homens, através do Cristo residente, é um mistério aliado àquele outro mistério, ao passo que todos esses mistérios são subcategorias do mistério grandioso da vontade de Deus. Todas essas profundas verdades são contrastadas pelo apóstolo com os mistérios falsos dos gnósticos, os quais só serviam para diminuir a estatura de Cristo. Temos aqui um «mistério», das seguintes maneiras:

1. O próprio *Deus* estava oculto, sendo revelado em Cristo (mostrando algo de si mesmo e de sua vontade). Assim sendo, o segredo divino tornou-se conhecido. Questões específicas, relacionadas ao método de redenção, agora dadas a conhecer por meio do evangelho, eram «segredos»; mas agora tornaram-se «segredos abertos» para todos, e não apenas para algum grupo pequeno de iniciados. A revelação era algo necessário para esse novo conhecimento. Não é algo que os homens possam descobrir mediante a investigação científica, pela razão ou pela intuição, o que pode ultrapassar a ambos esses métodos de obtenção do conhecimento. A revelação é mais poderosa do que a intuição.

2. Temos aqui um «mistério» autêntico e digno de confiança, um *segredo aberto*, em contraste com os vãos mistérios gnósticos, contidos em ritos e artes mágicas elaboradas. Os gnósticos afirmavam que o valor místico da redenção residia em seus ritos sagrados, em suas cerimônias, em seus cânticos, etc.

3. Temos também aqui um mistério no sentido moderno da palavra, algo que retém alguns elementos «misteriosos», por tratar-se do tipo de verdade que não se sujeita à racionalização humana. Somente a fé pode apropriar-se do mesmo, e as verdades profundas permanecem inerentes nesse mistério, até que cheguemos a uma estatura espiritual suficientemente alta para podermos compreendê-las. Essa compreensão mais profunda nos aguarda no outro mundo.

«...que estivera oculto dos séculos e das gerações...» Essas palavras podem ser compreendidas das duas maneiras seguintes: 1. Poderíamos ter aqui apenas a descrição de eras passadas, em que as palavras «séculos» e «gerações» teriam implicações temporais—séculos seriam as vastas expansões de tempo, e gerações seriam as unidades menores dentro desses séculos. 2. Ou então a palavra «séculos» («aeons») poderia referir-se aos poderes angelicais que eram conhecidos por essa designação, que os hereses colossenses adoravam, o que formava parte tão importante de seu sistema, como «mananções» de Deus. Nesse caso, o termo «gerações» tomaria um sentido pessoal, indicando «gerações sucessivas de homens». Neste último caso, o presente versículo significaria que esse «mistério» estivera oculto de seres angelicais e humanos. Esse segundo significado poderia ser aludido como base da passagem de Efê. 3:10, a qual nos diz, especificamente, que o mistério estivera escondido dos poderes angelicais, a saber, dos «principados e poderes», nos lugares celestiais. Aquilo que Deus realiza, por meio do evangelho, para esses seres angelicais é uma «revelação» sobre a vontade divina. A unidade que Cristo estabelece no seio da igreja, em torno de Cristo, em que este é o Cabeça, é o mesmo tipo de unidade que, eventualmente, ele realizará em todos os universos, envolvendo a tudo, animado e inanimado, que é o tema central do *mistério de sua vontade* (ver Efê. 1:10).

Ambas essas idéias (indicação temporal e seres vivos) são verdadeiras, embora permaneça em dúvida o que este versículo realmente quer dizer.

Combinando-se os capítulos primeiro e terceiro da epístola aos Efésios, e considerando-se, sobretudo, o trecho de Efé. 3:10, ficamos impressionados ante o pensamento de que a igreja é uma espécie de «teatro divino» no qual Deus mostra, a todos os seres inteligentes, especialmente aos anjos, como o Senhor haverá de restaurar a tudo. A igreja é a área onde tem começo essa grandiosa restauração, ao mesmo tempo que é o seu modelo, seguido em outras dimensões. Na igreja, pois, Deus se manifesta em sua sabedoria multiforme, que é remidora e benigna. Eventualmente, toda a criação e todos os universos se centralizarão em torno de Cristo, achando significado para toda a existência na sua pessoa. Isso ocorre, primeiramente, na igreja, e a igreja mostra o que sucederá por toda a parte.

27 οἱς ἠθέλησεν ὁ θεὸς γνωρίσαι τί τὸ πλοῦτος τῆς δόξης τοῦ μυστηρίου τούτου ἐν τοῖς ἔθνεσιν, ὃ ἐστὶν Χριστὸς ἐν ὑμῖν, ἡ ἐλπίς τῆς δόξης.

27 Χριστὸς...δόξης 1 Tm 1.1

27 τουτου]

1:27: a quem Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória;

«...aos quais Deus quis dar a conhecer...» Deus, e não os «aeons», é que é o revelador dos mistérios divinos. Os mestres gnósticos pensavam que os «aeons» seriam emanações de Deus, revelações de alguns aspectos de sua glória e poder. Mas o verdadeiro conhecimento de Deus vem antes através da direta revelação divina acerca de Cristo, ao mundo, e não através de uma série sombria e quase interminável de poderes angelicais. Foi por iniciativa divina que Cristo foi revelado ao mundo, e não por quaisquer poderes intermediários. Deus revelou a pessoa de Cristo, chegado o tempo próprio (ver Gál. 4:4). Deus não se envolve em táticas de adiamento. Ele tornou conhecida a sua verdade aos homens, assim que estes ficaram prontos para isso. No dizer de Macleod (*in loc.*): «A verdade salvadora e libertadora aguarda aqueles que se dispõem a cumprir as condições do seu recebimento e a viverem a mesma. 'Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo' (Apo. 3:20)».

«...a riqueza da glória...» (Ver também a passagem de Rom. 9:23, onde essa expressão também é empregada, e ali em alusão ao abundante suprimento divino da graça e da misericórdia, conferido aos «vasos de misericórdia»). O trecho de Efé. 1:18 inclui essa expressão em relação à herança do crente. «...a riqueza da glória da sua herança nos santos...» Mas alguns estudiosos pensam que aqui está em vista a herança de Deus, que ele tem nos santos. Ambas essas idéias expressam uma verdade: temos uma herança em Cristo; e Deus tem uma herança em nós. Seja como for, a «riqueza da glória» é a grande característica. A passagem de Efé. 3:16 também envolve essas palavras, indicando aquele abundante suprimento divino com o qual os crentes são fortalecidos, pelo Espírito Santo, no homem interior. Consideremos ainda os seguintes pontos:

1. Esse termo indica a grandeza da quantidade.
2. Dá a entender a origem divina, pintada como algo que vem da parte da glória de Deus, suas riquezas e tesouros majestosos.
3. A palavra *glória*, neste ponto, fala da grandeza e do caráter divino do «mistério» aludido. Em outras palavras, o que Deus faz entre os gentios, por intermédio de Cristo, o que é coisa grande e gloriosa, levando-os à «glória que há em Cristo», para que compartilhem de sua própria glorificação. Por isso é que se lê sobre as riquezas da glória deste mistério». Essa glória pode ser vista, em parte, no presente, naquilo em que ela se manifesta entre os povos pagãos, transformando-os em novas criaturas. A glória maior, entretanto, espera pela chegada dos lugares celestiais por parte dos seres remidos e transformados. O fato que Cristo habita neles, levando-os à glória, é que forma, particularmente, a «riqueza» dessa glória: pois em Cristo residem todos os tesouros divinos do conhecimento e da sabedoria, sendo ele o poder por meio de quem os homens chegam a participar dos tesouros dos lugares celestiais. (Ver Col. 2:3).

«...isto é, Cristo em vós, a esperança da glória...»

Variante Textual: Nas palavras «...isto é, Cristo...», o termo grego «ο», aqui traduzido por «isto é», figura nos mss: P(46), BAGP e na maioria das versões latinas. Isso poderia fazer essas palavras aludirem ao «mistério»; ou então as palavras «ο εστιν» poderiam ser traduzidas por «isto é» ou «a saber». Por conseguinte, essa passagem pode ser traduzida por «a saber, Cristo em vós», ou por «isto é, Cristo em vós», conforme se vê na presente versão portuguesa. Esse emprego se acha no grego «κοινη»; e quando isso ocorre, não se precisa de qualquer conexão gramatical que concorde em gênero e número com o neutro. Outros manuscritos (como Aleph, CDKL e a maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição bizantina, e nos escritos de Crisóstomo e Teodoro) trazem «ος», o gênero masculino. Nesse caso, poderíamos compreender que o «mistério» é «Cristo» ou as «riquezas» encontradas em Cristo. No presente versículo, a palavra grega traduzida por «riqueza» está no gênero neutro, embora normalmente apareça no gênero masculino. Se a forma «ος» é a original, o que não é muito provável, considerando-se as evidências textuais, o neutro poderia estar em foco, pois poderia ter sido escrito no gênero masculino, devido à atração com a palavra «Cristo». Nesse caso, ou se o neutro é correto, o mistério pode ser «Cristo», considerado nas excelências da sua pessoa (conforme se vê em Col. 2:2 - «o mistério de Deus, Cristo») ou pode ser o «Cristo residente». Esse seria o maior

«...agora, todavia, se manifestou aos seus santos...» Os próprios crentes chegam a conhecer essa revelação da redenção que há em Cristo antes dos «aeons». E isso serve de quadro de como Deus haverá de restaurar a tudo, incluindo todos os poderes angelicais. A pregação do evangelho apresenta essa revelação aos homens. (No tocante ao fato que os crentes são chamados «santos», ver Rom. 1:7; ver sobre «como» os crentes devem ser «santos», conforme fica implícito nessa designação, em Efé. 1:1 e no vigésimo segundo versículo do presente capítulo). Essa revelação foi dada, em primeiro lugar, aos «santos apóstolos e profetas» (ver Efé. 3:5); e, por meio deles, a toda a igreja. Notemos igualmente que, naquela passagem, se aprende que esse mistério estivera oculto tanto dos homens (ver o quinto versículo) como das ordens angelicais (ver o décimo versículo).

27 οἱς...ἔθνεσιν Ro 16:25; Eph 3.9 τὸ πλοῦτος τῆς δόξης Eph 1.18

του Θεου D*G Ambst: του Ν* | os] ὁ p⁴⁶ABG 1739 al latt; R

mistério do evangelho. No vigésimo sexto versículo, porém, o próprio «evangelho» é esse mistério, conforme se vê nas notas expositivas a respeito. De algum modo, neste vigésimo sétimo versículo, o evangelho continua sendo o mistério; mas este versículo procura adornar esse conceito.

Sumário: O que é este mistério?

1. Alguns pensam nas «riquezas encontradas em Cristo», o que é possível com a retenção do neutro ou do masculino.
2. Outros pensam no próprio *Cristo*, visto nas excelências de sua pessoa, conforme se vê em Col. 2:2, se o masculino for escolhido, ou se compreendermos que o grego original envolve uma expressão idiomática que deve ser devidamente traduzida por «isto é» ou «a saber».
3. Também pode estar em foco, como mistério, apenas o «evangelho», conforme se vê no vigésimo sexto versículo deste capítulo.
4. É melhor pensar que esse mistério é o evangelho, mas considerado como as boas-novas que falamos *Cristo em nós residente*. Sua presença em nós, através do Espírito transformador, torna-se as «riquezas da glória desse mistério». O evangelho traz até nós a boa mensagem divina; aquilo que é rico e glorioso nessas boas-novas é o fato que Cristo, mediante o seu Espírito, vem realmente habitar em nós, a fim de formar em nós sua própria imagem e natureza, de modo a virmos compartilhar da plenitude de Deus, segundo Cristo dela participa (ver Col. 2:10 e Efé. 3:19).

«...a esperança da glória...» O Cristo em nós residente assegura-nos a fruição de nossa esperança acerca da glória. Essa esperança pode ser «subjativa» (nossa presente expectativa da fruição da salvação) ou pode ser «objetiva» (o objeto de nossa esperança, sua fruição, a própria salvação). A passagem de Rom. 8:24, 25 envolve ambas as idéias. Neste ponto, o mais provável é o sentido subjetivo, embora a própria referência inclua também a idéia objetiva. A esperança visa à plena salvação, atualmente esperada, mas no futuro a ser concretizada. (Ver Heb. 2:3 e as notas expositivas ali existentes sobre a «Salvação»).

«...em vós...» Essas palavras expressam a comunhão mística, bem como a presença habitadora de Cristo, através do seu Santo Espírito. (Ver as notas expositivas que desenvolvem essa idéia, no vigésimo sexto versículo deste capítulo, e onde a natureza desse «mistério» é descrita. Comparar isso com as palavras de I Cor. 1:4, «em Cristo», expressão usada com frequência para expressar nossa comunhão mística com ele e que aparece por cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas de Paulo).

A **definição básica de misticismo** é algum contacto genuíno com um ser superior a quem recebe tal contacto. No ocidente, o misticismo normalmente é objetivo, indicando contacto com algum anjo, algum poder ou ser celestial, com Cristo, com o Espírito Santo, com Deus Pai. Mas no oriente o misticismo pode ser o contacto com os próprios poderes espirituais, a saber, a alma ou «eu superior», pelo que se trata, geralmente, de uma experiência subjetiva. No presente comentário, o termo «misticismo» é usado para indicar algum contacto genuíno com algum membro da Trindade santa, ou, em casos raros, com algum agente celestial, enviado pela deidade, a fim de tratar com os homens.

«...entre os gentios...» Paulo, na qualidade de apóstolo dos gentios, faz esse mistério ser algo pessoal para eles; na realidade, porém, trata-se de algo universal, pertencente à igreja inteira. A menção do fato que entre os gentios é que esse mistério foi revelado, não significa que o mistério consista tão-somente da salvação dos gentios. Isso era algo maravilhoso, no contexto judaico do primeiro século de nossa era, e Paulo nunca deixou de maravilhar-se a respeito disso; mas não constituía nenhum mistério. O nosso texto deixa claro que o evangelho e a sua boa mensagem acerca do Cristo em nós residente, por meio de quem fluem todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3), é que constitui o «mistério».

O Cristo em nós residente é o nosso contacto com a natureza divina. Sem isso, todos os nossos mais hábeis sermões, devidamente constituídos de três pontos e de um poema, serão inúteis. O cristianismo não consiste de uma coletânea de dogmas: antes, consiste de Cristo e de seu poder em nós residente. De quanto precisamos de comunhão mística com Cristo! Nossa necessidade por essa comunhão é uma das grandes lições espirituais desta epístola aos Colossenses.

28 ὃν ἡμεῖς καταγγέλλομεν νοουθετοῦντες πάντα ἄνθρωπον καὶ διδάσκοντες πάντα ἄνθρωπον ἐν πάσῃ σοφίᾳ, ἵνα παραστήσωμεν πάντα ἄνθρωπον τέλειον ἐν Χριστῷ.

28 παραστήσωμεν...Χριστῷ Eph 4.13

1:28: o qual nós anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo;

Antes de tudo, notemos a tríplice repetição das palavras «todo homem». O apóstolo destaca a qualidade universal da mensagem cristã, em contraste com o exclusivismo dos mestres gnósticos, cuja «sabedoria», conforme

supunham, era elevada demais para o homem comum, podendo ser apreendida somente pelos poucos seletos iniciados.

«...anunciamos...» No grego temos «katagello», «proclamar», e que frequentemente inclui a idéia de solenidade. Estão implícitas as idéias de franqueza e ousadia, em contraste com as comunicações secretas dos

gnósticos. A mensagem paulina era «exotérica», e não «esotérica». Além disso, notemos que aquele a quem proclamamos é o «Cristo das doze superioridades», o qual, por habitar nos remidos, é o mistério de Deus. Os mestres gnósticos, entretanto, anunciavam um outro «cristo», que seria apenas um dentre muitos «aeons». Não obstante, os «aeons» postulados pelos mestres gnósticos eram mais dignos da atenção humana do que muitas das coisas que agora substituem para muitos a pessoa de Cristo. O apóstolo dos gentios procurava demonstrar que qualquer coisa que substitua a Cristo é um desastre para a alma.

«...advertindo...» No grego temos o verbo «noutheteo», que significa «admoestar», «avisar», «instruir». Sua forma nominal significa «disciplina», «advertência», «aviso». Paulo vinha avisando a seus leitores originais acerca das seguintes questões:

1. que tivessem cuidado com a heresia dos falsos mestres;
2. que rejeitassem doutrinas que degradam a pessoa de Cristo;
3. que tivessem a correta compreensão sobre o cristianismo, outorgando a própria alma aos cuidados de Cristo, a fim de que fossem crentes tanto teóricos como praticantes;
4. de modo geral, ele também advertia e mostrava que os homens precisam «arrepender-se» e «crer» em Cristo, por ser este o único Salvador;
5. finalmente, ele advertia a que não se desviassem ou apostatassem do Cristo por ele pregado (ver o vigésimo terceiro versículo deste capítulo).

«...ensinando...» Isso garante que os convertidos compreendam ao evangelho e ao que nele está implícito, o Cristo do evangelho, como também suas exigências éticas, relativas à nossa vida diária. (Quanto à importância do «ensino», ver as notas expositivas sobre a «Grande Comissão», da qual faz parte esse ministério do ensino, em Mat. 28:20. Ver também Rom. 12:7 sobre o «ensino», em suas notas expositivas. Ver Atos 12:25 acerca do «ensino através do exemplo»; e ver I Cor. 11:1 sobre a questão do «exemplo»). Notemos que Paulo não se satisfazia apenas com o evangelismo. Precisamos de maior ênfase do ensino no seio das igrejas locais. Precisamos de melhores mestres.

«...a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo...» Isso pode ser comparado com o trecho de Efé. 4:12 e ss., que fala acerca do fato que o exercício dos dons espirituais, nas igrejas locais, tem a finalidade de obter a perfeição dos crentes, perfeição essa que é definida como tornar-se «homem perfeito» (ver o décimo terceiro versículo), em que o crente passa a possuir a «medida da estatura da plenitude de Cristo».

Referências e idéias. A perfeição:

1. A perfeição é de Deus (ver Sal. 18:32 e 138:8).
2. Todos os santos possuem a perfeição inerente, em Cristo (ver I Cor. 2:6; Fil. 3:15 e Col. 2:10).
3. A perfeição de Deus é o padrão da nossa (ver Mat. 5:48).
4. A perfeição implica em total devoção (ver Mat. 19:21).

É má e errônea interpretação reduzir a idéia da «perfeição», exposta nas páginas do N.T., à mera «maturidade» espiritual. O alvo colimado é muito mais elevado do que isso, porquanto é a perfeição absoluta; e, apesar de não poder ser alcançada nesta vida, senão imperfeitamente, no entanto, é o nosso grande alvo. E do que consiste a nossa perfeição em Cristo? Vejamos os pontos abaixo:

1. Consiste de possuírmos toda a plenitude de Cristo (ver Col. 1:23).
2. Consiste de possuírmos toda a «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19).
3. Consiste de sermos santos como o é Deus Pai (ver Mat. 5:48).
4. Consiste de irmos a participar da imagem de Cristo, de sua natureza, em seus aspectos moral e metafísico (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18).
5. Consiste de participarmos da própria divindade (ver II Ped. 1:4). Toda a atividade cristã visa esse elevadíssimo alvo, e durante toda a eternidade

29 εἰς ὃ καὶ κοπιῶ ἀγωνιζόμενος κατὰ τὴν ἐνέργειαν αὐτοῦ τὴν ἐνεργουμένην ἐν ἐμοὶ ἐν δυνάμει.

29 κατὰ... δυνάμει Eph 3,7, 20; Phb 4,13

1:29: para isso também trabalho, lutando segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente.

Notemos a suprema dedicação de Paulo à sua missão, a qual tinha por alvo o propósito de levar os homens à perfeição em Cristo, a fim de que possuíssem tudo quanto ele oferece no tocante ao bem-estar espiritual. De fato, Paulo labutou mais abundantemente do que todos os outros apóstolos (ver I Cor. 15:10, onde ele também reconhece que não fizera isso devido às próprias forças, porquanto a graça divina, nele operante, é que produzira esses labores prodigiosos). Não obstante, Paulo era um instrumento submisso, tendo sido um grande homem de Deus por haver aprendido o segredo da dedicação autêntica, através da comunhão com o Espírito Santo. Acerca disso Paulo merece o crédito, pois veio de si mesmo. (Isso pode ser confrontado com outras referências do apóstolo dos gentios aos seus labores cansativos, em Gál. 4:11; Fil. 2:16 e I Tim. 4:10). A extensão admirável de seus esforços pode ser vista no fato que ele levantou, quase sozinho, a igreja de Cristo no mundo gentílico. (Ver II Cor. 11:23-38 quanto aos vários tipos de labores e sofrimentos por que ele passou, por amor à causa de Cristo. As notas expositivas sobre I Cor. 15:10 incluem comentários sobre o tema da «recomendação sobre o trabalho árduo»).

«...me afadigo...» No grego é «agonizomai», palavra tirada do vocabulário dos esportes, especialmente das corridas. «Tal como um atleta na arena, Paulo fez um esforço sustentado e extremo, que exigia todos os seus poderes. Mas, diferentemente de um atleta, Paulo não dependia de seus próprios dotes naturais. Ele tinha reservas ilimitadas, devido ao poder espiritual de Cristo, que se mostrava ativo nele». (Beare, *in loc.*). (Quanto a lugares onde Paulo emprega metáforas atléticas a fim de ilustrar a vida espiritual e a inquirição espiritual, ver I Cor. 9:25,26; Gál. 5:7; Fil. 3:12-14).

A palavra aqui usada se deriva de *agon*, que originalmente significava «assembléia» ou «lugar de reuniões», especialmente aqueles ajuntamentos

esse alvo será exposto diante de nós, porquanto ali não haverá estagnação; e, visto que Deus é infinito, o único possuidor da perfeição total, ele nos levará a uma inquirição infinita pela perfeição, pelo desenvolvimento espiritual.

A eternidade sem fim consistirá de um processo de irmos participando cada vez mais das perfeições de Deus; e esse é também o grande alvo da vida presente do crente. A intensidade desses pensamentos primeiramente nos choca, e em seguida nos avassala. Temos ficado acostumados a considerar a salvação somente em termos de nos tornarmos impecáveis, de nos mudarmos para os céus, ao passo que ela consiste da participação real na «filiação», e isso definido pelo que Cristo «é» e «tem», na qualidade de Filho de Deus.

O evangelho é realmente *revolucionário*, espiritualmente falando, dotado de dimensões infinitas, em relação aos conceitos judaicos. Sentimo-nos desconfortáveis diante do evangelho, porquanto o mesmo exige de nós algo elevadíssimo. Em sua presença chocante, estremeçemos; por isso mesmo, alguns o têm reduzido às suas proporções mínimas, a saber, escapar do pecado e fugir para um lugar mais elevado, onde se viverá para todo o sempre. Mas ali é apenas onde o evangelho começa. Prossigamos para a perfeição, não lançando novamente o alicerce das noções básicas.

O objeto desse processo de aperfeiçoamento, pelo menos potencialmente, é «todo homem», o que contrasta com as limitações exclusivistas dos mestres gnósticos. Além disso, o tipo de «perfeição» dos gnósticos, através da influência dos «aeons» ou emanações angelicais, é rejeitado.

«...em toda a sabedoria...» A advertência, a pregação e o ensino são efetuados em «toda a sabedoria». Só se pode compreender isso se essas palavras se referem à sabedoria divina dada aos homens, por meio do que Deus age e ensina através do seu Espírito Santo. (Ver o nono versículo deste mesmo capítulo). Os crentes devem ser «cheios do conhecimento da vontade de Deus, em toda a sabedoria e entendimento espiritual». Há aqui uma óbvia alusão às pretensões de sabedoria divina, da parte dos mestres gnósticos, os quais, conforme faziam todos os gregos, sempre buscavam «sabedoria» (ver I Cor. 1:22). Para os que estão em Cristo, entretanto, o próprio Cristo se torna a «sabedoria» (ver I Cor. 1:31). A sabedoria paulina era exotérica, e não esotérica, conforme era a dos gnósticos. Em Col. 2:2,3 aprendemos que em Cristo estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, os quais são livremente oferecidos a todos quantos queriam tirar proveito dos mesmos. A sabedoria que se acha em Cristo e seu evangelho, envolve todas as questões da crença e da conduta. Mas também devemos entender que isso nos leva a uma apropriação própria da outra dimensão da existência.

Uma Oração.

O Deus, a quem ousou chamar de Pai, ajuda-me, primeiro a «ver»: a ver a estatura incomensurável de Cristo, a ver que ele deseja supremamente viver em mim e transformar-me, para que eu seja como ele mesmo é, para que, na realidade, ele seja meu irmão mais velho.

O Cristo exaltado, a quem ousou chamar de Irmão, ajuda-me a «ser»: a começar a ser, desde agora, aquilo que tu mesmo és, em que a minha natureza seja espiritualizada como a tua, para que conserve essa elevada visão do «ser», até que o suspiro final liberte a minha alma para que suba para Ti.

O Espírito divino, agente dessa graça, ajuda-me a não desanimar diante dos homens, os quais têm uma visão inferior à minha acerca do Filho, ou da filiação que ele compartilha com os homens. Se porventura disserem-me: «Tu te aproprias demasiadamente para ti mesmo», ajuda-me na alma, para que responda: «Por tempo demais tenho-me apropriado de pouco demais; não honrarei a Cristo se esforçar-me por um alvo que fica aquém daquele que ele designou para mim». Esse pensamento divino eu nunca teria imaginado ser capaz de ter: veio-me por revelação, no mistério do Cristo em nós residente. Coisas mais elevadas, coisas mais nobres—essas são as que têm atraído os meus olhos.

29 κατὰ τὴν ἐνέργειαν αὐτοῦ τὴν ἐνεργουμένην ἐν ἐμοὶ ἐν δυνάμει.

que eram formados de espectadores de competições atléticas. Daí a palavra veio a significar a própria «competição».

«...esforçando-me...» No grego é «*kopiaō*», palavra que indica «trabalhar até à exaustão», «labutar», «trabalho árduo». A intensidade de seu labor e a quantidade do mesmo, são aqui os elementos salientados. A mesma palavra é usada em I Cor. 15:10; Gál. 4:11 e Fil. 2:16, que também fala dos labores exaustivos de outros. (Ver também os trechos de Rom. 16:12; I Cor. 16:16 e I Tes. 4:12).

«...o mais possível...» Paulo não ficava feliz com realizações secundárias, mas exigia de si mesmo esforços máximos. Paulo esforçava-se por chegar à «excelência», pouco do que vemos no mundo atual.

«...segundo a sua eficácia...» No grego, o substantivo é «*energeia*», que significa «operação», «ação». Isso pode ser comparado com Col. 1:11, onde se lê: «...sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória...» Através disso é que o andar condigno (ver o décimo versículo) é concretizado, mediante o que chegamos a agradar ao Senhor, mostrando-nos frutíferos em toda a boa obra. A vida cristã inteira, e tudo quanto a mesma significa, é retratada como algo feito mediante o poder de Deus, não redundando em glória para o homem (ver Efé. 1:19 e ss.). Comparar também com Fil. 2:12,13. Devemos «concretizar» a nossa própria salvação, mas assim suceder somente porque Deus é quem opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. Assim sendo, essa «energia divina» é que explicava as bem-sucedidas realizações de Paulo, o que ele também diz em I Cor. 15:10, referindo-se ao dom de sua «graça». Não obstante, acima de todos os homens, ele cedia ao poder que operava tão prodigiosamente por seu intermédio. Cristo é quem lhe emprestava o seu poder, o qual era aplicado nos seus labores em favor de Cristo; e, mediante tais descrições, Paulo mostra a «autoridade» do evangelho que anunciava, o qual também transformava aos crentes, em contraste com o ludíbrio da falsa mensagem dos gnósticos.

«...tudo posso naquele que me fortalece» (Fil. 4:13).

«...eficientemente...» Essa palavra traduz os termos gregos «en dunamei», «em poder». Paulo trabalhava estribado em uma real fonte de poder, externo a si mesmo, embora também se utilizasse de suas melhores realizações pessoais. A tradução inglesa RSV diz aqui «inspira poderosamente». A «operação divina» no seu «íntimo» o impulsionava poderosamente a fazer o que fazia. Paulo era um canal desimpedido, por meio do qual fluía o poder divino que faz prodígios. Não estava ele limitado a seus recursos naturais. E, devido à presença do Espírito Santo em nós, nenhum crente está limitado a seus recursos naturais. Somente dessa maneira é que a vida cristã pode ser realmente um sucesso, porquanto ninguém tem em si mesmo a força para viver à altura dos padrões de Cristo. É necessário o poder do Espírito Santo e a sua influência, para ajudar-nos a fazer isso. Isso mostra a razão por que devemos buscar ao Espírito Santo.

«...aquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém» (Efé. 3:20,21).

Alguns intérpretes pensam que está aqui em foco o ministério de milagres. Naturalmente, isso faz parte do quadro, pois assim é que Paulo operava; mas tal aspecto não é particularmente salientado aqui.

«Paulo tinha consciência de que em si mesmo operava a 'energia' de Deus, 'poderosamente', como dinamite». (Robertson, *in loc.*).

Capítulo 2

3. Sua grandeza, demonstrada no ministério apostólico (1:24- 2:5).

c. Interesse de Paulo por seus leitores (2:1).

Paulo mostrara como o plano remidor de Deus se espalhara por toda a população da terra então conhecida, e como esse poderoso evangelho, que operava poderosamente por seu intermédio, serve de prova da grandeza do Cristo que é seu tema. Tudo isso é por ele contrastado com a nova mensagem dos mestres gnósticos, que assediavam a comunidade cristã de Colossos; e assim demonstrou que aqueles crentes deveriam repudiar os falsos mestres e suas doutrinas, continuando a depender do evangelho do poder, que ele demonstrara em seu ministério. Paulo também mostrara que o verdadeiro evangelho chegara aos gentios, dos quais eles faziam parte; e agora, neste versículo, ele mostra que o ministério dele visava o bem deles, refletindo seu vivo e forte interesse por eles, embora, pessoalmente, ele nunca visitara a igreja de Colossos. Em Col. 1:25 também encontramos esse toque pessoal, pois a sua mordomia lhe fora dada (seu ofício e ministério apostólicos) por amor deles, para ser cumprida ou completamente efetuada no que concerne a eles. Certamente não era coisa de somenos, para eles, saberem que Deus se interessava por eles, e que parte da comissão de Paulo visava, especificamente, o benefício deles. Isso deveria levá-los a considerar o evangelho sob um novo prisma. Também se sentiriam mais gratos pelas provisões do evangelho, pois o mesmo tinha aplicações pessoais para com eles; talvez isso os atraísse para longe da falsa mensagem dos gnósticos, que tanto diminuía a posição e a missão de Cristo.

Os gnósticos tinham reduzido Cristo a mera emanção, como se ele fosse um mediador entre muitos. Para os mestres gnósticos, Cristo era apenas o *deus deste mundo*, e não de toda a criação; e a maioria desses mestres nem ao menos isso atribuía a Cristo. Além disso, imaginavam que somente uma pequena minoria de homens é passível de redenção; e isso limitava o suposto escopo da missão de Cristo. Os gnósticos separavam Deus dos homens por tão grande número de sombrios «aeons», que o contacto de Deus com os seres humanos se tornava virtualmente impossível. Tinham criado um conceito deísta de Deus. Em outras palavras, Deus seria o criador, mas somente através da instrumentalidade de uma longa sucessão de «emanções», não tendo qualquer contacto real com a sua criação, pelo que também não teria qualquer interesse pelos homens. Não faria qualquer intervenção direta quanto às atividades humanas, não julgando e nem recompensando. O mundo material simplesmente seria vil por demais para atrair a atenção de Deus. De fato, segundo pensavam, Deus ficaria contaminado se entrasse em contacto com a matéria, já que a matéria seria o princípio mesmo do mal. Entretanto, Paulo negava tudo isso. Para ele, Deus é uma entidade «teísta». Ele é o criador, e se interessa diretamente pelos homens, por meio de Cristo. Faz intervenção na história humana, recompensando ou punindo aos homens. A salvação seria mediada por intermédio de Cristo, e não mediante uma vastíssima sucessão de «aeons», além do que todos os homens são passíveis de redenção. Os crentes colossenses tinham participação em tudo isso, confirmando a verdade da missão de Cristo. Por conseguinte, deveriam estar ansiosos por negar à falsa mensagem herética dos gnósticos, que procuravam iludir aos crentes de Colossos com o seu novo «deus» e com o seu novo «cristo».

2 Θέλω γὰρ ὑμᾶς εἰδέναι ἡλίκων ἀγῶνα ἔχω ὑπὲρ ὑμῶν καὶ τῶν ἐν Λαοδικείᾳ καὶ ὅσοι οὐχ ἑώρακαν τὸ πρόσωπόν μου ἐν σαρκί, 1 Λαοδικία] add (4. 13) καὶ τῶν ἐν Ἱερραπολὶ 104 pc syb

2:1: Pois quero que saibais quão grande luta tenho por vós, e pelos que estão em Laodiceia, e por quantos não viram a minha pessoa;

Em Col. 1:29 é usada a metáfora do *atletismo*, com o uso da palavra «fadiga», que no grego é «agonizo», indicando os labores extremamente diligentes de Paulo em prol do evangelho. Agora ele pinta seu serviço em favor de Cristo como a nobre «competição» (no grego, «agona»). A forma verbal, com seu derivado nominativo, talvez já tivesse adquirido uma espécie de sentido semitécnico para indicar o martírio e a vida dos mártires em potencial, que se ocupavam no conflito contra as forças do mal. No segundo século de nossa era, essas palavras tinham tal sentido. Pelo menos, o martírio, e a vida que conduz ao menos, nunca são vistos nas Escrituras como uma resistência passiva, mas antes, como uma luta ativa pelo bem e contra as forças do mal.

Paulo já havia mostrado que tinha o direito de escrever aos crentes de Colossos, convencendo-os do erro, por causa de sua comissão divina e do escopo universal do seu ministério (ver os versículos vinte e cinco a vinte e nove do primeiro capítulo); e agora diz que tinha esse direito devido ao seu interesse pessoal por aqueles crentes, e porque lutava pessoalmente em favor deles, não sendo eles uma questão indiferente para ele. Sua ansiedade não estava limitada às igrejas por ele fundadas. Ele era apóstolo dos gentios. Até mesmo o trabalho em Colossos fora, indiretamente, fruto do seu labor (ver Col. 1:7 e ss.), porquanto Epafras labutava sob a sua autoridade, e, mui provavelmente, se convertera sob o seu ministério.

«...pelos laodicensenses...» (Quanto a notas expositivas sobre «Laodiceia» e a comunidade cristã ali existente, ver Apo. 3:14). Evidentemente Paulo também não trabalhara em Laodiceia, lugar que distava cerca de cento e trinta quilômetros de Éfeso e menos de trinta e cinco quilômetros de

Elogio ao trabalho árduo: «Nenhum grande trabalho em prol de Deus será realizado sem esforço e tensões físicas e mentais... o trabalho mais exaustivo é o trabalho cerebral e o trabalho do coração. Talvez houvesse pregadores e mestres, em Colossos, que trabalhavam de maneira tranqüila e dignificada, sempre cuidando em não esforçar-se até ao ponto da exaustão... O corredor que cuida em diminuir sua velocidade, sempre que corre o perigo de irromper em transpiração, não conquista o prêmio. O ministro cristão que teme em lançar todo o seu esforço em seu trabalho, até ao ponto da exaustão, nunca conseguirá realizar grande bem... A tensão dessa vida de esforço e conflito 'envelheceu' a Paulo, quando ele ainda não era avançado em anos. Tal agonia de alma e tal labor são indispensáveis para todo o serviço elevado de Cristo. Como pode qualquer vida cristã, verdadeira e nobre, ser vivida sem esforço contínuo e conflito constante? Até à última partícula de nosso poder, nosso dever é trabalhar. Quanto ao serviço sonolento, lânguido e auto-indulgente dos cristãos modernos, os quais parecem estar interessados principalmente em não se cansarem em demasia, como se fosse possível ganhar a corrida à frente deles, sem despentear os cabelos, temo que grande dedução será feita, naquele dia em que a obra de cada um será testada, para saber-se de que qualidade é... Temos não somente a sua presença ao nosso lado, como um aliado, mas também temos a sua graça em nosso interior... Já é muito sabermos que Cristo luta por nós; é mais ainda saber que ele luta em nós». (MacLaren, *in loc.*).

Colossos; mas, tal como no caso de Colossos, provavelmente também fora o originador indireto da igreja daquele lugar. Fica implícito que os crentes de Laodiceia também vinham sendo atacados por alguma heresia similar à de Colossos, pelo que Paulo também se preocupava por eles, ao ponto de tornar-se uma «competição», uma questão agonizante para ele. É provável que Paulo aluda aqui, indiretamente, ao seu aprisionamento, talvez em Éfeso, que ficava tão próximo, e que fora ocasionado por seus labores naquela área, como também ao seu contínuo ministério de oração em favor deles. Também podem estar em foco certos mensageiros que ele lhes enviara, a fim de encorajá-los a andarem condignamente no caminho cristão e de protegê-los dos ataques heréticos. Laodiceia é cidade mencionada aqui porque esta epístola aos Colossenses deveria ser lida por aqueles crentes também (ver Col. 4:16), ao passo que certa outra epístola, provavelmente agora perdida, que Paulo enviara aos crentes laodicensenses, deveria ser lida pela comunidade cristã de Colossos. Alguns estudiosos têm conjecturado que a carta aqui mencionada seria a nossa epístola aos Efésios ou a nossa epístola a Filemom, o que é possível, apesar de não passar de uma mera conjectura.

Variantes Textuais: As palavras «por vós» figuram nos mss P(46), Aleph ABCD(2)P. As palavras «concernente a vós», porém, fazem parte dos mss D(1,3)GKL e da maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição bizantina. Evidentemente, esta última forma é secundária. Alguns manuscritos acrescentam «e (por) aqueles de Hierápolis», conforme dizem os mss 10, 31, 73, 118 e O Si(harl), mas isso é uma glosa com base em Col. 4:13, onde há notas expositivas.

«...e por quantos não me viram face a face...» Há duas coisas que ficam subentendidas aqui: 1. Os crentes colossenses e laodicensenses não eram conhecidos de Paulo. 2. Ele também não conhecia a outros crentes daquela

região, como os de Hierápolis, que também eram objetos de sua agonia espiritual. O trecho de Col. 1:4, naturalmente, já indicara que ele não era fundador da igreja de Colossos; e a presente referência reforça isso.

«...face a face...» Literalmente, teríamos a tradição «minha face na carne». Os crentes tinham ouvido falar no apóstolo dos gentios, e tinham amigos mútuos, alguns dos quais eram líderes principais da comunidade cristã; mas nunca o tinham visto pessoalmente, embora o reconhecessem «espiritualmente». Essas palavras não envolvem qualquer idéia de separar

4. A grandeza de Cristo como mistério de Deus (2:2,3).

Nesta breve seção, Paulo apresenta um outro dos mistérios cristãos. (Ver as notas expositivas em Mat. 13:13 e Rom. 11:15, onde há uma lista e breve discussão acerca de todos os «mistérios» do N.T.). Essas mesmas referências, em suas notas expositivas, explicam a palavra «mistério», em seus usos diversos. As notas sobre Col. 1:26 acrescenta notas adicionais de interesse. Há um grande e todo inclusivo mistério da vontade de Deus (ver Efé. 1:10), que fala sobre o desígnio de Deus, que é o de produzir a restauração e a *unidade universal* sob o senhorio encabeçador de Jesus Cristo. Isso envolve todos os seres e todas as coisas, e não meramente esta terra e seus habitantes. Por tratar-se de algo tão vasto, naturalmente deve incluir diversas subcategorias. Algumas dessas subcategorias também são chamadas «mistérios», conforme se vê na lista abaixo:

1. O mistério da igreja, ou seja, como esse plano restaurador envolve os eleitos (o que é comentado em Efé. 3:10).
2. O mistério da igreja na qualidade de *noiva de Cristo* (comentado em Efé. 5:32).
3. O evangelho (especialmente visto como algo que se torna eficaz devido ao Cristo em nós residente) também é um mistério (ver Col. 1:26), e isso é o instrumento que produz o mistério da vontade de Deus relativa aos homens, à edificação da igreja e à condução da «noiva de Cristo» à sua completa redenção.
4. Também há o modo como Deus produz a piedade nos homens, através da encarnação (ver I Tim. 3:16); e isso também é uma subcategoria do grande mistério da vontade de Deus.

5. Finalmente, o próprio Cristo é o grande mistério de Deus, em sua pessoa e em sua obra. E isso nos é ensinado no segundo versículo do presente capítulo. Paulo tinha a esperança que os crentes se sentiriam tão *unidos* em amor e na compreensão sobre as realidades espirituais que reconheceriam a Cristo, o qual é o mistério de Deus, rejeitando o «cristo» aviltado do ensinamento gnóstico: eles tinham reduzido Cristo a um dos meros «aeons» ou poderes angelicais. (Quanto a notas expositivas completas sobre a natureza da heresia gnóstica, em Colossos, ver a seção III da introdução a este livro, juntamente com as notas expositivas sobre Col. 2:18).

O objetivo desta epístola de Paulo é que aqueles crentes viessem a conhecer a Cristo, conforme ele deve ser conhecido, o mistério de Deus, com tudo quanto isso envolve (ver o primeiro versículo). A sua esperança era que tais instruções, transmitidas em espírito de amor, seriam eficazes, pois, através do crescimento espiritual, viriam a conhecer a verdade do Cristo que ele pregava.

2 ἵνα παρακληθῶσιν αἱ καρδίαι αὐτῶν, συμβιβασθέντες ἐν ἀγάπῃ καὶ εἰς πᾶν πλοῦτος τῆς πληροφορίας τῆς συνέσεως, εἰς ἐπίγνωσιν τοῦ μυστηρίου τοῦ θεοῦ, Χριστοῦ¹,

¹ 2 {B} τοῦ θεοῦ, Χριστοῦ p⁴⁶ B Hilary Pelagius Ps-Jerome // τοῦ θεοῦ D^h H P 436* 1881 cop^{ms} // τοῦ Χριστοῦ 81 1241 (1739 omit τοῦ) Euthalius // τοῦ θεοῦ καὶ Χριστοῦ ^{809*} Cyril // τοῦ θεοῦ ὁ ἐστὶν Χριστὸς D* itar^{d, c, x} (eth) (Ephraem) Pelagius Augustine Vigilius // τοῦ θεοῦ τοῦ ἐν Χριστῷ 33 (Clement θεοῦ ἐν) Ambrosiaster // τοῦ θεοῦ πατρὸς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ arm // τοῦ θεοῦ πατρὸς τοῦ Χριστοῦ (N* 048 πατρὸς Χριστοῦ) A C (it^{div} Ἰησοῦ Χριστοῦ, it^{c, f, z} vg^{ww} cop^{ms} Χριστοῦ Ἰησοῦ) cop^{bo}

2 2 τοῦ μυστηρίου...Χριστοῦ Eph 3:4; Col 1:26; 4:3

Ps-Jerome // τοῦ θεοῦ πατρὸς καὶ τοῦ Χριστοῦ 0208 1908 (it^{dem} καὶ κυρίου ἡμῶν Χριστοῦ Ἰησοῦ, it^{mon} κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ and omit καὶ) (vg^a cop^{ms} add Ἰησοῦ) syr^p Chrysostom (Pelagius) Theodore^{1st} (Cassiodorus) // τοῦ θεοῦ καὶ πατρὸς τοῦ Χριστοῦ N^b Ψ 1962 1984 1985 2127 ^{700s, 800s} syr^h // τοῦ θεοῦ καὶ πατρὸς καὶ τοῦ Χριστοῦ D^e K (38 καὶ τοῦ πατρὸς) 104 181 326 330 436^{ms} 451 614 (629 add Ἰησοῦ) 630 1877 2492 2495 *Byz Lect* (syr^h second καὶ with *) Theodore^{2nd} John-Damascus

2 καὶ om D* Ambst |

Entre aquilo que à primeira vista parece ser uma variedade espantosa de variantes, aquela adotada como texto é claramente preferível: (a) por causa de forte testemunho externo (P (46) B Hilário Pelágio Ps.-Jerônimo) e (b) porque somente ela provê explanação adequada das outras formas, como diversas tentativas escrbais para melhorar a ambigüidade sintática de — τοῦ θεοῦ, Χριστοῦ.¹

1. Quanto a uma mais completa discussão, ver Metzger, *The Text of the New Testament*, págs. 236-238.

2:2: **para que os seus corações sejam animados, estando unidos em amor, e enriquecidos da plenitude do entendimento para o pleno conhecimento do mistério de Deus — Cristo,**

«...para que os seus corações sejam confortados...» No grego temos o termo «*parakaleo*», «consolar», «encorajar». Aqueles crentes deveriam pôr um ponto final nas contendas produzidas pelas heresias, a fim de que fossem fortalecidos mediante o crescimento no verdadeiro Cristo. A palavra «...corações...» aponta para as afeições íntimas, para as emoções, embora, normalmente, nas páginas do N.T., seja a sede de operações do íntimo, a saber, a alma ou espírito, o homem interior e real, a pessoa essencial. O objetivo do esforço de Paulo é que aquelas almas fossem aprimoradas no tocante à obra remidora e santificadora de Cristo. Por outro lado, temia ele que as heresias que os assaltavam destruíssem seu crescimento em Cristo, derrubando-os completamente (ver Col. 1:23). Ele queria que suas almas fossem «fortalecidas», de tal modo que mantivessem sua lealdade para com Cristo. O «homem interior» deles (o «coração») poderia ser dominado pelas pretensões da doutrina gnóstica, o que, apesar de seu tom eloqüente e bombástico, não honrava à pessoa de Jesus Cristo, pelo que deveria ser ignorada.

«...vinculados juntamente em amor...» No grego temos «*sumbibadzo*», «reunir», «unificar», palavra usada em relação a juntas e ligaduras, cuja função é a de unir os vários elementos do corpo. O amor cristão é pintado como o «laço de união», que une um crente ao outro, mediante o amor fraternal, ao mesmo tempo em que todos são unidos a Cristo. No trecho de Col. 3:14 o amor é chamado de «vínculo da perfeição», ou seja, aquilo que une tudo, formando um todo perfeito e harmônico. A heresia gnóstica, porém, introduzira o conflito e a contenda na igreja, separando irmão de irmão, bem como a igreja da pessoa de Cristo. Paulo desejava que houvesse a restauração do amor, que uniria aqueles crentes. O amor é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22), pelo que a oração por sua restauração significa uma nova atividade do Espírito Santo no meio daqueles crentes. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor»,

alguns «conhecidos» de Paulo dos «desconhecidos» dele naqueles lugares. Tão-somente indicam que ele não visitara aquela região em geral, embora houvesse ali diversas comunidades cristãs. Essas palavras, por igual modo, não fazem a separação entre «Colossos» e «Laodicéia», como se houvesse localidades que ele conhecia e outras que ele não conhecia, na mesma área; idéia essa que alguns intérpretes têm defendido. O trecho de Col. 1:4 é contrário a tais interpretações, porém.

além da referência já dada, ver João 14:21 e 15:10, onde o amor aparece como «guia da expressão na família de Deus»; ver também João 3:16 quanto ao «amor de Deus» e Rom. 5:8 quanto ao amor como uma das «operações do Espírito Santo». Essas notas são acompanhadas de poemas ilustrativos).

A palavra aqui usada pode significar «instruir» (assim se vê na tradução latina da Vulgata); mas o amor é visto como o «criador» e o «preservador» da unidade. Esse é o significado que deve ser preferido.

«...e tenham toda riqueza da forte convicção do entendimento...» A posse de todo o firme entendimento das realidades espirituais, particularmente sobre aquilo que tange a Cristo, reconhecendo aquilo que ele é, bem como à sua missão, é retratado como uma «riqueza». Paulo queria que aqueles crentes soubessem que lhes estava sendo furtada a sua maior riqueza, pela obra insidiosa dos mestres gnósticos. Porém, não é apenas a doutrina falsa que pode fazer isso. As «práticas falsas», isto é, o viver abaixo do padrão de vida cristã, podem ter o mesmo resultado. Um número demasiado de crentes se deixa roubar voluntariamente de seu tesouro em Cristo. Paulo queria que aqueles crentes tivessem «pleno discernimento» das realidades espirituais, porquanto isso os enriqueceria. Esse «discernimento», como é óbvio, é dado pelo Espírito, não sendo função da razão humana. Opera por meio do amor, solo fértil para seu desenvolvimento. O discernimento encontra sua maior realização ao descobrir a riqueza do mistério de Deus, que é Cristo. O termo grego «*sunesis*», «entendimento», é usado especificamente aqui para indicar a «acuidade» espiritual, o reconhecimento da verdade em relação ao erro, de tal modo que aqueles crentes escolhessem a Cristo e repelisses ao gnosticismo. O Espírito Santo tem o poder de fazer uma pessoa ter plena consciência do que seja a verdade.

«...forte convicção...» No grego temos a palavra «*plerophoria*», que pode significar «plena certeza», «certeza», «pleno entendimento». Paulo queria que os seus leitores tivessem plena certeza de fé, quanto à verdade revelada em Cristo, não se deixando deslocar mais do seu evangelho para as perversões do gnosticismo. Nessa plena certeza é que fluem as riquezas da graça e todas as bênçãos espirituais que há em Cristo (ver Efé. 1:3).

«...o mistério de Deus, Cristo...»

Variantes Textuais: Nenhum outro versículo do N.T. tem tantas variantes textuais quanto este, o que faz com que qualquer restauração do texto seja, pelo menos em parte, uma questão de conjectura; e muitos estudiosos pensam que a restauração do texto autêntico seja quase impossível, se não forem descobertos manuscritos mais antigos. Talvez seja até mesmo necessário que a própria epístola original tenha de ser descoberta, para termos certeza quanto a esse particular. Abaixo apresentamos as variantes, conforme chegaram a nós, nos manuscritos que possuímos.

1. «...do ministério de Deus e do Pai e de Cristo...» Assim dizem os mss DEKL e a maioria dos manuscritos posteriores, principalmente da tradição «koine» (bizantina). É óbvio que isso é uma mescla ornada, e não o original. Isso é seguido pela tradução inglesa KJ.

2. «...do mistério de Deus...» é a forma que aparece nos mss H(1)P(1) 69 e alguns poucos manuscritos posteriores. Nenhuma tradução, dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação neste comentário, segue essa variante.

3. «...do mistério de Deus, que é Cristo...» são as palavras dos mss D, do lat *d e e*, como também dos escritos de Agostinho. Isso é seguido pela tradução M.

4. «...do mistério de Deus em Cristo...» é a forma que se vê no ms 33 e nos escritos de Clemente. Nenhuma tradução segue essa forma.

5. «...do mistério de Deus, o Pai de Cristo...» é a forma dos mss AC, 4, no Sa, no Bo e na tradução F.

6. «...do mistério de Deus, Cristo...» Essa é a forma dos mss P(46) e B e dos escritos de Hilário de Poitiers. Todas as traduções usadas para efeito de comparação, neste comentário, excetuando KJ, F e M, têm essa forma. Tal forma, além de figurar nos dois manuscritos mais antigos que há das epístolas de Paulo, parece ser a que mais facilmente explica a existência das demais variantes, ou seja, da forma alterada, a fim de trazer as outras formas à existência. A maioria dessas variantes são glosas explanatórias ou adornos. A dificuldade consiste, principalmente, de não se colocar uma vírgula ou pausa após a palavra «Deus», assim impedindo que o termo «Cristo» seja entendido em oposição ao vocábulo «mistério». Este versículo tem por intuito ensinar que o próprio Cristo é o mistério, e algumas traduções enfatizam o ponto, ao dizerem, «o mistério de Deus, que é o próprio Cristo».

Apesar de que essa parece ser a solução mais provável, alguns eruditos creem que mesmo assim não foi recuperado o texto original. Alguns têm conjecturado que a palavra «Cristo» seja uma glosa antiquíssima, e que o texto original diria: «...o mistério de Deus, em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento...» Nesse caso, o mistério seria o *evangelho*, tal como em Col. 1:26. Mas somente alguns poucos manuscritos antigos, de valor secundário, dizem assim, pelo que tal possibilidade deve ser mantida dentro do terreno das conjecturas.

Parece melhor reter a palavra «Cristo» como parte do texto original, entendendo que o próprio Cristo está «cheio de todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento» (ver o terceiro versículo) e é o mistério de Deus. Von Soden pensava que o mistério é o próprio Deus, isto é, o «Deus de Cristo», ou Deus revelado em Cristo (genitivo possessivo), ou então em sentido subjetivo, «o Deus a quem Cristo revela». Mas isso não se coaduna com o contexto, que é a glorificação de Cristo; pois a grandeza de Cristo, a despeito dos ataques dos gnósticos, deve ser plenamente reconhecida.

Portanto, parece que Cristo é aqui designado como o próprio «mistério». Cristo é o resplendor de Deus, é a sua «emanação», se é que podemos usar o termo empregado pelos gnósticos, pois ele incorpora em si mesmo tudo quanto os gnósticos pensavam que pertencia às «emanações» ou *aeons*. Paulo, pois, como que dizia: Não há necessidade dessa doutrina dos «aeons», o suposto mistério de Deus. Antes, esse mistério é Cristo, e ele somente; nele se concentra tudo quanto os gnósticos afirmavam acerca das emanações divinas. Se alguém tiver de «iniciar-se» em qualquer mistério, que se inicie em Cristo, mediante o conhecimento e a fé nele.

3 ἐν ᾧ εἰσιν πάντες οἱ θησαυροὶ τῆς σοφίας καὶ γνώσεως ἀπόκρυφου.

3 Is 45:3; En 46:3; 1 Cor 1:24, 30; Eph 3:19 οἱ...ἀπόκρυφου Pr 2:3-4

2:3: no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.

A linguagem deste versículo, muito provavelmente, se deriva do trecho de Isa. 45:3, onde se lê: «...dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas...», a qual não tem nenhuma conexão real com esta passagem, embora, evidentemente, a tenha influenciado verbalmente.

Cristo, na qualidade de mistério de Deus, é o grande guardião dos atributos divinos da sabedoria e do conhecimento, o que aponta para suas verdades e realidades espirituais. Os gnósticos pensavam que as muitas emanações divinas, ou «aeons», é que possuíam tal tesouro, embora nenhum deles o possuísse em sua totalidade. Cada «aeon» possuiria uma parte dessas riquezas, mas todos juntos possuiriam o todo. Assim sendo, seriam uma revelação das riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus, como também de outros atributos divinos, como o amor, o poder, a bondade, etc. Mas Paulo afirmava que não precisamos olhar para os «aeons», para receber tal revelação. Antes, em Cristo é que está incorporada toda a revelação de Deus, pois ele é a *plenitude de Deus*, a «pleroma», conforme se lê em Col. 1:18 e 2:9. Neste ponto, Paulo limita a natureza dessa «pleroma» ou «plenitude» às qualidades divinas da «sabedoria» e do «conhecimento», provavelmente porque os gnósticos salientavam tanto essas questões, como se elas fossem os benefícios derivados de seus ritos e cerimônias místicos. Esperavam obter a sabedoria e o conhecimento divinos, entendendo mistérios profundos sobre a conduta perfeita e o destino humano, por intermédio de seus ritos. Mas tudo isso Paulo encontrava exclusivamente em Cristo, não nas emanações ou *aeons* e nem no falso misticismo dos gnósticos. Há um misticismo autêntico, que consiste das operações do ministério do Espírito Santo, e a sua substância é «Cristo em vós, a esperança da glória».

«...da sabedoria e do conhecimento...» Essas palavras são freqüentemente achadas juntas. Ver Rom. 11:33 e compare com Ef. 1:8. (Ver também o vigésimo oitavo versículo do presente capítulo). A pregação cristã era feita com «sabedoria» inspirada por Deus. A sabedoria indica, particularmente, aquele discernimento e aquela inteligência divinos mediante o que se aplica o princípio da sabedoria. Paulo afirmava, pois, que qualquer benefício que um homem possa derivar da sabedoria divina,

Se o texto correto é «...de Deus, Cristo...» (conforme se supõe aqui), então são possíveis quatro idéias básicas—o grego envolvido pode ser interpretado de quatro maneiras diversas, a saber:

1. Cristo estaria em oposição a Deus. Mas isso o identificaria como a mesma pessoa que o Pai, pelo que tal idéia não é admissível segundo bases doutrinárias. O «Deus (que é) Cristo» poderia estar em foco, mas é muito improvável tal pensamento.

2. Cristo seria independente do Pai, o mistério «de Deus e de Cristo».

3. Poderia estar em pauta «o Deus de Cristo», se Cristo fosse compreendido como dependente de Deus; mas isso faria o mistério ser o próprio Deus, que não é muito provável em uma passagem especificamente tencionada a exaltar a Cristo.

4. O próprio Cristo é o mistério aqui aludido. Então teríamos «o mistério de Deus, que é Cristo», em que Cristo aparece em oposição a mistério. Essa é a interpretação adotada neste comentário, de acordo com os termos da explicação anterior.

«...forte convicção...» No grego encontramos a palavra «*epignosis*», uma forma intensificada, embora com freqüência, no grego helenista (do qual o N.T. é um exemplo), a forma intensificada não deva ser entendida como tal, mas apenas como o normal. Neste contexto, todavia, a intensificação parece que deve ser entendida. Paulo queria que aqueles crentes tivessem o pleno conhecimento do verdadeiro Cristo. Paulo indicava o conhecimento espiritual, naturalmente, e não mero entendimento de proposições intelectuais. Notemos, em Col. 1:10, que um dos pedidos feitos na oração de Paulo é que os crentes fossem cheios do «conhecimento de Deus», e a passagem de Ef. 1:17 encerra o mesmo pedido. Está em foco o conhecimento experimental e místico, dado através do Espírito Santo, e não a mera compreensão intelectual dos problemas teológicos. Nesse caso, o conhecimento inclui o discernimento de que, em Cristo, estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (ver o terceiro versículo). Esse tipo de conhecimento haveria de livrar àqueles crentes das especulações dos mestres gnósticos, dando-lhes entendimento sobre as mais elevadas verdades espirituais.

Por muitas e muitas vezes, Paulo assevera que somente o contacto e a comunhão vitais com o Cristo vivo pode dar-nos a experiência espiritual veraz, o que muitíssimo nos ajuda na inquirição espiritual. Cremos e profissões de fé não são suficientes. Ele dá a entender que há um Espírito de Deus que se interessa pelos remidos e com eles tem companheirismo, e que é a comunhão com ele que empresta vitalidade à vida cristã. Se tivermos qualquer coisa menos do que isso, cairemos fora do terreno neotestamentário.

Cristo é o mistério do Deus Altíssimo: Um mistério só pode ser conhecido por meio de revelação. O evangelho revelou Cristo ao mundo, e o Espírito Santo, o *alter ego* de Cristo, faz do evangelho uma palavra viva, mediante o que a vida celestial é infundida nos homens.

Como Cristo É O Mistério De Deus

1. Ele é o *pleroma*, compartilhando a natureza divina e todos os seus atributos. Ver as notas sobre Col. 2:10 que explicam este conceito.

2. Na criação, portanto, ele é a manifestação de Deus. Ver João 1:18 sobre este conceito.

3. Ele é o *padrão* da transformação espiritual dos outros filhos. Ver Rom. 8:29 sobre este conceito.

não é mediado através dos «aeons» postulados pelos gnósticos, mas antes por meio de Cristo e seu evangelho, e isso segundo a pregação dele, Paulo. Naturalmente, não há no texto qualquer tentativa de confinar a isso a sabedoria de Deus, posto que tal idéia seja central aqui. Paulo apontava para qualquer forma de sabedoria, pois em todas as suas formas, sempre teria Cristo como mediador, e não os «aeons» dos gnósticos.

«...tesouros...» A sabedoria e o conhecimento são um depósito «precioso». Isso aponta para seu alto preço, para seu valor. Lembremo-nos das parábolas da pérola de grande preço e do tesouro escondido em um campo (ver Mat. 13:44-46). Tudo quanto um homem tem, dará em troca da possessão dessas realidades, isto é, dos benefícios espirituais que chegam até nós por meio de Cristo. Paulo queria que reconheçêssemos do que consiste o verdadeiro valor.

«...estão ocultos...» No grego temos a palavra «*apokrupto*», «esconder», «ocultar», «guardar em segredo». Mas, em que sentido é que esses tesouros divinos estão ocultos? Vejamos:

1. Não tendo em vista mantê-los escondidos, mas a fim de conservá-los em segurança, para que, finalmente, sejam tirados à luz, isto é, revelados.

2. A escolha desse termo grego sem dúvida foi influenciada pelo que afirmavam os gnósticos, que falavam sobre a «sabedoria oculta», que seria revelada exclusivamente aos iniciados, através de seus ritos mágicos. Portanto, é como se Paulo tivesse escrito: «Se tivermos de falar sobre a sabedoria e o conhecimento ocultos, então todos os tais devem ser vistos ocultos em Cristo, e não em seres inferiores».

3. Não há qualquer pensamento, aqui, de serem «conservados ocultos», de modo a virem a ser revelados somente a alguns poucos indivíduos,

4. Pode haver certo indício que tais coisas estão contidas em mistérios divinos, transcendendo aos poderes de investigação da razão humana; só podem ser conhecidos mediante a revelação; mas, porque são mistérios, permanecem certos elementos dos mesmos que somente a passagem do tempo, com um maior desenvolvimento espiritual, pode revelar. Isso sempre se dará no caso dos mistérios divinos.

5. Em Cristo temos acesso à sabedoria e ao conhecimento divinos, porque

é nele que essas coisas existem, não podendo nós procurá-las em outrem. Através da revelação do evangelho, desde agora podemos começar a explorar esses tesouros, os quais só continuam ocultos para aqueles que insistem em procurá-los algures. Os mestres gnósticos tinham seus compêndios secretos de ritos mágicos, cujo intuito era o de *revelar*, aos iniciados, a «sabedoria» de Deus. Mas Paulo garante que toda a revelação autêntica se limita a Cristo e ao seu evangelho. Cristo guarda a verdade divina até que seja da vontade de Deus revelá-la. Quando Deus deseja

5. Sua grandeza em contraste com os ensinamentos e as práticas falsos (2:4-23)

a. O perigo dos ensinamentos ludibriadores, não alicerçados em Cristo (2:4-23)

4 Τοῦτο λέγω ἵνα μηδεὶς ὑμᾶς παραλογίζηται ἐν πιθανολογίᾳ.

4 Ro 16:18; Eph 5:6; Col 2:8

4 Τοῦτο] add δε D pl Cl G

2:4: Digo isto, para que ninguém vos engane com palavras persuasivas.

«...vos engane...» No grego temos «paralogidzomai», «defraudar», «distorcer», «enganar com falsos raciocínios». No presente texto, subentende que aqueles crentes corriam o perigo de serem desviados da verdade por meio de uma doutrina expressa através de uma linguagem astuciosa, revestida de uma plausibilidade superficial, com base em uma dialética fundamentalmente doentia, quando comparado com os verdadeiros padrões do raciocínio espiritual.

«...com raciocínios falazes...» No grego é «pitanologia», «fala persuasiva», «arte da persuasão». Isso poderia ter bom ou mau sentido; mas aqui se reveste de um mau sentido: sofismas. A palavra «pithanos», que é a raiz da palavra aqui usada, significa «calculada para persuadir», derivada de «peitho». Era empregada para indicar pessoas «persuasivas»; mas, algumas vezes, em mau sentido, significava «crédulo», aqueles que se deixam persuadir mui rapidamente. Nos papíros descobertos recentemente, pertencentes ao primeiro século de nossa era, há uma frase que usa essa palavra, com o sentido de «palavras suaves», usadas por ladrões, que procuravam manter a posse de objetos por eles furtados. Os escritos clássicos se utilizam dessa palavra com o sentido de «argumento provável», em oposição a um argumento estrito e completamente demonstrável. Paulo queria que a fé daqueles irmãos se alicerçasse em mais do que «argumentos prováveis». Tinha a confiança de que aquilo que dizia fora recebido por revelação de Deus, pelo que sua mensagem era superior a meros

5 εἰ γὰρ καὶ τῇ σαρκὶ ἄπειμι, ἀλλὰ τῷ πνεύματι σὺν ὑμῖν εἰμι, χαίρων καὶ βλέπων ὑμῶν τὴν τάξιν καὶ τὸ στερῆμα τῆς εἰς Χριστὸν πίστεως ὑμῶν.

5 εἰ γὰρ...σὺν ὑμῖν εἰμι 1 Cor 5:3

2:5: Porque ainda que eu esteja ausente quanto ao corpo, contudo em espírito estou convosco, regozijando-me, e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.

Este versículo mostra-nos que a heresia gnóstica não progredira tanto que já fizesse dano irremediável. Paulo mostra aqui que confiava naqueles crentes, e procura inspirá-los com a mesma confiança. Encoraja-os a buscar a maturidade espiritual em Cristo, o que lhes ajudaria a evitarem os dardos do maligno.

«...alegrando-me...», porque Paulo via a boa ordem e a firmeza da fé deles. (Ver Fil. 1:4 e 4:4, quanto ao mesmo tema da «alegria cristã», que domina aquela epístola. Ver a «alegria» como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, em Gál. 5:22; e, quanto a notas gerais sobre esse tema, ver João 15:11).

Paulo vinha justificando sua «intervenção» em Colossos; e isso ele conclui demonstrando, com bom espírito, que na realidade não acusava aqueles crentes de apostasia, mas tão-somente os advertia do perigo, não pensando que eles já tinham cedido aos ensinamentos falsos.

«...ausente quanto ao corpo...» Paulo escrevia de uma prisão, em Éfeso ou Roma. Não estava em companhia deles, mesmo que assim o quisesse; no entanto, não estavam esquecidos por ele, e queria que soubessem que desejava encorajá-los. É mais fácil vencermos em qualquer questão quando sabemos que alguém está interessado em nós, encorajando-nos e dando-nos seu apoio moral. Nada há nesta expressão que indique que antes Paulo estivera com eles. Essas palavras talvez apontem para alguma compreensão ou discernimento misterioso, quanto à natureza das questões religiosas em Colossos, uma espécie de «presença» espiritual com eles, tal como se deu no caso de Eliseu (ver II Reis 5:26). Mas, tal como na linguagem moderna, isso pode indicar que não se olvidava deles, que anelava pelo seu bem-estar, preocupando-se com tudo quanto faziam.

Referências e idéias. A ALEGRIA:

1. Deus é quem dá alegria (ver Ecl. 2:26 e Sal. 4:7). 2. Cristo foi nomeado para dar alegria (ver Isa. 61:3). 3. E um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22). 4. O evangelho é as boas novas de alegria (ver Luc. 2:10,11). 5. A Palavra de Deus transmite alegria (ver Nee. 8:12 e Jer. 15:16). 6. O evangelho deve ser recebido com alegria (ver I Tes. 1:6). 7. É prometida aos santos (ver Sal. 132:16; Isa. 35:10; 55:12 e 56:7). 8. É preparada para os santos.

6 Ὡς οὖν παρελάβετε τὸν Χριστὸν Ἰησοῦν τὸν κύριον,

2:6: Portanto, assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também nele andai,

O pensamento tem natureza geral. Aqueles crentes se mantinham firmes na sua fé em Cristo, não se deixando abalar da esperança que nele tinham; haviam recebido a mensagem cristã da parte de Epafra (ver Col. 1:7) e tinham sido remidos em Cristo (ver Col. 1:14). Por essas razões, precisavam ter cuidado de fazer com que sua conduta se conformasse com os padrões da mensagem cristã.

«...recebestes...» Não fala isso, diretamente, sobre a «aceitação de Cristo como Salvador e Senhor», como se vê nas confissões evangélicas, mas a alusão é ao recebimento do conhecimento do Cristo pregado por Epafra (ver Col. 1:7) e através das palavras, das epístolas e do exemplo dados por

desvendar a sua verdade, fá-lo através de Cristo e em Cristo. Já que o próprio vocábulo «mistério» subentende a necessidade de revelação, tanto da «externa»—conforme se dá no evangelho—como da «interna»—através do Espírito Santo—podemos entender esses profundos assuntos, sentindo a sua imensidade, somente por causa da ajuda espiritual. Por conseguinte, cumpre-nos inquirir diligentemente pela «iluminação» do Espírito Santo. (Ver as notas expositivas em Efê. 1:18, onde essa verdade nos é ensinada de forma direta).

argumentos.

O bode Judas: Paulo adverte os crentes colossenses acerca dos falsos mestres, e não admira que os falsos mestres ensinem erros perversos, pois o próprio Satanás se transforma em ministro de luz (ver II Cor. 11:14). Ficaríamos surpresos, pois, que haja ministros «cristãos» que, na realidade, sejam enganadores?

Conta-se a história de certo bode branco que, por muitos anos, foi usado na Butchers' Dressed Meat Company, de Nova Iorque. Esse bode era empregado para conduzir as ovelhas ao matadouro, a começar às sete horas da manhã, escoltando-as desde o desembarcadouro. Em média, ele fazia de oito a dez viagens por dia, calculando-se que, durante sua carreira, ele conduziu nada menos de quatro milhões e meio de ovelhas à morte. Era um bode alvo, de bela aparência, pelo que não tinha dificuldade em conduzir as ovelhas à sua inesperada condenação. Assim também os gnósticos, em Colossos, com seus argumentos eloquentes e plausíveis, com suas doutrinas aparentemente profundas, conduziam a muitos para longe de Cristo, para detrimento das almas de suas vítimas (ver Col. 1:23). O que é que nós permitimos que nos afaste de Cristo.

Este versículo adverte-nos indiretamente contra a permissão que a influência de falsos mestres religiosos se aposse de nós. O poema abaixo ilustra como um homem pode ser influenciado por todas as suas associações.

«...a vossa boa ordem...» No grego temos o vocábulo, «tackis», usado frequentemente no vocabulário militar, para indicar a posição e boa ordem das tropas, ou a linha ininterrupta da vanguarda. Tal como um exército bem treinado, a igreja de Colossos se unia para resistir ao ataque. (Ver Efê. 6:10, onde a metáfora é expandida).

«...e a firmeza...» No grego há «stereoma», «firmeza», «constância», talvez em continuação à metáfora militar. Tendo feito tudo, eles ainda «permaneciam firmes», conforme é o dever dos soldados (ver Efê. 6:13). É esse o termo, posto que de forma diferente, de onde obtemos o vocábulo moderno «estéreo», «estereofônico», que significa o som cheio, completo, sólido. Os crentes de Colossos ainda tinham fé «solidamente» firmada em Cristo, conforme sua conduta o demonstrava.

«...da vossa fé...» Como quase sempre sucede nas páginas do N.T., temos aqui a fé subjetiva, isto é, a confiança em Cristo, a outorga da alma a seus cuidados. (Ver as notas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1). Já a fé «objetiva» é a «fé cristã» como um «credo», como «conjunto de doutrinas». Mas isso não está em foco aqui, embora a outorga da alma a Cristo envolva a aceitação de várias idéias básicas sobre sua pessoa e missão.

«...em Cristo...» Essas palavras indicam a confiança daqueles crentes no Senhor Jesus, a outorga de suas almas a ele, em contraste com sua possível crença na falsa mensagem gnóstica.

Portanto, Paulo refere-se a aqueles crentes como soldados em seus postos, sob ataque, mas firmemente estacionados, em boa formação de batalha, de tal maneira que nenhuma estratégia do inimigo possa dividir suas fileiras ou fazê-los fugir. Estando no cárcere, Paulo, observando os soldados que por ali havia, foi naturalmente levado a empregar essa metáfora baseada na vida militar.

Alguns estudiosos negam que aqui haja uma metáfora de natureza militar; mas tal metáfora sempre é boa como ilustração, mesmo que não seja diretamente salientada. A igreja em Colossos, conforme pensava Paulo, continuava sendo:

Uma torre forte

Que resiste quadrada aos ventos que sopram.

ἐν αὐτῷ περιπατεῖτε,

Paulo. Isso pode ser comparado com I Tes. 4:1, onde se lê: «...como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, contínuis progredindo cada vez mais». Assim também a idéia de «receber da parte de mestres», é a idéia que figura nos trechos de Gál. 1:9 e Fil. 4:9. Também há aquele recebimento por «revelação», segundo se vê em I Cor. 11:23. A exortação que temos aqui, portanto, é que eles tinham recebido as corretas instruções de Epafra e de outros líderes cristãos, acerca de Cristo e de suas exigências quanto às suas vidas, o que os levava a dar atenção à sua conduta diária, isto é, em seu modo de «andar». Ele convoca os crentes de Colossos a experimentarem a presença de Cristo em suas vidas, não o retendo apenas como um ideal teológico. O fato que receberam a Cristo, mediante o ensinamento cristão,

significa que também o tinham recebido por meio da fé, entregando-lhe sua própria alma, embora isso não seja especificamente salientado nessa expressão.

Referências e idéias. A santificação:

1. A santificação consiste da consagração ao serviço de Deus (ver Sal. 4:3 e II Cor. 6:17). 2. A santificação é efetuada por Deus (ver Eze. 37:28; I Tes. 5:23 e Jud. 1). 3. Por Cristo (ver Heb. 2:11 e 13:12). 4. Pelo Espírito Santo (ver Rom. 15:16 e I Cor. 6:11). 5. Em Cristo (ver I Cor. 1:2). 6. Através da expiação que há em Cristo (ver Heb. 10:10 e 13:12). 7. Através da palavra de Deus (ver João 17:19 e Efé. 5:26). 8. Cristo foi feito santificação para nós, por parte de Deus (ver I Cor. 1:30). 9. Os santos estão em estado de santificação (ver Ato 20:32; 26:18 e I Cor. 6:11). 10. A igreja é glorificada por meio da santificação (ver Efé. 5:26,27). 11. A santificação deve-nos levar à mortificação do pecado (ver I Tes. 4:3,4).

«...Cristo Jesus, o Senhor...» Não é por acidente que Cristo é aqui chamado de «Senhor». Ao mostrar nesta epístola as doze superioridades de Cristo (ver Col. 1:15-20), Paulo mostrou que ele é o Senhor dos céus e da terra, devendo, por igual modo, ser o Senhor dos crentes. Ninguém tem a Jesus como Salvador, se também não o tem como Senhor, porquanto de outro modo haveria contradição com tudo quanto é ensinado no N.T. A confissão evangélica tem a Jesus como Senhor (ver Rom. 10:9, 10). E o «Salvador» é o «Senhor Jesus Cristo». (Ver as notas expositivas completas sobre o «Senhor», como um dos títulos de Jesus Cristo, bem como sobre seu «senhorio», em Rom. 1:4). Cristo é nosso Senhor, a fim de infundir-nos a sua própria natureza.

«...assim andai nele...» Devemos andar em Cristo, isto é 1. sob a direção de Cristo; 2. em compatibilidade com sua doutrina, honrando à sua pessoa; 3. em união com ele, em sua comunhão, por contacto místico com ele, através do Espírito Santo, que é aquele que torna bem-sucedido o andar cristão, e sem o qual, o mundo, suas tentações e a tendência de nos afastarmos de Cristo, não podem ser vencidos.

Aqui, como em toda a parte do N.T., ficamos impressionados ante o fato que nossa fé deve ter, como produto, o andar espiritual. Precisamos apropriar-nos do princípio da outorga da alma a Cristo, aplicando a nós mesmos tal verdade. É mister dar atenção ao cultivo e ao destino da alma, o

7 ἑρριζωμένοι καὶ ἐποικοδομούμενοι ἐν αὐτῷ καὶ βεβαιούμενοι — τῇ πίστει καθὼς ἐδιδάχθητε, περισσεύοντες ἐν εὐχαριστίᾳ.²

7 [C] ἐν εὐχαριστίᾳ N* A C I vid 0208vid 33 81 88 1241 1739 1881 1962 it^g vg^w cop^m eth Archelaus Euthalius Ps-Jerome Cassiodorus // ἐν αὐτῷ P Ψ 048? John-Damascus^{1st} // ἐν αὐτῇ ἐν εὐχαριστίᾳ B D^e H K 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1877 1984 2127 2492 (2495 omitt second ἐν) Byz Lect

7 ἐποικοδομούμενοι ἐν αὐτῷ Eph 2.20, 22

Embora a forma ἐν αὐτῇ ἐν εὐχαριστίᾳ seja bastante bem apoiada (B D (c) H K 614 Byz Lect it (61,86) sir (p,h) cop (sa) (ms), bo) ara al), a comissão considerou-a como assimilação de um copista a 4:2, e explicou a forma ἐν αὐτῷ ἐν εὐχαριστίᾳ (N^b D* it (d) sir (hmg) al) como modificação subsequente, feita sob a influência da frase anterior, ἐν αὐτῷ. A forma ἐν αὐτῇ (P Ψ 048?) sem dúvida surgiu por descuido de cópia mediante o que ἐν εὐχαριστίᾳ foi omitida. A forma original parece ser ἐν εὐχαριστίᾳ, que é adequadamente apoiada por N* A C I (vid) 33 81 1739 vg cop (sa) etí al.

2:7: arraigados e edificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, abundando em ação de graças.

«Pensemos em Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Wesley e Paulo. Uma coisa é semear a semente, e outra coisa é cultivar o solo e originar uma colheita. Algo da pregação evangelística de Paulo é registrado no livro de Ato, e a narrativa gloriosa do impacto de seu primeiro esforço missionário, no mundo mediterrâneo, é relatada aqui. Mas todas as suas epístolas foram dirigidas a aqueles que já tinham sido trazidos ao seio da igreja. Cada uma delas trata de algum problema crucial da crença, da conduta ou do serviço cristão, o qual, se não fosse solucionado, ou fosse solucionado de modo errôneo, poderia desfazer e certamente frustraria seriamente o trabalho que fora iniciado de modo tão magnífico... Até mesmo a leitura casual das epístolas paulinas, e, de fato, de todas as epístolas do N.T., deixará abundantemente claro o grande acúmulo de tempo, meditação e cuidado com que Paulo e outros líderes da igreja cuidaram da 'santificação' dos salvos». (Macleod, *in loc.*)

O vocábulo grego aqui utilizado é «ridzo», «lançar raízes», e, na voz passiva, «estar firmemente arraigado», acerca de árvores e plantas, mas também acerca dos alicerces dos edifícios. Provavelmente está em foco a metáfora dos alicerces firmes, porquanto vem imediatamente após a idéia da edificação. Ou pode estar sendo usada uma dupla metáfora, o que não é incomum nas epístolas paulinas. Isso pode ser comparado a Efé. 3:17, que diz: «...estando vós arraigados e alicerçados em amor», o que se dá por meio de Cristo, que vem habitar em nossos corações, mediante a nossa comunhão com ele, no nível da alma.

«...edificados...» No grego temos «epoikodomeo», «edificar sobre». No trecho de I Ped. 2:5 isso se refere à edificação de uma «casa espiritual». Comparar isso com Efé. 2:20,21, onde é empregada a idéia da edificação de um templo, a fim de simbolizar o desenvolvimento espiritual da igreja, o que permite que ela se torne o próprio templo de Deus, o lugar onde o Senhor manifesta a sua bondade, santidade e graça. O arraigamento e o lançamento dos alicerces é «em Cristo». Isso aponta para um maior desenvolvimento espiritual, em que o crente vai adquirindo as perfeições de Cristo, sendo transformado segundo a sua imagem, tornando-o em um verdadeiro Senhor da vida de quem assim faz.

Notemos que o lançamento de raízes e de alicerces é «nele», ou seja, mediante a «comunhão mística com Cristo»; e isso é feito através do Espírito Santo, em nós residente. (Ver Efé. 2:22, onde a idéia de permanência também se segue à idéia de edificação). O desenvolvimento espiritual

que renega a todas as reivindicações e ao poder do mundo sobre nós.

«Se a raça humana é tão estúpida que, em dois mil anos, não tem tido inteligência suficiente para apreciar que o segredo da felicidade está contido em uma única sentença, que se pensaria poder ser aprendida e aplicada por qualquer escolar, então é tempo de a lançarmos na valeta mais próxima, deixando que as formigas líquidem com ela. Essa sentença simples, é: pois que aproveita a um homem se ganhar o mundo inteiro, e perder a sua alma?» (Eugene O'Neill).

«...andai...» Temos aqui uma metáfora de uso freqüente, nos escritos seculares e religiosos, indicando a conduta em geral, o teor inteiro da vida moral. Os crentes precisam manter a comunhão pessoal com Cristo, e então andarem de modo a exibirem essa comunhão. Isso pode ser comparado ao trecho de I Cor. 4:17, que diz: «...os meus caminhos em Cristo Jesus...»; e também ao trecho de Rom. 6:11: «...vivos para Deus em Cristo Jesus». Somente aqui é usada a frase específica «andai nele». (Quanto à metáfora do andar, ver Gál. 5:16,25, onde se aprende que esse andar deve ser «no Espírito». Ver também Col. 1:10 quanto às palavras «...viverdes de modo digno do Senhor...», agradando-o em tudo e sendo frutíferos em toda a boa obra. Essa metáfora é usada novamente em Col. 4:5, referindo-se, particularmente, à nossa conduta perante os homens incrédulos, para levá-los a Cristo). Tal metáfora é usada por vinte e nove vezes nas epístolas de Paulo, algumas vezes de maneira positiva, falando sobre a conduta reta, e outras vezes negativamente, indicando a conduta pecaminosa e carnal. A conduta dos crentes deve ser santa, mas também isenta de legalismo e ascetismos excessivos, que caracterizavam o código ético de alguns mestres gnósticos de Colossos (ver Col. 1:20-23).

Referências e idéias. A conduta cristã:

1. Consiste essa conduta da confiança em Deus (ver Mar. 11:22 e João 14:11,12). 2. Do temor a Deus (ver Ecl. 12:13 e I Ped. 2:17). 3. Do amor a Deus (ver Deut. 6:5 e Mat. 22:37). 4. Do seguir a Deus (ver Efé. 5:1 e I Ped. 1:15,16). 5. Da obediência a Deus (ver Luc. 1:6 e I João 5:3). 6. Do gozozio em Deus (ver Sal. 33:1 e Hab. 3:18). 7. Da confiança em Cristo (ver João 6:29 e I João 3:23). 8. Do amor a Cristo (ver João 21:15 e I Ped. 1:7,8). 9. De seguir o exemplo de Cristo (ver João 13:15 e I Ped. 2:21-24). 10. Da obediência a Cristo (ver João 14:21 e João 15:14).

it^{ar} mon syr^{p,h} cop^{am} bo arm Ambrosiaster Ephraem Chrysostom Pelagius Theodore^{1st} Augustine Theodore John-Damascus // ἐν αὐτῷ ἐν εὐχαριστίᾳ N^b D* it^g d. dem. div. e. f. z. vg^{cl} syr^h om^e Pelagius Ps-Jerome Cassiodorus

aumenta a nossa comunhão com Cristo, além de inicialmente ter-se fundamentado sobre ele; e disso é que resulta o correto andar santo.

Notemos os verbos no particípio, aqui envolvidos. O verbo aqui traduzido por «radicados» está no «perfeito». Portanto, há uma condição já existente, de comunhão com Cristo, e que agora resulta em continuação de boa conduta. O verbo seguinte, «edificados», está no presente; deve haver um «processo contínuo» de aprimoramento, de crescimento, devido ao nosso relacionamento com Cristo. O tempo presente com freqüência subentende um «estado contínuo».

«...confirmados na fé...» No grego é usado o verbo «bebaioo», «firmar», «estabelecer», «fortalecer». Os crentes devem permanecer fortes como soldados cristãos, resistindo aos assédios do mundo, da carne, do diabo, e, particularmente, daqueles mestres gnósticos que pretendiam modificar as doutrinas e práticas daqueles crentes. E esse fortalecimento deveria ser feito «na fé». Alguns intérpretes pensam que foi usado aqui o instrumental, ou seja, «por vossa fé», como aquilo que os faria atravessar a crise, como aquilo por meio do que viveriam (o trecho de Rom. 1:17, que diz que o justo viverá de fé em fé, é caso similar). Nesse caso, está em pauta a «fé pessoal», a outorga da própria alma a Cristo. Se a fé for real, se a outorga da alma for vital, então as coisas mencionadas tornar-se-ão uma realidade.

«A fé é o cimento da edificação» (Lightfoot, *in loc.*).

O dativo daria a idéia de que a fé é «esfera dentro da qual», aqueles crentes seriam firmados «na fé», isto é, a esfera de sua confiança em Cristo; e isso indica, essencialmente, a mesma coisa que é dito pelo instrumental, embora expresso de modo diferente. Uma vez mais, a fé não deve ser entendida como «objetiva», ou seja, como uma «crença», como um «conjunto de doutrinas», como o «credo» cristão, visto como um sistema teológico. A confiança em Cristo envolve crenças, mas a outorga ativa a Cristo, a confiança deles, é que é particularmente salientada aqui, como aquilo que mantém o crente frutífero em Cristo.

Os gnósticos, evidentemente, degradavam a fé. Pensavam eles: «Isso é para os principiantes». Pensavam que o «conhecimento» é que cabe aos discípulos maduros. Paulo contradiz tal opinião. A própria fé é dom de Deus, embora a vontade humana perversa possa anulá-la. (Ver Gál. 5:22 quanto à «fé» como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo). A fé conduz o crente à fidelidade.

«...tal como fostes instruídos...» Epafra fora bom e completo mestre, e outros tinham fortalecido as mãos dele. Paulo confiava que tinham consciência da verdade daquilo que ele lhes dizia, e que poderiam preencher

os detalhes do que estava implícito em seus ensinamentos. Paulo mencionou a atuação de Epafros a fim de indicar que ele não contradissera qualquer coisa que eles já soubessem, e que a sua «intervenção», por meio da epístola presente, deveria ser tolerada e respeitada. Paulo parece ter antecipado a crítica à sua intervenção. Certamente alguns dos mestres gnósticos não aprovariam seu escrito. É como se Paulo tivesse dito: «Nada há de novo nesta epístola; mas o que é necessário é a prática contínua daquilo que já sabeis».

«...crescendo em ações de graça...» No grego temos o verbo «perisseio», «extravasar», «ser mais do que suficiente», «exceder a». É recomendada a abundância de agradecimentos a Deus. Deveriam aqueles crentes reconhecer o que Cristo fizera, os frutos que já se tinham concretizado entre

eles, para que se mostrassem gratos. O coração agradecido tem menos tendência de desviar-se; e os crentes felizes e gratos a Cristo não se deixam atrair por doutrinas estranhas. A presente epístola muito salienta as ações de graças; e isso assinala uma vida espiritual sadia. (Ver também Col. 1:12; 3:15,17 e 4:2). O tema da «gratidão», entretanto, é geral nas páginas do N.T. (Ver Efê. 5:20 quanto ao dar graças «por tudo»; ver I Tes. 5:18 quanto à mesma idéia). Nesses lugares esse tema é desenvolvido. O agradecimento é salientado como a própria «atmosfera» em que os crentes devem viver e desenvolver-se espiritualmente. Notemos, em Rom. 1:21, que a falta dessa atitude é uma das principais causas da apostasia. (Ver também Rom. 14:6; II Cor. 1:11; 4:15; 11:11,12; Efê. 5:20 e I Tim. 2:1 quanto a outras referências sobre a importância que Paulo dava às ações de graça).

5. A grandeza de Cristo em contraste com os ensinamentos e práticas falsos (2:4-23).

b. Contra a filosofia pervertida e o legalismo (2:8-17).

1. A filosofia do vão engano e as tradições mal alicerçadas (2:8).

Tendo desfechado muitos ataques indiretos contra a heresia que se instalara em Colossos, mostrando a seus leitores a verdade que há em Cristo, especialmente Cristo como Senhor de todos, Paulo, neste ponto, lança-se a um ataque direto contra os ensinamentos dos gnósticos. O oitavo versículo deste capítulo provavelmente indica que os defensores da heresia chamavam seu ensino de *Filosofia*; e isso seria apenas natural, levando-se em conta que ali havia elementos tomados por empréstimo dos conceitos filosóficos, principalmente a idéia das «emanações», a qual fazia parte importante do estoicismo e do neoplatonismo. Além disso, a ênfase sobre a *sabedoria* com frequência se achava na filosofia grega e na romana. (Quanto a completas descrições sobre o que se sabe acerca do sistema judaico-gnóstico, que agora é fustigado pelo apóstolo, ver a secção III da introdução e as notas expositivas sobre Col. 2:18).

Os mestres gnósticos disfarçavam-se sob o espaçoso pendão da «filosofia», mas não apresentavam verdades substanciais, ou, pelo menos, compreendiam e expressavam a verdade que tinham de modo distorcido. Jactavam-se de grande antigüidade, conforme têm de fazer todas as religiões, por mais recente que seja a sua história. Mas a religião gnóstica não passava de tradições humanas, não contendo verdades divinas. Adoravam a espíritos elementares roubando a Cristo e ao Espírito de Deus de sua glória.

«As especulações cosmológicas, a teosofia mística, o fanatismo religioso — tudo tinha morada ali. Em associação ao judaísmo ou ao cristianismo, o temperamento natural e as tendências intelectuais das pessoas tomavam nova direção; mas o antigo tipo nunca era totalmente obliterado. A Frígia criava as monstruosidades híbridas do fitismo. Essa foi a progenitora do entusiasmo montanista e a madrastra do rigorismo de Novaciano. Os sincretistas, os místicos, os fanáticos, os puritanos, todos encontravam clima favorável naquelas regiões da Ásia Menor». (Lightfoot, *Colossians*, págs. 95 e 96).

8 βλέπετε μή τις ὑμᾶς ἔσται ὁ συλαγωγῶν διὰ τῆς φιλοσοφίας καὶ κενῆς ἀπάτης κατὰ τὴν παράδοσιν τῶν ἀνθρώπων, κατὰ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου καὶ οὐ κατὰ Χριστόν

8 Ro 16:18; Eph 5:6; Col 2:4

2:8: Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo;

«...Cuidado...» No grego temos «blepo», palavra comum que significa «ver», mas que também era usada para indicar «cuidado!» (ver Marc. 13:33; I Cor. 1:26; 10:18 e Col. 4:17). Portanto, devemos pensar na idéia de cautela aqui (ver Marc. 13:9 e Fil. 3:2). Paulo indicava que aqueles crentes deveriam exercer seu bom senso espiritual, a fim de evitarem as doutrinas falsas e prejudiciais, com tudo quanto degrada de Cristo e do seu evangelho.

«...enredar...» No grego é «sulagoge», «levar como despojo», «roubar», «tomar cativo». Paulo via a questão como se os falsos mestres tomassem aqueles crentes como «presa». Os falsos mestres são pintados como bandidos, como indivíduos violentos, os quais atacavam ao reino de Deus e à igreja, levando como despojo aos membros da mesma, privando-os de seus direitos e privilégios em Cristo. Essa expressão é forte e mostra a profundidade dos sentimentos de Paulo sobre a questão.

«...com sua filosofia...» Alguns intérpretes, desde tempos antigos, devido a passagens como esta ou como o primeiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, têm denunciado todas as formas de filosofia como coisas inúteis e prejudiciais. Tertuliano, o maior dos pais latinos da igreja, condenava a filosofia de toda a modalidade; e, sendo homem de considerável habilidade filosófica, usava argumentos filosóficos para combater a filosofia. Os filósofos o têm acusado disso, desde então. Taciano concordava com Tertuliano sobre essa questão. Mas Justino Mártir, que fora filósofo neoplatônico antes de sua conversão, afirmava que tal forma de filosofia na realidade o ajudara a vir ao cristianismo, como um mestre-escola, tal como da lei se esperava que fizesse outro tanto em favor dos judeus. Após a sua conversão ele continuou se vestindo à moda dos filósofos, com uma toga, e se aproximava dos pagãos como mestre de filosofia, afirmando que isso honrava a Cristo e, na verdade, atraía para ele aos homens. Ninguém pode duvidar da vida santa desse antigo cristão, pois foi um dos maiores discípulos de Cristo. Clemente de Alexandria, além de outros pais alexandrinos da igreja, via algum valor nas idéias neoplatônicas, interpretando algumas das doutrinas cristãs à luz de certos raciocínios dessa escola filosófica. Asseverava corajosamente que um tipo elevado de filosofia, conforme ele pensava, o platonismo, era um dom de Deus aos gregos, pois o mesmo contribuiria para levá-los à piedade, servindo de mestre-escola para conduzir a mente grega aos pés de Cristo, tal como a lei mosaica visava conduzir a mentalidade judaica a Cristo. (Ver sua obra *Miscelâneas*, I.5).

O Uso Legítimo Da Filosofia

1. Vários dos pais gregos da igreja, pensavam que as filosofias mais nobres, como a de Platão, haviam servido como presentes de Deus aos povos gentílicos, tal como a lei fora uma dádiva divina aos israelitas, para guiá-los até Cristo. Essa atitude era compartilhada por muitos dos pais posteriores da igreja, gregos e latinos igualmente.

2. O próprio Paulo tentou a «abordagem filosófica» em Atenas, embora sem sucesso (ver Atos 17). Justino Mártir e outros obtiveram maior êxito

com esse método, entre os intelectuais.

3. A maioria dos comentadores concorda em que Paulo não atacava indiscriminadamente toda e qualquer filosofia, mas tão-somente aquela modalidade proeminente na Ásia Menor, que passara a fazer parte do sistema gnóstico. Os cultos misteriosos mesclavam a filosofia com as artes mágicas, chamando-as de «nutrimentos gêmeos da alma». Tal mistura era repelente para Paulo.

4. A filosofia, tal como qualquer outro campo do conhecimento humano, envolve algum bem, o qual nos pode tornar melhores pessoas e melhores ministros cristãos, contanto que sejamos criteriosos no que aceitar e no que repelir. Paulo sabia como rejeitar o prejudicial e acolher o que é bom. Muitos dos seus ensinamentos éticos são notavelmente similares aos do estoicismo. Os eruditos concordam em que ele tomou por empréstimo muitas das ilustrações e expressões que usou, daquele sistema. A cidade de Tarso foi um centro do estoicismo romano. E apesar das epístolas apócrifas de Paulo a Sêneca, e de Sêneca a Paulo, não serem autênticas, elas refletem a antiga observação sobre a similaridade dos autores, em seus princípios morais e seus modos de expressão.

5. *Nota Do Tradutor:* Embora eu mesmo não me repete filósofo consumado, tenho feito minhas próprias observações acerca da utilidade ou não da filosofia, no campo do conhecimento bíblico. Se Cristo é a «luz» que alumia a *tudo* homem que vem a este mundo, parte dessa iluminação deve ter dado em resultado a filosofia. A utilidade desta se nota muito mais como organizadora do pensamento, do raciocínio. Embora não possa fornecer-nos as respostas para os mistérios da existência, que tanto atribulam o espírito das pessoas a eles sensíveis, pelo menos a filosofia é capaz de fornecer ao homem uma série de perguntas bem colocadas, que delimitam nossa incapacidade de encontrar-lhes a solução. «Quem somos? de onde viemos? para onde vamos?» Ela principalmente indaga. A resposta tem de ser dada pela revelação divina. Sumariando: o espírito humano pergunta, o Espírito de Deus responde. Uma coisa é a filosofia, outra, a revelação bíblica!

«Paulo não se mostrava hostil contra toda e qualquer filosofia. Ele mesmo acabara de expor uma nobre declaração sobre a posição central de Cristo, no universo, utilizando-se de termos e conceitos da filosofia então corrente (ver Col. 1:15-20). O que ele repudia aqui é qualquer filosofia que não leve em conta, com seriedade, a contribuição moral e religiosa da revelação cristã à compreensão sobre a vida». (Macleod, *in loc.*).

«Paulo não condena aqui a filosofia e a sabedoria (ver o segundo versículo), mas somente essa falsa filosofia, falsamente chamada de sabedoria». (Robertson, *in loc.*).

«Assim como muitos têm erroneamente imaginado que a 'filosofia' é aqui condenada por Paulo, precisamos frisar o que ele indica por esse termo... à filosofia que nada seja senão a corrupção da doutrina espiritual... sob o termo 'filosofia', Paulo meramente condenou todas as doutrinas espúrias...» (Calvino, *in loc.*).

«O apóstolo não queria condenar todas as artes e ciências, como se fossem inúteis e prejudiciais, tal como a filosofia natural em seus vários ramos, a ética, a lógica, a retórica, quando conservadas dentro dos devidos limites de seu lugar e esfera» (John Gill, *in loc.*).

«Existe uma 'filosofia' que exercita nobremente nossas faculdades do raciocínio e que promove profundamente a religião; tal estudo das obras de Deus, dirige-nos ao conhecimento de Deus e confirma a nossa fé nele. No entanto, há uma filosofia 'vã e enganadora', prejudicial à religião» (Matthew Henry, *in loc.*).

Um Pouco de Erudição

*Um pouco de erudição é coisa perigosa;
Sorve fundo, ou não bebas da fonte de Pireu:
Ali sorvos pequenos intoxicam o cérebro,
E beber largamente nos faz voltar à sobriedade.*
(Alexander Pope, 1688 - 1744)

Surpreendentemente, nenhum dos catorze comentários usados como base central deste comentário, condena a filosofia de forma geral; e vários deles chegam mesmo a elogiá-la, ao passo que observam que Paulo se opunha, neste ponto, ao «tipo de filosofia» corrente então à Ásia Menor, e não à filosofia em geral.

A filosofia, por definição básica, é a *história das idéias*. Damos grande importância ao conhecimento da «história dos acontecimentos políticos e sociais», a qual, via de regra, é somente uma crônica das guerras, sendo aquilo que normalmente chamamos de «história». Muito mais importante deve ser o conhecimento de algo sobre a história das idéias, ainda que rejeitemos a maior parte do que os homens têm pensado. O conhecimento daquilo que outros homens têm pensado ajuda-nos a entender e a definir melhor a doutrina cristã, a compreender o que nela está implícito, e como ela ultrapassa ao que é meramente humano.

É especialmente importante sabermos algo sobre a filosofia clássica, porquanto algumas doutrinas estão filosoficamente baseadas e são filosoficamente expressas, o que se evidencia, nas páginas do N.T., na epístola aos Hebreus. (Ver a introdução a essa epístola, sob o título de «Influência das idéias religiosas e filosóficas»). Há seiscentos anos de filosofia por detrás da doutrina do «Logos», em João 1:1. É importante conhecermos a filosofia, até mesmo aquela que se opõe ao pensamento cristão. Pois podemos resistir mais facilmente ao inimigo, quando sabemos quais são os seus ataques e estratégias.

«...filosofia...» No grego é *philosophia*, palavra usada exclusivamente aqui em todo o N.T. Esse vocábulo significa «amor à sabedoria». Nos nossos dias, entretanto, é usado para designar estudos sistemáticos e racionais, como a ética, a estética, a metafísica, a política, a lógica, a epistemologia (gnosilogia) e outros de tempos mais modernos, como a filosofia da ciência, a religião, a educação, a matemática, etc. Essa palavra foi usada pela primeira vez por Pitágoras, em 600 A.C., a fim de designar aqueles que «buscam a sabedoria», ao invés dos interesses usuais, como os esportes, os prazeres e as vantagens financeiras. Sócrates se utilizava de tal palavra para indicar os «pesquisadores da sabedoria». Platão afirmava que o termo «sábio» pode ser atribuído somente a Deus, mas que um homem pode ser um «pesquisador» da sabedoria, ou um «filósofo», um «amigo da sabedoria», o que é o sentido implícito no vocábulo.

«...sua filosofia e vãs sutilezas...» Notemos que o artigo não antecede à palavra «vãs», e isso indica que as duas coisas aqui mencionadas são uma e a mesma coisa; em outras palavras, a filosofia é as «vãs sutilezas». Paulo refere-se, pois, às vãs doutrinas dos mestres gnósticos, que postulavam mediadores angelicais ou «aeons», as emanações de Deus, a quem davam tanta importância, aos quais também adoravam, assim degradando a pessoa de Cristo, a quem reduziam à posição de mero «aeon». Para eles, Cristo poderia ser um criador, mas apenas um entre muitos; e apenas deste mundo, numerado entre numerosíssimas emanações de Deus, e jamais a sua «plenitude». Dessa maneira, misturavam o cerimonialismo judaico, o misticismo oriental e o ascetismo. A essa mistura Paulo chama de «vãs sutilezas»; por mais eloquentemente que esse sistema fosse descrito por seus aderentes. «E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos, e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam, pois alguns, professando-o, se desviaram da fé...» (I Tim. 6:20).

«Apesar de que as religiões fantásticas ainda surjam para cativar seus devotos, em tempos modernos, a mente popular de hoje em dia se deixa influenciar mais geralmente pelo ceticismo e pelo agnosticismo, que se derivam da inquirição filosófica séria e da adoração humanística das ciências materiais que caracterizam nossa época secular. Seja como for, permanece de pé a coerência da advertência paulina. Sem importar se está em foco a filosofia de Colossos, ou a excursão pelo ocultismo, que aparece nas especulações hodiernas, ou a filosofia erudita do racionalismo e do humanismo modernos, sua interpretação da vida se mostra ilusória; uma 'vã sutileza' desapontadora, porquanto não entra em harmonia com a interpretação espiritual da vida 'segundo Cristo'». (Macleod, *in loc.*).

«...sutiliza...» No grego é «apate», «ludíbrio», «engodo», palavra usada para indicar o poder sedutor das riquezas materiais, em Mat. 13:22, ou do poder do pecado, em Heb. 3:13. Vários tipos de «truques» e «fraudes» são descritos por esta palavra. Essas coisas «desviam» a um homem,

prometendo-lhe algo que, na realidade, não pode ser dado, desviando-o da verdade, portanto. Levam o homem a crer em algo que não é verdade. Essa palavra era usada para indicar a atração feminina, que pode desviar um homem para o pecado — a sedução sexual. (Ver Eratóstenes, pág. 22,10; Testamento de Judá 12.3). Tal atração pode dominar a razão, pelo que envolve idéias insidiosas.

«...a tradição dos homens...» Parece que os mestres gnósticos afirmavam ter antiga autoridade para o seu sistema, tal como várias religiões misteriosas da antiguidade, totalmente, supunham que sua adoração fora fundada por algum deus.

Assim também, até aos nossos dias, é extremamente comum que até as mais «recentes» seitas digam estar alicerçadas sobre «tradições antigas», usando de argumentos fantásticos, que são mais provações da fé, inventadas para consubstanciar suas noções. Parece que os gnósticos tentavam aprimorar a «aceitação» de seu sistema, alicerçando-o sobre tradições supostamente antigas e dignas de confiança. Tudo isso, porém, é feito para evitar o aspecto de «novidade», pois poder-se-ia fazer a seguinte indagação embaraçadora: «Onde estava Deus durante todo o tempo antes de começar essa seita?» A resposta dada, geralmente é: «Ele vinha edificando gradualmente, até que deu-nos as revelações superiores que formam a base de nosso movimento». A «tradição» é que comprovaria isso, segundo dizem.

Paulo contrasta tais «tradições» com a «revelação» dada por Cristo; as primeiras são humanas, e esta última é divina. As «tradições», em Colossos, provavelmente também incluíam a mistura com tradições rabínicas, porque havia forte influência do judaísmo naquela doutrina.

«...os rudimentos do mundo...» No grego temos o termo «stoicheia», que literalmente significa «fileira», «série», como as letras do alfabeto, indicando os elementos físicos que compõem o universo (ver II Ped. 3:10,12). O uso desse vocábulo, neste ponto, tem recebido diversas interpretações, a saber:

1. Seriam os ensinamentos elementares (ver Heb. 5:12), como os elementos das leis cerimoniais e das práticas judaicas (ver Atos 15:10 e Gál. 4:3,9).

2. O cerimonialismo, com seus ritos, carnes, abluções, bebidas, práticas ascéticas, etc., de mistura com os mistérios simbólicos dos pagãos, com seus ritos iniciatórios, seriam coisas pertencentes a um sistema moralista rudimentar. (Ver Col. 2:1,21 e Gál. 4:9). «O ABC das instruções religiosas» (Abbott, *in loc.*).

3. Mas talvez seja mais correto compreendermos aqui os «espíritos elementares». As *stoicheia* eram, provavelmente, elementos ou representantes das emanações, dos «aeons», que eram adorados, em competição com Cristo, dentro do sistema gnóstico. O desenvolvimento da idéia dos «espíritos», associados aos «elementos», se originou da noção que as substâncias («stoicheia») do mundo, a terra, o ar, o fogo e a água, seriam possuidores de vida (hilozoísmo), isto é, toda a matéria seria realmente «animada»; e então, por um processo de rarificação e condensação, tudo quanto existe, animado ou inanimado (segundo nossos termos modernos), veio à existência. Não distante dessa idéia é o conceito que os corpos celestes, como o sol, os planetas, as estrelas e a lua são corpos de deuses, que precisam ser adorados, através de seus corpos físicos. As antigas crenças astrológicas foram envolvidas em tudo isso, mediante a idéia que esses corpos celestes influenciam as vidas dos homens. Não sabemos exatamente como os gnósticos de Colossos encaravam essas questões; mas parece que, para alguns deles, as «stoicheia» seriam uma espécie de *espíritos*, que mereciam ser adorados. Por conseguinte, diminuíam a importância da adoração a Cristo, pondo tais espíritos em atitude de competição com o Senhor. Dentro da astrologia, esse termo era empregado para indicar os corpos celestes, sendo eles considerados as moradias ou corpos dos espíritos. É possível que a mescla de tais idéias com conceitos astrológicos esteja implícita no décimo sexto versículo deste capítulo, onde a questão da comemoração de «luas novas» e «sábados» é trazida à lume (pois isso, algumas vezes, tinha a ver com as fases da lua, etc.).

Dentro da literatura judaica posterior, há uma influência astrológica bem clara. No livro de Enoque 82,10 e ss, há alusão aos anjos, como se fossem estrelas que vigiam, dotados de tempos e ordens de aparecimento e influência. Quatro líderes dividiriam as estações, e então doze taxiarcas dividiriam os meses, e sobre os trezentos e sessenta dias haveria governantes especiais, os «quiliarcas» ou chefes de mil. Em Enoque 18,15, as estrelas são vistas sob o castigo de Deus, por aparecerem fora de sua ordem. No livro de Jubileus, em seu segundo capítulo, aparecem muitos anjos, dotados de muitas funções, como os anjos dos ventos, das nuvens, do calor, do frio, da geada, do trovão, etc. Tais pensamentos podem ter influenciado os trechos de Sal. 114:4 e Apo. 7:1,2; 14:18 e 16:5. Na mistura peculiar de doutrinas que caracterizava o gnosticismo de Colossos, tais noções podem ter-se desenvolvido na doutrina dos «espíritos elementares», que eles consideravam dignos de adoração. Ora, tudo isso se opunha ao reconhecimento da posição suprema de Cristo no universo.

Os grupos protestantes, em sua ansiedade de varrerem os abusos que têm estado associados às doutrinas dos anjos, se têm esquecido do importante ministério que lhes é atribuído. É provável que alguns dons espirituais sejam angelicamente mediados. (Ver Heb. 1:14).

5. A grandeza de Cristo em contraste com os ensinamentos e práticas falsos (2:4-23).

b. Contra a filosofia pervertida e o legalismo (2:8-17).

2. Nada pode ser adicionado à perfeição (2:9-13).

9 ὅτι ἐν αὐτῷ κατοικεῖ πᾶν τὸ πλήρωμα τῆς θεότητος σωματικῶς,

9 Jn 1.14, 16

2:9: porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade,

Do Que Consiste O «Pleroma» (Plenitude)?

1. Os gnósticos costumavam usar esse vocábulo. Para eles, representava a totalidade das «emanações» de Deus, incluindo os seres vivos. As emanações mais elevadas seriam as várias gradações de ordens angelicais. Cada um desses seres, de acordo com o gnosticismo, compartilhava de uma partícula de divindade, sendo uma tênue manifestação de Deus—divina em si mesma, mas possuidora apenas de uma partícula da natureza divina total.

2. Para eles, pois, o «pleroma» era «a natureza divina, acompanhada por seus atributos e manifestações».

Como Cristo Pode Ser O «Pleroma» De Deus?

1. Paulo tomou emprestada essa palavra dos gnósticos, embora lhe tenha dado um sentido todo seu. Para Paulo, Cristo possui a natureza divina inteira, com todos os seus atributos e manifestações: tudo concentrado «em uma pessoa». O que os gnósticos distribuíam entre tantas e tantas ordens de seres, o apóstolo atribuía exclusivamente a Cristo.

2. Isso significa que, «em sua pessoa única», Cristo é maior que as inúmeras supostas emanações de ordens angelicais. Outrossim, ele tem maior poder e glória que todas as emanações conjuntamente. Ele é o «pleroma inteiro».

3. Tal uso, naturalmente, importa em poderosíssima declaração sobre a divindade de Cristo (ver as notas a respeito em Heb. 1:3). Equivale à doutrina do *Logos*, em João 1:1.

4. O décimo versículo ensina a doutrina prodigiosa de que, «em Cristo» (por motivo de nossa união espiritual com ele), os crentes também participam desse «pleroma», da natureza divina e todos os seus atributos.

«...habita corporalmente...» A primeira dessas duas palavras, no original grego, é «katoikeo», que significa «habitar permanentemente», «estabelecer residência», em contraste com «paroikeo», «residir temporariamente». Trata-se da mesma palavra usada em Col. 1:19, que fala sobre a «plenitude de Deus», que em Cristo habita, e onde é mais amplamente comentada. Notemos o tempo presente. O Cristo glorificado está em foco.

«...corporalmente...» No grego temos «somaticos», isto é, «de modo corpóreo», «pertencente ao corpo». Esse uso cria certas dificuldades, pois não devemos imaginar que um corpo literal e físico seja capaz de ser a residência de todas as perfeições da natureza divina, porquanto isso seria uma contradição em termos, já que o espiritual dificilmente se identifica com o que é corporal.

O contexto descreve a glória do Cristo atualmente glorificado, em contraste com a posição inferior que os gnósticos lhe atribuíam, como se ele fosse apenas um dentre muitos «aeons». Notemos aqui o tempo presente: toda a plenitude divina «está habitando» em Cristo, pelo que dificilmente está em vista a encarnação. Abaixo expomos as principais interpretações deste versículo:

1. Alguns estudiosos pensam que a «encarnação» é aqui focalizada. Mas isso é quase impossível, do ponto de vista doutrinário, pois o próprio Paulo, em Fil. 2:7, aludindo à encarnação, via Cristo como *esvaziado* dos atributos divinos. Ainda que compreendêssemos (e isso corretamente), que isso não indica a «natureza», mas antes, suas manifestações (a manifestação dos atributos divinos), continuaria difícil perceber como, na encarnação, Cristo poderia ser visto como possuidor de toda a plenitude de Deus. De fato, fazia parte do plano divino que, na encarnação, essa «plenitude» fosse despida. Teria sido impossível a Cristo viver entre os homens, se porventura tivesse retido a plenitude de Deus. A encarnação, pois, foi a desistência temporária dessa plenitude, o que, neste texto, significa os «atributos» divinos e sua manifestação, com base na natureza divina.

2. Alguns pais da igreja pensavam que o termo significa «genuinamente», em oposição a «simbolicamente», sem qualquer alusão ao corpo físico; e isso é um uso legítimo do vocábulo. Em Cristo habita, *realmente*, a plenitude divina, em contraste com os «aeons», que eram tidos como possuidores de partículas da mesma, embora todos juntos, exibissem tal plenitude.

3. Essa palavra também indica que, em Cristo, «em um só lugar, totalmente», em um «todo orgânico» (conforme diz Peake, *in loc.*), habita a

plenitude, como que formando um só corpo. Nada de meras partículas da plenitude a habitarem em Cristo, conforme pensavam os gnósticos. As muitas «partículas» dos atributos divinos, pelos gnósticos eram distribuídas entre as «stoicheia», ou ordens de seres angelicais.

4. Há quem pense que isso alude ao modo atual da existência do *Logos* divino, em seu «corpo celeste», o qual, naturalmente, não se compõe de matéria, mas é antes uma forma de energia que pertence à natureza espiritual, própria para os lugares celestiais. (Ver I Cor. 15:20,35,40 quanto ao que sabemos sobre esse corpo e sobre o que se tem conjecturado a seu respeito. Ver Fil. 3:21 e as notas expositivas ali existentes, sobre o «corpo da glória» de Cristo). Esse é um sentido possível, que alguns estudiosos preferem.

5. Também há aqueles que pensam que a alusão ao «corpo» aponta para a igreja. Nesse corpo, ele tem a plenitude de Deus. Mas essa idéia é obviamente falsa, porquanto é a grandeza de Cristo que está em pauta, independentemente de tudo o mais. No versículo seguinte, entretanto, a igreja entra em cena. Então ela é vista como possuidora, igualmente dessa «plenitude de Deus», devido à sua associação com Cristo. No entanto, essa é uma doutrina extremamente rara nos púlpitos das igrejas evangélicas.

Antes da encarnação, a plenitude habitava em Cristo, em forma não-corpórea; mas também veio a habitar nele, em «forma corpórea», embora isso não aluda a qualquer coisa física. Diz-se que os crentes estão destinados a habitar na glória, da mesma maneira, cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Ef. 3:19), tal como sucede no caso de Cristo.

As interpretações de números três e quatro são as mais prováveis; não são contraditórias. Ambas aludem à sua «glorificação», e ambas dizem que a «pleroma» ou plenitude de Deus habita em Cristo. A terceira meramente afirma que o termo «corporalmente» não alude a seu «corpo celeste», mas somente ao fato que se acha «em um único ser», manifestando-se em «um único lugar». Não se acha ela dispersa entre uma sucessão quase interminável de seres sombrios, chamados «aeons». Tudo está localizado em uma única pessoa. Talvez o texto não tencione fazer diferença entre o Cristo preencarnado e o Cristo pós-encarnado. Na qualidade de Verbo eterno, a cada lado da eternidade, ele possui a «plenitude». Somente Cristo, portanto, é objeto digno de nossa adoração. Somente ele é o alvo de nossa busca espiritual.

*Santos em adoração postam-se em torno dele,
E tronos e poderes caem à sua frente;
E Deus rebrilha gracioso, através do homem,
Distribuindo doces glórias a todos.
(Isaac Watts)*

«Que tremendo contraste com as tradições humanas e com os rudimentos do mundo» (Meyer, *in loc.*).

«Que contraste com as agências espirituais, concebidas como intermediárias entre Deus e os homens, em cada uma das quais a plenitude divina se dividia e a glória divina se esmiuçava, em proporção à posição distanciada de Deus, em sucessivas emanações». (Vincent, *in loc.*).

*Senhor de todo ser, entronizado no alto,
Tua glória procede do sol e das estrelas,
Centro e alma de toda a esfera,
Mas de cada coração amante, quão próximo!
(Oliver Wendell Holmes)*

«...da Divindade...» No grego temos o vocábulo «theotes», «deidade», «divindade», «natureza divina». A própria *essência* da divindade está em foco, segundo o mostrará a consulta em qualquer bom léxico. Essa palavra fala sobre o «estado do ser divino»; mas, vinculado à «plenitude», deve incluir também a idéia da «manifestação» de todos os atributos e perfeições divinos. Cristo é o guardião de toda a natureza divina e seus atributos; não participa meramente de algum fragmento da mesma, conforme dizia a idéia gnóstica dos «aeons», entre os quais eles classificavam também o Cristo.

10 καὶ ἐστὲ ἐν αὐτῷ πεπληρωμένοι, ὅς ἐστιν ἡ κεφαλὴ πάσης ἀρχῆς καὶ ἐξουσίας,

10 ὅς...ἐξουσίας Eph 1.21-22

2:10: e tendes a vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade,

Este versículo assume posição entre aqueles que mostram o elevadíssimo destino dos homens, em Cristo Jesus (o que seria incrível, exceto se nos fosse dito por revelação divina). É trecho paralelo a Ef. 1:23; 3:19; Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4. Todas essas passagens indicam que haveremos de participar da «natureza divina», tal como Cristo dela participa. O presente versículo, juntamente com Ef. 1:23 e 3:19, diz-nos a extensão dessa participação—«toda a plenitude» haverá de habitar em nós, tal como habita em Cristo. Em outras palavras, a Cabeça e o corpo têm o mesmo destino. Haveremos de participar da própria natureza de Deus, de sua «modalidade de vida», conforme se aprende em João 5:25,26 e 6:57. Portanto, a diferença entre Deus e os remidos não consiste do «tipo» de natureza, mas apenas de «extensão» dessa natureza. Naturalmente, Deus é um ser infinito, e os remidos, apesar de terem sua natureza, por serem verdadeiros filhos de Deus, nunca atingirão toda a plenitude absoluta de Deus; não obstante, esse será sempre o nosso alvo. Já que há uma infinidade de enriquecimento, haverá um infinito processo de enriquecimento. O Senhor Deus é infinitamente distinto, tal como o é o Filho; mas dão de sua natureza aos homens, de tal modo que a *filiação* envolve a «comunhão» de natureza, conforme se vê em Heb. 2:10 e ss.

Participantes Do «Pleroma»

1. Não devido a qualquer coisa em nós mesmos, mas por causa de nosso extraordinário destino em Cristo, chegaremos a participar do *pleroma*, isto

10 os] ὅς¹⁶BDG^o

é, da natureza divina com todos os seus atributos. Talvez a mais ousada afirmativa contida pelo N.T. se encontre em Col. 2:10.

2. O corpo e a Cabeça devem compartilhar da mesma natureza e do mesmo destino. Isso é outra maneira de declarar essa questão. (Ver sobre a nossa glorificação juntamente com Jesus Cristo, em Rom. 8:30). Isso significa que participaremos da sua herança, como filhos possuidores de sua natureza e de seus direitos (ver as notas em Rom. 8:17).

3. A participação no «pleroma», significa que seremos elevados muito acima de todos os seres angelicais. Nosso destino será fantasticamente mais elevado que o deles. Pelo menos, assim o concebemos, de acordo com o conhecimento que agora temos sobre esses seres, sua natureza e destino.

4. A participação no «pleroma» significa plena filiação (ver as notas em João 1:12); possessão da própria modalidade de vida que caracteriza Deus, a natureza divina (ver II Ped. 1:4).

5. Consulte-se Ef. 3:19 quanto a uma declaração quase idêntica. Participamos do «pleroma» do Pai.

No trecho de I Cor. 8:6, Deus é visto como a fonte e o alvo de toda a existência, tal como Cristo, na passagem de Col. 1:15-20, sobretudo no seu versículo dezesseis, aparece como tal, dentro da expressão «tudo foi criado por ele e para ele». Este versículo, juntamente com aqueles mencionados, diz-nos «como» todas as coisas são «para Cristo», envolvendo a participação do homem em tudo isso. Cristo é o Alfa e o Ômega da existência humana.

*Eu já disse que a alma é mais que o corpo,
E já disse que o corpo não é mais que a alma,
E nada, nem Deus, é maior do que o próprio eu para alguém,
E quem anda uma milha sem simpatia, fá-lo para seu funeral
vestido em sua mortalha,
E eu e tu, sem tostão, podemos adquirir as riquezas da terra,
E dar uma olhada a um feijão, em sua plantinha, confunde
a erudição de todos os tempos,
E não há comércio ou emprego em que os jovens, seguindo
não possam tornar-se heróis.
E não há objeto tão suave que se torne o eixo do universo.
(Walt Whitman)*

«...nele estais aperfeiçoados...» Melhor seria traduzir aqui por «nele estais cheios». Porém, cheios do que? da «plenitude» de Deus, que Cristo possui, conforme se vê no versículo anterior. Esta declaração, pois, é equivalente à de Efé. 3:19, onde se lê: «...e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus». Essa é a «pleroma» a respeito da qual temos estado a aprender, a totalidade da natureza divina, em seus atributos e perfeições, tal como se vê em Col. 1:19. Cristo possui essa plenitude em sua própria pessoa, embora os gnósticos imaginassem que a mesma se distribuía em partículas entre os «aeons», os quais, em sua totalidade, exibiriam a plenitude de Deus. Paulo rebate tal afirmativa gnóstica. Antes, Cristo tem «todá» a plenitude divina, e, na redenção, ele a dá aos remidos, de tal modo que se tornem verdadeiros filhos de Deus, tal como Cristo é o Filho de Deus.

Os gnósticos tinham certo conceito da redenção em que se oferecia esperança aos homens de que, algum dia, bem dentro da expansão da eternidade futura, obteriam a glória das emanações, assumindo lugar entre eles, nos mundos celestiais. E a glória final consistia de serem os homens absorvidos por Deus, perdendo a sua identidade pessoal. Antes, no dizer de Paulo, a plenitude de Deus é que será absorvida por nossos seres, porquanto reteremos nossa identidade pessoal. Essa identidade, entretanto, será prodigiosamente transformada. Tornar-nos-emos filhos de Deus, conduzidos à própria glória do Filho de Deus.

*Da harmonia, da harmonia celestial,
Teve começo esse arcabouço universal;
Por toda a gama das notas ela passou,
E o diapasão se fechou pleno sobre o Homem.
(John Dryden).*

Crisóstomo admite o sentido pleno deste versículo, conforme o interpretamos neste comentário. O seu comentário (*in loc.*) é: «Cheios da plenitude da deidade». Assim também interpretava Teofilacto, pai da igreja, ou eruditos modernos, como Huther, De Wette, e Bleek.

«Admirável mistério! Vós também ficastes cheios da divindade—não, porém, por vós mesmos, mas em Cristo: e isso por meio de sua encarnação. Pois visto que nossa natureza é unida com a de Deus, em Cristo, fomos feitos participantes da natureza divina» (Bispo Wordsworth, *in loc.*).

Interpretações Inferiores Deste Versículo

1. Alguns eruditos reduzem a imensa declaração deste versículo, à mera «maturidade cristã», isto é, à «plena maturidade».
2. Outros supõem que tudo quanto está aqui em pauta é a presença do Espírito Santo no crente.
3. Ainda outros dizem que os «dons espirituais», conferidos e usados pelos crentes, são os que se deve compreender aqui.
4. Também há aqueles que falam em termos vagos sobre a glória e a bem-aventurança futuras, ou de um lugar reservado nos céus, ou do perdão de pecados, que nos será outorgado naquele lugar.

Todas essas idéias encerram algum aspecto da verdade, mas nem ao menos começam a descrever o que é dito aqui. Tais idéias reduzem drasticamente as boas novas anunciadas aos homens.

A consequência do amor divino é que todos seremos «cheios de toda a plenitude de Deus». Essa é a bênção que está em Cristo. Conforme nos diz esta epístola (ver Col. 2:10): «Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade». E a isso se deve acrescentar: «Estamos cheios nele». Essa «plenitude divina», por conseguinte, embora não a possamos conter, nos contém. Conforme com frequência tem sido dito, somos como um vaso mergulhado no oceano, o qual, naturalmente, não pode conter o oceano, mas no qual se acha o oceano, bem como ao seu redor. Participantes da natureza divina, ficaremos cheios do que é infinito; quão natural é pensar que aqui o apóstolo, de alguma maneira, exauriu a estimativa sóbria das coisas! (e daí segue-se o ensinamento que ele é capaz de fazer mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos!)... Pensemos nisso, pois é a isso que Deus nos tem trazido!» (F.W. Grant, principal expositor dos Irmãos de Plymouth).

Portanto, há a infinitude do oceano divino, que não pode ser medida, com a qual haveremos de ser cheios. A eternidade toda, pois, consistirá da «expansão do vaso», de modo que venha a conter mais e mais da plenitude.

11 ἐν ᾧ καὶ περιετμήθητε περιτομῇ ἀχειροποιήτῳ ἐν τῇ ἀπεκδύσει τοῦ σώματος τῆς σαρκός, ἐν τῇ περιτομῇ τοῦ Χριστοῦ, 11 Ro 2:29 11 σώματος] add (cf. Rom. 6. 6) τῶν ἀμαρτιῶν KL pm, codd apud Aug &

2:11: no qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo;

Este versículo mostra, quase certamente, que os gnósticos de Colossos haviam incorporado a circuncisão judaica em seu sistema, dando-lhe certo valor místico, tal como os judeus comuns pensavam que a circuncisão fosse necessária para a salvação, conforme nos mostra o trecho de Atos 15:1. Paulo toma sobre essa questão a posição que ele sempre teve, ou seja, a verdadeira circuncisão é uma operação moral, mediante a qual a vida antiga é extirpada, e a nova vida se torna dominante. (Ver Rom. 2:28,29, que apóia amplamente essa idéia. Há notas expositivas completas sobre a

Nisso é que estaremos ocupados na eternidade.

«...nele...», isto é, mediante a «comunhão mística» com Cristo, o que nos sujeita à atuação do poder transformador do Espírito Santo, o qual forma em nós a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18). Isso pode ser comparado à expressão «em Cristo», usada por cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo, a qual indica a mesma coisa. Isso é comentado em I Cor. 1:4. Essa transmutação se verifica «nele», e não devido à adoração a poderes inferiores, como os «aeons». Todo e qualquer benefício espiritual se acha em Cristo. Cristo é a fonte de todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3), sendo ele o alvo de toda a existência. Cristo é o Alfa e o Ômega.

«Poderíamos ficar assustados ante tão ousadas palavras, se não nos lembrássemos que o mesmo apóstolo que aqui nos diz que a plenitude habita em Jesus, coroa sua maravilhosa oração, em favor dos crentes efésios, com essa ousada petição: 'que sejais cheios de toda a plenitude de Deus'. Esse processo do recebimento da plenitude divina é contínuo. Podemos-nos apenas aproximar da posseção do tesouro infinito que nos pertence em Cristo; e, já que esse tesouro é infinito, e visto que podemos crescer indefinidamente na capacidade de acolher a Deus, assim deve haver a eterna continuação do preenchimento, bem como ao aumento crescente da medida que nos encherá... O Cristo que em nós habita 'expandirá o lugar de sua habitação', e à proporção em que as paredes se ampliarem e o teto subir, ele preencherá uma casa cada vez maior, com a luz de sua presença e a fragrância de seu nome. A condição desse contínuo recebimento da dádiva abundante da vida divina, é estar alguém em Cristo Jesus. 'Nele' é que estamos sendo cheios... De todos esses pensamentos, Paulo queria que tirássemos a conclusão—quanta tolice, pois, a de quem apela para outra fonte, onde busque o suprimento de nossas necessidades!... Temos toda a plenitude da divindade, de onde extrair bênçãos. Tudo se acha em Cristo, para cada um de nós. Quem o quiser, que tire livremente... Ergamos os olhos desta terra vil e de todas as suas criaturas, e não mais contemplemos a qualquer homem como Senhor e Ajudador, exceto somente a Jesus, para que sejamos cheios de toda a plenitude de Deus». (Maclaren, *in loc.*).

Se alguém, porventura, disser-me: «Tu te aproprias em demasia para ti mesmo», que a resposta de minha alma seja: «Por tempo longo demais me tenho apropriado de pouco demais». Como poderei honrar àquele que dá infinitamente, se, em minha parca compreensão, apropriar-me de menos do que aquilo que me foi tencionado? Vejo Jesus, que agora subiu aos mais altos céus, e sei que ele é o meu alvo e o meu destino: Serei filho de Deus, tal qual ele é o Filho de Deus.

*Ergue para ti mansões mais firmes, ó minha alma,
Ao passarem as velozes estações!
Abandona o teu passado de teto baixo!
Que cada novo templo seja mais nobre que o anterior,
Fecha-te do céu com uma cúpula mais vasta,
Até que, finalmente, te vejas livre,
Deixando tua concha pequena no mar agitado da vida.
(Oliver Wendell Holmes).*

«...Ele é o cabeça de todo principado e potestade...» Isso já pudemos aprender bem, em Col. 1:15-19. (Ver o trecho paralelo de Efé. 1:21-23). Cristo é o criador desses principados e potestades, longe de ser ele apenas um «aeon» entre tantos outros. A mensagem inteira do «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10) é que, em torno de Cristo, como Cabeça, haverá a restauração de tudo (ver Efé. 1:22). Já que ele é o Cabeça de todos os «aeons», dificilmente poderia ser apenas um deles. Sua glória ultrapassa a deles, de modo infinito. De fato, qualquer glória de que porventura dispunham, vem dele e por meio dele, tal como se dá no caso de todos os remidos, porquanto ele dá a todos o seu propósito e destino na existência. Os crentes colossenses, pois, são exortados a deixarem de glorificar e adorar aos poderes angelicais (ver Col. 2:18). E nós também somos exortados a largar a lealdade a coisas secundárias. Paulo queria que tivéssemos uma visão do grande Rei, sendo por ela transformados. (Quanto a notas expositivas sobre os termos «principado» e «potestade», além de outras designações, que os mestres gnósticos aplicavam aos «aeons» ou diversos níveis de poder angelical, ver Col. 1:16 e Efé. 1:21).

Variante Textual: As palavras gregas «os estin», «o qual é», figuram nos mss Aleph, ACKLP e na maioria dos manuscritos posteriores, juntamente com os manuscritos latinos e, f e g e a Vulgata, e os escritos de Crisóstomo e Teodoro. Os mss P(46), BDG, 47, e o lat d dizem «o estin», «que é» (o neutro). Isso pode fazer com que a «plenitude» seja o Cabeça; mas isso é altamente improvável. O Cabeça sempre se refere a Cristo, e sempre é pessoal. Talvez o neutro foi usado por atração da palavra «pleroma» (que é do gênero neutro), mas não visa que haja substituição de uma palavra por outra. Não pode significar aqui «isto é», conforme, algumas vezes, indicam as palavras gregas «os estin», segundo se vê em Col. 2:2. Mui provavelmente, o neutro representa o original, que foi modificado para o gênero masculino, qual correção representa uma modificação gramatical.

«circuncisão», em sua origem e significado, dentro do judaísmo, em Atos 7:8 e Rom. 2:25. Quanto ao «partido da circuncisão», que havia na igreja cristã primitiva, ver Atos 11:2. Quanto à questão legalista que surgiu na igreja primitiva, ver Atos 10:9).

A Circuncisão Espiritual

1. Ela existe inteiramente à parte de seu «símbolo» (a circuncisão física).
2. Ela fala de «procriação», isto é, de uma «nova raça», a raça espiritual, a saber, o novo Israel (ver Gál. 6:16).
3. Ela fala de santificação, aquela operação espiritual que remove a

natureza carnal indesejável. (Ver as notas sobre a «santificação», em I Tes. 4:3).

4. Há um povo que, coletivamente, se chama «a circuncisão espiritual», um povo que não se jacta de si mesmo, e nem da carne, mas que adora a Deus em Espírito e se gloria em *Jesus Cristo*. Essa é a mensagem de Fil. 3:3.

5. No versículo doze, essa circuncisão é vinculada ao batismo (tal como a circuncisão física é ligada ao batismo em água). Neste caso, prevalecem as mesmas distinções que há ali. Há uma circuncisão física, que nada tem a ver com a salvação. Há um batismo físico, que nada tem a ver com a salvação. Também há uma circuncisão espiritual que, em certo sentido, se equipara à salvação. E há um batismo espiritual vinculado à salvação. Em nenhum caso, o «símbolo» tem qualquer poder salvífico em si mesmo.

«...no despojamento do corpo da carne...» Essas palavras têm um «sentido ético»; pelo que devemos considerar os pontos abaixo:

1. Não está em foco a natureza física, o corpo humano literal. Para Paulo, o corpo humano não era perverso, conforme pensavam erroneamente os mestres gnósticos.

2. Também não está em foco a idéia das paixões carnis, embora essas devam ser incluídas.

3. Antes, está em foco a personalidade humana corrupta, considerada como um todo, isto é, aquilo que o homem é, à parte da graça regeneradora—a natureza velha, o velho homem. Trata-se da natureza inferior inteira, a qual deve ser despida quando da conversão e no processo de santificação. (Ver as notas expositivas em João 3:3, sobre a «conversão»; e ver I Tes. 4:3, acerca da «santificação»). Naturalmente, Paulo alude aqui ao fato que não basta cortar o prepúcio de um homem para que haja alguma vantagem espiritual, porquanto tal operação física não transmite qualquer experiência mística. A depravação do homem requer uma operação muito mais significativa e profunda do que isso, a saber, um toque divino, que atinja a própria alma e a transforme.

Referências e idéias. *A autonegação*:

1. Cristo é nosso exemplo supremo de autonegação (ver Mat. 4:8-10; 8:20;

12 συνταφέντες αὐτῷ ἐν τῷ βαπτισμῷ³, ἐν ᾧ καὶ συνηγέρθητε διὰ τῆς πίστεως τῆς ἐνεργείας τοῦ θεοῦ τοῦ ἐγείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν

³ 12 [C] βαπτισμῷ p⁴⁶ B D* G 1739 1881 2127 Tertullian Origen^{1a} Ambrosiaster Hilary Basil Chrysostom Jerome // βαπτισματι N* A C D^o K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1962 1984 2492 2495 Byz Lect Tertullian Origen^{1a} Hilary Basil Ambrose Chrysostom

12 Ro 6.4 ἐν ᾧ καὶ συνηγέρθητε Col 3.1 τοῦ θεοῦ...νεκρῶν Eph 1.19-20

Tanto βαπτισμῷ quanto βαπτισματι são bem apoiadas: a primeira por p⁴⁶ B D* G 1739 al, e a última por N* A C D (C) K P Ψ 33 81 614 al (a evidência das versões é ambígua). A maioria da comissão preferiu βαπτισμῷ porque, sendo a forma menos usual para indicar o batismo cristão na igreja antiga (ver as duas palavras na obra de G.W.H. Lampe, *Patristic Greek Lexicon*, copistas mais provavelmente a alterariam para βαπτισματι, e não vice-versa.

2:12: tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos;

«...tendo sido sepultados juntamente com ele no batismo...» Paulo agora iguala o «batismo espiritual» à «circuncisão espiritual». Embora não devamos pressionar em demasia o simbolismo, há certa conexão entre a circuncisão do A.T. e o batismo do N.T. Ambos são sinais de algum pacto. (Ver as notas expositivas em Atos 3:25 sobre o «pacto abraâmico», do qual a circuncisão é símbolo, e onde se dão as exigências para participação no mesmo). Nossa identificação com Cristo na morte ao pecado e na vida para a retidão nos torna participantes do novo pacto. (Ver I Cor. 11:25,26 e 12:13 quanto a notas expositivas sobre as idéias da morte de Cristo e de nossa união com essa morte). Portanto, a circuncisão e o batismo são os ritos principais dos sistemas religiosos representados pelo Antigo e pelo Novo Testamentos, pelo que se poderia pensar que um substituiu ao outro. Porém, inferir a propriedade ou necessidade do batismo de infantes, porque a circuncisão era para infantes, é exagerar a conexão, sendo uma idéia aceita por alguns grupos, mas não ensinada pelas próprias Escrituras. O conceito inteiro do batismo, no N.T., é contrário ao batismo infantil, pois o mesmo simboliza a identificação espiritual na morte e na ressurreição de Cristo, mediante a fé (os elementos essenciais da salvação), o que não se pode aplicar a infantes, antes de terem chegado em uma idade em que têm fé em Cristo. Notemos aqui que esse batismo é acompanhado pela «fé na operação de Deus», o que nenhum infante pode exercer. Portanto, apesar do batismo infantil ter um precedente vetotestamentário na circuncisão, não tem precedente nenhum no conceito básico do que o batismo simboliza no N.T., o que é muito mais importante.

O Batismo E O Batismo Espiritual

1. Como agente de salvação, o batismo em água não tem mais poder que a circuncisão física.

2. Ambas essas realidades físicas são apenas «símbolos» (mas não parte da essência) do novo pacto.

3. O batismo espiritual é a «realidade simbolizada» pelo batismo em água. Trata-se da identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição, e portanto deriva benefícios de tudo que está envolvido naquelas experiências de Cristo. (Isso é amplamente comentado em Rom. 6:3).

4. Quanto a notas sobre «o batismo», ver as seguintes: «contra a idéia da regeneração batismal», Atos 2:38; sobre «o significado do batismo», ver Rom. 6:3; sobre «o modo do batismo», ver Atos 8:36,38; e sobre «o batismo infantil», ver Atos 2:41.

«...no qual, igualmente, fostes ressuscitados...» Antes de tudo, devemos pensar na «ressurreição moral», a transformação em um novo ser, na conversão e na regeneração, continuadas na santificação, que são

João 6:38; Rom. 15:3 e Fil. 2:6-8). A autonegação é prova de nossa devoção a Cristo (ver Mat. 10:37,38 e Luc. 9:23,24). 3. Ela é necessária para quem segue a Cristo (ver Luc. 14:26-33). 4. É necessária na luta dos santos (ver II Tim. 2:4). 5. É necessária para o triunfo dos santos (ver I Cor. 9:25-27). 6. Os ministros são especialmente chamados à autonegação (ver II Cor. 6:4,5). 7. A autonegação deve ser exercida negando-se a impiedade e as paixões mundanas (ver Rom. 6:12 e Tito 2:12). 8. Deve ser exercida no controle dos apetites (ver Pro. 23:2). 9. Na abstenção das paixões carnis (ver I Ped. 2:11). 10. Para que não mais vivamos segundo as paixões dos homens (ver I Ped. 4:2).

«...que é a circuncisão de Cristo...» Consideremos aqui os pontos seguintes:

1. O genitivo é «subjetivo»: é Cristo quem efetua tal circuncisão. Trata-se de uma operação sua, que ele leva a efeito por meio do seu Espírito. Desse modo é que somos transformados e nos dedicamos a Deus, que é o primeiro passo em sua direção, além de ser o primeiro elo da corrente de ouro que vincula a terra aos céus. Há certa circuncisão que «pertence a Cristo», que nos é conferida mediante a união com Cristo, em contraste com «Moisés». A circuncisão carnal removida apenas uma pequena porção do corpo físico. A verdadeira circuncisão espiritual remove a natureza corrupta por inteiro, a qual é aqui pintada como um corpo.

2. Alguns estudiosos vêem aqui o sentido dessas palavras como a «circuncisão de Cristo», como aquela que lhe pertence, a qual consiste do despojamento da carne, em sua morte, da qual partilhamos espiritualmente. Isso é uma verdade, embora pareça estranho que sua morte seja chamada de «circuncisão», pelo que o mais provável é que não é isso que está em foco neste ponto.

3. Ainda mais remota e ridícula é a idéia que está em pauta a circuncisão literal, do menino Jesus, da qual os crentes participariam vicariamente.

Variante Textual: As palavras «corpo dos pecados da carne» aparecem nos mss Aleph(3), D(2), E(2) KL e são seguidos pelas traduções KJ e PH, dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação, neste comentário. (Ver a identificação das mesmas na lista de abreviações que há na introdução geral). O texto mais simples e mais antigo, que certamente é o original, diz «corpo de carne», que aparece nos mss P(46), Aleph(1), D(1) FGP. A adição é uma glosa escrital interpretativa.

Jerome Theodoret Ps-Athanasius John-Damascus // βαπτισματι or βαπτισμῷ it^{ar,c,d,dem,div,e,f,g,mon,x,z} vg syr^h,pal cop^{sa},bo goth arm // βαπτισματι eis τὸν ἄδην Ps-Athanasius

realidades produzidas pela nossa união mística com Cristo. Mas também é antecipada a ressurreição de nosso corpo, além de nossa entrada no glorioso estado dos lugares celestiais, do que a «ressurreição moral» é a garantia, é a experiência espiritual preliminar. Nisso é que se manifestam a vida e a alegria reais.

«Algum dia as pessoas aprenderão que as coisas materiais não trazem felicidade e têm pouca utilidade em tornar homens e mulheres criativos e poderosos. Então os cientistas do mundo transformarão seus laboratórios em lugares de estudo de Deus, da oração e das forças espirituais». (Charles P. Steinmetz).

Referências e idéias. *A vida espiritual*:

1. Deus é o autor da vida espiritual (ver Sal. 36:9 e Col. 2:13). 2. Jesus Cristo é seu autor (ver João 5:21,25; 6:33,51-53; 14:6 e I João 4:9). 3. O Espírito Santo é seu autor (ver Eze. 37:14 com Rom. 8:9-13). 4. A Palavra de Deus é seu instrumento (ver Isa. 55:3; II Cor. 3:6 e I Ped. 4:6). 5. Está oculta em Cristo (ver Col. 3:3). 6. O temor de Deus é vida espiritual (ver Pro. 14:27 e 19:23). 7. A mente espiritual é vida espiritual (ver Rom. 8:6). 8. A vida espiritual é mantida por Cristo (ver João 6:57 e I Cor. 10:3,4). 9. Pela fé (ver Gál. 2:20). 10. Pela Palavra de Deus (ver Deut. 8:3 com Mat. 4:4). 11. Pela oração (ver Sal. 69:32).

«...mediante a fé na operação no poder de Deus...» Quanto a essa declaração, convém considerarmos os pontos seguintes: 1. Não está em foco a fé que o poder de Deus opera, o que é uma verdade, contudo (pois a fé é um dos aspectos do fruto do Espírito; ver Gál. 5:22). 2. Também não está em pauta a fé descrita como operação divina (genitivo adjetivo). 3. Também não se deve pensar no genitivo de aposição, «fé, que é operação de Deus» (o que também expressa uma verdade, embora não esteja em foco aqui). 4. Antes, devemos pensar no genitivo objetivo, «fé na operação de Deus».

«...poder...» No grego temos «energia», o «poder ativo de Deus», que opera ativamente nos crentes, através do Espírito Santo, o qual os converte, regenera, santifica e transforma segundo a imagem de Cristo. A fé se apossa dessa realidade e a aplica, entregando a própria alma a Cristo, mediante o que se concretiza toda e qualquer espiritualidade. O trecho de Efé. 2:8-10 lhe é paralelo. Tudo nos vem pela graça, mas a fé é que se apropria da graça, e é assim que nos tornamos «feitura» dele. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça», ver Efé. 2:8; quanto a notas expositivas sobre a «fé», ver Heb. 11:1). A fé inclui certas crenças, como acerca da ressurreição, da divindade de Cristo, etc., mas, antes de tudo, consiste da outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, uma transação entre a alma e Deus, em que um homem se entrega totalmente a Cristo. Isso produz a «circuncisão espiritual», o que é um dos aspectos do «batismo espiritual», a saber, o despojamento da natureza carnal, por ocasião da conversão e da santificação.

«...que o ressuscitou dentre os mortos...» Essa cláusula tem duas funções, como modificadora, a saber: 1. Mostrar que a morte foi conquistada, e que uma vida nova nos foi conferida, através do poder de Deus. A fé se apossa dessa realidade. 2. Mostrar que o poder divino é eficaz, porquanto ressuscitou a Cristo dentre os mortos, pelo que podemos confiar nele quanto à «ressurreição moral» e quanto à «ressurreição literal», no último dia. A fé se apropria desse milagre. (Ver Efé. 2:19 e ss. onde o poder da ressurreição também ilustra essa poderosa operação, mediante a qual Deus faz os homens se tornarem a plenitude de Cristo, e Cristo tornar-se o Cabeça de todo o universo). Nas páginas do N.T., a ressurreição normalmente implica na ascensão e na glorificação, mesmo quando esses aspectos não são

especificamente mencionados, porquanto isso é apenas continuação do poder da ressurreição. (Quanto a notas expositivas sobre esse tema, ver Atos 2:32,33).

«O poder de Deus, ao ressuscitar os mortos à vida, é o mesmo em nosso Senhor e em nós, o poder físico exercido nele serve não somente de garantia do mesmo poder físico, que será exercido em nós, mas também é condição e certeza de um poder espiritual que já atua em nós, mediante o que, em espírito, somos ressuscitados juntamente com Cristo, sendo incluída a ressurreição física, como parte daquela ressurreição maior». (Alford, *in loc.*). O poder exibido no Cabeça, pois, também será exibido no corpo. Não poderia mesmo ser de outro modo.

13 καὶ ὑμᾶς νεκροὺς ὄντας [ἐν] τοῖς παραπτώμασιν καὶ τῇ ἀκροβυστίᾳ τῆς σαρκὸς ὑμῶν, συνεζωοποίησεν ὑμᾶς⁴ σὺν αὐτῷ,^a χαρισάμενος ἡμῖν πάντα τὰ παραπτώματα,^a

⁴ 13 {C} ὑμᾶς N* A C K 81 326 430^m 614 629 630 1739 1877 1881 2495
it^s syr^p cop^m eth Euthalius Theodoret John-Damascus Ps-Oecumenius // ἡμᾶς P¹⁶ B 33 88 181 Lect it^mon syr^{pal} arm Marcion Ambrose // omit N* D

C P Ψ 0208 104 330 436* 451 1241 1962 1984 2127 2492 Byz it^{ar} d, dom, div, e, f, g, x, z
vg goth Tertullian Ambrosiaster Hilary Chrysostom Theodoret Theophylact

*** 13-14 a minor, a minor, a minor: TR Bov // a minor, a major, a minor: Nes BF² AV Luth // a major, a minor, a minor: WH NEB // a minor, a minor, a major: WH^m RSV

(Zür) // a minor, a major, a major: RV ASV Seg // a major, a major, a major: TT // a exclamation, a exclamation, a minor: Jer

13 ὑμᾶς νεκροὺς...αὐτῷ Eph 2:1, 5

13 οντας N*B 69 2412 al; R] add εν P⁴⁶ ADG pm lat ε; καὶ 2^o] add εν D*G [ημιν] υμ- LP 69 al vlg sa ε

A maioria da comissão preferiu ὑμᾶς, que é adequadamente apoiada por N* A C K 81 614 1739 sir (p,h) cop (sa,bo) etí al, e explicou (a) sua omissão de N^c D G P Ψ al com base em que parecia ser supérflua, e (b) sua substituição por ἡμᾶς em P (46) B 33 88 it (86) sir (pal) ara al, como devido ao desejo de conformar a pessoa do verbo ao ἡμῖν que se segue.

2:13: e a vós, quando estáveis mortos nos vossos delitos e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdando-nos todos os delitos;

«...E a vós outros...» A declaração é agora mais profundamente personalizada. Aquilo que Paulo vinha descrevendo como a morte juntamente com Cristo, deve ser seguido pela vida em Cristo, como experiência pessoal dos crentes. Os crentes colossenses deveriam procurar tal vida em Cristo, e não entre os supostos salvadores ou «aeons» postulados pelos mestres gnósticos.

«...mortos...» Este versículo tem paralelos em Efé. 2:1,5. (Ver as notas expositivas ali existentes, concernente ao fato que estávamos «mortos em transgressões e pecados» (ver o primeiro desses dois versículos), o que é seguido pela «vivificação» para uma nova vida, a ressurreição moral, que é a garantia da ressurreição do grande dia (ver o quinto versículo). O estado espiritual anterior daqueles crentes se caracterizava pela morte, o que fazia deles seres espiritualmente inermes, impotentes para qualquer modificação, totalmente cativos e pervertidos no paganismo.

*Dragões da primeira qualidade
Que se despedaçam mutuamente em sua lama.*

*Naquele duro mundo pação calram
O desgosto e o nojo secreto;
Profundo cansaço e concupiscência saturada
Faziam da vida humana um inferno.
(Matthew Arnold).*

«...transgressões...» No grego é «paraptoma», «passo em falso», «transgressão». A forma verbal «parapito», significa «cair ao lado», «desviar-se», sendo palavra usada para indicar o desvio ou a apostasia, bem como os pecados feitos pela vontade depravada dos pagãos. Tal termo é normalmente empregado para indicar a transgressão de leis conhecidas, mas isso não é uma implicação necessária. (Ver as notas expositivas completas a respeito, em Efé. 2:1, trecho paralelo a este).

Desejo

*Tu, marca do cego, ardil auto-escolhido do tolo,
Fezes e escuma da Fantasia de pensamentos dispersos,
Bando de todos os males, berço de cuidados sem causa,
Tu, teia da vontade cuja finalidade nunca é atingida;
Desejo! desejo, tenho comprado caro demais,
Com preço de mente doentia, tuas quinilharias sem valor;
Por tempo demais dormente, me tens trazido,
Embora devesses preparar-me a mente para coisas mais altas.
Mas é em vão que tens buscado minha ruína,
Em vão me tens feito aspirar por coisas vãs,
Em vão acendes toda a tua fogueira fumarenta.
Pois a virtude tem ensinado esta lição melhor,
Buscar dentro em mim o meu único salário,
Nada desejando senão como matar o desejo.*

(Sir Philip Sidney)

«...pelas vossas...» Provavelmente temos aqui o «dativo instrumental». As transgressões e a natureza antiga «causam» a morte, tornando-a um estado perpétuo. Também é possível o dativo de «esfera dentro da qual». Eles viviam «no reino do pecado e da morte», e eram homens espiritualmente mortos. Ambas as idéias são verazes.

«...e pela incircuncisão da vossa carne...» Essa afirmativa deve ser contrastada com o «despojamento do corpo da carne» (o que se dá mediante a circuncisão espiritual). Isso quer dizer que eram homens caracterizados pelo domínio da natureza carnal, inferior e sem regeneração. Não há aqui qualquer alusão ao fato de serem literal e fisicamente «incircuncisos». Paulo falava do estado de não-regeneração e de condição moral depravada. (Isso pode ser comparado ao trecho de Atos 7:51, que fala sobre os judeus, «incircuncisos de coração e de ouvido». Ver também as notas expositivas em Efé. 2:11, onde os gentios são chamados de «a incircuncisão»). Apesar de que ali o estado físico literal é aludido, contudo, é o estado espiritual que

está particularmente em foco. Não havia em sua alma qualquer «operação divina». Esse estado de incircuncisão espiritual os deixava em estado de degeneração moral, necessitados da transformação operada pelo poder da ressurreição, a fim de que saíssem de tal estado, pois um homem não pode ressuscitar a si mesmo.

«...vos deu vida juntamente com ele...» Deus é aqui o sujeito, e não Jesus Cristo, porquanto Deus é quem ressuscitou a Cristo, e quem também nos ressuscita espiritualmente. O grego diz aqui «sudzooipoio», «vivificar juntamente». Essa palavra é usada no paralelo de Efé. 2:5, mas em mais nenhum outro trecho do N.T. Uma nova vida imortal foi dada tanto ao Cabeça como ao corpo, de tal modo que ambos participam da mesma modalidade de vida. (Ver as notas expositivas em Efé. 2:5, onde essa idéia é desenvolvida, como também em Rom. 6:5,6,8. Ver acerca da «vida eterna», em João 3:15; ver acerca da «salvação», em Heb. 2:3; e ver a nota geral sobre a ressurreição em I Cor. 15:20, onde também se discute acerca do «corpo ressurto», com notas adicionais nos versículos trinta e cinco e quarenta desse mesmo referido capítulo).

Contudo, alguns estudiosos preferem pensar que aqui há alusão ao Filho de Deus, ele é quem nos ressuscitaria juntamente consigo mesmo, para uma nova vida. E assim dizem, com base nos seguintes argumentos: 1. Cristo é quem é a pessoa exaltada no contexto. 2. Há dificuldade em suprir o sujeito derivado do genitivo do décimo segundo versículo, «de Deus». 3. Parece que Cristo é o sujeito dos versículos catorze e quinze, que dão continuação aos pensamentos aqui iniciados.

A esses argumentos podemos replicar, porém, que apesar do Filho estar sendo aqui exaltado, contudo, essa exaltação vem da parte «de Deus», e não do próprio Cristo, não havendo qualquer dificuldade em suprir um nominativo com base em um genitivo (o theos, proveniente de tou theou), além do que sempre é o Pai quem é apresentado a ressuscitar ao Filho, o qual nunca ressuscita a si mesmo. No trecho de Efé. 2:4, que é paralelo a esta passagem, Deus é sujeito da cláusula. A questão entretanto, não se reveste de grande importância, pois Deus Pai e o Cristo com frequência são intercambiados no tocante às questões espirituais em favor dos crentes. (Ver Efé. 1:2,3 quanto a evidências em favor disso). Não seria mesmo de estranhar que Paulo ignorasse a gramática mais estrita e passasse de uma forma para outra sem disso notificar a seus leitores.

«...perdoando...» No grego temos uma palavra que significa «dar livremente», «dar graciosamente», ou seja, «remir», «perdoar». A palavra «graça» é o termo básico para o vocábulo aqui usado. Não podemos separar a idéia de «graça» e a idéia de «dar livremente, como um presente», da «idéia neotestamentária do perdão». Isso nos vem por intermédio de Cristo, o qual provê sólidas razões para o perdão estendido, a saber, que ele foi quem levou o nosso pecado. (Ver João 1:29, onde se lê: «eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo»). Ver também Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:7 quanto a notas expositivas completas sobre o «perdão dos pecados». Ver Atos 3:19, onde isso é pintado como um «apagar os pecados». Ver igualmente o trecho de Efé. 4:32: «...como também Deus, em Cristo, vos perdoou». Este versículo, tal como a passagem de Col. 3:13, salienta o fato que o perdão de Deus aos nossos erros requer que perdoemos ao próximo. Essa idéia pode ser confrontada com a declaração do Senhor Jesus sobre a questão, em Mat. 6:14,15: O perdão dos pecados é apenas o começo da salvação, embora seja um passo imprescindível.

Variante Textual: As palavras «...perdoando os vossos delitos...» figuram nos mss Aleph(3), LP, em muitos manuscritos posteriores, na Vulgata e no Etí. Mas a forma «...perdoando os nossos delitos...», segundo se vê em nossa versão portuguesa, é a forma que aparece nos mss P(46), Aleph, ABDGK, outros manuscritos, no Latim d, e e g, no Gót, no Si(bo) e no Ara. Isso representa uma evidência esmagadora em favor desta última forma. Paulo inclui a si mesmo e à igreja universal, portanto. Tais transições, de um pronome pessoal para outro lhes são comuns. (Ver Col. 1:10-13; 3:3,4; Efé. 2:2,3,13,14; 4:31,32 e 5:2, e quanto à transição ao contrário, ver Gál. 3:25,26 e 4:5,6).

5. A grandeza de Cristo em contraste com os ensinamentos e práticas falsos (2:4-23).

b. Contra a filosofia pervertida e o legalismo (2:8-17).

3. A lei foi abolida em Cristo (2:14-17).

Paulo se manifestou contra as formas mais comuns de gnosticismo, representadas em Colossos, particularmente contra as idéias que rebaixavam Cristo à posição dos anjos, degradando sua pessoa e sua glória. Isso ele fizera exaltando à pessoa de Cristo, conforme se vê em suas doze superioridades (ver Col. 1:15-20). Além disso ele mostrara que, assim como Cristo tem toda a plenitude da divindade, a inteira «pleroma» de Deus (ver Col. 1:19 e 2:9), assim também é compartilhado pelos remidos, através da comunhão mística com Cristo, mediante a operação do Espírito Santo. Agora, na seção que temos à frente, ele ataca o antigo problema da igreja primitiva: o legalismo. Parece que os gnósticos de Colossos tinham incorporado em seu sistema várias das provisões cerimoniais da lei mosaica, como restrições dietéticas, observação de dias santos e sábados, etc. Isso se adapta bem ao espírito ascético que os caracterizava. Alguns mestres gnósticos eram totalmente libertinos, mas os gnósticos de Colossos (agradavam à natureza carnal através da mortificação exagerada das necessidades normais, mediante o que eram louvados por outros, devido à sua suposta vida piedosa, mais ou menos como faziam também os fariseus. Provavelmente não erramos ao dizer que os gnósticos que assediavam a comunidade cristã de Colossos eram fariseus em espírito.

14. ἡ ἀφαιρέσις τὸ καθ' ἡμῶν χειρόγραφον τοῖς δόγμασιν ὃ ἦν ὑπεναντίον ἡμῖν,^a καὶ αὐτὸ ἦρκεν ἐκ τοῦ μέσου προσηλώσας αὐτὸ τῷ σταυρῷ.

14 ἀφαιρέσις...μέσου Eph 2:14-15

προσηλώσας...σταυρῷ Eph 2:16; 1 Pe 2:24

2:14: e havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz;

«...tendo cancelado...» No grego é «eksaleipho», «apagar», «remover», «obliterar». Isso é aqui dito sobre a legislação mosaica, sobretudo sua porção cerimonial. Em II Clemente 13:1 é palavra usada para indicar a remoção ou cancelamento dos pecados. Essa legislação estava contida em «documentos escritos». Paulo retratava Cristo como o obliterador daquela mensagem, naquilo que ela se aplicava aos crentes. Nos escritos clássicos, o termo aqui usado é empregado para referir-se à ação dos escribas, que apagavam qualquer escrita (ver Platão, *República*, par. 386, G, par. 501 B).

Apesar das exigências cerimoniais da lei estarem especificamente em pauta aqui, não nos devemos esquecer que os judeus não faziam distinção exata entre os aspectos moral e cerimonial da lei, conforme se faz hoje em dia na teologia cristã. Portanto, o mais certo é que uma declaração como a que aqui temos, indicaria o ponto final de toda a legislação mosaica. Para os judeus, algumas exigências cerimoniais eram seríssimas, tanto quanto as exigências morais. De fato, os judeus encaravam a lei inteira como uma grande obrigação moral. Seja como for, outro tanto é dito acerca da lei inteira. (Ver Rom. 10:4: «Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê». E também: «Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei» (Rom. 3:28). «...pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão» (Gál. 2:21). «Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus» (Gál. 2:19). «Porque se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei» (Gál. 3:21). «Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio» (Gál. 3:25). Portanto, «...é evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus...» (Gál. 3:11), porquanto «Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar...» (Gál. 3:13). «Mas agora, sem lei se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas» (Rom. 3:21), e isso «mediante a fé em Jesus Cristo» (Rom. 3:22), de tal modo que somos justificados livremente pela sua graça, devido à redenção que há em Cristo Jesus (ver Rom. 3:24). Pela lei vem o «conhecimento do pecado», o que significa que nenhuma redenção pode dali provir (ver Rom. 3:19), pelo que foi dito: «...ninguém será justificado diante dele por obras da lei...» (Rom. 3:20). «Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie» (Ef. 2:8,9). «...não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou, mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo» (Tito 3:5). Todos esses versículos deixam perfeitamente clara a posição de Paulo referente à lei.

«...o escrito de dívida... que constava de ordenanças...» No grego temos o termo «cheirographon», palavra posteriormente usada para indicar qualquer documento, escrito à mão. Mas originalmente significava «autógrafo». No grego posterior passou a ser termo técnico para um reconhecimento escrito de dívida. Tal palavra tornou-se a indicação comum de dívidas legais, tendo sido incorporada no vocabulário legal romano, a saber, «chirographum». (Ver Cícero, *Fma.* vii,18; Juvenal, *Sat.* xvi,41). Neste ponto, é usada por Paulo para indicar a «lei escrita», que muito exige do homem, assim pondo-se em dívida, e, de fato, em bancarrota moral. A lei mosaica exige tanto que deve ficar perpetuamente sem cumprimento, ou seja, torna-se uma testemunha perene sobre como o homem, por si mesmo, não pode agradar a Deus. Desse modo, o homem está sempre em dívida moral, devendo mais do que os seus recursos morais podem saldar. Essa lei mostra bem a obrigação do homem, mas não lhe oferece ajuda para cumprir sua obrigação.

A vasta maioria das religiões organizadas reconhece que o homem está em dívida moral, e que algo precisa ser feito para «remi-lo». Em geral, as religiões dividem-se em três grupos, no tocante ao tipo de redenção. Uma das respostas é a solução «legal». Se um homem vivesse de acordo com certo código moral, poderia saldar suas dívidas e ser remido. Outra das respostas é a solução «sacramental». Se um homem tiver o cuidado de seguir certa organização religiosa, observando seus ritos e cerimônias, então Deus o favorecerá. Normalmente, se pensa, dentro desse sistema, que os sacramentos, mediante algum poder mágico, transmitem a graça divina. A terceira resposta é a solução «mística». Essa posição postula a fé paulina. Ele acreditava que, mediante o contacto com o Espírito de Deus, e devido à transformação moral do íntimo, que finalmente floresce na forma de modificação da própria natureza do indivíduo, o homem paga sua dívida moral e se torna nova criatura, remida. A solução mística presume o

contacto real com o ser divino, através da presença do Espírito Santo. Isso é que produz o milagre necessário.

«...ordenanças...» No grego temos «dogma», «decreto», «mandamento», «ordenança». No N.T., essa palavra ordinariamente significa «decreto», pelo que não está em foco apenas a lei cerimonial, embora o décimo sexto versículo mostre que isso faz parte da lei que era salientada. Têm surgido várias maneiras de compreender o emprego e o sentido da palavra grega «dogma», aqui usada, a saber:

1. Alguns pensam que essa palavra deve ser entendida em vinculação com o «escrito de dívida», pelo que seu material é expresso na forma de «exigências».

2. Outros pensam que suas exigências são expressas «mediante exigências» (dativo de agência).

3. Ainda há aqueles que vêem as exigências como o próprio evangelho, como se por essas «exigências evangélicas» tivesse sido obliterado o «escrito de dívida» ou «lei». Isso toma a palavra «domasi» juntamente com «eksaleipsas», ao invés de juntamente com «cheirographon», o que é possível, mas não provável. Além disso, tal uso se opõe ao emprego normal do vocabulário nas páginas do N.T., porque ali o evangelho nunca é tido como um documento, já que o evangelho não é tal, embora a lei mosaica o seja. A lei, por outro lado, é bem expressa através do termo grego «dogma», «decreto», «exigência». O termo grego «dogma» é usado em lugar de «nomos» (palavra normalmente usada para indicar a «lei»), a fim de enfatizar sua «natureza exigente», a fim de dar a entender que ninguém, nem mesmo os falsos mestres, que a advogavam, como se a mesma trouxesse bem-estar espiritual, realmente obtém tal benefício da lei. A primeira e a segunda dessas três interpretações é que lhe exploram o sentido certo, não havendo grande diferença entre elas, pois ambas são gramaticalmente possíveis.

«...o qual nos era prejudicial...» No grego é «upenantos», «hostil», «oposto», «contrário». A lei apenas parecia beneficiar ao homem; mas, apesar de ser ela santa, tornou-se aliada do pecado, ao revelar o caráter pecaminoso do pecado, ao exigir julgamento contra o mesmo. O trecho de Rom. 7:8-13 desenvolve amplamente esse tema. O mandamento que se julgou ter sido ordenado para transmitir vida, na realidade teve o efeito contrário: produziu morte. Aquilo que se pensou ser uma «bênção», transformou-se em «maldição» (ver Gál. 3:13). Aquilo que era tido como um amigo, mostrou ser um adversário. Aquilo que foi considerado benigno, provou ser hostil.

«...removeu-o inteiramente...» No grego temos o verbo «airo», «levantar», «tirar», «remover», «retirar», «levar», «tirar do meio», «pôr de lado». A idéia de «entre nós e Deus», como se a lei se agigantasse, hostil, em nosso meio, para em seguida ser removida, deve estar em foco. Pelo menos essa idéia ilustra bem o que é aqui concebido. Notemos, no original grego, o tempo perfeito do verbo. Na cruz se realizou a grande transação, e os resultados disso prosseguem. Mui provavelmente, Deus é o sujeito, do princípio ao fim. Ele removeu a lei e a encravou na cruz de Cristo.

«...encravando-o na cruz...» Essas palavras dizem «como» foi feita a remoção. Ele apagou seu conteúdo e anulou seu «escrito de dívida», «encravando-o na cruz», isto é, através da expiação que há em Cristo, o que assinalou o término de sua missão terrena, devido ao que a justificação passou a ser dada inteiramente à parte das exigências legais. Nisso se vê o cancelamento completo e final da dívida contida no «escrito de dívida». Notemos o aoristo, o que mostra que Deus agiu de uma vez para sempre, ao encravar a dívida na cruz. Esse foi o fim da lei, como uma ameaça, quanto a todos quantos crêem.

Alguns estudiosos crêem que está em foco o antigo costume de encravar um prego através de dívidas canceladas, que então eram penduradas em lugares conspícuos, para que todos quantos passassem as vissem. Isso daria um sentido vívido a essas palavras, embora haja poucas provas de que tal costume realmente existiu. Não obstante, as palavras sugerem que isso existia e era conhecido pelos leitores originais da epístola. Qualquer que tenha sido o simbolismo oculto, o sentido é perfeitamente claro. A morte de Cristo, a sua expiação (ver Rom. 5:11 em suas notas expositivas), anulou a dívida de todos os crentes, ao mesmo tempo que foram eles libertos de qualquer imposição legal, de qualquer condenação imposta pela lei.

Havia o costume de exibir nos templos os despojos de guerra. Provavelmente essa é a alusão tencionada. Assim como o «título», pregado a uma cruz, dizia por qual razão a vítima estava sendo executada, assim também, em certo sentido, Cristo encravou na sua cruz o título da «lei contrária». «Quando Cristo foi crucificado, Deus encravou a lei em sua cruz» (Peake, *in loc.*). Cristo teve de pagar o débito da maldição da lei; mas,

tendo-o saldado, não tem mais qualquer poder sobre nós a «legislação contrária», tal como não tem mais qualquer poder sobre ele. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «crucificação», com evidências arqueológicas, ver Mat. 27:35. Quanto a uma lista dos benefícios que nos são dados mediante a cruz, ver Gál. 3:13).

15 ἀπεκδυσάμενος τὰς ἀρχὰς καὶ τὰς ἐξουσίας ἐδειγμάτισεν^b ἐν παρρησίᾳ,^b θριαμβεύσας αὐτοὺς ἐν αὐτῷ.

^b 15 b none, b minor: TR Bov Nes BF² AV RV ASV RSV NEB TT (Zür) (Luth) Jer Seg // b minor, b none // b none, b none: WH

15 ἐξουσίας] add και p⁴⁶B vg(I) 8a

2:15: e, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz.

Paulo não se demorou em mostrar a inutilidade da lei na busca espiritual, para a salvação ou para a justificação. O fato que seu estudo sobre isso é extremamente breve sugere que ele supunha que seus leitores estavam bem-versedos na questão, devido às instruções de mestres como Epafros (ver Col. 1:7 e ss.), não precisando eles de outras explicações. Ele lhes lembrava o ensinamento do evangelho alusivo à lei, e isso lhe pareceu suficiente. Agora volta a atenção para outro efeito da cruz. Na cruz houve o triunfo sobre as forças angelicais da maldade. O trecho de Efê. 6:12 e ss. mostra-nos que existem poderes angelicais malignos, os quais também habitam nos «lugares celestiais», nas «esferas espirituais», mas distintos dos lugares onde habitam os anjos santos e os homens remidos (ver Efê. 2:6 e 3:10). E esses anjos maus também recebem os nomes de principados, potestades, domínios, etc., os mesmos nomes aplicados aos santos anjos. Paulo nos apresenta aqui apenas duas de tais designações, mas isso não indica que somente esses «aëons» ou níveis de poderes angelicais sejam maus. Ele simplesmente não se dá ao trabalho de enumerar a todos eles. Duas coisas podem estar em foco, aqui:

1. Os poderes angelicais, longe de servirem de mediadores benfazejos (segundo ensinavam os gnósticos), podem pertencer ao reino tenebroso, servindo de ameaça contra nós. Isso torna esta passagem diretamente paralela do trecho de Efê. 6:12, que desloca a nossa luta para as esferas celestiais, e não as atribui a esta esfera terrestre. Fica subentendido que esses poderes celestiais têm acesso a este mundo e exercem influência sobre o mesmo.

2. Além disso, Paulo poderia estar se referindo, em termos gerais, a todos os supostos aëons, que exerceriam alguma influência, boa ou má, sobre os homens. Todos esses supostos mediadores, pois, seriam inúteis. Seu contacto com os homens teria sido abolido, no sentido que, na cruz, o perdão, a justificação e a glorificação futura estão garantidos, inteiramente à parte de tais seres, bons ou maus.

Aludindo ao quebrantamento do poder de qualquer tipo, que poderia exercer influência sobre nós, Paulo usa de uma metáfora de natureza militar. A força opositora é vista como exército totalmente derrotado, exposto em parada triunfal, sob a vigilância do vencedor. Deus os despojou de suas armas e de suas forças, levando-os cativos em cadeias, por causa do que Cristo fez; e isso abertamente, perante todos os povos, de modo a não restar dúvidas sobre a questão. Portanto, no presente texto, vê-se que, na cruz, há uma profunda significação cósmica, e não meramente terrena. Isso afeta o poder de seres sobre-humanos, no que se relaciona aos remidos. A cruz é a promessa da restauração futura do bem, do seu triunfo sobre o mal, ao mesmo tempo que é o começo do triunfo. Já vimos a apresentação dessa idéia em Col. 1:20, onde a cruz é vista como o poder expiatório e reconciliador de escala universal, envolvendo, em seu escopo, não só a terra, mas também os céus e o hades, produzindo paz universal. Ver as notas sobre Efê. 1:10 e Col. 1:16.

A figura simbólica aqui usada, naturalmente, não nos leva ao fim da obra de Cristo, mas apenas pinta como os poderosos espíritos, que antes nos conservavam sob seu domínio «tenebroso» (ver Col. 1:13), tiveram agora seu poder quebrantado e totalmente anulado.

Paulo asseverava que os homens que permanecem sob o poder dos espíritos elementares, as *stoicheia* ou *aëons*, são não-remidos. Com quanta estupidez, portanto, é que os membros da igreja homenageiam ou adoram a tais espíritos, supondo-os santos, quando, pelo menos alguns deles são malignos. (Comparar com I Cor. 10:20, onde se afirma que a idolatria inclui a adoração aos espíritos demoníacos, que inspiram tal adoração).

Paulo fazia aqui uma séria acusação. Dizia ele que o poder dos espíritos adorados é real, embora maligno. E assim ele afirma que os falsos mestres advogavam, na realidade, a adoração aos espíritos maus. Cristo nos libertou de tudo isso.

«...e, despojando...» No grego é *apekduomai*, «tirar», «despir», «desarmar». Alguns intérpretes entendem esse verbo de modo absoluto, pelo que traduzem, «tendo despidido de si mesmo o 'seu corpo'». Nisso Deus é visto como quem faz os espíritos hostis, de qualquer esfera, os seus adversários.

16 Μὴ οὖν τις ὑμᾶς κρινέτω ἐν βρώσει καὶ ἐν πόσει ἢ ἐν μέρει ἑορτῆς ἢ νεομηνίας ἢ σαββάτων,

16 Ro 14:1-12

16 καὶ p⁴⁶B 1739 sy^p Tert] ἢ NADGI pl⁵; R

2:16: Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de luz nova, ou de sábados,

Os gnósticos de Colossos misturavam a adoração aos anjos com o tipo de legalismo contido nas leis cerimoniais mosaicas. Paulo acabara de mostrar, nos versículos catorze e quinze, que a lei fora abolida e que os anjos malignos haviam sido derrotados, como mediadores da salvação, de tal modo que nem uma e nem outra coisa podem ter qualquer relação vital dessa natureza com os crentes. Agora Paulo entra em algumas particularidades dessa adoração, que envolvia questões como comer e beber, a observância de dias especiais, de estações, de dias santos, etc. E nega que os «dogma» («exigências») da lei (ver o décimo quarto versículo)

«Percebi que estáveis firmados em fé inabalável, como que «encravada» sobre a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, tanto na carne como em espírito» (Inácio a *Esmirna*, i). Assim, ao usar as palavras do presente texto, ele indica quão completa e final era a dedicação deles a Cristo, de tal modo que o cancelamento de sua dívida fora completa e final.

Isso faria de Cristo o sujeito, ao invés de Deus, e sua morte sobre a cruz seria o agente da vitória. Por isso é que o Códex G substitui «principados» por «corpo», e essa era, igualmente, a interpretação de Hilário, Ambrósio, Agostinho e outros, principalmente entre os pais latinos da igreja. A passagem de II Cor. 5:4 encerra a idéia de nos despirmos do corpo, como se fora uma veste, a fim de entrarmos na imortalidade. Este versículo tem sido usado em apoio à idéia da fé latina. Essa interpretação, porém, não tem sido aceita com grande favor, e com razão. É mais natural pensarmos que o verbo significa «desarmar», tomando os principados e poderes como seu objeto direto.

Outros estudiosos têm traduzido «tendo despidido de si mesmo (voz média subentendida) os poderes hostis do mal». Mas essa idéia é estranha ao texto, porque faz com que as forças hostis sejam uma espécie de veste que Cristo «vestiu» durante sua encarnação, mas da qual ele se livrou quando da morte física. Outrossim, o «velho homem», nossa natureza carnal, não pode estar em foco aqui, embora, algumas vezes, ela seja pintada como a «veste a ser despida» (ver Col. 3:9 e seus paralelos), já que Cristo não tinha velho homem a ser despidido (ver João 8:46; Atos 3:14 e Heb. 4:15, acerca da «impecabilidade de Cristo»).

As forças hostis podem ser vistas a se «reunirem em volta dele», qual exército hostil. E então, a vitória de Cristo no Calvário teria sido o meio de dispersá-las. Isso nos forneceria um sentido aceitável, mas que nem por isso é muito provável. Ou então, em sua natureza humana, no corpo de sua encarnação, ele poderia ser visto rodeado por tentações humanas e forças estranhas, ao passo que, em sua morte, ele as dispersou. Mas o sentido simples e claro é que, mediante sua morte triunfante, Cristo «desarmou» seus inimigos. Ele os deixou impotentes, no tocante a si mesmo e a nós, seus irmãos. Isso possibilitou o cortejo triunfal sobre eles.

«...publicamente os expôs ao desprezo...» No grego temos o verbo «deigmatidzo», «zombar», «desmascarar», palavra usada para indicar a ação de desmascarar publicamente uma esposa adúltera, em público. (Ver a mesma palavra usada nessa conexão, em Mat. 1:19, que é seu único outro emprego em todo o N.T.). A exibição pública, bem como o opróbrio público, estão envolvidos nessa idéia. A metáfora é a de um exército derrotado, a ser exibido pelas ruas, mostrando sua derrota e vergonha. A própria palavra não subentende, necessariamente, vergonha ou desgraça, mas o presente contexto subentende isso. A raiz é «deigma», referência ao bazar público onde as mercadorias eram exibidas e vendidas.

«...publicamente...» No grego é «en parresia», que com freqüência significa «com franqueza de linguagem», e alguns intérpretes pensam que isso fala de «declarações abertas», a anunciarem a derrota do inimigo, mas isso exagera um pouco a metáfora. Também pode significar isso «com ousadia». Mas parece que a maneira «pública», «franca» com que esses poderes são desmascarados, é o que está mais em foco nessa metáfora.

«...triunfando...» No grego é «thriambeuo», isto é, «conduzir em cortejo triunfal», conforme se vê em II Cor. 2:14. A idéia não é a de conduzir os anjos em «procissão festiva», como se estes fizessem parte da alegria da parada. Isso seria contra a metáfora empregada. A alegria do triunfo pertence ao vencedor, o qual conduz o «inimigo» à exibição pública.

Verdade, Satanás, és apenas um palhaço,

E não distingues a veste do indivíduo;

Cada prostituta já foi uma virgem,

E não podes tornar Maria em Nancy.

Ainda que sejas adorado com nomes divinos,

Como Jesus ou Jeová, continuas sendo

Filho da manhã, no declínio cansado da noite,

O sonho do viajor perdido sob a colina.

(William Blake - 1757 - 1827)

«...na cruz...» No grego temos «en auto», isto é, «nele». Talvez esteja em foco a «cruz», em consonância com o versículo anterior. Mas alguns estudiosos preferem traduzir por «nele», isto é, o triunfo de Deus é «em Cristo». Seja como for, a cruz deve ser vista como parte integrante desse triunfo, pois pavimentou o caminho para a ressurreição e a glorificação, trazendo a vitória, segundo se vê no versículo anterior e em Col. 1:20.

tenham qualquer valor para o crente. (Isso pode ser confrontado com Gál. 4:9-11, que diz: «...mas agora que conheceis a Deus, ou antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis ainda escravizar-vos? Guardais dias, e, meses, e tempos, e anos. Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco»). (Ver as notas expositivas ali existentes, que suplementam o que é dito aqui, sobre a natureza de tal adoração).

Aqueles preceitos ascéticos e ritualistas da lei não visavam ser permanentes, pois eram apenas «sombra» das coisas vindouras.

«Nunca ainda foi capaz o homem de, de mãos vazias, resistir aos poderes das trevas, isto é, do inconsciente. O homem sempre teve a necessidade da

ajuda espiritual que... a religião lhe oferece... O homem é... ajudado... somente pelas revelações de uma sabedoria maior que a sua. Isso é que o eleva acima de sua miséria». (G.G. Jung - *Modern Man in Search of a Soul*).

«...pois...» Devido ao fato que Cristo eliminou de vez a lei (ver o décimo quarto versículo), devemos pôr ponto final à observância desses preceitos, em todos os seus particulares, como incontáveis regulamentações referentes a comidas, bebidas e observância de dias especiais, tempos, etc.

«...vos julgue...» Aqueles entre os crentes colossenses que ainda retivessem a simplicidade de Cristo, não deveriam permitir que os falsos mestres os obrigassem a viver a vida cristã segundo os moldes do A.T., como se Cristo tivesse de ser interpretado por meio de Moisés. Que ninguém os «condenasse», chamando-os à prestação de contas, criticando-os e modificando sua conduta (conforme indica a palavra grega «krino»). Paulo exortava-os a defenderem a liberdade cristã em face de tal ataque, a fim de que preservassem a pureza do evangelho, não permitindo que o mesmo perdesse seu significado em meio a intermináveis requisitos cerimoniais. Essas coisas, como a adoração aos anjos, também reduzia a posição e a glória de Cristo, levando-os a se preocuparem com coisas indiferentes em si mesmas. A adoração ritualista tem o péssimo efeito de amortecer o espírito.

«...por causa de comida e bebida...» Essas palavras podem ser comparadas ao trecho de Rom. 14:17: «Porque o reino de Deus não é comida nem bebida...» Para o cristianismo, essas questões são indiferentes. Normalmente Paulo ensinava a liberdade do crente em tais questões. Neste ponto ele censura aqueles que queriam impingir-las à igreja, os quais lhes davam excessiva importância, prejudicando ao espírito simples da adoração cristã, o que só serve para obscurecer a glória de Cristo, pois dá demasiada atenção a coisas sem importância. Provavelmente os gnósticos exigiam tais coisas como «fórmulas de adoração», e assim faziam a igreja retroceder à posição da sinagoga judaica. No tocante à «bebida», a única regulamentação vetotestamentária dizia respeito ao sangue; e, no caso dos nazireus, estes não podiam tomar vinho. Outro tanto sucedia no caso dos sacerdotes que ministravam no tabernáculo. A abstinência era ordenada em todos esses casos. (Ver Núm. 6:3 e Lev. 10:9). Além disso, certos vasos não podiam ser usados para que neles se sorvesse líquidos. (Ver Lev. 11:34). Algumas seitas judaicas, entretanto, como os essênios (os quais, conforme pensam alguns estudiosos, teriam exercido influência sobre os gnósticos de Colossos), proibiam qualquer ingestão de vinho, além de recomendarem muitas outras formas de ascetismo. Também proibiam a ingestão de carne. Pode-se entender, com base no texto presente, que algumas dessas regulamentações vinham sendo impingidas à igreja de Colossos, por parte dos falsos mestres.

Quanto à «...comida...», conhecemos o vasto número de preceitos dietéticos que fazia parte da legislação mosaica: muitas carnes animais não podiam ser consumidas. Além disso, no farisaísmo, muitas «maneiras» de comer também eram impostas. Assim, pois, a religião se tornava uma provação, tornando-se difícil até mesmo a alimentação, tantos eram os preceitos esdrúxulos que tinham de ser observados. É possível que os gnósticos de Colossos fossem vegetarianos, conforme sucedia entre muitos essênios. Isso estaria em consonância com o seu caráter ascético em geral (ver os versículos vigésimo primeiro e vigésimo segundo deste capítulo; ver também o décimo primeiro capítulo do livro de Levíticos, quanto às regulamentações quase intermináveis acerca dos alimentos, determinadas por Moisés; e então compará-las com Atos 10:9 e ss., onde se vê que Pedro teve de receber uma visão especial a fim de ensinar-lhe que essas coisas não mais vigoravam no cristianismo).

«...dia de festa...» Estão em foco os muitos dias festivos, incluindo as festas religiosas anuais, como Tabernáculos, Pentecoste e a Páscoa, além de outros dias tais, que haviam sido acrescentados no fim da escrita do A.T. Muitos cristãos eram judeus convertidos, os quais continuavam a observar esses dias. Paulo ensinava a liberdade cristã em todos esses casos (ver Rom. 14:5,6), como também acerca de todas as questões alimentares (ver Rom. 14:2-3). No entanto, parece que ele mesmo observava, ocasionalmente, algumas dessas festas religiosas, sem dúvida em honra a Cristo, ou devido à força do hábito (ver Atos 20:16 e I Cor. 16:8). Na comunidade cristã de

17 ἡ ἔστιν σκιά τῶν μελλόντων, τὸ δὲ αἶμα τοῦ Χριστοῦ.

2:17: que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo.

As várias observâncias cerimoniais tinham um sentido simbólico e temporário. O sistema de sacrifícios prefigurava Cristo em sua obra expiatória; as festas, de vários tipos, simbolizavam Cristo em sua missão e realizações. As diversas cerimônias lembravam os antigos sobre os valores espirituais, que se acham em Cristo e no evangelho, mas não tinham qualquer valor próprio para a salvação da alma. A circuncisão, segundo vimos, em seu sentido espiritual, indica a eliminação da natureza inferior; as lavagens tipificam o poder de Cristo para limpar-nos do pecado. Até mesmo o templo, centro da adoração legalista, era um quadro das realidades celestes, isto é, como os homens acham acesso à presença de Deus, e isso através de Cristo. Um «sábado» significa nosso descanso em Cristo, em que a alma se vê em perfeita harmonia com Deus, livre para contemplá-lo, repousando do conflito que caracteriza este mundo pecaminoso. A Páscoa falava da libertação do povo de Deus de seus inimigos, e Cristo é o grande libertador dos homens, de todos os inimigos da verdade e da bondade. A festa de Pentecoste (festa das colheitas e das primícias), tipificava a frutificação que há no Espírito).

«...sombra...» No grego temos «skia», «sombra», e não «esboço», conforme alguns têm interpretado. Devemos pensar nos pontos seguintes: 1. Isso fala de inexatidão. Os valores espirituais não eram, então, claramente definidos. 2. Fala de natureza incompleta. As realidades espirituais não eram, então, perfeitamente conhecidas. 3. Fala de falta de substancialidade. Não eram aquelas as realidades de valor espiritual, mas

Colossos; entretanto, isso saía de controle, tornando-se algo compulsório, revestido de exagerada importância, pelo que merecia censura.

«...lua nova...» Expressão usada somente aqui em todo o N.T. Refere-se à festividade «mensal». (Ver Isa. 1:13 e Eze. 46:1). Essa festa era celebrada com o som de trombetas, com sacrifícios especiais e regozijo do povo, acompanhado por instruções religiosas. Nenhum trabalho manual era então permitido, e todo o jejum era vedado. No dizer de Vincent (*in loc.*): «As autoridades religiosas usavam o máximo cuidado para fixar o início do mês, denotado pelo aparecimento da lua nova. Mensageiros eram postados em alturas dominantes, para pesquisarem o firmamento; e assim que a lua aparecia, apressavam-se a comunicá-lo ao sínodo, sendo-lhes permitido até mesmo viajarem no sábado, com esse propósito. As testemunhas eram reunidas e examinadas, e quando os juizes se sentiam satisfeitos, o presidente proferia as palavras 'Está santificado', e o dia era declarado 'lua nova'». (Ver Núm. 28:11 e II Reis 4:23).

O propósito de tais celebrações era lembrar continuamente, ao povo judaico, que eles dependiam de Deus. É Deus quem nos fornece os ciclos de tempo, bem como todas as coisas boas. É bem provável que, em Colossos, isso aparecia de mistura com idéias astrológicas, pois julgava-se que os astros celestes exerciam influência sobre os homens, exigindo sua atenção e adoração. (Consultar as notas expositivas sobre o oitavo versículo deste capítulo, acerca dos «rudimentos», quanto a outras explicações, e onde há provas que o judaísmo posterior muito se alicerçava sobre as lendas e mitos astrológicos).

«...ou sábados...» O plural com freqüência representa o singular, talvez por analogia com «dias de festa» (plural). Josefo usa o termo desse modo, isto é, o plural para indicar um único dia (ver *Antiq.* iii. 10; quanto ao N.T., ver Luc. 4:31, cujas notas explicativas esclarecem a questão). Alguns eruditos pensam que o sábado normal está particularmente em foco, neste ponto, ou, pelo menos, que o mesmo não é excluído. Mas outros creem que outros «dias de descanso», além do sábado, podem estar em pauta. Mas parece quase certo que está mesmo em foco o sétimo dia da semana (e que o plural é usado em lugar do singular), considerando-se que os ascetas gnósticos, influenciados pelo legalismo judaico, sem dúvida observavam esse dia de guarda, transformando a igreja cristã em uma sinagoga. (Quanto à questão inteira do «sábado», ver Rom. 14:5). Nessa mesma referência, há notas expositivas em defesa do primeiro dia do domingo, o Dia do Senhor, como dia apropriado à adoração cristã, embora, em sentido algum, seja esse um sábado «formal», conforme era requerido dos israelitas, no sétimo dia da semana.

O fato que Jesus, nosso Senhor, ressuscitou no primeiro dia da semana, foi suficiente para emprestar a esse dia um prestígio tal que desbancou o sétimo como dia de descanso, já que a observância do sétimo dia nunca foi imposto à igreja de Cristo. Portanto, o dia do Senhor, o dia de sua ressurreição, tornou-se o dia normal de adoração para os crentes primitivos. O costume cristão firmou e santificou o primeiro dia da semana, como dia especial de adoração; e devemos respeitar isso, para o nosso próprio bem. No entanto, nas páginas do N.T., o domingo não é alternativa para o sábado do A.T. Havia sábados semanais, mensais e anuais; e o mais provável é que a condenação Paulina, neste ponto, atinge a todos esses. (Ver I Crô. 23:31; II Crô. 2:4; 31:3; Eze. 45:17 e Osé. 2:11, quanto à enumeração dos vários dias santos do judaísmo. Ver também Lev. 23:38 onde os sábados são chamados «do Senhor», em distinção a outros possíveis descansos ou sábados). Alguns estudiosos reputam o sábado como dia dotado de alguma espécie de valor místico, na adoração. Os grandes dias festivos eram sábados, pois todo o trabalho era proibido naqueles dias, ao mesmo tempo que a adoração era determinada. Em alguns lugares da igreja primitiva, tanto o dia do Senhor como o sábado eram observados, até mesmo no mundo gentílico. O concílio de Laodicéia, entretanto, condenou tal prática (364 D.C.). Esse concílio, de forma assaz interessante, também condenou a adoração aos anjos e o ascetismo religioso, o que vinha sendo praticado por alguns elementos da igreja cristã, por causa da influência dos mestres gnósticos; e outros pequenos itens foram incluídos na proibição, como a descontinuação de hinos cristãos não-autorizados.

17 ἡ...μελλόντων He 8:5; 10:1

apenas uma espécie de prelibação das mesmas. 4. Fala de temporalidade. A sombra tem de desaparecer, quando a realidade aparece. 5. Fala de inferioridade. Aquelas coisas tinham certo valor, mas bem pequeno em comparação com a realidade espiritual. 6. Fala de simbolismo. Não eram realidades espirituais (as realidades simbolizadas), mas apenas símbolos obscuros das realidades que ainda seriam reveladas. 7. Isso também fala de diferença de natureza. Eram coisas «físicas», e não espirituais. Os valores autênticos são os de natureza espiritual. 8. Fala de questões cerimoniais, contidas em ritos. Mas os valores espirituais autênticos são conhecidos misticamente, mediante a comunhão com Cristo. 9. Fala do fato que são coisas dispensáveis. Não eram coisas que teriam sempre de existir, o que só pode ser atribuído aos valores espirituais indispensáveis.

«...coisas que haviam de vir...» O verbo no futuro é usado, porque o autor sagrado escreve do ponto de vista do tempo em que tais sombras ainda estavam em vigor, pelo que o advento de Cristo e do evangelho é reputado como algo ainda futuro. É claro de que grande parte do que possuímos em Cristo ainda é futuro, pois as eras da eternidade também devem ser envolvidas na idéia das «coisas que hão de vir». Mas a primeira idéia é que é enfatizada neste versículo. O «reino messiânico» também fica aqui implícito, embora não seja diretamente referido.

«...porém o corpo é de Cristo...» O corpo lança uma sombra, mas o corpo é infinitamente mais real que a sua sombra, além de ser distinto desta. Os judeus helenistas criam, à moda platônica, que todas as coisas da terra têm paralelos celestes, nos vários níveis da glória celestial. Essa expressão, «...o

corpo é de Cristo...», dá a entender tal crença, embora não a confirme. Quando Jesus veio dos céus trouxe a nós a substância e a realidade daquilo que a religião somente simbolizava, em seus ritos, cerimônias, dias especiais, etc. Em Cristo, pois, se incorporam todas as realidades celestes; e estas lhe pertencem, desde sua origem, sendo ele quem as dá, porquanto «pertencem» a ele.

«A 'substância' pertence à economia cristã. Deriva-se de Cristo, e só se concretizará mediante a nossa união com ele». (Vincent, *in loc.*). (Ver Heb. 8:5 e 10:1 quanto a expressões similares, que falam do mesmo assunto).

Em Cristo se acha tudo quanto é necessário para a vida, para a piedade e

para a glória eterna. Ele é a perfeita concretização de todas essas coisas, porque é segundo a sua imagem que estamos sendo transformados, e através disso, chegaremos a participar do destino espiritual que a vontade divina estabeleceu para nós. (Ver Efé. 1:3, que fala de todas as bênçãos espirituais que nos são dadas em Cristo).

Há aqueles que correm atrás de sombras. Ninguém possui a substância da realidade espiritual, enquanto estiver preocupado em perseguir meras sombras. Os falsos mestres, segundo a estimativa de Paulo, eram indivíduos que corriam atrás de sombras.

5. A grandeza de Cristo em contraste com os ensinamentos e práticas falsos (2:4-23).

c. Advertência contra o falso misticismo (2:18,19).

Quase todas as religiões estão alicerçadas sobre princípios místicos. O misticismo, em sua definição mais básica, consiste do contacto com algum ser ou poder mais elevado que o próprio indivíduo. Tal contacto pode ser feito com qualquer poder sobre-humano, como Deus, Cristo, os anjos, etc. O misticismo ocidental ordinariamente é *objetivo*, isto é, os objetos de contacto estão fora do próprio indivíduo, seres «exteriores» a ele. Já o misticismo oriental tende a ser «subjetivo», fazendo do alvo da pesquisa a própria alma ou «eu» superior, o que, embora em certo sentido seja externo ao indivíduo, é reputado como a verdadeira identidade da pessoa. Com base nessa descrição básica, pode-se ver que toda religião tem um «deus» ou qualquer poder superior a buscar, ficando pressuposto que o contacto com esse poder é possível, o que torna tal religião automaticamente «mística». No cristianismo, o pensamento que Deus se importa com os homens, e que podemos entrar em contacto com ele, mediante o seu Espírito, ou através da pessoa de Cristo, demonstra que o cristianismo é uma religião mística. A ênfase do N.T., sobre o Espírito Santo em nós residente, faz do cristianismo uma fé eminentemente mística. Os dons do Espírito, que são tidos como a base de toda a atividade e crescimento da igreja (ver o quarto capítulo da epístola aos Efésios), são dados mediante esse contacto místico. O contacto com o Espírito pode ser bem direto e vívido; mas a sua influência também pode ser sutil, com poucas demonstrações externas, sendo experimentada apenas na forma de impulsos íntimos e intuitivos. Porém, até mesmo esse contacto sutil com o Espírito de Deus, se for real, é uma forma de misticismo autêntico.

Notemos a qualidade mística das orações de Paulo, registradas em Efé. 1:15 e ss.; 3:13-21 e Col. 1:9-13. É impossível compreendermos ou experimentarmos o cristianismo verdadeiro, sem alguma experiência mística. A conversão e a santificação, quando são reais, já que dependem de uma operação do Espírito Santo no indivíduo — e também as grandes realidades cristãs — se alicerçam sobre experiências místicas.

O fato é que Paulo não objetaria ao misticismo autêntico. Ele mesmo era místico de primeira ordem, homem que recebia muitas visões, sempre submisso às orientações do Espírito de Cristo, exercendo dons espirituais. No entanto, há certa forma de misticismo que ele condena, isto é, aquela forma em que Cristo não é o centro, sobretudo quando sua pessoa é diminuída, pois tal forma descobre o sentido da vida em coisas inferiores, como os seres angelicais, dando valor a orientações visionárias que não dão a Cristo a honra que lhe cabe, o que leva os homens a ignorarem seu senhorio. Certas formas de misticismo, por não terem Cristo como seu «centro», são denunciadas e severamente repreendidas pelo apóstolo.

Antes da exposição geral deste versículo, expomos aqui o comentário sobre o «gnosticismo», já que nesta epístola, sobretudo na presente seção, Paulo atacava formas desse sistema doutrinário.

O Gnosticismo: Já que havia muitas variedades dessa heresia, espalhada por muitas áreas do mundo antigo, o que é dito aqui serve apenas de caracterização geral. A forma particular de gnosticismo, encontrada em Colossos, e que tinha um elemento judaico pronunciado além do comum, é amplamente comentada na seção III da introdução a este livro; e essas notas devem ser consultadas, pois ali há informações sobre a situação local do erro religioso que foi o impulso por detrás da escrita da presente epístola. Em outras palavras, Paulo escreveu justamente para refutar a heresia gnóstica que havia em Colossos.

Os pais da igreja primitiva chamavam o gnosticismo de «sabedoria grega», e Harnack o chamava de *dehelenização aguda do cristianismo*. Há certa verdade em ambas essas designações, mas ambas são incompletas. O gnosticismo combinava elementos da filosofia grega, das religiões pagãs misteriosas, do judaísmo e do cristianismo; mas, sob algumas formas, o gnosticismo já existia no mundo pré-cristão, como aliado das religiões místicas orientais. O judaísmo e o cristianismo modificaram essas religiões místicas em várias áreas, onde as três entravam em conflito. Estudos mais recentes têm indicado que devemos ver o gnosticismo mais como uma forma de misticismo, com influências babilônicas, egípcias, iranianas e indus, e não somente uma forma de filosofia dotada de especulações místicas. No gnosticismo se combinavam a orientação da civilização greco-romana e a helenização do oriente.

No tocante ao cristianismo, o gnosticismo consistia, essencialmente, da tentativa de fundir as revelações dadas por meio de Cristo e seus apóstolos com os padrões de pensamento já existentes. Se porventura o gnosticismo tivesse tido sucesso, nessa tentativa, o cristianismo tornar-se-ia apenas mais outro culto misterioso greco-romano.

O gnosticismo expunha, essencialmente, um plano de salvação, tal como o faz o cristianismo, o que significa que o conflito básico era inevitável. O gnosticismo pintava a realidade como que dividida em dois dramas distintos, a saber, um espiritual e cósmico e outro histórico e terreno. No mesmo está retratado o ciclo da criação, da existência, dos sofrimentos, da morte e da ressurreição. Nos mais elevados céus estaria um ser supremo, intocável, inabordable. Realmente, seria um ser deísta, o qual, mediante poder criador, delegaria poder a seres inferiores, os quais entrariam em contacto com a matéria, ao mesmo tempo que ele não se deixava tocar e nem influenciar pelo drama histórico inferior. Não poderia tocar na matéria, visto que esta seria o princípio mesmo do mal, o que só poderia contaminá-lo. Também haveria um *demiurgo*, o qual teria criado este mundo, o qual entraria em contacto com o mesmo, uma idéia que, na realidade, não difere muito da doutrina do *Logos* do cristianismo, embora expressa por moldes inferiores. Nisso se vê traços da filosofia platônica, que já postulava o «demiurgo» e o drama cósmico, que teriam relações com o nosso drama histórico. No gnosticismo também se postulava uma «queda cósmica», que consistiria, antes de tudo, da alienação entre esta criação e Deus, o que corresponderia à «queda histórica», que envolveu ao homem. Uma vez mais, isso não difere muito das idéias que, sobre a mesma questão, podem ser extraídas do Antigo e do Novo Testamentos. Também haveria a «pleroma» ou manifestação total de Deus, nas dimensões celestiais, que seriam suas «emanações», partículas de sua própria natureza; e também haveria as «hysterema», ou seja, emanações inferiores acompanhantes, de natureza terrena. O Deus Altíssimo não seria o responsável pela criação deste mundo e seu caos, pois esta seria o domínio do «demiurgo»; no entanto, Deus seria o responsável pela criação ou emanação do «demiurgo».

O objetivo inteiro da vida seria a libertação da alma, que é a parte imaterial do homem, deste mundo material, porque a matéria, incluindo nossos corpos físicos, seria inerentemente má, totalmente incapaz da redenção. Assim sendo, o alvo seria a separação entre o espírito e a matéria, ficando de lado a imperfeição e o mal, com a volta às dimensões do espírito, da luz e da santidade. Ora, em vista da matéria não poder ser remida, não importaria o que fazemos com nossos corpos; e poderíamos puni-los com o ascetismo ou nos entregarmos à mais completa licenciosidade. Ao mesmo tempo, sem qualquer impedimento, a alma poderia ser cultivada. Tanto o ascetismo como a licenciosidade seriam meios de cooperação com o processo deste mundo; e deveríamos agir assim na esperança que isso liberte finalmente a alma do meio ambiente físico. Eventualmente, o propósito deste sistema mundial seria aniquilar totalmente a matéria, que seria a raiz verdadeira do todo o mal. Poderíamos ajudar a esse processo abusando do corpo, o qual seria apenas a prisão material da alma, pois o corpo físico pereceria juntamente com a matéria, na conflagração final. Esse processo de elevação da alma, mediante a entrega do corpo aos excessos ascéticos ou licenciosos, não poderia ser efetuado sem o conhecimento e a sabedoria esotéricos, que seriam revelados aos gnósticos através de certos ritos, sacramentos, práticas mágicas, etc. Segundo pensavam os gnósticos, assim é que a salvação seria conhecida pelos homens, assim é que a alma seria instruída para a sua fuga.

Ainda segundo as idéias gnósticas, os homens pertenceriam a três categorias: os hílicos, os psíquicos e os pneumáticos, ou seja, respectivamente, os «materialistas», os «meio-espirituais» e os «espirituais». Os hílicos estariam presos à matéria, estando sempre sujeitos ao mal, às astúcias de Satanás, às influências do reino das trevas, pelo que seriam totalmente incapazes de receber a redenção. Esse grupo incluiria a vasta maioria dos homens, sendo impossível para eles qualquer raio de esperança. O hipercalvinismo caiu nesse mesmo erro, embora com base em diferentes premissas. Isso pode ser confrontado com o que se aprende no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde tudo quanto há na criação aparece sujeito à restauração em Cristo, o que é prometido como algo que, finalmente, terá lugar. O trecho de I Tim. 2:1-5 é especificamente contrário a esse ponto de vista de que a maioria dos homens não pode ser salva, conforme dizia a heresia gnóstica. Os «psíquicos» estariam sujeitos a uma redenção inferior, por meio da fé. Nessa classe eles numeravam os profetas do A.T., bem como homens bons de toda a sorte; mas, apesar da redenção dos tais ser digna, nunca fariam os homens subirem aos paroxismos da glória. Isso estaria reservado aos «pneumáticos», que seriam os homens verdadeiramente espirituais. Tal experiência consistiria da reabsorção no ser divino, perdendo-se totalmente a individualidade. E dessa maneira, por assim dizer, o «homem» transformar-se-ia em um «super-homem», e o «ego» transformar-se-ia no «superego». Tal redenção máxima, segundo eles diziam, seria produzida pela «gnosis» ou «conhecimento», do qual termo se deriva o vocábulo «gnosticismo». O conhecimento por eles buscado era esotérico, mediado por meio de artes mágicas, cerimônias e um falso misticismo. Somente um exíguo número de iniciados poderia receber esse conhecimento remidor. Para eles, o conhecimento seria manifestadamente superior à fé.

Entre Deus e os homens haveria uma interminável série de emanações, formadas por poderes superiores, as «stoicheia», ou «aeons», que seriam iguais aos anjos, na síntese que resultou do encontro das religiões misteriosas orientais com o judaísmo e o cristianismo. Esses poderes seriam «emanações» de Deus, possuidores de partículas da «pleroma» ou plenitude divina; participariam da natureza divina, pois as emanações, na realidade, seriam partículas de raios do sol divino, o fogo central. Isso deve ser contrastado aos ensinamentos de Paulo, em Col. 1:19; 2:9, onde se aprende que Cristo possui a inteira «pleroma» de Deus, ou em Col. 2:10, onde os remidos são vistos como

quem ficará cheio da plenitude divina.

O Deus Altíssimo estaria bem remoto deste mundo. Não haveria modo como o Deus supremo pudesse tocar na matéria, pois isso apenas o contaminaria. Deus seria um ser desconhecido, inefável, acerca de quem nada pode ser atribuído. O problema dos gnósticos, portanto, consistia em explicar como ele emanara a si mesmo e produziu os universos e a terra. Isso eles procuravam solucionar na doutrina dos *aeons* e do «demiurgo». Antes de tudo, haveria trinta emanações superiores, que estariam bem próximas do fogo central. Cada uma dessas emanações originou a emanação imediatamente inferior, pelo que haveria uma espécie de resplendor divino cada vez menor, com poderes cada vez mais limitados. Bem longe da chama divina, eis que chega uma emanação, a mais distante das trinta, que chegaria na linha separatória entre o que é celeste e o que é terreno. Visto estar ela tão distanciada de Deus, quando criou a terra, fez um mau trabalho, o que explicaria a confusão e os sofrimentos que há neste mundo, como o problema do mal, o mais difícil de todos os problemas da teologia e da filosofia. Essa última das trinta emanações eles chamavam de «demiurgo», sendo identificado com o Deus do A.T., o Deus dos judeus.

Em alguns sistemas gnósticos, porém, o demiurgo se torna o Cristo do N.T., embora outros dentre eles atribuíssem posição superior a Cristo. Mas não se deveria identificar esse «aen», esse espírito de Cristo, com o homem Jesus de Nazaré. Esse «aen» meramente ter-se-ia apossado do corpo do homem Jesus, por ocasião de seu batismo (outros gnósticos diziam que isso ocorreu quando de seu nascimento), tendo permanecido com ele até à sua crucificação e morte, ponto em que o abandonou. Alguns manuscritos do N.T. chegam mesmo a dizer, em Mat. 27:47: «Meu poder, meu poder, por que me abandonaste?» ao invés dessas palavras serem dirigidas a Deus. É que ali o homem Jesus estaria falando ao «aen» que o abandonava, deixando-o aflitíssimo, porque isso o deixava um homem alquebrado e derrotado. Naturalmente, esses manuscritos, por serem relativamente recentes, não representam o texto original, mas nos fornecem algum discernimento sobre a maneira de pensar dos gnósticos.

Os gnósticos também negavam a validade da expiação pelo sangue de Cristo. Jesus teria recebido esse poder por ocasião de seu batismo, mas este o abandonara quando de sua crucificação, pelo que também sua morte não seria o elemento essencial de sua missão. Para eles, Cristo veio «por meio da água» (o batismo), mas não «por meio do sangue» (a expiação na cruz). (Ver João 5:6 acerca disso, como também II Ped. 2:1, que rebate tal negação gnóstica).

As descrições sobre o gnosticismo, aqui expostas, nos fornecem boa compreensão sobre a maneira de pensar dos mestres gnósticos, que tinham penetrado nas fileiras cristãs. Nesse sistema, pois, qual vil era a posição atribuída a Cristo, em comparação com o que Paulo ensinava. Nos escritos deste, Cristo não era apenas um dentre muitíssimas emanções, mas era a verdadeira *pleroma* de Deus, a sua «inteira plenitude», o que os gnósticos pensavam estar disperso pelo agregado inteiro dos «aeons». Alguns mestres gnósticos, porém, atribuíam a Cristo uma posição superior a isso, julgando-o o mais esplendente dos «aeons».

No cristianismo, a ética da *gnosis* («conhecimento») se torna uma espécie de «amor-conhecimento», esforçando-se por tornar Deus conhecido por meio do amor, expresso entre os homens através da fraternidade. Pode-se notar no grande «hino ao amor», no décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, que o conhecimento é pintado como a «desaparecer», ao passo que o amor nunca falha; e até mesmo dentre as três virtudes cristãs máximas, a fé, a esperança e o amor, este último é reputado o maior. Paulo orava pelos crentes, a fim de que viessem a conhecer a Deus, mediante a sabedoria e a revelação divinas (ver Ef. 1:17), mas isso não pode ser obtido sem que o indivíduo conheça o amor de Deus, que ultrapassa a todo o entendimento. Por esse método é que os homens haverão de receber «toda a plenitude de Deus» (ver Ef. 3:18,19).

Os dois grandes personagens gnósticos, do ponto de vista da energia mental,

18 μηδεὶς ὑμᾶς καταβραβεύετω θέλων ἐν ταπεινοφροσύνῃ καὶ θρησκείᾳ τῶν ἀγγέλων, ᾧ ἑώρακεν ἐμβατεύων, εἰκὴ φυσιοῦμενος ὑπὸ τοῦ νοὸς τῆς σαρκὸς αὐτοῦ,

18 {B} ᾧ ᾗ* N* A B D* I 33 1739 it d, m cop^{sa, bo} eth Marcion Tertullian
Origen^{gr, lat} Ambrosiaster Lucifer mssac^{cc} to Jerome Augustine //
μη 81 // ᾧ ᾗ* N* C D* K P Ψ 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630

18 et] om N*

A forma ᾧ é fortemente apoiada por P (46) e bons representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (N* A B D* I 33 1739 it (d) cop (sa,bo) Espéculo al). Aparentemente, o negativo (ou οὐκ em F G, ou μή em N* C D* K P Ψ 614 it (g,61,86) vg sir (p,h) gót ara al) foi adicionado por copistas que ou mal entenderam o sentido de ἐμβατεύων ou desejaram aumentar a nuance polêmica que é levada adiante pelo εἰκὴ φυσιοῦμενος que se segue. A forma singular μή (81) é um erro escrital accidental. A dificuldade inerente do versículo como um todo fez surgir certo número de correções conjecturadas (ver, e.g., Bruce, em E.K. Simpson e F.F. Bruce, *Commentary on The Epistles to the Ephesians and the Colossians* (Grand Rapids, 1957), pág. 248, n. 93).

2:18: Ninguém atue como árbitro contra vós, afetando humildade ou culto aos anjos, firmando-se em coisas que tenha visto, inchado vamente pelo seu entendimento carnal,

«Ninguém se faça árbitro contra vós outros...» No grego temos «katabrabeuo», «roubar um prêmio», «condenar». Também pode significar «desqualificar», se é palavra empregada como metáfora baseada no atletismo. Se aqueles crentes aceitassem os padrões éticos do gnosticismo, seriam certamente desqualificados na inquirição espiritual cristã, perdendo o prêmio da vida eterna em Cristo (ver Fil. 3:14). Em toda a corrida, certas regras precisam ser observadas. Paulo dizia àqueles crentes que não poderiam ser vencedores na carreira cristã, se corressesem de acordo com as regras gnósticas.

Quão toalmente os homens se admiram de si mesmos,
Para ganhar a palma, o carvalho ou o louro;
E os seus labores incessantes se vêem
Corados com alguma erva simples, ou ramo,
Cuja sombra curta ou estreita
Prudentemente repreenhe seus labores.

O verbo grego «brabeo» (relacionado ao vocábulo usado neste versículo) indica a função de juiz ou árbitro. «Brabeus» era o próprio juiz. Portanto,

foram Valentino e Basilides, ambos de Alexandria, e ambos com um passado helênico. Valentino esteve em seu zênite em cerca do ano 150 D.C. Viveu em Roma entre 138 e 161 D.C. Basilides esteve no ápice de sua fama em cerca de 130 D.C. A principal diferença entre este último e Valentino era a inversão das emanções, pois ele pensava que o desenvolvimento da divindade se dera do menor para o maior, da terra para os céus. E ele pensava que a terra evoluíra de baixo para cima, não sendo uma espécie de emanção final de uma série quase infinita, proveniente do Deus Altíssimo. Saturnino encabeçava a seção do gnosticismo sírio, que floresceu em Antioquia por volta de 125 D.C. Um dos primeiros entre os mestres gnósticos foi Cerinto, contemporâneo do apóstolo João, em Éfeso. Ele misturava isso com certas formas judaicas, aceitando traços da doutrina ebionita. Rejeitava todo o A.T., e seu Deus, o que era comum entre os gnósticos. Márcion, por sua vez, rejeitava a totalidade do A.T., e aceitava somente algumas das epístolas de Paulo e uma forma mutilada do evangelho de Lucas, como suas Escrituras autoritativas.

Uma das mais estranhas seitas gnósticas era a dos ofitas, que veneravam a serpente. Ensinavam eles que o deus desta terra é mau, um «aen» inferior, ao passo que a serpente seria boa. Alguns deles reverteriam as Escrituras, afirmando, por exemplo, que personagens como Moisés e Elias foram forças malignas da história humana, mas que Faraó e Acabe foram santos homens em favor do bem.

A maior parte dos gnósticos aceitava alguma forma de *docetismo*, isto é, o conceito que Cristo não foi um homem real, que sua vida humana foi apenas um papel teatral, que sua morte e sofrimentos foram aparentes, e não reais, e que o verdadeiro Cristo é uma personalidade angelical. Contra essas crenças é que foi escrita a primeira epístola de João, denunciando àqueles que não aceitavam a humanidade autêntica de Jesus Cristo. «Nisto reconhecerei o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus, não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo... aquele que confessa o Filho, tem igualmente o Pai» (I João 4:2,3 e 2:23).

A doutrina básica do gnosticismo, a doutrina das emanções ou «aeons», provavelmente foi tomada por empréstimo, ou pelo menos foi influenciada em parte, do mitraísmo, uma das religiões misteriosas da Pérsia. Mitra era um deus-herói, o qual, enquanto esteve na terra, dedicou-se ao serviço da humanidade. Após uma última ceia, que celebrava o sucesso de seus labores remidores, ele ascendeu ao céu; dali ajuda seus seguidores na terra, no conflito deles contra as forças do mal. Os iniciados nessa adoração passam por sete estágios de desenvolvimento, o que prefiguraria a eventual passagem da alma pelos sete céus. Mediante cerimônias místicas é que seus seguidores passariam pelos vários graus; e essas cerimônias incluíam abluções, refeições sagradas, ritos sacramentais, etc. Tal religião admitia somente varões em suas fileiras, pelo que somente os homens poderiam ser remidos. Fomentava a crença nos «aeons» ou emanções de Deus.

As passagens neotestamentárias que parecem repreender alguma forma de heresia gnóstica, são: Col. 1 - 3 (e os trechos paralelos em Efésios); várias porções da primeira epístola de João, como 2:22 e ss.; 4:3; II João 7; I Tim. 1:4 e ss.; 4:3 e ss. 2:18; 3:5-7; Tito 1:14 e ss. É óbvio que vocábulos como «plenitude» (no grego, *pleroma*) (ver Col. 1:19 e 2:9), «espíritos elementares» (ver Col. 2:8) (no grego, *stoicheia*), e vários nomes de ordens angelicais, como potestades, principados, domínios, etc. (ver Ef. 1:21 e outros trechos de Colossenses e Efésios), «mistério» (ver Ef. 1:10; 3:3; Col. 1:26; 2:2 e muitos outros lugares) foram todos tomados por empréstimo do vocabulário gnóstico e das religiões misteriosas; e foram usadas de maneira diversa ou similar à maneira como eram usados naquelas religiões, segundo as exigências da teologia cristã.

★ ★ ★

1241 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 Byz Lect it^{ar, c, dem, div, f, g, mon, x, s}
vg syr^{p, h} goth arm Origen^{gr, lat} Ambrose Chrysostom Pelagius Jerome
Theodore^{lat} Augustine Theodoret John-Damascus // ᾧ οὐκ G

Paulo exortava, por assim dizer: «Não permiti que alguém faça papel de juiz, que vos condene na simplicidade de vossa fé cristã. Tal juiz certamente é contrário ao verdadeiro Juiz da carreira. Não podeis ter dois juizes, relativos à vossa inquirição espiritual. Restabelecei Cristo como único Juiz de vossa conduta, rejeitando às pretensões gnósticas».

A palavra da cláusula em consideração também pode significar «decidir contra» ou «pronunciar contra», isto é, *condenar*. Paulo não queria que os crentes colossenses permitissem que os gnósticos os condenassem em sua ética cristã pura, substituindo-a por cerimonial elaborado, por algum sistema sacramental e ascético. Se aos mestres gnósticos fosse permitido isso, os crentes não correriam com êxito, e assim não obteriam o cobiçado prêmio espiritual. Dentro do presente contexto, essa palavra é usada, talvez, como simples sinônimo de «katakrisis» («condenar»); mas o apóstolo emprega a outra palavra a fim de destacar claramente que havia «autoridades falsas» que se faziam passar por juizes da conduta cristã; e esses falsos mestres se tinham arrogado à posição de juizes. Tais homens ensinavam aos crentes, as coisas seguintes: 1. Uma forma de adoração, dentro e fora da comunidade cristã, que não era aceitável para a doutrina de Cristo; 2. um código de ética, corrompida pelos exageros ascéticos. (Isso pode ser comparado ao décimo sexto versículo deste capítulo).

«...pretextando humildade...» Também é possível a tradução: «insistindo no auto-aviltamento». No grego temos o verbo «thelo», «desejando». A idéia é que eles «exibiam humildade», provavelmente devido à aplicação de um ascetismo extremado. Essa palavra também pode significar «ter prazer em»; mas não parece ser esse o significado. Alguns intérpretes, entretanto, e excelentes, pensam que essa expressão envolve um hebraísmo, que imita o hebraico, «deleitar-se em». Mas isso seria um uso singular nos escritos de Paulo, o qual não usava hebraísmos que violam a gramática grega e o bom uso literário do grego. Outros estudiosos interpretam o termo grego «thelo» como se quisesse dizer «de sua própria mera vontade», ao passo que ainda outros inserem a idéia de humildade «voluntária». Devido à dificuldade dessa expressão, que literalmente poderia ser traduzida por «desejando em humildade», alguns eruditos têm sugerido uma correção textual como «thelgon», em lugar de «thelon», o que daria a idéia de «humildade atrativa», ou «por humildade», dando a entender a humildade «exibicionista». Ou então a correção para «elthon» («erchomais»). «indo», o que daria o sentido de «agindo com humildade». Mas, quando muito, tudo isso não passa de conjecturas.

Hort conjecturou «ethelotapeinophrosune», isto é, em «humildade gratuita». E a tradução inglesa de Williams segue isso, o que indica uma humildade que excede àquela requerida na ética correta. Paulo poderia ter escrito isso de forma abreviada, que se aproximasse, em forma, de «thelo», que é usado no texto. Mui provavelmente estamos tratando com uma expressão idiomática, cujo significado exato se perdeu. Outros pensam que a palavra «thelon» deve ser entendida à parte da palavra que significa «humildade», pelo que poderíamos ter a seguinte tradução: «Que ninguém vos desqualifique, conforme ele quer (contrário à vontade de Deus), quanto a questões de humildade (auto-aviltamento)». Tal tradução seria tão boa quanto qualquer outra. Pelo menos é claro que Paulo condenava certa forma de falsa humildade, afetada pelos mestres gnósticos, provavelmente de mistura com formas severas de ascetismo, que a poria em vigor. A idéia de «humildade voluntária» tem alguns paralelos na Septuaginta (tradução para o grego, do original hebraico do A.T.), conforme se vê em I Sam. 28:22; II Sam. 15:26; I Reis 10:9 e II Crô. 9:8. E alguns estudiosos insistem sobre esse significado; mas outros salientam que o hebraico, na realidade, significa «deleitando-se em», e não «desejando» (de «thelo»), o que seria melhor expresso pelo termo grego «eudokeo», e não por «thelo», que é o vocábulo usado no nosso texto.

«...e culto dos anjos...» O gnosticismo continuou assediando a igreja cristã por cerca de cento e cinquenta anos, e o concílio de Laodicéia (cidade vizinha de Colossos), achou ser necessário denunciar a adoração aos anjos (em 364 D.C.). Isso apontava para os «aeons», que vinham sendo objeto de adoração, por serem considerados «emanações» da natureza e dos atributos divinos. Os gnósticos davam excessivo valor aos poderes angelicais, ao mesmo tempo que rebaixavam a posição de Cristo, o único que deveria ser por eles adorado. Outrossim, segundo sua doutrina, Deus estaria distante demais, talvez sendo esse o motivo por que adoravam aos anjos, como se Deus não desse atenção aos homens, por ser inabordable. Isso retrata o *deísmo*, em contraste com o *teísmo*. O deísmo admite a existência de um poder divino e criador, embora creia que Deus deixou sua criação nas mãos das leis naturais ou de mediadores, não dando qualquer atenção aos homens, nem mesmo para puni-los ou recompensá-los. Já o teísmo afirma que o poder criador é pessoal, interessando-se profundamente pelos homens, fazendo intervenção na história humana, sendo agora o alvo de toda a existência, além de recompensar ou punir aos homens. (Quanto a notas expositivas sobre as várias idéias teológicas e filosóficas, no tocante à «pessoa de Deus», ver Atos 17:27, onde é dada a nota de sumário sobre esse tema). A doutrina cristã é altamente teísta, e isso contradizia as doutrinas básicas do gnosticismo, no tocante à natureza e às ações de Deus. Para os gnósticos, os «aeons» ou poderes angelicais emanados, deveriam ser adorados, porquanto ajudariam no processo da redenção humana. Paulo mostrara, em Col. 1:20, que uma das superioridades de Jesus Cristo é que somente nele a redenção humana pode tornar-se uma realidade. Também mostrou no décimo quinto versículo deste capítulo, que adoração aos anjos pode envolver os que assim fazem na adoração aos espíritos malignos, pois não teriam nenhuma certeza que os espíritos que buscavam, não eram malignos, vindos do reino das trevas, os quais têm a Satanás como líder, o qual se apresenta como «luz», enganando a muitos.

Muitos eruditos creem que a forma particular de «humildade», exibida pelos falsos mestres, envolvia a adoração aos anjos: ritos, sacramentos, abusos contra o corpo, práticas ascéticas eram observados, supostamente com a idéia de atrair a atenção dos «aeons», como se isso lhes prestasse uma homenagem. Além disso, em sua falsa «humildade», julgavam que Deus seria inabordable, pelo que só nos poderíamos aproximar de seus «aeons» ou «emanações». Há uma lenda que diz que, em Colossos, Miguel abriu um abismo para receber o rio Lico, assim mostrando seu grande poder; e, por causa disso, era especialmente adorado naquele lugar. Mas é pertencente a uma data posterior à nossa epístola paulina aos Colossenses; não obstante, mostra a atitude dos habitantes daquela região.

Esta passagem, naturalmente, se aplica à adoração aos santos e outros personagens inferiores ao próprio Cristo, para nada dizermos dos ídolos ou imagens de escultura, os quais, em certos lugares do mundo supostamente «cristãos», continuam sendo adorados ou venerados. O paganismo continua com um pé dentro da cristandade, e isso firmemente, pelo que as antigas heresias ainda não desapareceram. O antigo judaísmo tinha sua adoração aos anjos, o que significa que nem mesmo naquela época recuada as coisas eram muito diferentes. (Quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos», ver os trechos de Luc. 4:10; Atos 1:10).

Referências e idéias: A escravidão espiritual.

1. Os homens estão espiritualmente escravizados ao diabo (ver I Tim. 3:7; II Tim. 2:26). 2. Estão escravizados ao temor da morte (ver Heb. 2:14,15). 3.

Estão escravizados ao pecado (ver João 8:34; Atos 8:23; Rom. 6:16; 7:23; Gál. 4:3 e II Ped. 2:19). 4. A libertação da servidão espiritual nos foi prometida (ver Isa. 42:6,7). 5. Cristo nos livra dessa escravidão (ver Luc. 4:18,21; João 8:36; Rom. 7:24,25 e Efê. 4:8). 6. O evangelho é o instrumento de libertação (ver João 8:32; Rom. 8:2). 7. Os santos são libertados dessa servidão (ver Rom. 6:18,22). 8. Tal libertação é ilustrada (ver Deut. 4:20). 9. É tipificada por Israel no Egito (ver Exo. 1:13,14).

«...baseando-se em visões...» Tipos de visões. Literalmente, teríamos aqui a seguinte tradução, «coisas que ele viu»; e, no presente contexto, não há dúvidas que devemos pensar em «visões», pois os gnósticos tinham um sistema místico. Certos manuscritos, entretanto, trazem o negativo aqui: «...coisas que ele não viu...». Porém, isso é uma glosa, para retirar a idéia que os gnósticos realmente tivessem visões, o que Paulo admite que tinham. (Ver as notas textuais mais abaixo). O tom do apóstolo pode ser irônico, como se os falsos mestres declarassem, bombasticamente: «Eu vi! eu vi!» E isso de modo teatral. Paulo queria que os crentes colossenses repelissem todas essas coisas. Porém, não há razão para cremos que alguns deles não recebessem, realmente, visões, porquanto há visões em todas as áreas da experiência mística, não respeitando a mesma as barreiras doutrinárias e denominacionais. Tomás de Aquino procurou regulamentar as experiências místicas, estabelecendo as seguintes regras:

1. Nenhuma visão será válida se contradizer as Escrituras.
2. Nenhuma visão será válida se for imoral ou encorajar à imoralidade.
3. Nenhuma visão será válida se negar a autoridade constituída da igreja.

Misticismo Falso

1. Às regras estabelecidas por Tomás de Aquino, Paulo acrescenta uma outra: o verdadeiro misticismo deve exaltar Cristo. As formas de misticismo que não obtenham esse resultado, sem importar se envolvam ou não acontecimentos reais, são «espiritualmente falsas», porquanto em nada contribuem para o benefício da alma.

2. O misticismo falso, longe de ser benéfico para a alma, na realidade serve para prejudicá-la, enganando-a e desviando-a da verdadeira adoração e destino.

3. O misticismo falso quase sempre é um meio de autoglorificação. O indivíduo que recebe visões e vários tipos de experiência mística, pode orgulhar-se delas e de si mesmo (considerando-se avançado na espiritualidade). Dessa situação, o Senhor não deriva qualquer glória.

«...enfatuado sem motivo algum...» Essas palavras têm sido entendidas por alguns de outro modo, como «entrando no lugar das visões», como se estas fossem dadas de modos especiais e em lugares especiais. Outros estudiosos pensam em «intrometendo-se em», como se aquela gente não devesse entrar nas áreas proibidas do ocultismo. Também há os que acham que deve ser «demorando-se em», isto é, dando excessiva atenção às questões visionárias. Mas o termo grego aqui usado, «embateuo», igualmente significa «basear-se em», «pôr o pé em», pelo que, provavelmente, o sentido dessas palavras é «firmando-se em visões que viu», visões essas que, supostamente, penetrariam nos mistérios das realidades espirituais mais elevadas, dependendo tais homens dessas visões, a fim de traçarem suas doutrinas e práticas. Todavia, as visões podem mostrar-se «indiferentes» para com a verdade espiritual, meras «ilusões». Paulo confiava nas revelações que Cristo dera a ele e aos demais apóstolos, alicerçadas sobre os ensinamentos de Jesus, quando esteve neste mundo, ao invés de estribar-se nas visões espúrias dos gnósticos.

Variante Textual: Sem a forma negativa, isto é, «visões que viu», a frase aparece nos mss P(46), Aleph, ABD e alguns poucos manuscritos minúsculos, além do latim *d*, *e* e *m*, do Bo, do Ara, do Eti e dos escritos dos pais Tertuliano, Márcion (que interpretava aqui por «visões angelicais»), Orígenes, Jerônimo, Ambrósio e Agostinho. A forma negativa aparece nos mss CKLP, na maioria dos manuscritos cursivos, nos mss latinos *f* e *g*, na Vulgata, no Si, no Ara e nos escritos dos pais da igreja Pelágio, Crisóstomo, Teodoro, Mopsuesto, Teodoro e João Damasceno. A palavra grega negativa «ou», ou invés de «me», conforme aparece nos manuscritos imediatamente acima, aparece nos mss Aleph(3), D(2,3)G. A negativa foi suprida por escribas posteriores, que não queriam admitir que os gnósticos pudessem ter visões, realmente. Mas isso é um ponto de vista míope sobre o misticismo.

«...enfatuado sem motivo algum na sua mente carnal...» No grego temos as palavras «eike phusioumenos» (de «phusioo»). A primeira dessas palavras significa «sem causa», «sem propósito», «sem a devida consideração». A segunda significa «inchado», «soberbo». Essa é uma das aquelas palavras que se desenvolveu com base na qualidade do som das letras, em que o «ph» e o «s» imitam o sopro do vento, o movimento do ar, a expulsão do ar dos pulmões. O termo «phusa» significa «fole» ou «sopro». Assim sendo, um homem pode ficar cheio de si como se fosse uma saca de papel sem qualquer motivo, sem base alguma. (Ver I Cor. 4:6 quanto ao «inchaço» produzido pelo orgulho intelectual). «O saber ensoberbece, mas o amor edifica» (I Cor. 8:1). As visões podem insuflar o orgulho no coração de um homem, levando-o a pensar que ele atingiu algum nível especial de desenvolvimento espiritual. Se essas coisas servem para afastá-lo de Cristo, então suas visões lhe são prejudiciais, e não benéficas, sem importar qual seja a modalidade das mesmas. Além disso, devemos nos lembrar que o orgulho, por si mesmo, sem importar no que esteja baseado, é detrimente ao espírito, fazendo do próprio «eu» um deus, usurpando, assim o lugar do próprio Deus. (Ver I Cor. 1:29,31 quanto a notas expositivas sobre a questão).

Referências e idéias: O orgulho:

1. O orgulho é pecaminoso (ver Pro. 21:4). 2. É abominável para Deus (ver Pro. 6:16,17 e 16:5). 3. É abominável para Cristo (ver Pro. 8:12,13). 4. Com frequência se origina na justiça própria (ver Luc. 18:11,12). 5. Nos privilégios religiosos (ver Sof. 3:11). 6. No conhecimento não-santificado (ver I Cor. 8:1). 7. No conhecimento não santificado (ver I Cor. 8:1). 8. Na falta de maior experiência (ver I Tim. 3:6). 9. É defeito proibido (ver I Sam. 2:3 e Rom. 2:13,16). 10. Contamina o indivíduo (ver Marc. 7:20,22). 11. Embota a mente (ver Dan. 5:20).

«...na sua mente carnal...» Os mestres gnósticos muito se jactavam do seu progresso espiritual, na sua elevação de espírito, no desprezo que votavam ao corpo, ao qual castigavam com práticas ascéticas. No entanto, conforme diz Paulo, a todo o tempo eles tudo faziam para satisfazer à própria carne, às suas faculdades mentais, não agindo por impulso do Espírito, mas apenas seguindo idéias e padrões «carnais». Paulo os acusa de fomentarem grande ludíbrio, no tocante aos conceitos básicos da inquirição espiritual. Reivindicavam a posse de uma inteligência superior, inspirada pela revelação, pelas experiências místicas, pelas visões; e, no entanto, a soma total de sua religião era o exercício da «carnalidade» religiosa. Isso pode ser comparado com Col. 2:24. Os falsos mestres falavam em tons tronitantes acerca de seu «profundo conhecimento» sobre as coisas espirituais, mas o escritor do livro de Apocalipse revelou que tudo isso provinha de «Satanás». «Poderoso quadro sobre o autoludíbrio daqueles bombásticos gnósticos», diz Robertson (*in loc.*), ao comentar sobre este versículo.

«...mente...» Está em foco a faculdade da inteligência, «que por si mesma é indiferente, podendo estar sob a influência da 'carne' ou do 'espírito'» (Abbott, *in loc.*). (Comparar isso com os trechos de Rom. 7:25; I Cor. 14:14,15; I Tim. 6:5 e Tito 1:15. Ver também Rom. 1:28 e 12:2). Alguns estudiosos pensam que essa expressão afirma que Paulo pensava que as experiências místicas daquela gente, juntamente com todas as suas doutrinas, provinha apenas da «mente», mas sem qualquer base nas realidades espirituais. É possível que Paulo tenha querido tocar nesse particular. É isso poderia ficar mais claro na tradução «mente de sua própria carne», o que dá à «mente» o sentido de algo «meramente humano», sem que à palavra «carnal» seja dado o sentido de «sensual» ou pecaminoso.

19 καὶ οὐ κρατῶν τὴν κεφαλὴν, ἐξ οὗ πᾶν τὸ αἰῶμα καὶ συμβιβάζομενον αὐτῇ τὴν αὔξησιν τοῦ θεοῦ.

19 Κεφαλὴν] add Χριστον D* sy^h

2:19: e não retendo a Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus.

Quanto à figura simbólica da «cabeça» e do «corpo», falando sobre Cristo e sua igreja, ver as notas expositivas completas em Efê. 1:22. Os comentários nesse lugar também se localizam outros textos que usam a mesma metáfora. Quanto ao «senhorio» de Cristo, a principal idéia dessa metáfora, ver Rom. 1:4.

«...Cabeça...» Expressão simbólica usada por Paulo e que é fisiologicamente elaborada, lembrando-nos da crença dos povos antigos de que a cabeça é o centro de todas as forças vitais, supre o corpo de tudo quanto o mesmo precisa para o crescimento e a saúde. Também se pensava, tal como nos tempos modernos, que dirigia a inteligência, e algo bem mais do que isso, segundo o demonstram as citações de Hipócrates e Galeno. Paulo afirmava que todo o bem-estar espiritual tem sua fonte e sustento no Cristo. Mas os mestres gnósticos, ao reduzirem sua posição, tinham solapado seu senhorio, pelo que, para eles, toda a conexão vital com a fonte da espiritualidade era obliterada. Não pode haver corpo, e menos ainda um corpo saudável, se não houver cabeça. Os gnósticos tinham destruído o Cabeça com sua adoração aos anjos, e através de sua doutrina que Cristo é apenas um «aeon» entre muitos.

Mas a destruição do Cabeça, por parte de cada indivíduo, é uma atividade quase universal. De fato, os únicos que retêm o «Cabeça», apegando-se a ele, são os que têm em Jesus o seu Senhor, no sentido mais real. Todos os demais já perderam o contacto com a fonte da vida e da energia espirituais. Uma pessoa, embora ortodoxa em suas doutrinas, se estiver centralizada em si mesma, na realidade não tem Cristo como seu Cabeça, pois Jesus não lhe será Senhor. E quantos não estarão inclusive nessa categoria, dentro e fora da igreja?

«Vivemos no fim de uma época. Os padrões usuais da política e do comércio, como dentro da própria igreja, se estão dissolvendo. A ordem antiga se modifica, cedendo lugar à nova. Mui imperfeitamente qualquer homem pode prever a forma das coisas que virão. Mas uma verdade se destaca sobre tudo: Deus falou de uma vez por todas em Jesus Cristo. Somente nele é que o mundo encontra coerência. Cada nova era não será nova, mas apenas a noite antiga e caótica, se não adora a Cristo como Salvador e Senhor soberano». (George A. Buttrick).

Uma boa ilustração do que pode significar para a vida a relação vital com o Cabeça, é vista na experiência de E. Stanley Jones. Foi ela escrita após ter estado oito anos na Índia, quando sua vida já estava estragada: «Foi uma das minhas horas mais negras. Na ocasião, eu estava em uma reunião, em Lucnow. Quando orava e não pensava particularmente em mim mesmo, pareceu-me que uma voz me dizia: 'Estás preparado para o trabalho para o qual te chamei?' Respondi: 'Não, Senhor, estou exausto. Cheguei ao fim da minha resistência'. A voz replicou: 'Se você entregar tudo a mim e não se preocupar, eu tomarei conta da questão'. Imediatamente respondi: 'Senhor, fecho o negócio agora mesmo'. Uma grande paz invadiu meu coração e todo o meu ser. Eu sabia que tudo estava resolvido! Vida, vida abundante, se apossara de mim... Durante dias após isso nem percebi que eu tinha um corpo. Eu passava os dias trabalhando o dia inteiro e pela noite adentro... Parecia que eu estava possuindo por Vida, Paz e Descanso, pelo próprio Cristo». («The Christ of the Indian Road», págs. 23 e 24). A preciosidade de uma experiência assim é incomparável. Cristo, como Cabeça e origem de todo o bem-estar espiritual, ao ser experimentado, confirma a todos a maior verdade que nossas almas podem experimentar no momento.

John R. Mott, em seus primeiros anos, ao buscar a vontade de Deus acerca de sua vida, especialmente na escolha de uma carreira a seguir, ouviu uma voz: «E procuras tu grandezas? Não as procures...» (Jer. 45:5). (George G. Pidgeon, «The Indwelling Christ», pág. 58). Essas experiências são demonstrações do misticismo verdadeiro, conforme pode manifestar-se

O apóstolo afirmou que o sistema ético dos mestres gnósticos, longe de solapar a energia da carne, conforme imaginavam que fazia, na realidade edificava à carne.

«A humildade auto-consciente era extremamente superficial, encobrindo a maior arrogância intelectual. Os hereses, como se fossem bexigas cheias, estavam inchados do que, afinal de contas, era apenas vento. Mostravam-se hidróticos de orgulho mental, ou então, conforme poderíamos dizer, isso lhes servia de instrumento e órgão da 'carne', o 'eu' pecaminoso. E, naturalmente, por estarem nessa condição, não se firmavam em Cristo, mas antes, suas atitudes certamente os afastavam dele». (Maclaren, *in loc.*). A última afirmativa desse comentador mostra-se correta, em confronto com o versículo seguinte, que ensina que os hereses não têm vinculação alguma com o Cabeça, pelo que estão mortos, sem a energia espiritual e vital em si mesmos.

«Pois sucede, conforme Agostinho escreveu elegantemente a Paulino, por meios admiráveis, que a alma de um homem torna-se mais soberba devido à humildade falsa do que se a mesma fosse abertamente orgulhosa». (Calvino, *in loc.*).

Considerai estes, pois os temos condenado;
Líderes de nenhuma terra certa, guias de norte perdido,
Ou em liga com ladrões, que mudam os sinais indicativos,
Que desrespeitam aos antigos, irresponsáveis aos herdeiros.
Nascidos estêreis, que pouco crescem, raízes apodrecidas,
A florirem sem fruto, cuja folhagem sufoca;
Sua seiva é lenta, e rejeitam ao sol.

(C. Day Lewis)

διὰ τῶν ἀφῶν καὶ συνδέσμων ἐπιχορηγούμενον

19 τὴν κεφαλὴν...θεοῦ Eph 2:21; 4:15-18

no cristianismo, o qual aponta para Cristo como Cabeça, tornando-o realmente como tal para o crente.

Quão Preciosíssimo Isso Seria para Mim

Quão preciosíssimo isso seria para mim,
Cristo ser agora conhecido como meu Cabeça;
Se ele for experimentado, há alegria sem comparação,
Agora, na alma e na vida, compartilhando do tesouro divino.

Empenhado agora em brilhante bênção presente,
Desprezo a êxtases futuros e alegrias com anjos;
Antes, conhecer a Cristo agora, como Cabeça,
É o que prefiro—concretização de triunfo presente.

(Russell Champlin,
ao meditar sobre Col. 2:19).

«...retendo...» No grego é usado o verbo «krateo», isto é, «apossar-se», «tomar em custódia», «apegar-se a». Essa palavra é tirada da idéia do corpo a firmar-se à sua cabeça, em união vital, sem que o corpo certamente morreria. Os mestres gnósticos, em sua doutrina, entretanto, tinham decapitado a igreja, quanto a eles mesmos.

«...da qual todo o corpo...» As palavras «da qual» traduzem o termo grego «eks», como algo causal, «de quem, com fontes» (Abbott, *in loc.*).

«...juntas e ligamentos...» Essas são quase exatamente as mesmas palavras usadas em Efê. 4:16 onde se usa uma figura simbólica semelhante. A primeira dessas palavras é «aphe», no grego, com o sentido de «conexão», «junta». Pode significar o ponto de contacto, ou as entidades físicas que possibilitam o contacto, isto é, uma junta. Provavelmente devemos pensar na última dessas possibilidades. Os antigos pensavam que as energias vitais passam de uma porção do corpo para outra através de tais contactos; e embora a fisiologia moderna tenha ultrapassado essa noção, o simbolismo continua sendo claro. A energia vital passaria da cabeça para todos os membros, e isso de um membro para outro, por causa da união vital de uns com os outros, e assim todos estariam vinculados a Cristo. Já a palavra «ligamentos» é tradução de «sundesmos», a saber, qualquer coisa que liga uma coisa a outra, no corpo humano, ou seja, os ligamentos, os tendões, os músculos; mas é possível que aqui estejam especificamente em foco os «ligamentos». Esse vocábulo também é usado para indicar «cordas», «algemas», etc. O corpo seria mantido unificado por meio da nutrição, tanto para desenvolver-se como para continuar vivo—era o que Paulo queria dizer com esse simbolismo. Mas alguns eruditos pressionam em demasia essa metáfora, fazendo com que o «amor fraternal» sirva de ligamentos, ao passo que o Espírito Santo seria as «juntas», etc. Paulo, entretanto, não queria dar a entender esses refinamentos. Meramente mostrava como o corpo depende totalmente de Cristo, em sua vida e bem-estar. E o corpo místico só pode desfrutar verdadeiramente dessa situação quando está vinculado ao Cabeça, que é a fonte de tudo.

«...suprido...» No grego é «epichoregeo», isto é, «dar», «sustentar». Esse verbo pode ter a idéia de suprir algo, ou a idéia de «prestar ajuda». Cristo é retratado, em Gál. 3:5, como quem «ministra» o Espírito Santo aos crentes; e a mesma palavra é utilizada aqui. O «suprimento», neste caso, de acordo com a metáfora, significa ou «nutrição» ou «vida em geral», o que também deve incluir a idéia de nutrição.

«...bem-vinculado...» No grego é usado o termo «sumbibadzo», «unir», «reunir», que é função dos ligamentos e dos músculos. Cristo é a grande força unificadora, aquilo que dá à igreja um significado comum à existência, harmonizando o corpo consigo mesmo, que é o Cabeça. Notemos que ambos esses verbos, «suprir» e «vincular», são usados no participio presente. Essa união e nutrição são pintadas como um processo contínuo. Esta última palavra pode ser comparada ao trecho de Efê. 4:16, que também usa esse verbo, embora ali a tradução seja «ajustado».

«...cresce o crescimento que procede de Deus...» O corpo místico é

retratado aqui como um organismo que cresce saudável, devidamente nutrido, o que é simbólico do crescimento espiritual. No trecho paralelo de Efê. 4:16, encontramos a expressão: «...efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor». Ali se particulariza e salienta como isso é produzido—pela união fraternal dentro do próprio corpo; e apesar de que nesta nossa passagem a mesma idéia se faz inerente, o ponto principal da mesma é aquilo que acontece somente quando o Cabeça se acha em união vital com o corpo, pois ele é a fonte real de toda a vida e bem-estar espirituais, já que a união entre os irmãos só é uma realidade por estarem os irmãos vinculados a ele, por lealdade e fé.

«...de Deus...» O sentido mais provável é «o crescimento que Deus dá», o que equivale ao que diz nossa versão portuguesa. Porém, no contexto, é Cristo quem dá tal crescimento. Por isso é que a tradução «crescimento que Deus requer» é preferida por vários intérpretes. A outra idéia, contudo, não é contrária ao texto, já que era comum Paulo transpor os nomes do Pai e do Filho em todas as questões espirituais, e tanto Cristo como Deus Pai podem ser igualmente tidos como o manancial dessa vida. Seja como for, Deus é a origem da vida e da existência, e isso por meio de Cristo, conforme se aprende em João 5:25,26 e 6:57. A idéia aqui contida, entretanto, pode ser instrumento: «crescimento operado por Deus», ficando entendido que isso vem por meio de Cristo.

Posto que Cristo é a única fonte nutrente da igreja, que a faz crescer, é extremamente deplorável que a adoração que deveria ser dada exclusivamente a ele, até mesmo em certos segmentos da cristandade é desviada para os anjos, para os santos e para a sua mãe.

«Aqui estava a causa raiz do falso ascetismo e do falso misticismo. Olhavam para a fonte errada onde buscassem a salvação moral e espiritual» (Macleod, *in loc.*). Esse autor ainda sugere outros meios pelos quais, nos tempos modernos, Cristo não é aceito como Cabeça:

1. Quando o cristianismo é reduzido a um mero código moral, que negligência o ensinamento e a experiência do poder de Cristo na vida individual.

2. Quando a doutrina correta é proclamada, mas Cristo não é o Senhor

5. A grandeza de Cristo em contraste com os ensinamentos e práticas falsos (2:4-23).

d. A advertência contra o ascetismo (2:20-23).

Um senso moral doentio ou mesmo mórbido pode ser expresso através de dois extremos: na licenciosidade ou no ascetismo. São apenas polos diferentes de uma mesma condição espiritual enfermiza. O gnosticismo exibia ambos esses extremos. Criam que o corpo é inerentemente mau, o próprio princípio da maldade humana, porquanto participa da matéria crassa, que seria incapaz de receber redenção. Por conseguinte, concluíam que não faz diferença o que fazemos com nossos corpos, pois isso de modo nenhum afetaria o espírito. Acreditavam que a maioria dos homens, sendo totalmente físicos em sua expressão, estando totalmente fora do escopo da esperança da redenção, eram os *hilicos*, isto é, *materialistas*, segundo o sentido do termo grego. Outros homens seriam os *psíquicos*, que incluiriam os profetas e outros santos, os quais seriam passíveis de redenção em um grau inferior de glória, mediante a fé, que seria inferior ao «conhecimento». Finalmente, dentro da doutrina gnóstica, haveria os *pneumáticos* ou espirituais, que possuiriam o «conhecimento», elevadamente espiritual, por meio do que os remidos atingiriam o mais elevado nível da redenção, a saber, a reabsorção pelo Espírito divino.

Na presente circunstância, dentro deste mundo físico, um homem deve cooperar com o sistema mundial, cujo propósito final seria o aniquilamento do corpo. Isso pode ser feito ou mediante o abuso do corpo ou mediante a punição ascética do mesmo. Assim é que o espírito humano seria finalmente liberto, para seu voo para as dimensões puramente espirituais, buscando a reabsorção. Sucedem as coisas de tal modo que o extremo de ascetismo predominava no gnosticismo colossense, ao passo que, em outros segmentos do mundo cristão antigo, predominava a licenciosidade entre os gnósticos. O trecho de II Tim. 3:6 fala daqueles supostos líderes cristãos que «...penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões...» e evidentemente descreve assim a variedade libertina do gnosticismo. A passagem à nossa frente solapa os princípios fundamentais do ascetismo gnósticos (o que, em Colossos, aceitara certas formas do judaísmo e da lei mosaica, que encorajavam essa maneira de viver). Isso já fora dado a entender no versículo dezesseis deste capítulo (onde a questão foi comentada). Tal como os fariseus, aqueles gnósticos estabeleceram muitas regras extras, acerca de alimentos, bebidas, dias santificados, sábados, etc.

20 *Εἰ ἀπεθάνετε σὺν Χριστῷ ἀπὸ τῶν στοιχείων τοῦ κόσμου, τί ὡς ζῶντες ἐν κόσμῳ δογματίζεσθε,*

20 Ga 4.3-5, 9

2:20: Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivésseis no mundo,

Notemos, no décimo segundo versículo, as palavras «...tendo sido sepultados juntamente com ele no batismo...» Paulo volta ao pensamento da participação espiritual, isto é, a participação mística com Cristo, em sua morte e ressurreição. Trata-se do «batismo espiritual», pois não há aqui qualquer idéia de que o batismo em água tenha qualquer valor místico, capaz de produzir experiências místicas. (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em Rom. 6:3). A morte juntamente com Cristo significa a morte para o pecado (ver Rom. 6:6), a destruição do velho homem, da natureza inferior. E também indica a liberdade que há na vida em Cristo. Neste ponto, Paulo aplica a idéia geral ao problema à sua frente. A morte com Cristo também é a morte para as antigas leis cerimoniais, para as supostas exigências dos espíritos elementares, ou seja, para o tipo de religião que não passa do «ABC», que se alicerça sobre ritos, cerimônias e práticas ascéticas.

«...rudimentos...» (Quando a notas expositivas completas sobre essa palavra, que no grego é «stoicheia», ver o oitavo versículo deste capítulo). Tal vocábulo pode referir-se a uma religião rudimentar, que depende de cerimônias, ou pode aludir aos «espíritos elementares», os «aeons» ou emanções de Deus, que, segundo muitos supunham, exerceriam poder sobre os homens. O crente em Cristo está liberto de quaisquer obrigações para com tais espíritos, ou para com a religião rudimentar.

«...como se vivésseis no mundo...» Isso significa que eles tinham vivido como «súditos do mundo», o qual é mantido em sujeição ao reino das trevas.

21 *Μὴ ᾤψῃ μηδὲ γεύσῃ μηδὲ θίγῃς,*

da vida. «O cristianismo é mais do que uma teologia; é a união com Cristo».

3. Quando os homens são persuadidos a aceitar a igreja, seus ensinamentos, sua comunhão e seu programa, como se isso fosse o alvo e a origem da vida cristã diária, esquecendo-se que essa posição só pode ser ocupado por Cristo.

Definição básica de um crente cristão. Este versículo contém a mais básica definição do que é um crente. É aquele que tem passado por alguma experiência ou contacto vital com Cristo, tendo-o como seu Cabeça, e assim recebendo dele a vida. Isso pressupõe a conversão, o contacto com o Espírito de Deus. Uma pessoa pode ter várias crenças doutrinárias ou conexões eclesásticas que outras pessoas e até mesmo Deus não aprove. Mas a questão básica é: «Qual é a sua experiência espiritual com Cristo?» É perfeitamente inútil qualquer profissão de um credo ortodoxo, se não houver essa experiência espiritual, a qual é certa forma de misticismo, conforme o termo é definido no começo das notas expositivas sobre o versículo anterior. Cristo deve fazer parte da vida do indivíduo, e não meramente do credo. Cristo deve ser o Senhor da vida, e não apenas a principal característica de alguma profissão doutrinária.

Tão Moderno quanto Possível

Esta busca, este anelo, esta sede de conhecer, Tão moderno quanto me é possível ser, Tem servido apenas para reconduzir-me a Ti.

Passos ascendentes, águas que espumam rápidas, Veredas tortuosas do pensamento, descendo por muitos lugares, Me têm levado, uma vez mais, a esperar em Ti.

De noite, de dia, na esperança e no desespero, a vaguear Por agrestes ravinas e por cumes os mais gelidos, Por veredas estranhas, mas achando-te no alto.

Sorvos intoxicaram meu cérebro, quando, Desejando e aprendendo, provei da fonte de Pireu; Mas, ao savor mais fundo, me foi devolvida a sobriedade.

(Russell Champlin, ao meditar sobre Col. 2:19).

ao meditar sobre Col. 2:19).

Antes, o crente pertence ao mundo celeste, onde Cristo está (ver Col. 3:1-3). O homem está «morto» para este mundo, não tendo nenhuma obrigação para com ele, contanto que esteja em Cristo. Portanto, dar atenção ao sistema gnóstico é colocar-se de novo debaixo do poder de governantes espirituais malignos. Cristo está muito acima de todos eles, porquanto triunfou deles na cruz (ver Col. 2:15). Em Cristo, pois, participamos do mesmo triunfo.

«...vos sujeitais a ordenanças...» No grego temos uma única palavra, «dogmatizesthe» (de «dogmatidzo», «decretar», «ordenar»). Neste ponto é usada na voz média, ou seja, «submeter-se a regras e regulamentos». É como se Paulo tivesse indagado: «Por que 'dogmatizais' com um falso código ético?» A voz média, que retrata aqueles crentes a fazerem isso contra si mesmos, subentende a «censura» contra eles. Submetiam-se voluntariamente a tais coisas, mesmo depois de terem aprendido a verdade que há em Cristo. Alguns estudiosos, todavia, preferem pensar aqui na voz passiva: «Por que fostes sujeitos?» por que estais sendo agora sujeitos a essas coisas?» Paulo indica que, desse modo, negavam a eficácia de sua morte mística com Cristo, pois não tinha qualquer resultado prático em suas vidas, mas antes, se sujeitavam à escravidão espiritual. Todas essas ordenanças, que finalmente «nos são contrárias», exigem mais do que podemos produzir; e isso mesmo que pensemos nas ordenanças de boa índole, sem postularmos as perversas ordenanças gnósticas. Pois tudo isso fora «enravado na cruz» (ver o décimo quarto versículo deste capítulo). Cristo nos livrou de todos esses fardos. Por que nos haveríamos de sobrecarregar com eles?

2:21: *tais como: não toques, não proves, não manuseies*

Mui provavelmente Paulo está aqui imitando os lemas usados pelos gnósticos colossenses. Ele nos fornece aqui exemplares de seus regulamentos. «Vede como ele (Paulo) zomba deles». (Crisóstomo). Conhecimento limitado acerca das proibições exatas dos gnósticos, quanto às práticas ascéticas, tem produzido interpretações variadas a essas três proibições, a saber:

«...*não manuseies*...» Consideramos os dois pontos abaixo:

1. Não tocar e nem manusear coisas impuras, como alimentos proibidos ou objetos que as leis cerimoniais vedavam, como uma sepultura, um cadáver, etc.

2. Alguns estudiosos insistem que estão em foco as questões sexuais. Tal regra, pois, seria paralela à que figura em I Tim. 4:3, onde se vê que alguns mestres gnósticos proibiam o casamento.

Essas interpretações indicam que alguns gnósticos eram vegetarianos, não ingerindo carne, além de serem celibatários. Ambas essas práticas pertenciam aos essênios, e alguns supõem que essa seita exerceu alguma influência sobre o grupo herético de colossos; porém, parece um exagero a idéia que esses gnósticos simplesmente helenizaram aos essênios judeus.

«...*não proves*...» Isso inclui os alimentos proibidos, como a gordura, o sangue e o vinho. Segundo as leis judaicas, aqueles que violavam esses mandamentos eram espancados. As leis judaicas não proibiam o uso do vinho, exceto no caso dos nazireus. Parece bem certo, porém, que os gnósticos de Colossos proibiam o vinho. (Ver o décimo sexto versículo). O ascetismo deles envolvia alimentos sólidos e líquidos, e era mais radical do que o judaísmo normal.

«...*não toques*...» No grego é «thiggano», «tocar», uma palavra que subentende menor manuseio que a primeira da lista de três proibições. Entretanto, o termo grego «apto» pode indicar um simples toque, apesar de também ser usado com o sentido de «agarrar», de «manusear». Alguns intérpretes pensam que apenas alimentos estão aqui em foco, e que esses três vocábulos indicariam graus cada vez menores de contacto físico.

22 ἄ ἐστιν πάντα εἰς φθορὰν τῇ ἀποχρήσει, κατὰ τὰ ἐντάλματα καὶ διδασκαλίαι τῶν ἀνθρώπων;

22 τὰ...ἀνθρώπων Is 29:13; Mt 15:9

2:22: *(as quais coisas todas não de perecer pelo uso), segundo os preceitos e doutrinas dos homens?*

A expressão deste versículo é um tanto vaga, razão por que tem recebido diversas interpretações, a saber:

1. O termo grego «αἱ...*as quais coisas*», provavelmente se refere aos «mandamentos» ascéticos, e não às coisas que aquelas regras ascéticas proibiam. Paulo queria dizer, pois, que tais proibições cerimoniais e ascéticas não têm qualquer permanência; não demoram a desaparecer do palco, reduzindo-se a nada. Portanto, é inútil deixar-se envolver por essas coisas ou promovê-las, pois não fazem parte do sistema ético de Deus para os crentes, sendo apenas temporais dentro de qualquer sistema. Além disso, Paulo acrescenta um segundo motivo para rejeitar o ascetismo, isto é, que todo sistema ascético se edifica sobre preceitos humanos, sobre as imaginações do coração humano, que impõe restrições ao próximo, mas sem base alguma sobre a teologia divinamente revelada. Essa primeira idéia mui provavelmente é que está em foco aqui.

2. Outros eruditos põem dentro de parêntesis as palavras «...*pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem*...» como se isso fosse apenas uma espécie de observação lateral sobre a natureza das coisas que participavam dessas proibições. Nesse caso, é como se Paulo estivesse dizendo: «Não manuseies, não proves, não toques (que são proibições referentes às coisas temporárias ou perecíveis), pois, na realidade, são meros preceitos humanos». Outro tanto se aplicaria no tocante aos alimentos e bebidas, pois são coisas temporais, que não merecem tratamento sério dentro da ética cristã. Paulo sugeriria com isso que nos devemos antes ocupar das «coisas eternas», não gastando nosso tempo com a observância de intermináveis regras ascéticas, que dizem respeito apenas às coisas temporais, pelo que são «indiferentes» para a fé, conforme se lê em Rom. 14:17: «Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz e alegria no Espírito Santo».

Pode-se notar que essas duas interpretações acima diferem, na realidade, somente quanto ao modo como Paulo expressa o que queria, e não quanto àquilo que ele queria realmente dizer. «A cláusula (pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem) sumaria a doutrina que Paulo expõe nas epístolas aos Gálatas e aos Romanos, a saber, que o sistema inteiro da lei não faz parte fundamental da vida religiosa, mas é apenas uma disciplina para os imaturos» (Beare, *in loc.*). Esse ensinamento é paralelo ao trecho de Mat. 15:17 e ss., aquilo que entra pela boca, atravessa o sistema digestivo, e então é lançado fora. Portanto, essas coisas acerca de alimentos e bebidas, na realidade nada têm a ver com o cultivo da vida espiritual. Mas o que ocorre no coração é que eleva ou contamina a um homem. Pois essa é a sede real da piedade ou da iniquidade. «Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos se não comermos, e nada ganharemos se comermos» (I Cor. 8:8). Aquilo a que os mestres gnósticos emprestavam tanta importância era perfeitamente «indiferente» para o apóstolo Paulo, exceto que tais regras vinham sendo impingidas à igreja, levando-a a perder seus princípios éticos simples e espirituais, que abordam os problemas reais, e não os imaginários.

3. Há aqueles que pensam que Paulo continuava a usar declarações dos próprios gnósticos, os quais, ao proibirem o uso de certas coisas, raciocinavam que não deveriam ser utilizadas pelos homens «por serem temporais», por não terem valor permanente. Se essas palavras eram ditas pelos mestres gnósticos, então salientavam a principal razão de suas práticas ascéticas, a saber, serviam de meio para separar o espírito das

Agarrar ou manusear seria menos que provar, e isso seria mais forte que tocar. Não há certeza, porém, se Paulo realmente tencionava tal refinamento. Quanto aos objetos, o «toque» envolveria as mesmas coisas proibidas pelo «manuseio».

As palavras «*Não manuseies*...» também têm sido interpretadas como o manuseio de «propriedades», por parte de pessoas particulares, no qual caso haveria a defesa da «propriedade comum», talvez um costume dos gnósticos. É verdade que alguns ramos do gnosticismo praticavam certa forma de comunidade de bens, mas fazer com que essa idéia faça parte do que o versículo envolve, não passa de uma conjectura.

«Quando as pessoas resolvem tyrannizar as almas de outros, não há fim no aparecimento de novas regras, acrescentadas às antigas, havendo novos decretos de quando em vez». (Calvino, *in loc.*, o qual, naturalmente, vê aqui um quadro claro sobre o papado. Na realidade, alguns segmentos da igreja impõe quase tantas proibições e regras, dietéticas e outras, além da proibição do matrimônio para certas classes de pessoas, como os próprios fariseus observavam).

«Quando se contempla o que os seres humanos impõem a seus próprios corpos, o que comem e bebem, o que vestem e o que fazem contra si mesmos, e como se tratam uns aos outros, fica-se perguntando se o erro da natureza não foi estabelecer que as dores sejam mais severas, pois certamente que, a despeito da mesma e de toda a advertência acerca das enfermidades, os homens continuam a insultar seus corpos com incrível igualdade». (Percy Dearmer, *Man and His Maker*).

Este versículo tem sido sujeito a duas interpretações errôneas. 1. Alguns estudiosos pensam que temos aqui um direto apelo de Paulo em favor de alguma forma de ascetismo, como se ele quisesse encorajar a sua prática. Mas essa idéia é contrária ao texto, pois o mesmo se volta contra tais práticas. 2. Outros acreditam que Paulo proibia aqui «todo contacto» com as práticas gnósticas. Mas isso é um exagero do sentido simples do texto, embora seja verdade que ele anelava por que os crentes evitassem o «sistema gnóstico»—por isso mesmo é que ele escreveu.

coisas terrenas e temporais, visando o benefício da alma. E se esse é o significado da primeira cláusula—o que lhe dá um sentido possível—então a segunda cláusula seria a condenação de Paulo a tal idéia, a saber, que tudo não passa de idéias e doutrinas humanas, não impostas por Deus aos remidos.

4. Ainda há outros que parafraseiam «as quais coisas tendem à destruição». Isso significaria que os gnósticos dizem que o uso de determinadas coisas serviam de entrave à alma, conduzindo-a à destruição final. Sabemos que eles ensinavam que a maioria dos homens, por serem terrenos, capturados pela teia de Satanás não pode ser salva, e isso devido ao seu apego à matéria, transformando tais homens em espíritos «hílicos», totalmente aferrados à matéria. Há bons intérpretes que apoiam todas essas idéias, mas a primeira ou a segunda é que devem ser escolhidas, pois as duas finais começam a exagerar a idéia paulina.

«...*todas estas cousas, com o uso, se destroem*...» Essas coisas temporárias, essas ordenanças que exigem práticas ascéticas, se reduzem a nada; e isso se dá através da «prática» das mesmas, o que revela sua futilidade, pois não trazem qualquer benefício à alma. Alguns pensam que as coisas aqui referidas significam «comidas, bebidas, etc.», como se essas fossem as «coisas proibidas». Nesse caso, Paulo estaria simplesmente fazendo a observação que essas coisas são temporais, as quais logo perecem, e isso devido ao seu próprio uso, não merecendo participar seriamente de qualquer sistema ético cristão. A primeira idéia, entretanto, é a mais provável.

«...*segundo os preceitos e doutrinas dos homens?*...» A «temporalidade» das práticas ascéticas dos gnósticos era motivo forte contra a sua aceitação na adoração cristã. Mas o fato que várias formas de ascetismo se originam da mera imaginação humana, prova que a religião ascética não pode provir de inspiração divina. Dentro da ética cristã, procuramos fazer aquilo que nos foi ensinado pela inspiração divina. Não precisamos das invenções dos homens. Os homens tornam-se vãos, quando se fazem criadores de inovações religiosas.

Referências e idéias. A inutilidade ou vaidade:

1. A inutilidade é consequência da queda (ver Rom. 8:20). 2. Todo homem é vaidade (ver Sal. 39:11). 3. Todo estado humano é vaidade (ver Sal. 62:9). 4. Os pensamentos dos homens são vaidade (ver Sal. 94:11). 5. Os dias dos homens são vaidade (ver Jó 7:16 e Ecl. 6:12). 6. A meninice e a juventude são vaidade (ver Ecl. 11:10). 7. A beleza do homem é vaidade (ver Sal. 39:11 e Pro. 31:30). 8. A justiça própria do homem é vaidade (ver Isa. 57:12). 9. A ansiedade mundana é vaidade (ver Sal. 39:6 e 127:2). 10. Os prazeres mundanos são vaidade (ver Ecl. 2:3, 10, 11).

As palavras aqui empregadas, que também são usadas em Mat. 15:9, foram extraídas de Isa. 29:13, de acordo com a versão da Septuaginta (tradução do original hebraico para o grego). Todavia, no evangelho de Mateus são usadas com o fito de salientar que os homens anulam a palavra de Deus com suas tradições, a fim de porem em prática suas próprias imaginações. Neste ponto, porém, tais palavras são usadas para mostrar que as tradições humanas tinham criado proibições sem a sanção da autoridade divina.

«...*preceitos*...» No grego é «entalma», «mandamento», uma palavra de significação geral, indicando mandamentos divinos ou humanos, mas que, como é óbvio, neste ponto alude às proibições humanas de origem ascética.

«...*doutrinas*...» No grego temos «didaskalia», palavra grega que ordinariamente significa «ensinamentos», divinos ou humanos. Está em pauta o sistema gnóstico, que envolvia regras ascéticas. Os ensinamentos gnósticos incorporavam muito do legalismo judaico, pelo menos em

Colossos; e assim, indiretamente, Paulo condenava o grande acúmulo de tradições humanas que sobrecarregava o grupo farisaico. O apóstolo nega que essas tradições, que ele combatia, tivessem qualquer base divina, pois, na realidade, punham de lado as leis reveladas por Deus, porquanto suplantavam, nos corações dos crentes à fé cristã e ao Espírito em nós

23 ἀτινά ἐστιν λόγον μὲν ἔχοντα σοφίας ἐν ἐβελοθησκία καὶ ταπεινοφροσύνη [καὶ]⁶ ἀφειδία σώματος, οὐκ ἐν τιμῇ τινι πρὸς πλησμονὴν τῆς σαρκός.

⁶ 23 [D] ταπεινοφροσύνη καὶ N A C D^{ex} H K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 Byz Lect it^{ex} dem-div.x.2 vg syr^p cop^{sa} arm Jerome Augustine Euthalius // ταπεινοφροσύνη τοῦ νοὸς καὶ (see 2,18) G it^{ex} d.e.f.h (it^{ex} mon omit καὶ) syr^h

23 ἀφειδία σώματος 1 Tm 4,3 πλησμονὴν τῆς σαρκός Ro 13,14

A minoria da comissão preferiu a forma sem καὶ com base na evidência externa forte e antiga, e na possibilidade que copistas teriam inserido καὶ sob a suposição que ἀφειδία foi o terceiro de uma série de dativos após ἐν, e não um dativo instrumental que qualifica a frase preposicional prévia. Por outro lado, a maioria da comissão reputou a omissão como acidental, e preferiu a forma com καὶ, que é largamente apoiada por N A C D (gr) H K P Ψ 33 81 614 vg sir (p) cop (sa) ara al. Como transigência foi resolvido adotar καὶ mas imprimi-la entre colchetes. A forma ταπεινοφροσύνη τοῦ νοὸς καὶ (G it (d,g,61) sir (h) al) é uma expansão provavelmente derivada do vs. 18.

2:23: As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria em culto voluntário, humildade fingida, e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate contra a satisfação da carne.

O presente versículo também tem seus elementos vagos e difíceis, pelo que tem sido sujeito a bom número de interpretações. A frase realmente difícil é a última, que literalmente diz «...não em qualquer honra para a satisfação da carne...» (Ver as notas expositivas abaixo).

Paulo selecionava expressões-chaves dos mestres gnósticos, para em seguida negar que tais questões tivessem qualquer valor espiritual autêntico. Consideremos os elementos numerados abaixo:

1. «...culto de si mesmo...» ou «rigor de devoção». No grego temos a palavra «ethelothreskia», que pode significar «religião individual» ou «pseudo-religião». Sob essa forma, a palavra se encontra somente nos escritos eclesiásticos, talvez com base no presente texto. Paulo ou a comunidade cristã podem tê-la cunhado. A primeira parte, «thelo», é um prefixo que significa «voluntariamente»; deriva-se de «ethelo», «querer». O termo «threskeuo» significa «observar religiosamente», «observar escrupulosamente». Alicerça-se sobre a palavra «threskos», que significa «religioso»; e o substantivo «threskeia», significa «adoração religiosa». Se unirmos todas essas idéias, comparando-as com outros usos das palavras, conforme se vê em Epifânio, Heaer. 1.16, tem-se a impressão que seu significado é «adoração auto-imposta», com o que Paulo quis dizer que suas práticas ascéticas rigorosas eram inteiramente baseadas no próprio «eu», e não em Cristo, efetuadas pelo exercício da mera vontade humana, e não devido à influência orientadora do Espírito Santo.

2. «...falsa humildade...» O grego diz apenas «tapeinophrosune», «humildade», «modéstia», palavra normalmente usada em bom sentido. Mas Paulo falava aqui sobre a humildade pervertida e falsa dos gnósticos, em que se prostravam ante os anjos, pensando que Deus era elevado demais para ser abordado, além de aviltarem os seus próprios corpos, mediante práticas ascéticas exageradas. Isso pode ser comparado ao décimo oitavo versículo deste capítulo, que encerra a mesma reprimenda, e onde a idéia é mais amplamente expandida.

3. «...rigor ascético...», ou seja, «severidade para com o corpo». Os mestres gnósticos puniam ao corpo mediante a negligência, os jejuns excessivos, e talvez até por desfiguramento, como era comum entre os pagãos. Não davam ao corpo o lugar santificado que o mesmo deve ter como templo do Espírito Santo (ver I Cor. 6:15 e ss.). A palavra aqui traduzida por «...rigor...», no grego é «apheidia», isto é, algo «profuso», «abundante». Neste contexto, significa cruel, tremendamente excessivo e duro tratamento do corpo.

«...Tais cousas, com efeito, têm aparência de sabedoria...» As três coisas mencionadas evidentemente mostram as práticas e idéias básicas dos mestres gnósticos de Colossos. No entanto tudo isso tinha só a aparência externa, sem qualquer substância de realidade espiritual. Sem dúvida diziam eles que a prática dessas coisas mostra elevada sabedoria e grande conhecimento, de caráter redentor, como práticas que caracterizavam aos «pneumáticos» ou «espirituais», os quais, segundo imaginavam, haveriam de receber a mais elevada glorificação. Eram desprezados os supostos homens «hílicos», os quais não teriam esperança alguma de redenção. E os próprios «psíquicos» não obteriam grande redenção, pois receberiam uma glorificação secundária. (Quanto a esses termos e a discussão geral sobre o *gnosticismo*, ver o décimo oitavo versículo deste capítulo).

Abaixo transcrevemos a divertida narrativa sobre um homem a quem foi feita uma sugestão ridícula, por influência de um hipnotizador. Ao homem, quando em estado hipnótico, foi dito que pusesse um vaso de flores sobre a cama, para então ser adorado por ele. E isso ele fez, julgando-se um sábio. Declarou ele, mais tarde: «Quando despertei e vi ali o vaso de flores, pensei que o tempo estava frio e que seria bom aquecer o vaso um pouco, pois, de outra maneira, a planta morreria. Assim sendo, envolvi-o em um pano. E então pensei que já que o sofá estava perto do fogo, o vaso deveria ser posto ali em cima. E em seguida me prostei porque fiquei satisfeito comigo mesmo, por ter tido tão brilhante idéia». (W. Featon Halliday, *Psychology and Religious Experience*). Assim também é que as pessoas, em suas práticas religiosas, racionalizam-nas em conceitos aparentemente «lógicos», atribuindo-as a alguma forma de «inspiração divina», quando tudo envolve tão-somente o autoludíbrio. Os mestres gnósticos estavam plenamente convictos da verdade de seu sistema. Mas esse fato não contribuía em coisa

residente. A lei do coração, que é a do Espírito (ver Rom. 8:2), naturalmente incorpora a moralidade essencial da lei; e é através da força dada pelo Espírito que essa lei se torna verdadeiramente operante e eficaz no crente, no nível de sua alma.

(cop^{ho}) (goth) (Ambrosiaster) Hilary Pelagius (Augustine) // ταπεινοφροσύνη ⁶ B 1739 Origen^{ba} Ambrosiaster Hilary Ambrose Pelagius Paulinus-Nola // ταπεινοφροσύνης Clement

alguma para que seu sistema moral deixasse de ser uma auto-ilusão.

«...aparência...» No grego é «logos», que tem o sentido de «razão plausível» ou demonstração de uma «razão» e, portanto, temos aqui, a idéia de «reputação» de sabedoria. Não se tratava de uma reputação verdadeira e merecida, porquanto era promovida somente pelos próprios gnósticos, que eles aceitavam como digna de aclamação. (Ver a idéia de «reputação» como um dos significados do termo grego «logos», em Platão, *Epinomis*, pág. 987B; *Herod.* 5:66, onde a palavra é copulada a «echein», «ter», tal como se vê na presente passagem).

«...Não têm valor algum contra a sensualidade...» O grego por detrás dessas palavras representa uma das mais difíceis expressões em todo o N.T., pelo que muitíssimo se tem escrito a seu respeito. Consideremos os pontos abaixo:

1. As palavras «...não têm valor algum...» provavelmente são uma tradução melhor que «...não em qualquer honra...», que aparecem em algumas traduções. O restante da sentença, literalmente, significa «...para a satisfação da carne...» Para que entendamos o sentido de tais palavras, precisamos suprir alguma idéia verbal. A melhor palavra que se pode suprir é «promover», ou «servir». Portanto, o sentido da frase parece ser: «...tais coisas não têm valor, mas realmente 'promovem' a sensualidade carnal». Paulo quis dizer, segundo isso, que o ascetismo é simplesmente uma espécie de carnalidade, mediante o que o homem deriva glória para si mesmo, ao invés de glorificar ao Senhor. O ascetismo daquela gente, pois, era uma forma «invertida» de auto-indulgência. Um homem pode entregar-se desabridamente à gula, ao excesso de bebidas e prazeres; ou então pode encontrar certa forma distorcida de satisfação na privação de tudo quanto é necessário à vida diária razoável nesta dimensão terrestre. Isso, pois, só alimenta o doentio senso de valores dos homens, e isso, como é claro, em nada honra a Deus. Mui provavelmente essa é a idéia geral da passagem, embora existam outras maneiras de chegar-se à mesma conclusão.

Um exemplo de outra solução é aquele que diz que não há necessidade de suprimos aqui qualquer «verbo», pois a preposição grega «pros» (com o acusativo), tem significados como «para», «na direção de», «com o propósito de», etc. Assim, o trecho de Atos 3:10, que fala do homem que costumava pedir esmolas, no grego diz apenas «pros ten ellemosunen», não havendo o verbo «pedir». Portanto, as práticas ascéticas, na realidade, visam satisfazer aos apetites carnis, embora isso seja feito de modo disfarçado e pervertido.

2. Chegando à mesma conclusão a que chegamos acima, alguns estudiosos acham que a preposição grega «pros» significa aqui «contra», por ser essa uma de suas significações possíveis. Nesse caso, o pensamento seria que as práticas ascéticas, na realidade, não têm qualquer valor «contra a auto-indulgência». Alguns eruditos suprem, na tradução, as palavras «para remediar». Nesse caso, o ascetismo não tem qualquer valor «para remediar as indulgências carnis». Mas esse é um significado duvidoso da palavra «pros», ainda que o significado geral da frase, assim conseguido, resulte quase no mesmo.

3. Além disso, há problemas com o significado da palavra grega «time», que quer dizer «honra», mas que nossa versão portuguesa traduz por «valor». Alguns estudiosos preferem reter seu sentido neotestamentário básico de «honra», não aceitando para ela o sentido de *valor*. Nesse caso, esta declaração significaria que as práticas ascéticas «negligenciam a 'honra' devida ao corpo, no que tange à satisfação dos desejos legítimos da carne». Vários dos pais gregos tomavam esse ponto de vista, juntamente com eruditos modernos, como Calvino. O vocábulo «satisfação», pois, de acordo com essa interpretação, significa a satisfação das necessidades básicas do corpo. Porém, isso é justamente o que é contra a interpretação que ora expomos, pois essa palavra é normalmente usada para indicar a idéia de «indulgência excessiva», e nunca a idéia de moderação. Antes, essa «satisfação» é salientada por Paulo como o grande mal a ser evitado, pois dela os gnósticos ascéticos lançavam mão, de maneira invertida e pervertida.

4. Há ainda uma outra interpretação que retém o significado básico da palavra grega «time», *honra*. Essa continua fazendo da porção final da cláusula uma severa repreensão contra aquelas práticas ascéticas. Essa interpretação resulta na seguinte tradução: «...não dando honra suficiente ao corpo (conforme é exigido pela ética cristã), mas antes, o que chamam de 'honra', é apenas uma forma de auto-indulgência». E isso ensina que a «negligência do corpo», que os gnósticos pensavam ser uma maneira de «honrar» ao corpo, na realidade, era uma forma de «auto-indulgência».

Assim é preservado um sentido potencialmente bom na palavra «honra», ao mesmo tempo que a palavra «satisfação» retém seu sentido normal negativo de auto-indulgência excessiva. A nossa versão portuguesa, excusado é dizê-lo, procura uma solução sui-generis, deixando em branco alguns termos gregos que indubitavelmente fazem parte do texto. Trata-se de uma tentativa de interpretação, e não tanto de uma tradução.

Por conseguinte, o que os mestres gnósticos pensavam ser o «manuseio correto» ou «honra apropriada», no caso do corpo, segundo o ponto de vista de Paulo era apenas uma forma invertida de «auto-indulgência».

Várias outras interpretações têm sido apresentadas, que abordam, das mais variadas maneiras, os sentidos possíveis de «honra», de «contra» (a preposição) e de «satisfação», pois dessas três palavras depende o sentido da cláusula. Dentre as interpretações expostas, as mais prováveis são as de número «dois» e «quatro». Duas delas têm possibilidades de estarem corretas, pois o termo grego «time», no grego clássico, com frequência

indica «valor» ou «preço», e esse significado é freqüente nas páginas do N.T. (Ver também Atos 4:34 e 5:2,3). Mas o sentido de «valor» não encontra paralelo em todo o N.T. Não obstante, o significado de *valor* é bastante comum, podendo ser visto também no grego helenista, e não apenas no clássico. Há também os estudiosos que pensam haver um erro primitivo no texto sagrado, ou então que nenhum dos manuscritos conhecidos encerra o texto correto, ou mesmo que o grego de Paulo, neste ponto, é originalmente confuso, o que cria todos esses problemas de interpretação. Entretanto, o sentido geral da sentença é perfeitamente claro, ainda que nossa maneira de chegar ao mesmo seja capenga.

«As ordenanças auto-impostas satisfazem à carne, mesmo quando aparentemente a mortifica...» (Faucett, *in loc.*). «...não têm qualquer valor, mas realmente satisfazem à natureza inferior» (Tradução inglesa de Williams, aqui vertida para o português).

★ ★ ★

Capítulo 3

III. A Ética e a Busca Espiritual baseadas na Grandeza de Cristo (3:1- 4:6).

União espiritual do crente com Cristo, agora e para sempre (3:1-4)

Agora está completa a grande secção doutrinária desta epístola. Ali Paulo eleva Cristo ao lugar que lhe cabe no universo, acima de todos os anjos, de todos os mediadores, tornando-se ele o único objeto da fé cristã, o único a ser obedecido na vida prática do crente. Paulo mostrara que em Cristo se morre para o pecado, para as práticas cerimoniais, para a lealdade aos espíritos elementares; e que em Cristo se vive para o poder místico. Há uma vida ressurrecta, mediante a fé na operação de Deus, pois o mesmo poder que ressuscitou a Cristo dentre os mortos foi colocado agora à nossa disposição. Essa forma de doutrina é vital para a vida diária, pois não é pequeno o poder necessário para fazer estancar a maré do pecado, revertendo a expressão do reino das trevas entre nós e criando uma vida de santidade, que conduz à luz e à vida. Paulo lançara todos os alicerces místicos, mostrando-nos que Cristo não é algum monarca abrigado em um palácio distante, inabordável. Antes, mediante o Espírito Santo, na realidade, ele *vive em nós* e por nosso intermédio.

A partir deste ponto o apóstolo passa a fazer a aplicação da secção doutrinária, procurando descobrir ali princípios éticos práticos. Esse plano da exposição de argumentos pode ser visto em diversas das epístolas de Paulo. Nos capítulos primeiro a décimo primeiro da epístola aos Romanos, encontramos, principalmente, doutrinas; e embora a palavra *doutrina* talvez seja um vocábulo mal escolhido, porque, para Paulo, todo o ensinamento tinha papel vital na vida diária, como razão e inspiração para a vida, o que significa que toda a «doutrina» tinha, realmente, uma natureza ética, essa ainda é a maneira usual pela qual distinguimos as secções didáticas das secções de exortações práticas. Não obstante, a secção que se segue naquela epístola, constante dos capítulos doze a dezesseis, é altamente prática em sua natureza, onde se encontram as aplicações éticas da doutrina que o apóstolo apresentara antes. Outro tanto se dá no caso da epístola aos Efésios, onde há três capítulos para as exposições de elevadíssimas verdades espirituais, além de outros três capítulos para a aplicação das mesmas na vida diária. Naturalmente, todas as secções práticas têm alguma doutrina elevada também, pois essa divisão em secções doutrinária e prática não é rígida.

Paulo havia denunciado com vigor a *ética distorcida* dos mestres gnósticos, com suas práticas sacramentalistas, cerimonialistas e seu falso ascetismo e misticismo, na última porção do segundo capítulo desta epístola, imediatamente antes da secção que ora iniciamos. Agora ele passa do ataque negativo para a apresentação positiva do que significa alguém estar vivo em Cristo, e apresenta muitos mandamentos éticos específicos, embora todos alicerçados sobre o grande princípio de nossa associação mística com Cristo, em sua morte e em sua vida. Nossa vida em Cristo é uma realidade mística. A vida nos é transmitida por meio do Espírito. Essa vida de Cristo, que «agora» temos em nós, é a garantia de que finalmente viveremos com ele, no reino da luz. Assim sendo, toda a existência, aqui ou ali, agora ou no dia eterno, na realidade é uma expressão da vida de Cristo em nós. E essa vida opera em nós como um poder transformador que, primeiramente, infunde em nós a sua natureza santa, na qual buscamos a santidade perfeita do próprio Pai. Além disso, esse poder santificador provoca a transformação metafísica, mediante a qual nos é conferida a sua própria natureza, para que sejamos filhos de Deus. (Ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29, com as notas expositivas ali existentes). Desse modo é que chegaremos a participar de *toda a plenitude de Deus*, tornando-nos a plenitude de Deus, o qual é tudo para todos (ver Efé. 1:23 e 3:19), e tornando-nos participantes da própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4). Esse é o grande alvo da conduta santa, sendo a razão mesma da ética cristã. Esses grandes fatos nunca deveriam ser por nós divorciados de qualquer discussão sobre o que é exigido da parte dos crentes, em seu andar diário. É impossível alguém salientar em demasia o «imperativo moral» do evangelho, porque, sem a santificação, a própria salvação é impossível, de acordo com o que se aprende no trecho de II Tes. 2:13.

«A controvérsia terminou. Não se ouve mais falar sobre os mestres heréticos. O apóstolo cortara caminho em meio ao espinheiro do erro, afirmando as verdades positivas com as quais derrubou o espinhal. No resto da epístola, encontramos, principalmente, exortações claras e práticas, bem como certo número de interessantes detalhes pessoais».

«O parágrafo que passamos agora a considerar é a transição da porção polêmica para a porção ética da epístola. Toca na primeira porção em suas primeiras palavras: 'Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo...', que correspondem, quanto à forma ao começo do parágrafo anterior, que diz 'Se morrestes com Cristo...', aludindo ao seu significado. E toda na última porção porque incorpora o preceito lato e geral: '...buscai as cousas lá do alto...', do que as orientações práticas que se seguem são apenas aplicações variadas, em diferentes esferas do dever». (Maclaren, *in loc.*).

«A ressurreição com Cristo precisa ser completada com a participação em sua vida celestial, o que, embora no momento esteja oculto, não permanecerá assim para sempre. A vida com Cristo, nos céus, requer a morte dos membros sobre a terra, o fim dos ritos pagãos, que envolvem impureza e cobiça, tudo o que serve para atrair a ira de Deus. Todos os pecados de malícia, de ira e de abuso, bem como toda a mentira, precisam ser abandonados, porquanto pertencem à velha natureza, sendo incompatíveis com a nova natureza, que vai sempre crescendo de conformidade com a imagem divina, ficando canceladas aquelas distinções que alienam os homens uns dos outros». (Peake, *in loc.*).

«Dizemos nós: 'No meio da vida, morremos'. E Deus responde: 'De modo nenhum, mas no meio da morte viveis'». (Martinho Lutero).

«Àqueles exercícios infrutíferos que eram recomendados pelos falsos apóstolos, como se a perfeição consistisse dos mesmos, ele 'Paulo' opõe os verdadeiros exercícios em que nos tornamos verdadeiros cristãos, por empregá-los; e isso não tem pouca conexão com o ponto em foco; pois quando vemos o que Deus quer que façamos, em seguida desprezamos, facilmente as invenções dos homens. Quando percebemos, por igual modo, que aquilo que Deus nos recomenda é muito mais elevado e excelente do que os homens inculcam, nossa alacridade mental aumenta, procurando seguirmos a Deus, ao mesmo tempo que desconsideramos aos homens. Paulo exorta aqui aos colossenses que meditassem sobre a vida celestial. E que dizer acerca dos seus oponentes? Esses desejavam apegar-se aos rudimentos infantis. Essa doutrina, por conseguinte, ainda dá menor valor às cerimônias». (Calvino, *in loc.*).

«Assim como a participação na morte de Cristo ensina a lição negativa da morte para a lei, assim também a participação em sua

ressurreição ensina a lição positiva da vida espiritual». (Barry, *in loc.*).

3 *Εἰ οὖν συνηγέρθητε τῷ Χριστῷ, τὰ ἄνω ζητεῖτε, οὗ ὁ Χριστὸς ἐστὶν ἐν δεξιᾷ τοῦ θεοῦ καθημένος.*

3 1 El...Χριστῷ Col 2:12 οὗ...καθήμενος Ps 110:1; Mt 22:44; Mk 16:19; Ao 2:34; Eph 1:20; He 1:3; 8:1; 10:12; 12:2

3. 1 o Xp. est.] *trsp est. o Xp. H 69 pe: om est. X pc*

3:1: Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado à destra de Deus.

«...portanto, se fostes...» Com essas palavras, Paulo alude ao que ensinara, isto é, que aqueles crentes estavam mortos juntamente com Cristo para qualquer lealdade aos espíritos elementares que os gnósticos adoravam, bem como de qualquer lealdade a religiões rudimentares, com práticas cerimoniais ou sujeição a ordenanças humanas (ver Col. 2:20). Deve-se notar por igual modo, nos versículos onze a treze, que a morte com Cristo também significa a morte para o princípio do pecado, subentendendo a ressurreição para uma nova vida, a participação na santidade, na pureza e na vitória moral. Paulo alude agora à tremenda modificação que se produz nos crentes, devido à sua identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição, do que consiste o «batismo espiritual», do qual o batismo em água é um símbolo vivo e apropriado.

«...ressuscitados juntamente com Cristo...» Esse é o lado positivo do «batismo espiritual». (Quanto a notas expositivas completas sobre esse tema, ver Rom. 6:3). O morrer e o ressuscitar juntamente com Cristo são temas muito salientados no sexto capítulo da epístola aos Romanos, e o significado central daquele capítulo é comentado nas notas expositivas sobre Rom. 6:3.

«Agora Paulo expõe a verdade contrária: por haver ressuscitado juntamente com Cristo, da morte para uma nova vida celestial, o crente deve focalizar todos os seus pensamentos e desejos nos céus, a esfera onde vive seu Senhor ressurrecto e exaltado. O teor todo de sua existência sobre a terra deve ser transformado à luz desse novo relacionamento. Ao invés de buscar (inutilmente) conquistar um lugar nos céus, mediante a disciplina terrena, deve buscar pôr em vigor, em todas as suas relações terrenas, a natureza celestial da qual compartilha com Cristo. Desse modo, pois, Paulo expõe em um novo contexto a doutrina que ocupa tão importante lugar nas epístolas aos Gálatas e aos Romanos, como também, de fato, em toda a sua maneira de pensar, ou seja, que a vida moral do crente não é o 'meio' pelo qual ele busca ganhar a salvação, mas é a 'consequência' necessária de sua nova relação com Deus, através de Cristo, e na qual relação ele entrou pela fé». (Beare, *in loc.*).

O Elevado Propósito Da Ressurreição

1. A ressurreição representa uma revolução moral. O homem, antes inteiramente carnal, agora, por estar identificado com Cristo, em sua morte e em sua vida, recebeu o poder do Espírito, para tornar-se moral e espiritualmente transformado.

2. Esse poder ético chega a nós vindo «de fora», porquanto é o poder divino que nos é conferido, devido à nossa união mística com Cristo.

3. Visto que a ressurreição fala dessa vida que nos foi dada, ela incorpora todos os conceitos cristãos da vida no Espírito, como a conversão, a santificação, o poder de viver segundo a lei do amor, a posse das virtudes espirituais, e finalmente, a glorificação.

4. Isso é reiterado no quarto versículo deste capítulo, o qual diz que «Cristo é a nossa vida».

5. A vida moral e espiritual, finalmente nos leva a participar da vida celestial de Cristo, na qual haveremos de passar de um estágio de glória a outro, compartilhando de sua natureza, de seus poderes, de seus atributos e de sua glória (ver II Cor. 3:18). A ressurreição inclui tanto a idéia da ascensão juntamente com Cristo como a idéia da glorificação juntamente com ele.

Vivos em Cristo

Mortos para o mundo,
Pré-requisito absoluto,
Mas vivos para o Senhor,
Em poder místico resolutivo.

Ele, Senhor da morte,
Conquistador em sua vida,
Morrendo e vivendo em mim,
Dá-me vitória no conflito.

Morrendo e vivendo em mim,
Pondo em fuga o reino das sombras,
Transformando-me segundo sua santa imagem,
Estabelecendo em mim o seu reino de luz.

(Russell Champlin,
ao meditar sobre Col. 3:1)

A Busca Celestial

«...buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive...»

1. Porquanto participamos de sua ressurreição, buscamos aquelas realidades compatíveis com a vida ressurrecta de Cristo. Ele está nos céus. Tudo quanto ele faz está envolvido nas realidades celestiais. Fixemos nossa mente onde ele se encontra, e busquemos aquilo que ele também busca.

2. Estão incluídas aqui as virtudes morais que o Espírito cultiva em nós (ver Gál. 5:22,23). Elas se tornam nossas quando procuramos expressar Cristo em nossas vidas. (Ver também a mensagem de Fil. 4:8).

3. Nossa vida deve incluir a lei do amor, isto é, das boas obras, do serviço prestado ao próximo, da bondade expressa agora em nossas vidas. O amor é a grande prova da espiritualidade, e se origina no próprio novo nascimento (ver João 4:7). Se buscarmos as «coisas lá do alto», então amaremos; pois

Deus é amor, e essa natureza é implantada em nós mediante a participação na nova vida de Cristo.

4. Aquilo que fazemos, fazemo-lo para promover os interesses da alma, da vida após-túmulo, e não os interesses do corpo, da vida presente. Vivemos segundo «a dimensão eterna». Conduzimos as nossas vidas de modo a realizar algo que se revista de valor eterno.

5. Portanto, buscamos aquela realização e aquele destino que contarão para a eternidade. Deus faz de cada um de nós um ser singular, com missões singulares a cumprir (ver Apo. 2:17). Deveríamos procurar saber do que consiste nossa missão, e então, uma vez conhecida a mesma, dedicar-nos totalmente a ela.

6. A mente torna-se inteiramente dedicada à «busca espiritual». E assim a vida diária procurará promover a espiritualidade. (Quanto a como isso é conseguido, ver as notas sobre os meios de desenvolvimento espiritual, no fim dos comentários sobre este versículo).

Referências e idéias. Peregrinos e forasteiros:

1. Há descrição dos peregrinos e forasteiros (ver João 17:16). 2. Os santos são convocados para serem tais (ver Gên. 12:1 com Atos 7:3; Luc. 14:26,27,33). 3. Todos os santos são tais (ver Sal. 39:12 e I Ped. 1:1). 4. Os santos confessam-se tais (ver I Crô. 29:15; Sal. 39:12; 119:19 e Heb. 11:13). 5. Na qualidade de santos, temos o exemplo disso em Cristo (ver Luc. 9:58). 6. Somos fortalecidos como tais por Deus (ver Deut. 33:25 e Sal. 84:6,7). 7. Esqueçamos tudo por amor a Cristo (ver Mat. 19:27). 8. Voltamos o rosto para Sião (ver Jer. 50:5). 9. Somos impulsionados pela fé (ver Heb. 11:9). 10. Esperamos a pátria celeste (ver Heb. 11:16).

«...Cristo...» Por quatro vezes, nos versículos primeiro a quarto deste capítulo, essa palavra é acompanhada pelo artigo definido, «o Cristo». Foi ele quem triunfou; ele é o alvo e o grande ajudador para chegarmos a esse alvo; ele é quem devemos agradar; ele é o Senhor; ele é o Sumo Sacerdote; ele é o Profeta; ele é o Rei dos céus e da terra.

«...assentado...» Essa postura é indicada porque sua missão terrena terminou, porque o seu poder está completo, porque ele triunfou, e agora repousa na contemplação de sua missão bem cumprida.

«...à direita de Deus...» Temos aqui uma metáfora baseada nas cortes reais. Aquele que ocupava esse lugar era quem mais era honrado pelo rei, o primeiro príncipe a receber autoridade por delegação. Trata-se de uma expressão simbólica, que não deve ser tomada literalmente, como se Deus Pai estivesse sentado em um trono e Cristo estivesse assentado a seu lado direito. A posição de Cristo é a de poder e autoridade, no favor de Deus Pai. Essa é uma maneira poética de dizer o que o apóstolo já escrevera claramente em Col. 1:15-19; isto é, que Cristo é superior a todos, em poder e autoridade, por ser o criador de tudo e o alvo mesmo da existência. (Ver, naquela passagem, as «doze superioridades de Cristo»). Todas essas superioridades podem ser sumariadas se dissermos que Cristo está à direita de Deus, assentado em seu trono glorioso). Cristo não somente se acha nas regiões superiores; mas ele mesmo é a mais elevada dessas regiões: portanto, ele deve ser o alvo de todos aqueles que esperam habitar nos mesmos lugares celestiais. (Ver Efê. 1:20; Mat. 26:64; Marc. 16:19; Luc. 22:69; Atos 2:25,34; 7:55; Rom. 8:34; Heb. 1:3,13; 10:12; 12:2; I Ped. 3:22 quanto a outros trechos neotestamentários onde é usada essa mesma expressão, «à direita de Deus», para descrever a exaltação suprema de Jesus Cristo).

«É perfeitamente natural e inevitável que se passarmos dezesseis horas diárias, de nossa vida desperta, a meditar sobre as questões deste mundo, e cerca de cinco minutos a pensar sobre Deus e as nossas almas, este mundo parecerá duzentas vezes mais real do que Deus ou as nossas almas». (William R. Inge, «Religion and Life»).

★★★

Tudo isso nos faz lembrar da história de Agostinho. Quando lhe foi indagado: «O que mais desejas saber?» A sua resposta simples foi: «Deus e a alma». «Somente isso!» veio a réplica admirada. *Somente isso*, veio a resposta firme. Todos os escritos de Agostinho, de alguma maneira ou de outra, refletiam sua grande vontade de conhecer realmente a Deus e à alma.

Meios De Desenvolvimento Espiritual

1. O estudo dos documentos sagrados e outras obras escritas que fomentem nosso conhecimento espiritual. Isso nos ajuda a dedicar nossas mentes a Cristo. (Ver Rom. 12:1,2).

2. A prática da oração. (Há notas completas sobre isso, em Efê. 6:18).

3. A prática da meditação. Precisamos desenvolver nossos poderes intuitivos através dos quais podemos receber a iluminação do Espírito.

4. A santificação. Nenhuma espiritualidade pode desenvolver-se sem a santificação. (Ver as notas sobre esse tema, em I Tes. 4:3).

5. O uso dos dons espirituais em nosso serviço cristão. (Ver Efê. 4:11 e ss. quanto à importância dos dons espirituais). Cada indivíduo é singular e recebe uma missão ímpar. Nosso desenvolvimento nos ajuda a cumprir esse propósito. (Ver Apo. 2:17 e suas notas, quanto a isso).

6. A vida segundo a lei do amor, isto é, as boas obras. (Ver Efê. 2:10 quanto a esse princípio). De cada vez que praticamos alguma coisa boa em prol de outrem, eleva-se a qualidade de nossa espiritualidade. O amor é a prova da espiritualidade, tendo tido origem no novo nascimento. (Ver I João 4:7 quanto a essas verdades).

Aquele que põe em ação todos esses meios, será um gigante espiritual.

★★★

2 τὰ ἄνω φρονεῖτε, μὴ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς.

3:2: **Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra;**

«...*Pensai...*» O grego é «*phroneo*», «pensar», «considerar», «fixar a mente sobre», e que certamente é usada enfaticamente aqui no seu sentido de «fixar a mente sobre». Paulo exorta aqui aos crentes que dediquem a Cristo todas as faculdades intelectuais e contemplativas da alma, do homem essencial. Ele esperava a intensidade da concentração no bem, no que é belo, no que é celestial. Ora, isso é impossível se a alma não consagrar-se ao Espírito, o qual pode arranjar e determinar a natureza do processo de raciocínio. Até mesmo isso exige cultivo, pois não se trata de algo automático. Aquele que invade sua mente com coisas mundanas, como se vê nos filmes, na televisão, na literatura detrimente e amoral, etc., ou mesmo aquele que se preocupa exclusivamente com coisas terrenas, embora estas não sejam prejudiciais por si mesmas, dificilmente será capaz de fixar sua mente sobre as realidades do alto, sobre as coisas hígidas e espiritualmente benéficas. Notemos como, em Rom. 12:1,2, a suprema dedicação requerida dos homens se verifica mediante a «renovação da vossa mente». De fato, a dedicação a Cristo é impossível para a mente carnal. Da mente espiritual é que se originam todas as questões da vida eterna; mas da mente carnal só pode provir água pútrida e estagnada.

*Minha mente para mim é um reino,
Tantas alegrias presentes ali encontro
Que ultrapassam toda outra felicidade
Que a terra dê ou madre dessa espécie:
Embora muito eu queira do que a maioria desejaria ter,
Contudo, minha mente me proíbe de cobiçar.*
(Sir Edward Dyer)

Notemos, no primeiro versículo deste capítulo, a palavra «buscai», e, aqui, o termo «pensai», ambas as quais são imperativos presentes. É como se Paulo tivesse dito: Que vosso hábito seja essa busca e essa fixação da mente em vosso bem-estar espiritual. Convém que sejamos transferidos para as regiões celestiais para estarmos com Cristo; mas isso será impossível se não cedermos ao poder do Espírito mediante o qual somos transformados segundo a sua imagem. Que ninguém se engane acerca disso: sem a santificação, é impossível a alguém ver a Deus (ver Heb. 12:14). O indivíduo colhe aquilo que tiver semeado, a saber, a vida eterna ou seu contrário, que é a corrupção (ver Gál. 6:7,8); e recebemos o que tivermos semeado, de bom ou de mau (ver II Cor. 5:10). Nos escritos de Paulo não há a *crença fácil*, já que ele requer que a santificação se siga à conversão, porque é mister ligar a corrente de ouro, elo com elo, até que sejamos levados à glorificação. A conversão, a santificação e a glorificação são estágios da salvação. (Ver as notas expositivas em Heb. 2:3, acerca da «salvação»). Poderíamos comparar a salvação a uma corrente de ouro, com vários elos. Essa corrente se estende desde o mais profundo abismo de degradação até ao mais elevado lugar de glória, nos altos céus. Sua extremidade inferior nos encontra onde estivermos, não havendo lugar tão baixo onde ela não nos possa achar. Podemos *agarrar-nos a ela, sem importar onde nos achemos*. Ao nos agarrarmos a ela, somos elevados para fora do abismo, e se continuarmos a

3 ἀπεθάνετε γάρ, καὶ ἡ ζωὴ ὑμῶν κέκρυπται σὺν τῷ Χριστῷ ἐν τῷ θεῷ.

3:3: **porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.**

«...*morrestes...*» Temos aqui o lado negativo do batismo espiritual (o que é comentado em Rom. 6:3). A morte para a carne, para a natureza inferior, para o pecado, para a religião ritualista, para a sujeição aos poderes angelicais, para a lei—são as idéias associadas a esse termo, nesta e nas demais epístolas de Paulo. O aoristo é usado aqui a fim de salientar o tempo definido, o ato definido mediante o qual fomos identificados com Cristo, em sua morte, a saber, por ocasião da conversão. As palavras «...está oculta...» se acham no tempo aoristo, pelo que alguns estudiosos supõem que o aoristo foi usado em lugar do perfeito, conforme, algumas vezes, sucede ao grego «*koiné*». Outrossim, ocasionalmente o perfeito é usado como se fosse um aoristo. As distinções exatas entre os tempos verbais, conforme se vê no grego ático literário, com frequência se perdem no grego posterior. É claro que é verdade que os efeitos de nossa identificação com a morte de Cristo continua a exercer sobre nós seus efeitos, sendo essa uma idéia transmitida pelo tempo perfeito; e isso faz parte necessária da doutrina do batismo espiritual. Mas aqui, a «identificação de uma vez por todas», subentendida no aoristo, parece estar particularmente em foco. A partir deste ponto, no presente capítulo, temos um testemunho do fato que essa identificação deve produzir uma diferença «contínua» em nossa vida.

«...a vossa vida está oculta...» Vários significados têm sido emprestados a esta expressão, já que o próprio apóstolo não nos informa de seu sentido exato:

1. A nova vida é um mistério, oculto em Deus. Não podemos compreender plenamente como a nova vida é formada no crente; mas o Espírito vem habitar em nós, transformando-nos segundo Cristo, produzindo sua vida em nós. O ter a «vida oculta em Cristo» subentende que habitamos nele, que temos comunhão com ele, que compartilhamos da vida que ele tem. Podemos experimentar tal bênção, mas não temos compreensão intelectual profunda ou descritiva a respeito. Essa vida é misticamente mediada, por parte do Espírito em nós residente.

2. Além disso, é frisada a questão da «segurança». Nossa vida espiritual, derivada de Cristo, é questão aqui salientada. E essa vida é segura, livre das tensões e da corrosão da vida secular. Nossa segurança depende de Cristo, pois nossa vida espiritual está oculta com Cristo, em Deus.

3. Essa vida é desfrutada «juntamente com Cristo», o que requer a idéia de nossa «identificação» com ele. A nova vida, misteriosa e segura como é, é a sua vida, por nós compartilhada. Trata-se da vida divina, uma «modalidade» de vida, e não apenas a vida sem-fim. É a vida necessária e independente, o mesmo tipo de vida que tem o próprio Deus Pai (ver João

2 Mt 6:33

subir por ela, seremos eventualmente conduzidos à glória, compartilhando da própria glorificação de Cristo. Ora, a santificação é um dos elos dessa corrente, essencial à salvação, conforme se vê em II Tes. 2:13.

Notemos, quanto a isso, a passagem de Fil. 3:19. Aqueles que só «pensam» nas coisas terrenas, são aqueles que terminam na perdição, pois seu ventre é o seu deus, e se vangloriam em sua vergonha.

Referências e idéias. As afeições:

1. As afeições devem ser supremamente fixadas em Deus (ver Deut. 6:5 e Marc. 13:20). 2. As afeições devem ser fixadas sobre os mandamentos de Deus (ver Sal. 19:8-10; Sal. 119:20,97,103,167). 3. Sobre a casa de Deus e a adoração a ele (ver I Crô. 29:3; Sal. 26:8; 27:4; 84:1,2). 4. Sobre o povo de Deus (ver Sal. 16:3; Rom. 12:10; II Cor. 7:13-15 e I Tes. 2:8). 5. Sobre as realidades celestiais (ver Col. 3:1,2). 6. As afeições devem ser zelosamente concentradas em favor de Deus (ver Sal. 69:9; 119:139 e Gál. 4:18). 7. Cristo reivindica o primeiro lugar em nossas afeições (ver Mat. 10:37 e Luc. 14:26).

«Está em pauta a tendência prática do pensamento e das disposições» (Meyer, *in loc.*).

Algumas traduções dizem aqui «afeições»; e apesar de não tratar-se de uma tradução correta, é idéia que pode ser inferida, pois a mente determina aquilo que amamos. Paulo nos exorta aos mais elevados pensamentos e intuítos, pois Cristo está não somente nos céus, mas também está à direita de Deus; e ele é o alvo de todo o nosso pensamento, como também é o seu regulador.

«Antecipamos assim aos céus, não somente na nossa esperança, mas também em nossos afetos e em nosso temperamento, vindo as coisas como Deus as vê, e encarando tudo em relação a ele... pois onde estiver o vosso tesouro, aí também estará o vosso coração!» (Barry, *in loc.*).

Alguns pensam que Paulo continuava repreendendo à ética rudimentar dos mestres gnósticos, que promoviam uma adoração meramente cerimonial, sacramental e ritualista, de mistura com o ascetismo. Certamente Paulo queria incluir aquele sistema que encoraja o tipo de temperamento e de mentalidade terrenas que deve ser evitado, ainda que, provavelmente, essa não seja a sua referência primária. O que é apenas terreno, deverá perecer (ver Col. 2:22). O povo celestial deve ser dono de uma mentalidade superior a isso, porquanto a mentalidade carnal se concentra no que é perecível.

«Ninguém anela pela vida eterna, incorruptível e imortal, a menos que esteja cansado de sua vida temporal, corruptível e mortal» (Agostinho).

«Estai tão empenhados pelas coisas eternas e celestiais, como antes estáveis por aquilo que é terreno e perecível» (Adam Clarke, *in loc.*).

Referindo-se ao Cristo, escreveu certo autor: «Ele cria profundamente no fato da 'conversão', quando voltamos o rosto para uma nova vereda. Mas o primeiro passo, uma vez dado, segundo ele insistia, é mister insistir sobre a peregrinação extremamente árdua, bem como sobre seus momentos de visão elevada e sua recompensa final. Sua religião era terna e humana, mas também era bem armada. Não tinha amor para os comodistas de Sião» (John Buchan).

Χριστῷ ἐν τῷ θεῷ.

3 ἀπεθάνετε γάρ Ro 6:2; 2 Cor 5:14

5:25,26 e 6:57, bem como as notas expositivas ali existentes).

4. Além disso, a vida *oculta em Cristo* salienta o fato que a verdadeira vida é aquela do alto, onde Cristo está, de natureza espiritual e pertencente ao outro mundo; essa vida «pertence à esfera eterna e invisível». «Vossa nova vida espiritual não se acha mais na esfera do que é terreno e sensual, mas se acha na vida do Cristo ressurreto, que é invisível e está com Deus Pai. (Comparar com Fil. 3:20).» (Vincent, *in loc.*).

«...*juntamente com Cristo...*», isto é, em associação, em comunhão mística e em união vital com ele, como Cabeça e Senhor: uma vida garantida por ele como o Salvador, e glorificada nele como Redentor.

*Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;
Sabemos que nada somos—mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu nome—Aleluia!*
(Alfred Lord Tennyson,
«The Human Cry»)

«...*Em Deus...*» Consideremos os pontos seguintes, sobre isso: 1. Trata-se da vida em Deus, em contraposição à vida que há no mundo. 2. A segurança fica aqui subentendida. 3. Deus é a origem da vida, e também é o criador da nova vida. 4. A participação na própria vida de Deus, conforme se vê em João 5:25,26 e 6:57, é aqui aludida. «Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos...» (Atos 17:28).

5. A vida está agora «oculta» em contraste com sua manifestação franca, quando da «parousia» (ver o quarto versículo, acerca da «segunda vinda de Cristo»).

6. A vida se acha em Cristo, o qual está no Pai; e nós estamos nele, o que é uma terminologia mística que expressa a idéia da comunhão dentro da família divina. Nossa vida espiritual consiste da união e da comunhão com a família divina, em contraste com a vida meramente terrena e física. (Ver as notas expositivas sobre a «vida eterna», em João 3:15).

«...*está oculta...*» Está escondida no Filho e no Pai está segura. «Nenhum assaltante infernal pode romper através dessa combinação» (Robertson, *in loc.*). Notemos aqui o tempo perfeito. Na conversão isso se tornou uma verdade, mas a vida cristã diária confirma a realidade e é a própria realidade, de tal modo que os efeitos da conversão continuam até à glorificação.

A alma remida encontra sua realidade, segurança e firmeza em Deus, a sua âncora, tal como a aranha, ao lançar seus filamentos, finalmente encontra um apoio firme e tira vantagem disso, sobre o que lança a sua teia.

4 ὅταν ὁ Χριστὸς φανερωθῇ, ἡ ζωὴ ὑμῶν¹, τότε καὶ ὑμεῖς σὺν αὐτῷ φανερωθήσεσθε ἐν δόξῃ.

¹ 4 [C] ὑμῶν ^p46 ^h8 C D* G P Ψ 33 81 88 104 1739 1881 1984 2127 ¹⁸⁰⁸
j¹ar, e, d, dem, div, e, f, g, mon, t, x, z vg cop^{bo} goth arm eth Origen^{er12} Cyprian Eusebius
Ambrosiaster Hilary Gregory-Nyssa Didymus Chrysostom Cyril Euthalius

Theodoret John-Damascus // ἡμῶν B D* H K 181 326 330 436 451 614 629 630
1241 1877 1962 1985 2492 2495 ^{Byz} Lect syr^p cop^m Origen^{er12, lat} Hilary
Ambrose

4 ὁ Χριστὸς... ὑμῶν Ga 2:20; Php 1:21 ὑμεῖς...δόξῃ 1 Cor 15:43; Php 3:21; 1 Jn 3:2

Embora seja possível que ἡμῶν, que é apoiada por B D (c) H K 326 614 1241 sir (p,h) al, foi alterada por copistas para ὑμῶν a fim de concordar com os pronomes da segunda pessoa, antes e depois, a comissão ficou impressionada pela evidência consideravelmente mais forte nos manuscritos que apóiam ὑμῶν, incluindo P (46) e bons representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (N C D* F G P Ψ 33 81 88 104 1739 it vg cop (bo) gót ara eti al).

3:4: Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.

Essa vida está agora «oculta» em Cristo. Mas, eventualmente, se manifestará francamente, em glória. Neste ponto encontramos o tema do «retorno de Cristo», a «parousia», que ocupa um dentre cada vinte e três versículos do N.T. (Há notas expositivas completas sobre a questão, em I Tes. 4:15. Ver sobre a «segunda vinda de Cristo», em Ap. 19:11).

A igreja primitiva cria na vinda breve de Cristo. Por isso é que I Ped. 4:7 estipula: «...o fim de todas as coisas está próximo...» Em outras palavras, o fim das coisas conforme as conhecemos, e não o fim literal do mundo, é que está em foco. Essa grande alteração produzirá a segunda vinda de Cristo, que dará início a um novo e melhor ciclo histórico. Os cristãos primitivos criam que Cristo retornaria durante o próprio tempo da vida carnal deles. (Ver os comentários sobre essa questão, em I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15).

A idéia da segunda vinda de Cristo tem por escopo ser crida em todas as épocas da história da igreja, porque, potencialmente, pode ocorrer a qualquer momento. É um tema apresentado nas páginas do N.T., por vários autores sagrados, como motivo para a vida santa. Portanto, em I Ped. 4:7, a sobriedade nos é exortada, juntamente com a diligência na oração. Em I Tes. 4:11 e 5:8, Paulo exorta aos crentes a viverem uma vida calma e ordeira, em sobriedade e autocontrole, por causa da expectativa desse acontecimento. Em I João 3:3, a vinda de Cristo para breve é apresentada como motivo para a vida diária santa. No coração do crente, Cristo insta para que busquemos as mesmas qualidades morais, com ou sem a expectativa de uma «parousia» iminente; mas o pensamento que sua vida está próxima, às portas, se realmente crermos nessa verdade, exerce poderosa e benéfica influência sobre a vida.

A noite está distante, o dia está próximo (ver Rom. 13:12)-essa era atitude dos cristãos primitivos. Viviam como se a volta de Cristo estivesse bem perto, ainda que, em sua ignorância do futuro, não antecipssem uma longa «era da igreja». Em sentido bem real, sem importar se Cristo retornará ou não imediatamente, o «fim» está sempre próximo, até onde diz respeito à vida mortal, porque todos nós somos seres mortais e não podemos presumir do dia de amanhã. Portanto, devemos viver diariamente como se nos restasse pouco tempo. «Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio» (Sal. 90:12).

«Que diferença faz na vida esse fim iminente? Já que o fim está sempre às portas, isso faz um mundo de diferença: na mente, no espírito, na atitude para com outros, no serviço vocacional, na pregação e no ensino. Em suma, esse senso de viver 'entre os tempos', naquilo que é, ao mesmo tempo, a beirada do antigo e a beirada do novo, dá à vida um tom e um temperamento sem-par, fazendo com que a principal finalidade do homem seja a glória de Deus (ou seja, a sua manifestação). Pois para Deus será a glória final e o domínio para todo o sempre». (Homrighausen, *in loc.*)

Cristo É A Nossa Vida

1. «Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro» (Fil. 1:21). Estou crucificado para o mundo. A vida que agora levo, não é minha própria vida, mas Cristo vive em mim (sentido de Gál. 2:20). Nisso, muito mais que meros «motivos» está envolvido. Antes, desfrutamos da «união espiritual» com Cristo, em sua vida e em sua morte (*batismo espiritual*, anotado em Rom. 6:3). Isso significa que o Espírito habita em nós, tornando tudo isso uma realidade para nós. Ele nos transforma de maneira tal que nossas vidas se caracterizam pela «semelhança com Cristo».

2. Quando Cristo é a nossa vida, então vivemos espiritualmente, utilizando-nos dos meios de desenvolvimento espiritual (ver as notas a respeito no primeiro versículo).

3. Cristo é tudo para nós, segundo é indicado em Efé. 1:23. Ele é a motivação de nosso viver diário, bem como de nosso destino. Se vivermos para ele, compartilharemos de sua natureza (ver Rom. 8:29), de sua plenitude (ver Col. 2:10).

4. A ênfase deste versículo recai sobre a vida que agora levamos diariamente. Antes, nossas vidas nos pertenciam. Vivíamos para o que é carnal e mundano. Mas agora nossas vidas pertencem a Cristo (somos Cristo «em formação»). Portanto, vivemos para as «realidades espirituais» (mensagem do primeiro versículo deste capítulo). Viver para Cristo agora, significa reunir-se a ele, e em sua vida celestial, mais tarde.

5. Algumas vezes, a contemplação da «praia distante», ajuda-nos agora a obter orientação. Assim, pois, sabendo que nosso destino está centralizado em Cristo, e que passaremos de um estágio de glória para outro, interminavelmente, somos ajudados a orientarmos a vida nessa direção. (Ver as notas em II Cor. 3:18).

6. Quando Cristo aparecer (regressando em sua «parousia»), levará à plena fruição aquilo que começara. Cremos que essa ocasião está bem

próxima, que o anticristo já vive à face da terra, e que em breve terá início a tribulação, coisas essas que sucederão antes do retorno de Cristo. (Quanto a um artigo sobre essa crença, ver, na introdução ao comentário, aquele artigo intitulado: «A Tradição Profética e a Nossa Época»).

7. Somos cidadãos da pátria celeste, tal como o é nosso Irmão mais velho. Ele já foi para aquela pátria. Agora, espera pela nossa chegada. Entretanto, procuramos viver a sua vida, pois ele é a nossa vida, tanto agora como por toda a eternidade. (Ver Fil. 3:20 e suas notas, acerca de nossa «cidadania celestial»).

8. Há muitos níveis de existência, a começar pelos animais unicelulares. Há também as vidas mais complexas dos insetos, das aves, dos peixes, dos mamíferos; há a vida humana, a qual incorpora o físico e o espiritual. Há seres que são espíritos puros (como os anjos). Há também a vida de Cristo, que é o Deus-homem, porquanto a sua mortalidade como homem foi transmutada em imortalidade humana. E a mais elevada forma de vida é a de Deus, que é a origem de toda a vida. Os remidos chegarão a possuir essa mais elevada forma de vida, conforme ela se realiza na pessoa do Filho. Neste último sentido é que Cristo é a nossa vida, pois ele possui o tipo de vida que, finalmente, haveremos de possuir. (Ver as notas em João 5:25,26 quanto a esse tema).

«...então vós também sereis manifestados com ele, em glória...» Nessas palavras temos a menção da manifestação dos filhos de Deus, quando vierem a participar da mesma natureza que tem Jesus Cristo, quando entrarem na sua glória, participantes da mesma glória e herança de que ele desfruta. (Ver as notas expositivas em Rom. 8:17,22,23,29, onde esses temas são melhor desenvolvidos). Na presente passagem, Paulo emprega esses conceitos devido ao seu valor ético e à sua inspiração moral. Agora mesmo, temos as ricas bênçãos espirituais em Cristo; nossas vidas estão ocultas nele, seguras; no futuro, porém, ver-se-á que as bênçãos presentes florescerão na forma de plena manifestação da glória, a qual agora é parcial e velada.

Referências e idéias. A vida eterna:

1. Cristo é a vida eterna (ver I João 1:2 e 5:20). 2. A vida eterna foi revelada por Cristo (ver João 6:68 e II Tim. 1:10). 3. Conhecer Deus e Cristo é a vida eterna (ver João 17:3). 4. A vida eterna é dada por Deus (ver Sal. 133:3 e Rom. 6:23). 5. É dada por Cristo (ver João 6:27 e 10:28). 6. É oferecida a todos por Cristo (ver João 17:2). 9. É dada àqueles que confiam em Deus (ver João 5:24). 10. É dada aos que confiam em Cristo (ver João 3:15,16 e 6:40,47).

Variante Textual: As palavras «nossa vida» figuram nos mss bd(bc)KL, na maioria dos manuscritos posteriores, e também no Si, no Bo e nos escritos de Orígenes. Mas «vossa vida» é a forma dos mss P(46), Aleph, CD(1)GP, na Vulgata, no Gó, no Ara e no Eti. A evidência está bem regularmente dividida entre essas duas formas. Tais substituições são comuns, e com frequência não há como determinar qual forma representa o original. No grego posterior muitos sons antes diversos, se tornaram idênticos, e, nos manuscritos ditados, dois sons podiam ser facilmente confundidos na escrita.

*Ai daquele que nunca vê
As estrelas brilharem por entre os ciprestes!
Os quais, sem esperança, sepultam seus mortos
E não contemplam o novo dia que raia
Do outro lado dos mármore coloridos da manhã;
Esses não aprenderam, em horas de fé,
A verdade desconhecida da carne e dos sentidos,
Que a vida sempre é Senhora da morte,
E que a morte nunca perde os seus!
(John Greenleaf Whittier, 1807 - 1892)*

Este versículo tem o condão de encorajar aos crentes para que continuem firmados em Cristo, porquanto já vêem o dia grande e perfeito a raiar. Talvez ainda tenham de atravessar trechos escuros; mas Cristo está conosco, e essa é a garantia de que raiará o grande Dia. Isso pode ser comparado ao trecho de I Cor. 15:58, que diz: «Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão». Notemos, por igual modo, que o presente versículo se acha dentro do contexto da «parousia», do que este versículo também fala. Assim sendo, nosso texto oferece uma esperança firme para a alma, a qual, de outra maneira, buscaria, em vão, encontrar um lugar firme onde ancorar suas expectativas, sendo, finalmente, levada ao desespero.

O Peregrino, a obra imorredoura de João Bunyan, descreve um homem ocupado a revolver-se na lama, ocupado com seu acincho de virar estreme, ao mesmo tempo que, a todo tempo, uma visão gloriosa se podia ver exatamente por cima de sua cabeça. Mas ele não se interessou pela mesma, e nunca olhou para cima. Deixar de corresponder ao elevadíssimo apelo deste versículo é imitar a ação daquele homem.

III. A Ética e a Busca Espiritual baseadas na Grandeza de Cristo (3:1- 4:6).

2. Fruto da união com Cristo: o andar santo (3:5-17).

Espera-se que no crente haja a transformação de seu caráter e de seu comportamento, com base no fato que já participa da vida

de Cristo, e em face da plena concretização da mesma, no futuro. Já antes (ver Col. 2:18 e ss.) Paulo repudiara o sistema ético dos mestres gnósticos, os quais ensinavam, entre outras coisas, um ascetismo extremado. Neste ponto Paulo, de certo modo, toma uma posição ainda mais extrema que a dos gnósticos. Ele não apenas advoga a sujeição dos impulsos da natureza carnal por meio de práticas cerimoniais e ascéticas, mas defende seu total desarraigamento, sua total destruição, o que é operação muito mais radical, e certamente mais eficaz do que tudo quanto os gnósticos antecipavam. Uma vez que a velha natureza seja assim tratada, a nova vida de Cristo, em toda a sua beleza e saúde, vem a irromper, pois um solo apropriado terá sido preparado para ela. Paulo desejava que aprendêssemos a lição que uma planta corrupta só produz fruto corrompido e mau. Deve haver uma nova fonte de vida; e isso se acha não somente no fato que seguimos ao exemplo de Cristo, mas também porque temos comunhão com o Espírito Santo, o qual nos transmite a própria natureza moral de Cristo, mediante a santificação (ver I Tes. 4:3).

«Paulo adota aqui uma forma literária que não se acha em qualquer outra porção de suas epístolas. Ao invés de apresentar um catálogo geral de vícios pagãos, conforme se vê em Rom. 1:26-31 e Gál. 5:19,21, ele usa aqui o esquema artificial das pântadas — duas de vícios e uma de virtudes. Dificilmente isso teria sido de sua invenção; não tem conexão necessária com qualquer coisa em seu próprio pensamento. É possível que seus adversários, em Colossos, tivessem traçado esquemas similares, com base na correspondência com os cinco sentidos, que constituiriam os apetites do homem natural. Entretanto, visto que se acha a mesma forma usada na primeira epístola de Pedro (notemos a pântada de vícios em I Ped. 2:1, e a pântada de virtudes em I Ped. 3:8), provavelmente temos aqui uma convenção dos moralistas helenistas». (Beare, *in loc.*). (Quanto a essas pântadas (grupos de cinco) ver o quinto versículo (a primeira) e o oitavo versículo (a segunda). Notemos também o décimo segundo versículo, onde há uma pântada de virtudes, perfazendo um total de três pântadas).

ὁ Νεκρώσατε οὖν τὰ μέλη τὰ ἐπὶ τῆς γῆς, πορνείαν, ἀκαθαρταίαν, πάθος, ἐπιθυμίαν κακὴν, καὶ τὴν
πλεονεξίαν ἣτις ἐστὶν εἰδωλολατρία,

5 Ro 6.6, 11; 8.13; Eph 4.19; 5.3, 5

5 μέλη] add υμῶν ADG pl latt sy^p co¹ Tr^ε | κακὴν] om p⁴⁶G

3:5: Exterminai, pois, as vossas inclinações carnis: a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e a avariza, que é idolatria;

Listas de vícios: A presente passagem reflete a prática dos filósofos morais dos tempos helenistas, de fazerem listas de vícios a evitar, que deveriam ser memorizadas pelos seus discípulos, mais ou menos como hoje, nas Escolas Dominicais, as crianças decoram os dez mandamentos. Essa prática, que não era bem desenvolvida na literatura rabínica como um todo, pode ser encontrada nos escritos de Filo, o filósofo-teólogo neoplatônico judeu (nascido em 25 A.C.). Nas obras judaicas, como Sabedoria de Salomão e IV Macabeus, também podem ser encontradas listas de vícios. Além da presente passagem, nas páginas do N.T., ver também Rom. 1:26-32; Efê. 5:3 e ss.; Tia. 3:15; Gál. 5:19 e ss.; I Cor. 5:10 e ss. e 6:9,10, que são exemplares dessa prática. (Ver também o Didache 2:1 e 5:2). As listas de virtudes também ocorrem no N.T., segundo se vê em Gál. 5:22,23 e Tia. 3:17.

«Tendo elevado os pensamentos terrenos deles para os céus, Paulo prontamente volta os pensamentos deles para a terra. 'Dai-me um ponto de apoio', dizia Arquimedes, 'e eu moverei o universo do seu lugar'. Fisicamente falando, não temos tal lugar de apoio. Mas, espiritualmente falando, é exatamente isso que temos em Cristo. Jesus manifestou aquele Ser espiritual cuja vontade amorosa sustenta o universo. O Cristo eterno é o manancial e o centro espiritual do mundo e de toda a existência. Da realidade última da vida divina, desvendada em Cristo, rebrilham as energias divinas, que transformam ao mundo. Mas primeiramente Deus deve mudar o mundo dos homens. Para tanto, terá de mudar a vida de 'um' mundo. O que Deus puder fazer por um deles, poderá fazer por todos. Por meio de Cristo, todo indivíduo pode entrar na vida e no amor de Deus. Habitando na vida que está em Cristo, o crente experimenta o poder espiritual que pode transmutar-se em nobreza moral no seu universo particular, em todas as relações, internas e externas, espirituais e materiais, pessoais e sociais, referentes a Deus e referentes aos homens. É isso que Paulo tenciona mostrar com seu simbolismo místico da união vital com o Cristo que se dá de si mesmo, mediante a completa renúncia de tudo quanto for contra Cristo: '...uma vez que vos despistes do velho homem com seus feitos...' (Col. 3:9)—mediante o novo nascimento ou ressurreição da completa identidade do próprio 'eu' com tudo que se assemelha a Cristo, tendo-nos '... revesti-do do novo homem...' (Ver o décimo versículo)... Que contraste faz isso com o moralismo estéril e com a espiritualização oca do culto colossense, o qual, afinal de contas, estava falhando inteiramente ante o desafio ou mudança, o espírito da época». (Macleod, *in loc.*).

«...Fazei, pois, morrer...» No grego é «nekroo», «amortecer», «matar», palavra usada somente aqui e em Rom. 4:19 e Heb. 11:12, em todo o N.T. O aoristo dá a entender um único intuito decisivo de seguir a santificação.

«...a vossa natureza terrena...» Essa é uma tradução quase literal. Está em foco o corpo humano, pois seus membros são mui facilmente usados como instrumentos do pecado, por serem empregados pela natureza inferior e má.

Através disso, Paulo falava sobre a natureza inferior, que precisa ser amortecida. O trecho de Rom. 6:6,13 combina as duas idéias. O próprio corpo jamais é tido, no N.T., como pecaminoso por si mesmo, embora apareça como presa fácil da natureza pecaminosa, tornando-se veículo do pecado. Portanto, é-nos ordenado que apresentemos nossos corpos como «sacrifício vivos», para Deus (ver Rom. 12:1,2). (Ver Rom. 6:6,11-13, quanto a versículos que tratam do mesmo tema do corpo como aliado e instrumento da natureza pecaminosa, o «velho homem» (ver Col. 3:6). Até onde os membros do corpo físico são usados como instrumentos do pecado, devem ser mortificados.

Referências e idéias. Os prazeres e as diversões mundanos:

1. Esses prazeres e diversões pertencem às obras da carne (ver Gál. 5:19, 21). 2. São todos transitórios (ver Jó. 21:12,13 e Heb. 11:25). 3. Não passam todos de vaidade (ver Eccl. 2:11). 4. Abafam a Palavra de Deus no coração (ver Luc. 8:14). 5. Formam parte integrante da adoração idólatra (ver Exo. 32:4,6,19 com I Cor. 10:7 e Jul. 16:23-25). 6. Conduzem o homem a rejeitar a Deus (ver Jó. 21:14, 15). 7. Conduzem à pobreza (ver Pro. 21:17). 8. Desconsideram os juízos e as obras de Deus (ver Isa. 5:12 e Amós 6:1-6). Terminam na tristeza (ver Pro. 14:13). 9. Geralmente conduzem a mau maior (ver Jó 1:5; Mat.

14:6-8). 10. Os ímpios buscam felicidade nessas diversões e prazeres (ver Eccl. 2:1,8).

O crente já está morto, devido à sua comunhão mística com Cristo em sua morte; seu Espírito Santo, que nos dá poder, é quem torna isso real (ver Rom. 6:3, acerca do «batismo espiritual»). Devemos aplicar tal verdade diariamente, e de toda a maneira possível, submetendo-nos ao seu Espírito.

*Entre feridas e no sangue,
Em uma rude cruz,
Ele sofreu a perda
Para parar o dilúvio do pecado.
Pode agora ser dada a vitória,
Sem ser testada a coragem,
Sem ser negado o 'eu',
Para a alma estranha à agonia?*
(Russell Champlin,
ao meditar sobre Col. 3:5)

As listas de vícios no N.T. (Ver as notas expositivas a respeito, no começo dos comentários sobre este versículo) provêm instruções morais vívidas concretas. Isso pode ser comparado à lista de Efê. 5:3-5, onde quase todos os itens aqui aludidos são alistados, com notas complementares.

Há uma antiga lenda escocesa que conta acerca de um fazendeiro que se viu a braços com um horrível monstro destruidor. O monstro derrubou seus celeiros, matou e espalhou seu gado, arruinou suas plantações e, finalmente, matou seu próprio filho primogênito. Entristecido e irado, o que venceu momentaneamente o seu terror, resolveu caçar o monstro e matá-lo. Assim, em uma noite fria, se pôs de tocaia em uma ravina. A memória do que o monstro fizera, conservava-lhe a coragem. Repentinamente, ele ouviu suas passadas pesadas, que se aproximavam. Enfurecido, lançou-se para a frente, soltando um grito de guerra. Seu impulso lhe deu uma vantagem temporária; e o monstro foi derrubado. Mas o monstro era mais forte que o homem havia antecipado, e não demorou a revidar com golpes e maldições. O fazendeiro começou a ser dominado, mas, em desespero de causa, reiniciou a luta heroicamente, de tal modo que enfraqueceu o monstro. Finalmente, o monstro foi subjugado. O fazendeiro puxou da espada e preparou-se para desfechar o golpe mortal. Nesse momento, um raio de luar incidiu sobre o rosto do monstro. Horrorizado, o fazendeiro retrocedeu—o rosto do monstro era o seu próprio rosto!

Na verdade se diz que o homem é o seu próprio maior inimigo.

«...prostituição...» No grego é «porneia». A melhor tradução aqui seria «imoralidade», porque tal pecado não é apenas o tráfico comercial do sexo, conforme a palavra «prostituição» significa para nós. A tradução «fornicação», que algumas versões usam, também não é boa, pois essa palavra tem o sentido, hoje em dia, de pecados sexuais praticados antes do casamento. A palavra é usada mui geralmente a fim de indicar todas as formas de pecado sexual, a despeito do fato que se deriva do vocábulo grego «porne», «prostituta». Trata-se do agir como uma prostituta, com sua mentalidade e seu estilo de vida. Esse vício também figura em Efê. 5:3, onde é amplamente comentado. (Ver também I Cor. 5:1, onde há notas expositivas adicionais).

«...impureza...» No grego é «akatharsia», isto é, qualquer forma de «impureza moral»; mas também está em foco qualquer impureza espiritual ou física. No presente contexto, porém, mui provavelmente estão em foco as impurezas sexuais, que corrompem o indivíduo, espiritual e fisicamente. Esse mesmo vício também aparece em segundo lugar na lista de Efê. 5:3, onde figura a palavra «toda», isto é, toda a forma de impureza». (Quanto a uma mais completa exposição desse termo, ver as notas expositivas nesse referido versículo). Os pagãos se caracterizavam por muitos vícios sexuais, que eram chocantes para a mentalidade judaica, pelo que também em todas as listas de vícios, os pecados sexuais são os mais atacados, e isso sob boa variedade de termos.

«...paixão lasciva...» No grego é «pathos». Não se encontra na lista de vícios da epístola aos Efésios. Tal vocábulo pode indicar anelos bons ou maus, dependendo do modo como é empregado. Pode indicar uma emoção passiva ou ativa; mas, usualmente, é usado para indicar paixões violentas e prejudiciais, que irrompem na forma de cólera, de ira descontrolada.

Também é usada essa palavra em Rom. 1:26, onde tem sentido sexual, isto é, «paixões infames», como o homossexualismo ou a concupiscência desordenada. É bem provável que o apóstolo dê aqui prosseguimento aos sentidos «sexuais» deste versículo, o que aponta para paixões ilegítimas e descontroladas. Em Herm. 4,1,6, essa palavra é usada para indicar uma mulher adúltera.

«...desejo maligno...» No grego é «peithumia», acompanhada essa palavra do adjetivo «kaken», «maligno», palavra que também não faz parte da lista de vícios da epístola aos Efésios. Indica todos os «aneles» malignos e «desejos desviados». Tal palavra era usada positiva ou negativamente; aqui temos o último caso, com o acréscimo da palavra «maligno». Trata-se do desejo pelo que é proibido e perverso, os desejos insensatos (ver I Tim. 6:9); as paixões da mocidade (ver II Tim. 2:22); os desejos dominadores, que levam a práticas pecaminosas (ver I Ped. 1:14); as paixões contaminadoras (ver II Ped. 2:10); os desejos enganadores (ver Efê. 4:22); os desejos da carne (ver Efê. 2:3; I João 2:16 e II Ped. 2:11). Esses são outros exemplos do uso dessa palavra no N.T.

Variante Textual: O ms P(46) omite a palavra «maligno», o que é apoiado pelo ms G. É bem possível que isso represente o texto original, no qual caso a palavra «maligno» seria uma glosa para assegurar que os leitores entendessem que esse desejo é negativo, pois, como já dissemos, sem sentido podia ser bom ou mau.

«...avareza...» Trata-se do desejo de possuir coisas pertencentes a outros, a cobiça pela fama, pelo lucro ou pelas vantagens terrenas. Esse vício se encontra na lista de Efê. 5:3,5, onde a questão é amplamente comentada. Ali é ensinado que, entre os outros vícios, nem deveríamos nomear tal coisa como característica de um «santo». O quinto versículo, tal como o presente, identifica-o com a «idolatria». (Quanto a esse pensamento, ver as notas expositivas naquela referência). O trecho de Efê. 4:19 também envolve essa palavra, onde se lê que é uma coisa que não deveria caracterizar os que «aprenderam de Cristo». O indivíduo adora aquilo que ama, seja o dinheiro, as vantagens sociais ou os prazeres. É isso se torna o seu «deus», o seu ídolo, o que significa que suplanta o lugar de Deus em sua vida. Os moralistas

estóicos viam esse pecado como a fonte originária de todos os males. O trecho de I Tim. 6:16 expressa idéia similar, embora ali o «dinheiro» seja o ofensor, isto é, apenas uma das várias coisas que tornam um homem um idólatra. A equiparação da cobiça com a idolatria é correta, e mostra que apesar de hoje em dia poucos adorarem ídolos de madeira e pedra, contudo, quase todos os homens continuam sendo idólatras.

A cobiça: 1. Vem do coração (ver Marc. 7:22,23). 2. Embota o coração (ver Eze. 3:31 e II Ped. 2:14). 3. É idolatria (ver Efê. 5:5 e Col. 3:5). 4. É uma raiz de todos os males (ver I Tim. 6:10). 5. Nunca se satisfaz (ver Eccl. 5:10 e Heb. 2:5). 6. É vaidade (ver Sal. 39:6). 7. Não convém aos santos, pois lhes é elemento deletério (ver Efê. 5:3 e Heb. 13:5). 8. É especialmente errada nos ministros da palavra (ver I Tim. 3:3).

«...que é idolatria...» Consideremos as idéias abaixo.

Referências e idéias. A idolatria:

1. A idolatria é proibida (ver Êxo. 20:2,3 e Deut. 5:7). 2. A idolatria consiste de se prostrarem os homens perante imagens de escultura (ver Êxo. 20:5 e Deut. 5:9). 3. Consiste de sacrificar perante imagens de escultura (ver Sal. 106:38 e Ato. 7:41). 4. Consiste de adorar a outros deuses (ver Deut. 30:17 e Sal. 81:9). 5. Consiste de ir após outros deuses (ver Deut. 8:19). 6. Consiste de adorar ao verdadeiro Deus por meio de alguma imagem de escultura, etc. (ver Êxo. 32:4-6 com Sal. 106:19,20). 7. A idolatria é descrita como uma abominação a Deus (ver Deut. 7:25). 8. É odiosa para Deus (ver Deut. 16:22 e Jer. 44:4). 9. É desprezível (ver I Ped. 4:3).

Mortifical!

Mortifical!

Uma palavra — brutal — franca — dura!

Mas, nada menos do que isso

Pode retardar a onda da maré do pecado.

Retardar e parar o cortejo da carne,

Cedendo a Cristo, resoluta na vida;

Só isso pode dar-nos vitória hoje.

(Russell Champlin,

ao meditar sobre Col. 3:5).

6 δι' ἧς ἔρχεται ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ [ἐπὶ τοὺς υἱοὺς τῆς ἀπειθείας]².

² G {D} θεοῦ ἐπὶ τοὺς υἱοὺς τῆς ἀπειθείας (see Eph 5.6) N A C D^{vid} H I K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 (1241 omit τοῦ θεοῦ) 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 Byz Lect it^{ar} c.d. dem. div. e. f. g.

man. i. x. z vg syr^p b cop^{bo} arm eth^{pp} goth Clement Chrysostom Theodore^{lat} Augustine Euthalius Theodoret // θεοῦ p⁶ B cop^{aa} eth^{ro} Clement Cyprian Macrobius Ambrosiaster Ephraem Jerome

6 Eph 5.6

É difícil decidir se as palavras ἐπὶ... ἀπειθεία foram adicionadas na maioria dos testemunhos por copistas que relembavam Efê. 5:6 (onde nenhum manuscrito omite as palavras), ou se elas estão ausentes em P (46) B cop (sa) etí (ro) e vários pais (Clemente Cipriano Macróbio Ambrosiastro Efraem Jerônimo) por causa de um acidente de cópia. Em face de (a) o testemunho mui generalizado em apoio à forma mais longa (N A C D F G H K L P quase todos os minúsculos it vg sir (p,h) cop (bo) gót ara etí (pp) Clemente Crisóstomo al) e (b) a falta de elegância produzida pela forma mais breve com o ἐν οἷς, seguinte, bem como (c) a impressão que καὶ ὑμεῖς no vs. 7, supõe uma menção prévia a gentios incrédulos, a maioria da comissão resolveu reter as palavras no texto, mas deixá-las entre colchetes, a fim de indicar certa medida de dúvida quanto à sua genuinidade nesta epístola.

3:6: pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência;

«Ninguém vos engane com palavras vãs...por estas cousas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência» (Efê. 5:6). A exposição completa desse pensamento aparece nos comentários sobre esse citado versículo, ao que adicionamos aqui algumas notas expositivas. Quando aparecem referências paralelas, o leitor deveria seguir às mesmas, pois a exposição mais completa quase sempre é dada nos lugares referidos.

A Moralidade E O Destino

1. Observemos que a questão moral está vinculada à ira de Deus, ao julgamento. Os viciados se encaminham, inexoravelmente, para esse destino. Falta-lhes a retidão de Deus (ver Rom. 3:21), sem a qual ninguém jamais poderá aproximar-se de Deus.

2. Por semelhante modo, a santidade está ligada ao destino celestial (ver Heb. 12:14). Cada indivíduo será julgado em consonância com suas obras (ver Rom. 2:6), segundo a lei da colheita conforme a sementeira (ver as notas a respeito, em Gál. 6:7,8). Isso, necessariamente, inclui a moralidade.

3. É impossível exagerarmos a necessidade da santificação (ver as notas em I Tes. 4:3).

O mar da Fé

Esteve antes cheio, ao redor da praia da terra,

Como as dobras de um brilhante cinto enrolado.

Mas agora somente ouço

Sua melancolia, seu longo rugido surdo,

A retroceder, ante a respiração

Do vento noturno, pelas vastas beiradas

E pelos pedregulhos nus do mundo.

Ah, amor, permite-nos ser sinceros

Uns com os outros! pois o mundo, que parece

Jazer diante de nós como uma terra de sonhos,

Tão variegado, tão belo, tão novo,

Na realidade não tem alegria, nem amor e nem luz,

Nem certeza, nem paz e nem ajuda para a dor;

E estamos aqui como sobre uma planície escura,

Varrida de alarmes confusos de luta e fuga,

Onde exércitos ignorantes se chocam à noite.

(Matthew Arnold, «Dover Beach»)

Sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14), e nenhuma idéia da «crença fácil» do evangelho moderno pode modificar isso.

Afirmamos que um crente precisa possuir, na realidade, aquilo que ele professa ter, mediante o decreto divino, porque, do contrário, nem será crente autêntico. Um homem viciado não é um crente. É antes uma contradição de termos moral e espiritual. (Ver também Efê. 3:5, passagem que diz especificamente que tal homem não faz parte do «reino de Deus»).

«...a ira de Deus...»

A Ira De Deus

1. Essa expressão não indica alguma emoção, como se o Senhor Deus, em cólera, frustração e ódio, se voltasse violentamente contra os seus adversários, conforme esse termo frequentemente é usado, quando aplicado aos homens.

2. Pelo contrário, trata-se de um termo técnico que aponta para o «julgamento». (Ver notas completas sobre o «julgamento», em Apo. 14:11).

3. A ira de Deus (julgamento) inclui as seguintes considerações:

a. Ela é retributiva. Noutras palavras, os homens terão de pagar por todo o mal que tiverem praticado, como também pelo bem que tiverem deixado de fazer. Essa retribuição será minuciosa, seguindo a lei da colheita segundo a sementeira, em detalhes precisos. (Ver as notas em Gál. 6:7,8 sobre esse conceito). Essa lei é que determinará a extensão da retribuição.

b. Ela será mitigada pelas obras do indivíduo, pois os não-eleitos que tiverem praticado boas obras, não receberão a mesma retribuição que receberão aqueles que praticaram muitas maldades e poucas ações boas. (Ver as notas sobre essa idéia em Rom. 2:6).

c. O julgamento (a ira de Deus) tem um aspecto remidal e restaurador, e não apenas retributivo. Esse conceito é comentado em I Ped. 4:6, onde está contida a idéia no texto sagrado.

d. O julgamento contribuirá para trazer à existência a «restauração» referida em Efê. 1:10. Não fará com que os não-eleitos se tornem eleitos; e nem reverterá seus destinos eternos. Mas conferirá aos não-eleitos, uma vida digna de ser vivida, uma glória secundária, onde Cristo será honrado e será o alvo de toda a existência, porquanto ele terá de ser tudo para todos (ver Efê. 1:23).

e. Sem embargo, a restauração dos não-eleitos, em comparação com a redenção dos eleitos, será uma perda infinita, porque deixarão de obter o ganho infinito que há em Cristo. Não participarão da natureza divina (o «pleroma» de Col. 2:10), mas tornar-se-ão uma espécie de ser inteiramente diferente, de ordem muito inferior.

f. Julgamento envolve sofrimento. Esses sofrimentos exercerão um efeito remedial. Mas o julgamento significa que os perdidos nunca chegarão a

obter o destino que lhes era possível atingir em Cristo. Nesse sentido é que serão «destruídos», quanto ao propósito essencial em potencial, que tiveram na vida. Esse conceito de julgamento é muito mais temível que a idéia de mero sofrimento, por mais intensos que sejam tais sofrimentos.

«...filhos da desobediência...»

7 ἐν οἷς καὶ ὑμεῖς περιπατήσατέ ποτε ὅτε ἐζήτε ἐν τούτοις.

3:7: nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas;

O trecho de Efé. 2:2,3 apresenta uma forma elaborada dessa declaração. Antes das vidas daqueles crentes terem ficado «ocultas em Cristo», e antes de terem a expectação celestial, a conduta deles se caracterizava pelos vícios alistados no quinto versículo.

«...andastes vós também...» A metáfora do «andar», para indicar a conduta geral da vida, os padrões ou hábitos de vida, é de uso freqüente nos escritos seculares e religiosos. Isso é comentado em Gál. 5:16,25. Pode-se observar, ali, que o andar cristão deve ser «no Espírito». É o Espírito de Cristo quem o guia e preserva. Sem esse poder, a natureza humana, depravada como é, continuará a ser dominada pelos vícios. O andar cristão não pode mesmo ser bem-sucedido sem o concurso do poder divino, conforme fica demonstrado pela experiência humana. A sociedade pagã vivia caracterizada pelos abusos sexuais e pelos vícios, sendo violenta e sem restrições, afundada na depravação. As advertências de Paulo, na primeira epístola aos Coríntios e na primeira epístola aos Tessalonicenses (com paralelos na epístola aos Efésios), mostra-nos que muitos crentes haviam voltado a alguma forma ou outra dos antigos caminhos. O ensinamento que aqui temos é severo. Nenhum indivíduo viciado é, na realidade, um crente; enquanto não houver sido liberto de seus vícios, não poderá herdar o reino de Deus. Fica subentendido que a conversão será seguida pela santificação, e que a vitória sobre os vícios será uma realidade. Isso não subentende qualquer coisa como a perfeição impecável, que não passe de uma declaração doutrinária. Mas significa que o Espírito Santo dominará tal crente, e não a carne.

*Como exultarias, se eu pudesse fazer-te recuar
Seiscentos anos,*

.....

E encaixar-te novamente no Gênesis -

Quando tal viajante te desse suas últimas novas,

Que vira a arca no alto do monte Ararate,

Mas que não subira ali porque já escurecia

E bandidos infestavam o pé do monte!

Como te sentirias, eu pergunto, em tal época?

Como agirias? Como outras pessoas sentiram e agiram;

Com a alma mais vazia que este vaso,

Crê—mas mente, mata, rouba e fornicia,

Em face mesmo da crença, como a fera que queres ser!

(Robert Browning)

Isso nos faz lembrar a clássica declaração de Agostinho: «Mas eu,

8 νυνὶ δὲ ἀπόθεσθε καὶ ὑμεῖς τὰ πάντα, ὀργήν, θυμόν, κακίαν, βλασφημίαν, αἰσχρολογίαὶν ἐκ τοῦ στόματος ὑμῶν·

8 Eph 4:25-31; 5:4

3:8: mas agora despojai-vos também de tudo isto: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca;

Temos aqui a segunda pênitência, achando-se a primeira no quinto versículo. Duas pênitências de vícios, e uma de virtudes, no décimo segundo versículo, constitui uma forma literária que também se acha em outros lugares do N.T. (Ver as notas expositivas sobre essa questão, no quinto versículo deste capítulo).

«...despojai-vos...» No grego é «*apotithemi*», «despir», verbo comumente usado para indicar o despir de roupa. Talvez Paulo quisesse dar a entender a metáfora do «despir». Devemos despir-nos da vida velha, como faríamos com uma roupa velha e suja. Essa figura simbólica é repetida no nono versículo, acerca do «despojarmo-nos» do velho homem, da natureza inferior, onde se manifestam os vícios. Além disso, no décimo versículo deste capítulo, há o «vestir-se» do «novo homem», que aponta para a natureza regenerada, a «nova veste» do crente. (Quanto a outros lugares, no N.T., onde é usada essa metáfora, em relação à vida moral, ver Rom. 13:12; Efé. 4:22,25; Heb. 12:1; Tia. 1:21 e I Ped. 2:1).

«...tudo isto...» No grego temos «*ta panta*», «tudo», referindo-se ao conjunto de vícios do homem velho, o solo onde medram aqueles vícios.

«Assim como esses hábitos viciosos são estranhos à nova natureza do crente, devem ser 'despojados' como uma veste inteiramente imprópria para o novo estado de quem a usa». (Beare, *in loc.*)

«As palavras 'faizei morrer a vossa natureza terrena', apontam para lágrimas e sangue, e mais do que sangue. É muito mais fácil decepar a mão, a qual, afinal de contas, não é eu mesmo, do que sacrificar desejos e paixões que, embora façam a pior parte de mim, são o meu verdadeiro 'eu'. É vão esconder o fato que a única estrada para a santidade é a auto-supressão, o auto-aniquilamento; e nada pode fazer isso tornar-se fácil e agradável. É verdade que as verdades da religião são os caminhos agradáveis e pacíficos, mas são bem inclinadas, e a subida jamais será fácil. O ar das camadas superiores é atraente e arrebatou os sentidos, mas é algo difícil para os pulmões acostumados ao ar dos níveis mais baixos... A santidade não é conquistada de um momento para outro. Não é uma questão consciente, possuída quando sabemos que o possuímos. Mas precisa ser obtida pelo esforço».

«O apóstolo se posta como um carcereiro à porta da prisão, com a lista fatal na mão, a ler os nomes dos malfetores, enquanto o carrasco espera para conduzi-los à guilhotina. Trata-se de uma lista horrível, mas é mister que se fale claramente, para que ninguém se equivoque quanto à identidade dos réus. Ele enumera aqui os males que apodreciam a sociedade, os quais,

Temos aqui uma expressão hebraica que indica aqueles que «por natureza, são desobedientes», porquanto um «filho» necessariamente compartilha da natureza de seu pai. O pai deles é a rebeldia; e, por isso mesmo, são desobedientes. Esse termo é usado em Efé. 2:2, onde há amplos comentários a respeito.

miserável, extremamente miserável, no começo de minha juventude, te pedira a castidade e dissera: 'Dá-me a castidade e a continência, cura-me'. Mais tarde, abominando esses vícios vis, sua oração assumiu um tom diferente: «Deixe escapar essas palavras tristes: Por quanto tempo? por quanto tempo—amanhã ou depois? Por que não agora? Por que nesta mesma hora não cessa minha impureza? Estava eu assim falando e chorando na contrição amarga do meu coração, quando, eis! ouvi de uma casa vizinha uma voz, como de um menino ou de uma menina, não sei, a entoar e a repetir com freqüência: Toma e lê! Toma e lê! (*Tolle, lege!*) Ansiosamente, pois, retornei ao lugar onde Alípio estava sentado. Ali chegando, tomei o volume escrito pelo apóstolo, e, quando o abri, li a seção sobre a qual meus olhos caíram em primeiro lugar: 'Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências'. Não pude continuar lendo; e nem mesmo precisava disso. Pois instantaneamente, no fim da sentença, mediante uma luz que invadiu serenamente o meu coração, todas as trevas da dúvida se dissiparam».

Quando Cristo controla os impulsos íntimos do coração, são enobrecidos a vontade e os instintos naturais, o que empresta ao indivíduo afetos novos e puros, ao invés dos antigos pecados. Contudo, muitos crentes continuam enfeitados por alguns de seus antigos pecados, não sendo sinceros e honestos acerca da libertação de que precisam.

Variante Textual: As palavras *vivíeis nelas* (no grego, «*toutois*») é a forma que aparece nos mss P(46), Aleph, ABCD. «Autois», «entre os quais» (pessoal), referindo-se aos «pagãos», é o texto dos mss D(3)GKL, bem como da maioria dos manuscritos posteriores. Mas a primeira dessas formas é a correta, pois a alusão é aos vícios aludidos no quinto versículo. Essa forma se refere a eles, aos vícios; pelo que ambas as formas devem ser entendidas como neutras, tendo antecedente nas palavras gregas «*di'* a», «por causa das quais coisas» (ver o sexto versículo), o que é referência aos vícios referidos no quinto versículo. As duas expressões, por se referirem ao mesmo antecedente, tornam a declaração mais enfática. Aquelas pessoas, antes, viviam nelas, andavam nelas. A sua «vida» estava imersa nessas coisas; a sua conduta era saturada por tais vícios. Trata-se de um horrível quadro da perversidade humana. Foi preciso um grande poder de Deus para que os homens fossem santos. Paulo esperava que esse poder fosse eficaz. O verbo «andastes» é aoristo, aludindo ao estado prévio deles, no paganismo, como uma unidade. Mas o verbo «vivíeis» está no imperfeito, expressando a continuidade deles em seu estado pervertido. Isso pode ser contrastado com o «viver» e o «andar» no Espírito, aludido em Gál. 5:25.

8 νυνὶ ἀδὲ μὴ ἐκπορευέσθω G co Ambst

então como agora, eram generalizados». (Maclaren, *in loc.*, referindo-se aos versículos quinto e oitavo deste capítulo).

«...ira...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «ira», o hábito da disposição iracunda, ver Efé. 4:26). A passagem, naquele lugar, é paralela a este versículo, e a maioria dos vícios também são referidos dentro da metáfora do «despir» do mal e do «vestir» a nova natureza. O grego diz aqui «orge». Esse vocábulo também figura em Efé. 4:31. Significa «ira», «indignação», sendo uma emoção alicerçada sobre uma disposição dura e amarga. É uma das obras da carne, tal como o são todos os outros vícios mencionados, tanto no quinto versículo como aqui. (Ver Gál. 5:19,20 quanto a uma exposição sobre essas coisas, vistas desse ponto de vista).

«Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade» (Pro. 16:32).

A ira consiste da impaciência com o próximo, em que são usadas palavras de despeito, maculados pelo egoísmo, contra o próximo, de mistura com sentimentos de superioridade e de ódio.

Há quatro tipos de disposição. Em primeiro lugar, há aqueles que facilmente se iram mas facilmente são pacificados; esses ganham por um lado e perdem por outro. Em segundo lugar, há aqueles que não se iram facilmente, mas só com dificuldade são pacificados; esses perdem por um lado e ganham de outro. Em terceiro lugar, aqueles que dificilmente se iram e facilmente se deixam pacificar; esses são os bons. Em quarto lugar, há aqueles que facilmente se iram, e só com dificuldade se deixam pacificar; esses são os ímpios. (*Midrash hannahal*, cap. v.11).

«A ira começa com a insensatez e termina com o arrependimento». (John Dryden).

«Temperamento: qualidade que, nos momentos críticos, produz o aço da melhor qualidade e o que é pior nas pessoas». (Oscar Hammling).

«A melhor resposta para a ira é o silêncio». (Provérbio alemão).

«A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira» (Prov. 15:1).

Referências e idéias. A ira:

1. A ira é proibida (ver Ecl. 7:9; Mat. 5:22 e Rom. 12:19). 2. É uma das obras da carne (ver Gál. 5:20). 3. Caracteriza aos insensatos (ver Pro. 12:16). 4. Está ligada ao orgulho (ver Pro. 21:24). 5. É companheira da crueldade (ver Gên. 49:7). 6. Conduz à malícia e à blasfêmia (ver Col. 3:8). 7. Acompanha a desavença e a contenda (ver Pro. 21:19 e 29:22). 8. Traz seu próprio castigo (ver Jó 5:2 e Pro. 19:19). 9. Inclina ao pecado (ver Efé. 4:26). 10. A oração deve ser isenta de ira (ver I Tim. 2:8).

«...indignação...» No grego é «*thumos*», alistado em Gál. 5:20 como uma das obras da carne. Em Efé. 4:31 também está vinculada à palavra anterior,

embora figure antes dela. Significa «paixão», «ira apaixonada», «cólera», «explosão de ira». Talvez a primeira forma, «orge», fale de uma disposição fixa, ao passo que esta última aluda a manifestações súbitas, explosivas, embora os dois vocábulos, com frequência, sejam meros sinônimos.

«...maldade...» No grego é «kakia», palavra de mui lata aplicação, como «depravação», «impiedade», «vício», «malícia», «má vontade», «malignidade». Por ter um significado tão amplo, ao usá-la, Paulo ataca grande variedade de maldades. Inclui até mesmo a idéia de «prejudicar ao próximo» (Suidas), mas envolve até mesmo mais do que isso. É termo empregado também em I Cor. 5:8; 14:20; Efé. 4:31; Tito 3:3 e I Ped. 2:1. Aparece num total de onze vezes, nas páginas do N.T.

«...maldicência...» No grego é «blasphemia», a fala abusiva contra Deus ou contra os homens. A linguagem abusiva contra Cristo também é assim chamada (ver Mat. 27:39 e Marc. 15:29). (No tocante a tal abuso contra o nome de Deus, ver Rom. 2:24; II Clemente 13:2; I Tim. 6:1 e Apo. 1:36). Trata-se da difamação, da injúria contra a reputação alheia, contra a calúnia, conforme se vê em I Cor. 4:13 e Atos 13:45 e 18:6, onde é usada acerca dos homens.

«...linguagem obscena do vosso falar...» No grego temos uma única palavra, «aischrologia», que significa «linguagem obscena» ou «linguagem abusiva». Provavelmente se deve compreender aqui por «linguagem abusiva», devido à sua junção com a «ira» e a «indignação». O termo grego «aischros» significa «feio», «vergonhoso», «vil», «aviltante». Esta é a sua única menção em todo o N.T. Algumas traduções preferem traduzi-la por «abuso de boca suja», que retém tanto a idéia de profanação como a idéia de obscenidade, juntamente com a idéia de abuso.

9 μὴ ψεύδεσθε εἰς ἀλλήλους, ἀπεκδυσάμενοι τὸν

3:9: não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do homem velho com os seus feitos,

«...Não mintais...»

«Sem a honestidade, o fundo cai de todas as outras virtudes. O amor é aclamado como qualidade suprema da vida cristã; mas Paulo, ao dizer isso sobre a fé, a esperança e o amor, afirma que a maior delas é o amor, o qual deve ser sem hipocrisia (ver Rom. 12:9). O amor sem genuinidade é pior que não ter amor algum. A honestidade é a essência da coragem moral, conforme ficou demonstrado na vida de Jesus. Uma mentira inocente poderia tê-lo salvado da cruz, mas ele não a quis proferir, apesar de sua vida estar em perigo. Os primeiros cristãos deixaram profunda impressão sobre seus contemporâneos, não meramente por causa do amor que exemplificavam («Vede como esses cristãos se amam uns aos outros»), mas muito mais pela integridade de suas vidas (ver Tia. 5:12)». (Macleod, *in loc.*)

Um criminologista norte-americano asseverou que a fraude é a ofensa criminal mais propagada nos Estados Unidos da América, permeando todos os níveis da sociedade. É justo supormos que o mesmo se dá em muitos outros países.

Como a sociedade encara sem seriedade a mentira, o que se vê no grande número de piadas que se centralizam em redor dessa prática. Mas quão séria é essa questão, no N.T., por refletir uma natureza desonesta e perversidade. Paulo adiciona essa maldade à sua pênitência de vícios, conforme se vê no oitavo versículo. Este, tal e qual os outros vícios, pertence à natureza antiga, ao homem velho e não-remido. Tal vício, tal como aqueles outros, é incompatível com a nossa nova vida em Cristo. No entanto, não é verdade que a maioria das pessoas, dentro e fora da igreja, diz o que pensa ser-lhes mais vantajoso, sem importar se é uma verdade ou uma mentira, de tal modo que o teste real da conduta é o teste «pragmático»? Serei beneficiado, se disser uma mentira? Se a resposta for «sim», então, para essas pessoas, a mentira é preferível à verdade.

«...vos despistes...» No grego temos o verbo «apekduomai», o qual, tal como o verbo do versículo anterior, pode significar «despir uma roupa». Portanto, o quase certo é que Paulo dá prosseguimento à sua metáfora do «despir-se» e do «vestir-se», tendo empregado apenas um sinônimo.

Como Nos Despistamos Do Velho Homem?

1. Quando aplicamos os meios de desenvolvimento espiritual, desvencilhamo-nos das vestes velhas e sujas que nos caracterizavam antes da conversão. (Isso é comentado no primeiro versículo deste capítulo).

2. Esse despir-se é realizado por ocasião da conversão (ver João 3:3), e prossegue na santificação (ver I Tes. 4:3). Ambas as coisas fazem parte da obra do Espírito.

3. Isso se cumpre através da nossa união com Cristo, por causa do que assumimos a sua natureza, e assim nos tornamos um «novo homem». (Ver II Cor. 5:17 e suas notas, quanto a esse conceito. Ver também as notas, em Rom. 6:3, sob o título «O batismo espiritual»).

4. O trecho de Efé. 4:22 encerra idêntica declaração, e ali são dadas notas

10 καὶ ἐνδυσάμενοι τὸν νέον τὸν ἀνακαινούμενον εἰς

10 Eph 4:24 κατ' εἰκόνα... αὐτὸν Gn 1:26-27

3:10: e vos vestistes do novo, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;

Essas palavras podem ser confrontadas com o trecho de Rom. 13:14: «...mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências». O revestir-se do «novo homem» é receber a regeneração, o que é o meio de adquirirmos a própria imagem de Cristo (ver Rom. 8:29). Não se trata de algo estático, porquanto essa imagem está sendo continuamente renovada, no conhecimento daquele que a cria; e isso fala, mui apropriadamente, da evolução moral progressiva que

É da abundância do coração que a boca fala. Um homem, em uma explosão de ira, revelará a condição de seu coração, o que pode ser aquilutado pelo tipo de linguagem que emprega. A carnalidade se expressa mediante linguagem imunda, abusiva e iracunda, conforme se pode verificar todos os dias, na sociedade humana.

Notemos a importante adição do trecho de Efé. 4:29, após as palavras «palavra torpe», a saber: «...unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem». Essa adição mostra o uso que os crentes devem fazer da faculdade da fala, em contraste com a linguagem dos incrédulos.

«Falar é fácil». «Palavras, palavras, nada senão palavras». «Ele é apenas um falador». Essas afirmativas ilustram a comum depreciação da importância da fala. Porém, haverá coisas no mundo mais poderosas em favor do bem ou do mal, do que as palavras? A fala é a faculdade que distingue o homem dos animais. É o sinal da personalidade. O autoconsciente se manifesta somente pela fala. O pensamento é impossível sem palavras, que enfeixam idéias. As ações são antecedidas pelo pensamento. Conforme diz Heine: «O pensamento antecede à ação, como o relâmpago antecede ao trovão». Mas o pensamento é impellido pela sugestão verbal. Toda a cooperação entre os seres humanos depende, para seu sucesso, da comunicação verbal... A solidariedade cultural de um grupo se alicerça sobre uma linguagem comum. O caráter é revelado pela própria maneira de falar. «...porque a boca fala do que está cheio o coração» (Luc. 6:45). Assim sendo, Tiago (no terceiro capítulo de sua epístola) não está grandemente equivocado quando dá tanta ênfase à língua. (Easton, referindo-se ao trecho de Tia. 3:2).

παλαιὸν ἄνθρωπον σὺν ταῖς πράξεσιν αὐτοῦ,

adicionais que iluminam o tema. O velho homem é representado pelas vestes velhas. Ele é a natureza antiga, não-convertido, egoísta, carnal, dominado por motivos carnis e temporais. Cristo é a «nossa vida» (ver o quarto versículo deste capítulo). Quando isso se torna uma realidade, então nos tornamos novas criaturas, ou seja, temo-nos vestido de novas vestes, metaforicamente falando. (Ver o velho homem crucificado, em Rom. 6:6).

«Torna-se perfeito no domínio próprio aquele que não somente se abstém dos prazeres do corpo, mas alegra-se por poder fazê-lo; ao passo que aquele que se abstém mas se entristece com isso, não tem o domínio próprio». (Aristóteles).

A metáfora do «despojamento» nos leva de volta a todos os vícios mencionados, não aludindo somente à prática da mentira.

O paralelo a este versículo é a passagem de Efé. 4:25, onde se lê: «Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros». Quando mentimos para os irmãos, ferimos o corpo inteiro de Cristo, distorcendo-o e aleijando os seus membros. O «velho homem» é a «veste antiga», que deve ser posta de lado. O velho homem nos impulsionava a ações que nos degradavam, incluindo a mentira.

Antes de falares,
Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são, a primeira: 'É verdade!'
Em seguida: 'É necessário?' Em tua mente
Fornece uma resposta veraz. E a próxima
É a última e mais difícil: 'É gentil?'
E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras.
(Beth Day).

A mentira é contrária tanto à lei da verdade como à lei do amor. É, ao mesmo tempo, injusta e sem gentileza, e tende, mui naturalmente, por destruir a amizade e a boa fé entre os homens.

«A mentira nos torna semelhantes ao diabo, o pai da mentira, sendo uma das características principais da imagem do diabo em nossas almas». (Matthew Henry, *in loc.*, tecendo comentários sobre o trecho de João 8:44).

Referências e idéias. a mentira:

1. A mentira é proibida (ver Lev. 19:11 e Col. 3:9). 2. É abominável a Deus (ver Pro. 6:16-19). 3. É uma abominação contra Deus (ver Pro. 12:22). 4. É um obstáculo à oração (ver Isa. 59:2,3). 5. É originada pelo diabo (ver João 8:44). 6. Os santos devem repelir a mentira (ver Sal. 119:29). 7. Devem evitar essa maldade (ver Isa. 63:8). 8. Devem orar para serem preservados da mesma (ver Sal. 119:29). 9. Os hipócritas são dados à mentira (ver Osé. 11:12). 10. Os hipócritas causam a mentira (ver Isa. 57:4). 11. Os ímpios mentem desde a infância (ver Sal. 58:3). 12. Os ímpios amam a mentira (ver Sal. 52:3). 13. Os ímpios buscam a mentira (ver Sal. 4:2). 14. A mentira é uma das características dos apóstatas (ver II Tes. 2:9 e I Tim. 4:2). 15. A mentira é um vício que exclui dos céus ao indivíduo (ver Apo. 21:27 - 22:15). 16. O diabo exemplifica a mentira (ver Gên. 3:4).

ἐπίγνωσιν κατ' εἰκόνα τοῦ κτίσαντος αὐτόν,

é a santificação. A imagem de Cristo é em nós implantada por meio da santificação. (Ver I Tes. 4:3 sobre esse assunto).

Na epístola aos Efésios, o paralelo se acha em Efé. 4:24. Efé. 4:23 determina a renovação da «mente», e através disso vem o revestir-se do «novo homem», o qual, segundo Deus (isto é, em imitação à sua própria natureza moral) é criado em justiça e verdadeira santidade.

O novo homem, portanto, é a duplicação de Cristo em seus estágios finais; e é desse modo que o homem chega a participar da natureza divina, conforme ele mesmo desfruta dela (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10). O «novo

homem» é Cristo que se vai formando no crente, a «nova criação».

«...que se refaz...» A nova natureza não é implantada em um único ato isolado; antes, é algo que vai sendo continuamente melhorado. A alma do crente vai sendo literalmente «espiritualizada», de tal modo que vem a habitar nos níveis mais elevados da existência espiritual. Isso não pode ser feito à parte da revolução moral. O verbo grego «anakainoo», «renovar», é usado somente pelo apóstolo Paulo. (O citado verbo pode ser visto em forma nominal em Rom. 12:2, que diz respeito à «renovação» da mente, mediante o que vem a dedicação; e Tito 3:5 usa a forma nominal para indicar a «renovação» do Espírito Santo). Em todos os casos se fala sobre o renascimento espiritual, em que vamos sendo verdadeiramente «nascidos de novo», o que não é algo que deva ser equiparado à conversão e à regeneração inicial. Antes, trata-se do processo que vai transformando o indivíduo em uma nova criatura, de modo tal que, finalmente, seja semelhante a Cristo em sua própria essência.

«Pascal lembrou-nos que não poderíamos ver a Deus a menos que, em algum sentido real, já o possuíssemos. O grande ensinamento de nosso Senhor, sobre a vinha e os ramos, insiste que não podemos expressar a Cristo se primeiramente não o possuímos. (Ver João 15:5).» (Macleod, *in loc.*)

A transformação moral de que este versículo fala, já que tenciona trazer até nós a própria perfeição de Deus—tanto na «impecabilidade» como na participação nas «qualidades positivas morais» (o amor, a bondade, a justiça, a longanimidade, etc.)—deve ser algo profundamente espiritual, uma obra do próprio Espírito de Deus. Isso é realizado por seu poder que em nós veio residir; não se trata de um produto da resolução humana, embora essa resolução deva ser empregada na «busca» pelo Espírito Santo, por meio de quem essa obra é levada a efeito. Mediante o poder e a influência do Espírito, vamos assumindo a própria natureza moral de Cristo. Essa é a base sobre a qual a alma é espiritualizada, de modo a vir participar, finalmente, até de sua natureza metafísica.

«...se refaz para o pleno conhecimento...» O substantivo grego, aqui traduzido por «pleno conhecimento», está em sua forma intensiva, o que explica tal tradução, como se fossem duas palavras. A renovação espiritual depende de «conhecermos a Cristo», a experiência que nos faz avançar nessa renovação. Trata-se de um conhecimento experimental e místico: ocorre quando um homem experimenta a realidade de Cristo, em comunhão com ele, através do seu Espírito Santo. Pode aumentar ou não o número de nossos conceitos espirituais a seu respeito; mas, na realidade, Cristo vai sendo infundido em nossas almas, pelo que se trata de um «conhecimento experimental», misticamente mediado. (Ver as notas expositivas sobre Fil. 3:10, acerca das palavras «para o conhecer». Isso pode ser comparado ao pedido de Paulo em sua oração para que os crentes recebessem o conhecimento revelatório de Deus, a compreensão dada pela iluminação: ver Efê. 1:17,18). Esse mesmo conhecimento do Senhor nos é recomendado em Col. 1:10; e o conhecimento do amor de Cristo nos é recomendado em Efê. 3:18,19. Trata-se da «gnosis» ou conhecimento cristão, que ultrapassa em muito ao «conhecimento» dos mestres gnósticos. Tal forma de

11 ὅπου οὐκ ἐνὶ Ἑλλήν καὶ Ἰουδαίους, περιτομῇ καὶ ἀκροβυστία, βάρβαρος, Σκύθης, δοῦλος, ἐλεύθερος, ἀλλὰ [τὰ] πάντα καὶ ἐν πᾶσιν Χριστός.

11 ἐν] add (Gal. 3. 28) ὁρσεν καὶ θῆλυ D*G it vg* Ambr Aug | πάντα NA pc Cl; R] praem ta BDG pl c

3:11: onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cito, escravo ou livre, mas Cristo é tudo em todos.

A participação na imagem de Deus, conforme ele está em Cristo, por parte dos homens, levou Paulo a lembrar-se da unidade mística de todas as coisas em Cristo. Essa declaração pode ser contrastada com o trecho de Gál. 3:28. Na epístola aos Gálatas, «homem» e «mulher» são incluídos na lista; mas aqui «circuncisão e incircuncisão» figuram, o que não aparece ali. Além disso, entre os bárbaros, os citas são aqui mencionados, mas na epístola aos gentios não há a divisão dos «gentios» em grupos menores. É possível que, neste ponto, judeus, gregos e não-gregos sejam frisados, ao passo que, na epístola aos Gálatas, o termo «grego» indique todos os não-judeus. Na epístola aos Gálatas, todos são «um» só; e isso também sucede neste caso, embora aqui a ênfase recaia sobre a «residência» de Cristo em nós, mediante o seu Espírito Santo, o qual é o agente dessa unidade. E também é destacado o fato que «Cristo é tudo», ou seja, «tudo para todos», em consonância com a mensagem geral deste livro, que exalta à pessoa de Cristo acima de todos os outros seres, fazendo dele o alvo de toda a existência. A unidade em Cristo é obtida através do fato que todos os homens haverão de participar da mesma imagem divina. Nessa realização e progresso, perdem totalmente sua significação as antigas distinções de raça, sexo, classe e cultura. Uma unidade fundamental nos é assim restaurada, e esse é o sentido mais profundo de Cristo, bem como da vida eterna e espiritual, que nele temos.

«...não pode haver grego nem judeu...» Os privilégios espirituais devido ao nascimento, representados supremamente pelos judeus, caíram por terra. Os judeus se julgavam altamente privilegiados, só pelo fato de serem descendentes físicos de Abraão. Mas isso foi abolido em Cristo. Não importa se um homem nasceu em Atenas ou em Jerusalém. Isso tinha grande importância para os judeus, mas não pode ter nenhuma importância apreciável para os crentes. (Quanto a notas expositivas sobre o suposto valor de haver alguém nascido «judeu», ver Fil. 3:4-6 e Rom. 8:4,5).

«...circuncisão nem incircuncisão...» Nenhum uso legal, sacramental ou cerimonial, ou então posição ou tradição (mediante o que os gentios poderiam entrar no judaísmo, se aceitassem este último), faz qualquer diferença no seio do cristianismo. Todas essas questões foram eliminadas de vez; Cristo é o fim da lei para todos os que crêem (ver Rom. 10:4). Paulo já havia atacado o suposto valor dessas coisas na presente epístola. (Ver Col. 2:14,16,17,21-23). Não é necessário que alguém se torne judeu, antes de

conhecimento pode transformar-nos. Esse conhecimento tem as seguintes características:

Conhecendo A Cristo

1. Esse conhecimento pode ser apenas intelectual. O conhecimento teológico melhorado, exercerá sobre nós algum efeito, mas não é essa a idéia essencial do versículo.

2. Está em pauta o conhecimento *experimental*, na vereda da santidade, em que nos depuimos do velho homem e nos revestimos do novo (conforme se vê melhor nas notas sobre o nono versículo deste capítulo).

3. Conhecemos Cristo através da *iluminação* (ver as notas em Efê. 1:18). O Espírito Santo ensina às nossas almas qual o significado de Cristo para nós, no presente, e também como Cristo é o nosso destino.

4. Conhecer Cristo é a nota chave da mensagem de Paulo em Fil. 3:10, onde oferecemos notas mais detalhadas.

«...daquele que o criou...» Há bons intérpretes que pensam que está subentendida a pessoa de «Deus», mas outros pensam que o criador é «Cristo». Mais provavelmente, Deus está em foco, como também é a sua «imagem» que deve estar em pauta neste ponto. Todavia, com base nos ensinamentos neotestamentários, isso sempre inclui a duplicação dos remidos segundo a imagem do Filho, que é a «imagem do Deus invisível» (ver Col. 1:15). O trecho de Efê. 4:24, que é paralelo a este, aplica esse pensamento a Deus.

Pode haver aqui certa alusão a Gên. 1:26-28, onde se fala sobre a questão que Deus foi criado segundo a imagem de Deus. Essa criação original, que incluiu a parte física, foi inaugurada a fim de que viesse dela, à existência, a verdadeira criação espiritual, o homem celeste, dotado da mesma natureza de Cristo.

A Transformação Segundo A Imagem De Cristo

1. Isso resulta da participação na filiação, fazendo parte do propósito predestinador. (Ver Rom. 8:29, onde são oferecidas notas completas sobre o assunto, com muitas referências ao N.T.).

2. Isso nos conduzirá de um estágio de glória para outro, eternamente, mediante o poder do Espírito (ver II Cor. 3:18).

3. Na verdade, essa é uma outra maneira de definir a salvação, a qual envolve muito mais que o mero perdão de pecados e a mudança de endereço para os céus, futuramente. (Ver notas completas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

a. Ela envolve a participação no «pleroma» divino, isto é, na natureza e atributos de Deus, o que é comentado em Col. 2:10 e Efê. 3:19.

b. Essa é a glória à qual estão sendo conduzidos muitos filhos (ver Heb. 2:10).

c. Envolve a eterna glorificação (ver Rom. 8:30).

d. Envolve a participação na imagem e natureza de Cristo, o que equivale à vida eterna (ver as notas em João 3:15).

11 Ga 3:28; 1 Cor 12:13; (Ro 10:12)

tornar-se um cristão, conforme pensavam, erroneamente, os antigos legalistas. Cristo não é mediado por Moisés.

«...bárbaro...» Os gregos chamavam aos persas e a outras nações civilizadas de «bárbaros», o que era simples alusão ao seu idioma ininteligível, como se falassem por meio de sons como «bar... bar». Nenhuma degradação de cultura está em foco no uso dessa palavra, nas Escrituras, como é comum nas línguas modernas. Os primeiros poetas romanos (como Plauto), usavam o termo aludindo aos próprios romanos, embora esse uso tivesse sido descontinuado posteriormente. E os romanos e os gregos eram contrastados com aqueles que não falavam nem o grego e nem o latim. Através do uso desse termo, os que não falavam nenhum desses idiomas, eram chamados «bárbaros». Em Cristo, os termos «estrangeiro» e «bárbaro» são tirados do vocabulário dos santos, ao passo que «irmão» toma o lugar deles.

Em Cristo não há oriente e nem ocidente,
Nele não há sul e nem norte;
Mas apenas uma grande comunhão de amor,
Por toda a vasta terra.
(John Oxenham)

«...cita...» Essa palavra transmite a idéia de um «barbarismo cru», pois os citas eram selvagens nômades que assaltavam a área do mar Mediterrâneo oriental, deixando uma trilha de terror. Originalmente eram uma tribo de nômades cavaleiros, guerreiros constantes, vindos da Sibéria ocidental para habitarem na área entre os mares Negro e Cáspio, desde épocas tão remotas quanto 2000 A.C. No fim do século VII A.C., mudaram-se para o norte da Pérsia e Urartu, empurrando os cimérios na direção do ocidente. Sargão II, da Assíria (727 - 705 A.C.), conseguiu fazê-los parar nesse avanço. Heródoto diz-nos que os citas vieram a dominar a parte ocidental da Pérsia por vinte e oito anos, através de várias aventuras militares. Ajudaram os assírios contra os medos. Mais tarde, assaltaram a Palestina, e Psamético só conseguiu salvar o Egito, entregando-lhes dinheiro e tesouros. Heródoto fornece-nos uma chocante descrição acerca dos citas. Viviam em vagões, ofereciam sacrifícios humanos, escalpavam a seus adversários, e, algumas vezes, arrancavam a pele de suas vítimas, bebendo-lhes o sangue e usando seus crânios como vasos para beberem. Quando falecia um de seus reis, uma de suas concubinas era estrangulada e sepultada juntamente com ele, e, no fim daquele ano, cinquenta de seus auxiliares também eram estrangulados, eram-lhes tiradas as entranhas,

eram montados em cavalos mortos, e então eram deixados em círculo ao redor de seu sepulcro. Isso tudo indica a crença no após-vida. Tais pessoas, segundo pensavam, acompanhavam seus senhores até ao mundo espiritual.

Alguns estudiosos acreditam que os capítulos trinta e oito e trinta e nove do livro de Ezequiel, ao falar sobre «Gogue», referem-se aos citas. Sob o governo de Ciluro, os citas estabeleceram sua capital em Neápolis, na Criméia, no ano 110 A.C. Vieram a controlar as estepes, tornando-se os intermediários no comércio proveniente da Rússia, especialmente nos campos dos cereais e dos escravos. É a esse povo que Paulo se refere, na presente passagem. Seu uso mostra que o amor de Cristo, ao unir os povos, pode pô-los numa grande comunidade, a despeito de seu caráter feroz e cruel de antes.

«...escravo, livre...» Os escravos ocupavam a mais baixa posição nas camadas sociais, não passando de propriedades, sem direitos próprios e sem vontade própria. Em Cristo não há senhor e nem escravo, como também não há privilégios de classes sociais... Foi ao escrever esta epístola que Paulo enviou Onésimo de volta a Filemom. Ele não tentou romper com a ordem social, mas aplicou a questão o amor de Cristo e a unidade cristã, o que, eventualmente, embora necessitasse de muitos séculos, destruíram a instituição cruel da escravatura.

«...porém Cristo é tudo e em todos...» Cristo é o credo inteiro, a vida inteira, a lei inteira, o motivo de ufania do crente, o motivo de alegria do crente, substituindo todos os antigos valores e as antigas distinções. Ele está «...em todos...» por meio do seu Espírito, que em nós vem residir. Ele é «tudo para todos» (ver Efé. 1:23). A terminologia, «tudo e em todos», evidentemente foi tomada por empréstimo do vocabulário do panteísmo dos gnósticos, que imaginavam que Deus se manifesta em tudo, como se todas as coisas fossem «emanações» suas. Portanto, ele é a fonte de tudo, e, na redenção, tudo é pintado como «reabsorvido» por Deus, perdendo a sua individualidade. Essas eram idéias dos mestres gnósticos. Paulo, entretanto, rejeita o panteísmo e retém a individualidade de cada pessoa. Mas, para o apóstolo, só em Cristo é que nossa existência se reveste de significado. Isso pode ser confrontado com I Cor. 15:28, onde se lê que Deus é «tudo em todos». Uma vez mais se vê a justaposição entre Deus e Cristo, o que serve de prova indireta da divindade de Cristo. Nenhum mero homem, por mais exaltado que fosse, poderia ser considerado como tal.

Este versículo salienta novamente a preeminência absoluta de Cristo, o tema abordado longamente em Col. 1:15-20. A relação com Cristo transcende a todos os laços terrenos, porque se reveste de significação eterna. (Comparar com Efé. 1:23). Cristo «preenche a tudo»; a tudo ele dá significado, em sua existência. O fato que devem ser eliminadas as distinções de sexo, raça, religião e cultura era uma idéia nova e

revolucionária, nos dias de Paulo. Nada parecido com isso foi obtido, até agora, mas é o elevadíssimo alvo na direção do qual a igreja se movimenta. Não há classes privilegiadas, conforme pensavam os gnósticos erradamente. O evangelho promete um novo mundo, no qual haverá união e unidade. Que nossos corações se fixem naquele mundo.

Em conexão com o conceito da unidade que há na igreja cristã, em torno de Cristo, o terceiro capítulo da epístola aos Efésios apresenta-nos o interessante conceito que a igreja é o teatro e o campo experimental de Deus, porque nela o Senhor mostrará como, eventualmente, ele unirá a criação inteira, incluindo os seres angelicais e todas as dimensões espirituais, quando Cristo se tornar a Cabeça de tudo, tal como agora ele é o Cabeça da igreja. Em Cristo, portanto, tudo será unificado. Cristo dará sentido e razão para a existência de tudo.

*Já, na mente de Deus,
Ergue-se, bela, aquela cidade;
Eis, como seu resplendor desafia
As almas que grandemente ousam
Sim, ordena-nos a segurar o todo da vida
E edificar a sua glória ali.*
(Walter Russell Bowie)

«Deve ter sido estranho encontrar escravos e seus senhores, judeus e gregos, assentados em uma só mesa, ligados por laços fraternais. O mundo ainda não apreendeu plenamente essa verdade, e a igreja tem falhado lamentavelmente em mostrar que isso é uma realidade. No entanto, essa verdade rebrilha acima de todas as nossas guerras e cismas, acima das miseráveis distinções de classe, como um arco-íris da promessa, por baixo de cujo portal aberto, o mundo, um dia, passará para aquela terra rebrilhante, onde povos errantes serão reunidos em paz, ao redor dos pés de Jesus, havendo um só rebanho, porque há um só Pastor». (MacLaren, *in loc.*)

«Cristo ocupa a esfera inteira da vida humana e permeia todo o seu desenvolvimento» (Lightfoot, *in loc.*).

Referências e idéias. A presença habitadora do Espírito Santo:

1. O Espírito Santo habita na igreja, como seu templo (ver I Cor. 3:16). 2. Habita no conjunto dos santos, como seu templo (ver I Cor. 6:19 e II Cor. 6:16). 3. Foi prometido aos santos (ver Eze. 36:27). 4. Os santos desfrutam da presença habitadora do Espírito Santo (ver Isa. 63:11 e II Tim. 1:14). 5. Os santos são cheios da presença habitadora do Espírito Santo (ver Atos 6:5 e Efé. 5:18). 6. A presença habitadora do Espírito Santo é meio revivificador (ver Rom. 8:11). 7. É meio de orientação (ver João 16:13 e Gál. 5:18). 8. É prova da adoção (ver Rom. 8:15 e Gál. 4:5). 9. É algo permanente (ver I João 2:27). 10. Os que não têm a presença habitadora do Espírito Santo são sensuais (ver Jud. 19). 11. Não têm Cristo (ver Rom. 8:9). 12. Opõem-se a Deus devido à sua natureza carnal (ver Gál. 5:17).

12 Ἐνδύσασθε οὖν ὡς ἐκλεκτοὶ τοῦ θεοῦ, ἅγιοι καὶ ἡγαπημένοι, σπλάγχνα οἰκτιρμοῦ, χρηστότητα, ταπεινοφροσύνην, πραῦτητα, μακροθυμίαν,

12 (Θεοῦ), R) [καὶ] om B 1739 pc sa(1)

3:12: Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de coração compassivo, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade.

Neste ponto encontramos a pênitência de virtudes, a qual é precedida por duas pênitências de vícios (ver os versículos quinto e oitavo; ver as notas expositivas sobre essa forma literária, no quinto versículo deste capítulo).

«...Revesti-vos...» Paulo reinicia a metáfora do *despir* e do *vestir* (como que de roupas), a fim de expressar a idéia da revolução moral. A natureza velha é despida, com todas as suas corrupções; e a «nova natureza» (o «novo homem») é vestida, com todas as suas virtudes, porque essa é a natureza regenerada, que deve exibir a imagem de Cristo. (Ver essa metáfora salientada nos versículos oitavo e décimo). A velha e corrupta natureza é que nos leva a buscar aquelas coisas que são identificadas com o reino das trevas, como o orgulho, os interesses próprios, etc., que são atitudes contrárias ao amor e à graça.

Antes de entrar na questão das virtudes que o crente precisa exibir, o apóstolo usa três títulos acerca deles, «escolhidos», «santos» e «amados», todos os quais são freqüentes nas páginas do N.T. (Quanto aos *eleitos*, ver as notas expositivas em Rom. 8:29,30,33 e Efé. 1:4). Nesta última referência, são dadas as notas expositivas mais detalhadas sobre a «eleição». (Ver também I Ped. 1:2).

«...Santos...» Os crentes são «santos» (ver as notas expositivas a respeito, em Rom. 1:7). São santos, primeiramente devido à declaração forense de que foram aceitos por Deus, dentro da santidade de Cristo; em seguida, a própria santidade de Deus é implantada neles, de modo que a venham a possuir realmente, e não apenas como uma declaração divina. Trata-se da obra de santificação (comentada em I Tes. 4:3). Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14).

«...amados...» Notemos que, no trecho de Rom. 1:7, Paulo usa esse vocabulário em conexão aos «eleitos»; e os «santos» é que são os «chamados» de Deus, pelo que também todas as três idéias fazem parte daquela saudação. E são comentadas neste ponto. Temos aqui a menção ao «amor de Deus», aquele que enviou Cristo ao mundo, a fim de salvar aos homens (ver João 3:16). (Ver as notas expositivas, nessa referência, sobre o «amor de Deus»; e ver Gál. 5:22, que comenta sobre o «amor» como um dos aspectos do fruto do Espírito). Foi em amor que Deus nos predestinou para a adoção de filhos (ver Efé. 1:5). Israel, no tocante à eleição, é «amado» de Deus (ver Rom. 11:28). (Ver as referências abaixo, onde os crentes são chamados de «amados», de Deus ou de Paulo: Rom. 1:7; 12:19; 16:8,9,12; I Cor. 4:14,17; 10:14,15-58; II Cor. 7:1; 12:19; Efé. 6:21; Fil. 2:12; 4:1; Col. 3:12; 4:7,19,14; I Tes. 1:4; II Tes. 2:13; I Tim. 6:2; II Tim. 1:2; File. 1:2,16). Fomos aceitos no Amado (ver Efé. 1:6).

Com base na posição que tinham aqueles crentes, como eleitos de Deus,

12 ἐκλεκτοὶ τοῦ θεοῦ 1 Pe 2.9 σπλάγχνα...μακροθυμίαν Eph 4.2, 32

santos e amados, Paulo alicerça a necessidade de possuírem as virtudes em seguida mencionadas. Precisam possuí-las, a fim de ficar comprovada a validade e a realidade de sua posição espiritual.

«...ternos afetos de misericórdia...» No grego é usado o termo «splagchna», que indica as entranhas, usualmente as porções mais vitais do organismo, da porção superior do tronco, como o coração, os pulmões e o fígado, embora essa palavra, ocasionalmente, também indicasse os intestinos, e até mesmo o útero. Os antigos pensavam que as emoções têm sede nesses órgãos vitais, provavelmente devido à observação de que as emoções exercem efeitos definidos e até imediatos sobre eles. Daí a palavra veio a indicar «compaixão», «simpatia», «afeto». Essas compaixões e afetos são qualificados de «misericórdias», que no grego é «oiktirmos», «dó», «compaixão». Portanto, a tradução portuguesa que aqui temos é boa. Paulo exortava àqueles crentes que exercessem amor, misericórdia e compaixão de uns para com os outros, tal como Deus tem exercido essas atitudes benéficas para conosco. Deus é um Pai «misericordioso» (ver II Cor. 1:3).

Todas as virtudes aqui aludidas podem ser reputadas aspectos do fruto do Espírito Santo, mesmo quando os termos usados não coincidem diretamente com os de Gál. 5:22,23. São qualidades obtidas pelo avanço espiritual, mediante o poder residente e transformador do Espírito, o qual nos infunde a própria natureza moral de Cristo. Ele tinha *compaixão* das multidões e se mostrava rico em misericórdia. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Mat. 9:36). Deus é *rico em misericórdia*, tendo-nos amado com um grande amor, razão pela qual nos «vivificou» em Cristo (ver Efé. 2:4,5). Convém-nos participar dessas qualidades, que são espiritualmente transmitidas. Estão além das realizações humanas normais.

Referências e idéias. A misericórdia:

1. A misericórdia deve seguir o exemplo dado por Deus (ver Luc. 6:36). 2. Nos é recomendada (ver II Reis 6:21-23; Osé. 12:6; Rom. 12:20,21 e Col. 3:12). 3. Deve ser gravada em nossos corações (ver Pro. 3:3). 4. Deve ser uma das características dos santos (ver Sal. 37:26 e Isa. 57:1). 5. Deve ser mostrada com bom ânimo (ver Rom. 12:8). 6. Deve ser mostrada para com nossos irmãos (ver Zac. 7:9). 7. Deve ser mostrada para com os aflitos (ver Luc. 10:37). 8. Deve ser mostrada para com os pobres (ver Pro. 14:31 e Dan. 4:27). 9. Deve ser mostrada para com os desviados que sofrem (ver Luc. 15:18-20 e II Cor. 2:6-8). 10. Deve ser mostrada para com os animais (ver Pro. 12:10). 11. A misericórdia sustenta o trono dos reis (ver Pro. 20:28). 12. É benéfica para com os que a exercem (ver Pro. 11:17). 13. Há bem-aventurança no exercício da misericórdia (ver Pro. 14:21 e Mat. 5:7). 14. Os hipócritas não têm (ver Osé. 4:1,3; Mat. 18:23-35 e Tia. 2:13).

«...bondade...» No grego temos o termo «chrestotes». Seus sentidos possíveis são «bondade», «gentileza», «generosidade». Está em foco o trabalho e o viver «ativos» em favor do próximo, a fim de fazer-lhes o bem. Essa virtude é diretamente alistada em Gál. 5:22, como um fruto do

Espírito, sendo totalmente comentada aqui. (Ver a mesma palavra ser usada acerca de Deus, quanto à sua «bondade para conosco, em Cristo», em Efê. 2:7). Uma vez mais notamos que se trata de uma qualidade divina, infundida no ser humano, sendo esse um daqueles poderes que *transforma* o ser humano, para levá-lo a participar da imagem do Cristo divino. A «bondade» é uma qualidade benígna mais ampla que a «misericórdia», pois seu escopo é mais lato, já que tem motivos maiores que os da piedade e da compaixão. Trata-se do altruísmo puro em ação, o contrário do egoísmo. Baseia-se no amor e é nutrida pelo mesmo. É o amor em ação.

«...humildade...» No grego é «tapeinosophrone». (Ver I Cor. 1:29,31 quanto a notas expositivas a esse respeito. Consultar também Efê. 4:2; I Ped. 5:6 e Tia. 4:6,10). A forma nominal, usada aqui, se encontra por sete vezes no N.T., a saber, em Efê. 4:2; Col. 2:18,23; I Ped. 5:5 e Atos 20:19. Sua forma verbal ocorre por catorze vezes (entre as quais temos a ocorrência de Fil. 2:8). A passagem de Fil. 2:5-11 é a passagem mais profunda do N.T. sobre essa virtude. O «exemplo» de humildade dado por Cristo, o qual se humilhou a si mesmo, em sua missão terrena, é o tema dessa passagem. Devemos ter «sua mente» sobre essa questão, sacrificando-nos em favor de nossas respectivas missões, o que também requer ações altruístas, porque, do contrário, não poderão ter sucesso.

Referências e idéias. A humildade:

1. A humildade é necessária no serviço a Deus (ver Miq. 6:8). 2. Cristo é o exemplo máximo de humildade (ver Mat. 11:20; João 13:14,15 e Fil. 2:5-8). 3. É uma das características dos santos (ver Sal. 34:2). 4. Aqueles que são humildes são considerados por Deus (ver Sal. 138 e Isa. 66:2). 5. São ouvidos por Deus (ver Sal. 9:12 e 10:17). 6. Desfrutam da presença de Deus (ver Isa. 57:15). 7. São libertados por Deus (ver Jó 22:29). 8. São exaltados por Deus (ver Tia. 4:10). 9. São elevados por Deus (ver Luc. 14:11 e 18:14). 10. São os maiores no reino de Cristo (ver Mat. 18:4 e 20:26-28).

«...mansidão...» No grego é «prautes», «gentileza», «cortesia», «consideração», «mansidão». (Ver outros usos desse vocábulo, em Mat. 5:5 e Gál. 5:23, onde é incluso como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, e onde aparecem notas expositivas mais completas).

«...longanimidade...» No grego é «makrothumia», isto é, «paciência», «resistência», «constância», sendo, igualmente, um dos aspectos do fruto do Espírito, alistados em Gál. 5:22,23, e onde aparecem notas expositivas completas a respeito. Ao crente é ordenado que «seja constante» na fé, a despeito das circunstâncias adversas, e que seja «paciente» com os outros,

13 ἀνεχόμενοι ἀλλήλων καὶ χαρίζόμενοι ἑαυτοῖς ἕαν κύριος³ ἐχαρίσατο ὑμῖν οὕτως καὶ ὑμεῖς·

³ 13 |C| κύριος ^{pe} A B D* G ¹⁹⁰⁹ ito,d,dem,div,e,f,g,m,x,z vg Pelagius Augustine¹² // Χριστός ^{nc} C D^e K P Ψ 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 Byz Lect it^{ar},mon

13 χαρίζόμενοι ἑαυτοῖς ἀνὰ καθὼς...ὑμεῖς Mt 6:14; Eph 4:32; 5:2

Com base na força de P (46) unido aos melhores testemunhos de texto alexandrino e ocidental (A B D* G it (d,g) vg Espéculo al), a comissão preferiu κύριος, e explicou Χριστός (N^c C D (c) K P Ψ 614 1739 Byz Lect it (61,86) sir (p,h) cop (sa,bo) gôt etí Clemente al) como uma interpretação feita por copistas do mais indefinido κύριος, e as duas outras variantes (θεός N* e θεός ἐν Χριστῷ 33 ara Agostinho 1/2) como devidas à assimilação escribal (parcial ou completa) a Efê. 4:32.

3:13: suportando-vos e perdando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como o Senhor vos perdoou, assim fazei vós também.

Na epístola aos Efésios, temos um paralelo a esta declaração em Efê. 4:2, onde, juntamente com a «humildade e a mansidão, com a longanimidade», os crentes são exortados a se «suportarem» uns aos outros, em «amor». A questão do «perdão mútuo» se acha em Efê. 4:32. Esse conceito se baseia sobre a «bondade» e a «ternura». Ali o perdão é vinculado ao fato que Deus nos perdoou mediante Cristo, por sua causa. A combinação dessas duas referências incorpora todas as idéias constantes do presente versículo, e as notas expositivas mais completas se acham naqueles lugares.

«...Suportai-vos uns aos outros...» (Ver as notas expositivas em Efê. 4:32). Esse perdão é possível quando o amor de Deus se acha em nossos corações, quando há gentileza e ternura no seio da comunidade cristã. Os homens farão coisas que exigem perdão da parte de outros, até mesmo no meio dos crentes, tal como os homens ofendem a Deus todos os dias. Faz parte da experiência humana que pouquíssimos crentes deixarão de perdoar a outros, e com atitude boa, se seus ofensores não lhes tirarem o auto-respeito. Porém, geralmente, quando as pessoas são ofendidas, tornam-se orgulhosas e altivas, tornando-se inabordáveis, pelo que o perdão não é buscado e, em consequência, não é dado.

«...caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem...» No grego temos o vocábulo «momphe», sendo aqui a única vez em que essa palavra figura em todo o N.T. Ela significa «causa de culpa». Deus sempre tem muitos motivos de queixa contra os homens. No entanto, ele os perdoa. Aos crentes é determinado que sigam a mesma forma de conduta.

Referências e idéias. As contendas:

1. Cristo nos deu o grande exemplo de como evitar as contendas (ver Isa. 42:2 com Mat. 12:15-19; Luc. 9:52-56 e I Ped. 2:23). 2. As contendas são proibidas (ver Pro. 3:30 e 25:8). 3. São uma das obras da carne (ver Gál. 5:20). 4. São uma evidência de espírito carnal (ver I Cor. 3:3). 5. Manifestavam-se até mesmo na igreja primitiva (ver I Cor. 1:11). 6. As contendas são excitadas pelo ódio (ver Pro. 10:12). 7. Pelo orgulho (ver Pro. 13:10).

Variante Textual: As palavras «Cristo perdoou» fazem parte dos mss Aleph

14 ἐπὶ πᾶσιν δὲ τούτοις τὴν ἀγάπην, ὃ ἐστὶν σύνδεσμος τῆς τελειότητος.

14 τελειότητος (Eph. 4:3, 13) ἐνότητος D*G Ambst

3:14: E, sobre tudo isto, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição.

O amor nos é aqui recomendado por ser a maior de todas as virtudes,

mostrando-lhes a mesma longanimidade, em suas faltas, que Deus mostra para com as nossas próprias falhas. Isso pode ser comparado com Tia. 3:7. O décimo terceiro versículo deste capítulo tem início com essa idéia, «Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente...» Essas virtudes têm por finalidade abafar a natureza humana normalmente egoísta. E isso nos ensina que a verdadeira vida cristã consiste de vivermos em prol dos outros, segundo demonstrou supremamente o Cristo. Trata-se de um princípio áureo do evangelho que aquele que avança na inquirição espiritual é aquele que «perde a própria vida» por amor a Cristo e a seu evangelho (ver Marc. 8:35). Isso significa que esse considerará a sua vida apenas um meio de trazer benefício a outros, do tipo de ação que o próprio Cristo foi o exemplo supremo. A perda da própria vida significa a vitória sobre o egoísmo, em que somos cheios de Cristo, de modo a darmos ao mundo algo daquilo que Cristo deu. Nós somos o «Cristo» que atualmente vive no mundo.

«Olhai para Cristo e vede nele a perfeição. Viveu ele a mais livre vida que já houve. Nada podia segurá-lo... Ele agiu com base na divindade que nele havia, segundo os mais nobres ideais de liberdade. Mas, não havia compulsão em sua atuação? Ouçamo-lo: 'Devo estar ocupado no trabalho de meu Pai'. Não teria sido por compulsão que ele fez aquelas viagens intermináveis, dolorido de pés e de coração, através de sua terra ingrata? 'Devo trabalhar hoje'. Qual escravo do pecado foi jamais impulsionado por sua iniquidade, como Cristo era impulsionado por sua santidade? Que força jamais impeliu um homem egoísta a sua indulgência voluptuosa, com a metade da irresistibilidade que forçou o Salvador até à cruz? Ó, meus caros amigos, quem não sonha para si mesmo uma liberdade tão completa e inspiradora como a do Senhor?» (Phillips Brooks, «The Candle of the Lord and other Sermons», pág. 197).

Referências e idéias. As boas obras:

1. Cristo é o grande exemplo de boas obras (ver João 10:32 e Atos 10:38). 2. As boas obras são chamadas de bons frutos (ver Tia. 3:17). 3. São chamadas de frutos dignos do arrependimento (ver Mat. 3:8). 4. De frutos da justiça (ver Fil. 1:11). 5. De obras e de labor de amor (ver Heb. 6:10). 6. São feitas por meio de Cristo, para glória e louvor de Deus (ver Fil. 1:11). 7. Só os que permanecem em Cristo podem produzir boas obras (ver João 15:4,5). 8. São operadas por Deus em nós (ver Isa. 26:12 e Fil. 2:13). 9. As Escrituras visam levar-nos à prática das boas obras (ver II Tim. 3:16,17 e Tia. 1:25). 10. Devem ser realizadas em nome de Cristo (ver Col. 3:17).

syrr^h cops^a,bo goth eth Clement Ambrosiaster Chrysostom Theodore^{1a} Euthalius Leo Theodoret Antiochus John-Damascus // θεός N* // θεός ἐν Χριστῷ 33 arm Augustine¹²

13 μομφήν] μεμψιν D*¹; οργήν G^o |

(2,3), CD(3,4)KLP e da maioria dos manuscritos posteriores, principalmente os manuscritos da tradição bizantina. Mas as palavras «o Senhor perdoou» fazem parte dos mss P(46), ABD(1)G, os latinos d,e,f e g e da Vulgata. Os ms Aleph diz simplesmente «Deus perdoou», ao passo que ainda outros dizem «Deus perdoou em Cristo», conforme dizem os mss 17 e da tradição aramaica. O texto que originou a todas essas variantes é o que diz «Senhor», que certamente é o original, dotado também da maior autoridade. «Cristo», como interpretação da palavra «Senhor», é uma interpretação correta, embora não passe de uma interpretação. (Quanto a «Senhor» como um dos títulos de Cristo, conforme essa palavra é mais geralmente usada nas páginas do N.T., ver Rom. 1:4). Talvez houve a substituição, em alguns manuscritos, pela palavra «Deus», devido à relutância em reconhecer em Cristo a autoridade de perdoar pecados; ou então porque normalmente é Deus quem aparece como aquele que perdoa aos pecados. A glosa «Deus em Cristo», foi feita em imitação ao trecho de Efê. 4:32, que é paralelo a esta passagem. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «perdão dos pecados», ver Atos 2:38 e Rom. 3:25 e 4:7). Esta passagem não contradiz o conceito de Mat. 6:14,15, e nem toma seu lugar, onde se aprende que o perdão de nossos pecados depende de nossa disposição em perdoar aos nossos ofensores. (Ver as notas expositivas naquele trecho).

«...para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados...» (Mat. 9:6). Portanto, as Escrituras atribuem o poder de perdoar tanto ao Filho como ao Pai. O presente versículo e esse que acabamos de citar são os dois únicos exemplos, em todo o N.T., de que Cristo tem autoridade para perdoar pecados. (O evangelho de Mateus tem paralelos nos outros evangelhos, mas todos baseados em um único incidente). Cristo perdoou, deixando-nos um admirável exemplo a ser seguido.

Referências e idéias. O exemplo de Cristo:

1. O exemplo de Cristo é perfeito (ver Heb. 7:26). 2. Nossa conformidade ao exemplo de Cristo é exigida na santidade (ver I Ped. 1:15,16 com Rom. 1:6). 3. Na retidão (ver I João 2:6). 4. Na pureza (ver I João 3:3). 5. No amor (ver João 13:34; Efê. 5:2 e I João 3:16). 6. Na humildade (ver Luc. 22:27 e Fil. 2:5,7). 7. Na mansidão (ver Mat. 11:29). 8. Na obediência (ver João 15:10). 9. Na autonegação (ver Mat. 16:24 e Rom. 15:3). 10. No serviço prestado a outros (ver Mat. 20:28 e João 13:14,15).

14 Ro 13:8, 10; Eph 4:3

além de ser também a base de todas elas. O décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios deixa claro que até mesmo o exercício dos maiores dons é algo inútil se não estiver alicerçado no amor, e que dentre as

três grandes virtudes cristãs, o amor, a fé e a esperança, o amor é a maior delas. A questão do «amor» tem sido comentada em vários lugares deste comentário, juntamente com poemas ilustrativos. (Ver as notas seguintes: Sobre o «amor de Deus», João 3:16; sobre o amor como «princípio normativo da família de Deus, João 14:21 e 15:10; sobre o fato que o amor de Deus é derramado em nossos corações pela ação do Espírito Santo, Rom. 5:8; sobre o amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo», uma graça espiritual, um produto do desenvolvimento espiritual, ver Gál. 5:22; e sobre o «hino de elogio ao amor», ver todo o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

«...vínculo...» No grego, temos aqui o mesmo termo traduzido por «ligamentos», em Col. 2:19. Provavelmente a metáfora sobre a fisiologia continuava na mente de Paulo. Há na igreja certa unidade, como a de um corpo humano. Muitas coisas fazem parte do corpo humano, completando-o e aperfeiçoando-o. Há também aqueles elementos que tornam o corpo humano um todo unificado. Assim também, na igreja, há muitos elementos, cada um contribuindo algo para a unidade geral e o bem-estar; há muitas virtudes que devem ser expressadas; há muito crescimento a ser atingido; todavia, o amor é o elemento que unifica a todos esses elementos, tornando-os harmônicos entre si. Uma igreja local sem amor cristão é como um corpo sem seus ligamentos, a saber, um monstro sem controle. No entanto, devemos ser «perfeitos» como o nosso Pai celestial é perfeito (ver Mat. 5:48), o que é algo totalmente impossível sem o amor. O amor é um dos aspectos do «fruto do Espírito», ou seja, um produto do desenvolvimento espiritual. Trata-se de algo divino, devido à influência benéfica do Espírito de Deus, sobre o crente ou sobre o incrédulo. Todo o amor genuíno que há no mundo depende de sua operação e influência; e a vida humana seria vivida em meio a uma selva de violência, não fora essa influência do Espírito Santo.

«...da perfeição...» Em outras palavras, o amor é: 1. A virtude que completa a todas as demais virtudes, tornando-as maduras e completas. 2. Por ser a maior de todas as virtudes, aperfeiçoa agora à igreja, na unidade, tornando-a uma espécie de prefiguração do estado eterno, que será perfeito. 3. Um «laço perfeito», que envolve a súpula total das virtudes, perfazendo a perfeição. O amor promove a perfeição, sendo, ele mesmo, um laço perfeito. 4. A principal idéia, provavelmente, é que o amor faz com que todas as virtudes, consideradas em seu conjunto, sejam a expressão da espiritualidade íntima, a «perfeição» do caráter cristão, que é aquilo que devemos compreender, se temos aqui, no original grego, o uso do genitivo objetivo.

«Mas duas coisas não podem ser unidas entre si, sem uma terceira; precisam de algum laço de união. E o melhor laço é aquele que mais completamente funde e se deixa fundir nas coisas que liga». (Platão, *Timaeus*, 31).

A idéia da perfeição, nas páginas do N.T., nunca é reduzida à mera maturidade espiritual. É verdade que o homem mortal, mesmo que tenha atingido a «impecabilidade» (o que é duvidoso), não pode participar das perfeições positivas do Senhor Deus, de toda a plenitude divina (ver Efê. 3:19). Mas nosso alvo é a participação em todas as perfeições morais positivas de Deus, até à extensão em que Deus as possui. Então haveremos de amar como Deus ama, e seremos dotados da mesma bondade, misericórdia, justiça, etc., que ele tem. Porém, visto que Deus é um ser

15 καὶ ἡ εἰρήνη τοῦ Χριστοῦ βραβεύετω ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν, εἰς ἣν καὶ ἐκλήθητε ἐν ἐνὶ σώματι καὶ εὐχάριστοι γίνεσθε. 15 ἡ εἰρήνη... ὑμῶν Php 4:7 ἐκλήθητε... σώματι 1 Cor 12:13, 27; Eph 4:4

15 Χριστοῦ] (Phil. 4:7) Θεοῦ KL pm Ambst ζ | εν] om p⁴⁶B 1739 sa

3:15: E a paz de Cristo, por a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.

Variante Textual: As palavras «a paz de Cristo» figuram nos mss P(46), Aleph(1), ABC(1)D(1)FGP. Mas as palavras «a paz de Deus» figuram nos mss Aleph(3), D(2,3)EKL, e na maioria dos manuscritos posteriores, principalmente nos manuscritos minúsculos da tradição bizantina. Dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação, no presente comentário, somente as traduções AC e KJ dizem «a paz de Deus». Todas as demais seguem a forma original clara, que conta com o apoio dos manuscritos de maior valor e antiguidade. O vocábulo «Cristo» foi modificado para «Deus», porque essa é a expressão mais comum. Há um versículo semelhante a esse, em Fil. 4:7, que talvez lhe seja uma reminiscência; ou então algum outro versículo parecido originou esta variante.

«...o árbitro em vossos corações...» No grego temos «brabeuo», «julgar», «decidir», «governar», «agir como árbitro». Vem da raiz «brabeus», «juiz», palavra grega que originalmente indicava aquele que distribuía os prêmios nas competições atléticas. Mais tarde, tal termo veio a indicar qualquer juiz ou árbitro. O coração, o homem interior, a alma, deve contar com um poder que regula toda a vida do crente. E esse poder é a paz de Cristo, a saber, a confiança para com Deus, o que nos é conferido quando aceitamos o caráter de Salvador e Senhor que Cristo tem, quando confiamos nele quanto à realização de sua vontade em tudo. Tal retidão promove nosso próprio benefício, e isso, no que se aplica à alma, e não apenas no que se aplica aos confortos e vitórias da vida presente, por estar em foco a própria eternidade. A cruz de Cristo trouxe a «paz», porque também produz a «reconciliação». Cristo acalmou o conflito universal em sua cruz, prometendo a restauração de tudo em torno de si mesmo, como Cabeça e Senhor, segundo se aprende em Efê. 1:10. Dentro da doutrina da «justificação» se aprende que Cristo estabeleceu a paz entre nós e Deus (ver Rom. 5:1). Uma mensagem importante da epístola aos Efésios é que a igreja é a ilustração do propósito divino de produzir unidade universal. Na igreja, pois, essa unidade é obtida mediante a derrubada de todas as barreiras como raça, credo, sexo e posição social, conforme se vê no décimo primeiro versículo deste mesmo capítulo. Aquilo que Deus faz na igreja, por meio de Cristo, torna-se lição objetiva para a contemplação da criação inteira; então ele promete fazer,

infinito, a busca pelas suas perfeições também é algo infinito; essa inquirição é a base mesma de toda a existência na eternidade. O amor é o caminho mais rápido que há de retorno a Deus, sendo a base do exercício de todas as outras virtudes; e a maioria dessas virtudes, de alguma maneira, compõe-se apenas de formas de expressão do amor.

Como Atua O Amor

1. O amor é tão poderoso que cumpre todos os requisitos da lei. Não faz mal ao próximo; antes, lhe promove o bem-estar. (Ver Rom. 13:10 quanto a esse conceito).

2. Faz pelo próximo aquilo que é natural fazermos por nós mesmos, e é assim que um homem chega a amar a Cristo (ver Mat. 25:35 e ss.).

3. O amor é a grande prova da espiritualidade, tendo origem no novo nascimento (ver I João 4:7).

4. O amor é o solo onde são cultivadas pelo Espírito, todas as demais virtudes espirituais (ver Gál. 5:22,23).

Referências e idéias. O amor ao próximo:

1. O amor ao próximo vem de Deus (ver I João 4:7). 2. É ordenado pelo Senhor (ver I João 4:21). 3. É determinado por Cristo (ver João 13:34; 15:12 e I João 3:23). 4. É segundo o exemplo dado por Cristo (ver João 13:34; 15:12 e Efê. 5:2). 5. É ensinado por Deus (ver I Tes. 4:9). 6. A fé opera pelo amor (ver Gál. 5:6). 7. O amor é um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22 e Col. 1:8). 8. A pureza de coração leva ao amor ao próximo (ver I Ped. 1:22). 9. Esse amor é explicado (ver I Cor. 13:4-7). 10. É um princípio ativo (ver I Tes. 1:3 e Heb. 6:10). 11. É um princípio permanente (ver I Cor. 13:8,13). 12. É o segundo maior mandamento (ver Mat. 22:37-39). 13. É o fim da lei (ver I Tim. 1:5). 14. Os dons espirituais nada são sem o amor (ver I Cor. 13:1,2). 15. Os maiores sacrifícios nada são sem o amor (ver I Cor. 13:3). 16. O amor é especialmente recomendado aos ministros da Palavra (ver I Tim. 4:12 e II Tim. 2:22).

«...acima de tudo isto, porém...» Essas palavras podem dar a entender: «...ansiai mais, porém, por demonstrar o amor do que por demonstrar paciência e perdão, pois o amor é a maior qualidade, a raiz de todas as virtudes.» Ou então poderíamos ter aqui a continuação da metáfora do vestuário. Neste caso, é como se o apóstolo tivesse escrito: «Porém, acima de todas as virtudes, revesti-vos do amor». E isso seria feito mais ou menos do modo como o cinto era passado por cima de todas as demais vestes, para segurá-las no lugar. No dizer de Hewlett (*in loc.*): «Temos aqui uma alusão elegante ao cinto usado pelos orientais, que não somente era ornamental e caro, mas também era posto em último lugar, servindo para ajustar as demais peças das vestes, unificando-as». Todavia, ainda que talvez essa metáfora esteja em pauta, a outra idéia continua de pé.

O amor é o mais nobre produto do desenvolvimento espiritual. Aquele que ama paulatinamente se vai tornando semelhante a Deus, sendo inspirado por ele. O amor resulta do poder do Espírito Santo, em nós residente. Se buscarmos esse poder, estaremos, ao mesmo tempo, buscando saber como se ama. O amor é produto da «espiritualização» do espírito humano. O alvo absoluto consiste de amarmos como Cristo amou, pois ele é o grande modelo de todas as virtudes espirituais.

Variante Textual: A palavra perfeição figura na maioria dos manuscritos, incluindo os mss P(46), Aleph, AB. Mas alguns manuscritos -- DG, e muitos manuscritos da versão latina -- dizem «unidade». Trata-se de uma interpretação escribal, acerca do que se trata da perfeição buscada. Certamente, porém, a primeira dessas formas é a original.

universalmente, o verdadeiro Senhor de tudo. Esse é o «mistério da vontade de Deus», que ocupa o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, sendo comentado em Efê. 1:10.

A paz, por conseguinte, é um produto da cruz, e floresce mediante a operação do Espírito Santo, por ser, igualmente, um dos aspectos do seu «fruto» (ver as notas expositivas a respeito, em Gál. 5:22). Essa é a paz que sossega o conflito universal, trazendo tudo aos pés de Cristo, em unidade e harmonia. Aquilo que Cristo produz no indivíduo, também fará nas esferas todas da criação e entre todos os seres inteligentes. A paz, portanto, atua entre nós como um árbitro; é o fator que regula e controla toda a nossa existência, quando vivemos para Cristo e segundo o poder do seu Santo Espírito. De onde procedem os conflitos e as contendas, no seio das igrejas locais? De nossa natureza carnal e não-regenerada.

«...corações...» Temos aqui uma expressão metafórica de uso freqüente, e que indica o «homem interior», o «homem essencial», a «alma», e não somente a porção intelectual ou emocional do ser humano. Seja como for, até mesmo esses aspectos do nosso ser são expressões da alma, em suas manifestações vitais. A paz, assim sendo, é uma graça espiritual interna, que não depende das circunstâncias externas. Consiste da harmonia com Deus e da unidade com nossos semelhantes. A paz é um dos aspectos do fruto do Espírito, um produto do desenvolvimento espiritual, uma qualidade divina, conforme se aprende melhor através das notas expositivas acerca de Gál. 5:22. (Ver as notas expositivas completas sobre a «paz», além daquilo que é comentado neste versículo, e com o acompanhamento de poesias ilustrativas, em João 14:27 e 16:33).

«...à qual, também, fostes chamados...» Está aqui em pauta a chamada eficaz de Deus, mediante a eleição, o que é ampla e completamente comentado em Rom. 8:30. Deus chama homens ao seu reino, à sua retidão, à sua salvação, tudo o que é oferecido em Cristo. Ao assim fazer, ele chama os homens à «paz», à confiança em si mesmo, à vitória da alma, em meio ao conflito, à unidade e à harmonia. E isso, primeiramente no seio da igreja, e então nos lugares celestiais, onde a contenda é eliminada; ele nos chama à perfeita reconciliação à perfeita harmonia consigo mesmo.

Referências e idéias. O chamamento de Deus:

1. O chamamento de Deus se dá por meio de Cristo (ver Isa. 55:5 e Rom. 1:6). 2. Por meio do Espírito Santo (ver Apo. 22:17). 3. Por suas obras (ver Sal. 19:2,3 e Rom. 1:20). 4. Por meio de seus ministros (ver Jer. 35:15 e II Cor. 5:20). 5. Por meio de seu evangelho (ver II Tes. 2:14). 6. A chamada nos tira das trevas (ver I Ped. 2:9). 7. E endereçada a todos essa chamada (ver Isa. 45:22 e Mat. 20:16). 8. A maioria dos homens rejeita a chamada divina (ver Pro. 1:24 e Mat. 20:16). 9. Esse chamamento é eficaz no caso dos santos (ver Sal. 110:3; Atos 2:47; 13:48 e I Cor. 1:24).

«...em um só corpo...» Essa reconciliação com Deus, bem como a paz assim obtida, fazem com que todas as porções da igreja entrem em harmonia umas com as outras, unificando membro a membro, sem importar suas raças; e também são unidos homens e mulheres, esposos e esposas, harmonia quanto ao credo e às práticas, sendo esquecidas as antigas e falsas superioridades, ao mesmo tempo em que Cristo se torna tudo para todos. (Ver o décimo primeiro versículo deste capítulo, e comparar com Efê. 2:14 e ss, onde fica demonstrado, especificamente, como essas coisas foram eliminadas, embora separassem judeus de gentios, e como agora Cristo se tornou a «paz» de ambos, os quais são unidos assim, formando um só corpo). Esse corpo se faz o próprio templo de Deus, para moradia de seu Espírito Santo. E assim seus membros passam a desfrutar de acesso direto a Deus, o que ultrapassa os antigos e superficiais acessos, através da lei e do templo físico.

Um «corpo» precisa de gozar de unidade e da cooperação entre todos os seus membros, porque, do contrário, tornar-se-á enfermo e morrerá. Nem todas as funções do corpo visam o benefício exclusivo do órgão que funciona, mas visam o benefício de todos os membros, formando um todo. Um membro enfermo adoece o corpo todo. A saúde de cada membro

16 ὁ λόγος τοῦ Χριστοῦ⁴ ἐνοικεῖτω ἐν ὑμῖν πλουσίως,^a ἐν πάσῃ σοφίᾳ^a διδάσκοντες καὶ νοουθετοῦντες ἑαυτοὺς^b ψαλμοῖς, ὕμνοις, ᾠδαῖς πνευματικαῖς^c ἐν [τῇ] χάριτι^c ᾄδοντες ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν τῷ θεῷ⁵.

⁴ 16 {B} Χριστοῦ^p 16 N^c B C² D G K P Ψ 81 181 326 614 629 630 1739 1877 1881 2492 2495 Byz Lect it^a r, c, d, dem, div, e, f, g, m, mon, x, z vg syr^p h cop^{sa}, bo^{ms} goth arm Ambrosiaster Chrysostom Euthalius John-Damascus // θεοῦ A C*

⁵ 16 {B} θεῷ^p 16 N^c A B C* D* G Ψ^c 33 81 1739 1881 (1962 2127 transpose τῷ θεῷ after ᾄδοντες) it^d, div, e, f, g, m, mon, x, z vg syr^p h cop^{sa}, bo arm Clement Ambrosiaster Chrysostom²¹³ Euthalius // κυρίῳ C² D^c K Ψ*

^a 16 a minor, a none: Bov Nes BF² ASV RSV (NEB) TT Zür (Luth) (Jer) Seg // a none, a minor: TR WH AV RV ASV^{ms}

Luth Seg // b minor: TR Bov Nes BF² RSV (NEB) TT (Jer)

ASV (NEB) (Zür) (Luth) (Jer) (Seg)

ψαλμῶν. ἑαυτοὺς ψ. ε R) | ὑμνοῖς] præt et add καὶ (AI) pm ε | (πνευματικαῖς), ε R) | ἐν τη χ. p⁴⁶ K^{BD} G 1739 al CI] ἐν χ. N* AC pm ε; R: om C² I pc vg(1) |

16 διδάσκοντες...θεῷ Eph 5:19

θεοῦ p⁴⁶ pm d π. σοφία διδ. πλ. ἐν π. σοφία διδ. ε R) | (ἑαυτοὺς,

33 104 330 436 451 1241 1962 1984 1985 1990, 1995 eth Augustine Theodoret Theophylact^{ms} // κυρίου N* I 2127 cop^{bo} Clement

104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1984 1985 2492 2495 B₁ z Lect it^a r, c, dem, (giz) cop^{bo} ms goth Ambrosiaster Ephraem Chrysostom¹¹³ Pelagius Theodoret John-Damascus // omit Pelagius

^b 16 b none: WH AV RV ASV Zür

^c 16 c none, c none: TR Bov Nes BF² RSV TT // c none, c minor: WH // c minor, c none: AV RV

⁴ Ao invés da incomum expressão, «a palavra de Cristo», que não ocorre em nenhum outro trecho do N.T., vários testemunhos substituem-na pela mais costumeira «a palavra de Deus» (A C* 33 451 1241 al), ou por «a palavra do Senhor» (N* 1 2127 cop (bo) Clemente). Χριστοῦ é fortemente apoiada por p⁴⁶ N^c B C (2) D G K P Ψ 81 614 1739 Byz Lect it vg sir (p), h) cop (sa, bo) (ms) gót ara al.

⁵ Em lugar de θεῷ, que é fortemente apoiada por testemunho antigo e diversificado (p⁴⁶ vid N^c A B C* D* G Ψ^c 33 81 1739 it (d, g, 86) vg sir (p, h) cop (sa, bo) ara Clemente Espéculo al), o Textus Receptus, influenciado pelo paralelo de Efê. 5:19 (onde não há variação), substitui essa palavra por κυρίῳ, juntamente com C (2) D (c) K Ψ* 614 Byz Lect IT (61) gót al.

3:16: A palavra de Cristo habite em vós ricamente, em toda a sabedoria; ensinaí-vos e admoestai-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações.

«...a palavra de Cristo...» (Ver Rom. 10:17 quanto a notas expositivas sobre a expressão «palavra de Cristo». Ver também sobre «palavra do Senhor», isto é, de Cristo, em Atos 13:38, 44, 49; 16:32 e 19:10, além de I Tes. 1:8 e 4:15). A expressão «palavra de Deus» é de emprego mais freqüente, mas, nas páginas do N.T., usualmente significa a mesma coisa que «palavra de Cristo». (Ver exemplos disso em Atos 4:31; 6:2; 11:1; 18:11; 19:20; I Cor. 14:36; II Tim. 2:9). Outras expressões também são usadas, como «palavra da promessa» (ver Rom. 9:9), «palavra de reconciliação» (ver II Cor. 5:19), «palavra da verdade» (ver II Cor. 6:7), «palavra da vida», ver Fil. 2:16, ou simplesmente «palavra» (ver Fil. 1:14). Todas essas variegadas referências aludem à «mensagem acerca de Cristo», o «evangelho», o qual, por ter vindo da parte de Deus, é a mensagem de esperança aos homens. Trata-se da palavra do «Senhor», que o declara Senhor; e é a palavra «da vida» e «da verdade», incluindo os muitos ensinamentos apostólicos que surgiram em redor da mensagem evangelística. Nessas expressões bíblicas, entretanto, não há qualquer alusão às Escrituras do Antigo ou do Novo Testamentos, embora contenham elas, em forma escrita, a mensagem falada. Pelo contrário, temos aqui alusão à mensagem dada por Deus, e que os apóstolos e outros cristãos primitivos saíram a pregar oralmente. Posteriormente, essa «palavra» tomou forma escrita no N.T., apesar do que, nenhuma das referências à «palavra», no próprio N.T., sob qualquer de seus outros títulos, alude a esse fato.

«...Habite ricamente em vós...» Os crentes de Colossos deveriam dar atenção à mensagem cristã, acolhendo-a integralmente, tornando-a parte vital de suas próprias almas. Também lhes convinha resguardarem-se das perversões produzidas pelos mestres gnósticos, preferindo exaltar o senhorio de Cristo, bem como sua plena capacidade de salvar, como doutrinas que devem ser cridas e experimentadas. O evangelho tem uma expressão evangelística, mas também deve ser encarado sob seus ângulos didáticos, no que tange à natureza da vida e aos seus deveres, tudo o que faz

contribui para a higidez do corpo inteiro. A harmonia e a saúde obtidas por esse «corpo» serve de ilustração sobre a saúde e a harmonia universais que Deus busca concretizar em toda a sua criação, conforme é comentado acima.

«...e sede agradecidos...» No grego temos a palavra «eucharistos», «grato», «cheio de gratidão». Essa gratidão se dirige a Deus, no reconhecimento daquilo que ele tem feito por nós, por intermédio de Cristo, sendo produzidas em nós a unificação e a confiança nele, o que nos insuflou a esperança sobre a eternidade, o que ultrapassa o que pertence a esta esfera terrena. Essa atuação divina nos infundiu esperança final, bem como boas razões para a existência. O décimo sexto versículo deste capítulo mostra que até mesmo o cântico de hinos, de salmos e de cânticos espirituais deve ser, pelo menos em parte, expressão de nossa gratidão ao Senhor. O décimo sétimo versículo recomenda que sejamos gratos em todas as ações da vida, tudo quanto fizermos, por palavra ou por ação, deve ser uma expressão contínua de gratidão. A ausência do senso de gratidão é uma das principais raízes da apostasia, conforme se aprende em Rom. 1:21. (Ver as notas expositivas em Efê. 5:20, sobre o tema «devemos ser gratos por tudo»; e em I Tes. 5:18, sobre o tema «em tudo dai graças». Ver também Col. 1:3, 12, bem como as notas expositivas ali existentes, onde já figura o tema das ações de graça. Nesse décimo segundo versículo aprendemos que devemos ser gratos porque fomos feitos dignos de habitar no reino celestial. A nota expositiva detalhada sobre as «ações de graça», aparecem em I Tes. 5:18).

«A gratidão é um tema proeminente para o apóstolo Paulo—ele usa essa palavra por nada menos de quarenta e uma vezes» (Faucett, in loc.).

parte da mensagem cristã. Essa mensagem habitaria nos crentes se Cristo mesmo fosse acolhido por eles, em seus corações. Assim é que Cristo se torna a mensagem viva que vem habitar nos crentes; e a mensagem proferida por eles, mui naturalmente, haverá de exaltar ao Senhor. (Isso pode ser confrontado com a passagem de Efê. 4:17, onde se lê: «...e assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé...»). O presente versículo pode ser corretamente utilizado como um incentivo ao estudo da «palavra» (escrita), porquanto esta é expressão tanto da Palavra viva como da mensagem falada, que devem habitar ricamente em todos nós, os crentes.

Acerca de F.D. Maurice, alguém disse: «Ele viveu como poucos homens têm vivido no ser divino. Ele foi... 'um esplendor espiritual...' O divino o abraçava... E isso foi mais do que qualquer coisa que fez dele o poder espiritual que ele foi. Na presença de Maurice, dificilmente era possível alguém duvidar da esfera divina, da vida espiritual». (John Tullick, *Movements of Religious Thought in Britain During the Nineteenth Century*, pág. 293).

O termo grego aqui traduzido por «habitar» é «enoikeo», que significa exatamente isso, ou «fixar residência». Vem do vocábulo grego «oikos», «casa» ou «moradia».

«...ricamente...» No grego é «plousios», «de forma abundante», «de forma rica». São salientadas as idéias de riqueza e de abundância. A palavra que em nós habite torna-se um tesouro para o crente, e esse tesouro é superabundante. E tal crente aprenderá a sacrificar a tudo o mais, em troca dessa riqueza.

«...instruí-vos...» A palavra de Cristo, que em nós venha habitar, é retratada aqui como um instrutor. Isso salienta a importância e o valor indispensável do ensino.

A Importância Do Ensino Cristão

1. Ensinemos por meio de palavras, pela mensagem dos hinos, pela força do exemplo. O ensino faz parte da Grande Comissão (ver Mat. 28:20).

2. Os dons espirituais existem para servir de auxílio no ministério do ensino, e o alvo de tudo é a maturidade espiritual, o crescimento e

aperfeiçoamento dos santos (ver Efê. 4:11 e ss.).

3. Os verdadeiros mestres são dádivas divinas à igreja, para seu benefício (ver Efê. 4:11). E o dom do «conhecimento» é dado especialmente aos mestres, a fim de que sejam eficazes em seu ministério (ver I Cor. 12:8).

4. O ensino tem um efeito «edificador». Portanto, é importante, se a igreja tiver de ser «edificada». O ensino é vital para esse propósito.

5. As Escrituras Sagradas nos foram transmitidas nessa forma escrita a fim de que o ministério do ensino fosse facilitado e se tornasse mais eficaz.

6. Acima de tudo o mais, Cristo foi o Mestre supremo. Se seguirmos o exemplo que nos deixou, sem dúvida haveremos de ensinar.

7. Aqueles que somente evangelizam, negligenciando o ensino cristão, terão de contentar-se com uma igreja infantil, carnal, com disputas e cisões na igreja local. Um povo faminto espiritualmente, será um povo infeliz.

8. A ausência de ensino cristão arma o palco para a apostasia (ver Heb. 6:1 e ss.).

9. Chega um tempo, na vida de cada crente, que se espera que ele se torne um mestre, e não um aprendiz (ver Heb. 5:12).

10. Observemos a importância emprestada por Paulo à necessidade de haverem homens bons que sejam mestres de outras pessoas na fé cristã, para que esta possa passar de uma geração à outra (ver II Tim. 2:2).

«...instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente...» O primeiro desses verbos é «didasko», palavra que comumente significava «ensinar», «instruir», usada por noventa e sete vezes no N.T., em forma verbal, trinta vezes em forma nominal, e que por cinquenta e oito vezes refere-se aos agentes a instrução, os «mestres». Bastaria isso para mostrar a ênfase que o N.T. dá ao ensino. O segundo desses verbos, no grego, é «noutheteo», que significa «adverter». Provavelmente o primeiro desses verbos indica o ensino «positivo», ao passo que o segundo aponta para as «advertências» que devem ser feitas. Ambas essas ações têm lugar na igreja local. (Ver as notas expositivas sobre a «importância do ensino», em Mat. 28:19,20).

«...em toda a sabedoria...» Essa qualidade deve caracterizar todo o ensino, negativo ou positivo. Isso nos leva à dimensão divina, pois, é a «sabedoria divina» que é aqui recomendada. Há um dom ministerial do ensino (ver a lista das manifestações espirituais, na introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios). O verdadeiro ensino não consiste apenas de falar com o conhecimento que se tiver adquirido com as faculdades intelectuais. É mister que isso seja temperado pela influência do Espírito, para que o crente saiba o que e como lhe convém ensinar. É mister temperar o conhecimento com a sabedoria intuitiva. Alguns estudiosos vinculam a «sabedoria» às palavras anteriores, que dizem como é que Cristo habita em nós; mas outros ligam-na ao que se segue, à questão da liturgia, dos cânticos nos cultos. Notemos, porém, que em Col. 1:28 temos quase a mesma exortação, e ali a questão da sabedoria é ligada ao ensino e à admoestação. Naquele lugar o assunto é desenvolvido mais amplamente, cujas notas expositivas devem ser consultadas. No referido versículo, o objetivo é que todo crente seja apresentado «perfeito em Cristo Jesus». O ensino é um meio de produzir, nos crentes, a maturidade espiritual, que é a garantia presente a prelibação da perfeição celeste, que a alma obterá nos lugares celestiais, quando houver adquirido a própria imagem de Cristo.

Notemos os verbos no participio, usados como imperativos, uso esse que se pode averiguar, por igual modo, em Rom. 12:9-13,16,19; Efê. 4:2,3; Heb. 13:5 e I Ped. 3:1,7,9,16.

«...salmos... hinos... cânticos espirituais...» Temos nessas palavras as mesmas formas musicais mencionadas em Efê. 5:19, pois as mesmas palavras gregas são usadas. Ali se acham as notas expositivas completas sobre a questão, juntamente com explicações sobre o uso e o valor da «música» na igreja.

O poder da música: Em certas formas de arte são expressas as realizações e a plenitude espirituais; e, como é óbvio, a música é uma dessas formas recomendadas. Todos têm consciência do poder da música, para moldar o pensamento e as emoções. A música, ordinariamente, é a expressão do «pulso» de um povo. A música pode inspirar pensamentos elevados e ações nobres, ou então atitudes próprias da natureza vil. Há música de natureza espiritual e outra de natureza intelectual, ao passo que há música sensual. Alguém já disse: «Permiti-me escrever a música de uma nação, e não me importarei com quem escrever as suas leis». Certamente o poder da música é reconhecido nos países comunistas, onde as artes são usadas como um poderoso meio de propaganda.

«Estes nossos versículos dão grande valor ao ministério da música na vida cristã. Mostram um profundo discernimento. A música, de conformidade com Aristóteles, é a mais 'moral' de todas as artes. Afeta mais diretamente ao caráter. Uma atitude marcial pode ser produzida por uma marcha; uma atitude de respeito, por um coral nobre; mas o relaxamento pagão das restrições morais por um tom saxofônico. A igreja local vigilante pôr-se-á em guarda quanto à sua música».

O cântico coletivo se assemelha ao álcool na transmissão do «ânimo». Cria o entusiasmo. Quando o cântico coletivo se torna um costume negligenciado, isso sempre é sinal de uma vida coletiva decadente. Isso já ocorreu em grande parte de nossa moderna cena social. Muitas 'religiões' pagãs têm conquistado terreno, nos corações dos homens, nas asas do cântico. Basta-nos lembrar a 'Marseillaise', da revolução francesa, a 'Internationale' dos países comunistas, ou a 'Horst Wessel' da Alemanha hitlerista e o 'Hino de Batalha da República da Guerra Civil Norte-americana'. (Wedell, *in loc.*).

*Um homem com um sonho, a seu bel-prazer,
Poderá sair e conquistar uma coroa;
E três, com uma nova canção,
Podem derrubar toda uma nação.*

(Arthur William Edgar O'Shaughnessy).

«Os cânticos de Maria e Zacaria foram os progenitores e os modelos de uma multidão de cânticos santos. Nos salmos das Escrituras, a igreja neotestamentária encontrou um instrumento de grande amplitude, afinado e tângido para seu uso. Podemos imaginar o deleite com que os crentes gentílicos utilizavam-se do salterio, extraindo dali uma ou outra pérola, recitando-as em suas reuniões e adaptando-as para suas formas nativas de cântico. Depois de algum tempo, começaram a misturá-las com os cânticos de louvor de Israel, formando novas modalidades de 'hinos', para a glória de Cristo e do Pai, como aquele com que tem início esta epístola, faltando-lhe pequeno retoque para que se torne em autêntico poema, ou como aqueles que dão começo às tremendas visões do livro de Apocalipse; e a isso se podem acrescentar os 'cânticos espirituais', de caráter mais pessoal e incidental, como o 'Nunc dimitis', de Simeão, ou o cântico do cisne de Paulo, em sua última epístola a Timóteo». (Findlay, *in loc.*).

«...salmos...» Essa palavra pode ser comparada ao que se lê em I Cor. 14:15. O termo grego «salmos» é correlato a «psallein», que significa «tanger», uma alusão ao tanger das harpas ou outros instrumentos de corda, porque tais composições eram assim acompanhadas, nos dias antigos. Sem dúvida há alusão aqui aos salmos do A.T., que foram adaptados ao acompanhamento musical, e que naqueles tempos do velho pacto eram usados para propósitos musicais, o que se prolongou até aos tempos das sinagogas e da igreja cristã primitiva. As Constituições Apostólicas mencionam seu uso nas igrejas locais. (Ver Constituições Apostólicas II.57.5, que aludem, especificamente, aos «Salmos de Davi»). O «hino» que foi entoado por Jesus e seus discípulos, na ocasião da última ceia (ver Mat. 26:30), mui provavelmente foi um dos salmos de Davi.

«...hinos...» Originalmente, essa palavra referia-se aos cânticos de louvor em honra a algum deus ou herói. Na igreja cristã, foram criados «hinos», normalmente compostos por seus membros, em louvor a Deus Pai ou a Cristo. A sua forma verbal significa «cantar», «louvar», «narrar repetidamente».

Há possíveis traços de hinos cristãos, nas páginas do N.T. Isso pode ser visto no prefácio ao evangelho de João (João 1:1-5), na opinião de muitos eruditos. (Ver ali as notas expositivas a respeito). O trecho de Efê. 5:14 evidentemente contém um fragmento de «cântico espiritual». Outros casos semelhantes podem ser as passagens de I Tim. 3:16; II Tim. 2:11-13; Tia. 1:17 e o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios.

«...cânticos espirituais...» No grego temos o termo «ode», palavra geral que significava «cântico». Originalmente também era empregada para indicar o louvor prestado aos deuses ou aos heróis, embora, mais tarde, tenha recebido aplicação mais ampla. Neste ponto são os cânticos *espirituais* que estão em mira. Não há como fazer-se distinção precisa entre os «hinos» e os «cânticos». Na realidade, ambas as palavras apontavam para cânticos, de composição cristã, em contraste com os mais formais «salmos» do A.T. Alguns estudiosos pensam que os «cânticos» eram «poemas» sagrados, adaptados à música; mas, no presente, não há como verificar o acerto ou não dessa opinião. O vocábulo pode indicar todas as formas de cântico, acompanhadas ou não por instrumentos musicais. O trecho de I Cor. 14:14 mostra-nos que alguns «cânticos» eram entoados em línguas, por inspiração do Espírito de Deus. Talvez alguns desses tenham sido preservados, depois de terem sido interpretados.

Plínio, ao relatar os resultados de suas investigações quanto aos costumes dos primitivos cristãos (em 112 D.C.), diz-nos que eles estavam «acostumados a se reunirem, em um dia determinado, antes do irromper do dia, a fim de cantarem um hino, como uma antífona, a Cristo, como se este fosse uma divindade». (Cartas X.96).

«...com gratidão, em vossos corações...» O cântico dos crentes, portanto, é uma autêntica «forma de adoração», e essa adoração é atribuída, segundo diz a nossa versão portuguesa, a «...Deus...», no que ela é apoiada pelo texto grego, ainda que outras traduções digam aqui «Senhor». O «...coração...» é uma alusão ao «homem interior», à «alma», aquela porção do ser humano que é capaz de receber o toque divino, o «homem essencial». Ficam envolvidos o «intelecto» e as «emoções» dos homens; mas mais do que isso, ainda, o «espírito» humano é que expressa louvor e ação de graças ao Salvador de todos os homens.

A música nas igrejas dos crentes, por ser uma expressão espiritual, não deve ter um caráter mundano, seguindo o ritmo do «jazz», do «samba», etc., porquanto isso não contribui para a formação da atitude espiritual, mas antes, excita a natureza mais vil, com suas emoções carnis.

«...em vossos corações...» Essas palavras não querem dizer que estão em foco apenas os «cânticos particulares», individuais. Antes, o cântico individual, tanto quanto o coletivo, é recomendado como algo útil para a edificação mútua entre os crentes. Um homem pode cantar em voz alta, ao mesmo tempo que canta no coração. O modo de cantar, quanto à sua atitude, é que está em pauta, e não a questão de cantar-se em voz audível ou em silêncio. Algumas traduções dizem aqui «com o coração», como se estivesse em foco a idéia «instrumental»; e isso é possível. A mensagem dos hinos e demais cânticos cristãos deve ser própria para a edificação dos crentes. No entanto, a música pode tornar-se um abuso, e não uma bênção, no seio das igrejas locais. É cena particularmente entristecedora aquela em que a música mundana é trazida para a igreja, em que um sentimento quase religioso é vinculado à música, mediante as palavras, ao mesmo tempo que a música é sensual, carnal, terrena, de maneira alguma contribuindo para elevar a alma até Deus. Foi necessário, no concílio de Laodicéia (364 D.C.), que se proibissem os hinos «não-autorizados». E apesar disso poder ocorrer novamente, é responsabilidade dos ministros da Palavra preservarem a dignidade e a espiritualidade corretas da adoração na igreja, uma parte importante da qual é o cântico.

«Deveis... considerar esse cântico de um salmo como um começo necessário de vossas devoções, como algo que desperta tudo quanto é bom e

santo em vós, convocando os vossos espíritos ao seu dever apropriado, para que em vós haja a melhor postura para com os céus, para que vossas almas sejam sintonizadas à adoração.

Porque nada há capaz de clarear tão bem o caminho para as nossas orações, nada há que tão bem disperse o embotamento de coração, nada há que tão bem purifique a alma das paixões vãs e pobres, nada há que tão bem abra para nós os céus, ou que leve tão perto deles os nossos corações, como esses cânticos de louvor.

O cântico cria o senso do deleite em Deus, desperta desejos santos, ensina-nos como pedir, e prevalece diante de Deus, o qual nos abençoa. O cântico acende uma chama santa, transforma nossos corações em altares, nossas orações em incenso, e levam-nas como um perfume delicioso até ao trono da graça...

Quando um homem entoa um salmo, embora não com voz bem musical, ainda assim pode isso corresponder a todas as necessidades do regozijo e do louvor a Deus... Nosso bendito Salvador, e seus apóstolos, entoaram um hino; mas é razoável supormos que antes se regozijaram em Deus do que produziram música excelente». (William Law, *Serious Call to a Devout and Holy Life*).

«...com gratidão...» (Ver as notas expositivas sobre esse sentimento, no décimo quinto versículo deste capítulo). O crente deve fazer tudo em atitude de gratidão ao Senhor, e a música pode ser um instrumento especial de louvor e gratidão e Paulo mostra-nos, neste ponto, que ele queria que as coisas fossem assim. Alguns estudiosos preferem traduzir aqui a palavra «gratidão» por «graça». Isso também é uma verdade. E há aqueles que vinculam a idéia de «beleza» a essa palavra. Contudo, o apóstolo não aludia aqui à excelência da própria música e, sim, à excelência e beleza do que a música exprime. No entanto, é para entristecer o fato que, tal como no caso dos pregadores e mestres, aqueles que cantam ou tocam instrumentos musicais na igreja, com grande freqüência não procuram aprimorar-se. E a música deficiente pode destruir a atmosfera da adoração.

É óbvio que não pode haver adoração genuína a Deus sem o respeito reverente. Quando alguém ouve as orações verbais de púlpito, que algumas vezes fazem as vezes de adoração, quando se vê pessoas a conversarem animadamente umas com as outras, sobre os vizinhos, os negócios ou a festa da noite anterior, quando se vê o ar casual e descuidado que há em muitos dos cultos das igrejas, tem-se o impulso de fazer cessar tudo e apresentar algumas perguntas incisivas: 'O que vocês vieram fazer aqui? Quem é esse Deus que vocês adoram? Por que ele haveria de dar ouvidos a vocês, ou por que ele se agradaria dos hinos mal cantados e da música mais atroz que vocês produzem? A adoração simplesmente não é possível enquanto os

homens não sentem a grandiosidade, a majestade e o caráter ímpar de Deus». (J. Harry Cotton, comentando sobre Heb. 8:29).

«...gratidão...» Várias interpretações têm sido dadas à palavra grega aqui empregada, «charis», a saber: 1. Poderia significar o favor divino, a «graça», o que é comentado nas notas expositivas sobre Efé. 2:8. 2. Pode significar «prazer», o que é «aprazível». 3. Pode significar «ação de graças», e dentro deste contexto (juntamente com os versículos quinze e dezessete), onde se faz proeminente a idéia de «gratidão», é bem possível que assim devamos entendê-la. 4. Pode significar, finalmente, «com graça», isto é, reconhecendo-se o favor divino, ou «graciosamente», ou como expressão da «beleza» da graça.

A expressão da vida cristã, nos cultos de adoração e na vida diária, tanto quanto na música que os crentes usam ou nas palavras que empregam, deveria ser permeada e controlada pelo espírito de gratidão. Se Cristo realmente fez por nós tudo quanto afirmamos que ele realizou, temos razões verdadeiras para nos mostrarmos agradecidos.

Referências e idéias. A ingratitude:

1. A ingratitude é característica dos ímpios (ver Sal. 38:20 e II Tim. 3:2). 2. Com freqüência é exibida pelos nossos amigos (ver Jó 19:14). 3. Pelos servos (ver Jó 19:15,16). 4. Para com os benfeitores (ver Sal. 109:5 e Ecl. 9:15). 5. Para com amigos afligidos (ver Sal. 38:11). 6. Os santos devem evitar a culpa da ingratitude (ver Sal. 7:4,5). 7. A ingratitude deve ser devolvida com orações (ver Sal. 35:12,13 e 109:4). 8. Com fidelidade (ver Gên. 31:38-42). 9. Com amor perseverante (ver II Cor. 12:15).

Variantes Textuais: Este versículo apresenta certo número de variantes, parcialmente devido à sua assimilação com o trecho de Efé. 5:19, seu paralelo. A palavra «e», antes e depois de «umnois», é omitida pelos mss P(46), Aleph, BC(1)D(1)FG, pelos manuscritos latinos d, e, f, g, Vulg., pelo Si peshitta e pelo Go. Essa é a forma certa. As adições ao texto sagrado, com a simples cópula, «e», eram bastante comuns. As palavras «a gratidão», ao invés do simples «gratidão», aparecem nos mss P(46), BDG(Aleph(3)). O artigo é omitido nos mss Aleph(1), AKL e na maioria dos manuscritos posteriores. O uso do artigo, mui provavelmente, representa o texto original. Alguns eruditos têm pensado que sua presença indica «a graça (de Deus)», mas isso não é necessário. «Nos vossos corações, é a forma que se vê nos mss P(46), Aleph, ABCDG, nos manuscritos latinos d, e, f, g, na Vulgata, no Gót, no Si(sa,bo) e no Ara. Mas a forma singular, «no» vosso coração, se encontra nos mss D(4), KL e na maioria dos manuscritos posteriores. Mui provavelmente o singular está correto em Efé. 5:19, mas o plural é a forma correta neste versículo. A forma «ao Senhor», figura nos mss P(46), C(2)D(4)KL e na maioria dos manuscritos posteriores, mas isso foi feito para obtenção da harmonia com a passagem de Efé. 5:19: a forma correta, entretanto, é «a Deus», segundo se vê nos mss Aleph, BC(1)D(1)G, nas versões latinas d, f, g na Vulgata, no Sai, no Si e no Ara.

17 καὶ πᾶν ὃ τι ἐὰν ποιῇτε ἐν λόγῳ ἢ ἐν ἔργῳ, πάντα ἐν ὀνόματι κυρίου Ἰησοῦ, εὐχαριστοῦντες τῷ θεῷ πατρὶ δι' αὐτοῦ.

17 [C] θεῷ πατρὶ ^{p⁴⁶vid} N A B C 81 1739 1985 it^{ar,m,m} syr^p cop^{sa,bo} goth eth Ambrose // θεῷ καὶ πατρὶ (see Eph 5:20) D G K Ψ 33 88 104 181 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1881 1962 1984 2127 2492 2495 Byz

17 πᾶν... Ἰησοῦ 1 Cor 10:31 εὐχαριστοῦντες... αὐτοῦ Eph 5:20

A colocação extremamente incomum τῷ θεῷ πατρὶ, que é largamente apoiada por ^{p⁴⁶vid} N A B C 81 442 1739 1985 it (86) sir (p) cop (sa,bo) gót etí Ambrósio Espéculo, foi emendada por copistas que inseriram καί, assim imitando Efé. 5:20 e passagens similares. (Ver também os comentários sobre 1:3 e 12).

3:17 É tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

A conduta geral do crente envolve tanto o que ele faz como o que ele diz. Ambas essas áreas da vida do crente devem ser singularmente dedicadas a Cristo. Consideremos o poder das palavras, e também das ações, nas vidas de nossos semelhantes, sem falarmos do que isso afeta a nossa própria espiritualidade!

«A língua é um pequeno membro. Mas quão grande poder tem. A língua é um fogo que pode inflamar uma multidão e levá-la a um repentino linchamento. A língua é um pequeno membro, mas pode inspirar uma nação à ação heróica. Palavras raivosas podem iniciar contendas, destruir amizades, destroçar lares e instigar guerras. Por outro lado, palavras de consolo podem salvar a uma alma do desespero; palavras ousadas podem desfazer golpes poderosos em favor da justiça; palavras inspiradas podem pôr pés em marcha, na direção do alvo da fraternidade humana. Alguém já declarou: 'Uma palavra dita em momento solene pode ser uma força mais poderosa em favor do bem ou do mal do que qualquer ato físico'. E Píndaro escreveu: 'Mais que os atos vive a palavra' (*Odes de Neméia* IV). Pensemos nas reverberações do discurso de Gettysburg, feito por Lincoln. Pensemos no que poderia ter sucedido à Inglaterra se não tivesse havido alguém como Churchill, que falasse sobre 'sangue, suor e lágrimas'. O efeito de Jesus sobre a história tem sido mediado por meio de palavras. O poder de Hitler sobre as massas também foi mediado desse modo. 'Tanto a glória como a desgraça vêm das palavras', dizia Ben Siraque (Eclesiástico 5:13). Seria para admirar, pois, que Jesus tenha dito: '...pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado' (Mat. 12:37)... 'Muitos têm caído ao fio da espada, mas não tantos quantos têm caído pela língua', é declaração veraz de Ben Siraque (ver Eclesiástico 28:18). Isso é mais veraz do que aquele dito popular: 'Paus e pedras podem quebrar-me os ossos, mas as palavras nunca poderão ferir-me'. Se a religião de um homem não lhe confere o controle da língua, de tal modo que as suas palavras edifiquem, e não corrompam (comparar com Efé. 4:29), então sua religião é inútil, porquanto terá falhado no ponto mais crucial. (Comparar com Tia. 1:26)». (Easton, *in loc.*).

Lect itc.d,dem,div,o,f,g,x,z vg syr^h arm Clement Ambrosiaster Chrysostom Euthalius Theodoret Antiochus John-Damascus // πατρὶ καὶ θεῷ 326

17 Θεῷ add καὶ DG pl Cl ε

A conduta geral dos crentes primitivos é descrita pelo autor desconhecido da Epístola a Diogneto (século II D.C.). Essa carta mostra como os cristãos impressionavam ao mundo pagão com suas vidas de santidade e alegria: «Os cristãos não se distinguem do resto da humanidade quanto à terra, à linguagem ou aos costumes. Não habitam em cidades somente suas, e nem usam um linguajar diferente, e nem cultivam uma maneira estranha de viver... Mas, apesar de viverem em cidades gregas ou bárbaras, conforme lhes cair por sorte, e apesar de seguirem costumes locais quanto ao vestuário, aos alimentos e à vida em geral... contudo, vivem em seus países apenas como forasteiros; fazem parte do tudo como cidadãos e se submetem a tudo como estrangeiros. Cada terra estranha é nativa para eles, e cada terra nativa é estranha. Casam-se e geram filhos, como todos, mas não expõem seus filhos. Alusão ao costume pagão de expor às intempéries os recém-nascidos indesejáveis, para que morressem. Têm suas refeições em comum, mas não suas esposas. Estão na carne, mas não vivem segundo a carne. Continuam à face da terra, mas sua cidadania está nos céus. Obedecem às leis determinadas, mas, com suas vidas particulares vencem às leis... Em suma, o que a alma é para o corpo, isso é o que os cristãos são para o mundo».

E ninguém trabalhará por dinheiro, e ninguém trabalhará pela fama; Mas cada qual o fará pelo amor ao trabalho, e cada qual em sua estrela separada, Extrair a Coisa que ver, para o Deus das coisas, conforme elas são! (Kipling)

A regra áurea da ação: Este versículo é uma espécie de declaração toda-inclusiva, quanto à natureza essencial da verdadeira vida cristã. A vida inteira, em palavra ou ação, deve estar centralizada em Cristo, bem como no amor de Deus. Afirmava Agostinho: «Ama a Deus e faz como quiseres».

«O de que o mundo precisa hoje em dia é de crentes individuais realmente dotados de profundidade e poder. Tais indivíduos tornar-se-ão os centros dessa comunhão criadora e remidora, onde quer que se achem. Tornar-se-ão núcleos de células que crescem e se multiplicam. Precisamos

de homens, hoje em dia, cuja vontade de viver se tenha libertado da vontade pelo poder, pelo sucesso, pela superioridade, pelo reconhecimento social, pelas possessões e pelas pretensões; e que tenham achado sua paz e poder na vontade de amar, na vontade de ter comunhão, na vontade de se entregarem ao serviço, na vontade de fazerem a vontade de Deus e de serem seus filhos». (Francis Thompson, *A Judgment in Heaven*, epílogo).

«O trabalho não é algo, primariamente, que alguém faz a fim de viver e, sim, aquilo que alguém vive para fazer. Quando um homem ou uma mulher é chamado para uma tarefa de trabalho secular, isso é uma vocação tão verdadeira como se ele ou ela tivesse sido chamado para uma obra religiosa específica. O primeiro dever do trabalhador é servir ao trabalho... É dever da igreja averiguar que o trabalho feito serve a Deus, e que o obreiro serve ao trabalho». (Dorothy Sayers).

Todo homem, em qualquer profissão a que pertença, é chamado para usar sua vida e seu trabalho para a glória de Cristo, como se fora um púlpito que fala em seu favor, em qualquer camada da sociedade em que se encontre. O «verdadeiro erudito» deveria aproximar-se de sua escrivaninha como se fosse um altar; um médico deve ir ao seu consultório como se fosse um templo; um negociante deve ocupar-se do seu comércio como se fosse um lugar de adoração.

«...em nome do Senhor Jesus...» A expressão «em nome de», subentende as seguintes verdades:

1. Dá a entender a autoridade da pessoa aludida pela expressão.
 2. Com bases neotestamentárias, dá a entender as idéias de «comunhão mística com», «em união vital com», o que aponta para a «identificação espiritual» com alguém. O nome de uma pessoa, nas Escrituras, subentende o que essa pessoa é.
 3. Em união com Cristo nos são dadas certas diretivas espirituais, certas prerrogativas e responsabilidades espirituais—um poder que em nós opera e um Deus a quem agradamos.
 4. Notemos aqui que é o «Senhor» Jesus em nome de quem labutamos. Isso indica que agimos em reconhecimento do fato que Cristo é o Senhor. (Ver Rom. 1:4 e as notas expositivas ali existentes, quanto a esse título de Cristo e quanto ao seu «senhorio»).
 5. Essa expressão pressupõe que a vida inteira é vivida pelo crente como se fora uma oração, efetuada em oração específica, para que, por esse intermédio, sejam invocadas a sua presença e a sua ajuda. Dessa maneira; não poderemos fazer qualquer coisa contrária ao seu espírito, ou que não seja aprovado por ele.
 6. Alguns estudiosos vinculam essas palavras com o que vem a seguir, as «ações de graças», que deveriam ser efetuadas em nome de Cristo. Assim é que a questão é apresentada em Efé. 5:20; e esse pensamento está naturalmente incluído, porque *tudo* deve ser feito em seu nome, embora essa não seja a única ou mesmo a principal referência neste ponto.
- «As palavras sobre as quais comentamos agora significam pelo menos duas coisas: em obediência à sua autoridade e na dependência à sua ajuda. Essas

duas verdades são os talismãs gêmeos que modificam todo o nosso caráter e todas as nossas ações, preservando-nos de todo o dano, quando as realizamos. Esse nome enobrece e santifica a todo e qualquer trabalho. Nada pode ser tão pequeno que o nome de Cristo não engrandeça, e nem tão monótono e sensaborão que esse nome não torne belo e fresco. O nome de Cristo, agora, tanto quanto nos dias antigos, expulsa aos demônios e acalma às tempestades. Pois o nome do Senhor Jesus é a almofada de seda que facilita nosso jugo. Traz a força súbita que torna leves as nossas cargas. Podemos escrevê-lo por sobre todas as nossas ações. Se houver qualquer coisa sobre a qual não ousamos escrever seu nome, é que isso não nos convém». (Maclaren, *in loc.*).

«...dando por ele graças a Deus Pai...» (Ver as notas expositivas sobre a «gratidão», no fim dos comentários sobre o décimo quinto versículo deste capítulo. Notemos que essa atitude nos é recomendada nos versículos quinze, dezesseis e dezessete deste capítulo. Nesta epístola, isso geralmente ocorre próximo a exortações. Ver Col. 1:12; 2:7; 3:15 e 4:2). Pode-se observar que até mesmo na questão das graças a Deus, Cristo é o nosso mediador. Por isso é que o Senhor Jesus declarou: «Eu sou o Caminho... ninguém vem ao Pai senão por mim». Notemos que nossas ações de graças são dadas a Deus como Pai, e isso da parte de seus filhos agradecidos. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «paternidade de Deus», ver João 8:42 e Rom. 8:15). A epístola aos Efésios, que frisa as bênçãos celestes que são conferidas aos crentes, mostra que Deus Pai é a fonte e que Cristo é o mediador que garante que essas bênçãos serão dadas ao crente. (Ver Efé. 1:3, 4, 17 e 2:18). As palavras deste versículo são paralelas ao trecho de Efé. 4:20. Devemos dar graças em tudo a Deus, o qual é o nosso Pai, e isso «no nome de nosso Senhor Jesus Cristo».

«Começemos com ele e terminemos com ele; invoquemos o seu nome e oremos pedindo-lhe orientação e apoio, em tudo quanto fizermos; e assim toda a obra será coroada com o êxito necessário. Fazer tudo no nome de Deus e atribuir tudo à sua glória, tanto é racional quanto é piedoso. Poder-se-ia supor que alguém iniciaria uma 'má' obra em nome de Deus?! Entretanto, assim pode suceder. Nenhuma pessoa no universo adere a isso mais estritamente do que os maometanos; pois nunca efetuam um trabalho, nem escrevem um livro, sem prefaciá-lo com 'Bismillahi, Arrahmani, Arreheemi', 'No nome do Deus misericordiosíssimo e mui compassivo'». (Adam Clarke, *in loc.*).

Variante Textual: Há variações nos nomes divinos, neste versículo. A forma «Cristo Jesus» faz parte dos mss P(46), BD(4)K e da maioria dos demais manuscritos. Sem dúvida essa é a forma correta. Mas a forma «Jesus Cristo» figura nos mss ACD(1)G. «Senhor Jesus Cristo» é a forma que figura nos mss Aleph, latim d, e na Vulgata, no Sa, no Bo e no Eti. Essa última forma, que é o título completo de Cristo, é um empréstimo e harmonização com Efé. 5:20, a passagem paralela a esta. «Deus (o) Pai» é a forma dos mss P(46), Aleph, ABC, Sa, Bo, Si (harc), Eti e Göt. «Deus e Pai» é a forma que aparece nos mss DGKL, no latim d, e, f, g, na Vulgata, no Si(p) e no Ara, mas, uma vez mais, isso é uma tentativa de harmonização com Efé. 5:20.

Referências E Idéias Sobre Os Temas Principais

A Declaração Geral:

1. Este versículo é uma espécie de sumário geral do lado ético da fé cristã. Quer se trate de pensamentos, quer se trate de ações, que sejam governados e transformados pelo Espírito de Cristo.
2. Possui uma mente ativa e inquisitiva? Nesse caso, medita sobre as virtudes espirituais, sobre aquelas coisas honrosas, justas, puras, amáveis, graciosas, excelentes, coisas dignas de louvor (ver Fil. 4:8). Dedica a tua mente a Cristo (ver Rom. 12:1,2).
3. Há coisas que esperam ser realizadas por ti? Que tua preferência seja fazer aquelas coisas que edificam a outros, aquelas coisas que contribuem para seu crescimento, e não para a sua queda. Que a tua vida seja uma força em prol do bem entre teus semelhantes. Segue uma carreira que traga benefícios aos outros, ao invés de glória ou prosperidade material para ti mesmo.

Dedicação:

1. Alguns indivíduos se dedicam a pouco, ou mesmo a nada. São preguiçosos e indiferentes.
2. Outros se dedicam a si próprios. São egoístas, amantes de si mesmos.
3. Alguns poucos se dedicam a outras pessoas. Esses são filantropos.
4. Um número menor ainda de pessoas se dedica a Cristo, e então, em segundo lugar, a seus semelhantes. Esses são os que manifestam a vida de Cristo vivendo neles, para os quais «o viver é Cristo» (ver Fil. 1:21). Podes

ser enumerado entre esses últimos, se assim o quiseres. Nesse caso, as injunções do versículo que ora consideramos, tornar-se-ão possíveis.

Imitando Cristo:

1. Ele é santo (ver Luc. 1:35), justo (ver Heb. 1:9), bom (ver Mat. 19:16), fiel (ver I Tes. 5:24), impecável (ver João 8:46), obediente ao Pai (ver João 15:10), misericordioso (ver Heb. 2:17), amável (ver João 13:1), zeloso (ver João 2:17). Imita-o, portanto.
2. Paulo era seguidor de Cristo, e conquistou muitas das qualidades do Senhor. Por conseguinte, o apóstolo foi capaz de encorajar-nos a seguir o seu próprio exemplo (ver I Cor. 10:1).

Ação De Graças

1. Cristo deixou-nos o exemplo nesse particular (ver Mat. 11:25). É bom sermos agradecidos, porque isso demonstra certa espiritualidade, além de exibir apreciação pelo que temos recebido (ver Sal. 92:1).
2. As Escrituras encorajam-nos às ações de graças, como uma atitude contínua (ver Efé. 1:16).
3. Devemos dar graças a Deus por tudo (ver I Tes. 5:18), e mesmo em qualquer circunstância (ver Efé. 5:20).
4. Ações de graças deveriam acompanhar nossas intercessões (ver I Tim. 2:1 e II Tim. 1:3).
5. As ações de graças deveriam fazer parte da oração em geral (ver Fil. 4:6).

★★★

III. ÉTICA: A Inquirição Espiritual, baseada na Grandeza de Cristo (3:1- 4:6).

3. Deveres domésticos, a submissão mútua no lar cristão (3:18-4:1).

(Quanto a paralelos a outras passagens no N.T., ver Efé. 5:21- 6:9 e I Ped. 2:13- 3:7). Paulo destaca os deveres especiais dos crentes, quanto a relações específicas. No dizer de Knox (*St. Paul and the Church and the Gentiles*, pág. 177): «Houve filósofos que afirmavam que a função da filosofia não é a de revelar os mistérios do universo, mas sim, a de avisar à humanidade quanto à conduta dos homens nas relações da vida doméstica. O próprio Paulo talvez não sentisse pouca simpatia com esse ponto de

As Epístolas de Sêneca (15.3- 94-1), falam de certos indivíduos que só permitiam instruções éticas em seus ensinamentos — como um esposo deve conduzir-se em relação à sua esposa, como os pais devem criar seus filhos, como um senhor de escravos deve tratar seus escravos.

A fé cristã deve aplicar-se a todas essas relações, segundo se vê no versículo dezessete. Mesmo que esperemos que a vinda de Cristo ocorra em breve, devemos regular agora nossas vidas por seus padrões. Portanto, esta passagem não reflete o suposto fato que Paulo perdera a esperança sobre a vinda de Cristo quanto à sua época. Notemos que esta epístola foi escrita antes das últimas «epístolas da prisão», como a epístola aos *Filipenses*, e que até mesmo então ele continuava esperando a volta de Cristo, embora ele já tivesse percebido que não a veria pessoalmente, na carne, como homem mortal.

Todas as nossas relações com o próximo devem ser subjugadas à autoridade de Cristo, devendo ser elas postas sob a orientação das exigências de seu amor e do seu evangelho. Alguns males sociais, como a escravatura, que são inerentemente maus, e que compunham as antigas estruturas sociais, não foram atacados diretamente pelo cristianismo, nos documentos do N.T. E não podemos deixar de ver isso como uma debilidade da antiga moral cristã, a qual foi melhorada pelo sentido moral mais refinado do pensamento cristão posterior. Não obstante, o cristianismo introduziu o princípio do amor no mundo antigo, o que, finalmente, veio a destruir o sistema da escravatura. (Ver notas expositivas mais completas sobre esse tema, em Efê. 6:5, e também na introdução àquele capítulo).

Não existem relações pessoais que sejam supremas por si mesmas. O espírito do evangelho de Cristo, entretanto, deve permear a tudo. (Comparar esse pensamento, relativo à família, como Luc. 14:26). O evangelho trouxe a contenda ao seio de algumas famílias. A lealdade a Cristo deve ultrapassar aos laços de família, em tal caso. Normalmente, entretanto, isso não sucede, até mesmo no caso de famílias cristãs. Nesse caso, a submissão mútua no seio da família, bem como de cada um dos seus membros a Cristo, é princípio que deve imperar. O tempo em que Paulo escreveu se caracteriza pelo fato que casas inteiras se convertiam, e isso criou alguns problemas. O homem que era escravo da família, tornava-se igual a seu senhor na igreja, e talvez até mesmo maior, como instrumento na obra de Cristo. Paulo, portanto, invocou o amor cristão para que fossem regulamentadas todas essas relações domésticas. O fato que alguém podia ser do mesmo nível, no seio da igreja, ao mesmo tempo que escravo no lar, era uma espécie de paradoxo moral que deve ter levado muitos senhores de escravos a libertarem seus escravos; mas infelizmente, isso nem sempre ocorreu.

De modo geral, as instruções à nossa frente são escassas. Na epístola aos Efésios, as mesmas verdades, embora expostas de forma breve, são mais ornadas. Talvez Paulo tivesse escrito outras cartas que regulamentavam a questão, ou os ensinamentos de Epafra, naquelas regiões, tivessem sido suficientes. Já que as mesmas questões são amplamente abordadas na epístola aos Efésios, e isso com abundância de detalhes, as notas dadas aqui são breves, pelo que, para melhor proveito, o leitor deveria consultar as notas expositivas aludidas.

18 Αἱ γυναῖκες, ὑποτάσσεσθε τοῖς ἀνδράσιν, ὡς ἀνῆκεν ἐν κυρίῳ.

18 Gn 3.16; Eph 5.22; 1 Pe 3.1

18 ανδρασιν] ιδιοις α. L pt 5: α. υμων D*G

3:18: Vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos, como convém no Senhor.

(Ver as notas expositivas sobre Efê. 5:22-24). A necessidade que têm as mulheres de serem submissas a seus próprios maridos, deriva-se do fato que mantêm certa relação familiar para com eles, tal como a igreja (o corpo), tem certo relacionamento para com Cristo (o Cabeça). A submissão mútua, na família cristã, nos é ensinada no vigésimo primeiro versículo (referida como o «temor a Deus»); e essa condição deve regulamentar toda a submissão, para que tudo seja efetuado de modo apropriado, e para que não haja abusos. É particularmente lamentável ver um homem dominar uma mulher e dela abusar, quando, em tudo mais, ela lhe é superior, meramente porque, biologicamente, ele é homem, e ela é mulher. Muitos «tiranos domésticos» baseiam seu absurdo domínio e abuso em trechos bíblicos como o que temos à nossa frente. Nada sabem do amor de Cristo, e nem se preocupam, realmente, em obedecer às Escrituras. A questão da posição da mulher no lar entra em cena. (Ver a vil posição das mulheres, na sociedade judaica, nas notas expositivas sobre João 4:27, 29). Pode-se perceber facilmente, sob consulta a essas notas expositivas, que o cristianismo elevou em muito a posição das mulheres. As notas expositivas na epístola aos Efésios, nos lugares referidos, demonstram esse fato. As modernas idéias acerca dos direitos femininos se derivam dos princípios exarados no evangelho. Em Cristo não há homem e nem mulher (ver Gál. 3:38). (Ver as notas expositivas sobre essa referência, quanto ao que está implícito nesse preceito).

19 Οἱ ἄνδρες, ἀγαπᾶτε τὰς γυναῖκας καὶ μὴ πικραίνεσθε πρὸς αὐτάς.

19 γυναικας] add υμων D*G it vg*, cl co

3:19: Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não as trateis asperamente.

As declarações paralelas da epístola aos Efésios são mais vigorosas — o amor é recomendado, como aqui, mas é requerido um amor daquela elevada qualidade que se vê em Cristo, pela igreja (ver Efê. 5:25-27); como um homem ama ao seu próprio corpo (ver Efê. 5:28,29); e de natureza tal que o faça deixar pai e mãe, apegoando-se à sua esposa, porquanto tornaram-se uma só carne (ver Efê. 5:31). Daí se deriva a doutrina do «grande mistério», que se aplica tanto à relação matrimonial como, mais particularmente ainda, à igreja na qualidade de «noiva de Cristo» (ver Efê. 5:32). O trecho de Efê. 5:33 repete a injunção que o homem deve amar sua mulher como a si mesmo, e nenhum homem, a menos que seja um desequilibrado mental, jamais odiou a si mesmo (ver Efê. 5:29).

«...e não as trateis com amargura...» No grego temos o vocábulo «pikraino», derivado de «pikria», «amargura». Portanto, os maridos não devem tratar suas mulheres com natureza amarga, tendendo para o ódio. O termo grego «pikria» também fala sobre «ira», «animosidade». Não somos informados por que alguns maridos tinham tal atitude para com suas mulheres. Mas a experiência humana ensina-nos que alguns homens, ao perderem o amor por suas esposas, cheios de egoísmo (o que é a raiz de quase todos os problemas matrimoniais), especialmente quando já favorecem outra mulher, ou mulheres, começam a maltratá-las. E embora elas mesmas não estejam em qualquer falta, chegam mesmo a odiá-las, porque elas representam limitações à liberdade de que querem gozar. É lamentável o fato que alguns homens, ainda que antes tenham amado suas mulheres, eventualmente perdem esse amor, por qualquer razão egoísta. O

Referências e idéias. As esposas:

1. Não devem ser selecionadas as esposas dentre os ímpios (ver Gên. 24:3; 26:34,35 e 28:1). 2. Deveres das esposas para com seus esposos: devem amá-los (ver Tito 2:4). 3. Devem revenciá-los (ver Efê. 5:33). 4. Devem ser-lhes fiéis (ver I Cor. 7:3-5,10). 5. Devem ser-lhes sujeitas (ver Gên. 3:16; Efê. 5:22,24 e I Ped. 3:1). 6. Devem ser-lhes obedientes (ver I Cor. 14:34 e Tito 2:5). 7. Devem permanecer com eles por toda a vida (ver Rom. 7:2,3).

«...como convém no Senhor...» Esta é a única porção do presente versículo que não tem paralelo dentro da epístola aos Efésios. O termo grego aqui utilizado é «aneko», usado impessoalmente para indicar «apropriado», «conveniente». A submissão feminina é apropriada porque o homem é o cabeça da mulher, tal como Cristo é o cabeça da igreja. O trecho de Efê. 5:22 diz «como o Senhor», porquanto a autoridade do homem procede do Senhor, e a mulher lhe deve submissão, como se a estivesse prestando ao Senhor. A relação entre homem e mulher crentes é elaboradamente desenvolvida em Efê. 5:22-33, e as notas expositivas a respeito devem ser consultadas, para melhor proveito do leitor.

«...no Senhor...» Como é certo para aqueles que gozam de comunhão mística com ele, criada pelo Espírito que vem no crente habitar. (Ver as notas expositivas em I Cor. 1:4 sobre o termo «em Cristo», usado por cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo). Essa expressão exprime nossa união vital com Cristo, o que deve regular todos os aspectos de nossa vida.

19 OI...γυναῖκας Eph 5.25; 1 Pe 3.7

amor a Cristo, bem como a simples decência humana, são contrários a essas ações, que são bastante comuns entre os homens. Chega a ser até mesmo comum um homem vir a favorecer a outra mulher que, quando examinada sob um prisma realista, mostra-se inferior à esposa rejeitada; e se tais homens vivessem com a nova cortejada por algum tempo, estas também não demorariam a perder seu favor, com o resultado que tais homens se poriam à busca ainda de outras mulheres. Esses são típicos defeitos masculinos. A cura para os mesmos é o amor, contanto que um homem busque tal amor da parte de Deus, o qual é a origem de todo amor. Nenhum homem será amargo para com sua esposa, se porventura a ama.

«Muitos homens polidos na sociedade, são rudes no lar, porque ali não temem as conseqüências». (Faucett, *in loc.*)

«Essa advertência especial envolve uma mancha feia na vida matrimonial, quando um esposo, por ser chefe da casa, embora não agindo como cabeça da esposa, e nem por motivo de afeto a ela, mas antes, dirigindo pelo seu 'velho homem', semeia a amargura mediante palavras e ações, se esta não quiser humilhar-se e submeter-se aos caprichos dele, ou se ela tiver violado ou desconhecido o direito doméstico de seus respectivos maridos. Ou então, tais homens tratam de suas mulheres com indiferença, negligência e brutalidade, sem que elas tenham cometido qualquer falta, devido às preocupações com os negócios ou devido aos afetos modificados da carne, ou devido ao mero hábito... e elas vêm a aprender, mediante essa conduta, ditada pelo falso amor-próprio de seus maridos, que eles não as amam como a si mesmos...» (Braune, *in loc.*)

O Dr. Alan Redpath, ex-pastor da famosa igreja Moody Memorial, de

Chicago, relata acerca de uma ocasião em que seu pai, após um breve momento tenso no lar, proferiu algumas palavras amargas para com sua esposa. Mas imediatamente se arrependeu, e, olhando para o outro extremo da mesa, onde era servida a refeição, disse ele: 'lamento ter dito a você o que disse. Estou envergonhado de mim mesmo'. E o dr. Redpath, embora então ainda não se tivesse convertido, segundo relatou, ao terminar a refeição, ajoelhou-se no seu quarto e orou: «Oh, Deus, agradeço-te por um pai assim. Faz-me parecido com ele». Quando somos gentis para com nossas esposas, estamos criando melhor os nossos filhos. Poderíamos esperar que eles nos amassem e respeitassem, se somos ásperos com suas mães, a quem eles amam?

O amor altera e enobrece as coisas:

*Deus seja louvado, a pior de suas criaturas
Jacta-se de dois lados da alma, um para enfrentar o mundo,
E outro para mostrar a uma mulher, quando a ama.*
(Robert Browning).

*Ai! o amor das mulheres! sabe-se
Que é coisa amável e temível.*
(Lord Byron).

«Os estóicos definem o amor como a tentativa de formar uma amizade inspirada pela beleza». (Cícero, «*Terculanæ Disputationes*»)

«Todos nós nascemos para o amor... Esse é o princípio da existência e sua única finalidade». (Benjamim Disraeli, *Sybil*).

*O amor concede em um momento
O que o trabalho não poderia obter em uma era.*
(Goethe, *Torquato Tasso*)

20 Τὰ τέκνα, ὑπακούετε τοῖς γονεῦσιν κατὰ πάντα, τοῦτο γὰρ εὐάρεστόν ἐστιν ἐν κυρίῳ.

20 Eph 6.1

20 εστιν | om Ψ I8I Cl | ev | τω 0198 8I al Cl 5

3:20: Vós, filhos, obedecei em tudo o vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor.

O paralelo se acha em Efê. 6:1-3, onde a questão inteira da obediência dos filhos a seus pais é discutida. Ali a obediência é condicionada ao princípio que diz «no Senhor». Neste ponto, conforme alguns manuscritos, a condição é que a obediência seja agradável «ao Senhor». A expressão da epístola aos Efésios, «no Senhor», é mais ampla, mas também inclui essa condição. No entanto, os mais antigos manuscritos dizem também neste texto, «no Senhor». (Ver a nota textual, mais abaixo).

«...grato...» No grego é «eurestos», «agradável», «aceitável», «aquilo que dá satisfação». Na passagem de Tito 2:9, os escravos são exortados a agradarem a seus senhores; ali é empregada a mesma palavra grega aqui utilizada.

«...em tudo...» Essas palavras não se acham no paralelo da epístola aos Efésios. Por meio delas, essa exortação envolve todos os aspectos da conduta filial. Naturalmente, fica entendido que os pais não devem ordenar a seus filhos coisas que são contrárias à moralidade cristã, porque nada disso poderia ser sancionado como incluso na obediência exigida. Por exemplo, alguns pais ensinam seus filhos a furtarem, normalmente para proveito de seus progenitores. Tais pais não devem ser obedecidos por seus filhos com idade suficiente de resistirem às suas exigências. Paulo aludia aqui às circunstâncias normais, quando os pais fazem algum esforço por instruir seus filhos quanto à moralidade correta. Ele escrevia para lares cristãos, onde se espera que os pais treinem seus filhos quanto às boas maneiras. Nessas situações, espera-se dos filhos que agradem ao Senhor, que façam aquilo que é reto, obedecendo a seus pais. Até mesmo questões indiferentes estão incluídas; ou seja, aquilo que não tem conteúdo moral, mas que envolve apenas uma questão de preferência, quanto ao curso de ação, quanto à vontade dos pais a ser seguida. Em todos esses casos, os pais devem ter o cuidado de respeitar aos desejos legítimos de seus filhos, dando-lhes o que lhes é razoável possuírem. Se aos filhos sempre forem negados seus desejos legítimos, não demorará muito para que se sintam alienados dos seus pais, perdendo-lhes o respeito. Os filhos são indivíduos, e isso sempre deveria ser reconhecido pelos pais.

«Infeliz a criança, e miseráveis seus progenitores, quando a influência paterna desvia as vidas jovens para longe de Deus. (Ver Mat. 18:6).» (Macleod, *in loc.*)

Há muito tempo, um andarilho aproximou-se de um idoso homem, que

21 Οἱ πατέρες, μὴ ἐρεθίζετε τὰ τέκνα ὑμῶν, ἵνα μὴ ἀθυμώσιν.

21 ἐρεθίζετε p⁴⁶B al 5; R | (Eph. 6. 4) παροργίζετε KAD*GL pm

3:21: Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não fiquem desanimados.

O trecho paralelo é Efê. 6:4. Naquele versículo a declaração é mais forte: «...pais, não provoquais vossos filhos a ira...» No grego temos aqui o verbo «erethidzo», «despertar», «provoocar». Podia ser usado também em bom sentido, o de prover exemplo encorajador (ver *Ael. Aristid.* 28,75 K). A palavra raiz é «eretho», que pode significar «despertar a ira»; e algumas traduções seguem essa idéia, fazendo com que a presente passagem seja paralela ao trecho de Efê. 6:4. Talvez o pensamento, neste ponto, seja o de aplicar uma espécie de contínua e irritante disciplina, o que leva os filhos a sentirem que nada que façam é capaz de agradar a seus pais, pelo que deixam de tentar, sem se importarem em agradá-los ou não.

Variante Textual: Alguns importantes manuscritos retêm aqui a mesma forma que aparece em Efê. 6:4, «provoocar a ira» (no grego, «parorgizete»). São os mss Aleph, ACD(1)KL, e os escritos de vários dos pais da igreja. Porém, os mss P(46), BD(2,3) K e a maioria dos manuscritos posteriores, bem como os escritos de alguns dos pais da igreja, dizem «irritar». A outra forma foi introduzida para efeito de harmonia com a epístola aos Efésios. (Quanto a notas expositivas sobre como devem ser escolhidos os textos corretos, quando aparecem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre os antigos manuscritos do N.T.).

«Se queres ser amado, ama». (Hecato, Fragmentos, 550 A.C.).

*Limites de pedra não podem conservar fora o amor,
E aquilo que o amor pode fazer, isso ousa tentar.*
(Shakespeare, *Romeu e Julieta*).

*O amor não é tolo do tempo, embora lábios e bochechas róseos
Fiquem debaixo da ameaça da foice recurva;
O amor não se altera com as horas e semanas breves,
Mas continua de pé até à beira da condenação.*
(Shakespeare, *soneto cxvii*)

*Comum como a luz é o amor,
E sua voz familiar jamais se cansa,
Como o espaçoso céu, o ar que a tudo sustenta,
Torna o réptil igual a um deus.*
(Percy B. Shelley, *Prometheus Unbound*)

O Amor é símbolo da eternidade. Apaga todo o senão do tempo, destruindo toda a memória de um começo e todo o temor de um fim». (Madame de Stael, *Corinne*).

«Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos». (João 15:13).

«No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo» (I João 4:18).

«...aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; e o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus» (Rute 1:16).

«As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo» (Can. 8:7).

plantava árvores frutíferas. 'O senhor é idoso demais', disse o viajante, 'e muitos anos se passarão até essas árvores começarem a produzir. Não pode esperar que dêem fruto'. 'Oh, posso desfrutar delas, sim', disse o encanecido homem. 'Já derivo prazer delas, por antecipação!' E então, apontando para outra parte de suas terras, ele indagou: 'Vê aquelas árvores, ali? No outono passado estavam carregadas de frutas. Quanto as apreciei! Meu pai as plantou para que eu desfrutasse delas. E agora estou plantando estas para meus filhos! Basta-me pensar na felicidade futura deles para que me sinta feliz agora!'. (M.R. DeHann, *Our Daily Bread*, 21 de junho de 1970).

*Quando contemplo o 'liao wo', meus pensamentos se voltam
Para aqueles que me geraram, me criaram, e agora estão cansados.
Gostaria de devolver a abundância que eles me concederam,
Mas é como o céu: nunca posso aproximar-me.*
(Ditado Chinês)

O *liao wo* é uma espécie de grama que simboliza a paternidade.

Confiamos que os filhos são suficientemente sábios para saberem quando devem muito a seus pais; quando isso sucede, mostram-se eles obedientes, tanto na juventude quanto mais tarde, continuando a seguir os ensinamentos que receberam. Os pais que são bons «plantam para o futuro», pois o treinamento dado por eles produzirá benefícios até ao fim desta vida mortal, e então por toda a eternidade. «Nascer em um lar crente, onde Pai e mãe se sacrificam pelo bem de seus familiares é a maior bênção que Deus pode conferir a uma criança. Um dos mais entristecedores sinais desta era degenerada é o crescente desrespeito dos filhos por seus pais. Se ao menos reconhecessem o quanto devem a seus pais, os filhos nunca chamariam eles de 'o velho' ou 'a velha', embora pudessem estar com noventa anos de idade. Se você se tem mostrado negligente para com seu pai, quebrando-lhe o coração—faça algo e considere o que está fazendo! Onde está a reverência pela idade avançada, nestes dias de delinquência juvenil? A Bíblia ordena: 'Honra teu pai e tua mãe'. (M.R. DeHaan).

Variante Textual: Os melhores manuscritos, todos eles unciais, dizem aqui «no Senhor». E nesse caso devemos compreender o termo grego «eureston» de modo absoluto, sem um objeto no dativo. O *Textus Receptus*, seguindo a autoridade dos manuscritos cursivos, principalmente dos manuscritos bizantinos posteriores, diz «ao Senhor», o que dá ao termo «eureston» um objeto; mas isso é uma glosa. «No Senhor», pois, é a condição e a esfera da obediência, tal como Efê. 6:1, onde a frase é comentada.

21 Οἱ...ὑμῶν Eph 6.4

«...para que não fiquem desanimados...» Essas palavras não se acham no paralelo da epístola aos Efésios. Mas em seu lugar há a ordem, dada aos pais, para que criem seus filhos na disciplina e admoestação do Senhor. O verbo «desanimar» é tradução do vocábulo grego «athumeo». O termo básico é «thumos», «alma», «coração», «hábito», «evidas», «coragem», «espírito». Mediante a disciplina severa por demais, ou devido a restrições irrazoáveis, os filhos podem chegar a «perder a coragem». No dizer de Abbott (*in loc.*): «Uma criança, freqüentemente irritada pela severidade exagerada ou pela injustiça, à qual, não obstante, ela deve submeter-se, adquire uma atitude de embotada resignação, o que a conduz ao desespero». «O amor é a forma secreta de disciplina que não impele com agulhões, mas antes guia e conduz ao ambiente de respeito mútuo e de companheirismo cordial». (Macleod, *in loc.*)

O modo como um pai trata seus filhos, bem como a atitude boa ou má que ele demonstra, afeta as crenças que eles terão. A alegria e a ternura em Cristo contribuirão para filhos melhores. «Visto que a satisfação e a felicidade são estados mentais altamente convincentes (compreendendo-se por felicidade não o temperamento gárrulo, mas a afirmação subconsciente, e, portanto, séria, da vida como um todo, pela vontade como um todo)...

segue-se que os filhos tenderão por adotar as crenças daqueles que instintivamente reconhecem como felizes, e não as crenças de outros». (W.E. Hocking, *Human Nature and Its Remaking*).

No décimo sexto versículo deste capítulo pudemos observar a importância do ensino. Certamente que isso não pode ser menos importante no lar. Ensinamos aos nossos filhos mediante o exemplo, a conversão geral e a conduta no lar. Certamente podem reconhecer quão genuína é a nossa fé, e suas atitudes ocultas refletem o que vêem, ainda que nunca expressem tal por suas palavras.

«Vinte séculos atrás, o judaísmo ousou ter convicções e ousou educar suas crianças de acordo com elas, e assim obteve resultados na forma de energia, de energia espiritual. É um alto tributo pago ao treinamento que ele recebeu como menino hebreu o fato que, desde o primeiro momento em que o encontramos, não descobrimos qualquer desvio no propósito da vida de Jesus. Não se pode dividir seu caráter em compartimentos, supondo: 'Aqui estudaremos seus atos, aqui suas palavras e aqui seus pensamentos', pois Jesus era uma personalidade perfeitamente fundida. Na educação de Jesus, desde a tenra infância até à idade adulta, nunca houve qualquer separação entre o belo e o ético, entre o material e o espiritual, entre o secular e o sagrado. Um dos resultados dessa educação pode ser vista no caráter que é, ao mesmo tempo, profundamente integrado e profundamente impulsional» (Winifred Kirkland, *Portrait of a Carpenter*, págs. 59,60).

«Leitor, imploro-lhe da parte de Cristo, por sua causa, por causa de sua própria alma, por causa de seus filhos, por causa da igreja (e do mundo), que você, consciente e seriamente, estabeleça o culto doméstico, invocando a Deus, entoando os seus louvores e instruindo seus filhos e servos nas Escrituras e no catecismo, dentro de uma educação sábia e diligente da juventude. Escute-me, como se eu lhe implorasse de joelhos, com lágrimas nos olhos. Infelizmente, quão grande é o sofrimento do mundo porque isso é negligenciado! É dentre famílias ímpias que o mundo recebe ministros ímpios, um enxame de inimigos diabólicos da santidade, da paz e de sua própria salvação. Qual nação não geme sob as confusões, as misérias e as horrendas iniquidades que são frutos da negligência no lar, bem como da educação descuidada e enfermiza dos jovens? É trabalho de grande habilidade e que exige um constante cuidado o de instruir e educar às crianças, evitando que andem para armadilhas, na companhia de colegas

22 Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε κατὰ πάντα τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις, μὴ ἐν ὀφθαλμοδουλίᾳ ὡς ἀνθρωπάρεσκοι, ἀλλ' ἐν ἀπλότῃ καρδίᾳ,^a φοβούμενοι τὸν κύριον.

d none: Bov Nes BF²

22-25 Eph 6.5-8

22 κατὰ πάντα om p⁴⁶ 81 pc sa | ὀφθαλμοδουλίᾳ -λια p⁴⁶ ABDG al | (καρδίας) , ς R) | Κυρίου]

Θεον p⁴⁶ pm d vg^s, c1 ς

3:22: Vós, servos, obededei em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo somente à vista como para agradar aos homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor.

O fato que nem o cristianismo primitivo e nem seus documentos sagrados combateram a escravidão, condenando-o como uma instituição, nos perturba. Admitimos que ficamos desapontados ante isso. A igreja, apesar de não ser capaz de modificar o mundo quanto a isso, e nem mesmo se esperasse dela que fizesse tal, pelo menos poderia ter procurado modificar a si mesma. Poderia ter abandonado a escravatura em suas próprias fileiras. (Quanto a um completo exame sobre esse problema, ver as notas de introdução à epístola de *Filemon*, seção V).

Paulo devota cinco versículos ao problema do relacionamento entre senhores e escravos, o que mostra que esse era o problema mais crítico dos lares cristãos; e com razão, pois o conceito inteiro da escravidão era contrário ao princípio cristão que ensina que, em Cristo, não há escravo e nem livre, mas todos são um. (Ver o décimo primeiro versículo do presente capítulo). Mas o cristianismo não procurou impor esse princípio ao mundo, nem mesmo no caso de lares cristãos, onde podiam ser crentes tanto o escravo como seu senhor. A melhoria dos conceitos morais, a modificação das circunstâncias históricas, deram aos crentes uma perspectiva mais clara sobre o problema. Pois é um mal óbvio e inerente que um homem tenha a outro como escravo. Infelizmente a igreja primitiva, nem em suas ações e nem em seus documentos sagrados, demonstrou isso com maior clareza.

Não obstante, o amor cristão, trazido à cena pelo advento da igreja, finalmente destruiu essa instituição, pelo menos ao ponto em que a mesma pode ser destruída, ainda que sua prática persista em alguns lugares do mundo. Naturalmente, a escravidão continua existindo em muitas formas mais sutis. Na maioria dos países, as classes mais pobres são reduzidas à servidão econômica. Os empregadores, até mesmo quando cristãos, quando tratam com pessoas que passam apertos financeiros, transformam em virtuais escravos aqueles que empregam. Pagam salários inferiores e exigem trabalho árduo, comendado com poucos agradecimentos, e até mesmo com um tratamento sem consideração. Quantas mulheres crentes no Brasil têm «criadas» que são virtuais escravas, considerando-se o pouco que estas são pagas, e quão arduamente são obrigadas a trabalhar, para agradar à dona da casa!

O paralelo de Efé. 6:5-9 contém, virtualmente, todos os elementos da passagem à nossa frente, embora em ordem um tanto diferente. Devem ser consultadas as notas expositivas ali existentes, onde o tema é melhor desenvolvido. Nesta epístola aos Colossenses, há os seguintes pensamentos distintivos:

1. A obediência requerida dos escravos a seus senhores, «em tudo», se assemelha ao que é exigido nas relações entre os filhos e seus pais (ver Col. 3:22).

2. A qualificação com *temor e tremor*, em adição à obediência, aparece na epístola aos Efésios, mas não na presente epístola aos Colossenses.

3. Mas o conceito de «temor a Deus», é acrescentado em Col. 3:22, que, bem provavelmente é equivalente ao que diz o trecho paralelo de Efésios,

tentadores. Clamar contra os ministros insensatos ou infieis, ao mesmo tempo que quem reclama é pior do que isso, em seu próprio lar, é apenas a autocondenação. Os ministros estarão mais obrigados a cuidados das almas de seus filhos, por natureza, por voto ou por pacto, do que os demais! Poderão eles fazer, em favor de paróquias inteiras, o que cada qual não pode fazer por sua própria casa, por seus próprios filhos? A primeira incumbência e dever é de cada um: se as famílias, traiçoeiramente, negligenciarem seu papel, como se tudo devesse ser corrigido na igreja, com a mesma razão se poderia enviar os rapazes à universidade, antes de aprenderem a ler e escrever, nas escolas elementares. Se há qualquer esperança de correção por parte de um mundo ímpio, miserável e desviado, isso deve ser feito, principalmente, pelo culto doméstico, bem como pela educação cristã dos jovens». (Baxter).

«Se eu tivesse uma voz capaz de atingir os limites mais remotos da cristandade, a levaria em exortação, a pais e ministros, dizendo: Fixai vossos corações na promoção da *piiedade infantil* das crianças e dos jovens aos vossos cuidados... Ocupai-vos, com 'peculiar interesse', em vossos estudos diários e em vossas orações diárias. Pais! se amais a vossos filhos, resolvi 'deixá-los ver' que estais determinados a buscar o bem eterno deles. Começai o mais cedo possível, e nunca interrompei vossa diligência. Ministros! se amais às almas mortais; se amais à igreja de Deus; se desejais vincular os corações dos pais e dos filhos às vossas pessoas e aos vossos ministérios, visando o benefício espiritual deles; se desejais edificar a causa de Cristo da maneira mais eficaz, que não haja adiantamento e nem interrupção nesse interessantíssimo trabalho. Satanás desde cedo começa a convocar os jovens ao seu serviço. Resolve libertá-los do poder dele, treinando os jovens para Deus. Conservai um catálogo com seus nomes, residências, etc. Revisai-o com freqüência, acompanhado de oração. Observai-vos afetuosamente em vossas visitas e passeios diários. Catequizei-os diligentemente. Explicai, com condescendência, o que estais procurando ensinar-lhes. Guardai-vos de tudo quanto é austero e repulso em vossas maneiras, e acompanhai tudo com clamor sincero a Deus, pedindo o sucesso». (Dr. Miller).

Há três coisas que um pai deve a seus filhos: *Exemplo... exemplo... exemplo*.

^a 22 d minor: TR WH AV RV ASV RSV NEB TT Zür (Luth) Jer Seg //

«com temor e tremor».

4. O trecho de Col. 3:24 promete aos escravos crentes obedientes uma herança (o que é comentado em Rom. 8:17). Na epístola aos Efésios, o equivalente a isso é a mera declaração que tudo quanto um homem faz não é inútil, mas «receberá do Senhor» a recompensa, o que pode estar incluso ou não na idéia de herança, embora, provavelmente, essa seja sua intenção, já que a *recompensa* a ser recebida, mui naturalmente, deve ser pensada como algo «futuro», já nos lugares celestiais, e não como algo meramente temporário e presente.

5. A advertência que as ações erradas, praticadas pelos escravos crentes, serão punidas, acha-se apenas nesta epístola (ver Col. 3:25). A questão que Deus não faz aceção de pessoas é acrescentada a essa advertência contra as más ações dos escravos; mas, na epístola aos Efésios, isso é vinculado à admoestação aos senhores, no sentido que não ameacem (ou maltratem) a seus escravos, porquanto Deus não se deixa impressionar ante a posição dos senhores. Os senhores são tão passíveis de julgamento, por parte de Deus, quanto o são quaisquer escravos.

6. O trecho de Col. 4:1 adiciona algo que não é tão diretamente exposto na epístola aos Efésios, a saber, a necessidade de um tratamento justo e reto, por parte dos senhores, para com seus escravos. Isso, porém, fica subentendido em Efé. 6:8,9, o bem que alguém fizer, será recompensado; e Deus não faz aceção de pessoas, pelo que os senhores devem ser benévolos, humanos, porquanto isso agrada ao Senhor, o grande Senhor, atraindo suas bênçãos. E fica entendido que, se não agirem dessa maneira, poderão atrair o juízo divino contra si mesmos. Pode-se perceber, assim sendo, que com exceção de três elementos (ver os pontos um, cinco e seis), as duas passagens da epístola aos Efésios e da presente epístola, são quase inteiramente paralelas. Na presente seção, pois, as referências cruzadas com a epístola aos Efésios devem ser consultadas, pois ali há comentários adicionais de grande valor e interesse para o leitor.

Aplicação da presente passagem: Já que não há mais o problema específico da servidão, no lar cristão, quanto a aplicações práticas do trecho à nossa frente, podemos sugerir os itens seguintes:

1. Os empregadores e os empregados deveriam observar esses mandamentos, de maneira geral, para que houvesse relações harmoniosas entre eles.

2. Todos os homens estão sujeitos ao Senhor celestial, devendo ele ser agradado por aqueles que lhe cedem completamente a vontade. Notemos que Paulo chama a si mesmo de «escravo» de Cristo (nossa versão portuguesa prefere «servo», em todos os casos). (Ver as notas expositivas completas a esse respeito, em Rom. 1:1). Um escravo é alguém que não tem vontade própria, mas cuja própria existência tem a finalidade de agradar a seu senhor. Isso fala de uma completa dedicação, e perda do próprio indivíduo em alguém maior que ele mesmo, o que significa que a escravidão se torna uma hábil metáfora de vida inteiramente consagrada a Cristo. Esses temas são todos desenvolvidos nas notas expositivas sobre o trecho paralelo de Efé. 6:5-9, juntamente com todas as demais questões relativas a esse material, sendo esse o trecho onde o leitor deveria buscar a

exposição.

«...*Servos...*» Esse eufemismo, em lugar de «escravos», não é justificável. A tradução mais correta é mesmo «escravos». Na antiguidade, até mesmo crentes, tinham escravos, e não meros servos ou empregados, embora também houvesse tais.

«...*obedecei...*» (Ver Efê. 6:5). É necessário que os escravos obedeçam a seus «senhores segundo a carne», isto é, em distinção ao «Senhor celestial», o qual também é Senhor dos espíritos e, por conseguinte, do ser inteiro. (Ver as notas expositivas quanto a isso em Efê. 6:5. Ver as notas sobre o «serviço prestado ante os olhos», em ordem levemente diferente, em Efê. 6:6. Quanto à «singleza de coração», ver Efê. 6:5).

«...*temendo ao Senhor...*» Embora algumas traduções digam aqui «a Deus», a verdade é que nesta versão portuguesa temos a tradução mais correta. (Ver as notas textuais que se seguem). A epístola aos Efésios não conta com essa expressão exata, mas, em Efê. 6:5 vê-se acerca da necessidade das ações «em temor e tremor», provavelmente dando a entender, especificamente, o «respeito aos senhores». Mas aqui essa expressão é aplicada diretamente a Cristo. A passagem de Efê. 6:6 diz «fazendo de coração a vontade de Deus», que não faz parte desta epístola, mas que mostra que o serviço de um escravo crente a seu senhor é, na realidade, um serviço prestado ao «Senhor», pois tudo quanto um homem faz ou diz, deve ser feito e dito «em nome do Senhor Jesus». Portanto, tudo deve ser considerado um serviço espiritual, dirigido diretamente a Deus, sob a mediação de Cristo. (Ver o décimo sétimo versículo deste capítulo, onde esse tema é desenvolvido).

Do exposto, conclui-se que, em última análise, não há «serviço secular». Tudo quanto é feito deve ter a Deus como objeto, deve ser feito com temor a ele, a fim de ser cumprida a sua vontade. Todo homem tem uma missão a cumprir, para a qual ele foi preparado de forma ímpar; e isso se aplica tanto a esta vida como à existência futura. (Ver Apo. 2:17). O trecho de Mat. 25:35 e ss. tem a importante mensagem que o serviço e a bondade mostrados aos homens são prestados, na realidade, a Cristo. Portanto, amar ao próximo é amar a Cristo e, por consequência, ao Pai. A maior parte dos homens mortais, que continuam enredados pelo seu corpo de carne, não pode amar a Deus diretamente, o que se faz mediante a contemplação da alma; mas todos podem ser motivados pelo amor de Cristo (ver II Cor. 5:14), de tal modo que amem a seus semelhantes; e, desse modo, chegam a amar verdadeiramente a Deus. É assim que a maioria dos homens ama a Deus. Talvez isso também ajude à alma remida em sua ascensão espiritual, em que Deus, eventualmente, será amado diretamente, através da contemplação da alma.

O conceito do *temor a Deus*, apesar de que normalmente indica o respeito reverente a Deus, não precisa ser divorciado do temor autêntico a ele. Pois ele é o juiz supremo de todos, e tudo quanto um homem faz, de bom ou de

23 ὁ εἰς ποιῆτε, ἐκ ψυχῆς ἐργάζεσθε, ὡς τῷ κυρίῳ καὶ οὐκ ἀνθρώποις,

23 Κυρίῳ] add (Eph. 6. 7) δουλοῦντες Α αὐτῷ | καὶ] om p⁴⁶B 1739 sa

3:23: E tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como ao Senhor, e não aos homens,

Este versículo tem a mesma mensagem que o décimo sétimo versículo deste mesmo capítulo, embora se aplique, especificamente, aos escravos. Mas, na natureza do caso, tal escravo é apenas um crente, tendo o mesmo Senhor e Mestre que todos os demais crentes têm, o que significa que tudo quanto se aplica aos outros, se aplica igualmente a ele, e vice-versa.

Os paralelos são Efê. 6:6, onde se lê: «...fazendo de coração a vontade de Deus...», e Efê. 6:7: «Servindo de boa vontade, como ao Senhor, e não como a homens».

«...fazei-o de todo o coração...» Literalmente, teríamos aqui «da parte da alma» (no grego, «ek psuches»). Trata-se da mesma expressão usada em Efê. 6:6.

Referências e idéias. A sinceridade:

1. Cristo foi o grande exemplo de sinceridade (ver I Ped. 2:22). 2. Os ministros devem ser exemplos de sinceridade (ver Tito 2:7). 3. A sinceridade se opõe à sabedoria carnal (ver II Cor. 1:22). 4. A sinceridade deve caracterizar nosso amor a Deus (II Cor. 8:24). 5. Nosso amor a Cristo (Efê. 6:24). 6. Nosso serviço a Deus (ver Jos. 24:14 e João 4:23,24). 7. Nossa fé (ver I Tim. 1:5). 8. Nosso amor uns aos outros (ver Rom. 12:9; I Ped. 1:22 e I João 3:18). 9. Toda a nossa conduta (ver II Cor. 1:12). 10. A pregação do evangelho (ver II Cor. 2:17; I Tes. 2:3-5).

Nenhum serviço é meramente temporal. Aquilo que um homem tem como profissão faz parte da «vontade de Deus» a seu respeito, pelo que seu serviço se torna sagrado. Por ser algo sagrado, deve ser feito «de parte da alma». O termo grego «psuche» indica o «centro da vida», o «ser vital», a

24 εἰδότες ὅτι ἀπὸ κυρίου ἀπολήμψετε τὴν ἀνταπόδοσιν τῆς κληρονομίας. τῷ κυρίῳ Χριστῷ δουλεύετε.°

° exclamation, e exclamation: Zür // different text: TR AV

° 24 e major, e minor: Bov Nes BF² TT Jer // e minor, e major: RV ASV RSV // e major, e major: WH NEB Seg // e major, e exclamation: Luth //

24 κληρονομίας. τῷ (· τῷ γὰρ KL pm Cl ε) Κυρ. Χρ.] κληρονομίας του Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ G (Ambst)

3:24: sabendo que do Senhor recebereis como recompensa a herança; servi a Cristo, o Senhor.

O paralelo aproximado é Efê. 6:8, onde se vê a declaração geral que todo o bem que um homem fizer, será devidamente galardoado, e isso deve incluir a idéia da recompensa futura, diante do tribunal de Cristo (ver II Cor. 5:10), além da recompensa temporal, o favor de Deus quanto à vida presente. Portanto, a «herança» é aqui mencionada, fazendo essa referência aplicar-se, especificamente, à eternidade futura. (Notas expositivas completas sobre a *herança cristã* aparecem em Rom. 8:17). Isso significa não somente o que *recebemos*, mas também o que «somos» em Jesus Cristo, participantes de sua imagem (ver Rom. 8:29), de sua natureza, e, por conseguinte, de sua divindade, da qual ele participa como homem (ver II Ped. 1:4), recebendo «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19). A nossa

mau, disso terá de prestar contas (ver as notas expositivas quanto a isso, em II Cor. 5:10). E isso não é questão de pouca monta, mas antes, deveria levar-nos a tomar cuidados extremos em todas as ações de nossa vida. Nada será esquecido; tudo será exigido em nossa prestação de contas. Haveremos de colher aquilo que tivermos semeado e essa é uma lei universal que não admite qualquer exceção (ver as notas expositivas sobre esse conceito bíblico, em Gál. 6:7,8). Nenhuma doutrina da justificação pela fé, que vise apenas a nossa aceitação forense, em Cristo, pode anular essa verdade, pois um homem é agora, e será nos lugares celestiais, aquilo que foi, a súplica total do que fez de si mesmo, mediante o exercício de seus instrumentos espirituais, que lhe foram dados para que os use. Cada um de nós, portanto, tem a responsabilidade de usar corretamente a graça que nos foi conferida, podendo nós obtermos *perda* ou *ganho*. Essa é uma questão muitíssimo mais séria do que a morte física, a qual, ordinariamente, é uma bênção para a alma, e não um castigo.

Variante Textual: A forma «*temendo a Deus*» aparece nos mss P(46), Aleph(3), D(3)K, na maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição bizantina. Já a forma «*temendo ao Senhor*» (em que «*Senhor*» é «*Cristo*», como é usual no N.T.: ver Rom. 1:4 acerca disso, em suas notas expositivas), figura nos mss Aleph(1), abcd(1)GL. Sem dúvida essa é a forma original. A modificação para «*Deus*» pode ter sido feita com base no sentimento que Deus é objeto mais próprio para ser temido, sendo, além disso, a expressão mais usual.

«O dever do crente, antes de tudo, consiste de agradar ao Senhor, e isso ele só pode fazer mediante a realização consciente de suas tarefas, inteiramente à parte do reconhecimento que ele receber da parte dos homens. Se a base de sua conduta for o agradar aos homens, negligenciará seus deveres onde esse motivo não pode operar». (Peake, *in loc.*). Esse agradar ao Senhor deve ser temperado com o respeito apropriado, até mesmo com o temor ao grande Senhor Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas em Rom. 1:4 acerca do «senhorio de Cristo»). Cristo é o único Senhor, o Senhor celeste, em contraste com tantos e tantos senhores terrenos.

«O apóstolo não fala de maneira vaga, mas aborda aqueles vícios em que a servidão se mostra tão tendente a gerar a indolência, o serviço prestado sob o respeito humano e a relutância no labor». (Riddle, no Comentário de Lange).

Referências e idéias. A justiça própria.

1. O homem se inclina por ser justo a seus próprios olhos (ver Pro. 20:6 e 30:12). 2. A justiça própria é abominável diante de Deus (ver Luc. 16:15). 3. É inútil, porque nossa justiça é apenas externa (ver Mat. 23:25-28 e Luc. 11:39-44). 4. É parcial (ver Mat. 23:25 e Luc. 11:42). 5. Não é melhor que trapos imundos (ver Isa. 64:6). 6. É ineficaz para a salvação (ver Jó 9:30,31; Mat. 5:20 com Rom. 3:20). 7. E sem proveito (ver Isa. 57:12).

porção imaterial do homem, a alma. Portanto, todo serviço deve ter algo a ver com o bem-estar espiritual do homem, com sua expressão espiritual. Portanto, aqui é ordenado mais que um mero serviço feito «de todo o coração». Antes, deve ser um serviço prestado com a alma, um serviço espiritual, pois está sendo prestado a Deus, o qual nos deu nossas tarefas de acordo com sua vontade. Um serviço completo, voluntário, intenso, e isso em consonância com os princípios espirituais, nos é assim recomendado. É verdade que essa palavra grega pode significar meramente «de todo coração», mas, devido ao contexto, deve significar muito mais, pois todo serviço deve ser um exercício espiritual.

As Escrituras elogiam o trabalho árduo, ao passo que condena o ócio e a falta de propósitos.

«A preguiça é apenas o refúgio de mentes fracas, o feriado dos tolos». (Lord Chesterfield, *Letters*, 20 de julho de 1749, 1694 - 1773).

Ausência de ocupação não é descanso, Ua mente vazia é bastante desassossegada.

(William Cowper, *Retirement*, 1731 - 1800).

«Na civilização não há lugar para o ocioso. Nenhum de nós tem qualquer direito ao lazer». (Henry Ford, 1863 - 1947).

Pois Satanás continua descobrindo alguma maldade Para as mãos ociosas praticarem.

(Isaac Watts, 1674 - 1748).

herança consiste de «termos» o que Cristo tem, mas também de «sermos» o que ele é. Um escravo, sem vida própria e sem vontade própria, sempre sobrecarregado de trabalho, e sem futuro terreno para o qual olhar, não teria motivação alguma para agradar àquele que era seu senhor, o qual fazia de sua vida o que ela era. Mas a vida e a esperança não cessam neste lado da existência, e nem nas meras circunstâncias terrenas. Nos lugares celestiais não haverá escravos e nem senhores, e um crente que neste mundo foi escravo está sujeito a receber tão plena recompensa como qualquer outro homem. Isso é exposto diante dos escravos crentes como incentivo para se submeterem de boa vontade à vontade de Deus, esperando a fruição de sua presente salvação, o que, de modo algum pode ser impedido pelo seu presente estado terreno.

Referências e idéias. A recompensa dos santos:

1. A recompensa dos santos vem de Deus (ver Rom. 2:7; Col. 3:24 e Heb. 11:6). 2. Vem pela graça, através da fé, com exclusividade (ver Rom. 4:4,5,16 e 11:6). 3. Vem do beneplácito de Deus (ver Mat. 20:14,15 e Luc. 12:32). 4. É preparada por Deus (ver Heb. 11:16). 5. É preparada por Cristo (ver João 14:2). 6. É dada aos crentes como servos de Cristo (ver Col. 3:24). 7. Não por causa dos méritos pessoais dos santos (ver Rom. 4:4,5).

Obediência Forçada

1. Servir ao próximo, motivado por um espírito bom, pode ser uma experiência recompensadora. Porém, sermos forçados a fazer qualquer coisa, contra nossa própria vontade, só pode provocar ressentimentos. Não demora muito e o ressentimento se transmuda em ódio.

2. Não há qualquer sombra de dúvida que os escravos cristãos odiavam a seus senhores, por causa dessa necessidade sub humana que tinham de servir a outros contra a sua própria vontade, com frequência sujeitos a circunstâncias que humilhavam.

3. Porém, existe uma obediência forçada que é a vida mesma da alma. Somos escravos de Cristo (ver as notas a respeito, em Rom. 1:1), e disso se deriva nossa honra e esperança. Essa obediência é forçada porque foi determinada pelo Pai, porquanto fomos escolhidos em Cristo (ver Efê. 1:4). Ao mesmo tempo, essa obediência é espontânea, pois através dela a alma é liberada de tudo quanto é temporal, vil e pecaminoso. Somente aqueles que têm Cristo como Senhor são verdadeiramente livres. O sexto capítulo de Romanos mostra-nos que nenhum ser humano é verdadeiramente livre. É mister que seja escravo de alguém.

A palavra *Senhor*, neste caso, tem um duplo sentido. O verdadeiro Senhor desta vida é Cristo, sendo ele o Senhor a quem devemos servir agora mesmo. Outrossim, ele é o Senhor dos céus, o objeto de todo o serviço espiritual, em qualquer nível da existência em que o mesmo seja prestado. (Ver as notas expositivas acerca disso, em Col. 4:1). Esse mesmo Senhor é quem nos dará nossa «herança»; e isso inclui a participação na sua natureza, poder e dignidade. Esses pensamentos visavam resguardar os escravos crentes do desencorajamento, guiando-os a uma vida terrena preñe de propósito e de boa esperança acerca da eternidade futura.

O que se diz aqui aplica-se, naturalmente, a todos os homens e, mais

25 ὁ γὰρ ἀδικῶν κομιᾶται ὁ ἡδίκησεν, καὶ οὐκ ἔστιν προσωποληψία.

25 οὐκ ἔστιν προσωποληψία Dt 10:17; 2 Chr 19:17; Ac 10:34; Eph 6:9

3:25: Pois quem faz injustiça receberá a paga da injustiça que fez; e não há acepção de pessoas.

Este versículo tem um paralelo parcial em Efê. 6:8,9. O Senhor é aquele que nota nosso trabalho e nos recompensa. Ali não é expresso o lado negativo da questão, isto é, o fato que ele também castiga. O presente versículo, entretanto, parece ter aplicação local, talvez tendo algo a ver com o caso de Onésimo o escravo fugido (ver File. 25). É possível que sua experiência, aliada ao fato que Paulo, através de sua epístola, contribuiu para que Onésimo fosse perdoado, tenha levado outros escravos, na igreja de Colossos, a fazer planos de fugirem, ao perceberem que isso fora vantajoso para Onésimo. Ou, de outras maneiras, os escravos cristãos começassem a rebelar-se contra a autoridade de seus senhores. Portanto, foi necessário que Paulo os advertisse que tais atitudes são contrárias às exigências de Cristo, no tocante à tarefa específica de cada qual, como profissão ou trabalho. Muito acima de tudo, é exigido de cada indivíduo que seja fiel à sua missão. No tocante à punição, não é provável que Paulo estivesse aludindo aqui à punição terrena. Antes, ele olhava para o tribunal de Cristo. Quem ocupa aqui posição humilde, não precisa esperar que seja aprovado diante do Senhor, desculpendo-se de seu fracasso, neste mundo, porque sua tarefa foi difícil aqui. Em qualquer condição em que esteja, espera-se que cada crente individual seja fiel; isso é o que será considerado em seu favor, diante do tribunal de Cristo.

O coração, no tempo de sono,
Sente as dores da derrota,
Conhece o remorso do recuo moral.

A sabedoria severa, incansável em seu governo,
Ao homem desviado acusa amargamente,
Dando orientação que o pecador rejeita.

(Russell Champlin,
ao meditar sobre Col. 3:25)

Naturalmente, o princípio é geral, embora tivesse aplicação local. Cada indivíduo terá de receber de volta o que tiver praticado, de bem ou de mal (ver II Cor. 5:10), colhendo o que tiver semeado de bem ou de mal; e isso se aplica até mesmo aos crentes (ver Gál. 6:7,8, cujas notas expositivas esclarecem a questão).

Alguns intérpretes têm um ponto de vista diferente sobre a aplicação específica dessas palavras: esses vêm no «malfeitor» o proprietário de

especificamente ainda, àqueles cuja vida é difícil, àqueles que têm labores árduos e forçados a realizarem, com propósito e recompensa aparentemente pobres. A sorte de um escravo era solitária e dura; no entanto, podia revestir-se de significado—o Senhor era seu amigo.

«Não há negócio ou emprego que, seguindo-o um jovem, não possa ele tornar-se um herói». (Walt Whitman).

«...é que estais servindo...» No grego, essas palavras podem ser o indicativo ou o imperativo. E ambas as possibilidades expressam uma verdade. O que fazemos, na realidade, é para serviço de Cristo. Contudo, precisamos ser exortados: «servi a Cristo, o Senhor»; e isso sob qualquer circunstância, até mesmo quando estamos reduzidos à posição de um mero escravo. Notemos que a conjunção «pois», que figura em algumas versões, é omitida por todos os manuscritos verdadeiramente antigos, embora seja inserida nos mss D(3)KL e nos manuscritos minúsculos posteriores. Se omitirmos essa conjunção, o imperativo é mais provável: «Servi a Cristo, o Senhor...» Contudo, a tradução «A Cristo, o Senhor, é que estais servindo», conforme se vê em nossa versão portuguesa e outras, também é possível. Mas, se a conjunção «pois» for retida, isto é, «pois estais servindo», então é de esperar-se o verbo no indicativo mesmo.

Crentes cansados e desencorajados, crentes oprimidos pelas circunstâncias adversas e pelos abusos e negligências de outros, são aqui convocados a relembrar que o verdadeiro alvo de toda a existência é Cristo, o qual é nosso Senhor. Confiamos suficientemente nele para crer que ele arranhou as circunstâncias de nossa vida visando nosso próprio bem; confiamos nele o bastante para crer que ele é, por igual modo, o autor de nossos eventuais descanso e triunfo; ele nos chama para participarmos de sua glória—os fiéis a Cristo sob hipótese alguma perderão sua recompensa. Aos fiéis, pois, ele promete a sua eternidade, interpretada pelo amor.

Oh, descanso sabático na Galiléia!
Oh, tranqüilidade das colinas lá do alto,
Onde Jesus ajoelhou-se para compartilhar contigo
Do silêncio da eternidade,
Interpretada pelo amor!
(J. Harry Cotton).

25 πρ-ια] add (Rom. 2. 11) παρα τω Θεω GI vg⁸, c1

escravos que abusa de seu escravo. Isso é possível. Seja como for, a máxima é geral e contempla ambas as possibilidades, o abuso contra o senhor, por parte do escravo, ou vice-versa. Um senhor deve saber que não pode escapar ao castigo do tribunal de Cristo, meramente porque neste mundo foi homem de elevada posição. Deus não mostrará por tal pessoa qualquer respeito, devido a isso. De todos é exigido que cumpram sua missão em generosidade e gentileza, suportando as ameaças, conforme diz o paralelo de Efê. 6:9. O escravo que for abusado desse modo, pode derivar consolo do fato que a justiça será feita, se não aqui, então ali.

É provável que este versículo, em sua aplicação local, seja uma advertência aos escravos: «Tíquico, que levou essa epístola a Colossos, ao mesmo tempo foi o portador da epístola a Filemom, tendo escoltado Onésimo a seu senhor» (Vincent, *in loc.*). Portanto, provavelmente essas palavras dizem respeito à infidelidade dos escravos, pois esse seria o problema em questão.

«...não há aceção de pessoas...», isto é, diante de «Deus» ou de «Cristo», conforme se dá no caso de Efê. 6:9. Um homem de alta ou baixa posição neste mundo pode esperar ser tratado como qualquer pessoa, diante do tribunal divino, porque, na realidade, só há um único Senhor, e ele é o Juiz de todos, por semelhante modo. Nenhum privilégio especial será dado aos grandes e elevados da terra; mas, ao mesmo tempo, ninguém de baixa posição, neste mundo, pode desculpar a um homem da necessidade de fazer o melhor que estiver ao seu alcance, com as circunstâncias ao seu redor, sendo fiel a todos. (Quanto a notas expositivas completas sobre o tema que «Deus não faz aceção de pessoas», ver Rom. 2:4). No grego temos, literalmente, «aceitação de rosto», no lugar onde a tradução portuguesa diz «aceção de pessoas». E isso indica parcialidade.

«Bougaram conta-nos de como Verdi efetuou sua pior ópera em Florença. No fim da peça, sabendo a todo o tempo que a apresentação fora péssima, quando a audiência se levantou coletivamente para aplaudi-lo e lançar-lhe rosas, continuou de pé, a beber os louvores, reconhecendo os mesmos, até que, olhando ao redor, viu Rossini, paciente em seu banco. Rossini, um mestre, ao olhar para ele, como que dizia: 'Oh, Verdi! Verdi!' Tal é a sorte do homem que prefere o louvor dos homens, e que, repentinamente, apanha a vista de algum artista sincero, que percebe o olho de Deus» (John Hutton, *The Dark Mile*).

Capítulo 4

4 Οἱ κύριοι, τὸ δίκαιον καὶ τὴν ἰσότητα τοῖς δούλοις παρέχεσθε, εἰδότες ὅτι καὶ ὑμεῖς ἔχετε κύριον ἐν οὐρανῷ.

4 1 Lv 25.43, 53; Eph 6.9

4:1: Vós, senhores, dai a vossos servos o que é de justiça e equidade, sabendo que também vós tendes um senhor no céu.

Não há qualquer interrupção de pensamento entre os capítulos terceiro e quarto, e este versículo pertence ao parágrafo anterior. Entre este versículo e Efê. 6:9 há um paralelismo cru. Dos senhores é exigido que façam o bem a seus escravos, tal como esperam esse tipo de tratamento da parte deles. Quando um senhor de escravos age bem, evidenciará tal coisa por ser justo, generoso e correto. Dessa maneira, pois, Paulo quis ensinar aos senhores que tratassem de seus escravos como mais que meras propriedades. Em várias fontes históricas lê-se acerca do tratamento completamente brutal e desumano conferidos aos escravos, nos tempos antigos. Podia-se abusar dos

escravos de toda a maneira, maltratando-os fisicamente, exigindo deles tarefas sobre-humanas, e até mesmo tirando-lhes a vida, através até mesmo da crucificação; e não havia leis de qualquer espécie que os pudessem proteger, não havia tribunal de apelo. Portanto, sem qualquer empecilho, um homem podia fazer com um escravo seu o que bem entendesse. Mas Paulo diz que isso não podia ocorrer no seio da igreja. Pois até mesmo quando um homem é um escravo, é muito mais que uma peça de propriedade. Paulo já havia mostrado que perante Deus os escravos são iguais a seus senhores, o que também ocorre na igreja (ver o décimo primeiro versículo). Portanto, é exigido dos senhores dos escravos que sejam justos e equânimes.

Referências e idéias. A justiça:

1. A justiça é ordenada (ver Deut. 16:20 e Isa. 56:1). 2. Cristo, exemplo de justiça (ver Sal. 98:9; Isa. 11:4 e Jer. 23:5). 3. É algo requerido especialmente dos governantes (ver II Sam. 23:3 e Eze. 45:9). 4. Deve ser exercida, na execução de julgamento (ver Deut. 16:18 e Jer. 21:12). 5. No comprar e no vender (ver Lev. 19:36; Deut. 25:15). 6. Para com os pobres (ver Pro. 29:14 e 31:9). 7. Para com os órfãos e as viúvas (ver Isa. 1:17). 8. Para com os servos ou escravos (ver Col. 4:1). 9. O suborno impede a justiça (ver Êxo. 23:8). 10. Deus requer a justiça (ver Miq. 6:8).

«Dos senhores, por sua vez, era ensinado que considerassem aos escravos não mais como gado, mas como *irmão amado* (ver File. 16), reconhecendo que sua relação legal com o escravo impunha uma responsabilidade, ao invés disso conferir-lhe direitos. Não era praticável advogar a abolição dessa instituição, ou mesmo sua ab-rogação entre os cristãos; mas foi introduzida uma nova atitude nessa relação, na qual o escravo era ensinado acerca do segredo da liberdade íntima, ou de responsabilidade, bem como de auto-respeito, ao passo que o senhor aprendia não somente a ser humanitário, mas a respeitar a pessoa de seu escravo e de todas as lições que fluem dessa comunhão com ele, na vida da comunidade cristã». (Beare, *in loc.*).

Esse mesmo autor, citado acima, comenta que a abolição generalizada da escravatura causaria o caos social, deixando os escravos reduzidos a aceitarem «subsídios de cereais» da parte do estado, porquanto não havia mercado de trabalho suficiente para envolver um grande influxo de libertos. Entretanto, dificilmente isso serve de desculpa, pois quando chegou a abolição da escravatura foi criado exatamente esse problema, e agora, cem anos mais tarde, ainda não está plenamente resolvido. Contudo, foi direito abolir a escravidão. Simplesmente temos de admitir o erro do cristianismo por não ter condenado tal instituição, pelo menos dentro das fileiras da igreja.

De alguma maneira, os princípios éticos têm sido aprimorados com a passagem dos anos, e um reflexo moral mais claro tem sido desenvolvido, no tocante a alguns senhores, após séculos de existência do cristianismo.

«...justiça...» No grego é «*dikaïos*», «reto», «correto», «justo», atitude que não viola as exigências divinas sobre a conduta humana, e isso quanto aos itens seguintes: não impor sobre eles trabalho em demasia; não puni-los corporalmente ou maltratá-los; dar-lhes provisões adequadas para as necessidades da vida; mostrando-se generosos com eles.

«...equidade...» No grego é «*isotes*», ou seja, «equanimemente». Provavelmente isso não significa tratar todos os escravos do mesmo modo e,

sim, tratar a todos eles de maneira justa e certa. O ideal seria tratá-los como iguais, como irmãos, e disso um «tratamento justo» poderia ser esperado, naturalmente. Dessa maneira, o escravo, que não pudesse apelar para qualquer lei humana, ainda assim seria protegido pela lei do amor fraternal. O trecho de File. 16 mostra que isso não era impossível.

«...tratai...», não como meros escravos, mas muito mais que um escravo, um irmão amado. É mister dar as provisões físicas que o labor físico requer; é preciso tratar aos escravos de modo justo, em todas as relações com ele; não devemos sobrecarregá-lo de trabalho; não devemos esperar de um escravo mais do que é razoável. Isso pode ser comparado com Mat. 23:8-11, onde Jesus quis desfazer as diversas superioridades que os homens têm criado entre si, mediante o que um domina a outro.

«...também vós tendes Senhor no céu...» Temos aqui um paralelo a Efê. 6:9. As Escrituras afirmam, naquele lugar, que «...para com ele (Deus), não há aceção de pessoas». (Ver as notas expositivas, ali existentes, quanto a explicações).

Servimos ao Senhor, Cristo, em absoluta sujeição, como seus escravos. Isso é figura simbólica de dedicação suprema. Isso requer um propósito resoluto, um alto ideal, bem como o reconhecimento do poder e do senhorio de Deus. Precisamos entender que ele tem um elevado propósito para nossa vida.

«Começo a perceber que posso e devo crer em Deus, e estou simplesmente assustado. Tenho estado acostumado a viver sem ele, até certo ponto. Se eu admitir para mim mesmo que ele é real, sei que terei de fazer algo a respeito, e sinto que a minha vida inteira ficará abalada. E procuro evitar essas mudanças desconhecidas mas possíveis». (Um jovem, escrevendo para Herbert Gray).

«Essa é a verdadeira alegria da vida, sermos usados em um propósito que nós mesmos reconhecemos como poderoso, ao invés de vivermos em um amontoado de pequenas, febris e egoístas mágoas e mazelas, queixando-nos de que o mundo não se devota a tornar-nos felizes». (Citado por James Reid, *The British Weekly*).

«A vida me parecia intolerável se eu perdesse a fé no Deus que Jesus descreve nos três primeiros evangelhos; ou no criador de um universo sem limites, dotado de ordem e beleza». (Henry James, Charles W. Eliot, Boston: Houghton Mifflin, Co.).

A vida pode ser cheia de sentido, até mesmo para quem está no «estado de escravo», quando reconhecemos suas verdadeiras motivações e alvos.

★ ★ ★

III. Princípios Éticos: A Inquirição Espiritual Baseada na Grandeza de Cristo (Col. 3:1 - 4:6).

4. Exortação à oração (4:2-4).

Notemos que, na epístola aos Efésios, após as exortações gerais, que visam regulamentar a família cristã, segue-se a grande passagem sobre o soldado cristão e seu combate (ver Efê. 6:10-17). Segue-se, então, a passagem sobre a oração, que é diretamente paralela à sequência de idéias da presente epístola. (A nota expositiva detalhada sobre «oração» é oferecida em Efê. 6:18). O conteúdo geral da passagem à nossa frente é igual ao do seu paralelo na epístola aos Efésios, embora, uma vez mais, a expressão seja ali mais adornada. O soldado cristão precisa do recurso da oração; trata-se de uma arma tanto ofensiva como defensiva, para ele. Assim como o homem que tem uma missão no mundo (aqui aparece a missão evangelística), precisa do recurso e da ajuda da oração, assim também ambas essas epístolas, aos Efésios e aos Colossenses,

2 Τῇ προσευχῇ προακατερεῖτε, γρηγοροῦντες ἐν αὐτῇ ἐν εὐχαριστίᾳ,

2 Τῇ προσευχῇ προακατερεῖτε Eph 6:18; Php 4:6; 1 Th.5:17

4:2: Perseverai na oração, velando nela com ações de graças,

«...perseverai...» No grego é «*proskareteō*», «apegar-se a», «esperar em», «ser fiel», «ocupar-se ativamente de». A raiz, «*karteresis*», significa «*paciência*», «*resistência*». A forma adjetivada significa «*ser forte*», «*ser corajoso*», «*ser constante*». Políbio usou essa palavra para descrever a continuação obstinada de um cerco militar. A oração, para ser eficaz, não pode ser sem vida, hesitante, intermitente, dividida, preñhe de dúvidas. (Quanto à questão da «perseverança em oração», comparar com Efê. 6:18: «...com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos...» «*Orai sem cessar*» (I Tes. 5:17). «...sedes... na oração perseverantes...» (Rom. 12:12). «Disse-lhes Jesus uma parábola, sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer» (Luc. 18:1).

Há mais coisas operadas pela oração
Do que este mundo pode sonhar.
(Tennyson).

«...vigiando...», isto é, evitando o espírito de negligência. Devemos vigiar acerca das tentações prejudiciais, de modo que as evitemos; devemos orar com a atitude de expectativa; devemos guardar-nos contra a preguiça e a lassidão moral, na oração e em outras facetas da vida espiritual. Isso pode ser comparado com o trecho de Mar. 13:35 e I Ped. 5:8, e sobretudo com Efê. 6:18, que lhe é um paralelo direto: «...e para isto vigiando com toda perseverança e súplica...» Nessa «vigilância à preguiça», que é debilitante para a vida de oração. Williams traduz esse citado versículo (aqui vertido para o português), como segue: «Estai sempre em estado de alerta, com perfeita devoção e súplica em favor de todo o povo de Deus». E quanto ao presente versículo, diz esse mesmo autor: «Permanecei bem despertos...»

dizem respeito a essa questão. A passagem de Efê. 6:18, porém, enfatiza a necessidade de apoio mútuo em oração, na igreja. A oração é um poder criador, que pode alterar o curso dos acontecimentos humanos, modificando, antes de tudo, os corações dos seres humanos, que modificam o curso dos eventos. Não obstante, pode transcender às influências humanas. Isso pode suceder no seio da igreja ou no mundo. Passagens como a de I Tim. 2:1,2 dizem respeito, especificamente, à oração em favor do mundo e da sociedade, incluindo os incrédulos, essencialmente porque também são objetos do amor de Deus, o qual quer que todos sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade». A presente passagem, em seu paralelo na epístola aos Efésios, também envolve tal questão. «Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branqueiam para a ceifa» (João 4:35). «A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara» (Mat. 9:37,38).

4. 2 προακατερεῖτε[-prountes I 33 69 pc Or | εν ευχαρ.] om D* Ambst

Referências e idéias. A oração:

1. O oração nos é ordenada (ver Isa. 55:6; Mat. 7:7 e Fil. 4:6). 2. A oração deve ser feita a Deus (ver Sal. 5:2 e Mat. 4:10). 3. Deve ser oferecida a Cristo (ver Luc. 23:42 e Ato 7:59). 4. Deve ser oferecida ao Espírito Santo (ver II Tes. 3:5). 5. Deve ser oferecida por meio de Cristo (ver Efê. 2:18 e Heb. 10:19). 6. Deus ouve às nossas orações (ver Sal. 10:17 e 65:2). 7. Deus responde às nossas orações (ver Sal. 99:6 e Isa. 58:9).

«...com ações de graça...» Essa expressão pode ser considerada «dependente». Portanto, quando oramos ou advertimos, as ações de graças também fazem parte da oração. Mas há estudiosos que pensam que essa expressão é independente ou coordenada. Portanto, juntamente com as orações e a vigilância, que haja também ações de graças, com ou sem sua associação à oração. (Ver Col. 3:15-17, onde a atitude de «agradecimento» nos é recomendada). Essa deve ser a nossa atitude, por causa dos benefícios da redenção e da chamada; isso deveria ser expresso por meio de nossos salmos, hinos e cânticos espirituais; e também deveria ser associado a tudo quanto fazemos, em palavra ou ação. Assim sendo, as ações de graça também fazem parte da verdadeira oração. A oração é um dos meios pelo qual expressamos nossa gratidão a Deus, além de ser um ato criador para a proteção e para a mudança dos acontecimentos. (Ver as notas expositivas sobre as «ações de graça», nas referências dadas. A nota de sumário sobre a «gratidão» aparece em I Tes. 5:18).

«Toda oração deveria ser misturada com gratidão, pois sem esse perfume, o incenso da devoção não tem um dos elementos fragrantes... a oração mais completa eleva-se confiante desde um coração grato, que tece a memória em esperança e que solicita muito, porquanto muito tem recebido... As ações de graças são a pena que dá asa à flecha da oração—a altura de onde nossas almas mais facilmente se elevam para os céus». (MacLaren, *in loc.*). Isso pode ser confrontado ao trecho de Fil. 4:6: «Não andeis ansiosos de cousa

alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça...

Quase todos nós nos mostramos infantis em nossas orações. Assim como as crianças quase não podem pensar em outra coisa senão em pedir novas coisas, assim também, quando nos achegamos a Deus em oração, fazemos pouco mais do que pedir muitas coisas, talvez sem que delas nem precisemos, e algumas das quais seriam até mesmo prejudiciais para nossa vida espiritual, se porventura as recebêssemos. Conta-se a história de uma menininha que, quando fazia suas orações noturnas, antes de ir para o leito, sempre fazia pedidos infantis, egoístas. Então, uma noite, ela deixou seus

3 προσευχόμενοι ἅμα καὶ περὶ ἡμῶν, ἵνα ὁ θεὸς ἀνοίξῃ ἡμῖν θύραν τοῦ λόγου, λαλήσῃαι τὸ μυστήριον τοῦ Χριστοῦ, δι' ὃ καὶ δέδεμαι, 3 προσευχόμενοι... Χριστοῦ Eph 6.19; 2 Th 3.1; Ro 15.30; 1 Cor 16.9 3-4 δι'... λαλήσῃαι

Eph 6.20

3 λόγου] add (cf. Eph. 6. 19) εν παρρησια Α Χριστου] Θεου B*L pc sa [δ] εν BG

4:3: orando ao mesmo tempo também por nós, para que Deus nos abra uma porta à palavra, a fim de falarmos o mistério de Cristo, pelo qual também estou preso,

O trecho de Efê. 6:19-20 é paralelo direto a este, e ali é que as notas expositivas devem ser consultadas.

«...também por nós...», a saber, por «todos os santos» (ver Efê. 6:18) e, particularmente, por Paulo, a fim de que sua missão não fracasse, para que lhe fosse dada a liberdade de dar prosseguimento à mesma.

Referências e idéias. A oração intercessória:

1. Cristo nos deixou o exemplo da oração intercessória (ver Luc. 32:32; 23:34 e João 17:9-24). 2. Essa forma de oração nos é ordenada (ver I Tim. 2:1 e Tia. 5:14,16). 3. Deve ser oferecida em favor dos reis (ver I Tim. 2:2). 4. Em favor de todas as autoridades (ver I Tim. 2:2). 5. Em favor dos ministros (ver II Cor. 1:11 e Fil. 1:19). 6. Em favor da igreja (ver Sal. 122:6 e Isa. 62:6,7). 7. Em favor de todos os santos (ver Efê. 6:18). 8. Em favor de todos os homens (ver I Tim. 2:1). 9. Em favor dos senhores (ver Gên. 24:12-14). 10. Em favor dos servos (ver Luc. 7:2,3). 11. Em favor das crianças (ver Gên. 17:18 e Mat. 15:22). 12. Em favor dos amigos (ver Jó 42:8). 13. Em favor dos nossos compatriotas (ver Rom. 10:1). 14. Em favor dos enfermos (ver Tia. 5:14). 15. Em favor dos perseguidores (ver Mat. 5:44). 16. Em favor dos inimigos entre os quais habitamos (ver Jer. 29:7).

«...porta...», isto é, a «oportunidade de pregar o evangelho», ou então a oportunidade de prestar algum serviço especial, aqui referido como uma «porta». (Ver as notas expositivas completas a respeito, em Atos 14:27. Ver também Apo. 3:8). Tudo isso pode ser comparado ao trecho de I Cor. 16:9, que diz: «...porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários». Temos nisso a metáfora de entrar em um certo lugar, de lançar-se a alguma nova missão, por meio de alguma oportunidade particular que nos seja oferecida. Paulo procurava uma «porta de admissão», alguma oportunidade especial que permitisse que a mensagem cristã entrasse em algum novo território e tivesse sua fruição apropriada. No paralelo de Efê. 6:19, Paulo pede que lhe seja dada a «palavra», a fim de que abrisse a boca com ousadia e tornasse conhecido o mistério do evangelho. Trata-se ali da idéia equivalente, mas sem a metáfora da «porta». O trecho de II Cor. 2:12 menciona a oportunidade que a Paulo foi dada de pregar o evangelho em Trôade, mas da qual ele não pode tirar vantagem por causa de desencorajamento e de depressão mental, não tendo encontrado ali a Tito, conforme esperava fazer. Mas agora queria alguma nova oportunidade de serviço, que aumentasse a eficácia de sua missão.

«...para que Deus nos abra...» Somente a vontade e a graça divinas podem fazer isso, embora os homens, correndo à frente ou atrás de Deus,

4 ἵνα φανερώσω αὐτὸ ὡς δεῖ με λαλήσαι.

4:4: para que eu o manifeste como devo falar.

Temos aqui trecho diretamente paralelo ao de Efê. 6:20, onde se lê: «...para que em Cristo eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo». Parece que ali ele pede poder e eloquência para anunciar o evangelho no meio ambiente em que se achava, sem aguardar a possível libertação. Mas aqui ele espera essa libertação e, através disso, a capacidade de anunciar o evangelho, para que tirasse proveito de seu privilégio e nova missão.

«...eu o manifeste...» Essas palavras têm sido compreendidas em diversas conexões, a saber:

1. Alguns estudiosos pensam que essas palavras são dependentes da cláusula anterior, «para que Deus nos abra a porta», pelo que sua oração, solicitando o «poder de pregar» estaria associada à sua nova missão.

2. Mas outros compreendem essas palavras juntamente com as «orações» dos crentes colossenses, ou seja, deveriam orar especificamente para que Paulo tivesse poder na pregação, a fim de que a mensagem cristã fosse manifestada em qualquer circunstância na qual se achasse.

3. Ainda há aqueles que pensam que a questão de seu «estar em cadeias» é que está vinculada a estas palavras, ou seja, para que ele manifestasse o evangelho em seu presente encarceramento. Isso faria a questão tornar-se paralela ao trecho de Efê. 6:20, conforme é descrito acima.

4. Von Soden compreende a questão do tornar manifesto como algo relativo não à pregação pública do evangelho, mas à sua urgência e «necessidade de pregar o evangelho», cujo tema em breves dias ele tentaria «esclarecer» aos oficiais da prisão, ou aos oficiais romanos que lhe dariam liberdade. Em outras palavras, ele teria de explicar-lhes, em termos claros, por que tinha a necessidade de pregar. E esse é um sentido possível dessas palavras, porquanto fala do que faria, uma vez que a «porta» lhe fosse aberta. Falava de tornar o evangelho manifesto, claro, para todos, e isso com poder, com coragem. A tradução inglesa de Williams (aqui vertida para o português), concorda com essa interpretação de von Soden, dizendo: «...a fim de tornar evidente por que tenho de anunciá-la». Portanto, essa posição não pode ser rejeitada sem consideração séria.

Entretanto, o mais provável é que a palavra «manifeste», indique a revelação do «intuito» pleno do evangelho, o seu conteúdo evangélico,

país boquiabertos, quando terminou sua oração com as palavras: «E agora, Deus, que posso fazer por si?» Há certa nota de adoração que podemos adicionar; há a nota de ação de graças, porquanto é devido à graça divina que chegamos onde estamos, e por sua graça esperamos chegar em segurança à pátria celeste. Além disso, há outras coisas pelas quais devemos orar, conforme o versículo seguinte indica. Há a oração que pede sabedoria, a oração que pede utilidade espiritual, a oração que pede iluminação e poder. (Ver o pedido de Paulo de que devemo-nos ocupar com «orações diferentes» daquelas que normalmente fazemos, em Efê. 1:15 e ss.). E isso é a oração espiritual. (Ver as notas gerais sobre a «oração», em Col. 1:3).

podem atirar-se em uma missão estribados em seu próprio poder. Notemos, por igual modo, que o trecho de Apo. 3:8 mostra que Cristo é quem abriu uma porta (a moderna missão profética) que «ninguém poderá fechar».

«...palavra...» Neste ponto a questão é absoluta, mas, em outros lugares, trata-se da «palavra de Cristo», da «palavra da verdade» ou da «palavra de Deus», em todas as quais instâncias está em foco a «mensagem cristã» e também os ensinamentos que se desenvolveram ao seu redor. Não são frisadas as Escrituras, em forma escrita, embora a mensagem cristã, posteriormente, tenha sido reduzida à forma escrita. (Quanto a notas expositivas completas sobre a questão do termo «palavra» aparecer em diversas combinações, todas as quais apontam para o «evangelho», ver Col. 3:16, que alista as diversas expressões que há no N.T.).

«...mistério de Cristo...» Não está aqui em foco Cristo como «mistério de Deus», que se vê em Col. 2:2 e, sim, o evangelho como um mistério, embora sua característica principal de redenção por meio do Cristo que em nós habita, o que transmuta os homens segundo a sua imagem, esteja particularmente em vista. O evangelho, por si mesmo, é o «mistério de Deus», dotado da mensagem remidora que o mundo nunca ouvira; uma alta e exaltada redenção, que ultrapassa a todo o entendimento humano. (Quanto a notas expositivas completas sobre esse «mistério», ver Col. 1:26,27). Notemos que em Col. 1:25, imediatamente antes da menção desse mistério, há alusão à «palavra de Deus», a qual é, portanto, posta em justaposição ao «mistério», tal como aqui a simples expressão, «palavra» é colocada em relação ao «mistério».

«...pelo qual também estou algemado...», ou seja, «por causa do evangelho, o mistério de Deus», é que Paulo chegara a ser prisioneiro. A carta aos Colossenses é uma das «epístolas da prisão». Não se tem certeza em que cidade Paulo estava encarcerado, quando escreveu esta epístola. (Quanto a uma completa discussão a esse respeito, ver a seção II da introdução à epístola. Comparar com Col. 2:1). No dizer de Robertson (*in loc*): «Paulo sempre tinha consciência dessa limitação, as suas cadeias. Basicamente, ele era um prisioneiro por haver pregado aos gentios». Paulo aguardava que a «porta se abrisse», como meio de ser solto da prisão, a fim de que pudesse continuar seu trabalho, e isso através de algum ato da providência divina. (Quanto ao aprisionamento de Paulo, usado simbolicamente como «sinal de dedicação», ver Efê. 4:1). Antes de tudo, Paulo era prisioneiro de Cristo, completamente cativado por sua vontade. Isso o levou a tornar-se um prisioneiro físico. (Ver também Col. 1:24 quanto a notas expositivas sobre as «aflições de Paulo», ocasionadas por sua pregação do evangelho).

juntamente com os vários ensinamentos que, naturalmente, estão vinculados ao mesmo.

O evangelho é um «mistério», ou seja, um «segredo aberto» de Deus, em contraste com as doutrinas gnósticas misteriosas e fechadas. Paulo queria torná-lo tão «aberto» e claro quanto lhe fosse possível, e em tantos lugares quanto lhe fosse isso possível. Queria expor seu subentendido mais profundo, para tantas pessoas quantas lhe fosse possível, porque isso era sua missão evangelizadora. «Tratava-se de um mistério, e ele queria torná-lo manifesto, queria abri-lo para que todos os homens o vissem». (Adam Clarke, *in loc*.) E Alford comenta (*in loc*): «...Então ele estaria cumprindo as exigências daquela chamada apostólica, da qual agora, devido ao seu encarceramento, estava afastado. Certamente esse é o sentido destas palavras, e não conforme ordinariamente elas são entendidas, ...para que pudesse declarar ousadamente o evangelho 'em seu aprisionamento'».

Neste Momento de Quietude

Neste momento de quietude, minha alma em descanso,
Levantam-se em roldão pensamentos de tarefas não-terminadas;
Triunfos ainda não obtidos, vitórias de tom espiritual,
Nisso se concentra o zelo da alma, em luta renovada.
Então, na inquietude, um pensamento me afeta o cérebro,
E se eu deixar de existir antes dos silos estarem cheios?
Então a razão de minha alma me aquieta o temor:
O valor humano aqui perdido é transferido aos mundos eternos.

(Russell Champlin, ao meditar sobre Col. 4:4).

«Por mais maravilhosa que parecesse a pregação de Paulo a seus ouvintes, conforme ela parece para nós, ele nunca se satisfazia com ela. E que pregador ficaria satisfeito?» (Robertson, *in loc*.).

«Suas declarações pareciam, a si mesmo, pobres e sem melodia, ao lado das harmonias majestáticas do evangelho. Não podia suavizar sua voz para proferir com bastante ternura uma mensagem de tão grande amor, e nem emprestar-lhe força suficiente para fazer ribombar uma mensagem de tão grande envergadura e destino mundial. Se o apóstolo Paulo sentia seu conceito da grandiosidade do evangelho reduzir-se a nada, quando expressa

com suas palavras ao tentar anunciá-lo, o que não devem sentir todos os outros verdadeiros ministros de Cristo? Se ele, na plenitude de sua inspiração, buscou lugar nas orações de seus irmãos na fé, de quanto maiores orações precisam aqueles que, com línguas gaguejantes, tentam pregar a verdade que faz de suas palavras de fogo parecerem gelo? Todo

homem assim deve voltar-se para aqueles que o amam e dar ouvidos a seu pobre pressentimento sobre as riquezas do Cristo, com o mesmo apelo feito por Paulo. Seus amigos não podem fazer-lhe maior favor do que levá-lo em seus corações, nas suas orações a Deus». (Maclaren, *in loc.*).

III. PRINCÍPIOS Éticos: A Inquirição Espiritual Baseada na Grandeza de Cristo (3:1-4:6)

4. A conduta do crente para com os pagãos (4:5,6).

A proximidade entre as comunidades cristãs e o mundo pagão criou boa variedade de problemas, já que a fé em Cristo e a lealdade a eles perfizeram um elemento bem distintivo na sociedade. Pelo tempo em que esta epístola foi escrita, havia uma entidade bem estabelecida e bem organizada, de natureza espiritual, no meio da sociedade pagã, e que desta última diferia grandemente, a saber, a igreja cristã. Em primeiro lugar, havia o perigo do retorno às práticas do paganismo, especialmente aquelas que envolviam alguma forma de transigência com a idolatria, e, mais particularmente ainda, alguma forma de degradação moral. Todas as epístolas de Paulo advertem contra essas coisas. Por outro lado, alguém recém-libertado dos vícios pagãos, em seu primeiro zelo evangélico, poderia mostrar a tendência de criticar aos seus vizinhos de maneira destrutiva, sem gentileza, alienando-os da igreja. O entusiasmo precisa ser temperado com a discreção e com o gentil Espírito de Cristo. Não nos devemos esquecer que Cristo veio como Salvador, e não como destruidor, e que algumas pessoas precisam de longo tempo para ver o seu valor, de modo a se entregarem de alma aos seus cuidados. Por conseguinte, não deve haver ataque descontrolado e fora de hora contra indivíduos ainda apegados a seus antigos caminhos; mas toda a ação deveria ser temperada com a graça divina.

As palavras de Paulo tanto são ofensivas como são defensivas. Ele queria proteger novos convertidos das formas destrutivas e das atrações exercidas pelo meio ambiente pagão. Ao mesmo tempo, sabia que a igreja, no meio da sociedade mundana, é uma potência em favor do bem, mediante o que outras pessoas podem encontrar a libertação.

ἢ Ἐν σοφίᾳ περιπατεῖτε πρὸς τοὺς ἔξω, τὸν καιρὸν ἑξαγοραζόμενοι.

5 Eph 5.15-16; 1 Th 4.11-12

4:5: Andei em sabedoria para com os que estão de fora, usando bem cada oportunidade.

«...Portai-vos...» No grego é «peripateo», que literalmente significa «andar à roda», indicando um padrão costumeiro de vida, um modo de viver. A metáfora do «andar» é comum na literatura antiga, tanto secular como religiosa. Fala dos hábitos gerais e das inclinações da vida do indivíduo. A palavra aqui empregada aparece por noventa e seis vezes nas páginas do N.T., com frequência com um subentendido ético. Uma outra palavra grega, «stoicheo», é usada por cinco vezes. (Vê-la em Gál. 6:16 e Fil. 3:16. Quanto a notas expositivas completas sobre a metáfora ética do «andar», ver Gál. 5:16,15). Em ambas essas referências, o andar do cristão deve ser «no Espírito», o que mostra que sua inspiração e orientação transcendem ao que é meramente humano, se porventura é um «andar» verdadeiramente espiritual.

«...com sabedoria...» Essa adição mostra que aquilo que fazemos, se obtém sucesso, deve ser uma obra divina, porque ninguém tem sabedoria natural suficiente para fazer da vida cristã um sucesso, vivendo à altura do elevadíssimo ideal cristão. Precisar-se do «discernimento» divino, e isso só vem através do desenvolvimento espiritual. Notemos que, em I Cor. 1:30, é dito que Cristo se tornou para nós «sabedoria», através do poder divino. Ser sábio, em sentido bíblico, pois, é conhecer mais de Cristo, é ter maior comunhão com o Senhor, é tê-lo vivo na própria vida, através de seu Espírito Santo, em nós residente. Cumpre-nos estar «mortos com Cristo para os rudimentos do mundo» (ver Col. 3:20). A «palavra de Cristo» precisa habitar em nós ricamente, «em toda a sabedoria», o que será para nós um poder didático e admoestador (ver Col. 3:16). «...porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus» (Col. 3:3). No entanto, possuímos uma nova vida, espiritual, por causa de sua ressurreição (ver Col. 3:1,4). Mas tudo isso reduz-se a meras palavras, a menos que o Espírito, habitando em nós, torne Cristo «sabedoria» para nós.

*O que em mim for tenebroso,
Ilumina—o que for vil, levanta e sustenta;
Para que acima desse grande argumento
Eu possa invocar a providência eterna
E justificar os caminhos de Deus entre os homens.*

(John Milton, em *Paraíso Perdido*)

Conta-se a história de uma mulher que foi encarcerada. Era uma mulher ainda jovem, especialmente empedernida e corrupta. Mas a diretora daquela instituição penal era mulher firme, embora dotada de boa vontade e de sabedoria especial. Conforme já era mesmo de esperar-se, a mulher mais jovem, a princípio, reagiu ao seu novo meio ambiente com insolência e ódio; mas, gradualmente, a influência benéfica da diretora foi exercendo seu efeito sobre ela. Uma noite, após as orações, o capelão observou que a mulher mais jovem beijava às escondidas a sombra da diretora, lançada por um candeeiro sobre a parede. A natureza enferma da mulher mais jovem começara a ser curada e, como é usual, a cura estava tendo lugar através do poder do exemplo. Um pai deve a seus filhos três coisas: exemplo, exemplo, exemplo. Isso é o que devemos aos nossos semelhantes.

Referências e idéias. Ignorar a Deus:

1. Ignorar a Cristo é ignorar a Deus (ver João 8:19). 2. Isso é evidenciado pela falta de amor (ver I João 4:8). 3. Pela desobediência a seus mandamentos (ver I João 2:4). 4. Pela vida no pecado (ver Tito 1:16 e I João 3:6). 5. Ignorar a Deus conduz ao erro (ver Mat. 22:29). 6. A idolatria (ver Isa. 44:19; Atos 17:29,30). 7. Ao alienamento de Deus (ver Efê. 4:18). 8. As paixões pecaminosas (ver I Tes. 4:5 e I Ped. 1:14). 9. A perseguição contra os santos (ver João 15:21 e 16:3). 10. Ignorar a Deus não é desculpa para o pecado (ver Lev. 4:2 e Luc. 12:48).

«...para com os que são de fora...»

Aqueles Que Estão Do Lado De Fora

1. Temos aqui uma comum expressão rabínica. Ela indicava aqueles que não faziam parte da comunidade judaica e dos pactos religiosos. Com

frequência era expressão usada com um tom de desdém: Esse tom, entretanto, se faz ausente nos escritos de Paulo.

2. Essa expressão (no uso judaico e cristão) por certo subentende uma *real separação* entre os que fazem parte da igreja e os que não pertencem a ela. Paulo não ordenou que houvesse a «separação social» entre crentes e incrédulos, exceto nas situações comprometedoras, como quando da participação de algum banquete em templo pagão. Se nos separássemos de todos os indivíduos pecaminosos, em nossos contactos diários, teríamos de sair deste mundo (ver I Cor. 5:9-12 e suas respectivas notas). Notemos, nesta passagem (vs. 12), como Paulo empregou essa mesma expressão que temos neste versículo.

3. Os crentes são cidadãos da pátria celeste (ver Fil. 3:20), e, por conseguinte, são estrangeiros e peregrinos neste mundo (ver Heb. 11:13 e I Ped. 2:11). Portanto, é necessário que conservem as características próprias de um povo santo, separando-se dos vícios daqueles que são meras criaturas terrenas.

4. Deus não chama os crentes ao «isolamento», mas chama-os à «separação».

5. Este texto ensina-nos que longe de nos separarmos do contacto com os incrédulos, temos a responsabilidade de lhes servir de exemplo. Essa é uma responsabilidade evangélica, que inclui tanto o *bom exemplo* quanto a *prédica*. A pregação, sem a força do bom exemplo, é inútil. Há um Cristo que deve ser exaltado, pois, uma vez que seja levantado entre nós, atrairá a si mesmo todos os homens (ver João 12:32).

A presente passagem ilustra o poder da influência. Esse poder pode conduzir homens a Cristo, ou pode espantá-los para longe de Cristo. Os crentes professos que não têm cuidado com a própria vida diária, exercem influência negativa e, algumas vezes, mostram-se pouco melhores do que os pagãos.

São líderes das igrejas, mas perderam toda e qualquer influência que poderiam ter, por viverem em uma piedade «somente de lábios».

A influência perdida: «Acharam, porém, que ele gracejava com eles» (Gên. 19:14). E assim Ló deixou muito a desejar devido ao modo como agira perante seus familiares, terminando por fazer grande mal aos que viviam em sua companhia. Conta-se a história de um pregador que achou um cão fugido. O cão era negro mas tinha alguns pelos brancos na cauda. O pregador e seus filhos chegaram a estimar muito ao cão. Então, um dia, saiu um anúncio em um jornal acerca do cão perdido. A descrição se adaptava perfeitamente ao cão achado. Contudo, não queria o pregador perder o cão, pelo que, com cuidado, cortou todos os pelos brancos da cauda do animal, que o anúncio dizia que o distinguia. Não respondeu ele ao anúncio, mas, assim mesmo, um dia o proprietário descobriu onde estava seu animal perdido, pois morava não muito longe da residência do pregador. Foi ver o cão, o qual, ao vê-lo, demonstrou todo o sinal de havê-lo reconhecido. Mas o pregador frisou que aquele cão não combinava com a descrição do anúncio, por não haver pelos brancos em sua cauda. Sem deixar-se convencer por isso, o legítimo proprietário do animal se foi embora, deixando o cão com o pregador e seus filhos. Mas a questão terminou sendo espiritualmente prejudicial para o pregador. Os filhos do pregador lhe perderam o respeito. E posteriormente declarou o mesmo: «Nós ficamos com o cão, mas eu perdi meus três meninos para Cristo». Sim, ele mostrava-se ortodoxo quanto à doutrina, mas não-ortodoxo quanto à prática.

*Os homens lêem o evangelho de Cristo e o admiram,
Com seu amor tão infalível e autêntico;
Mas, o que dizem e o que pensam eles,
Do 'evangelho' segundo nós?*

(Anônimo).

«Não devemos orar e falar como se fôssemos 'creme', para então vivermos

como se fôssemos *'leite desnato'*. (Henry G. Bosch).

(Quanto à bem conhecida passagem bíblica sobre a «separação do crente», naquilo que isso envolve e em sua natureza, ver I Cor. 6:14-18).

Meios De Desenvolvimento Espiritual

1. O estudo dos documentos sagrados (ver I Tim. 4:13).
2. A oração (ver a nota de sumário, em Efé. 6:18).
3. A meditação (ver Efé. 1:18).
4. A santificação (ver I Tes. 4:3).
5. A prática da lei do amor (as boas obras), (ver Efé. 2:8 e I João 4:7). O amor é a grande prova da espiritualidade.
6. O uso dos dons espirituais, que nos ajudam no cumprimento de nossas missões espirituais.

«...aproveitai as oportunidades...» Temos aqui uma interpretação, e não uma tradução, pois o grego diz, literalmente, «remindo o tempo», isto é, «aproveitando o tempo ao máximo», «tirando proveito de toda oportunidade». Aqueles crentes durante longo tempo tinham vivido no paganismo, tendo dissipado suas energias na prática do mal. Agora poderiam remir o tempo perdido, restaurando-o, compensando pelo mesmo, através de um andar santo, tirando vantagem das oportunidades para praticar o bem. A expressão usada em Efé. 5:16 (única outra ocorrência dessas palavras), é: «...remindo o tempo, porque os dias são maus». (Ali são oferecidas notas expositivas completas sobre o sentido dessas palavras, que alguns eruditos pensam ser obscuras). Entre as possibilidades têm sido aventadas as seguintes traduções: «...tirando proveito máximo do tempo...», «...fazendo uso apropriado do tempo...»,

6 ὁ λόγος ὑμῶν πάντοτε ἐν χάριτι, ἅλατι ἡρτυμένος, εἰδέναι πῶς δεῖ ὑμᾶς ἐνὶ ἐκάστῳ ἀποκρίνεσθαι.

6 ὁ...χάριτι Eph 4.29 ἅλατι ἡρτυμένος Mk 9.50 εἰδέναι...ἀποκρίνεσθαι 1 Pe 3.15

4:6: A vossa palavra seja sempre com graça, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.

«...palavra...» Esse termo indica todas as comunicações verbais, pois as palavras que nos afloram aos lábios são uma boa indicação de nosso estado mental e de alma. A «conversação», que é a expressão de nossos sentimentos através de palavras, faz parte de nosso comportamento em geral. No tocante à importância às palavras que proferimos, podemos comparar isso com o trecho de Mat. 12:26,37: «Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo; porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado». E também podemos examinar o trecho de Efé. 4:29: «Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente, a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem». Quando um homem está na companhia de outros, ordinariamente não demorará muito para que se ponha a conversar sobre aquilo que lhe parece importante. Portanto, sua conversação muito revela acerca da natureza de sua pessoa, de seus ideais, de suas esperanças, de sua depravação ou de sua bondade.

«...sempre agradável...» Literalmente, teríamos «sempre com graça», o que quer dizer que nossa conversa deve ser «graciosa». No trecho de Efé. 4:29 lê-se que nossas palavras devem transmitir graça aos ouvintes. A tradução de Williams diz aqui, «...resulte em bênção espiritual aos ouvintes...» e, nesta passagem, «atrativamente». Há certa indicação que a fala deve ser acerca da «graça de Deus», expondo-a diante dos homens; mas o elemento central aqui é a idéia de gentileza, agradabilidade, graciosidade—elementos que devem temperar nossa conversação. Nosso linguajar deve ser «atrativo», e não profano e vil; deve ser animador, e não degradante. Nos escritos clássicos, a palavra «graça» (no grego, «charis») com frequência tem o sentido de «agradabilidade», «atrativo» e, mui provavelmente, assim é que esse vocábulo é empregado neste ponto. Contudo, no caso do crente, essa atração é de natureza espiritual, ou seja, baseada na graça divina, achada em Cristo.

*Uma palavra graciosa pode suavizar o caminho;
Uma palavra animada pode iluminar o dia;
Uma palavra pacificadora pode diminuir a tensão;
Uma palavra amorosa pode curar e abençoar!*
(Anônimo)

«...temperada com sal...» Já que não há, no texto sagrado, qualquer explicação sobre essa metáfora, vários significados têm sido vinculados à presente expressão, a saber:

1. Alguns pensam no «bom humor», em que são evitadas as críticas mordazes, as notas severas, que repelem os pagãos e não os atraem para Cristo.
2. Outros pensam em que se deve evitar o que é «embotado», «insípido», «lugar comum» (conforme é sugerido por Beare, *in loc.*). Nossas conversas sobre a religião cristã, sobre Cristo, sobre as questões espirituais, deveriam ser vitais e interessantes, e não meras repetições de truismos e não-truismos.

3. A idéia é mais profunda que o mero brilho e vivacidade na conversa. Nem todos podem fazê-lo. Paulo não aconselharia a pretensão desnatural de uma imitação forçada da fala adocicada ou das maneiras atrativas de outros. Ao falar no «sal» ele aludia à «influência elevadora» da vida arraigada em Cristo, devotada a seus propósitos. «A religiosidade excessiva, o pieguismo, a irrealidade pia não fazem Cristo parecer atrativo. Mas todo crente cuja vida está firmemente estribada em uma honesta lealdade cristã pode falar, de forma convincente, com base em sua própria experiência. O

etc. Pelo menos em parte, Paulo quis dizer que deveriam utilizar-se de todo o ensejo a fim de exibirem um andar santo e sábio, para que disso resultasse o bem, para eles mesmos e para seus vizinhos pagãos. Nenhuma oportunidade deveria ser desperdiçada, nenhum tempo deveria ser perdido, mas tudo deveria ser preenchido com um serviço digno. Provavelmente essa declaração está vinculada ao pensamento que «pouco tempo» nos resta até à «parousia» ou segundo advento de Cristo; pelo que o pouco tempo que nos resta deveria ser usado para a finalidade mais proveitosa possível.

*Preenche cada hora com o que perdurará;
Aproveita os momentos que surgirem;
A vida do alto, quando esta vida passar,
Será fruto maduro da vida cá de baixo.*

(Horácio Bonar,
«He liveth long who liveth well»)

«Devemos àqueles que estão de fora um andar diário tal que tenda por atraí-los. Nossa vida é praticamente a Bíblia deles. Sabem muito mais acerca do cristianismo, conforme o vêem em nós, do que aquilo que foi revelado em Cristo ou foi registrado nas Escrituras. E assim, se aquilo que vêem em nós, não for atrativo para eles, não admira que prefiram continuar onde estão. Tenhamos o cuidado para que, ao invés de sermos porteiros da casa do Senhor, atraindo os passantes com acenos, sirvamos de obstáculos na entrada, impedindo que os outros vejam as maravilhas que sucedem ali dentro». (Maclaren, *in loc.*).

O paralelo de Efé. 5:16,17 contém notas expositivas que adicionam vários pensamentos que não são destacados nestas notas.

que ele disser nesse espírito não soará como tapeação religiosa. Terá o tom da realidade». (Maclaren, *in loc.*). A idéia central que aqui vemos pode ser comparada ao significado do «sal», aplicado aos crentes, em Mat. 5:13.

4. Linguagem «incisiva, enérgica, benéfica» (Braune, *in loc.*).

5. Plutarco usou essa palavra para indicar «conversa espirituosa»; mas dificilmente é isso que está em foco aqui, embora tal habilidade, devidamente usada, possa ajudar a atrair homens a Cristo.

6. *Agradabilidade* é outra idéia possível. Assim como o sal torna o alimento desejável e atrativo ao paladar, assim a conversação cristã apropriada torna as coisas espirituais atrativas para os homens.

7. O texto de Efé. 4:29 adverte contra a influência corruptora das conversas corrompidas. A conversação com «sal» preserva o crente de tudo isso, tornando hígidas, espiritualmente falando, as suas palavras, isentas de corrupção.

8. Horácio comparava suas sátiras espirituosas ao ato de esfregar sal nas pessoas, fazendo-as sentirem dor (ver Sátiras, i.x.3), mediante o que eram ensinadas lições morais; no entanto, não parece haver tal sentido no presente texto.

9. Finalmente, essas palavras podem ser comparadas com o que se lê em Efé. 5:4: «...nem conversação torpe, nem palavras vãs, ou chocarices, cousas essas inconvenientes, antes, pelo contrário, ações de graça», sendo esse um trecho que ensina que nossas conversas devem ser oportunidades para expressarmos nossas ações de graças a Deus.

Heródoto (vii,30,) falou de um lago salgado, existente na região de Colossos, que supria a cidade de sal. Essa lagoa já foi identificada; mas não parece haver, na metáfora empregada pelo apóstolo, qualquer alusão local.

«...para saberdes como deveis responder a cada um...» O exame nos discursos de Paulo, proferidos sob as circunstâncias mais diversas—em Atenas, nas aldeias pagãs, perante governadores como Félix e Festo, ou contra os judeus—fornecer-nos-á seguras ilustrações de como um homem, mesmo debaixo de pressão, mas dotado de espírito livre, pode falar de tal modo que honre o nome de Cristo. Um crente pode ver-se alvo de apupos, insultos, curiosidade tola, questões insensatas, ou mesmo de inquirições sinceras. Espere-se que, pela graça de Deus, saiba como manusear cada uma dessas situações, com graça e com sal. No dizer de Peake (*in loc.*): «Eles (os crentes) devem esforçar-se por cultivar o dom da conversa agradável e sábia, para que possam falar de modo apropriado a cada indivíduo (com suas necessidades peculiares) com quem entrar em contacto». Isso pode ser confrontado ao trecho de I Ped. 3:15: «...antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência...»

«Quando pensamos na contínua torrente de palavras que fluem de nossos lábios, e quão poucas pepitas de ouro tem produzido, em meio a toda a areia, e quão raramente o nome de Cristo é proferido por nós a corações que não lhe dão ouvidos e nem o conhecem, a exortação «a vossa palavra seja sempre agradável», torna-se tanto uma acusação quanto um mandamento». (Maclaren, *in loc.*).

O uso geral da faculdade da fala deveria servir de meio para «ensinar» os homens algo sobre os valores espirituais e eternos. «Um mestre afeta a eternidade; ele nunca pode dizer onde cessa a sua influência». (Henry Adams). «Não basta que o teu conselho seja veraz; a verdade brutal causa mais males do que falsidades inocentes». (Alexander Pope). Daí a necessidade do «sal» em nossas palavras.

IV. Introduções e saudações pessoais (4:7-18).

1. Tíquico e Onésimo (4:7-9).

A porção maior da epístola agora é terminada, restando apenas algumas poucas apresentações, breves exortações e pequenas informações aos crentes de Colossos. Supomos que aqueles antigos crentes entenderam o que liam, embora se trate de uma

epístola bastante abreviada. Esta é uma das mais difíceis epístolas do N.T., e somente um bom lastro de conhecimentos sobre a cristologia, e certo conhecimento sobre as doutrinas do gnosticismo, podem ajudar-nos a compreendê-la bem.

Em conexão com esse fato, John Oman relata-nos uma interessante história. Contou ele sobre um devoto agricultor que ouvira, pacientemente, uma série de sermões sobre esta epístola, o qual então observou: «Os colossenses...devem ter sido uma gente muito inteligente. Se, conforme nos dizem, essa epístola foi apenas uma carta para ser lida por eles, supondo que a entenderam, quando a ouviram, ao passo que nós a estamos examinando há três meses, e ainda não o compreendemos». (*Concerning the Ministry*, pág. 236). Uma das razões da existência dos comentários é que eles facilitam a maior compreensão sobre epístolas e livros como a presente epístola, porções da qual são obscuras simplesmente porque abordam questões que atualmente desconhecemos, ou sobre as quais pouco entendemos, como o gnosticismo, contra o que foi escrita a presente carta.

A passagem diante de nós é importante, embora se trate de uma porção relativamente incidental desta epístola. Ficamos sabendo da existência de vários amigos de Paulo, que o ajudavam em seu ministério e que o acompanhavam nas viagens ou nos encarceramentos. Eram homens de visão, dotados de uma missão; alguns deles foram bem sucedidos, e outros falharam. Todos eles servem de exemplos para nós, embora de diversos modos. Não dispomos de grandes informações sobre eles, mas aquilo que sabemos a seu respeito é instrutivo. Esta secção mostra que as epístolas aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom formam um pequeno grupo *distintivo* dentro da coletânea paulina, bem entrelaçado nas circunstâncias históricas, escrito pelo apóstolo mais ou menos na mesma época, e na mesma prisão. Portanto, em certo sentido, esta porção breve e quase incidental da epístola supre alguma importante informação sobre a proveniência desses livros, como não temos em qualquer outra porção. (Quanto a uma discussão sobre esses assuntos, o leitor deveria consultar a secção II da introdução a esta epístola, intitulada *Data e Proveniência*. Várias das pessoas mencionadas aqui já foram abordadas nas notas expositivas de outros lugares deste comentário, e o leitor deveria examinar as mesmas, para maior esclarecimento).

7 Τὰ κατ' ἐμὲ πάντα γνωρίσει ὑμῖν Τυχικὸς ὁ ἀγαπητὸς ἀδελφὸς καὶ πιστὸς διάκονος καὶ σύνδουλος ἐν κυρίῳ,

7-8 Eph 6.21-22

4:7: Tíquico, o irmão amado, fiel ministro e conservo no Senhor, vos fará conhecer a minha situação;

«...Tíquico...» As referências neotestamentárias a ele aparecem em Atos 20:4; Ef. 6:21; II Tim. 4:12 e Tito 3:12. (Quanto a notas expositivas completas a seu respeito, ver Atos 20:4 e Ef. 6:21). As descrições a seu respeito, «amado irmão» e «fiel ministro», também aparecem na referência da epístola aos Efésios, onde são comentadas. Neste ponto é adicionada a descrição «conservo», um título comum, dado por Paulo a seus auxiliares. Ali ele também é mencionado como o portador da epístola, aquele que informaria àqueles crentes sobre a situação de Paulo. O vocábulo «conservo», na realidade, é *colega-escravo*, uma expressão que mostra que Tíquico compartilhava da dedicação intensa que caracterizava ao apóstolo. (Ver as notas expositivas em Rom. 1:1, acerca de Paulo como «escravo de Cristo», onde são explicados os pensamentos contidos nesse título). Esse título, «colega-escravo», é empregado em Mat. 18:28,29,31,33; 24:49; e, acerca de Epafras, em Col. 1:7. Portanto, seu uso, por parte de Paulo, se limita a esta epístola aos Colossenses. (Ver, igualmente, os trechos de Apo. 6:11; 19:10 e 22:9). João prostrou-se em terra a fim de adorar a um anjo, e foi repreendido por isso, porquanto o mensageiro celeste se descreveu a si mesmo como «colega-escravo», como um dos irmãos vinculados a Cristo.

Tíquico acompanhou o apóstolo a Jerusalém, quando este levou para ali a

oferenda dos crentes gentios para os santos pobres (ver Atos 20:4 e Rom. 15:25,26). Nasceu na Ásia, provavelmente em Éfeso. Se Paulo foi, realmente, encarcerado em Éfeso, conforme alguns pensam, então ele e Onésimo não tiveram de caminhar muito até chegarem em Colossos, que talvez ficasse a cento e sessenta quilômetros. Mas, se Paulo se achava em Roma na ocasião, e se o escravo fugido percorreria toda aquela muito maior distância, somente para converter-se e ser levado de volta a Colossos, então os dois tiveram de fazer uma prolongadíssima viagem (cerca de mil e seiscentos quilômetros), a fim de levarem a carta de advertência contra o gnosticismo, além de uma carta pessoal a Filemom, solicitando-lhe que perdoasse a Onésimo, que fora seu escravo mas que fugira, e que agora lhe era devolvido já convertido a Jesus Cristo.

Tíquico, juntamente com outras personagens aqui mencionadas, embora não tivesse recebido qualquer grande missão apostólica, fora encarregado pelo Senhor de importante missão. Cada indivíduo, até mesmo aqueles dotados de missões secundárias, tem um elevado privilégio e grande oportunidade de serviço. Cada crente é ímpar, agora e por toda a eternidade. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Apo. 2:17. Ver Atos 9:19 e as notas expositivas ali existentes, sobre o tema «missões secundárias, mas igualmente importantes». Finalmente, ver as notas expositivas sobre o tema *vasos escolhidos*, em Atos 19:15).

8 ὃν ἔπεμψα πρὸς ὑμᾶς εἰς αὐτὸ τοῦτο, ἵνα γνῶτε τὰ περὶ ἡμῶν¹ καὶ παρακαλέση τὰς καρδίας ὑμῶν,

¹ 8 [C] ἡ γνῶτε τὰ περὶ ἡμῶν A B D* G P 048 33 81 88 1962 2127 2492^{id} 1909 [lat., d.e.s.moon syr^{pal} cop^{ms} arm eth Ephraem Jerome¹⁸ Theodore Euthalius Theodore¹⁹ ἡ γνῶτε τὰ περὶ ὑμῶν N* 1241 ἡ γνῶ τὰ περὶ ὑμῶν 330 451¹⁹⁹⁸ //

γνῶ τὰ περὶ ὑμῶν p⁴⁶ N^c C D^e K Ψ 104 181 326 436 614 629 630 1739 1877 1881 1984 1985 2495 Byz Lect ite,dem,div,f,x,z vg syr^{p,h} (cop^{sa} γνῶ) cop^{bo} goth Ambrosiaster Chrysostom Pelagius Jerome¹⁸ John-Damascus

A forma ἵνα γνῶτε τὰ περὶ ἡμῶν («para que saibais como estamos»), que é adequadamente apoiada por bons representantes dos tipos de texto alexandrino, ocidental e oriental (A B D* G P 33 81 it (d,g,61,86) sir (pal) cop (sa) ara eti Efraem al), explica melhor a origem das outras formas. Por desatenção, copistas produziram algo sem sentido, ou substituindo ὑμῶν em lugar de ἡμῶν («para que saibais como estais», N* 1241), ou descontinuando acidentalmente -τε antes de τὰ («para que ele saiba como estamos», 330 451¹⁹⁹⁸). A forma γνῶ τὰ περὶ ὑμῶν (p⁴⁶ N^c C D^e K Ψ 614 1739 Byz Lect vg sir (p,h) cop (bo) got al) foi produzida quando copistas procuraram extrair sentido de ἵνα γνῶτε τὰ περὶ ὑμῶν E isso (a) tomando a cláusula como ἵνα γνῶ τε τὰ περὶ ὑμῶν e então (b) omitindo τε como capenga e supérfluo. A forma adotada como texto é congruente com o propósito declarado do autor sagrado acerca da visita de Tíquico (vss. 7 e 9).

4:8: o qual vos envio para este mesmo fim, para que saibais o nosso estado e ele conforte os vossos corações,

Este versículo é virtualmente idêntico ao trecho de Ef. 6:22, onde devem ser consultadas as notas expositivas.

Variantes Textuais: As palavras «para que ele saiba nosso estado» são o texto dos mss P(46), D(3,4)KL e da maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, e isso também é apoiado pela Vulgata, pelo Göt, pelo Si, pelo Bo e nos escritos de alguns dos pais da igreja, como Crisóstomo, Jerônimo e Ambrósio. Mas «para que vós saibais de nosso estado», conforme temos em nossa versão portuguesa, é a forma que aparece nos mss Aleph(1), ABD(1)GP, alguns poucos manuscritos cursivos, o latim d,e,g,o Ara, o Eti e os escritos dos pais da igreja Teodoro e Mopsuesto, Teodoreto e Jerônimo (quanto a Ef. 6:21). Na epístola aos Efésios, Tíquico é

9 σὺν Ὁνησίμῳ τῷ πιστῷ καὶ ἀγαπητῷ ἀδελφῷ, ὅς ἐστιν ἐξ ὑμῶν πάντα ὑμῖν γνωρίσουσιν τὰ ὧδε.

9 Ὁνησίμῳ...ἀδελφῷ Phm 10-12

4:9: juntamente com Onésimo, fiel e amado irmão, que é um de vós; eles vos farão saber tudo o que aqui se passa.

«...Onésimo...» A epístola a Filemom foi escrita em seu benefício, solicitando o perdão por qualquer malefício por ele causado contra Filemom, e na qual epístola Paulo pede que Onésimo seja acolhido de volta, sem maus-tratos; pois fora escravo de Filemom, até que fugiu. Talvez Onésimo tivesse furtado dinheiro de seu senhor, ou tivesse levado outras coisas de valor. Filemom poderia tê-lo morto, sem qualquer interferência da lei, porque os escravos não tinham qualquer direito. Mas agora havia a lei do Espírito, que exige um tratamento cristão e humano. O presente versículo mostra-nos que Onésimo era nativo de Colossos. As únicas outras referências a ele, em todo o N.T., figuram na epístola a Filemom, por ser

ele, ali, o tema central, sendo mencionado por nome no décimo versículo da mesma. Em alguns manuscritos das epístolas aos Colossenses e a Filemom, Onésimo é mencionado no subtítulo, como portador dessas epístolas.

O nome daquele crente significa *útil*, o que era apelativo bastante comum entre escravos. Converteu-se sob o ministério de Paulo, conforme se fica sabendo em File. 10, e isso ou em Éfeso, ou em Roma, ou em qualquer outra cidade para onde tinha fugido. (Ver a introdução à epístola à Filemom, secção II, onde se discute amplamente a questão da cidade onde Paulo foi encarcerado). Paulo usa de um jogo de palavras acerca de Onésimo, em File. 11. Antes, Onésimo era «inútil», mas agora era «útil», e vivia à altura do significado de seu nome. Evidentemente Paulo muito se

9 ta wde] add παραπονεμα G (ex latt ?)

afeição a ele, já que o décimo segundo versículo mostra-nos que ele o devolveia a Filemom com algum sacrifício pessoal.

Inácio conheceu um certo Onésimo, ao qual descreve em sua epístola aos Efésios, como «homem de inexprimível amor e vosso bispo». Alguns estudiosos identificam o nosso Onésimo com esse, aludido por Inácio. Se isso é correto, então, mais tarde, Onésimo tornou-se o principal pastor em Éfeso; porém, considerando-se a cronologia, isso parece quase impossível. Há outras tradições que dizem que ele foi liberado por Filemom, tendo-se tornado um evangelista itinerante; mas não sabemos se isso tem qualquer base nos fatos. Ainda outras fazem dele bispo de Beréia, martirizado sob o império de Domiciano (conforme é dito nas Constituições Apostólicas).

A principal informação que aprendemos da situação de Onésimo é a atitude de Paulo para com a escravidão, pois o apóstolo exigiu sua volta a Filemom. Paulo não encoraja este último a dar liberdade a Onésimo, e nem combate a escravidão como uma instituição, exigindo apenas que lhe fosse aplicada a gentileza cristã por parte de seu senhor crente. Ficamos desapontados ante essa atitude. Isso mostra que certas idéias éticas podem ser aprimoradas além até mesmo daquilo que os apóstolos criam e ensinavam. E isso não nos deveria surpreender, pois ninguém, em qualquer época, pode ser o guardião de toda a verdade de Deus. E ainda temos muito que aprender, embora ainda nem tenhamos começado a obedecer, realmente, aquilo que sabemos. (Ver as notas expositivas sobre Ef. 6:5 e a introdução àquela epístola, acerca da questão da *escravidão*, no tocante aos primórdios do cristianismo). A introdução à epístola a Filemom nos

IV. Apresentações e Saudações Pessoais (4:7-18).

2. Os companheiros de Paulo saúdam aos Colossenses (4:10-14).

10 Ἀσπάζεται ὑμᾶς Ἀρίσταρχος ὁ συναιχμάλωτός μου, καὶ Μάρκος ὁ ἀνεψιὸς Βαρναβᾶ («περὶ οὗ ἐλάβετε ἐντολὰς,^a ἐὰν ἔλθῃ πρὸς ὑμᾶς δέξασθε αὐτόν^a),^{a a a} 10 a parens, a minor, a parens: TR WH Bov Nes BF²

AV RV ASV NEB TT // a parens, a dash, a parens: RSV // a minor, a dash, a dash: Zür Luth // a minor, a major, a major: Jer Seg

10 Ἀρίσταρχος...μου Ac 19:29;

27.2; Phm 24 Μάρκος...Βαρναβᾶ Ac 12.12, 25; 13.13; 15.37-39; Phm 24

4:10: Sauda-vos Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, o primo de Barnabé (a respeito do qual recebestes instruções; se for ter convosco, recebei-o), «...Aristarco...» (Ver as referências seguintes a ele: Atos 19:29; 20:4; 27:2 e File. 24). Há notas expositivas completas a seu respeito, em Atos 19:29. E neste ponto ele é descrito como «colega de prisão», do apóstolo, talvez voluntariamente, a fim de fazer companhia a Paulo; ou então à força, por ter sido um dos colegas de Paulo no ministério, quando o apóstolo foi detido, pelo que sofria a mesma sorte e pelas mesmas razões. Alguns estudiosos pensam que essa expressão tem um certo sentido espiritual neste ponto (conforme se vê acerca de Paulo, em Ef. 4:1). Isso é possível, pois o mesmo vocábulo é usado acerca de Epafra, em File. 23, e sabemos que este último não fora detido pelas autoridades. No entanto, pode ter havido um aprisionamento voluntário. Pois parece que, de vez em quando, Paulo era assim acompanhado. Por exemplo, veja-se que Epafrodito ficou em companhia de Paulo em Roma, quando o apóstolo foi ali encarcerado; e evidentemente exercia para com ele um ministério contínuo, até que foi enviado aos Filipenses com a epístola que o apóstolo lhes escreveu. (Ver Fil. 2:25-30).

«...Marcos...» (Ver as notas expositivas completas a seu respeito, em Atos 12:12). Esse é o tradicional autor do evangelho de Marcos. Parece que a sua casa, em Jerusalém, se tornou a sede da comunidade cristã dali. (Quanto ao fracasso temporário de Marcos, ver as notas expositivas em Atos 13:13). Não sabemos exatamente por qual motivo ele abandonou o apóstolo Paulo; mas sabemos que este levou a sério toda a questão, tendo-se ela tornado motivo de dissensão entre o apóstolo e Barnabé, forçando-os a se separarem. (Ver as notas expositivas, em Atos 13:13, sobre a idéia de «retroceder quando o caminho é difícil». Ver também acerca da «necessidade de repreensões severas», em Atos 13:10. Quanto a notas expositivas completas sobre «Barnabé», ver Atos 4:36 e 11:24,25). Não sabemos dizer como e quando houve a reconciliação entre Paulo e Marcos; mas o presente versículo mostra que isso já tinha ocorrido, e que a debilidade anterior de Marcos fora vencida, porque agora, juntamente com outros, ele era um «cooperador». Notemos, em II Tim. 4:11, que Paulo o considerava «proveitoso» para o ministério. Sem importar qual tenha sido o seu erro, a sua fraqueza, a sua indecisão, tudo fora vencido.

«...primo...» Essa tradução é correta, pois o termo grego «anepsios», que também veio a significar «sobrinho», conforme dizem algumas traduções, originalmente tinha tal significado. Mas a idéia de «sobrinho» é tardia. (Ver Pollux. iii.28 quanto a essa palavra, com o sentido de «primo»). Barnabé é mencionado a fim de ser identificado o «Marcos» mencionado. É interessante notarmos que Barnabé era conhecido num lugar relativamente remoto, embora não pareça provável que ele tenha labutado ali pessoalmente.

«...recebestes instruções...» Sem dúvida alguma o recuo de Marcos se

11 καὶ Ἰησοῦς ὁ λεγόμενος Ἰουστos,^b οἱ ὄντες ἐκ περιτομῆς^b οὗτοι μόνοι συνεργοὶ εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ, οἵτινες ἐγενήθησάν μοι παρηγορία.

b major: TR AV RV ASV Zür // b minor, b minor: WH

4:11: e Jesus, que se chama Justo, sendo unicamente estes, dentre a circuncisão, os meus cooperadores no reino de Deus; os quais têm sido para mim uma consolação.

«...Jesus, conhecido por Justo...» «Jesus» era um nome judaico comum, que chegou ao português através de sua forma grega, «Iesous». No hebraico era «Joshua»; e, mais tarde, adquiriu a forma «Jeshua». Na Bíblia temos Josué, sucessor de Moisés; Jesus, filho de Eliezer, na genealogia de Jesus Cristo (ver Luc. 3:29); Jesus Barrabás, o assassante que foi libertado quando da crucificação de Cristo; o próprio Cristo Jesus; e agora este «Jesus», que tinha por sobrenome «Justo», o qual é mencionado somente aqui e, talvez

oferece a mais completa análise sobre as relações entre o cristianismo primitivo e a escravidão.

Onésimo, juntamente com Tíquico, é chamado de irmão «fiel» e «amado»; e nada é dito do fato que ele era um escravo. Em Cristo não há preconceitos sociais, distinções de sexo, raça e credo, conforme se aprende em Col. 3:11 e Gál. 3:28. Em companhia de Tíquico, Onésimo informaria àqueles crentes sobre o estado de Paulo; e, naturalmente, estaria ansioso por contar acerca de sua conversão e de sua nova vida em Cristo. Antes, não fora membro da comunidade cristã de Colossos; mas agora ele teria lugar ali, para ser útil em tudo quanto pudesse.

«Aquele que fora um fraudulento escravo fugido, agora lhes era restaurado como 'um deles', pois assim foi recomendado em uma epístola a ser lida publicamente em Colossos e todos os demais lugares (ver o décimo sexto versículo)». (Riddle, *in loc.*).

«Quanta verdade nativa, coragem e beleza há no cristianismo, o que capacitou o apóstolo a falar assim de um escravo fugido, aos habitantes da cidade mesma de onde havia fugido! Qual outra religião do mundo poderia ter feito isso?» (Wordsworth, *in loc.*).

Notemos aqui que Paulo não denunciou a Onésimo, mas antes, elogiou-o tal e qual a outros; e assim ficou demonstrado um verdadeiro espírito cristão. Calvino, pensando que um homem ladrão e fugitivo teria de ser repreendido, cria que um diferente Onésimo estaria em foco; mas isso é compreender mal o poder do perdão, o qual apaga da memória todas essas coisas.

tornara bem conhecido. Mas Paulo queria que sua recuperação fosse igualmente bem conhecida, pelo que encorajou àqueles crentes a que o acolhessem de maneira amigável. É interessante a observação que Marcos indicou assim a confiança que Barnabé depositara em sua pessoa. Talvez, nesse caso particular, Barnabé fosse melhor juiz do caráter de alguém do que Paulo. Contudo, a própria severidade e repreensão de Paulo podem ter agido como agentes disciplinadores necessários, que tivessem mostrado a Marcos quão sério é o disciplinamento cristão.

Bem incidentalmente, este versículo favorece uma data mais antiga para esta epístola aos Colossenses, anterior ao aprisionamento de Paulo em Roma, devido ao próprio fato que não é provável que Paulo continuasse falando desse modo acerca de Marcos, se muitos e muitos anos se tivessem passado entre sua primeira viagem missionária (tempo em que Marcos se desviou) e o aprisionamento de Paulo em Roma. Pois, nesse caso, o mais certo é que a recuperação de Marcos já fosse assunto sobejamente conhecido, que seu fracasso anterior já tivesse sido inteiramente esquecido, de tal modo que não haveria necessidade de mencionar tal coisa. Provavelmente, não muito antes, Marcos já comprovara o seu valor; e o registro dessas palavras foi feito bem mais próximo ao tempo de sua recuperação, do que teria sido o caso se elas tivessem sido escritas de um cárcere em Roma.

Notemos que tanto aqui como em File. 23,24 são mencionados os mesmos companheiros de Paulo: Epafra, Tíquico, Marcos, Aristarco, Demas, Lucas, etc., como quem o acompanhara em seu encarceramento. Isso mostra que pouco tempo se passara entre essa íntima associação e a escrita desta epístola. Além disso, Onésimo é mencionado em ambas essas epístolas, o qual, juntamente com Tíquico, foi o portador das epístolas aos Colossenses e a Filemom. O final da epístola aos Efésios vincula Tíquico a essa epístola também; e o tema similar do que temos nesta epístola aos Colossenses indica que aquela epístola era companheira desta, escrita mais ou menos no mesmo período, e sob as mesmas circunstâncias. Assim chegamos à tríada, Efésios, Colossenses e Filemom, que forma um grupo distinto dentro da coletânea paulina. (Essa questão é mais amplamente comentada na seção II da introdução à epístola aos Colossenses).

Notemos que Paulo encorajou o perdão e a imediata restauração de Onésimo. No caso de Marcos, porém, o apóstolo não se mostrara tão disposto ao perdão. É que o apóstolo aprendera no decorrer dos anos, adquirindo um espírito cristão mais perfeito; e agora, como homem mais idoso e mais experiente, mostra uma atitude que quicá tenha desejado ter tido acerca de Marcos, por mais de uma vez. Contudo, alguns intérpretes não crêem que as *instruções* aludidas neste versículo, no sentido que Marcos fosse cordialmente acolhido, tivessem tido qualquer ligação com o incidente negativo do recuo de Marcos. Isso é possível, mas não é provável.

b b 11 b minor, b none: Bov Nes BF² (RSV) (NEB) (TT) (Luth) (Jer) (Seg) // b minor,

11 (περιτομῆς) · ε R)

em File. 23. Esse nome significa «Salvador». (Ver as notas expositivas em Mat. 1:21, sobre esse nome). O apelativo «Justo» também era um nome próprio judaico, embora seja de origem latina, significando o que indica em nosso idioma, «justo». Várias pessoas, aludidas no N.T., são assim chamadas, como José Barsabás, em Atos 1:23, e certo prosélito de Corinto, em Atos 18:7. Era comum que os judeus, nos dias de Paulo, tivessem dois nomes próprios, um mais tipicamente hebraico, e o outro de origem latina ou grega. A única coisa que sabemos acerca do «Jesus Justo», aqui mencionado, é que ele era um judeu, convertido ao cristianismo, que era

companheiro de evangelismo de Paulo; mas, até que ponto, não sabemos dizê-lo.

«...circuncisão...» Esse vocábulo era comumente empregado para indicar a raça judaica como uma unidade, já que, dentro do pacto abraâmico, essa pequena intervenção cirúrgica era exigida, como sinal do povo em pacto com Deus; e os judeus, por serem descendentes de Abraão, comumente traziam esse sinal. (Quanto a notas expositivas sobre a «circuncisão», ver Efê. 2:11, onde também aparece a «incircuncisão», como sinônimo para «gentios», dentro do vocabulário judaico). O trecho de Fil. 3:3 mostra que os cristãos primitivos tomaram esse termo por empréstimo, a fim de se referirem a si mesmos, como os verdadeiramente circuncisos de «coração», mas sem que isso indicasse qualquer operação literal. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «circuncisão», em sua história e significado, ver Atos 7:8 e Rom. 2:25. Quanto ao «partido da circuncisão», isto é, os legalistas da igreja cristã primitiva, ver Atos 11:2).

«...únicos...» Havia Marcos e Jesus Justo, que eram judeus, e alguns poucos crentes gentios, os quais permaneceram em companhia de Paulo em suas aflições—certamente não um grande número. Mas pelo menos esses lhe serviam de consolo, ajudando-o a passar a sua crise. A palavra grega aqui traduzida por «únicos», entretanto, provavelmente seria melhor vinculada à palavra «circuncisão», pelo que não indica uma observação geral sobre o pequeno número de companheiros, judeus ou gentios. Pelo contrário, Paulo observava que poucos da «raça judia» ele podia contar entre seus auxiliares. Dentre os muitos cooperadores «possíveis» que Paulo poderia ter tido, provenientes de nacionalidade judaica, somente dois, naquele período, a saber, Marcos e Jesus Justo, tinham a coragem de enfrentar as dificuldades envolvidas pelo fiel discipulado cristão.

«...reino de Deus...» Paulo não somente alude aqui ao reino messiânico esperado, ou ao reino milenar, mas, muito menos ainda, alude ao esperado reino político que os judeus aguardavam, o que é o sentido comum dessa expressão nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). O que ele quis indicar aqui é que trabalhavam em favor de «fruição do ministério do evangelho», o que, porém, provavelmente ele via como algo que resultaria na «parousia» ou segundo advento de Cristo, ocasião em que será

12 ἀσπάζεται ὑμᾶς Ἐπαφρᾶς ὁ ἐξ ὑμῶν, δοῦλος Χριστοῦ [Ἰησοῦ], πάντοτε ἀγωνιζόμενος ὑπὲρ ὑμῶν ἐν ταῖς προσευχαῖς, ἵνα σταθῇτε τέλει καὶ πεπληροφορημένοι ἐν παντὶ θελήματι τοῦ θεοῦ.

12 Ἐπαφρᾶς... Ἰησοῦ Col 1:7; Phm 23

12 Χρ. I.] I. Χρ. P pc arm: om Ἰησοῦ p⁴⁶DG pm s | σταθῇτε p⁴⁶N^{*}B 1739 pc; R] στήτε

ADG pm s: ητε I 327 al vg(3)

4:12: Sauda-vos Epafra, que é um de vós, servo de Cristo Jesus, e que sempre luta por vós nas suas orações, para que permaneçais perfeitos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus.

«...Epafra...» Foi ele o informante de Paulo acerca das dificuldades que havia em Colossos. É bem possível que ele foi o instrumento originador da igreja, naquela cidade. E talvez fosse um dos convertidos de Paulo, em seu ministério em Éfeso e cercanias. (Ver as notas expositivas completas sobre ele, em Col. 1:7). Ali é chamado de «conservo» e «fiel ministro de Cristo». Neste ponto ele é chamado de «servo», ou mais, literalmente, de «escravo de Cristo». (Ver as notas expositivas em Rom. 1:1, quanto ao que fica implícito nesse título).

«...o qual se esforça sobremaneira, continuamente...» No grego temos a advérbio «pantote», «sempre», o que explica a tradução «continuamente»; e temos «agonizdomai», «agonizar», «lutar», «esforçar-se». Trata-se de uma palavra tirada do vocabulário atlético, de «agon», uma competição atlética, uma luta. Originalmente, o termo aqui usado, em sua forma básica, «agon», significa «assembleia». Depois passou a indicar a reunião que se juntava para ver os competições atléticas. Essa palavra indica uma luta intensa, o que explica a tradução «se esforça sobremaneira». Naturalmente, há muitas outras maneiras de traduzir seu sentido.

«...por vós, nas orações...» Estando em companhia de Paulo, não podia dirigir diretamente aqueles crentes, pelo que se ocupava nas orações em favor deles. (Ver Efê. 6:18 e as notas expositivas ali existentes, sobre a necessidade da «oração intercessória» em favor de outros. Essa referência também encerra a nota geral sobre a «oração»). A oração é um ato criador. Pode transformar os homens e mudar as circunstâncias. Por esse motivo é que Epafra tanto apelava para a oração. Isso pode ser comparado ao trecho de Col. 4:3, que mostra que até mesmo Paulo precisava das orações dos irmãos, a fim de que não falhasse em sua incumbência.

«...perfeitos...» A perfeição cristã é o alvo de toda a ação e oração dos crentes. Notemos, em Col. 1:28, que Paulo mostrou que o alvo de seus labores visava conduzir os homens à «perfeição». O ministério dos dons espirituais da igreja, e, na realidade, a própria existência da igreja, visa levar os homens a esse ponto (ver Efê. 4:13). Apesar de que, em sentido secundário, isso pode indicar «maturidade», e isso na vida presente, quanto

13 μαρτυρῶ γὰρ αὐτῷ ὅτι ἔχει πολλὸν πόνον ὑπὲρ ὑμῶν καὶ τῶν ἐν Λαοδικείᾳ καὶ τῶν ἐν Ἱεραπόλει.

13 πονον NAB; R] κοπον D*G: πονον 104 1912 pc: ἔηλον 33 pc sy (trsp ἔηλ. πολυν KL pm s): αγωνα 6 1739

: Ao invés de πόνον, que é palavra raríssima no N.T. (ocorre somente aqui e em Apo. 16:10, 11 e 21:4), copistas introduziram diversas substituições: πολλὸν κόπον. D* F G; πολλὸν ζῆλον D (b,c) 33 1906 1908; ζῆλον πολλὸν K L Ψ — maioria dos minúsculos sir (p,h), seguidos pelo Textus Receptus; πολλὸν πόθον 442 1912; πόθον πολλὸν 10 104 263; πρὸν ἀγῶνα 6 424 (c) 1739. A forma adotada como texto é fortemente apoiada por N A B C P 88 296 463 467 1837 1838 Eutália.

4:13: Pois dou-lhe testemunho de que tem grande zelo por vós, como também pelos que estão em laodicéia, e pelos que estão em Hierápolis.

Provavelmente Epafra foi o instrumento mediante o qual a igreja cristã foi iniciada em todas essas três localidades. Como verdadeiro pastor que era, preocupava-se com todas as três comunidades. Seu viagem, para ver Paulo na prisão, a fim de informá-lo sobre as dificuldades que havia em Colossos,

estabelecido o reino de Deus à face da terra. Na passagem de Rom. 14:17, essa expressão é utilizada para indicar a vida e a ética prática cristãs, conforme se exige no evangelho. O evangelho de João (ver João 3:3), torna essa expressão equivalente à «vida eterna», ou à «vida dos crentes nos céus». Pode-se ver, pois, que há muitos usos possíveis dessa expressão. (As notas expositivas em Mat. 3:2 provêm um sumário de seu uso, nas páginas do N.T.).

«...têm sido o meu lenitivo...» No grego temos o emprego de uma palavra comumente usada para indicar «consolo», derivado de «para» (ao lado) e «agoreuo», (falar, proclamar). Portanto, a idéia de «falar com consolo» está em pauta. É deveras interessante que desse vocábulo obtivemos nosso termo moderno «paregórico», que fala de um medicamento para o estômago.

Este versículo fala da grande controvérsia que Paulo tivera com o partido legalista, no seio da igreja, o que se reflete, pelo menos em parte, no décimo quinto capítulo do livro de Atos, a qual é vista vividamente na epístola aos Gálatas e em parte da epístola aos Filipenses. A maioria dos judeus cristãos consideravam Paulo um herege, porquanto ele rejeitava a antiga religião cerimonial e sacramental. Por isso é que havia tão pouco número de cooperadores seus, provenientes da raça judaica.

«Paulo sentia profundamente sua alienação da grande massa de seu próprio povo (conferir Rom. 9:3); e mais ainda sentia a falta de simpatia, que com frequência se transmitia em hostilidade, para com ele, por parte até mesmo dos judeus crentes. As palavras de Paulo, neste ponto, sugerem que até mesmo nos dias de seu encarceramento em Roma, quando sua vida ficou em perigo, por causa do evangelho, ele não recebia o apoio simpático dos crentes de sua própria raça, excetuando esses poucos que ele menciona. É interessante a observação que Barnabé era um nome bem conhecido, até mesmo no interior da província da Ásia, embora não tenhamos nenhum conhecimento de qualquer atividade sua, naquela área». (Beare, *in loc.*). (No tocante à «controvérsia legalista» que houve na igreja primitiva, ver as notas expositivas sobre Atos 10:9). Geralmente a verdade é que os hereges de uma geração são os santos da próxima geração. Nenhum homem jamais trouxe novas verdades ou novo discernimento, acerca das antigas verdades, que não tenha sido reputado um herege, ao menos por alguns.

às coisas espirituais, contudo, o alvo é muito mais elevado do que isso. (Ver Mat. 5:48). Os remidos deverão possuir a perfeita natureza moral de Deus; devem tornar-se a plenitude de Cristo (ver Efê. 1:23); devem ter «toda a plenitude do próprio Deus» (ver Efê. 3:19). Essa é a perfeição na direção da qual nos esforçamos, e esse era o tema das orações de Epafra. Já que as perfeições de Deus são infinitas, a eternidade inteira será oportunidade de irmos subindo, de degrau em degrau, nessa participação; e isso será uma busca eterna, e não meramente terrena. A perfeição consiste da participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4). Essa é a perfeição final, definitiva.

«...plenamente convictos...» Essa convicção é acerca de «toda a vontade de Deus». No grego temos «peplerophoremenoi», o participio perfeito passivo de «plerophoreo», «encher completamente», «convencer amplamente». Deriva-se da raiz «plerophoria», «plena certeza». Vem de «phero» e «pleres», ou seja, «levar à perfeita confirmação». A substância dessa certeza é a «vontade de Deus». Isso aponta para a certeza acerca da vontade de Deus, no tocante ao destino deles em Cristo, sobre como devem reconhecê-lo naquilo que ele é (de conformidade com os termos de Col. 1:15-20), devem reconhecê-lo naquilo que ele espera de seus discípulos (de acordo com as condições de Col. 3:1-17), e devem perceber o elevadíssimo alvo ao qual ele queria conduzi-los (de acordo com o que se lê em Col. 1:13). Não deveriam hesitar acerca disso, devido à má influência dos falsos mestres (ver Col. 1:23), mas antes, deveriam prosseguir para a perfeição que há em Cristo, aplicando os meios que ele nos tem dado quanto a isso.

Variante Textual: Em lugar de «plenamente convictos» (no grego, «peplerophoremenoi»), os mss P(46), D(3)KL, a maioria dos manuscritos posteriores, o Si e o Ara dizem «pepleromenoi», de «pleroo», «encher», o que resultaria na tradução «...cheios de toda a vontade de Deus...» ou «...completos em toda a vontade de Deus...» A primeira dessas formas, entretanto, que aparece nos mss Aleph, ABCD(1)G é a forma correta.

Variante Textual: O termo «Cristo» figura nos mss P(46), DEFGK e nas traduções AC, NE e KJ. Todas as demais traduções usadas para efeito de comparação neste comentário, exceto essas mencionadas e as traduções F, M e WY, dizem «Cristo Jesus», seguindo a autoridade mais antiga e digna de confiança dos mss Aleph, ABCL. O ms P diz «Jesus Cristo», seguido pelas traduções F, M e WY.

deveu-se ao seu profundo interesse por aqueles crentes. Paulo frisa isso a fim de que soubessem o motivo por detrás das ações de Epafra, honrando-o por isso, sem ficarem desagrados por haver Epafra tomado a si a tarefa de tentar corrigir a situação em Colossos.

«...muito se preocupa por vós...» Literalmente traduzidas, essas palavras diriam «teve muito labor». É usado o termo grego «ponos», «labor»,

«trabalho», «dor», «aflição».

Referências e idéias. O zelo:

1. Cristo é nosso grande exemplo de zelo (ver Sal. 69:9 e João 2:17). 2. A tristeza piedosa nos leva ao zelo (ver II Cor. 7:10,11). 3. O zelo dos santos é ardente (ver Sal. 119:139). 4. O zelo leva outros a praticarem o bem (ver II Cor. 9:2). 5. O zelo deve ser exibido no espírito (ver Rom. 12:11). 6. Na prática do bem (ver Gál. 4:18 e Tito 2:14). 7. No desejo da salvação de outros (ver Atos 26:29 e Rom. 10:1). 8. Na luta pela fé (ver Jud. 3). 9. Nos labores missionários (ver Rom. 15:18,23). 10. O zelo visa à glória de Deus (ver Núm. 25:11,13).

Variente Textual: «trabalhou arduamente», «teve grande labor», «grande é sua labuta» (WM), «tem verdadeira paixão» (PH), «anela» (GD), «preocupa-se profundamente» (BR), «labuta» (ASV), etc., são traduções de uma única palavra grega, «ponos», a qual aparece nos mss P(46), Aleph, ABCD(1)FGP. Mas há manuscritos que dizem «zelo», conforme se vê em D(2)EKL e na maioria dos manuscritos posteriores minúsculos da tradição bizantina. Isso resulta na tradução «...ele teve grande 'zelo' por vós». A outra forma, entretanto, é a correta.

«...Laodicéia...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa localidade, ver Apo. 3:14). Ficava acerca de dezesseis quilômetros de Colossos.

«...Hierápolis...» Essa localidade é mencionada somente aqui, em todo o 14 ἀσπάζεται ὑμᾶς Αουκᾶς ὁ ἱατρός ὁ ἀγαπητὸς καὶ Δημᾶς.

14 Λουκᾶς...Δημᾶς 2 Tm 4:10, 11; Phm 24

4:14: Sauda-vos Lucas, o médico amado, e Demas.

«...Lucas...» é contração do nome próprio latino, «Lucanus», uma alusão à Lucânia, distrito da baixa Itália. Embora Lucas seja reputado o autor da maior narrativa de todo o N.T., os livros de Lucas e Atos, que ocupam cerca de quarenta por cento do seu volume (pelo que ele escreveu até mesmo mais do que Paulo, quanto ao volume total do N.T.), ele é mencionado poucas vezes nesse documento sagrado. (Ver Col. 4:14; File. 24 e II Tim. 4:11). Essas são as únicas referências diretas a ele, em todo o N.T., embora se acredite que as chamadas «passagens nós», no livro de Atos, indiquem que, naqueles pontos, Lucas acompanhou o grupo apostólico, dentro das ações descritas. (Ver Atos 16:10 quanto a notas expositivas sobre essa questão). Mas somente neste versículo é que ficamos sabendo qual era a sua profissão. Provavelmente ele assistia a Paulo, devido à saúde periculante deste, além de ser um dos seus cooperadores no evangelho. Portanto, vê-se que em companhia de Paulo havia dois evangelistas, Lucas e Marcos. Porventura sabiam eles três que, juntos, seriam os principais contribuintes do maior de todos os documentos humanos? Alguns eruditos supõem que a junção de Lucas ao grupo apostólico foi sincrônica aos ataques de malária que Paulo sofreu (ver Gál. 4:13,14), e que uniu-se ao grupo em sua capacidade profissional. Todavia, nada pode ser comprovado nesse sentido. Outros têm imaginado que Lucas fez parte dos setenta discípulos originais (ver o décimo capítulo do evangelho de Lucas); mas isso dificilmente concorda com o prefácio do evangelho de Lucas, onde o autor sagrado não diz ter sido uma das testemunhas oculares da vida de Cristo, embora, como é claro, ele tenha consultado a muitas testemunhas oculares.

Só se sabe alguma coisa acerca de Lucas com base no conteúdo de seu evangelho e de seu livro histórico, a narrativa de «Lucas-Atos», que originalmente compunha um único volume, pois o livro de Atos é a continuação da narrativa do evangelho, conforme o próprio autor sagrado o diz (ver Atos 1:1). Sua linguagem e seu estilo mostram ter sido ele homem de elevada educação. Era um grego bem-educado, além de ser historiador de mão cheia. As descobertas arqueológicas sempre tendem por confirmar as suas informações, ainda que algumas delas continuem sem confirmação. Ele afirma ter feito completa e intensa obra de investigação, a fim de escrever (ver Luc. 1:1-4). A igreja cristã lhe deve uma imensa dívida, porque, sem os seus escritos, nosso conhecimento sobre o cristianismo primitivo seria extremamente limitado e entrecortado.

Lucas foi companheiro de Paulo em grande parte de seus labores missionários, conforme é indicado nas chamadas *passagens nós*, isto é, Atos 16:10-17; 20:5; 21:18 e 27:1-28:16. E pode-se ver que Lucas acompanhou ao apóstolo em sua fadiga viagem final a Roma e, talvez, mais cedo, a Jerusalém, onde foi aprisionado. Lucas deve ter permanecido em companhia de Paulo tanto em seu primeiro como em seu segundo período de encarceramento. E então aparecem aquelas palavras pungentes, escritas pouco antes do grande apóstolo dos gentios ser martirizado: «Somente

IV 3. Saudações a Laodicéia; instrução e bênção finais (4:15-18)

15 Ἀσπάσασθε τοὺς ἐν Λαοδικείᾳ ἀδελφούς καὶ Νύμφαν καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτῆς² ἐκκλησίαν.

² 15 [C] Νύμφαν καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτῆς B 1739 1877 1881 syr^h, pal^{ms} cop^{sa} Origen // Νύμφαν καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτοῦ D (G τὴν κατ' οἶκον) K Ψ 181 (330* 451 Νύμφας) (330* 1241 Νύμφαν) 436 614 629 630 1984 1985 2495 Byz Lect syr^p goth Chrysostom Theodore^{1st} comm Theodore^{2nd} John-Damasus // Νύμφαν (or Νύμφαν) καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτῆς (or αὐτοῦ)

B 6 1739 sa Or^g R^m] αὐτῶν DG pm ε: αὐτῶν NA 1912 al; R^t

Nυμφαν pode ser acentuada Νύμφαν, partindo do nominativo feminino Νύμφα («Ninfa»), ou pode ser acentuada Νυμφάν, partindo do nominativo masculino Νυμφᾶς («Ninfas»). A incerteza do gênero do nome provocou variação no pronome possessivo que se segue, entre αὐτῆς e αὐτοῦ. Principalmente com base na importância de B 6 424 (c) 1739 1877 1881 sir (h, pal (ms)) cop (sa) Orígenes, a comissão preferiu Νύμφαν... αὐτῆς. A forma com αὐτῶν surgiu quando copistas incluíram a palavra ἀδελφούς na referência.

4:15: Sauda aos irmãos que estão em Laodicéia, e a Ninfas e a igreja que está em sua casa.

«...Laodicéia...» (Há notas expositivas sobre essa cidade em Apo. 3:14; e acerca da «igreja de Laodicéia», em Efê. 3:10). A maior parte das comunidades cristãs da era apostólica se reunia em casas, provavelmente

N.T. Também ficava acerca de dezesseis quilômetros de Colossos, quase na direção norte, ao passo que Laodicéia ficava entre o nordeste e o leste. Hierápolis era cidade da província Romana da Ásia, no ocidente do que atualmente agora é a Turquia. Ficava somente acerca de dez quilômetros ao norte de Laodicéia, no lado oposto do vale do rio Lico. Fora edificada em redor de copiosas fontes termais, famosas por suas propriedades medicinais. Um escapamento subterrâneo de gases venenosos foi tapado pelos cristãos, no século IV D.C. Essas características naturais criaram, em Hierápolis, várias formas de cultos pagãos, desde os tempos mais antigos: Hierápolis não tinha qualquer importância comercial, dependendo de sua vizinha maior, Laodicéia.

Polícrates, bispo de Éfeso em 190 D.C., citou uma tradição que asseverava que o apóstolo Filipe vivera, pregara e fora sepultado ali, mas não há como confirmar tal coisa. Atualmente, há uma pequena aldeia, chamada Ecirlicoí, localizada nas proximidades, no sopé de uma espetacular elevação de pedra calcária, que tem resultado de depósitos feitos pelas fontes termais, através dos milênios.

Este versículo sugere que essas três cidades, que formavam uma triada geográfica, estavam sob o ataque de perigos comuns, da parte de falsos mestres; e, tendo resultado dos esforços de Epafros, todas elas muito o preocupavam.

14 ὁ ἱατρ. ὁ ἀγαπ.] ὁ ἱατρ. 33 pc: om Mcion

Lucas está comigo» (II Tim. 4:11). Por conseguinte, é possível que por mais tempo, e mais do que qualquer outro, Lucas se tenha mostrado fiel a Paulo; e ele nunca perderá o seu galardão por causa disso. É deveras interessante que, por essa época, Paulo deu instruções para que Marcos fosse trazido para sua companhia; aquele que antes o abandonara, agora foi escolhido acima de todos os demais, o que é uma distorção estranha da sorte.

O Médico Amado

1. Somente neste ponto temos informação sobre a profissão de Lucas. Provavelmente, em suas viagens em companhia de Paulo, ele usou métodos naturais de cura com alguma vantagem. O trecho de Atos 28:8-10 provavelmente é indicação desse fato.

2. Lucas, pois, foi o «missionário médico» original. E que ele pôde assim ministrar (por meios naturais) mostra-nos que até mesmo onde operam os dons de cura, a cura pelos processos naturais não é contrária à vontade divina. Muito pelo contrário, todas as coisas boas procedem de Deus, e a cura pelos meios naturais é uma coisa boa.

Tradições posteriores

De acordo com tradições cristãs antigas, Lucas teve um longo e frutífero labor, sem distrações domésticas, até que, com a idade de oitenta e quatro anos, faleceu em Boécia, na Grécia.

Sua Missão

Lucas foi extremamente útil a Paulo, cumprindo um ministério quase apostólico. Por ser o autor da narrativa de Lucas-Atos, ele contribuiu para a formação da coletânea do N.T. mais do que qualquer outro autor sagrado. Através disso ele tem exercido poderosa influência no mundo, há muitos séculos. O que Deus pode fazer com um homem que cumpre sua missão, dentro da vontade divina! Os escritos de Lucas mostram elevada qualidade literária, e assim vemos que ele foi bem escolhido pela vontade divina para sua importante missão. Cada homem tem uma missão impar a cumprir (ver as notas em Apo. 2:17), e para tanto é preparado pelo Espírito. Mas nem todos cedem às diretivas do Espírito Santo!

«...Demas...» Só há três alusões a esse personagem, em todo o N.T., aqui, em File. 24, onde ele aparece como um dos cooperadores fiéis de Paulo e em II Tim. 4:10, que fala de sua triste retirada, ocasionada pelo fato que «amou ao mundo». Seu nome, provavelmente, é uma forma abreviada de Demeter (contração de Demétrio), deusa da agricultura (literalmente, «mãe-terra»). Sua deserção parece ter sido ocasionada por interesses pessoais e egoístas, e não devido à covardia. Alguns estudiosos têm pensado que Demas, uma vez restaurado em sua vida espiritual, é o mesmo Demétrio, citado em III João 12; mas isso não passa de pura conjectura. O livro apócrifo de Atos de Paulo e Tecla nos fornece um retrato tenebroso a seu respeito, mas tudo não passa de uma fabricação.

ἱατρ, d, dem, div, e, f, g, nom, x, s vg arm Pelagius Ambrosiaster Cassiodorus // Νύμφαν (or Νυμφάν) καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτῶν N A C P 33 81 (88 104 326 Νυμφάν) 1962 (2127 Νήφαν) 2492 syr^p pal^{ms} cop^{bo} Theodore^{1st} (Euthalius Νύμφαν)

por razões financeiras, já que era difícil a comunidades pequenas e pobres—que usualmente compunham as igrejas locais—construírem templos. (Ver as notas expositivas em Rom. 16:5, acerca disso. Comparar, igualmente, com I Cor. 16:19; File. 2 e Atos 12:12). As escavações efetuadas no rio Eufrates, em Dura-Europos, efetuadas pela Universidade de Yale, têm

desenterrado uma casa em que um dos aposentos fora preparado para receber pessoas que se reuniam em culto cristão. Não foi senão bem depois da era apostólica que teve início a construção de templos cristãos.

«...Ninfa...» Esse apelativo, que aqui aparece no acusativo, pode representar um homem ou uma mulher. Além disso, no tocante à casa, os manuscritos antigos dizem «dele», «dela» ou «deles», o que contribui para deixar a questão ainda mais incerta, sendo quase impossível dizer que forma é preferível. A maioria dos comentadores modernos pensa que uma mulher está aqui em pauta. Mas se a forma «Ninfas» (forma masculina) é a correta, então temos aqui, talvez, uma forma abreviada de Ninforas, que talvez signifique «presente de noiva». Por outro lado, se o vocábulo é feminino (no grego, *Nympha*), então significa «noiva» ou «jovem casada». Todavia, nos tempos neotestamentários, como atualmente, os nomes próprios eram conferidos às pessoas sem qualquer associação consciente com seus significados originais. Nada sabemos dizer acerca desse homem ou mulher, exceto que ele ou ela residia em Colossos, e que a comunidade cristã daquela localidade, ou pelo menos, uma parte da mesma—se havia diversos agrupamentos—se reunia na casa dele ou dela.

Variante Textual: As palavras «*casa deles*» figuram nos mss P(46), Aleph, ACP e nos minúsculos, 5, 9, 17, 23, 34, 39, 47, 73, no Bo, no Ara e nos

16 καὶ ὅταν ἀναγνώσῃ παρ' ὑμῶν ἡ ἐπιστολή, ποιήσατε ἵνα καὶ ἐν τῇ Λαοδικέῳ ἐκκλησίᾳ ἀναγνώσῃ, καὶ τὴν ἐκ Λαοδικείας ἵνα καὶ ὑμεῖς ἀναγνῶτε.

4:16: Depois que for lida esta carta entre vós, fazei que o seja também na igreja dos laodicenses; e a de Laodicéia lede-a vós também.

A *epístola de Laodicéia*: A menção dessa epístola atualmente perdida, tem provocado um acúmulo imenso de discussões infrutíferas. Há pelo menos uma dúzia de diferentes conjecturas sobre a sua identidade. Abaixo apresentamos as idéias principais.

1. Muitos eruditos identificam-na com a epístola «aos Efésios». A única coisa em favor dessa conjectura é que aquela epístola é similar à presente, escrita sob as mesmas circunstâncias, provavelmente tendo sido enviada ao mesmo tempo; e uma cópia da mesma poderia ter sido enviada para Laodicéia. Porém, contra isso é mister dizer-se que nenhum manuscrito existente da epístola aos Efésios tem endereço a «Laodicéia», nem no texto e nem no título; e nem há quaisquer saudações pessoais, na epístola aos Efésios, que possa identificar que, originalmente, se destinava a Laodicéia. Márcion (150 D.C.), identificou a epístola aos Efésios como a «epístola a Laodicéia»; mas ele estava somente conjecturando, tal como fazem eruditos modernos. A identificação da epístola perdida «aos laodicenses», com nossa epístola neotestamentária chamada «aos Efésios», se derivou da circunstância que os mais antigos manuscritos desta última omitem qualquer referência a «Éfeso em sua saudação. Mas nenhum desses manuscritos identifica a carta como enviada a Laodicéia, e nem a qualquer outro lugar especificado. Mui provavelmente, foi uma epístola circular, tencionada a uma área geral e não a uma comunidade local em particular.

2. Outros estudiosos supõem que está em foco a epístola a Filemom. Isso o situaria em Laodicéia, e não em Colossos; e no entanto, seu escravo, Onésimo, é declarado «um deles» (isto é, um dos colossenses); e esta epístola identifica Filemom com Colossos, e não com Laodicéia. Outrossim, não é provável que Paulo tentasse exercer qualquer «pressão de opinião pública», sobre Filemom, exigindo que sua epístola particular fosse lida para ele em público, a fim de que todos soubessem o que o apóstolo exigia de sua parte. A delicadeza de Paulo, o seu tato evidente, exibidos na própria epístola a Filemom, se voltam contra tal opinião.

3. Certo número de manuscritos latinos conta, entre as epístolas paulinas, como uma «epístola aos Laodicenses», a qual, obviamente, foi traduzida de um original grego; e alguns eruditos têm pensado que essa é a epístola aqui aludida. Mas é claro que se trata de um documento forjado, tendo sido compilado com base em outras epístolas paulinas, principalmente a epístola aos Filipenses. Nenhum erudito de nomeada tem pensado que tal carta é genuína. Provavelmente foi escrita com base na alusão aqui feita, supostamente a fim de restaurar à igreja uma das epístolas paulinas perdida. No fim do capítulo presente, essa carta é exposta para satisfazer à curiosidade do leitor.

4. O mais provável é que a epístola aqui mencionada é apenas uma dentre muitas que Paulo escreveu, mas que não foram preservadas para nós. Policarpo diz-nos que Paulo escreveu várias cartas aos Filipenses; e mesmo que o livro que denominamos de «epístola aos Filipenses» contém fragmentos de mais de uma carta, conforme alguns estudiosos supõem, contudo, houve outras epístolas que não foram de modo algum preservadas. Sabemos que houve certa correspondência entre Paulo e os crentes de

17 καὶ εἶπατε Ἀρχίππῳ, Βλέπε τὴν διακονίαν ἣν παρέλαβες ἐν κυρίῳ, ἵνα αὐτὴν πληροῖς.

17 Ἀρχίππῳ Phm 2

4:17: E dizei a Arquipo: Cuida do ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires.

«...Arquipo...» As únicas referências a esse personagem, em todo o N.T., são esta e a de File. 2, onde ele é chamado de «companheiro de lutas». Isso dá a entender que ele tivera alguma associação anterior com Paulo, que labutara a seu lado. Sua associação íntima com Filemom e Áfia (provavelmente a esposa de Filemom) tem sugerido, na opinião de alguns eruditos, que ele era o filho do casal. Pelo menos ele estava intimamente associado a eles, na igreja de Colossos, sendo, evidentemente, um de seus líderes principais. Alguns supõem que o ministério que Arquipo foi exortado a cumprir ficava na cidade próxima de Laodicéia, o que pode ser uma verdade ou não. Porém, é extremamente improvável a idéia, aventada por alguns, que ele era o hospedeiro da igreja de Colossos, o proprietário de Onésimo e principal personagem endereçada na nossa epístola a Filemom. Por que Paulo falaria especificamente para Filemom, se, na realidade,

manuscritos que Eutálio conhecia. Mas «casa dele» figuram nos mss KGKL e na maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição bizantina. «Casa dela» é a forma que aparece nos mss BG, 672, em vários manuscritos latinos e no Si(p). «Casa deles» é a forma mais difícil, podendo ter sofrido modificações, justamente por essa razão. Poderia referir-se à família inteira de Ninfa, ou a ela e a seu marido, ou poderia subentender o fato (por estar no plural) que a igreja usava aquela casa como lugar de reunião. A maioria dos críticos textuais prefere a forma «casa dela», embora não haja provas convincentes em favor da mesma. Na realidade, não há como determinar-se a forma correta. A versão peshitta confunde a questão, fazendo o nome próprio «Ninfa» ser feminino, ao mesmo tempo que retém as palavras «casa dele». O siríaco harcleano reflete a mesma confusão, usando o nome feminino no texto, mas trazendo o masculino na margem.

A igreja aqui mencionada provavelmente era a de Laodicéia; mas há intérpretes que pensam que a comunidade cristã de Hierápolis é que está em foco. As igrejas dessas três cidades, Colossos, Hierápolis e Laodicéia, tinham laços comuns e, provavelmente comungavam com frequência entre si. Paulo conhecia aqueles crentes indiretamente, através do relatório de outros, porquanto nunca estivera entre eles (ver Col. 1:4 e 2:1). É possível, entretanto, que ele conhecesse pessoalmente a alguns daqueles crentes, que poderiam ter visitado Éfeso enquanto o apóstolo se achava ali.

Corinto. Existem em I e II Coríntios, —pelo menos partes de quatro cartas. (Ver as notas expositivas sobre as introduções à primeira e à segunda epístola aos Coríntios, acerca da «integridade» dessas epístolas). O trecho de I Cor. 5:9 refere-se à epístola escrita aos coríntios, atualmente perdida, embora alguns estudiosos pensem que isso alude, pelo menos em parte, ao trecho de II Cor. 6:11-18 que deve ter sido escrito, por conseguinte, antes da primeira epístola aos Coríntios, embora, finalmente, tenha sido colocado dentro do resto da segunda epístola aos Coríntios, em uma posição posterior.

5. Uma outra conjectura, aventada por *Crisóstomo*, é que está em pauta uma carta escrita «pelos laodicenses a Paulo», e não uma epístola de Paulo aos laodicenses. A versão Si(pesh) (no subtítulo) traz essa noção, com as palavras «escrita de Laodicéia». Mas o presente versículo dá antes a entender que os crentes de laodicéia foram os endereçados, e não os que enviaram a mencionada carta.

6. Também há eruditos que supõem que está em pauta a primeira epístola a Timóteo, o que, de conformidade com seu subtítulo (que não é parte original da mesma, pois foi adicionado por algum escriba), foi escrita em Laodicéia. Teofilacto propunha essa teoria, a qual também é sugerida na margem da versão siríaco filoxeniana. Porém, a primeira epístola a Timóteo foi escrita consideravelmente mais tarde que a epístola aos Colossenses, além do que, em qualquer caso, não parece razoável que a igreja de Colossos tivesse algum interesse especial por uma epístola pessoal, como se dá no caso das epístolas de Paulo a Timóteo.

7. Ainda há outros intérpretes que propõem que a carta mencionada faz parte da epístola aos *Hebreus*. Contudo, nada há que recomende essa idéia, embora, em ambas essas epístolas, haja material similar entre si. Além disso, a epístola aos Hebreus de forma alguma tem estilo paulino, sendo obra de outro autor, provavelmente de Barnabé. Ainda há outras conjecturas, mais remotas ainda que aquelas apresentadas aqui, mas que nem são dignas de menção. A conjectura mais provável é a quarta. Estamos diante da menção a uma carta atualmente «perdida».

Este versículo se reveste de certo aspecto importante, a saber, indica que a *coletânea* original de epístolas paulinas ocorreu *através de edição e seleção* cuidadosas, e não devido a circunstâncias históricas ao acaso, e nem porque algum único colecionador fez tal trabalho (tendo preservado certo número dessas epístolas, ao passo que outros nada fizeram de semelhante), sendo assim criada a coletânea paulina. Parece que desde o princípio as epístolas de Paulo circulavam de uma comunidade cristã para outra, não sendo guardadas em qualquer localidade específica; essa própria circulação, bem como o largo uso de suas epístolas, levaram certos crentes a reconhecerem que algumas eram mais valiosas do que outras, sendo dignas de serem perpetuamente preservadas, ao passo que tal valor não foi conferido a outras epístolas. Outrossim, como é claro, cremos que as epístolas que temos foram preservadas por circunstâncias controladas pela providência divina, e que elas expõem o pensamento e a teologia essenciais do apóstolo dos gentios. Não obstante, é provável que muitas coisas preciosas e incalculáveis se tenham perdido, nas epístolas de Paulo que sobreviveram até nós.

quisesse dirigir-se a Arquipo? A menção do nome de Filemom, em primeiro lugar, certamente indica que ele era a principal pessoa endereçada, e que as demais pessoas são mencionadas por cortesia.

«...o ministério... para que o cumpras...» O original grego diz aqui «pleroo», «preencher», «levar a termo», «cumprir». Pode haver ou não aqui um indicio que Arquipo se mostrava lasso em seu serviço cristão, não se dedicando ao mesmo como deveria fazê-lo. O fato que ele o recebereira «do Senhor», deveria ser incentivo suficiente para seu cumprimento. É responsabilidade de cada crente de esforçar-se ao máximo, no campo da preparação e da dedicação, para que seu ministério renda o máximo. É que cada qual se vá aprimorando sem cessar. Todavia, não se vê muito dessa atitude nas igrejas atuais, onde os pregadores, mestres e outros obreiros cristãos atravessam os anos sem fazer qualquer esforço veraz de se melhorarem, tornando mais eficaz o seu ministério.

Incertezas

*As incertezas deste presente estado mortal,
Pausa agora, ó minha alma, para contemplá-las;
Pela verdade sóbria te deixes convencer para sempre,
Confessando, por esse fato inexorável, que
Para vivermos para nós mesmos não temos tempo,
E de nada vale fazermos do 'eu' o nosso deus.
O viver distante do verdadeiro Desejo da alma,
Afasta-te do Fogo central do universo.
O ar, vivido por sua incomensurável graça,
Tem trazido esperança a este lugar de misérias.
Não busques, pois, a nenhum lucro míope,
Para que não desdênes dos mundos eternos.*

(Russell Champlin,
ao meditar sobre Col. 4:17)

Há uma antiga lenda escocesa que conta acerca de um agricultor que vivia aflito devido a um monstro destruidor horrível. O monstro destruiu seus celeiros, espalhou e matou seu gado, arruinou suas colheitas e, finalmente, matou até mesmo o seu filho primogênito. Entristecido e irado, o que momentaneamente vencia o seu terror, o agricultor resolveu dar caça ao monstro. O que este fizera a seu filho, mantinha-lhe a coragem. Em uma noite fria, pôs-se de emboscada em uma ravina. Subitamente, ouviu passos pesados do monstro, que se aproximava. Enraivecido, lançou-se contra o monstro, soltando um brado de guerra. Seu impulso lhe deu vantagem temporária; o monstro foi derrubado. Mas a fera era mais forte que o agricultor tinha antecipado, e não demorou a revidar com golpes e maldições. O agricultor foi dominado; mas, em desespero, começou a lutar tão heroicamente que enfraqueceu ao monstro. Finalmente, o monstro foi derrubado por terra. O agricultor apressou-se a erguer sua espada, para desfechar o golpe mortal. Naquele momento, um raio de luz da lua incidiu sobre o rosto do monstro. Horrorizado, o agricultor recuou—o monstro tinha o seu próprio rosto!

Com verdade se tem dito que o homem é o seu próprio pior inimigo, seja isso devido ao fato que se tornou enredado em vícios, que lhe são prejudiciais, ou por causa de seu descuido ou preguiça, aliados à falta de verdadeira dedicação, o que o leva a falhar no cumprimento de sua missão.

Alguns estudiosos têm entendido, através dessa exortação, que Arquipo deveria lutar para desarraigar a heresia de Colossos, estabelecendo ali a Cristo como Cabeça, não permitindo que sua posição ou missão fossem degradadas. Considerando-se a mensagem geral desta epístola, devemos pensar que tal idéia pelo menos pode ser incluída. Seja como for, as exortações de Paulo provavelmente eram mais claras para o próprio Arquipo e, quicá, para a igreja de Colossos. É possível que, na ausência de Epafros, Arquipo se tenha tornado o principal pastor daquela comunidade cristã, pelo que a direção da igreja dali se tornou sua principal responsabilidade. A fim de encorajá-lo no cumprimento dessa tarefa é que Paulo o exortou conforme vemos aqui. Mas alguns estudiosos acreditam que há aqui alusão ao fato que o apóstolo fazia o recolhimento para os santos pobres de Jerusalém (ver as notas expositivas a esse respeito, em Rom. 15:25-27 e II Cor. 9:1); e então Arquipo foi exortado a fazer o melhor ao seu alcance, quanto a essa questão. Se a epístola aos Colossenses foi escrita na prisão de Éfeso, e não em Roma, isso é bem possível. Todavia, há intérpretes que supõem que essa ordem de Paulo é a desenvolvida na epístola a Filemom, a saber, «o tratamento humanitário que deveria ser dado a Onésimo», o que, conforme supõem eles, seria escravo de Arquipo, e não de Filemom, e que Arquipo é a principal pessoa endereçada naquela epístola, e não o próprio Filemom.

É bem mais provável, entretanto, que Arquipo, sendo ainda jovem, investido de grandes responsabilidades em Colossos, as quais tinham

aumentado desde que Epafros viajara, tenha recebido uma exortação geral, no sentido que se desincumbisse bem de sua tarefa, assumindo plenamente suas responsabilidades, tirando máximo proveito do seu ministério.

«...que recebestes no Senhor...», isto é, em associação com Cristo, mediante a comunhão mística com o seu Santo Espírito, como alguém pertencente a ele, que recebera dele a comissão de cumprir uma determinada missão. Todos os crentes recebem alguma comissão, ainda que a mesma não esteja diretamente associada ao ministério cristão. (Ver as notas expositivas em Atos 9:15,19 acerca dos «vasos escolhidos» e às «missões inferiores, mas importantes»). No dizer de Robertson (*in loc.*): «É claro que Arquipo recebera um chamamento 'no Senhor', conforme deve suceder a cada pregador».

O sucesso. «Obteve sucesso quem viveu bem, quem riu-se com frequência, quem amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das criancinhas; quem preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa, sem importar se essa é uma papoula melhorada, um poema perfeito ou uma alma libertada; a quem nunca faltou apreciação pela beleza da terra, e nem deixou de expressá-la; quem procurou o melhor nos outros e deu o melhor que tinha; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória foi uma bênção». (Robert Louis Stevenson).

Alguns estudiosos têm vinculado Arquipo à igreja de Laodicéia (como seu «anjo» ou ministro); e então com a indesejável condição que, finalmente, veio a prevalecer ali, segundo é descrito no trecho de Apo. 3:14-22. Se essa opinião está com a verdade, é óbvio o motivo por que Arquipo precisava dessa exortação, porquanto aquela igreja, finalmente, tornou-se o pior de todos os exemplos possíveis de uma congregação morna, indiferente, egoísta e pecaminosa. É altamente improvável, entretanto, que ele tivesse sido o anjo ou ministro daquela comunidade cristã, já que o livro de Apocalipse foi escrito pelo menos trinta anos depois da presente epístola aos Colossenses.

«...Lembremo-nos que... se começarmos, à semelhança de Arquipo, a ser um tanto lânguidos e casuais em nosso trabalho, poderemos terminar onde terminou a igreja de Laodicéia, sem importar se ele foi seu mensageiro ou não, com aquela temperatura morna e repelente que repele até mesmo o amor longânimo de Cristo, e que o força a rejeitá-la, nauseado». (Maclaren, *in loc.*).

Referências e idéias. A obediência a Deus:

1. A obediência a Deus nos é ordenada (ver Deut. 13:4). 2. Sem fé é impossível obedecer a Deus (ver Heb. 11:6). 3. A obediência a Deus inclui a obediência à sua voz (ver Exo. 19:5 e Jer. 7:23). 4. A observância de seus preceitos (ver Deut. 11:27 e Isa. 42:24). 5. A obediência a Cristo (ver Exo. 23:21 e II Cor. 10:5). 6. A obediência ao evangelho (ver Rom. 1:5; 6:17 e 10:16,17). 7. A observância de seus mandamentos (ver Ecl. 12:13). 8. A submissão às autoridades superiores (ver Rom. 13:1). 9. A obediência a Deus é superior ao sacrifício (ver I Sam. 15:22). 10. A justificação é obtida pela obediência a Cristo (ver Rom. 5:19).

Até mesmo um serviço aparentemente zeloso pode ser um desastre, aos olhos de Deus. Porque podemos estar servindo a nós mesmos, e não a Cristo, ou porque queremos tirar um benefício meramente humano de nosso serviço.

«Quem pode dizer onde a sinceridade se mescla com a humildade, onde ela se dobra por sobre si mesma, transmutando-se na hipocrisia, e onde toca na justiça-própria? Quando é que a generosidade se torna uma ostentação, quando a gentileza se torna fraqueza, ou a fraqueza é um heroísmo, ou o heroísmo é apenas amor ao exibicionismo? E quão frequentemente as pestanas da modestia se fecham sobre os olhos rebrilhantes do orgulho?» (Salvador de Madariaga em seu livro *Englishmen, Frenchmen, Spaniards*: Oxford University Press).

18 'Ο ἀσπαρμὸς τῇ ἐμῇ χειρὶ Παύλου. μνημονεύετε μου τῶν δεσμῶν. ἡ χάρις μεθ' ὑμῶν.³

³ 18 [A] ὑμῶν. N* A B C G 048 33 81 1881 it¹ syr¹ pal¹ cop¹ bo¹ arm¹ eth¹ Ambrosiaster Euthalius ὁ ὑμῶν. ἀμήν. N* D K P Ψ 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1982 1984 2127 2492 2495 Byz Lect

it¹ ar¹ c,d,dem,div,e,mon,x,z vg syr¹ b, pal¹ cop¹ bo¹ goth Chrysostom Cassiodorus ὁ ὑμῶν πάντοτε. ἀμήν. 1985

18 'Ο...Παύλου 1 Cor 16:21; 2 Th 3:17

Subscriptio: εἰσαγωγή ἀπο Ρωμῆς διὰ Τυχικοῦ καὶ Ὀνησίμου ΚΛ αλ ε

O Textus Receptus adiciona o ἀμήν, litúrgico, seguindo N* D K P Ψ 88 614 1739 Byz Lect it (d,61,86) vg sir (p,h,pal (ms)) cop (bo (ms)) gót al. Se a palavra estivesse presente no original, porém, é impossível explicar sua excisão de tão antigo e variegado testemunho como N* A B C G 048 33 81 1881 it (g) sir (pal (ms)) cop (sa,bo (mss)) ara etí (ro) al.

(a) Em N B* C 33 339 466 1908 o subtítulo é πρὸς Κολασσαεῖς (notar a soletração -λα-; B (c) D F G L P e maioria dos manuscritos soletram a palavra com -λο-]. Outros subtítulos incluem: (b) πρὸς Κολ. ἐγγράφη ἀπὸ 'Ρώμης (A omite ἐγγρ.) B (c) P; (c) ἐτελέσθη (F -στη) πρὸς Κολοσσαεῖς FG; (d) tal como (b) mais διὰ Τυχικοῦ καὶ 'Ονησίμου K 82 101 122 431 460 1907 1924, seguidos pelo Textus Receptus; (e) τοῦ ἀγίου Παύλου ἐπιστολὴ πρὸς Κολοσσαεῖς ἀπὸ 'Ρώμης διὰ Τυχικοῦ καὶ 'Ονησίμου L.

4:18: Esta saudação é de próprio punho, de Paulo. Lembrai-vos das minhas cadeias. A graça seja convosco.

«...é de próprio punho...» O costume normal de Paulo era ditar suas epístolas, e então assiná-las de próprio punho, a fim de autenticá-las; e isso também lhes emprestava um toque final e pessoal. (Ver Rom. 16:22 quanto ao fato que, normalmente, ele usava escribas para que escrevessem as suas cartas). A presente epístola aos Colossenses pode ter sido escrita por Epafros, ou Tíquico, ou Onésimo ou Demas. A assinatura de Paulo, ou então algumas poucas saudações ou palavras finais, escritas por ele mesmo, era uma garantia contra a aceitação, por parte de uma congregação local, de epístolas escritas em seu nome, mas não genuinamente suas. (Ver I Cor.

16:21 e II Tes. 3:17). Na passagem mencionada da segunda epístola aos Tessalonicenses, aprendemos que isso era um costume de Paulo.

«...Lembrai-vos das minhas algemas...» Paulo já havia solicitado àqueles crentes que orassem especificamente a fim de que logo fosse solto da prisão, a fim de que lhe fossem dadas novas oportunidades para pregar o evangelho (ver Col. 4:2-4). Isso ele deixa subentendido também neste ponto. É como se Paulo houvesse escrito: «Lembrai-vos que estou em cadeias e preciso ser solto; há muita coisa a ser feita e sou impedido de fazer o meu trabalho». Mas ele também lança esse apelo para que orassem por sua segurança e bem-estar, enquanto estivesse encarcerado, e também para que se lembrassem de sua profunda dedicação, o motivo que o levou a ser

aprisionado (ver as notas expositivas sobre isso em Col. 2:1).

«Quando lemos sobre as 'cadeias' de Paulo, não nos devemos esquecer que elas se moviam por sobre o papel enquanto ele escrevia. E seu braço estava acorrentado ao soldado que o guardava». (Alford, *in loc.*). «Esta circunstância talvez explique um pedido tão singularmente abrupto». (Abbott, *in loc.*). «A corrente tilintou de novo quando Paulo tomou da pena para assinar a saudação. Ele mesmo dificilmente poderia esquecê-la». (Robertson, *in loc.*).

«...A graça seja convosco...» Essa breve bênção também se acha em I Tim. 6:21 e II Tim. 4:22. Todas as bênçãos paulinas, como também as suas saudações, expressam o desejo de que a graça de Deus seja estendida a seus leitores. (Consultar as notas expositivas a esse respeito em Rom. 16:20, 24, além de notas expositivas adicionais em Gál. 6:18 e Efê. 6:24).

«Aquele graça, o amor que perdoa, vivifica, enobrece, justifica e torna sábio e forte, é oferecida a todos em Cristo. A menos que a aceitemos, a revelação de Deus e a obra de Cristo terão falhado, no que nos tange. É nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus». (Maclaren, *in loc.*, com uma referência ao trecho de II Cor. 6:1. Ver, por igual modo, as notas expositivas completas sobre a «graça divina», em Efê. 2:8, onde é apresentada a nota de sumário a respeito).

Variante Textual: A palavra *Amém* aparece nos mss Aleph(3), DKLP e na maioria dos manuscritos posteriores, principalmente minúsculos da tradição bizantina, além do latim *d, e, f,* da Vulgata, do Gót, do Si(bo). Mas essa palavra é omitida pelos mss P(46), Aleph(1), ABCGF. E isso mostra que tal palavra não faz parte autêntica do final da epístola original. Usualmente, tal palavra não é autêntica no fim das epístolas paulinas, e as únicas exceções são as epístolas aos Romanos e aos Gálatas.

Subtítulo. Os subtítulos não faziam parte original e genuína dos livros e epístolas do N.T., mas foram adicionados por escribas posteriores, dando informações sobre questões como destino e proveniência, ou qual amanuense fez o trabalho de escrita para o autor sagrado, etc. O mais antigo subtítulo da epístola aos Colossenses diz, simplesmente, «aos Colossenses», segundo se vê em P(46), Aleph, BC, 33, 339, 466 e 1908. Os mss A (que omite «escrita»), B(c)P dizem: «Aos Colossenses, escrita de Roma». Os mss F e G dizem: «Terminada (aos) Colossenses». Os mss K, 82, 101, 122, 431, 460, 1907 e 1924, seguidos pelo Textus Receptus, dizem: «Aos Colossenses, escrita de Roma, por meio de Tíquico e Onésimo». E o ms L diz: «(De) S. Paulo, epístola (aos) Colossenses, de Roma, através de Tíquico e Onésimo». Outros subtítulos ainda existem, ainda mais adornados, em alguns manuscritos gregos posteriores e em algumas versões.

A epístola aos Laodicenses

(Ver Col. 4:16 quanto a notas expositivas sobre a «epístola aos Laodicenses»). Muitas conjecturas existem quanto à natureza dessa epístola.

Abaixo transcrevemos a chamada *Epíst. aos Laodicenses*, para satisfazer à curiosidade dos leitores. É óbvio que, originalmente, foi escrita em grego, embora tenha chegado até nós em sua tradução latina. Sixtus Semensis menciona dois manuscritos que a continham, uma existente na Sorbonne, de Paris, uma cópia antiquíssima, e a outra na biblioteca de um certo Joannes a Virdário, de Pádua. Uma antiga tradução da mesma se acha no Museu Britânico, entre os manuscritos Harleianos, códice 1212. Naturalmente, não se trata de uma epístola genuína do apóstolo Paulo. Foi compilada com base em outras epístolas paulinas, principalmente a epístola aos Filipenses, por um autor desconhecido.

1. Paulo, um apóstolo, não da parte de homens e nem pelo homem, mas por Jesus Cristo, aos irmãos que estão em Laodicéia.

2. Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da parte do Senhor Jesus Cristo.

3. Agradeço a Cristo, em todas as minhas orações, porque continuais e perserverais nas boas obras; aguardando a promessa do dia do juízo.

4. Não vos perturbeis com os vãos discursos de certos, que pretendem dizer a verdade, para que possam desviar os vossos corações da verdade do evangelho, que foi pregado por mim.

5. E que Deus conceda que aqueles que pertencem a mim, sejam levados até à perfeição da verdade do evangelho, realizando a benignidade de obras que se torna a salvação da vida eterna.

6. E agora minhas cadeias são manifestas que eu soffro em Cristo, e nelas regozijo-me e estou alegre.

7. E isso redundará em minha perpétua salvação, por meio de vossas orações e da assistência do Espírito Santo, quer sejam elas para a vida ou para a morte.

8. Pois a minha vida consiste de viver em Cristo; e morrer será jubiloso.

9. E que o próprio Senhor nosso vos conceda a sua misericórdia, para que tenhais o mesmo amor e sejais de uma mesma atitude mental.

10. Portanto, meus amados, assim como tendes ouvido da vinda do Senhor, assim pensai e agi, no temor do Senhor, e isso vos será vida eterna.

11. Pois é o Senhor quem opera em vós.

12. Tudo quanto fizerdes, fazei-o sem pecado, e fazei o que é melhor.

13. Amados, regozijai-vos no Senhor Jesus Cristo, e tende cuidado com o lucro imundo.

14. Que todas as vossas orações sejam manifestas diante de Deus:

15. E sede firmes nos sentimentos que tendes sobre Cristo. E tudo quanto for perfeito, e verdadeiro, e modesto, e casto, e justo e amável, isso fazei.

16. E tudo quanto tiverdes ouvido e recebido, retende em vossos corações, e isso tenderá para vossa paz.

17. Todos os santos vos saúdam.

18. Saudai a todos os irmãos com ósculo santo.

19. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vosso espírito. Amém.

20. E fazei que esta epístola seja lida aos colossenses; e aquela dos colossenses que seja lida por vós». (Aos Laodicenses, escrita de Roma, por meio de Tíquico e Onésimo).

★ ★ ★